

A MAGNÍFICA HISTÓRIA DE TRÊS GERAÇÕES QUE COMEÇA EM MANDALAY
"UM DOUTOR JIVAGO DO EXTREMO ORIENTE"

The Independent

Amitav Ghosh

O PALÁCIO DE ESPELHO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



बलराज
गोडसे

1956

O PALÁCIO DE ESPELHO



The Glass Palace, 2000



O Palácio de Espelho

Amitav Ghosh

Tradução

José Rubens Siqueira

©2001, Amitav Ghosh

Copyright do mapa - 2001 by Anita Karl & Jim Kemp

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Objetiva Ltda. Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro - RJ - Cep: 22241-090

Tel.: (21) 2199-7824 - Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Título original

The Glass Palace

Revisão

Diogo Henriques

Rodrigo Rosa de Azevedo

Umberto Figueiredo Pinto

Editoração Eletrônica

Abreu's System Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ. G348p

Ghosh, Amitav

O Palácio de Espelho / Amitav Ghosh ; tradução de José Rubens Siqueira.

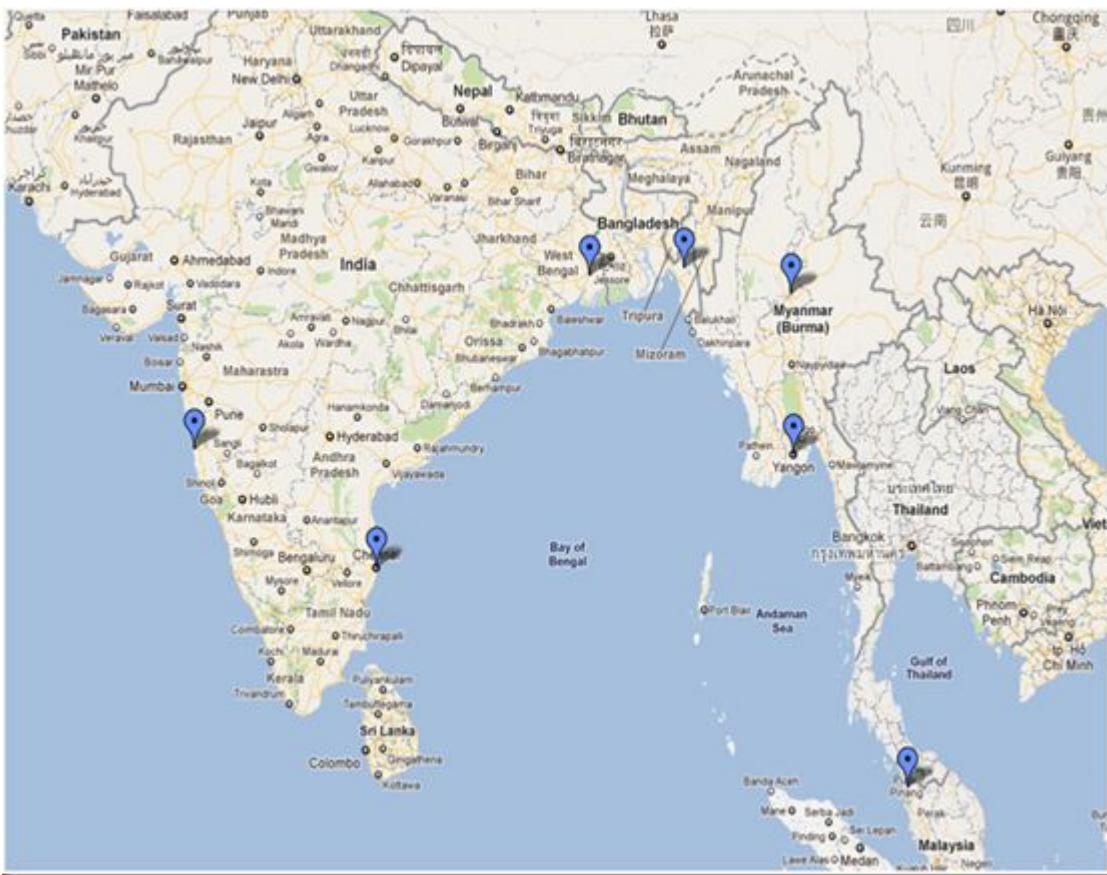
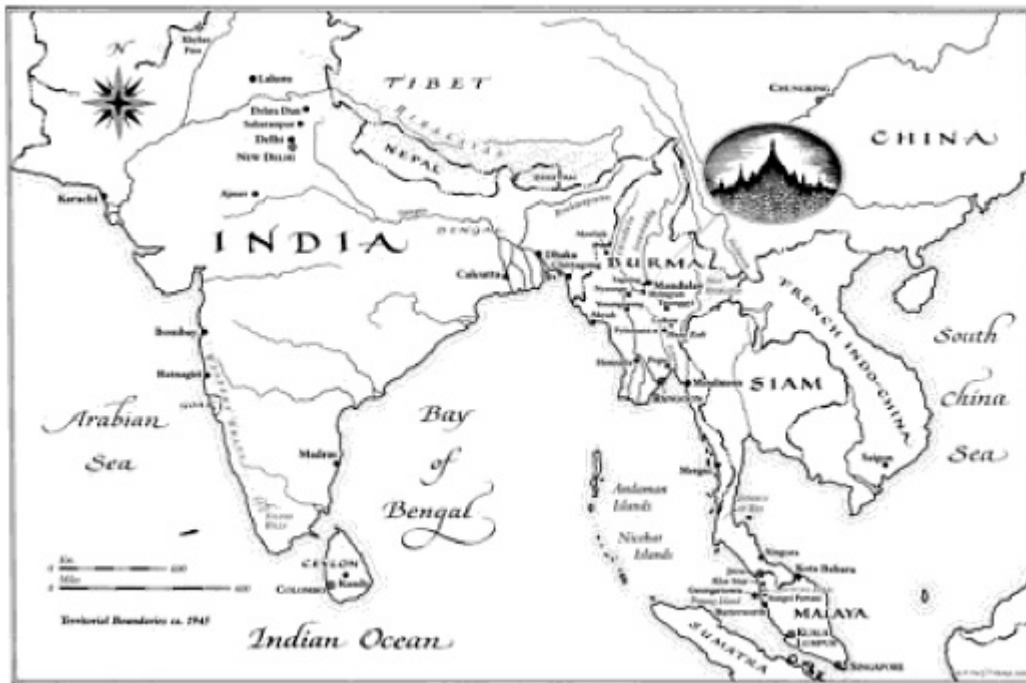
Rio de Janeiro : Objetiva, 2006. p. ISBN 85-7302-809-2

Tradução de: Theglasspalace. Romance indiano (Inglês). 1. Siqueira, José

Rubens. II. Título-274 1 CDD 828.99353

CDU 821.111(540)-3

À memória de meu pai



Parte 1



Mandalay

1



Só uma pessoa na barraca de comida sabia exatamente qual era o som que vinha rolando pela planície, ao longo da curva prateada do Irrawaddy, junto à muralha oeste do forte de Mandalay. Seu nome era Rajkumar e era um menino indiano de 11 anos — nenhuma autoridade em que se pudesse confiar.

O barulho era desconhecido e perturbador, um estrondo distante seguido de roncões graves, balbuciantes. Às vezes, era como o estalar de ramos secos, súbito e inesperado. E então, abruptamente, mudava para um ribombar profundo, que sacudia a barraca e fazia tremer o caldeirão de comida. A barraca tinha apenas dois bancos e estavam ambos lotados de gente, sentadas bem apertadas. Fazia frio, era o começo do breve, mas gelado, inverno do centro da Birmânia, e o sol ainda não tinha ainda subido o bastante para queimar a névoa úmida que se elevava do rio ao amanhecer. Quando os primeiros estrondos chegaram à barraca, fez-se silêncio, seguido por uma rajada de perguntas e respostas sussurradas.

As pessoas olhavam em torno, confusas: o que é isso? Bale? O que pode ser isso? E então a voz aguda, excitada, de Rajkumar cortou o zumbido de especulação.

— Canhão inglês — disse em seu birmanês fluente, mas de sotaque pesado.

— Estão atirando em algum lugar rio acima.

Vindo para cá.

Apareceram rugas na testa de alguns clientes quando viram que quem falava era o menino que servia, um kalaa do outro lado do mar — um indiano, com dentes tão brancos quanto os olhos e a pele cor de madeira de carvalho polida. Estava parado no centro da barraca, segurando uma pilha de tigelas de cerâmica lascadas. Sorria um tanto encabulado, como se tivesse vergonha de exibir seu conhecimento precoce.

Seu nome queria dizer Príncipe, mas ele não tinha nada de principesco na aparência, com o colete manchado de óleo, o longyi mal amarrado e os pés descalços com os grossos chinelos de pele calosa. Quando as pessoas perguntavam quantos anos tinha, ele respondia 15, às vezes 18 ou 19, porque lhe dava uma sensação de força e poder ser capaz de exagerar tanto, de se passar por forte e crescido, em corpo e juízo, quando era, de fato, não muito mais que uma criança. Podia, porém, dizer que tinha 20 e as pessoas continuariam acreditando, porque era um rapaz grande, forte, mais alto e mais largo de ombros que muitos homens adultos. E como era muito escuro ficava difícil dizer que o queixo era tão liso quanto a palma das mãos, inocente de tudo por baixo de um leve traço de penugem.

Só o acaso era responsável pela presença de Rajkumar em Mandalay naquela manhã de novembro. Seu barco — o sampan em que trabalhava como ajudante e garoto de recados — precisou de reparos depois de subir o Irrawaddy vindo da baía de Bengala. O dono do barco se assustara ao saber que o trabalho poderia levar até um mês, possivelmente mais. Não tinha como sustentar a tripulação esse tempo todo, concluiu: alguns teriam de arrumar outros trabalhos. Rajkumar foi mandado para a cidade, uns 3 quilômetros terra adentro. No bazaar, diante da parede oeste do forte, devia perguntar por uma mulher chamada Ma Cho. Era meio

indiana e tinha uma pequena barraca de comida; podia ter trabalho para ele.

E assim se deu que à idade de 11 anos, ao entrar na cidade de Mandalay, Rajkumar viu, pela primeira vez, uma rua reta. De cada lado da rua havia barracas com paredes de bambu e tetos de sapê, montes de esterco e pilhas de lixo. Mas o trajeto reto da extensão da rua não se contaminava com a confusão que o flanqueava: era como uma ponte cortando um mar encapelado. Suas linhas conduziam o olhar através da cidade, para além das muralhas vermelho-brilhante do forte até os pagodes distantes do morro Mandalay, brilhando como uma corrente de sinos brancos encosta acima.

Para sua idade, Rajkumar era bem viajado, O barco em que trabalhava era uma embarcação costeira que geralmente se mantinha na água rasa, percorrendo a longa extensão de costa que ligava a Birmânia a Bengala.

Rajkumar tinha estado em Chittagong e Bassein e nas numerosas cidades e aldeias entre uma e outra. Mas, em todas as suas viagens, jamais vira vias públicas como as de Mandalay. Estava acostumado a vielas e alamedas que se enrolavam infundavelmente em torno de si mesmas de tal forma que nunca se via além da próxima curva. Ali estava algo novo: uma rua que seguia um curso reto, sem variação, trazendo o horizonte para o meio das moradas.

Quando toda a imensidão do forte se revelou, Rajkumar parou no meio da rua. A cidadela era um milagre de se olhar, com paredes de 1 quilômetro e meio de extensão e seu imenso fosso. As ameias das plataformas tinham quase três andares de altura, mas eram de uma sublime leveza, de cor vermelha, e encimadas por galerias ornamentadas com telhados de sete camadas. Longas ruas retas se irradiavam das paredes externas, formando uma precisa grade geométrica. Era tão intrigante o padrão organizado dessas ruas que Rajkumar seguiu mais adiante, explorando. Estava quase

escuro quando se lembrou da razão por que haviam lhe mandado à cidade.

Voltou para a parede oeste do forte e perguntou por Ma Cho.

— Ma Cho?

— Ela tem uma barraca onde vende comida... baya-gyaw e outras coisas. É meio indiana.

Ah, Ma Cho.

— Fazia sentido aquele menino indiano meio esfarrapado estar procurando Ma Cho: ela sempre usava desgarrados indianos para trabalhar na barraca. E aquela ali, aquela magra.

Ma Cho era pequena e cansada, com espirais de cabelo duro em volta da cabeça, como um telhado franjado. Tinha trinta e tantos anos, mais birmanesa que indiana na aparência. Estava ocupada fritando legumes, os olhos apertados na fumaça do óleo embaixo do abrigo da altura de um braço levantado. Olhou para Rajkumar, desconfiada.

— O que quer? Ele mal começara a explicar sobre o barco, o conserto e o emprego que queria por algumas semanas quando ela o interrompeu.

Começou a gritar a plenos pulmões, de olhos fechados: — Está pensando o quê, que tenho emprego debaixo do braço que é só arrancar e dar para você? Semana passada um menino fugiu com duas panelas minhas. Quem garante que você não vai fazer a mesma coisa? — E por aí foi.

Rajkumar entendeu que essa explosão não era dirigida diretamente a ele: que tinha mais a ver com a poeira, com os borrifos do óleo e com o preço dos legumes do que com sua presença ou qualquer coisa que tivesse dito. Baixou os olhos e esperou estoicamente, chutando a poeira até ela se calar.

Ela fez uma pausa, ofegante, e olhou para ele de cima a baixo.

— Quem são seus pais? — perguntou, afinal, enxugando o suor da testa na manga do aingyi manchado de suor.

— Não tenho. Eles morreram.

Ela mordeu o lábio, enquanto pensava sobre isso.

— Tudo bem. Pode trabalhar, mas lembre bem, não vai ganhar muito mais que três refeições e um lugar para dormir.

Ele sorriu.

— É tudo o que eu preciso.

A barraca de Ma Cho consistia de dois bancos, abrigados debaixo das estacas da cabana de paredes de bambu. Ela cozinhava sentada num banquinho diante de um fogo aberto. Além de bayagyaw frita, servia também macarrão e sopa. O trabalho de Rajkumar era levar as tigelas de sopa e macarrão aos clientes. Em seus momentos de folga, retirava os utensílios, cuidava do fogo e cortava legumes para a panela de sopa.

MaCho não confiava nele para cuidar do peixe ou da carne e cortava-os ela mesma com um da sorridente, de cabo curto. À noite, ele carregava baldes de utensílios para lavar no fosso do forte.

Entre a barraca de Ma Cho e o fosso havia uma larga estrada de terra que rodeava o forte inteiro, formando uma imensa praça. Rajkumar tinha apenas de atravessar esse pátio aberto para chegar ao fosso. Bem em frente à barraca de Ma Cho ficava uma ponte que ia dar numa das menores entradas do forte, o portão funerário. Embaixo dessa ponte, ele afastava os lótus que cobriam a superfície da água e abria um poço. Ali passou a ser o seu ponto: era onde geralmente lavava os pratos e tomava banho — debaixo da ponte, com as pranchas de madeira servindo de teto e proteção.

No fim da ponte, ficavam as paredes do forte. Tudo o que se podia ver do interior era uma torre de nove telhados que terminava em um guarda-chuva dourado e brilhante — era o grande hti de ouro dos reis da Birmânia.

Debaixo da torre ficava a sala do trono do palácio, onde Thebaw, o Rei da Birmânia, tinha sua corte ao lado da esposa principal, a Rainha Supayalat.

Rajkumar tinha curiosidade pelo forte, mas sabia que para gente como ele suas instalações eram território proibido.

— Já estive lá dentro? — perguntou um dia a Ma Cho.

— Do forte, eu digo.

— Ah, já. — Ma Cho sacudiu a cabeça, importante.

— Três vezes, no mínimo.

— Como é lá dentro? — É muito grande, maior do que parece. É uma cidade mesmo, com ruas grandes, canais, jardins. Primeiro tem as casas dos funcionários e nobres. E depois a gente vê uma barreira feita com postes de madeira de teca bem grandes. Mais para a frente, ficam os apartamentos da família real e dos criados, centenas e centenas de quartos, com colunas douradas e piso brilhante. É bem no centro tem um vasto salão que é como um raio de luz, com paredes de cristal brilhante e teto de espelho. Que as pessoas chamam de Palácio de Espelho.

— O Rei nunca sai do forte? — Não nesses últimos sete anos. Mas a Rainha e as aias às vezes passeiam pela muralha. Gente que viu diz que as aias são as mulheres mais lindas da terra.

— Quem são elas, essas aias? — Moças, órfãs, muitas delas crianças. Dizem que trazem as meninas das montanhas lá longe para o palácio. A Rainha adota as meninas e as educa para serem criadas. Dizem que ela não confia em ninguém, só nelas, para cuidar dela e dos filhos.

— Quando essas moças visitam as muralhas? — perguntou Rajkumar. — Como se faz para dar uma olhada nelas? Seus olhos brilhavam, o rosto cheio de ansiedade. Ma Cho riu para ele.

— Ora, está pensando em entrar lá, seu indiano bobo, seu kalaa preto de carvão? Vão enxergar você a 1 quilômetro e cortar fora a sua cabeça.

Nessa noite, deitado na esteira, Rajkumar olhou pelo buraco entre seus pés e enxergou o hti dourado que identificava o palácio: brilhava como um raio ao luar. Ma Cho podia dizer o que quisesse, mas ele estava decidido, ia atravessar o fosso — antes de ir embora de Mandalay, acharia um jeito de entrar.

Ma Cho vivia na parte de cima da barraca em um quarto de paredes de bambu sustentado por estacas. Uma escadinha bamboleante cheia de lascas ligava o quarto à barraca embaixo.

As noites de Rajkumar eram debaixo da morada de Ma Cho, entre as estacas, no espaço que servia para os clientes se sentarem durante o dia. O chão de Ma Cho era mal construído, com pranchas de madeira que não se encaixavam direito. Quando Ma Cho acendia o lampião para trocar de roupa, Rajkumar podia vê-la claramente entre as frinchas do chão. Deitado de costas, com os dedos entrelaçados debaixo da cabeça, ficava olhando para cima sem piscar enquanto ela desamarrava o aingyi amarrado acima dos seios.

Durante o dia, Ma Cho era uma megera cansada e frenética, correndo de uma tarefa para outra, gritando agudamente quando alguém a incomodava.

Mas à noite, encerrado o trabalho do dia, um certo langor se insinuava em seus movimentos. Ela segurava os seios nas mãos em concha e os arejava, se abanando com as mãos; passava os dedos devagar no rego do peito, descia pela saliência da barriga, entre as pernas e coxas.

Olhando para ela de baixo, a mão de Rajkumar serpenteava devagar abaixo do nó de seu longyi, descia para a virilha.

Uma noite, Rajkumar acordou de repente com o ranger ritmado das pranchas acima, acompanhado de gemidos, ofegar e respiração apressada. Mas quem podia estar lá em cima com ela? Não tinha visto ninguém entrar.

Na manhã seguinte, Rajkumar viu um homenzinho de óculos, parecendo uma coruja, descer a escada que levava ao quarto de Ma Cho. O estranho estava usando roupas europeias: camisa, calça e chapéu de verão.

Submeteu Rajkumar a um grave e prolongado olhar, depois levantou o chapéu cerimoniosamente.

— Como vai? — disse. — Kaisa hai? Sub kuchh theekthaak? Rajkumar entendeu perfeitamente as palavras — eram o que esperaria que um indiano dissesse —, mas ainda estava de boca aberta de surpresa.

Desde que chegara a Mandalay, encontrara gente de muitos tipos, mas esse estranho não pertencia a nenhum deles. Suas roupas eram de europeu e ele parecia saber hindustâni — porém, o jeito de seu rosto não era nem de homem branco, nem de indiano. Na verdade, parecia chinês.

Sorrindo da perplexidade de Rajkumar, o homem cumprimentou-o com o chapéu de novo, antes de desaparecer no bazaar.

— Quem era esse? — Rajkumar perguntou quando Ma Cho desceu a escada.

A pergunta evidentemente a incomodou e ela olhou para ele furiosa para deixar claro que preferia não responder. Mas a curiosidade de Rajkumar agora estava despertada e ele insistiu.

— Quem era esse, Ma Cho? Me conte.

— Esse é... — Ma Cho começou a falar em pequenos arrancos, explosivos, como se as palavras fossem produzidas por revoluções em sua barriga. — Esse é... meu professor... meu Sayagyi.

— Seu professor? — É... ele me ensina... Ele sabe muitas coisas...

— Que coisas? — Não interessa.

— Onde ele aprendeu a falar hindustâni? — No estrangeiro, mas não na Índia... ele é de algum lugar na Malásia. Malaca, acho. Pergunte para ele.

— Como é o nome dele? — Não interessa. Pode chamar de Saya, como eu o chamo.

— Saya — Apenas? — Saya John. — Ela virou, exasperada. — É assim que nós todos o chamamos. Se quer saber mais, pergunte para ele você mesmo.

Estendeu a mão para o fogão frio, pegou um punhado de cinza e atirou em Rajkumar.

— Quem disse que você pode ficar sentado aí falando a manhã inteira, seu kalaa desmiolado? Vá fazer o seu trabalho.

Não houve nem sinal de Saya John nessa noite, nem na seguinte.

— Ma Cho — disse Rajkumar —, o que aconteceu com seu professor? Por que ele não veio mais? Ma Cho estava sentada ao fogão, fritando baya-gyaw. Olhando o óleo quente, disse, seca: — Ele está fora.

— Onde? — Na selva...

— Na selva? Por quê? — Ele é fornecedor. Leva material para os campos de teca. Fica fora quase o tempo todo. — De repente, a concha caiu de sua mão e ela enterrou o rosto nas mãos.

Hesitante, Rajkumar foi para o lado dela.

— Por que está chorando, Ma Cho? — Passou a mão em sua cabeça num gesto desajeitado de consolação. — Você quer casar com ele? Ela pegou as dobras do longyi amassado e enxugou as lágrimas com o pano embolado.

— A mulher dele morreu faz um ou dois anos. Era chinesa, de Cingapura.

Ele tem um filho, um menininho. Disse que nunca mais vai casar de novo.

— Quem sabe ele muda de ideia.

Ela o empurrou com um de seus gestos súbitos de exasperação.

— Você não entende, seu kalaa de cabeça dura. Ele é cristão. Toda vez que vem me visitar, tem de ir lá na igreja dele, rezar e pedir perdão.

Acha que eu vou querer casar com um homem desses? — Recolheu a concha do chão e sacudiu na direção dele. — Agora vá trabalhar senão frito a sua cara preta no óleo quente...

Uns dias depois, Saya John estava de volta. Mais uma vez cumprimentou Rajkumar com seu hindustâni com sotaque: — Kaisa hai? Sub kuchh theek-thaak? Rajkumar foi pegar para ele uma tigela de macarrão e ficou olhando enquanto comia.

— Saya — perguntou afinal, em birmanês —, como você aprendeu a falar uma língua indiana? Saya John olhou para ele e sorriu.

— Aprendi quando criança — disse —, porque, igual a você, eu sou órfão, fui abandonado. Os padres católicos em uma cidade chamada Malaca é que me criaram. Eram homens que vinham de toda parte: Portugal, Macau, Goa.

Me deram o meu nome, John Martins, que não era o que virou agora. Eles me chamavam de João, mas mudei depois para John. Falavam muitas línguas, aqueles padres, e com os goanos eu aprendi umas palavras indianas.

Quando tinha idade para trabalhar, fui para Cingapura e lá, durante algum tempo, fui atendente em um hospital militar. Os soldados lá eram quase todos indianos, e me faziam essa mesma pergunta: como é que você, que parece chinês e tem nome cristão, sabe falar a nossa língua? Quando contei para eles o que tinha acontecido, eles riram e disseram, você é um ka kutta — um cachorro de lavadeira — na ghar ka na ghat ka — que não é de lugar nenhum, nem da água, nem da terra, e eu disse que sim, que eu era

exatamente isso. — Ele deu uma risada contagiante e Rajkumar riu com ele.

Um dia, Saya John trouxe seu filho à barraca. O nome do menino era Matthew, tinha 7 anos, era uma criança bonita, de olhos brilhantes com um ar de precoce segurança. Acabara de chegar de Cingapura, onde vivia com a família da mãe e estudava em uma conhecida escola missionária.

Umás duas vezes por ano, Saya John cuidava que viesse à Birmânia passar férias.

Era o começo da noite, uma hora movimentada na barraca, mas em honra de suas visitas, Ma Cho resolveu encerrar o expediente. Puxou Rajkumar de lado, mandou que levasse Matthew para dar uma volta, só por uma hora e pouco. Havia uma pwe do outro lado do forte; o menino ia gostar do movimento da feira.

— E lembre: a gesticulação dela essa hora ficou ferozmente incoerente — nem uma palavra sobre...

— Não se preocupe —, Rajkumar deu um sorriso inocente.
— Não vou dizer nada das suas lições.

— Besta de kalaa. — Fechou os punhos e crivou-lhe as costas de socos. — Saia, saia daqui.

Rajkumar trocou de roupa, vestiu um longyi bom e um colete pinni esfarrapado que Ma Cho tinha lhe dado. Saya John enfiou umas moedas em sua mão.

— Compre alguma coisa... para vocês dois, se divirtam.

A caminho da pwe, distraíram-se com um vendedor de amendoim. Matthew estava com fome e insistiu que Rajkumar comprasse para ambos braçadas de amendoins. Sentaram-se à beira do fosso com os pés balançando na água, espalharam os amendoins em torno deles em seu embrulho de folha seca.

Matthew puxou do bolso um pedaço de papel. Havia nele uma figura — de um carro com rodas de três varetas, duas grandes atrás e uma pequena na frente. Rajkumar olhou aquilo, franziu a

testa: parecia um carro leve, mas não havia varão para prender cavalo nem boi.

— O que é isso? — Um carro motorizado.

Matthew mostrou os detalhes — o pequeno motor de combustão interna, o eixo de manivela vertical, o volante horizontal.

Explicou que a máquina podia gerar quase tanta potência quanto um cavalo, que corria à velocidade de até 12 quilômetros por hora. Tinha sido exposta naquele mesmo ano, 1885, na Alemanha, por Karl Benz.

— Um dia — Matthew disse, baixo —, eu vou ter um desses. — O tom de sua voz não era impositivo e Rajkumar não duvidou dele nem um minuto. Ficou muito impressionado de uma criança daquela idade saber tão bem o que queria sobre uma coisa tão estranha.

Então Matthew disse: — Como é que você veio parar aqui, em Mandalay? — Estava trabalhando num barco, um sampan, como esses que tem no rio.

— E onde estão seus pais? Sua família? — Não tenho família. — Rajkumar fez uma pausa.

— Perdi.

Matthew partiu um amendoim entre os dentes.

— Como? — Teve uma febre, uma doença. Na nossa cidade, Akyab, muita gente morreu.

— Mas você viveu? — Vivi. Fiquei doente, mas vivi. Na minha família, fui o único. Eu tinha pai, uma irmã, um irmão...

— E mãe? — E mãe.

A mãe de Rajkumar havia morrido em um sampan atracado num estuário margeado por mangues. Ele se lembrava da forma afunilada do barco e do teto de bambu curvado e sapé; havia um lampião de óleo ao lado da cabeça da mãe, numa das pranchas de travessia da coberta. A chama amarela e tremulante, abrandada por

um halo de insetos noturnos. A noite estava calma e abafada, com o mangue e suas raízes gotejantes rijos ao vento, aninhando o barco entre bancos profundos de lama. Havia, porém, uma certa inquietação na escura umidade em torno do barco. De vez em quando, ele ouvia o chapinhar das vagens voando para dentro da água e o som escorregadio de peixes deslizando na lama. Fazia calor dentro da cabine do sampan, que parecia uma toca, mas sua mãe estava tremendo. Rajkumar havia revirado o barco e a cobrira com todo pedaço de pano que conseguira encontrar.

Rajkumar já conhecia bem a febre. Tinha chegado à sua casa por intermédio do pai, que trabalhava todo dia em um armazém perto do porto.

Era um homem sossegado que ganhava a vida como dubash e munshi — tradutor e contador — para uma série de comerciantes ao longo da costa leste da baía de Bengala. A casa da família ficava no porto de Chittagong, mas seu pai havia brigado com os parentes e levava a família para longe, descendo lentamente a costa, mascateando seu conhecimento de números e línguas, até acabar por se estabelecer em Akyab, porto principal de Arakan — aquele trecho alto de litoral onde a Birmânia e Bengala colidem em um torvelinho de inquietação. Ali ficou durante uns anos e teve quatro filhos — dos quais o mais velho era Rajkumar. A casa deles ficava num braço de mar que cheirava a peixe seco. Seu nome de família era Raha, e quando os vizinhos perguntavam quem eram e de onde vinham, diziam que eram hindus de Chittagong. Isso era tudo o que Rajkumar sabia do passado da família.

Depois do pai, Rajkumar foi o próximo a cair doente.

Quando voltou a si, estava se recuperando no mar junto com a mãe. Estavam a caminho de sua Chittagong natal, ela disse, e agora eram só os dois — os outros tinham morrido.

A viagem havia sido lenta por causa das correntes contrárias. O sampan de vela quadrada e tripulação de khalasis

abrirá caminho pela costa, sempre à vista de terra. Rajkumar se recuperou depressa, mas aí foi a vez de sua mãe adoecer. A apenas uns dois dias de Chittagong, ela começou a tremer. A costa era cheia de florestas de mangue; uma noite, o dono do barco atracara o sampan em uma enseada e se pusera a esperar.

Rajkumar cobrira a mãe com todos os sáris de sua trouxa de roupas, com longyis emprestados dos remadores e até uma vela dobrada. Mas, mal havia terminado, os dentes dela começaram a bater de novo, delicadamente, como dados. Ela o chamou para seu lado, com um gesto do dedo indicador.

Quando ele se abaixou com o ouvido colado em seus lábios, sentiu o corpo dela emanando calor como uma brasa quente contra seu rosto.

Ela mostrou um nó na ponta do sári. Havia uma pulseira de ouro enrolada ali. Ela a pegou e deu para ele esconder no nó da cintura de seu sarongue. O nakhoda, dono do barco, era um velho de confiança, disse ela; Rajkumar devia entregar a pulseira para ele quando chegassem em Chittagong — só então, não antes.

Ela fechou os dedos em torno da pulseira; aquecido pelo calor feroz de seu corpo, o metal pareceu gravar sua forma na palma de sua mão.

Fique vivo — ela sussurrou. — Beche thako, Rajkumar. Viva, meu Príncipe; se agarre à vida.

Quando a voz dela se calou, Rajkumar deu-se conta, de repente, do débil ruído de flip-flop das lampreias se enterrando na lama. Levantou os olhos e viu o dono do barco, o nakhoda, de cócoras na proa do sampan, pitando seu hookah de casca de coco, cofiando a rala barba branca. Os homens da tripulação estavam reunidos à sua volta, olhando para Rajkumar. Abraçavam os joelhos vestidos de sarongue. O menino não sabia dizer se era pena ou impaciência que havia por trás do vazio daqueles olhares.

Ele agora só tinha a pulseira: sua mãe havia desejado que ele a usasse para pagar a passagem de volta a Chittagong. Mas sua mãe estava morta, e qual o sentido em voltar para um lugar que seu pai havia abandonado? Não, em vez disso, melhor negociar com o nakhoda. Rajkumar chamou o velho de lado, pediu para juntar-se à tripulação e ofereceu a pulseira como presente de aprendizado.

O velho o examinou com o olhar. O menino era forte e decidido, e, além disso, havia sobrevivido à febre mortal que esvaziara tantas aldeias e cidades ao longo da costa. Só isso já falava de certas qualidades úteis de corpo e espírito. Fez um gesto de sim com a cabeça e aceitou a pulseira — certo, fique.

Ao amanhecer, o sampan parou num banco de areia e a tripulação ajudou Rajkumar a construir uma pira para cremar sua mãe. Ele, que havia sido de família tão rica, estava agora sozinho, e sua herança seria aprender a ser khalasi. Mas não teve medo, nem por um momento. A sua era a tristeza do pesar — por o terem deixado tão cedo, tão prematuramente, sem gozar a saúde ou as recompensas que, ele sabia com absoluta certeza, um dia gozaria.

Fazia muito tempo que Rajkumar não falava de sua família. Entre seus parceiros de barco esse assunto raramente era discutido. Entre eles havia muitos que vinham de famílias vitimadas pelas catástrofes que tantas vezes se abatiam sobre esse trecho da costa. Preferiam não falar dessas coisas. Era estranho que aquele menino, Matthew, com sua fala educada e maneiras formais, tivesse arrancado isso dele. Rajkumar não podia deixar de sentir-se tocado. Na volta para a barraca de Ma Cho, passou o braço sobre os ombros do menino.

— Então, quanto tempo vai ficar aqui? — Vou embora amanhã.

— Amanhã? Mas você acabou de chegar.

— Eu sei. Era para eu ficar duas semanas, mas meu pai acha que vai haver problemas.

— Problemas! — Rajkumar virou para olhar para ele.

— Que problemas? — Os ingleses estão se preparando para mandar uma frota para subir o Irrawaddy. Vai ter guerra. Meu pai diz que eles querem toda a teca da Birmânia. O Rei não quer deixar que levem, então vão acabar com ele.

Rajkumar soltou um grito de riso.

— Uma guerra por causa de madeira? Onde já se ouviu falar de uma coisa dessas? — Deu um tapa de descrença na cabeça de Matthew: o menino era criança, afinal, apesar de seus modos de adulto e seu conhecimento de coisas estranhas; ele provavelmente devia ter tido um pesadelo na noite anterior.

Mas essa acabou sendo a primeira de muitas ocasiões em que Matthew mostrou-se mais esperto e mais previdente que Rajkumar. Dois dias depois, a cidade inteira estava tomada pelos rumores da guerra. Um grande destacamento de tropas saiu marchando do forte e desceu ao longo do rio, na direção do campo de Myingan. Houve uma agitação no bazaar; as vendedoras jogaram suas mercadorias no lixo e foram correndo para casa.

Um Saya John descabelado veio correndo à barraca de Ma Cho. Estava com uma folha de papel na mão.

— Uma Proclamação Real — anunciou —, expedida com a assinatura do Rei.

Todos na barraca se calaram quando ele começou a ler: A todos os súditos reais e habitantes do Império Real: os hereges, bárbaros kalaas ingleses, depois de muito asperamente terem feito exigências destinadas a comprometer e destruir nossa religião, violar nossas tradições e costumes nacionais e degradar a nossa raça, estão efetuando demonstrações e preparações como se dispostos a entrar em guerra com nosso estado.

Receberam resposta em conformidade com os usos das grandes nações e em palavras que são justas e adequadas. Se mesmo assim esses hereges forasteiros vierem e de alguma forma

tentarem molestar e perturbar o estado, Sua Majestade, vigilante para que o interesse de nossa religião e de nosso estado nada sofra, marchará ele próprio com seus generais, capitães e tenentes com grandes forças de infantaria, artilharia, elefantaria e cavalaria, por terra e por água, e com o poder de seu exército eliminará esses hereges e conquistará e anexará o seu país.

Defender a religião, defender a honra nacional, defender os interesses do país ocasionará um triplo bem — o bem de nossa religião, o bem de nosso senhor e nosso próprio bem — e conquistará para nós o importante resultado de nos colocar no caminho das regiões celestiais e do Nirvana.

Saya John fez uma careta.

— Valentes palavras — disse. — Vamos ver o que acontece agora.

Depois do pânico inicial, as ruas depressa se aquietaram. O bazaar reabriu e as vendedoras voltaram para escarafunchar o lixo em busca de suas mercadorias perdidas. Poucos dias depois, as pessoas haviam voltado a seus negócios como antes. A mudança mais notável era que não se viam mais rostos estrangeiros nas ruas. O número de estranhos morando em Mandalay não era insignificante — havia emissários e missionários da Europa; comerciantes e mercadores de origem grega, armena, chinesa e indiana; trabalhadores e barqueiros de Bengala, Malásia e da costa de Coromandel; astrólogos vestidos de branco de Manipur; empresários de Gujarat — uma variedade de gente que Rajkumar nunca tinha visto antes de chegar ali. Mas agora, de repente, os estrangeiros haviam desaparecido.

Comentava-se que os europeus tinham partido e descido o rio, enquanto os outros se entrincheiravam em suas casas.

Poucos dias depois, o palácio emitiu outra proclamação, dessa vez alegre: anunciou-se que as tropas reais haviam imposto aos invasores uma derrota significativa perto da fortaleza de

Minhla. As tropas inglesas haviam sido expulsas e estavam fugindo através da fronteira. A barcaça real ia ser enviada rio abaixo, levando condecorações para as tropas e seus oficiais. Haveria uma cerimônia de graças no palácio.

Na rua, ouviram-se gritos de alegria, e a névoa de ansiedade que pairara sobre a cidade durante os últimos dias depressa se dissipou. Para alívio de todos, as coisas voltaram rapidamente ao normal: compradores e vendedores voltaram em bandos e a barraca de Ma Cho ficou mais movimentada do que nunca.

Então, uma noite, ao percorrer o bazaar para renovar o estoque de peixe de Ma Cho, Rajkumar encontrou o rosto familiar, de barba branca, do dono de seu barco, o nakhoda.

— Nosso barco vai partir logo agora? Rajkumar perguntou.

— Agora que a guerra acabou? O velho deu-lhe um sorriso secreto, de lábios apertados.

— A guerra não acabou. Não ainda.

— Mas nós ouvimos dizer que...

— O que se ouve dizer na água é bem diferente do que se diz na cidade.

— O que você sabe? Embora estivessem usando seu dialeto, o nakhoda baixou a voz.

— Os ingleses vão chegar aqui dentro de um ou dois dias — respondeu. — Os barqueiros viram. Estão trazendo a maior frota que jamais se viu em cima de um rio. Eles têm canhões capazes de pôr abaixo as paredes de pedra de um forte; têm barcos tão rápidos que vão mais depressa que a maré; e armas que atiram mais depressa do que se pode falar. Estão vindo como a maré: nada fica em seu caminho. Hoje ouvi dizer que os navios dele estão ocupando posições em Myingan. Amanhã, provavelmente, você já vai ouvir tiros...

Evidentemente, na manhã seguinte, um estrondo distante veio rolando pela planície, até a barraca de comida de Ma Cho,

perto da parede ocidental do forte. Quando soaram as salvas de abertura, o mercado estava lotado de gente. Camponesas tinham vindo bem cedo dos arredores da cidade e estendido suas esteiras numa fila, os vegetais bem arrumados em montinhos. Pescadores haviam parado também, com o produto da noite ainda fresco do rio. Em uma ou duas horas, os vegetais estariam murchos e os olhos dos peixes, turvados. Mas, de momento, estava tudo fresco e viçoso.

Os primeiros estrondos dos canhões não provocaram nada além de uma breve interrupção nas compras matinais. As pessoas olhavam o claro céu azul com perplexidade e os vendedores se inclinavam de lado sobre seus produtos para fazer perguntas ao vizinho. Ma Cho e Rajkumar estavam trabalhando duro desde a manhã. Como sempre nas manhãs frias, muita gente havia parado para comer alguma coisa quente antes de voltar para casa. Então, o movimento da hora da fome fora interrompido por um súbito zumbido. As pessoas se olhavam nervosas: o que era aquele barulho? Foi quando Rajkumar irrompeu: — Canhão inglês — disse. Estão vindo para cá.

Ma Cho soltou um grito de aborrecimento.

Como você sabe o que é, menino idiota? — Os barqueiros que viram — Rajkumar respondeu.

— Uma frota inglesa inteirinha vindo para cá.

Ma Cho tinha toda uma barraca de gente para alimentar e não estava disposta a permitir que seu único ajudante se distraísse com um ruído distante.

— Chega disso agora — disse. — Volte ao trabalho.

À distância, o fogo ficou mais intenso, fazendo tremer as tigelas nos bancos. Os clientes começaram a se agitar, alarmados. Na barraca vizinha, um cule derrubara o saco de arroz, e os grãos derramados estavam se espalhando como uma mancha branca na poeira do caminho enquanto as pessoas se empurravam para ir

embora. Vendedores limpavam seus balcões, enfiavam os produtos nos sacos; camponesas esvaziavam seus cestos em pilhas de lixo.

De repente, os clientes de Ma Cho puseram-se em pé, derrubaram as tigelas e empurraram os bancos. Desanimada, Ma Cho voltou-se para Rajkumar.

— Não falei para você ficar quieto, seu kalaa idiota? Viu, você espantou os clientes.

— Não é minha culpa...

— De quem é então? O que eu vou fazer com toda esta comida? O que vai ser do peixe que eu comprei ontem? — MaCho caiu sentada em seu banquinho.

Atrás deles, no mercado agora vazio, os cachorros disputavam restos de carne, circundando em bandos as pilhas de lixo.

2



No palácio, a pouco mais de 1 quilômetro da barraca de Ma Cho, a esposa principal do Rei, a Rainha Supayalat, foi vista subindo a íngreme escadaria para ouvir melhor os canhões.

O palácio ficava no centro exato de Mandalay, bem no meio da cidade murada, um complexo espalhado de pavilhões, jardins e corredores, todos agrupados em torno do hti de nove telhados dos reis da Birmânia. O complexo era isolado das ruas em torno por uma paliçada de altos postes de teca. Em cada um dos quatro cantos da paliçada havia um posto de guarda, guarnecido por sentinelas da guarda pessoal do Rei. Foi em um desses que a Rainha Supayalat resolveu subir.

A Rainha era uma mulher pequena, de ossos finos, com pele de porcelana e mãos e pés minúsculos. Seu rosto era pequeno e anguloso, a regularidade dos traços comprometida apenas pelo mais ligeiro desvio de alinhamento do olho direito. A cintura da Rainha, famosa por sua esbeltez de vespa, estava inchada pela terceira gravidez, agora no oitavo mês.

A Rainha não estava só: cerca de meia dúzia de criadas a seguia de perto, levando as duas filhas pequenas, a primeira e segunda princesas, Ashin Hteik Su Myat Phaya Gyi e Ashin Hteik Su Myat Phaya Lat. O estado avançado da gravidez deixava a Rainha ansiosa pela proximidade das filhas. Durante os últimos dias, não quisera deixá-las longe de seus olhos nem por um momento.

A Primeira Princesa tinha três anos e uma forte semelhança com o pai, Thebaw, Rei da Birmânia. Era uma menina de boa natureza, obediente, com rosto redondo e sorriso pronto. A Segunda Princesa era dois anos mais nova, ainda não tinha 1 ano, e era um tipo de criança completamente diferente, muito filha da própria mãe. Nasceria com cólica e podia chorar horas e horas de cada vez. Diversas vezes por dia, caía em paroxismos de raiva. Seu corpo ficava rígido e ela cerrava os pequenos punhos; seu peito começava a bombear, com a boca absolutamente aberta, mas nenhum som lhe saía da garganta. Até babás experientes cediam quando a pequena Princesa era dominada por um de seus ataques.

Para lidar com o bebê, a Rainha insistiu em ter diversas de suas atendedoras mais confiáveis à mão em todos os momentos — Evelyn, Hema, Augusta, Nan Pau. Eram meninas muito jovens, quase todas no início da adolescência e quase todas órfãs. Havia sido compradas pelos agentes da Rainha nas pequenas aldeias de Kachin, Wa e Shan, ao longo da fronteira norte do reino. Algumas eram de famílias cristãs, algumas budistas — ao virem para Mandalay isso era pouco importante. Foram criadas sob tutela de contratados do palácio, sob supervisão pessoal da Rainha.

A mais nova dessas criadas é que obtinha maior sucesso ao lidar com a Segunda Princesa. Era uma menina esguia de 10 anos chamada Dolly, uma criança tímida e retraída com olhos enormes, o corpo flexível e os membros ágeis de uma bailarina. Em idade muito tenra, Dolly foi trazida a Mandalay da cidade fronteira de Lashio; não tinha lembrança de pais ou da família. Achava-se que procedia de Shan, mas isso era conjectura, baseada em sua aparência esguia, de ossos finos, e na pele lisa e sedosa.

Nessa manhã em especial, Dolly tivera pouco sucesso com a Segunda Princesa. Os canhões haviam arrancado a menina do sono e ela estava chorando desde então. Dolly, que se assustava com facilidade, ficara ela própria muito assustada. Quando os tiros

começaram, ela cobriu os ouvidos e foi para um canto, rilhando os dentes e sacudindo a cabeça.

Mas a Rainha mandou chamá-la, e depois Dolly ficara tão ocupada tentando distrair a princesinha que não tivera tempo de sentir medo.

Dolly ainda não era forte o suficiente para carregar a Princesa pela escada íngreme que levava ao alto da paliçada; Evelyn, que tinha 16 anos e era forte para a idade, ficou com a tarefa de carregá-la. Dolly seguiu atrás das outras e foi a última a pisar no posto de guarda — uma plataforma de madeira cercada com pesadas guarnições de madeira.

Quatro soldados uniformizados estavam postados em grupo num canto. A Rainha disparava perguntas para eles, mas nenhum respondia, nem encontrava os olhos dela. Baixaram as cabeças, mexendo nos longos tambores das espingardas de pederneira.

— A que distância é a luta? — perguntou a Rainha.

— E que tipo de canhão estão usando? Os soldados sacudiram a cabeça; a verdade é que não sabiam mais que ela.

Quando o barulho começou, eles especularam excitados sobre as causas. De início, recusaram-se a acreditar que o estrondo pudesse ser produzido por homens. Nunca se tinha ouvido falar de armas de tal poder nessa parte da Birmânia, nem era fácil conceber uma espécie de tiroteio tão rápido a ponto de produzir um som misturado.

A Rainha viu que não havia nada a descobrir com aqueles homens infelizes. Voltou a descansar seu peso na guarnição de madeira do posto de guarda. Se ao menos o seu corpo estivesse menos pesado, se ao menos não estivesse tão cansada e lenta.

O estranho é que nesses últimos dez dias, desde que os ingleses haviam atravessado a fronteira, ela não ouvira nada além de boas notícias. Uma semana antes, um comandante de batalhão enviara um telegrama para dizer que os estrangeiros haviam sido

detidos em Minhla, 300 quilômetros rio abaixo. O palácio havia comemorado a vitória e o Rei chegou a mandar uma condecoração para o general. Como era possível que os invasores agora estivessem tão perto a ponto de se ouvir seus canhões na capital? As coisas haviam acontecido muito depressa: poucos meses antes, ocorrera uma disputa com a companhia madeireira britânica — uma questão técnica referente a uns troncos de teca. Era claro que a companhia estava errada; estavam passando por cima dos regulamentos de exportação do reino, cortando troncos para evitar pagar impostos. Os funcionários da alfândega real haviam baixado uma multa para a companhia, exigindo o pagamento de cerca de 50 mil troncos. Os ingleses haviam protestado e se recusado a pagar; apresentaram suas reclamações ao governador britânico em Rangoon. Seguiram-se ultimatos humilhantes. Um dos mais velhos ministros do Rei, o Kinwun Mingyi, sugerira discretamente que talvez fosse melhor aceitar os termos; que os britânicos poderiam permitir que a Família Real permanecesse no palácio de Mandalay em termos semelhantes aos dos príncipes indianos — como porcos de fazenda, em outras palavras, alimentados e engordados por seus senhores; porcos, acomodados em pocilgas disfarçadas com uns enfeites.

A Rainha dissera ao Kinwun Mingyi que os reis da Birmânia não eram príncipes; eram reis, soberanos, haviam derrotado o Imperador da China, conquistado a Tailândia, Assam, Manipur. E ela própria, Supayalat, havia arriscado tudo para garantir o trono para Thebaw, seu marido e meio-irmão. Seria sequer imaginável que fosse consentir em entregar tudo agora? E se a criança em seu ventre fosse um menino (e dessa vez ela estava certa de que era): como iria explicar para ele que havia desistido de seu patrimônio por causa de uma disputa por uns troncos de madeira? A Rainha prevalecera e a corte birmanesa se recusara a ceder ao ultimato britânico.

Agora, agarrada à guarnição do posto de guarda, a Rainha ouvia cuidadosamente o fogo distante. De início, tivera esperança de que a bateria fosse um exercício de alguma espécie. O general mais confiável do exército, o Hlethin Atwinwun, estava locado no forte de Myingan, a 45 quilômetros, com uma força de 8 mil soldados.

Ontem mesmo o Rei perguntara, de passagem, como estavam indo as coisas no fronte de guerra. Ela podia perceber que ele via a guerra como uma coisa remota, uma campanha distante, como as expedições que haviam sido mandadas para as terras altas de Shan em anos passados, para lidar com bandidos e assaltantes.

Tudo estava indo como devia, ela dissera; não havia com que se preocupar. E pelo que sabia, isso não era nada além da verdade. Ela se reunia com os funcionários mais antigos todos os dias, o Kinwun Mingyi, o Taingda Mingyi, até com os wungyis, wundauks e myowuns. Nenhum deles havia sequer insinuado que houvesse alguma coisa fora de lugar. Mas não havia como se enganar com aquelas armas. O que iria dizer ao Rei agora? O pátio abaixo da paliçada de repente encheu-se de vozes.

Dolly deu uma olhada escada abaixo. Havia soldados se movimentando lá, dezenas deles, vestidos com as cores da guarda do palácio. Um deles a viu e começou a gritar — a Rainha? A Rainha está aí em cima? Dolly recuou depressa, para fora de sua linha de visão. Quem eram esses soldados? O que queriam? Dava para ouvir seus passos na escada agora. Em algum lugar perto, a Princesa começou a chorar em curtos soluços, sem ar. Augusta enfiou o bebê em seus braços — olhe, Dolly, olhe, pegue, ela não para. O bebê estava berrando, sacudindo os punhos. Dolly teve de desviar o rosto para não ser atingida.

Um oficial apareceu no posto de guarda, segurava a espada embainhada diante do corpo com ambas as mãos, como um cetro.

Estava dizendo alguma coisa à Rainha, apontando que tinha de sair dali, descer a escada para o palácio.

— Somos prisioneiros então? — O rosto da Rainha estava distorcido de fúria. — Quem mandou você aqui? — Nossas ordens vieram do Taingda Mingyi — disse o oficial. — Para sua segurança, Mebya.

— Nossa segurança? O posto de guarda encheu-se de soldados, que estavam conduzindo as moças para a escada. Dolly deu uma olhada para baixo: a escadaria era muito íngreme. Sua cabeça começou a girar.

— Não consigo, gritou. — Não consigo. — Ia cair, sabia que ia cair. A Princesa era pesada demais para ela; os degraus muito altos; precisaria de uma mão livre para se equilibrar.

— Ande.

— Não consigo. — Mal podia ouvir a si mesma por cima dos gritos do bebê.

Parou, imóvel, recusando-se a prosseguir.

— Depressa, depressa.

Havia um soldado atrás dela; estava empurrando-a com o punho frio da espada. Ela sentiu os olhos transbordarem, as lágrimas correrem pela face. Será que não viam que ia cair, que a Princesa ia escapar de suas mãos? Por que ninguém ajudava? — Depressa.

Virou-se para olhar o rosto sério do soldado.

— Não consigo. Estou com a Princesa no colo e ela é muito pesada para mim. Não está vendo? — Ninguém parecia escutar por cima dos gritos da Princesa.

— Qual é o problema com você, menina? Por que está parada aí? Ande.

Ela fechou os olhos e deu um passo. E então, quando suas pernas começaram a ceder, ouviu a voz da Rainha.

— Dolly! Pare! — Não é minha culpa. — Começou a chorar, os olhos fechados com força.

Alguém arrancou a Princesa de seus braços.

— Não é minha culpa. Tentei dizer para eles; não me escutaram.

— Tudo bem. — A voz da Rainha era firme, mas não dura. — Venha, desça agora. Tenha cuidado.

Chorando de alívio, Dolly desceu a escada e atravessou o pátio. Sentiu as mãos das outras meninas nas costas, empurrando-a para um corredor.

A maioria dos edifícios do complexo do palácio era de construções baixas de madeira, ligadas por longos corredores. O palácio era de construção relativamente recente, tinha só uns 30 anos de idade. Seguia de perto o modelo das residências reais de capitais birmanesas anteriores em Ava e Amarapura. Partes dos aposentos reais haviam sido transportadas inteiras, depois da fundação de Mandalay, mas muitos dos prédios externos menores estavam inacabados e ainda eram desconhecidos, mesmo pelos habitantes do palácio. Dolly nunca estivera antes na sala para onde era levada agora. Era escura, com paredes rebocadas úmidas e portas pesadas.

— Tragam o Taingda Mingyi para mim — a Rainha gritava aos guardas. — Não vou ficar prisioneira. Mandem que venha até mim. Já.

Uma ou duas horas passaram devagar; as meninas podiam dizer, pela direção das sombras por baixo da porta, que a manhã havia se transformado em tarde. A princesinha chorara até cansar e dormira em cima das pernas cruzadas de Dolly.

As portas se abriram e o Taingda Mingyi entrou, bufando.

— Onde está o Rei? — Está em segurança, Mebya.

Era um homem corpulento de pele oleosa. No passado, tinha sempre um conselho pronto, mas agora a Rainha não

conseguia arrancar dele nenhuma resposta clara.

— O Rei está seguro. Não se preocupe. — Os pelos moles e compridos de suas verrugas sacudiram delicadamente quando ele sorriu e mostrou os dentes.

Mostrou um telegrama.

— O Hlethin Atwinwun conquistou uma notável vitória em Myingan.

Mas não foram os nossos canhões que eu ouvi hoje de manhã.

— Os estrangeiros foram detidos. O Rei mandou uma medalha e condecorações para os homens. Entregou a ela uma folha de papel.

Ela não se deu ao trabalho de olhar o que era. Tinha visto muitos telegramas nos últimos dez dias, todos cheios de notícias sobre notáveis vitórias. Mas os canhões que ouvira essa manhã não eram birmaneses, disso ela não tinha a menor dúvida.

— Essas armas eram inglesas — disse. — Sei que eram. Não minta para mim.

A que distância estão? Quando acha que vão chegar a Mandalay? Ele não olhava para ela.

— O estado de Mebya é delicado. Devia descansar agora. Volto mais tarde.

— Descansar? — A Rainha apontou as criadas, sentadas no chão. — As meninas estão exaustas. Olhe. — Apontou os olhos vermelhos de Dolly, seu rosto manchado de lágrimas. — Onde estão minhas outras criadas? Mande todas para mim. Preciso delas.

O Taingda Mingyi hesitou, depois curvou-se.

— Mebya. Elas estarão aqui.

As outras criadas chegaram uma hora depois. Os rostos sombrios. A Rainha não disse nada, até os guardas fecharem as portas. Então todo mundo se juntou às recém-chegadas. Dolly teve de esticar a cabeça para captar o que estavam dizendo.

Foi isto que disseram: os britânicos haviam destruído o forte de Myingan com imaculada precisão, usando seu canhão, sem perder um único soldado deles. O Hlethin Atwinwun tinha se rendido. O exército se desintegrara; os soldados fugiram para as montanhas com suas armas. O Kinwun Mingyi e o Taingda Mingyi tinham enviado emissários aos britânicos. Os dois ministros estavam agora competindo entre si para manter a Família Real sob guarda. Sabiam que os britânicos ficariam gratos a qualquer um que entregasse o casal real; haveria ricas recompensas. Esperava-se que os estrangeiros chegassem a Mandalay logo para levar o Rei e a Rainha prisioneiros.

A invasão prosseguiu com tamanha uniformidade que até seus planejadores ficaram surpresos. A frota imperial atravessou a fronteira em 14 de novembro de 1885. Dois dias mais tarde, depois de algumas horas de bombardeio, soldados britânicos tomaram posse dos postos birmaneses de Nyaungbinmaw e Singbaungwe. No dia seguinte, em Minhla, a frota se viu debaixo de fogo pesado. A guarnição birmanesa de Minhla era pequena, mas resistiu com inesperada tenacidade.

As forças britânicas estavam armadas com os mais modernos rifles de retrocarga. O suporte de artilharia consistia de 27 metralhadores de tiros rápidos, mais do que jamais se havia reunido antes no continente da Ásia. Os birmaneses não conseguiam equiparar esse poder de fogo.

Depois de uma troca de fogo que durou várias horas, a infantaria britânica foi mandada para terra.

Havia cerca de 10 mil soldados na força de invasão britânica e desses a grande maioria — cerca de dois terços — era de sipaios indianos. Entre as unidades mobilizadas em Minhla havia três batalhões de sipaios. Eram do regimento Hazara e do Primeiro de Pioneiros de Madras. Os indianos eram tropas maduras, endurecidas em batalha. Os hazaras, recrutados na fronteira afegã,

havam provado seu valor aos britânicos ao longo de décadas de guerra, na Índia e no estrangeiro. O Primeiro de Pioneiros de Madras estava entre os soldados de infantaria mais leais da Grã-Bretanha. Não arredaram pé do lado de seus senhores nem durante os levantes de 1857, quando a maior parte do norte da Índia se levantou contra os britânicos. Os defensores birmaneses de Minhla tinham pouca chance contra esses sipaios, com seu equipamento britânico recém-fabricado e seu número vastamente superior. A obstinada força de defesa se dissolveu quando os redutos foram atacados.

Os efeitos do colapso de Minhla se fizeram sentir muito longe rio acima.

Em Pakokku, a guarnição se dissolveu; em Nyaungu, perto da grande planície coberta de pagodes de Pagan, os atiradores birmaneses inutilizaram seu próprio canhão depois de disparar poucos tiros. Em Mygingan, que estava sob comando do Hlethin Atwinwun, os defensores foram forçados a abandonar suas posições depois de um bombardeio que durou várias horas. Poucos dias depois, sem informar ao Rei Thebaw, o exército birmanês rendeu-se.

A guerra durara apenas 14 dias.

*** Durante dois dias depois do bombardeio de Myingan, Mandalay ficou estranhamente, quase fantasmagoricamente, quieta. Então começaram os rumores. Uma manhã, um homem atravessou correndo o mercado, passou na frente da barraca de Ma Cho. Estava gritando no pico da voz: navios estrangeiros haviam ancorado no litoral; soldados ingleses estavam marchando para a cidade.

O mercado foi tomado pelo pânico. As pessoas começaram a correr e se chocar. Rajkumar conseguiu abrir caminho pela multidão até a estrada próxima. Não dava para enxergar longe: uma nuvem de poeira pairava sobre a estrada, pisada por centenas de pés apressados. As pessoas corriam para todo lado, colidindo umas

com as outras e empurrando cegamente qualquer coisa que atravessasse seu caminho. Rajkumar foi arrebatado junto na direção do rio. Enquanto corria, deu-se conta de uma vibração no chão abaixo dele, uma espécie de bater de tambor na terra, um tremor rítmico que lhe subia pela coluna a partir das solas dos pés.

As pessoas à sua frente se afastaram, se separaram, se empurrando para os lados da rua. De repente, ele estava na fila da frente da multidão, olhando diretamente para dois soldados ingleses montados em cavalos marrons. A cavalaria afastava as pessoas com espadas desembainhadas, livrando a rua. A poeira fizera desenhos em suas botas lustrosas.

Assomando atrás deles, uma massa sólida de fardas, avançando como onda de maré.

Rajkumar saltou para a lateral da rua e se apertou contra a parede. O nervosismo inicial da multidão se dissolveu quando o primeiro esquadrão de soldados passou marchando com rifles ao ombro. Não havia rancor no rosto dos soldados, nem emoção alguma. Nenhum deles dava nem um olhar para a multidão.

— Os ingleses! — alguém disse, e as palavras viajaram depressa de boca em boca, cada vez mais altas até se transformarem em uma espécie de viva murmurado. Mas quando a vanguarda passou e o próximo esquadrão apareceu, baixou um surpreso silêncio sobre os espectadores: esses soldados não eram ingleses — eram indianos. As pessoas em volta de Rajkumar se agitaram, como se movidas pela curiosidade ao ver um indiano em seu meio.

— Quem são esses soldados? — alguém perguntou.

— Não sei.

A Rajkumar ocorreu, de repente, que o dia inteiro não tinham visto nenhuma das caras indianas típicas do bazaar: nenhum cule, nem sapateiros, nem os vendedores que vinham sempre, todo dia. Durante um momento, aquilo pareceu estranho,

mas depois ele esqueceu e foi mais uma vez absorvido pelo espetáculo dos sipaios marchando.

As pessoas começaram a fazer perguntas a Rajkumar.

— O que esses soldados estão fazendo aqui? Rajkumar deu de ombros. Como ele ia saber? Não tinha com os soldados nenhuma ligação maior que a de todo mundo. Um grupo de homens se reuniu em torno dele, se apertando, de forma que ele teve de dar uns passos para trás.

— De onde vieram esses soldados? Por que eles estão aqui?

— Não sei de onde são. Não sei quem são.

Rajkumar olhou para trás e viu que havia recuado para um beco sem saída.

Havia uns sete ou oito homens em torno dele. Tinham repuxado os longyis e enfiado decididamente na cintura. Os sipaios estavam um pouco adiante, centenas, talvez milhares deles. Mas ele estava sozinho no beco — o único indiano —, fora do alcance, cercado por esses homens claramente decididos a fazê-lo responder pela presença dos soldados.

Uma mão relampejou das sombras. Agarrou-o pelo cabelo, um homem puxou-o do chão. Rajkumar levantou uma perna e baixou de volta, dirigindo o calcanhar para a virilha do atacante. O homem viu o chute chegando e aparou com uma das mãos. Virou a cabeça de Rajkumar e deu-lhe um tapa no rosto com as costas da mão. Um laivo de sangue jorrou do nariz de Rajkumar. O choque do golpe imobilizou o momento. O arco de sangue parecia parado em sua trajetória, suspenso no ar, brilhante e translúcido, como um colar de granadas. Então um cotovelo atingiu Rajkumar no estômago, tirando-lhe o fôlego, e ele foi jogado contra uma parede. Escorregou para o chão, apertando o estômago, como se tentasse empurrar as vísceras de volta para dentro.

Então, de repente, chegou ajuda. Uma voz soou no beco.

— Parem.

O homem virou-se, surpreso.

— Deixem o menino.

Era Saya John que avançava para eles com um braço levantado, estranhamente autoritário, de chapéu e casaco. Bem escondido, na palma da mão levantada havia um revólver pequeno, de cano curto. Os homens recuaram devagar e, quando sumiram, Saya John enfiou o revólver no bolso do casaco.

— Sorte que eu vi você — disse para Rajkumar. — Não sabia que era melhor não sair na rua hoje? Os outros indianos estão todos entrincheirados lá no prédio do Haji Ismail, no sopé do morro Mandalay.

Estendeu a mão e ajudou Rajkumar a se levantar. Rajkumar se pôs de pé e limpou o sangue do rosto que latejava. Saíram juntos do beco. Na rua principal, soldados ainda passavam, marchando. Rajkumar e Saya John ficaram lado a lado e assistiram ao desfile triunfal.

Então Saya John disse: — Eu conhecia soldados assim.

— Saya?

— Em Cingapura, quando jovem, trabalhei um tempo como atendente de hospital. Os pacientes eram quase todos sipaios como esses: indianos que voltavam da guerra contra os senhores ingleses. Ainda me lembro do cheiro dos curativos gangrenados nos membros amputados; os gritos de meninos de 12 anos, sentados na cama, de noite. Eram camponeses, aqueles homens, das pequenas aldeias no campo: as roupas e os turbantes ainda cheirando a fumaça de madeira e fogueiras de estrume. Eu perguntava para eles: "O que faz vocês lutarem quando deviam estar plantando no campo na sua casa?" "Dinheiro", eles respondiam, e, no entanto, o que ganhavam era só uns poucos annas por dia, não muito mais que um cule do porto. Por umas poucas moedas eles se deixavam usar como seus senhores quisessem, para destruir qualquer traço de resistência ao poder dos ingleses. Isso sempre me intrigou:

camponeses chineses nunca fariam isso — se deixar usar assim para lutar na guerra dos outros com tão pouca vantagem para si mesmos. Eu pesava essas coisas e perguntava a mim mesmo: como seria se eu tivesse alguma coisa a defender — um lar, um país, uma família — e me visse atacado por esses homens fantasmagóricos, esses meninos cheios de confiança? Como se combate um inimigo que não luta nem por inimizade, nem por raiva, mas em submissão à ordem de superiores, sem protestar, sem consciência? Em inglês existe uma palavra que é da Bíblia —, evil, mal. Eu pensava nela quando falava com aqueles soldados. Qual outra palavra poderia usar para descrever sua disposição de matar pelos senhores, de obedecer a qualquer ordem, independentemente do que houvesse em jogo? E, no entanto, no hospital, aqueles sipaios me davam presentes, provas de gratidão — uma flauta de madeira, uma laranja. Eu olhava nos olhos deles e via também uma espécie de inocência, uma simplicidade. Aquelles homens, que nem pensavam para tocar fogo em aldeias inteiras se os oficiais ordenassem, eles também tinham um certo tipo de inocência. Um mal inocente. Eu não conseguia pensar em nada que pudesse ser mais perigoso.

— Saya. — Rajkumar deu de ombros, de repente. — Eles são só instrumentos. Sem pensamento próprio. Eles não contam.

Saya John olhou para ele, surpreso. Havia alguma coisa especial naquele menino — uma espécie de alerta determinação. Não havia nele nenhum excesso de gratidão, nada de presentes, nem de oferendas, nada a ver com a honra de um coração assassino. Não havia simplicidade em seu rosto, nem inocência: seus olhos estavam cheios de interesse pelo mundo, curiosidade, fome.

Era assim que devia ser.

— Se um dia precisar de um emprego — disse Saya John —, venha e fale comigo.

Pouco antes do pôr do sol, as tropas de ocupação abandonaram o forte.

Levavam carroças cheias com o butim do palácio. Para perplexidade dos cidadãos, partiram sem deixar piquetes em torno do forte. Pela primeira vez na lembrança de todos, os portões da cidadela ficaram abertos e desguardados.

Os soldados marcharam de volta por onde tinham vindo, mas por ruas que agora estavam vazias. Quando o som de seus passos silenciou, um inquieto silêncio baixou sobre a cidade.

Então, súbito como uma erupção em um galinheiro, um grupo de mulheres saiu correndo do forte e desceu correndo a ponte funerária, os pés batendo um repique na superfície de madeira.

Ma Cho reconheceu algumas das mulheres. Eram criadas do palácio; durante anos as vira entrando e saindo do forte, descendo com arrogância a rua com os pés calçados de chinelos, os longyis repuxados delicadamente acima dos tornozelos. Estavam correndo agora, tropeçando na poeira sem pensar na roupa. Carregavam trouxas de pano, sacos, até mobília; algumas curvadas como lavadeiras a caminho do rio. Ma Cho saju correndo para a rua e deteve uma das mulheres.

— O que estão fazendo? O que aconteceu?

— Os soldados... estão saqueando o palácio. Estamos tentando salvar alguma coisa para nós.

As mulheres desapareceram e tudo se aquietou outra vez. Então, as sombras em torno do forte começaram a se agitar. Havia ondas de atividade no escuro, como o tremular de traças nos recessos de um armário embolorado. Das moradas que cercavam a cidadela, as pessoas se esgueiraram devagar. Avançaram para as muralhas, olharam desconfiadas os postos de guarda vazios. Não havia soldados à vista em lugar nenhum, nem mesmo sentinelas da guarda do palácio. Seria possível que os portões tivessem ficado desguardados? Algumas pessoas saíram para as pontes, testando o silêncio. Devagar, na ponta dos pés, começaram a avançar para a

margem distante do fosso de quase 30 metros. Chegaram ao outro lado e continuaram avançando para os portões, prontas para correr de volta ao menor perigo.

Era verdade: os guardas e sentinelas tinham ido todos embora. O palácio estava desguardado. Os intrusos deslizaram pelos portões e sumiram dentro do forte.

Ma Cho estava olhando, hesitante, a coçar o queixo. Então pegou seu da bem afiado. Enfiou o cabo de madeira na cintura, partiu para a torre funerária. As paredes do forte eram uma mancha vermelho-sangue na escuridão adiante.

Rajkumar correu atrás dela, chegou à ponte à frente de uma multidão que avançava. Era a mais frágil das pontes do forte, estreita demais para a massa que estava tentando se afunilar por ela. Irrompeu uma agitação de empurrões. O homem ao lado de Rajkumar viu-se andando no ar e caiu pelo lado; uma prancha de madeira girou e derrubou duas mulheres gritando dentro do fosso. Rajkumar era mais novo que a maioria das pessoas à sua volta e mais leve de corpo. Deslizou pelos corpos apertados e correu para o forte.

Rajkumar havia imaginado o forte cheio de jardins e palácios, ricamente pintados e suntuosamente dourados. Mas a rua em que se encontrou era um caminho de terra reto e estreito, ladeado de casas de madeira, não muito diferente de nenhuma outra parte da cidade. Bem em frente, ficava o palácio com sua torre de nove telhados — dava para ver o htí dourado cintilando no escuro. As pessoas lotavam a rua agora, algumas carregando tochas flamejantes. Rajkumar viu de relance Ma Cho virando uma esquina ao longe. Correu atrás dela, o longyi enrolado com força na cintura. A paliçada do palácio tinha diversas entradas, inclusive portas reservadas ao uso de criados e vendedores. Essas eram baixas nas muralhas, como buracos de rato, de forma que ninguém conseguia passar por elas sem se curvar. Numa dessas pequenas portas,

Rajkumar alcançou Ma Cho de novo, O portão logo foi forçado. As pessoas começaram a passar, como água pela boca de uma fonte.

Rajkumar ficou logo atrás de Ma Cho quando ela abriu caminho a cotoveladas pela entrada. Ela o empurrou para dentro e depois apertou-se ela própria. Rajkumar tinha a impressão de que estava caindo por um lençol perfumado. Então rolou e viu-se caído num canteiro de grama macia. Estava num jardim, pertinho de um canal cintilante: o ar, de repente, ficara claro e fresco, livre de poeira. Os portões do palácio eram voltados para o leste: era dessa direção que os visitantes cerimoniais chegavam, descendo o caminho formal que levava ao grande pavilhão ladrilhado de espelho onde o Rei recebia em audiência. No lado ocidental da paliçada — o lado mais próximo da ponte funerária — ficavam os aposentos das mulheres. Eram os salões e apartamentos que estavam agora diante de Ma Cho e Rajkumar. Ma Cho pôs-se de pé e saiu correndo, ofegante, na direção de um arco de pedra. As portas para a sala principal do palácio das mulheres estavam logo adiante, escancaradas. As pessoas pararam para tocar com os dedos os painéis cravejados de jade da porta. Um homem caiu de joelhos e começou a bater na madeira com uma pedra, tentando arrancar os ornamentos. Rajkumar passou correndo por ele, entrou no prédio, uns passos atrás de Ma Cho. A câmara era muito grande e suas paredes e colunas ladrilhadas com milhares de cacos de espelho. Lâmpioes de óleo brilhavam em nichos e toda a sala parecia incendiada, cada superfície cintilando com fagulhas de luz dourada. O salão estava cheio de grande ruído, um ruído como de trabalhadores cortando e partindo, quebrando madeira e estilhaçando vidro. Por toda parte, as pessoas trabalhavam com determinação, homens e mulheres, armados de machados e das; despedaçavam caixas de oferenda ook cravejadas de pedras preciosas; arrancavam as pedras preciosas que formavam desenhos no chão de mármore; usavam anzóis de pesca para arrancar as

placas de marfim de arcas sadaik laqueadas. Armada com uma pedra, uma menina estava arrancando as barras decorativas de uma cítara em forma de crocodilo; um homem usava uma machadinha de carne para raspar o ouro da haste de uma harpa saung-gak; e uma mulher escavava furiosamente os olhos de rubi de um leão chinthe de bronze. Chegaram a uma porta que levava a uma antessala iluminada por velas. Havia uma mulher lá dentro, parada junto à janela de treliça no canto extremo.

Ma Cho arquejou.

— Rainha Supayalat! A Rainha estava gritando, sacudindo o punho.

— Saiam daqui. Saiam.

Tinha o rosto vermelho, manchado de raiva, a fúria provocada tanto por sua própria impotência como pela presença da multidão no palácio. Um dia antes, podia mandar prender uma plebeia apenas por olhar seu rosto.

Hoje, toda a ralé da cidade entrava em onda no palácio e ela estava impotente para agir contra eles. Mas a Rainha não estava nem acovardada, nem com medo, nem um pouquinho. Ma Cho caiu ao chão, as mãos juntas acima da cabeça em uma reverência shiko.

Rajkumar caiu de joelhos, incapaz de desviar os olhos. A Rainha estava vestida de seda roxa, uma roupa solta que ondulava em torno de sua barriga imensamente distendida. O cabelo estava preso em caracóis laqueados sobre a cabeça pequena e delicada; a máscara de marfim de seu rosto marcada por um único sulco escuro, produzido por uma gota de suor.

Segurava o vestido levantado acima do tornozelo, e Rajkumar observou que suas pernas estavam vestidas de seda rosada — meias, uma peça de roupa que ele nunca tinha visto antes. A Rainha fuzilou com os olhos Ma Cho caída no chão à sua frente. Em uma das mãos, Ma Cho segurava um candelabro de latão com pedestal de crisântemo.

A Rainha avançou para a mulher prostrada.

— Me dê isso. De onde pegou? Devolva. — A Rainha curvou-se rigidamente sobre a barriga inchada e tentou arrancar dela o candelabro. Ma Cho escapou de suas mãos empurrando o corpo para trás, como um caranguejo. A Rainha sibilou para ela: — Sabe quem sou eu? — Ma Cho a brindou com mais outra respeitosa genuflexão, mas não largava o candelabro. Era como se a sua determinação de conservar o butim não fosse de nenhuma forma contraditória com seu desejo de prestar homenagem à Rainha.

Apenas um dia antes, o crime de entrar no palácio teria resultado em execução sumária. Isso todos sabiam — a Rainha e todos os que formavam a multidão. Mas ontem havia passado: a Rainha lutara e fora derrotada. Que propósito havia em devolver a ela o que havia perdido? Nada daquelas coisas era dela mais: o que se podia ganhar deixando-as para os estrangeiros levarem? Ao longo de todos os anos de seu reinado, os moradores da cidade haviam odiado a Rainha por sua crueldade, a temido por sua determinação e coragem. Agora, pela alquimia da derrota, ela estava transformada aos seus olhos. Era como se passasse a existir um laço que nunca existira antes. Pela primeira vez em seu reino, ela se tornara o que uma soberana devia ser: a representante de seu povo. Todos que entraram pela porta jogaram-se ao chão em uma espontânea atitude de homenagem. Agora, quando ela estava impotente para castigá-los, eles tinham gosto em oferecer a ela demonstrações de respeito; gostavam até de ouvi-la gritar com eles.

Era bom mesmo eles fazerem a reverência shiko, e ela ralhava com todos.

Se aceitasse passivamente a derrota, nenhum deles ficaria profundamente envergonhado como estavam. Era como se estivessem confiando a ela o peso de seu próprio desafio desarticulado.

Os olhos de Rajkumar pousaram numa garota — uma das criadas da Rainha.

Era esguia, de membros compridos, com a pele exatamente do mesmo tom do pó de thanaka que usava no rosto. Tinha grandes olhos escuros e o rosto era longo e perfeito em sua simetria. Era de longe a criatura mais linda que ele já vira, de uma beleza além da imaginação.

Rajkumar engoliu para limpar a garganta, que de repente estava inchada e seca. Ela estava num canto distante da sala com um grupo de outras garotas. Ele começou a abrir caminho até ela junto da parede.

Era uma criada, adivinhou, tinha talvez 9 ou 10 anos. Dava para perceber que a menina cheia de joias ao seu lado era uma princesa. No canto, atrás delas, havia uma pilha de roupas ricamente coloridas e objetos de latão e marfim. As garotas estavam evidentemente ocupadas tentando salvar os pertences da Rainha quando foram interrompidas pela multidão.

Rajkumar olhou para o chão e viu uma caixa de marfim com pedras preciosas esquecida num canto. A caixa tinha fecho de ouro e dos lados duas pequenas alças esculpidas em forma de golfinhos saltando. Rajkumar entendeu exatamente o que tinha de fazer. Pegou a caixa do chão, atravessou a sala correndo e ofereceu para a menina esguia.

— Tome.

Ela não olhou para ele. Virou o rosto, os lábios se movendo em silêncio, como num canto.

— Pegue — disse uma das outras garotas. — Ele está dando para você.

— Tome. — Empurrou a caixa para ela outra vez. — Não tenha medo.

Ele se surpreendeu de pegar a mão dela e colocar nela a caixa, delicadamente.

— Peguei de volta, para você.

Ela deixou a mão pousar na tampa. Era leve como uma folha. Os olhos baixos foram primeiro para a tampa cravejada, depois viajaram muito devagar pelos nós escuros dos dedos dele, pelo colete manchado, subiram até seu rosto. E então os olhos dela se nublaram de apreensão e ela baixou o olhar. Ele entendeu que o mundo dela estava cercado de medo, de forma que cada passo que dava era uma aventura no escuro.

— Como é seu nome? — perguntou Rajkumar.

Ela sussurrou algumas sílabas inaudíveis.

— Doh-li? — Dolly.

— Dolly — Rajkumar repetiu. — Dolly. — Não conseguia pensar em nada mais para dizer ou que valesse a pena dizer, então repetiu o nome outra vez, mais e mais alto, até gritar: — Dolly. Dolly.

Viu um sorrisinho se insinuar no rosto dela, e então a voz de Ma Cho soou em seu ouvido.

— Soldados. Corra.

Na porta, virou-se para olhar. Dolly estava parada como a havia deixado, segurando a caixa com ambas as mãos, olhando para ele.

Ma Cho puxou seu braço.

— Por que está olhando para essa menina, seu kalaa desmiolado? Pegue o que der e corra. Os soldados estão voltando. Corra.

Gritos ecoavam pelo salão de espelhos. Na porta, Rajkumar voltou-se para fazer um gesto para Dolly, mais um sinal que um aceno. "Eu vou ver você de novo." *** A Família Real passou a noite em um dos prédios mais isolados da área palaciana, o Palácio do Jardim Sul, um pavilhão pequeno cercado por piscinas, canais e jardins rústicos. No dia seguinte, pouco depois do meio-dia, o Rei Thebaw saiu à sacada e sentou para esperar o porta-voz inglês,

coronel Sladen. O Rei estava usando o cinturão real e um gaungbaung branco, o turbante de luto.

O Rei Thebaw era de estatura mediana, com um rosto gordinho, bigode fino e olhos bem desenhados. Quando jovem, havia sido famoso por sua beleza: uma vez se disse dele que era o birmanês mais belo da terra (na verdade, ele era meio shan, uma vez que sua mãe viera a Mandalay de um pequeno principado na fronteira oriental). Foi coroado aos 20 anos de idade e nos sete anos de seu reinado não deixou o complexo do palácio nem uma vez. Esse longo confinamento produziu um terrível desgaste em sua aparência. Tinha apenas 27 anos, mas parecia estar bem avançado na meia-idade.

Ocupar o trono da Birmânia nunca fora a ambição pessoal de Thebaw.

Ninguém no reino jamais sonhara também que a coroa um dia seria dele.

Quando criança, entrara para o costumeiro noviciado do monacato budista para meninos com um entusiasmo excepcional para alguém de sua origem e linhagem. Passara vários anos no palácio-mosteiro, tendo saído apenas uma vez, a pedido de seu pai, o augusto Rei Mindon. O Rei matriculara Thebaw e alguns de seus meios-irmãos em uma escola inglesa em Mandalay.

Sob a tutela de missionários anglicanos, Thebaw aprendera um pouco de inglês e manifestara talento para o críquete.

Mas o Rei Mindon mudou de ideia, retirou os príncipes da escola e acabou expulsando os missionários. Thebaw voltara alegremente para o mosteiro na área do palácio, à vista do grande relógio de água e da casa da relíquia do dente de Buda. Passara a se distinguir no estudo da escritura e foi aprovado no difícil exame patama-byan aos 19 anos.

O Rei Mindon foi talvez o mais sábio, mais prudente Rei a ocupar o trono da Birmânia. Embora consciente dos dotes do filho, era igualmente consciente de suas limitações. "Se Thebaw um dia for Rei", observou uma vez, "o país passará para a mão de estrangeiros." Mas parecia não haver a menor possibilidade de isso acontecer. Havia 46 outros príncipes em Mandalay, cuja pretensão ao trono era tão legítima quanto a de Thebaw. A maioria deles o ultrapassava muito em ambição e habilidade política.

Mas o destino interveio, na forma familiar de uma sogra: aconteceu de a sogra de Thebaw ser também sua madrasta, a Rainha Alenandaw, uma consorte mais velha, astuta e implacável na intriga palaciana. Ela arranjou para Thebaw casar-se com três filhas suas ao mesmo tempo.

Depois, empurrou-o à frente de seus 46 rivais e instalou-o no trono. Ele não teve escolha, senão consentir em ocupar o posto: aceitar era uma alternativa mais fácil que recusar, e potencialmente menos letal. Mas houve uma surpreendente novidade, algo que desequilibrou as expectativas de todo mundo: Thebaw apaixonou-se por uma de suas esposas, a Rainha do meio, Supayalat.

De todas as princesas do palácio, Supayalat era, de longe, a mais foga e voluntariosa, a única que podia enfrentar sua mãe em esperteza e determinação. De uma mulher assim só se podia esperar indiferença no tocante a um homem de inclinação para os estudos como Thebaw. Porém ela também, contrariando os protocolos da intriga palaciana, caiu de amores por seu marido, o Rei. A ineficiente boa natureza dele parecia inspirar nela uma maternal ferocidade. A fim de protegê-lo de sua família, ela destituiu a mãe de poderes e baniou-a para um canto do palácio, junto com suas irmãs e coesposas. Em seguida, pôs-se a livrar Thebaw de seus rivais. Ordenou a morte de todos os membros da Família Real que podiam ser considerados uma ameaça a seu marido. Setenta e nove príncipes foram mortos por ordem sua,

alguns bebês recém-nascidos e alguns velhos demais para andar. Para impedir derramamento de sangue real, ela mandava que fossem enrolados em tapetes e mortos a pancada. Os corpos eram atirados no rio mais próximo.

A guerra também era em grande parte obra de Supayalat: ela é que convocara o grande conselho da terra, o Hluttaw, quando os britânicos começaram a emitir seus ultimatoss em Rangoon. O Rei era a favor do apaziguamento; o Kinwun Mmgyi, seu ministro mais confiável, fizera um apaixonado apelo pela paz e ele ficou tentado a ceder. Mas Supayalat levantou-se de seu lugar, foi lentamente até o centro do conselho.

Estava no quinto mês de gravidez, e caminhava com grande determinação, num passo lento, arrastado, mexendo os pés minúsculos não mais que poucos centímetros de cada vez, uma figura pequena e solitária naquela assembleia de nobres de turbante.

A câmara era coberta de espelhos. Ao chegar ao centro, um exército de Supayalats pareceu materializar-se em torno dela; estavam por toda parte, em cada caco de espelho, milhares de pequenas mulheres com as mãos juntas em cima da barriga grande. Ela foi até o corpulento e velho Kinwun Mingyi, escarrapachado em seu banquinho. Empurrou a barriga na cara dele e disse: "Ora, vovô, você é que devia usar saia e ter uma pedra para moer pó para o rosto." A voz dela era um sussurro, mas enchia a sala.

E agora a guerra estava terminada e ele, o Rei, estava sentado na sacada de um pavilhão de jardim, esperando a visita do coronel Sladen, um porta-voz dos conquistadores britânicos. Na noite anterior, o coronel havia procurado o Rei e lhe informado, na mais polida e discreta linguagem, que a Família Real seria levada embora de Mandalay no dia seguinte; que Sua Majestade faria bem de usar o tempo que lhe restava para se preparar.

O Rei não saía do palácio havia sete anos; não se afastara de Mandalay a vida inteira. Que preparativos faria? Era igual a se preparar para uma viagem à Lua. O Rei conhecia bem o coronel. Sladen passara anos em Mandalay como emissário britânico e visitara o palácio muitas vezes. Era fluente em birmanês e mostrara-se sempre correto em suas maneiras, às vezes afável e até amigável. Precisava de mais tempo, dissera o Rei para Sladen, uma semana, alguns dias. Que importância tinha isso agora? Os britânicos haviam vencido e ele perdido: que diferença fazia um dia ou dois? A tarde estava bem avançada quando o coronel Siaden entrou pelo caminho que levava ao Palácio do Jardim Sul, uma trilha de cascalho que serpenteava entre piscinas pitorescas e riachos cheios de peixes dourados. O Rei permaneceu sentado quando o coronel Siaden se aproximou.

Quanto tempo? — perguntou o Rei.

Sladen estava com farda completa, uma espada pendurada à cintura.

Curvou-se num lamento. Havia conferenciado longamente com o oficial no comando, explicou. O general expressara simpatia, mas tinha ordens a cumprir e estava limitado pelas responsabilidades de sua posição. Sua Majestade devia entender; se fosse por ele, Siaden, teria prazer em fazer concessões, mas a questão não estava em suas mãos, nem nas mãos de ninguém...

— Quanto tempo então? Sladen pôs a mão no bolso e tirou um relógio de ouro.

— Cerca de uma hora.

— Uma hora! Mas...

Uma guarda de honra já estava formada no portão do palácio; o Rei estava sendo esperado.

A notícia assustou o Rei.

— Que portão? — perguntou, alarmado.

Cada parte do palácio era carregada de presságios. A entrada cerimonial, auspiciosa, dava para o leste. Era por esse portão que visitantes honrosos chegavam e partiam. Durante anos, os comboios britânicos a Mandalay ficaram limitados ao humilde portão oeste. Era uma queixa de longa data. Sladen havia travado muitas batalhas com o palácio por essas finas questões protocolares. Será que agora iria se vingar forçando o Rei a sair do palácio pelo portão oeste? O Rei dirigiu um olhar apreensivo ao coronel e Sladen apressou-se em tranquilizar o Rei. Ele teria permissão de sair pelo portão leste. Na vitória, os britânicos haviam decidido ser generosos.

Sladen olhou o relógio outra vez. Havia agora muito pouco tempo e uma questão vitalmente importante ainda tinha de ser tratada: a questão da comitiva que deveria acompanhar a Família Real ao exílio.

Enquanto Siaden conferenciava com o Rei, outros oficiais britânicos tinham estado ocupados organizando uma reunião num jardim próximo. Um grande número de funcionários do palácio havia sido convocado, inclusive as criadas da Rainha e todos os outros criados que ainda permaneciam na área. O Rei Thebaw e a Rainha Supayalat ficaram olhando enquanto o coronel se dirigia a seus criados.

A Família Real estava sendo exilada, disse o coronel aos notáveis reunidos. Iriam para a Índia, para um local ainda a ser decidido. O governo britânico desejava fornecer-lhes uma escolta de atendentes e conselheiros. A questão seria resolvida convocando-se voluntários.

Fez-se um silêncio quando ele terminou, seguido por uma explosão de tosses envergonhadas, uma onda de desajeitados pigarros. Pés se arrastaram, cabeças baixaram, unhas foram examinadas. Poderosos wungyis lançaram olhares de soslaio a poderosos wundauks; altivos myowuns olhavam desajeitadamente

o chão. Muitos cortesãos reunidos nunca haviam tido outra casa além do palácio; nunca haviam acordado para um dia cujas horas não fossem ordenadas pelo levantar do Rei; nunca haviam conhecido um mundo que não tivesse como centro o hti de nove telhados dos Reis da Birmânia. A vida inteira haviam sido treinados no serviço de seu senhor.

Mas seu treinamento os ligava ao Rei só na medida em que ele incorporava a Birmânia e a soberania dos birmaneses. Não eram nem amigos do Rei, nem seus confidentes, e não estava em seu poder aliviar o peso da coroa. Os encargos do reinado eram apenas de Thebaw, a solidão não o menor deles.

O apelo de Sladen ficou sem resposta: não havia voluntários. O olhar do Rei, aquela marca de favor antes tão ansiosamente desejada, passou sem se deter pelas cabeças de seus cortesãos. Thebaw ficou impassível ao ver seus criados mais confiáveis virarem o rosto, desajeitadamente mexendo nos cinturões tsaloe dourados que marcavam sua classe.

Era assim o eclipse do poder: num momento de vivo realismo, entre o apagar de uma fantasia de governança e sua substituição pela próxima; num instante em que o mundo se liberta de suas amarras de sonhos e se revela para se apertar nas trilhas da sobrevivência e da autopreservação.

O Rei disse: — Não importa quem vem ou não. — Virou-se para Siaden: — Mas você tem de vir conosco, Siaden, já que é um velho amigo.

— Lamento, mas é impossível, Majestade — respondeu Siaden. — Meus deveres me detêm aqui.

A Rainha, parada atrás da cadeira do Rei, dirigiu um de seus olhares duros ao marido. Muito bem ele expressar belos sentimentos, mas era ela quem estava no oitavo mês de gravidez, além disso, atrelada ao cuidado de uma criança difícil e com cólicas. Como ia fazer sem criados e atendentes? Quem iria acalmar a

Segunda Princesa quando tivesse um de seus ataques de raiva? Seus olhos passearam pelo grupo e pararam em Dolly, que estava acocorada, trançando hastes de grama.

Dolly levantou os olhos e viu a Rainha olhando fixo para ela de seu lugar na sacada do pavilhão. Deu um grito e derrubou as folhas. Alguma coisa havia acontecido? A princesa estava chorando? Pôs-se de pé depressa e correu para o pavilhão, seguida por Evelyn, Augusta e diversas outras.

Siaden deu um suspiro de alívio quando as meninas subiram a escada do pavilhão. Algumas voluntárias afinal! — Então vocês vão? perguntou quando as garotas passaram correndo, só para ter certeza.

Elas pararam para olhar; Evelyn sorriu e Augusta começou a rir. Claro que iam: eram órfãs; só elas de todos os servidores do palácio não tinham nenhum outro lugar para ir, nenhuma família, nenhum meio de subsistência. O que podiam fazer senão ir com o Rei e a Rainha? Siaden olhou uma vez mais para o grupo de cortesãos e criados do palácio. Ninguém mais ia se apresentar para acompanhar o Rei? Uma única voz trêmula respondeu afirmativamente. Pertencia a um funcionário de idade avançada, o Padein Wun. Ele iria se pudesse levar junto o filho.

— Quanto tempo mais? Sladen olhou o relógio.

— Dez minutos.

Só mais dez minutos.

O Rei levou Siaden até o pavilhão e destrancou a porta. Uma cunha de luz se abriu no quarto escuro, incendiando uma cintilante exposição de ouro.

As minas de pedras preciosas mais ricas do mundo ficavam na Birmânia, e muitas pedras boas passavam a ser posse da família dominante. O Rei parou para alisar com a mão um baú cravejado de pedras que continha sua posse mais preciosa, o anel Ngamauk, com o maior e mais valioso rubi já encontrado na Birmânia. Seus

ancestrais haviam colecionado joias e pedras como precaução, uma espécie de divertimento. Era com esses balangandãs que ele teria de prover para si e sua família no exílio.

— Coronel Siaden, como isso tudo será transportado?

Sladen conferenciou rapidamente com seus colegas oficiais. Tomariam conta de tudo, garantiu ao Rei, O tesouro seria transportado sob guarda até o navio do Rei. Mas agora era hora de ir embora; a guarda de honra estava esperando.

O Rei saiu do pavilhão, ladeado pela Rainha Supayalat e por sua mãe. A meio caminho da trilha serpenteante, a Rainha virou para olhar para trás. As princesas vinham seguindo uns passos recuadas, com as criadas.

As meninas levavam seus pertences numa variedade de caixas e trouxas.

Algumas tinham flores no cabelo, algumas estavam vestidas com suas roupas mais brilhantes. Dolly caminhava ao lado de Evelyn, que levava a Segunda Princesa no quadril. As duas meninas riam, absortas, como se estivessem a caminho de uma festa.

A procissão passou devagar pelos longos corredores do palácio e pelos salões espelhados da Ala de Audiência, pela guarda de honra com as armas nos ombros e pelas continências de saudação dos oficiais ingleses.

Dois veículos esperavam no portão leste. Eram carros de bois, yethas, os veículos mais comuns das ruas de Mandalay. No primeiro carro, tinham colocado um dossel cerimonial. Quando estava a ponto de subir, o Rei notou que esse dossel tinha sete níveis, o número designado para um nobre, não os nove devidos a um Rei.

Fez uma pausa para respirar. Então os bem-falantes coronéis ingleses haviam se vingado afinal, dando ao punhal da vitória uma torcida final.

Em seu último encontro com seus antigos súditos, seria publicamente rebaixado, como um colegial fujão. Sladen adivinhara direitinho: de todas as afrontas que Thebaw podia imaginar, essa era a mais ferina, a mais odiosa.

Os carros de bois eram pequenos e não havia espaço para as criadas. Elas seguiram a pé, uma pequena procissão de órfãs muito bem vestidas, carregando caixas e trouxas.

Várias centenas de soldados britânicos alinharam-se ao lado dos carros de bois e das meninas. Estavam fortemente armados, preparados para qualquer confusão. Não se esperava que o povo de Mandalay fosse ficar sentado imóvel quando o Rei e a Rainha fossem tocados para o exílio. Havia circulado boatos de planos de manifestações e tumultos, de tentativas desesperadas de libertar a Família Real.

O Alto-Comando Britânico acreditava que esse era o momento potencialmente mais perigoso de toda a operação. Alguns haviam servido na Índia e um incidente do passado recente pesava em suas lembranças.

Nos últimos dias do levante indiano de 1857, o major Hodson havia capturado Bahadur Shah Zafar, o último dos mughais, nos arredores de Déli. O velho imperador, cego e doente, refugiara-se na tumba de seu ancestral Humayun, com dois de seus filhos. Quando chegou a hora de o major escoltar o imperador e os filhos de volta para a cidade, o povo se reuniu em grande número à margem da estrada. Essa turba foi ficando mais e mais desgovernada, cada vez mais ameaçadora. Por fim, para manter a multidão sob controle, o major ordenou a execução dos príncipes. Foram empurrados à frente da multidão e seus cérebros estourados a tiros a plena vista do público.

Esses acontecimentos estavam a menos de 28 anos no passado, sua lembrança mantida fresca nas conversas de clubes e refeitórios.

Esperava-se que nenhum evento assim ocorresse agora — mas, se ocorresse, não pegaria a escolta do Rei Thebaw desprevenida.

Mandalay tinha poucas ruas capazes de acomodar uma procissão daquele tamanho. Os carros de bois troavam devagar pelas avenidas mais largas, inclinando-se muito nas esquinas em ângulos retos. As ruas da cidade, embora retas, eram estreitas e não pavimentadas. A superfície de terra era marcada por sulcos profundos deixados pelo lavrar anual das monções.

As rodas dos carros de bois eram sólidas, cortadas de blocos inteiros de madeira. As molduras rígidas sacudiam loucamente quando passavam pelas valetas. A Rainha teve de se agachar em cima da barriga grande para impedir de se bater contra as paredes do carro.

Nenhum dos soldados, nem seus prisioneiros reais, sabia o caminho para o porto. A procissão logo perdeu o rumo no labirinto geométrico das ruas de Mandalay. Desviou-se na direção das montanhas do norte e quando o erro foi descoberto já estava quase escurecendo. Os carros voltaram, à luz de tochas embebidas em óleo.

Durante as horas do dia, os cidadãos tinham tido o cuidado de evitar as ruas: assistiram à passagem dos carros das janelas e dos telhados, a distância segura de soldados e suas baionetas. Quando o crepúsculo se fez, começaram a sair de suas casas. Protegidos pelo escuro, aderiram à procissão em pequenos grupos espalhados.

Dolly pareceu muito pequena quando Rajkumar a viu. Andava ao lado de um soldado alto com uma pequena trouxa de roupa equilibrada na cabeça. O rosto estava sujo e seu htamein tinha crostas de poeira.

Rajkumar ainda tinha algumas coisinhas que havia encontrado no palácio na noite anterior. Foi correndo a uma loja e trocou-as por dois punhados de doces de açúcar de palmeira.

Enrolou os doces numa folha de bananeira e amarrou o pacote com cordão. Correu de volta e alcançou a procissão que saía da cidade.

A frota britânica estava ancorada a 1 quilômetro e meio talvez, mas agora já estava escuro e o deslocamento era lento pelas ruas irregulares e ásperas. Com a noite, milhares de moradores de Mandalay saíram de casa. Caminhavam ao lado da procissão, mantendo distância dos soldados e suas piscinas de luz das tochas.

Rajkumar correu na frente e subiu em uma árvore de tamarindo. Quando o primeiro carro de boi apareceu, teve um relance do Rei, apenas visível pela janelinha. Estava sentado de costas eretas, os olhos fixos para a frente, o corpo oscilando com o balançar do carro.

Rajkumar abriu caminho devagar pela multidão até estar a poucos centímetros de Dolly. Manteve o passo, observando o soldado que marchava ao lado dela. O homem desviou os olhos um momento para trocar uma palavra com alguém atrás dele. Rajkumar viu sua chance: correu para Dolly e enfiou o pacote de folha de bananeira em sua mão.

— Pegue — sussurrou. — É comida.

Ela ficou olhando para ele surpresa, sem entender.

— É o menino kalaa de ontem. — Evelyn a sacudiu pelo cotovelo. — Pegue.

Rajkumar correu de volta para as sombras: estava a menos de 3 metros de Dolly, andando ao lado dela, envolto pela noite. Ela pegou o pacote, abriu e olhou os doces. Depois, estendeu o pacote na mão, ofereceu ao soldado que marchava a seu lado, O homem sorriu e sacudiu a cabeça em gentil recusa. Alguém disse alguma coisa em inglês e ele riu. Várias outras meninas riram também, inclusive Dolly.

Rajkumar ficou perplexo, até zangado. O que Dolly estava fazendo? Por que estava dando aquelas guloseimas compradas com tanto sacrifício aos próprios homens que a levavam ao cativo e ao

exílio? Mas então, devagar, a sensação inicial de traição transformou-se em alívio, até gratidão. Sim, claro, isso era o que se devia fazer; Dolly estava fazendo exatamente o que tinha de ser feito. Que propósito havia nessas garotas fazerem uma fútil demonstração de ressentimento? Como poderiam ter sucesso desafiando, se o próprio exército do reino havia sucumbido? Muito melhor esperar, e por enquanto sorrir. Dessa forma, Dolly viveria.

A menos de 1 quilômetro do porto, os soldados formaram um cordão na rua para manter o povo à distância. As pessoas começaram a subir nas árvores, a se juntar nos telhados, olhando do alto. Inesperadamente, Rajkumar encontrou Ma Cho sentada em um toco de árvore. Estava chorando e, entre um soluço e outro, contava para quem quisesse ouvir o seu encontro com a Rainha na noite anterior.

Rajkumar tentou consolá-la, passou a mão delicadamente em sua cabeça.

Nunca antes tinha visto um adulto chorar assim. Por que ela estava chorando? Levantou os olhos, como se procurasse uma resposta nos rostos em torno. Só então notou que muitos outros estavam chorando também.

Estava tão concentrado em acompanhar Dolly que prestara pouca atenção nas pessoas à sua volta. Olhou, então, para um lado e outro e viu que cada rosto estava marcado por lágrimas.

Rajkumar reconheceu diversas pessoas do saque da noite anterior. Lembrou como elas haviam atacado a mobília e escavado o piso. Agora, aqueles mesmos homens e mulheres estavam prostrados de tristeza, chorando pela perda de seu Rei e soluçando no que parecia um lamento incontrolável.

Rajkumar não conseguia entender essa tristeza. Era, de certa forma, uma criatura selvagem, ignorava que em certos lugares existem laços invisíveis conectando as pessoas umas às outras através de personificações de seus atributos comuns. Em sua

Bengala natal esses laços haviam sido rompidos por um século de conquista e não existiam mais nem como memória. Além dos laços de sangue, amizade e reciprocidade imediata, Rajkumar não reconhecia nenhuma lealdade, nenhuma obrigação, nenhum limite no âmbito do prover para si mesmo.

Reservava sua confiança e afeição para aqueles que as conquistavam com exemplos concretos e comprovada boa vontade. Uma vez conquistada, sua lealdade era dada com sinceridade, sem nenhuma daquelas condições não-expressas com que as pessoas geralmente se protegem da traição.

Nisso também ele não era diferente de uma criatura que voltara ao estado selvagem. Mas que houvesse um universo de lealdade não relacionado a si mesmo e a suas necessidades imediatas — isso era praticamente incompreensível.

Um murmúrio angustiado percorreu a turba: os prisioneiros estavam se movimentando, desciam dos carros de boi e entravam num barco. Rajkumar pulou depressa para os galhos de uma árvore próxima. O rio estava longe e tudo o que conseguia ver era um navio a vapor e uma fileira de pequenas figuras subindo por uma prancha. Era impossível distinguir os vultos. Então, apagaram-se as luzes do barco, que desapareceu no escuro.

Muitos milhares de pessoas ficaram de vigília toda a noite. O nome do vapor era Thooryia, o sol. Ao amanhecer, quando o céu clareou sobre as montanhas, ele tinha ido embora.

3



Depois de cinco dias navegando no Irrawaddy, o Thooryia entrou no rio Rangoon no quase escuro do fim da tarde. Ancorou no meio do rio, a uma boa distância do movimentado porto da cidade.

Com a primeira luz do dia seguinte, o Rei saiu para o convés, com binóculos dourados. Eram de manufatura francesa, uma herança preciosa que pertencera ao Rei Mindon. O velho Rei havia sido muito apegado àqueles binóculos, que levava sempre consigo, até no salão de audiências.

Era uma manhã fria e uma névoa opaca subira do rio. O Rei esperou pacientemente o sol queimar a neblina. Quando ficou um pouco mais rala, ele levantou o binóculo. De repente, lá estava, a visão com que sonhara toda a vida: a maciça torre do Pagode Shwe Dagon, ainda maior do que ele imaginara, o hti subindo para o céu, flutuando num leito de névoa e fogo, brilhando à luz do amanhecer. Ele havia trabalhado pessoalmente naquele hti, ajudado com as próprias mãos a dourar a cúpula, aplicando camadas de folha de ouro uma sobre a outra. O Rei Mindon é que mandara moldar o hti em Mandalay; fora enviado a Shwe Dagon em uma barcaça real. Ele, Thebaw, era noviço no mosteiro então, e todos, até os monges mais velhos, haviam disputado a honra de trabalhar no hti.

O Rei baixou o binóculo para examinar a margem. As molduras do instrumento se encheram de uma movimentada massa de coisas: paredes, colunas, carros e gente apressada. Thebaw tinha ouvido seu meio-irmão, o Príncipe Thonzai, falar de

Rangoon. A cidade foi fundada por um ancestral deles, Alaungpaya, mas poucos membros de sua dinastia puderam visitá-la. Os britânicos tomaram a cidade quando Thebaw ainda não era nascido, junto com as províncias costeiras da Birmânia. Foi então que as fronteiras do reino birmanês recuaram até quase a metade do Irrawaddy. Desde então, os únicos membros da Família Real que visitaram Rangoon foram os rebeldes e exilados, príncipes dissidentes do poder governante de Mandalay.

O Príncipe Thonzai era um desses: havia discutido com o velho Rei Mindon e fugira rio abaixo, refugiando-se na cidade dominada pelos britânicos.

Mais tarde, o príncipe foi perdoado e voltou a Mandalay. No palácio, viu-se crivado de perguntas: todo mundo queria saber sobre Rangoon. Thebaw era, então, adolescente e ouvira fascinado o Príncipe descrever os navios que se viam no rio Rangoon: juncos chineses, dhows árabes, sampans de Chittagong, clíperes americanos e veleiros de guerra britânicos. Ouvira falar do Strand e de suas mansões e edifícios de altas colunas, dos bancos e hotéis; do cais de Godwin, dos armazéns, das madeiras que margeavam a enseada Pazundaung; das ruas largas e das multidões agitadas, dos estrangeiros que circulavam pelos lugares públicos: ingleses, coiríngueses, tâmeles, americanos, malaios, bengaleses, chineses.

Uma das histórias que o Príncipe Thonzai costumava contar era sobre Bahadur Shah Zafar, o último imperador mughal. Depois de abafado o levante de 1857, os britânicos exilaram para Rangoon o imperador deposto. Ele foi viver em uma casinha não distante do Shwe Dagon. Uma noite, o Príncipe escapuliu com alguns amigos e foi dar uma olhada na casa do imperador. Encontraram-no sentado na varanda, girando suas contas. Estava cego e muito velho. O Príncipe e seus amigos quiseram se aproximar dele, mas no último minuto mudaram de ideia. O que dizer para um homem assim? Havia uma rua em Rangoon, contara o Príncipe, que tinha o nome

do velho imperador — rua Mughal. Muitos indianos moravam lá: o Príncipe dizia que havia mais indianos que birmaneses em Rangoon. Os britânicos os haviam trazido, para trabalhar nas docas e nas marcenarias, para puxar riquixás e esvaziar latrinas. Parece que não conseguiam encontrar gente nativa para esses trabalhos. E, de fato, por que os birmaneses haveriam de fazer esse tipo de trabalho? Na Birmânia, ninguém jamais passava fome, todo mundo sabia ler e escrever e a terra era distribuída a quem pedia: por que deveriam puxar riquixás e transportar dejetos noturnos? O Rei levou os binóculos aos olhos e identificou diversos rostos indianos à margem. Que vasto, que incompreensível poder, de deslocar pessoas em número tão grande de um lugar para outro — imperadores, reis, fazendeiros, portuários, soldados, cules, policiais. Por quê? Por que esse movimento furioso? Pessoas levadas de um lugar para outro, para puxar riquixás, para ficar sentadas no exílio, cegas? E para onde iria seu próprio povo, agora que fazia parte desse império? Não ia combinar com eles todo esse deslocamento. Não eram gente portátil, os birmaneses; ele sabia disso, muito bem, por si mesmo. Nunca quisera ir a lugar nenhum. No entanto, ali estava, a caminho da Índia.

Virou-se para descer: não gostava de ficar tanto tempo longe de sua cabine. Diversos valores seus haviam desaparecido, alguns naquele primeiro dia, quando oficiais ingleses os transportaram do palácio para o Thooriya. Ele indagara sobre as coisas perdidas e os oficiais se enrijeceram e pareceram ofendidos, falaram de instalar uma comissão de inquérito. Ele se deu conta de que apesar da pose e dos uniformes grandiosos, não estavam acima do roubo comum.

O estranho era que bastava eles pedirem que o Rei teria dado alegremente algumas de suas bugigangas; provavelmente teriam recebido coisas melhores do que as que pegaram — afinal, o que sabiam a respeito de pedras preciosas? Até seu anel de rubi havia desaparecido. Com as outras coisas ele não se importava

tanto — eram apenas balangandãs —, mas lamentava pelo Ngamauk.

Deviam ter deixado para ele o Ngamauk.

Ao chegar em Madras, o Rei Thebaw e sua comitiva foram levados à mansão que havia sido reservada para eles pela duração de sua permanência na cidade. A casa era grande e luxuosa, mas havia nela algo desconcertante.

Talvez fosse o contingente de soldados britânicos de aspecto feroz parado junto ao portão, ou talvez tivesse algo a ver com a multidão de curiosos espectadores que se reunia junto aos muros todos os dias. Fosse o que fosse, nenhuma das garotas se sentia à vontade ali.

Mr. Cox sempre insistia com os membros da casa para que saíssem, passeassem nos espaçosos e bem cuidados jardins (Mr. Cox era um policial inglês que os acompanhara na viagem a Rangoon e que falava bem o birmanês). Dolly, Evelyn e Augusta passearam obedientemente em volta da casa algumas vezes, mas ficavam sempre aliviadas de voltar para dentro.

Coisas estranhas começaram a acontecer. De Mandalay veio a notícia de que o elefante real tinha morrido. O elefante era branco e tão querido que era alimentado a leite humano: mães nutrizas paravam na frente dele e tiravam a blusa. Todo mundo sabia que o elefante não sobreviveria muito à queda da dinastia. Mas quem podia imaginar que fosse morrer tão depressa? Parecia um presságio. A casa ficou mergulhada em melancolia.

Sem nenhuma razão, o Rei passou a sentir muita vontade de comer carne de porco. Logo estava consumindo descontroladas quantidades de bacon e presunto. Um dia, comeu demais e ficou doente. O médico chegou com sua maleta de couro e marchou pela casa com suas botas. As garotas foram atrás dele, esfregando o chão. Ninguém dormiu essa noite.

Uma manhã, Apodaw Mahta, a velha que supervisionava as aias da Rainha, correu para fora e trepou numa árvore. A Rainha mandou as outras aias para convencê-la a descer. Passaram uma hora debaixo da árvore. Apodaw Mahta não deu atenção.

A Rainha chamou as aias de volta e mandou Dolly e as outras garotas falarem com Apodaw Mahta. A árvore era um pé de neem de folhagem muito densa. As garotas pararam em volta do tronco e olharam para cima. Apodaw Mahta estava montada numa forquilha entre dois galhos.

— Desça — disseram as garotas. — Vai escurecer logo.

— Não.

— Por que não? — Eu era um esquilo na minha última vida. Me lembro desta árvore. É aqui que eu quero ficar.

Apodaw Mahta era barriguda e tinha verrugas no rosto.

"Ela mais parece um sapo que um esquilo", Evelyn cochichou.

As meninas choraram de rir e correram de volta para dentro.

U Maung Gyi, o intérprete, saiu e brandiu o punho para ela. O Rei ia descer de seu quarto, disse ele, e trazer uma vara para bater nela.

Diante disso, Apodaw Mahta desceu correndo. Ela morava no palácio de Mandalay havia muito tempo e tinha terror do Rei.

Qualquer um saberia dizer a ela que a última coisa que o Rei faria no mundo seria sair ao jardim para bater nela com uma vara. Ele nunca saía de casa em todo o tempo que estavam em Madras. Uma vez, logo no início da estada, pedira para visitar o museu de Madras. Isso pegara Mr. Cox de surpresa e ele dissera não, bem veementemente. Depois disso, como protesto, o Rei se recusou a sair de casa.

Sentado em seu quarto, sem nada para fazer, curiosos caprichos começaram a penetrar na cabeça do Rei. Resolveu mandar fazer um imenso prato de ouro como preparação para o

nascimento de seu novo filho. O prato pesaria alguns quilos e seria incrustado com 150 de seus mais valiosos rubis. Para pagar o prato, começou a vender algumas posses. Os criados tâmiles da casa serviam de emissários.

Alguns desses empregados eram espiões e Mr. Cox logo descobriu sobre as vendas. Ficou furioso. O Rei estava desperdiçando sua fortuna, disse, e o que era pior, estava sendo enganado. Os criados estavam vendendo as coisas por um valor menor que o pedido por ele.

Isso deixou o Rei ainda mais discreto em suas ações. Ele entregou a Dolly e Evelyn joias caras e pediu que arrandassem para serem vendidas.

O resultado foi que conseguiu preços ainda mais baixos. Inevitavelmente, os ingleses descobriam tudo através de seus espiões. Declararam que não se podia confiar no Rei na questão de dinheiro e baixaram uma lei se apropriando das propriedades mais valiosas de sua família.

Uma quietude turbulenta caiu sobre a mansão. Dolly começou a notar pequenas mudanças em Evelyn, em Augusta e nas outras amigas. Seus shikos passaram a ser displicentes, começaram a reclamar de dor nos joelhos e se recusavam a ficar de quatro enquanto atendiam à Rainha. Às vezes, quando a Rainha gritava com elas, faziam-lhe carranca.

Uma noite, a Rainha acordou com sede e encontrou todas as aias dormindo ao lado de sua cama. Ficou tão zangada que atirou um lampião na parede e esbofeteou Evelyn e Mary.

Evelyn ficou muito incomodada. Disse para Dolly: — Não podem mais bater na gente quando quiserem. Não temos de ficar aqui se não quisermos.

— Como você sabe? — perguntou Dolly.

Mr. Cox me disse. Ele disse que éramos escravas em Mandalay, mas aqui nós somos livres.

Mas somos prisioneiras, não somos? Nós, não — disse Evelyn. — Só Mm e Mebya — querendo dizer o Rei e a Rainha.

Dolly pensou um pouco.

E as princesas? Foi a vez de Evelyn pensar.

— É disse ela, afinal. — As princesas são prisioneiras também.

Isso encerrou o assunto para Dolly. Onde as princesas estivessem, ela estaria também: não conseguia imaginar o que fariam sem ela.

Uma manhã, chegou um homem ao portão dizendo que vinha da Birmânia para levar de volta sua mulher. A mulher dele era Taungzin Minthami, uma das aias favoritas da Rainha. Ela havia deixado os filhos na Birmânia e eles estavam sentindo muito sua falta. Resolveu voltar com o marido.

Isso lembrou a todo mundo a única coisa que estavam tentando esquecer, que, se fosse por vontade deles, todos prefeririam voltar para casa — que nenhum deles estava ali porque queria. A Rainha começou a temer que todas as garotas quisessem ir embora, então começou a dar presentes às favoritas. Dolly foi uma das felizardas, mas nem Evelyn nem Augusta ganharam nada.

As duas garotas ficaram furiosas de serem esquecidas, e começaram a fazer comentários sarcásticos para a Rainha ouvir. A Rainha falou com o Padein Wun, que as levou para um quarto trancado, bateu nelas e puxou seus cabelos. Mas isso deixou as meninas ainda mais ressentidas. Na manhã seguinte, recusaram-se a servir a Rainha.

A Rainha resolveu que o problema estava além de solução. Convocou Mr. Cox e disse que queria mandar sete garotas de volta para a Birmânia. E ia dar um jeito de contratar criados locais.

Quando a Rainha resolvia alguma coisa, não havia o que a fizesse mudar de ideia. As sete garotas partiram na semana seguinte: Evelyn, Augusta, Mary, Wahthau, Nan Pau, Minlwin e até

Hemau, que era, de todas, a mais próxima da idade de Dolly. Dolly sempre pensara nelas como irmãs mais velhas, como sua família. Sabia que nunca mais as veria. Na manhã em que iam partir, trancou-se num quarto e não queria sair, nem para olhar a carruagem saindo pelos portões. U Maung Gyi, o intérprete, levou-as até o porto.

Quando voltou, contou que as garotas choravam ao embarcar no navio.

Foram contratados muitos novos criados, homens e mulheres, todos pessoas do lugar. Dolly agora era o último membro que restava do contingente original de Mandalay: cabia a ela ensinar à nova equipe os costumes da casa. As novas aias e criadas vinham a Dolly quando queriam saber como se faziam as coisas no palácio de Mandalay. Ela é que tinha de ensinar como fazer a reverência shiko e como se deslocar pelo quarto da Rainha de quatro no chão. No começo era muito difícil, porque não conseguia se fazer entender, então tinha de gritar cada vez mais alto e elas ficavam cada vez mais assustadas. Começavam a derrubar coisas, a quebrar cadeiras e virar mesas.

Devagar Dolly aprendeu umas poucas palavras de tâmil e de hindustâni.

Então, ficou um pouco mais fácil trabalhar com elas, mas ainda pareciam estranhamente desajeitadas e ineptas. Havia momentos em que não podia deixar de rir quando as via treinando o shiko, por exemplo, sacudindo os cotovelos e endireitando os sáris. Ou quando as via cambaleando sobre os joelhos, bufando e ofegando, ou se enrolando nas roupas e caindo de cara no chão. Dolly não entendia por que elas achavam tão difícil se deslocar sobre os joelhos e as mãos. Para ela parecia muito mais fácil do que se levantar todas as vezes que se queria alguma coisa. Era muito mais descansado desse jeito: quando não se estava fazendo nada em particular, era possível relaxar o peso nos calcanhares. Mas as

novas aias pareciam achar aquilo terrivelmente difícil. Ou derramavam tudo ao atravessar a sala ou se arrastavam tão devagar que levava meia hora para ir da porta até a cama da Rainha. Ela ficava muito impaciente, deitada de lado, olhando o copo de água deslizar pela sala como se estivesse sendo carregado por uma lesma. Às vezes gritava e isso piorava ainda mais as coisas. A aia aterrorizada caía, com bandeja e tudo, e o processo todo precisava ser retomado desde o início.

Teria sido muito mais fácil, claro, se a Rainha não insistisse tanto em observar todas as antigas regras de Mandalay — o shiko, o engatinhar, mas não queria nem falar de mudanças. Era a Rainha da Birmânia, dissera, e se não fizesse questão de ser tratada de acordo, como poderia esperar que qualquer um lhe desse o que lhe era devido? Um dia, U Maung Gyi provocou um grande escândalo. Uma das aias da Rainha entrou na sala das crianças e encontrou-o no chão com outra aia, o longyi levantado até a cintura. Em vez de fugir envergonhado, ele se virou para aquela que o descobrira e começou a bater nela. Perseguiu-a pelo corredor até o quarto do Rei.

O Rei estava sentado à mesa, enrolando um charuto. U Maung Gyi pulou em cima da aia quando ela entrou correndo. Ela tropeçou e agarrou a toalha.

Voou tudo pelos ares: havia tabaco por toda parte. O Rei espirrou e continuou espirrando aparentemente durante horas. Quando finalmente parou, estava mais zangado do que jamais o tinham visto antes. Isso significava mais partidas.

Com a aia chefe achando que era um esquilo e outra despachada para a Birmânia, a Rainha agora tinha muito poucas aias em quem confiar.

Resolveu arranjar uma governanta inglesa. Mr. Cox encontrou uma para ela, Mrs. Wright. Ela parecia agradável e simpática até, mas sua chegada levou a novos problemas. Ela não fazia shiko e não se punha de quatro para servir à Rainha. A Rainha

apelou para Mr.Cox, mas o inglês veio e ficou do lado de Mrs. Wright. Ela podia curvar-se, disse ele, da cintura para cima, mas não precisava fazer shiko e com certeza não ia engatinhar. Era uma inglesa.

A Rainha aceitou essa norma, mas isso não aproximou Mrs. Wright dela.

Começou a confiar cada vez mais num massagista birmanês que, de alguma forma, havia se ligado à comitiva real. Ele era muito bom com as mãos e conseguia acabar com as dores da Rainha. Mas o médico inglês descobriu e armou uma grande confusão. Disse que o homem tocava Sua Alteza em pontos não saudáveis. A Rainha resolveu que ele estava louco e declarou que não ia mandar embora o massagista. O médico retaliou recusando-se a continuar tratando dela.

Felizmente, o trabalho de parto da Rainha foi muito curto e o parto rápido e sem complicações. A criança era uma menina e foi chamada de Ashin Hteik Su Myat Paya.

Todo mundo ficou nervoso, porque sabiam o quanto a Rainha queria um menino. Mas a Rainha os surpreendeu. Estava contente, disse: uma menina seria mais capaz de suportar as dores do exílio.

Durante algum tempo, Mandalay virou uma cidade de fantasmas.

Depois da invasão britânica, muitos soldados do Rei escaparam para o campo com suas armas. Começaram a agir independentemente, realizando ataques aos ocupantes, às vezes materializando-se dentro da cidade à noite. Os invasores responderam encurtando a rédea. Havia reuniões, execuções, enforcamentos. O som dos tiros de rifle ecoavam pelas ruas; as pessoas se trancavam em suas casas e ficavam longe do bazaar. Dias inteiros se passaram sem que Ma Cho tivesse um pedido para acender seu fogo.

Uma noite, invadiram a barraca de Ma Cho. Juntos, Rajkumar e Ma Cho conseguiram repelir os invasores. Mas fizeram danos consideráveis; ao acender o lampião, Ma Cho descobriu que a maioria de suas panelas, caçarolas e utensílios havia sido ou roubada ou destruída. Começou a gritar, alarmada.

— O que eu vou fazer? Para onde eu vou? Rajkumar acorreu-se a seu lado.

— Por que não fala com SayaJohn? — sugeriu. — Quem sabe ele pode ajudar.

Ma Cho deu um ronco de choro desgosto.

— Não me fale de Saya John. Para que serve um homem que nunca está perto quando a gente precisa? — Começou a soluçar, as mãos cobrindo o rosto.

Rajkumar sentiu-se encher de ternura.

— Não chore, Ma Cho. — Passou a mão desajeitada pela cabeça dela, penteou os cabelos anelados com as unhas.

— Pare, Ma Cho. Pare.

Ela assoou o nariz e endireitou o corpo.

— Tudo bem — disse bruscamente. — Não é nada.

— Tateou no escuro, encontrou o longyi dele, inclinou-se e enxugou as lágrimas do rosto.

Muitas vezes antes, os ataques de choro de Ma Cho haviam terminado assim, com ela enxugando o rosto na roupa de algodão dele. Mas dessa vez, quando os dedos dela puxaram o tecido solto, o roçar do pano produziu um novo efeito em Rajkumar.

Sentiu subir um resplendor de calor dentro do corpo e então, involuntariamente, sua pelve projetou-se para a frente, na direção dos dedos dela, no momento em que estava fechando a mão. Sem nada perceber, Ma Cho esfregou o punhado de pano languidamente no rosto, alisando as faces, batendo nos sulcos ao lado da boca e dando pancadinhas nas órbitas. Parado junto dela, Rajkumar oscilou, girando os quadris para acompanhar o

movimento de suas mãos. Só quando ela estava passando a ponta do pano entre os lábios semiabertos foi que o tecido o traiu.

Entre as camadas de pano amassado, agora molhado e grudento, ela sentiu uma inconfundível coisa dura tocando os cantos macios de sua boca.

Apertou mais, repentinamente alerta, e deu ao pano amassado um puxão, para experimentar. Rajkumar respirou fundo, arqueou as costas.

— Ah? — gemeu ela. Então, com surpreendente habilidade, uma de suas mãos desfez o nó do longyi dele e abriu o pano; a outra o fez ajoelhar. Ela abriu as pernas e puxou-o, ajoelhado, na direção de seu banquinho. A testa de Rajkumar estava encostada em sua face agora; a ponta do nariz enfiada no vazio abaixo do queixo. Ele sentiu o cheiro de açafrão e cebola subir do rego entre os seios dela. E, então, um relâmpago branco ofuscante estalou diante de seus olhos, sua cabeça projetou-se toda para trás, seu corpo sacudiu-se por convulsões na coluna.

De repente, ela o empurrou com um berro de nojo.

— O que eu estou fazendo? — gritou. — O que eu estou fazendo com esse menino, essa criança, esse kalaa desmiolado? — Empurrou-o de lado, escalou a escada e desapareceu em seu quarto.

Passou-se um tempo antes de Rajkumar criar coragem de dizer alguma coisa.

— Ma Cho — chamou com voz fina, trêmula. — Está zangada? — Não — veio o alarido do alto. — Não estou zangada. Quero que esqueça Ma Cho e durma. Tem de pensar no seu futuro.

Nunca falaram do que aconteceu aquela noite. Ao longo dos dias seguintes, Rajkumar quase não viu Ma Cho: ela desaparecia logo de manhã, só voltava tarde da noite. Então, uma manhã, Rajkumar acordou e entendeu que ela havia ido embora para sempre. E pela primeira vez subiu a escada para o quarto dela. A

única coisa que encontrou foi um longyi azul novo, dobrado, no meio do quarto. Entendeu que ela havia deixado aquilo para ele.

O que faria agora? Para onde iria? O tempo todo ele pensara que acabaria voltando para o sampan, para se juntar aos companheiros de barco. Mas agora, ao pensar em sua vida no barco, entendeu que não voltaria. Tinha visto muita coisa em Mandalay e desenvolvera muitas ambições novas.

Durante as últimas semanas, pensara muito naquilo que o filho de Saya John, Matthew, dissera — que a invasão inglesa havia sido provocada pela madeira de teca. Nada poderia ter sido mais precisamente calculado para se alojar numa cabeça como a de Rajkumar, ao mesmo tempo curiosa e predatória. Se os ingleses estavam dispostos a entrar em guerra por um bosque de árvores, só podia ser porque eles sabiam de alguma riqueza oculta escondida na floresta. O que seria exatamente essa riqueza, ele não sabia, mas estava claro que jamais descobriria se não fosse olhar por si mesmo.

Ao pensar nessas coisas, já caminhava depressa, se afastando do bazaar.

Então, olhou em torno para se localizar, descobriu que chegara à fachada caiada de uma igreja. Resolveu ficar ali, andando para lá e para cá na frente da porta. Circulou, esperou, e é claro que, menos de uma hora depois, viu Saya John se aproximando, de mãos dadas com o filho.

— Saya.

— Rajkumar! Então, cara a cara com Saya John, Rajkumar se viu de cabeça baixa, confuso. Como contar para ele sobre Ma Cho quando ele próprio era o culpado de fazer de Saya um corno? Foi Saya John quem falou primeiro: — Aconteceu alguma coisa com Ma Cho? Rajkumar fez que sim com a cabeça.

— O quê? Ela foi embora? — Foi, Saya.

Saya John deu um longo suspiro, virando os olhos para os céus.

— Talvez seja melhor assim — disse. — Acho que é um sinal de que chegou a hora deste pecador voltar ao celibato.

— Saya? — Deixe para lá. E o que você vai fazer agora, Rajkumar? Voltar para a Índia no seu barco? — Não, Saya — Rajkumar sacudiu a cabeça. — Quero ficar aqui, na Birmânia.

— E como vai ganhar a vida? — Você disse, Saya, que se eu quisesse um emprego era para procurar você.

Uma manhã, o Rei leu no jornal que o Vice-rei vinha a Madras. Em estado de grande excitação, mandou chamar Mr. Cox.

— O Vice-rei vem nos visitar? — perguntou.

Mr. Cox sacudiu a cabeça.

— Alteza, não fui informado de nenhum plano nesse sentido.

— Mas o protocolo exige. Os Reis da Birmânia são pares de soberanos como os reis do Sião e do Camboja e de imperadores como os da China e do Japão.

— Lamento, Alteza, que talvez seja tarde demais para fazer mudanças no itinerário do Vice-rei.

— Mas temos de falar com ele, Mr. Cox.

— O tempo do Vice-rei já está comprometido. Sinto muito.

— Mas queremos saber o que o governo pretende fazer conosco. Quando viemos para cá, nos disseram que esta não seria nossa residência permanente. Estamos ansiosos para saber onde vamos viver e quando vamos para lá.

Mr. Cox foi embora e voltou uns dias depois.

— Alteza — disse —, tenho a satisfação de informar que a questão da residência permanente sua e de sua família finalmente foi resolvida.

— Ah? — disse o Rei. — E onde deverá ser? — Um lugar chamado Ratnagiri.

— O quê? — O Rei olhou para ele, confuso. — Onde é esse lugar? — Uns 20 quilômetros ao sul de Bombaim. Um lugar

excelente, com uma bela vista do mar.

— Bela vista? O Rei mandou buscar um mapa e pediu para Mr.Cox mostrar onde ficava Ratnagiri. Mr. Cox indicou um ponto entre Bombaim e Goa. O Rei ficou completamente alarmado ao ver que o lugar era tão insignificante que nem constava do mapa.

— Mas nós preferíamos ficar numa cidade, Mr.Cox. Aqui em Madras. Ou Bombaim. Ou Calcutá. O que vamos fazer numa pequena aldeia? — Ratnagiri é sede de distrito, Alteza, não uma aldeia, de jeito nenhum.

— Quanto tempo vamos ficar lá? Quando poderemos voltar para a Birmânia? Foi a vez de Mr.Cox ficar confuso. Nunca lhe ocorrera que o Rei podia ainda abrigar esperanças de voltar à Birmânia.

Mr. Cox era um homem bom, à sua maneira áspera.

— Alteza — disse, delicadamente, em voz baixa —, o senhor deve se preparar para passar em Ratnagiri um bom tempo, um tempo considerável, temo. Talvez...

— Talvez para sempre? — Não foi o que eu disse — Mr.Cox tossiu. — De jeito nenhum. Essas não foram minhas palavras. Não, devo insistir, não foram...

O Rei se pôs de pé de repente e foi para seu quarto. Não saiu de novo durante vários dias.

Deixaram Madras um mês depois, em um vapor chamado Clive. A viagem foi muito diferente dessa vez. Viajaram ao longo da costa com o litoral quase sempre à vista. Passaram o estreito de Palk, com a ponta norte do Ceilão à vista à esquerda, e a ponta do extremo sul da Índia, o cabo Comorin, visível à direita.

Quatro dias depois de sair de Madras, o Clive embicou para uma baía ampla e ensolarada. Havia falésias de ambos os lados, uma grande praia e um rio serpenteante. A cidade ficava em um morro acima da baía; era tão cheia de coqueiros que pouco se via dela.

Passaram a noite no vapor e foram para terra na manhã seguinte. O Clive atracou em um píer que avançava muito longe pela baía rasa. Havia carros esperando por eles no final, perto de uma aldeia de pesca. O Rei foi recebido com uma salva de tiros e uma guarda de honra. Depois, os carros partiram em fila simples pelo caminho estreito, sombreado por árvores.

Havia casas de telhado vermelho de ambos os lados, com jardins de mangueiras e palmeiras arecas. Havia policiais por toda parte, contendo o povo que se reunira para olhar. Passaram por um bazaar e por uma cadeia de paredes cinzentas, por uma fileira de casernas da polícia. A estrada terminava em um grande bangalô de dois andares, situado dentro de um jardim murado. Ficava numa encosta acima da cidade, dando para a baía.

Chamava-se Casa Outram.

O Rei entrou primeiro e subiu lentamente a escada. Chegou a um quarto grande e entrou. O quarto estava mobiliado com uma mesa, uma cama e três poltronas. Dava para uma pequena sacada voltada para oeste, para o mar, O Rei percorreu os quartos devagar. Brincou com a veneziana de madeira, arranhou uma roseta de cera de vela e passou um dedo por uma marca meio apagada na parede, depois esfregou o reboco friável entre o polegar e o indicador. Havia um leve cheiro de mofo no quarto e vestígios de bolor na parede. Ele tentou gravar essas coisas na memória, pois sabia que iam desaparecer com o tempo e viria o dia em que gostaria de lembrar delas — a intensidade de seu primeiro encontro com o sítio de seu cativo, o acre cheiro de mofo e a aspereza de sua textura na pele.

Embaixo, Dolly corria pelo jardim com a Primeira Princesa, perseguindo um lagarto de cor vermelha brilhante. Ali era diferente da mansão em Madras, muito menor, porém mais aconchegante. Ali se podia correr e brincar de esconde-esconde entre os troncos dos coqueiros inclinados.

Ela chegou a uma mangueira cujos ramos atingiam a janela do andar de cima do bangalô. Talvez aquele fosse seu quarto, sua janela, com galhos arranhando o vidro.

Um sino começou a tocar num templo, em algum lugar da cidade lá embaixo.

Ela parou para escutar, olhou a encosta do jardim, além do dossel de frondes de coqueiro, na direção da larga baía cintilante. Dava para sentir cheiro de peixe secando e de incenso. Como era brilhante, como era tranquilo. Tudo parecia seguro ali, atrás das altas paredes de pedra.

O Rei começou a ouvir sinos também. Saiu para a sacada do quarto de cima. A cidade espalhava-se inteira lá embaixo, emoldurada pela expansão da baía e por dois íngremes promontórios, de ambos os lados. A vista era magnífica, bem como Mr.Cox havia dito. Ele voltou para dentro do quarto. Sentou-se em uma das poltronas e observou as fantasmagóricas sombras dos coqueiros oscilando nas paredes brancas de gesso. Nesse quarto, as horas iam se acumular como grãos de areia, até enterrá-lo.

Parte II



Ratnagiri

4



Para Rajkumar e Saya John a época movimentada do ano era quando os rios subiam. A cada poucas semanas embarcavam uma carga de sacos, engradados e caixas em um dos barcos fluviais da Frota de Vapores Irrawaddy: trêmulos vapores com rodas de remos, capitaneados, na maior parte das vezes, por escoceses, e tripulados sobretudo com khalasis de Chittagong, como o próprio Rajkumar um dia quis ser. Com o peso do rio inchado por trás, desciam depressa a corrente de Mandalay a tais velocidades que punham a perder os itinerários da frota. Ao entardecer, quando era hora de atracar, muitas vezes se viam ancorando ao lado de minúsculos povoados à margem da água, constituídos por nada mais que umas poucas cabanas de sapé, construídas em torno do pátio de uma delegacia de polícia.

Por menor que fosse a aldeia, uma feira se materializava instantaneamente em torno do vapor ancorado: ambulantes, vendedores de comida, barcos-loja, vendedores de lanches fritos e destiladores de bebida campestres acorriam com seus produtos, deliciados com a pesca de um grande cardume de clientes. Às vezes, a notícia da chegada do vapor se infiltrava até uma companhia mambembe de artistas. Ao anoitecer, com o acompanhamento de um concerto de coxares provocados pela chuva, telas de titereiros ganhavam vida nas margens, e os magros e trêmulos contornos de Bodaw e Bayin, de Minthami e do Minthagyi,

de Natkadaw e do Nan Belo emergiam das sombras, tão grandes e conhecidos como as sombras da Lua.

Saya John gostava de viajar de primeira classe, em uma cabine: seu negócio estava florescendo e tinha dinheiro para gastar. Mudou-se para uma casa grande na rua 33, em Mandalay — morada que abrigava Rajkumar, assim como todos os que estivessem de alguma forma vinculados ao seu negócio. A ocupação britânica tudo transformara: a Birmânia havia sido rapidamente integrada ao Império, convertida à força em uma província da Índia britânica. A elegante Mandalay era agora um movimentado centro comercial; os recursos estavam sendo explorados com uma energia e eficiência até então impensáveis. O palácio de Mandalay havia sido adaptado para servir aos recônditos prazeres do conquistador: a ala oeste convertida em um Clube Britânico; o Salão de Audiências da Rainha transformara-se em sala de bilhar; os salões de espelhos equipados com fileiras de exemplares de um mês atrás do Punch e do Illustrated London News; os jardins haviam sido escavados para dar lugar a quadras de tênis e de polo; um requintado mosteirinho em que Thebaw havia passado seu noviciado transformara-se em uma capela onde sacerdotes anglicanos administravam o sacramento a tropas britânicas. Mandalay, previa-se confidencialmente, ia se tornar logo mais a Chicago da Ásia; prosperidade era o destino natural de uma cidade que guardava a confluência de dois dos mais poderosos caminhos fluviais do mundo: o Irrawaddy e o Chindwin.

Saya John estava tendo ricos lucros agora, transportando suprimentos e provisões para campos de teca. Embora não fosse um homem com grande desejo de luxos, ele sentia a necessidade de se permitir uma boa noite de sono quando estava para partir em uma de suas expedições de suprimento. Uma cabine de primeira classe no convés de um vapor da Irrawaddy era, afinal, apenas um pequeno prazer.

Quanto a Rajkumar, passava suas noites a bordo no convés inferior.

Alguns membros da equipe eram rapazes da sua idade, cujo trabalho consistia em se debruçar da proa do barco, linha de prumo na mão, como ele próprio fazia, alerta para bancos de areia que mudavam de lugar, cantando as profundidades. "Ek gaz; do gaz, teen gaz..." Com eles deslizava para sua língua chíttagong, e quando o vapor parava, tiravam-no de seu catre do convés e o levavam à terra, para lhe mostrar os lugares onde iam os barqueiros à noite.

Quando chegava a hora de ir para terra no dia seguinte, Rajkumar estava de olhos vermelhos e Saya John disposto, bem alimentado e ansioso para descarregar sua mercadoria, para se pôr a caminho do campo ao qual estava indo. A primeira parte da viagem era geralmente em carro de boi.

Enfrentavam rios de lama enquanto guinchavam na direção das montanhas distantes.

Quando tudo corria conforme o planejado, essas viagens terminavam em algum minúsculo povoado do interior, com uma junta de elefantes esperando para aliviá-los da carga e deixar tudo livre para a volta. Mas muitas vezes chegavam a seu destino e ficavam sabendo que o campo adiante não podia dispor de elefantes; que teriam de encontrar seus próprios carregadores para levar a carga montanha acima. Então, também Rajkumar tinha de amarrar um saco nas costas, um pah de palha com tampa comprida e tira para a testa. A seu encargo ficavam os pequenos luxos encomendados especialmente pelos Assistentes florestais que controlavam os acampamentos das madeireiras — charutos, garrafas de uísque, latas de carne e sardinha em conserva, uma vez até uma garrafa de cristal enviada pela Rowe & Co., a grande loja de departamentos de Rangoon.

Eles partiam ao nascer do dia, com Saya John liderando a longa fila de carregadores e Rajkumar seguindo por último; subiam

lateralmente, como mulas, pelos caminhos encharcados de chuva, afundando os pés na lama vermelha, pegajosa. Era um ritual para Saya John, uma espécie de superstição, começar essas jornadas sempre em roupas europeias; capacete de explorador, botas de couro, calça cáqui. Rajkumar seguia descalço como os carregadores, usando nada além de um colete, um longyi e um chapéu de abas largas de camponês.

Porém, por mais cuidado que tomasse, a roupa de Saya John nunca durava muito intacta: o mato ganhava vida quando eles passavam, sanguessugas se desdobravam como tentáculos ao despertar com o calor dos corpos em movimento. Como era o mais pesadamente vestido do grupo, Saya John invariavelmente atraía a mais rica dessas sangrentas colheitas. A cada hora e tanto ele mandava parar. Ao lado das trilhas havia abrigos de bambu cobertos de sapê, construídos a intervalos regulares pelos lenhadores. Encolhido debaixo da cobertura gotejante, Saya John procurava nas sacolas e pescava o embrulho impermeável em que Rajkumar havia guardado seus fósforos e charutos. Acendia um charuto, tragava fundo até formar uma ponta comprida e brilhante. Depois, passeava aquilo pelo corpo, usando a brasa para soltar as sanguessugas, uma a uma.

O maior acúmulo de sanguessugas se formava nas fissuras do corpo, onde o tecido roçava na pele: as dobras e pregas conduziam as criaturas a seus destinos favoritos — axilas, virilhas, as dobras entre as pernas e as nádegas. Dentro dos sapatos, Saya John às vezes encontrava uma porção de sanguessugas, a maioria grudada na pele entre os artelhos — para uma sanguessuga, a maior das bênçãos de um corpo humano. Havia sempre algumas que explodiam sob a pressão da bota, deixando as ventosas fincadas na carne. Eram esses pontos que mais atraíam ataques de insetos, além das sanguessugas; se não se cuidasse deles, inflamavam, formavam feridas da selva, profundas e fétidas. Nesses locais, Saya

John aplicava kow-yok — uma pasta de tabaco vermelho parecida com alcatrão, espalhada em papel ou pano. O cataplasma aderiu tanto à pele que ficava grudado mesmo dentro da água, impedindo infecções e protegendo a ferida.

A cada parada, Saya John ia tirando uma peça de roupa e poucas horas depois estava vestido como Rajkumar, com nada além de um longyi e um colete.

Quase invariavelmente encontravam-se seguindo o curso de um chaung, um rápido riacho de montanha. A cada poucos minutos um tronco se arremetia pela água descendo para a planície. Ser atingido no meio da corrente por um desses velozes projéteis de duas toneladas significava ficar aleijado ou morrer. Quando a trilha mudava de uma margem do chaung para outra, colocava-se um vigia para anunciar os intervalos entre os troncos, de forma que os carregadores soubessem quando era seguro atravessar.

Muitas vezes, os troncos não vinham sozinhos, mas em grupos, dezenas de toneladas de madeira dura rolando ao mesmo tempo riacho abaixo: quando um batia no outro dava para sentir o impacto até na margem. Às vezes, um tronco encalhava nas corredeiras ou na margem e em poucos minutos formava-se um dique emaranhado na água, bloqueando a correnteza. Um após outro os troncos iam se bombardeando, aumentando o peso da madeira acumulada. O peso da massa subia até se transformar em uma força irresistível. Então, por fim, alguma coisa cedia; um tronco, de 3 metros de circunferência, estalava como um palito de fósforo. Com uma grande detonação, o dique se rompia e uma maré de madeira e água lavava as encostas da montanha.

— Os chaungs são os ventos alísios da teca — Saya John gostava de dizer.

Na estação seca, quando a terra rachava e as florestas murchavam, os riachos minguavam até virar um fio de água na encosta, mal capaz de suportar o peso de um punhado de folhas,

meros escorridos de lama entre fileiras de nebulosas poças no leito vazio. Era a época em que os madeireiros vasculhavam a floresta em busca de teca. As árvores, uma vez escolhidas, eram mortas e deixadas a secar, porque a densidade da teca é tamanha que a madeira não boia enquanto o cerne está úmido. A morte era provocada com um cinturão de incisões, cortes finos e profundos na madeira, feitos a 1 metro e meio do chão (sendo a teca, independentemente da irregularidade do terreno, regida por uma imperial retidão nos mínimos detalhes).

As árvores assassinadas eram deixadas para morrer onde estavam, às vezes durante três anos ou mais. Só depois de consideradas secas o bastante para boiar é que eram marcadas para derrubada. Era aí que vinham os machadeiros, com as armas nos ombros, olhos apertados entre as hastes para calcular o ângulo de queda de suas vítimas.

Embora mortas, as árvores emitiam grandes brados de protesto ao cair, liberando trovejantes explosões que se ouviam a quilômetros de distância, derrubando tudo o que estava em seu caminho, tramas de brotos, emaranhados de ramos. Densos bosques de bambu eram aplainados em momentos, milhares de hastes a explodir simultaneamente em mortais emissões de lascas, levantando nuvens de detritos em forma de cogumelo.

Então, os elefantes entravam em cena, conduzidos por seus guias, seus oo-sis e pe-sis, empurrando com a cabeça, tateando, levantando com as trombas. Estendiam-se cinturões de roladores de madeira no chão, e pakyeiks de mãos ágeis, especialistas em colocar correntes, corriam entre as pernas dos elefantes, prendendo arreios de aço. Quando finalmente os troncos começavam a se deslocar, era tal a fricção de sua passagem que os aguadeiros tinham de correr ao lado deles, encharcando os roladores fumarentos com baldes de água.

Arrastados para as margens dos riachos, os troncos eram empilhados e deixados à espera do dia em que os chaungs despertassem da hibernação na estação quente. Com as primeiras chuvas, as poças ao longo dos leitos mexiam-se e davam-se as mãos, subindo devagar, com a tarefa de limpar os detritos acumulados nos longos meses de seca. Então, em questão de dias, com as chuvas caindo torrencialmente, empinavam no leito, aumentavam de altura centenas de vezes: onde, uma semana antes, definhavam ao peso de gravetos e folhas, agora lançavam corrente abaixo troncos de duas toneladas como se fossem dardos emplumados.

Assim começava o trajeto dos troncos para as madeireiras de Rangoon: com elefantes a empurrá-los pelas encostas para dentro das águas espumantes dos chaungs lá embaixo. Seguindo o relevo da terra, eles abriam caminho pelos riachos-fontes para os tributários, até desembocarem por fim nos ingurgitados rios das planícies.

Em anos de chuvas parcas, quando os chaungs eram fracos demais para sustentar esses grandes pesos, os lucros das companhias madeireiras despencavam. Mas mesmo em bons anos eles eram caprichosos, castigando os donos da teca — esses riachos de montanha. No pico da estação, um único tronco encalhado podia resultar num acúmulo de 5 mil troncos ou até mais. O trato com essas águas brancas era uma ciência em si, com seu núcleo de adeptos, de equipes especiais de oo-sis e elefantes que passavam os meses de monção patrulhando a floresta sem cessar: eram os famosos bandos aunging, peritos na difícil e perigosa arte de liberar chaungs.

Uma vez, quando estavam abrigados sob um tronco cintado e moribundo de teca, Saya John deu a Rajkumar uma folha de menta para segurar em uma das mãos e uma folha caída de uma árvore na outra. Sinta as duas, disse, esfregue entre os dedos.

A teca é parente da menta, *Tectona grandis*, nascida do mesmo gênero de planta florífera, mas de um ramo feminino, presidido por aquela que é a mais suavizante das ervas, a verbena. Conta entre seus parentes mais próximos muitas outras ervas conhecidas e fragrantas — sálvia, segurelha, tomilho, lavanda, alecrim e, mais notavelmente, o manjericão sagrado, com seus muitos descendentes, verdes e roxos, de folhas lisas e ásperas, pungentes e fragrantas, amargos e doces.

Existiu uma vez, em Pegu, uma árvore de teca cujo tronco media 35 metros do chão até o primeiro galho. Imagine como seria um pé de menta se crescesse como uma planta de mais de 30 metros de altura, reta do chão, sem entortar nem desviar, o caule direito como uma linha de prumo, as primeiras folhas aparecendo quase no alto, agrupadas e espalmadas como as mãos do mergulhador que emerge da água.

A folha de menta era do tamanho do polegar de Rajkumar, enquanto a outra quase encobria uma pegada de elefante; uma era uma plantinha que servia para aromatizar a sopa, enquanto a outra vinha de uma árvore que derrubara dinastias, provocara invasões, criara fortunas, fizera surgir um novo modo de vida. No entanto, até mesmo Rajkumar, que não tinha nenhuma tendência a se permitir caprichos e luxos, tinha de admitir que entre a tênue pelugem de uma e o pelame áspero e eriçado da outra, havia um inconfundível parentesco, um elo familiar palpável.

Era pelos sinos de seus elefantes que os campos de teca se faziam conhecer. Mesmo quando isolados pela chuva ou pela distância, podia-se sempre contar que o som produzisse um efeito mágico numa fila de carregadores, alongando seus passos e animando a marcha.

Independentemente do quanto tivesse andado ou do cansaço que estivesse sentindo, o coração de Rajkumar se animava quando o acampamento surgia à vista — uma clareira de floresta

com umas poucas cabanas de sapê reunidas em torno de uma tai, uma casa de madeira comprida construída sobre pilotis.

Os campos de teca eram sempre iguais, e no entanto eram todos diferentes, nunca dois campos construídos no mesmo lugar numa e noutra estação. A primeira sensação da floresta era produzida pelos elefantes, e o resultado disso era as clareiras estarem invariavelmente marcadas por árvores desenraizadas e poços irregulares.

No centro de cada campo ficava uma tai, e ela era sempre ocupada pelo Assistente florestal, o funcionário da companhia encarregado do campo.

Aos olhos de Rajkumar, essas tais eram construções de incomparável elegância: erguidas sobre plataformas de madeira, ficavam uns 2 metros acima do chão, sobre postes de teca. Eram todas dotadas de vários cômodos grandes, um ligado ao outro, terminando numa ampla varanda, sempre orientada de forma a oferecer a melhor vista possível. Em um campo onde o Assistente florestal fosse servido por um luga-lei industrioso, a varanda da tai seria protegida por um dossel de trepadeiras floridas, com botões que brilhavam como brasas contra a estrutura de bambu. Ali sentava-se o Assistente ao anoitecer, com um copo de uísque numa das mãos e um cachimbo na outra, olhando o sol se pôr do outro lado do vale, sonhando com sua terra remota.

Eram homens distantes, pensativos, esses Assistentes. Antes de encontrar com eles, Saya John sempre se trocava, vestia as roupas europeias, uma camisa branca, calça de lona. Rajkumar ficava olhando de longe quando Saya John se aproximava da tai para gritar uma saudação, uma das mãos pousada em deferência no primeiro degrau da escada de corda. Se convidado, subia a escada devagar, colocando um pé cuidadosamente depois do outro. Seguiam-se uma sequência de sorrisos, curvaturas, saudações. Às vezes, ele

voltava em questão de minutos; às vezes, o Assistente lhe oferecia uísque e o convidava a ficar para o jantar.

Como regra geral, os Assistentes eram sempre muito corretos em suas maneiras. Mas uma vez ocorreu de um Assistente começar a censurar Saya John, acusando-o de ter esquecido alguma coisa que ele encomendara.

— Leve embora daqui essa sua cara risonha... — berrou o inglês. — Vou jogar você no inferno, Johnny China.

Na época, Rajkumar sabia muito pouco inglês, mas havia inconfundíveis raiva e desprezo na voz do Assistente. Por um momento, Rajkumar viu Saya John pelos olhos do Assistente: pequeno, excêntrico e estranhamente vestido na roupa europeia mal ajustada, a corpulência acentuada pela calça de lona remendada que caía em grossas dobras sobre os pés, o capacete de fibra precariamente equilibrado na cabeça.

Fazia três anos que Rajkumar estava a serviço de Saya John e passara a vê-lo como um guia em todas as coisas. Ferveu de indignação por seu mentor. Atravessou correndo a clareira até a tai, com a séria intenção de subir a escada e enfrentar o Assistente em sua própria varanda.

Mas, bem na hora, Saya John vinha descendo depressa, com a cara amarrada e sombria.

— Sayagyi! Quer que eu suba...? — Subir onde? — Na tai. Para mostrar a esse filho-da-mãe...

— Não seja bobo, Rajkumar. Vá procurar alguma coisa útil para fazer. — Com um ronco de impaciência, Saya John virou as costas para Rajkumar.

Iam passar a noite com o hsin-ouq, o chefe dos oo-sis do acampamento. As cabanas onde viviam os lenhadores ficavam bem atrás da tai, colocadas de forma a não atrapalhar a vista do Assistente. Eram estruturas pequenas, moradas de um ou dois cômodos sobre pilotis, todas com uma plataforma à guisa de sacada

na frente. Os oo-sis construíaam as cabanas com as próprias mãos e, enquanto moravam num campo, cuidavam do local com a maior aplicação, consertavam diariamente os buracos nos painéis de bambu, remendavam o sapê e construíaam altares para seus nats. Muitas vezes plantavam pequenas hortas, cercadas e bem organizadas em torno das cabanas, para complementar a ração seca enviada da planície. Alguns criavam galinhas ou porcos entre os pilotis das cabanas; outros represavam regatos próximos que se enchiam de peixes.

O resultado desses cuidados é que os campos de teca geralmente tinham a aparência de pequenas aldeias montanhesas, com moradas familiares aglomeradas em um semicírculo atrás da casa do chefe. Mas isso era ilusório, pois constituíaam assentamentos estritamente temporários. Um grupo de oo-sis levava apenas um dia ou dois para construir um acampamento, usando nada mais que trepadeiras, bambus recém-cortados e junco trançado. Ao fim da estação, o acampamento era abandonado à selva, para ser construído de novo no ano seguinte, em outro local.

Em todos os acampamentos era o hsin-ouq quem possuía a cabana maior, e geralmente era nessa cabana que Saya John e Rajkumar se alojavam. Sempre que estavam num acampamento, eles ficavam sentados até tarde da noite na sacada, conversando. Saya John fumava charutos e embarcava em reminiscências — sobre sua vida na Malásia e em Cingapura, sobre sua falecida esposa.

Na noite em que Saya John foi repreendido pelo Assistente, Rajkumar ficou acordado um longo tempo, olhando as luzes tremulantes da tai.

Apesar da advertência de Saya John, não conseguia deixar de lado a indignação pela atitude do Assistente.

Quando estava deslizando para o sono, Rajkumar ouviu alguma coisa sair engatinhando para a sacada. Era Saya John, armado com uma caixa de fósforos e um charuto. Rajkumar

despertou de repente e ficou tão zangado quanto havia ficado antes, ao entardecer.

— Sayagi — Rajkumar exclamou —, por que não disse nada quando o homem gritou daquele jeito? Fiquei tão bravo que queria subir na tai e ensinar uma lição para ele.

Saya John olhou para a tai do Assistente do outro lado da clareira, onde a luz ainda brilhava. A silhueta do Assistente ainda era claramente visível, recortada contra as finas paredes de junco; estava sentado numa cadeira, lendo um livro.

— Você não tem nada que ficar zangado, Rajkumar. No lugar dele, você não seria diferente, talvez fosse pior. O que me surpreende é que muitos deles não sejam como este aqui.

— Por quê, Sayagi? — Pense no tipo de vida que eles levam aqui, esses moços europeus.

Passam, na melhor das hipóteses, dois ou três anos na selva antes de enfraquecerem com a malária ou a dengue, a ponto de não poderem mais ficar longe de médicos e hospitais. A companhia sabe muito bem disso, sabe que dentro de poucos anos esses homens vão estar prematuramente envelhecidos, velhos aos 21 anos; e que vão ter de ser transferidos para escritórios na cidade. Só quando acabaram de chegar, aos 17, 18 anos, é que conseguem levar essa vida, e durante esses poucos anos a companhia tem de lucrar o máximo possível com eles. Então, são mandados de campo para campo por meses e meses, sem quase nenhuma folga entre um e outro.

Veja esse aí: me disseram que já teve uma crise séria de dengue. Ele não é muito mais velho que você, Rajkumar — tem talvez 18 ou 19 anos —, e ali está ele, doente e solitário, a milhares de quilômetros de casa, cercado de gente que não conhece, no fundo da floresta. Olhe para ele: ali está, lendo o livro, sem um traço de medo na cara.

— Você também está longe de casa, Sayagi — disse Rajkumar. — E eu também.

— Mas não estamos tão longe quanto ele. E se fosse por nossa vontade, nenhum de nós estaria neste campo; olhe o hsin-ouq, deitado em sua esteira, tonto de ópio; olhe o falso orgulho que eles têm da sua capacidade como treinadores de elefantes.

Eles pensam que, como seus pais e suas famílias sempre trabalharam com elefantes, ninguém conhece os animais como eles. No entanto, até os europeus chegarem, nenhum deles nunca tinha pensado em usar os elefantes para arrastar troncos. Os elefantes deles eram usados só em pagodes e palácios, para guerras e cerimônias. Foram os europeus que viram que os elefantes domados podiam ser postos para trabalhar para lucro humano. Todo esse modo de vida é invenção deles. Foram eles que pensaram nesses métodos de cingar as árvores, nesse jeito de deslocar troncos com elefantes, nesse sistema de fazer os troncos descerem boiando rio abaixo. Até detalhes como a estrutura e a localização destas cabanas, o projeto da tai, o uso do painel de bambu e do junco — não foram os oo-sis com sua antiga sabedoria que pensaram nessas coisas.

Tudo isso veio da cabeça de homens como aquele sentado ali na tai — esse menino que não é muito mais velho que você.

O comerciante apontou um dedo para a figura silhuetada na tai.

— Está vendo esse homem, Rajkumar? — disse. — Tem muito o que aprender com ele. Dobrar a natureza à sua vontade; fazer as árvores da terra serem Úteis para seres humanos — o que pode ser mais admirável, mais excitante que isso? É isso o que tenho a dizer para qualquer rapaz que tem a vida inteira pela frente.

Rajkumar sabia que Saya John não estava pensando nele, seu luga-lei, mas em Matthew, seu filho ausente, e a consciência disso trouxe uma súbita e surpreendente pontada de tristeza. Mas a dor

durou só um instante, e, quando desapareceu, Rajkumar sentiu-se muito mais forte e bem preparado.

Afinal de contas, ele estava ali, no acampamento — enquanto Matthew estava longe, em Cingapura.

5



Em Ratnagiri, havia muita gente que acreditava que o Rei Thebaw era sempre o primeiro a saber quando o mar havia feito uma vítima. Ele passava horas em sua sacada todos os dias, olhando o mar com seus binóculos de armação dourada. Os pescadores tinham aprendido a reconhecer os característicos brilhos gêmeos dos binóculos do Rei. Ao retornarem da noite para a baía, olhavam na direção da sacada do morro, como em busca de segurança. Nada acontecia em Ratnagiri, diziam, sem que o Rei fosse o primeiro a saber.

Porém o próprio Rei nunca mais foi visto depois daquele primeiro dia em que foi até o porto com sua família. As carruagens reais eram sempre vistas pela cidade, com suas parelhas de cavalos malhados e o cocheiro de bigodes. Mas o Rei nunca saiu com elas, ou, se saía, era impossível saber. A Família Real tinha dois gaaris — uma aranha aberta e outra carruagem leve com cortinas nas janelas. Havia rumores de que o Rei estava escondido às vezes no carro, mas ninguém podia ter certeza, por causa das cortinas de veludo pesado.

As princesas, por outro lado, eram vistas na cidade três ou quatro vezes por ano, descendo o píer de Mandvi ou no templo Bhagavati, ou nas casas dos oficiais ingleses que tinham licença de visitar. O povo da cidade as conhecia todas de vista — a Primeira, a Segunda, a Terceira e a Quarta Princesas (esta última nascida em Ratnagiri, no segundo ano do exílio do Rei).

Em seus primeiros anos na Índia, as princesas geralmente usavam roupas birmanesas — aingyis e htameins. Mas os anos foram passando e suas roupas mudaram. Um dia, ninguém mais se lembrava quando, elas apareceram de sáris — não sáris caros ou suntuosos, mas de algodão vermelho e verde, simples, do distrito. Começaram a usar o cabelo trançado e com óleo como as colegiais de Ratnagiri; aprenderam a falar marathi e hindustâni com tanta fluência como qualquer morador da cidade — agora, só com os pais falavam birmanês. Eram meninas de aspecto agradável e havia nelas algo muito direto e sem afetação. Quando passavam pelas ruas, nem baixavam os olhos, nem desviavam o olhar. Havia uma fome em seu olhar, um desejo, como se ansiassem saber como era andar pelo bazaar de Jhinjhinaka, vadiar pelas lojas e pechinchar por sáris. Iam muito alertas e eretas, absorvendo tudo, fazendo perguntas ocasionais ao cocheiro: de quem é aquela loja de sáris? Que tipo de manga é aquela naquela árvore? Que tipo de peixe é aquele pendurado naquela barraca? Mohan Sawant, o cocheiro, era um rapaz nativo, de um povoado empobrecido rio abaixo. Tinha dezenas de parentes na cidade, que trabalhavam como puxadores de riquixá, cules e tonga-wallahs: todo mundo o conhecia.

Quando chegava ao bazaar, as pessoas iam atrás dele: "Dê estas mangas para a Segunda Princesa. São mangas alfonso, do nosso quintal." "Dê este punhado de garcínia seca para a pequenininha. Vi que ela estava perguntando o que era." Os olhos das princesas tocavam todos em quem pousavam. Eram crianças: o que haviam feito para viver assim? Por que haveriam de ser impedidas de visitar as famílias locais; de fazer amizade com as crianças marathi bem educadas? Por que deviam chegar à idade adulta sem conhecer a companhia de outras além das criadas? Uma ou duas vezes por ano, a Rainha saía com suas filhas, o rosto uma máscara branca, severo e imóvel, os lábios manchados de um roxo profundo, mortal, por causa de seus charutos. As pessoas se

juntavam nas ruas para olhar quando ela passava, mas ela nunca parecia notar nada nem ninguém, sentada tão ereta como um poste, o rosto severo e imóvel.

E havia miss Dolly, com seu comprido cabelo preto e o rosto cinzelado, tão bonita como uma princesa de conto de fadas. Ao longo dos anos, todas as outras que haviam acompanhado a Família Real a Ratnagiri haviam ido embora aos poucos — as criadas, os parentes reais e os funcionários da casa. Só miss Dolly ficou.

O Rei sabia o que o povo dizia dele em Ratnagiri e, embora alarmado pelos poderes que lhe atribuíam, divertia-se com isso e ficava não pouco lisonjeado. Miudamente, ele tentava desempenhar os deveres do papel que lhe havia sido confiado. Às vezes, as mulheres subiam ao telhado, levantavam seus bebês recém-nascidos bem alto na esperança de atrair a imaginária bênção de seu olhar. Ele mantinha os binóculos voltados para essas mães crédulas durante vários minutos. Parecia uma solicitação tão pequena, por que não haveria de conceder essas pequenas coisas que estavam em seu poder? E o fato é que nem tudo que diziam a seu respeito era mentira. A questão dos barqueiros, por exemplo: todos os dias, quando saía para a sacada ao amanhecer, ele via as velas brancas quadradas da frota de pescadores colada na baía como uma fileira de selos. Os barcos eram horis, catamarãs de casco profundo com um único braço exterior, da aldeia pesqueira de Karla, na boca do rio. No fim do dia, com o sol cada vez maior ao mergulhar para o horizonte, ele via os mesmos barcos tocados pelo vento ao deslizar para dentro da baía. Nunca pensara em contar os barcos que partiam de manhã, mas de alguma forma sabia exatamente quantos havia. Um dia, quando os catamarãs estavam longe no mar, ele viu uma súbita rajada de vento soprar em cima deles. Nessa noite, quando a frota estava voltando, sabia que o número não estava certo, que estava faltando um.

O Rei mandou chamar Sawant; ele sabia que a aldeia pesqueira não ficava longe do povoado onde vivia a família do rapaz. Sawant ainda não era cocheiro nessa época: tinha apenas 14 anos e era apenas um syce, um cavaleiro.

Sawant — disse o Rei —, houve uma tormenta no mar. — Explicou o que tinha acontecido. Sawant desceu correndo o morro e a notícia chegou à aldeia pesqueira antes de os barcos atracarem. Assim começou a lenda do Rei vigilante de Ratnagiri.

Do local privilegiado de sua sacada, o Rei tinha a melhor vista do mar no distrito: era apenas natural que pudesse ver algumas coisas antes dos outros. Na baía, não longe do píer, havia uma pequena casa de barcos, um abrigo de sapê junto a um armazém. Havia uma história ligada à casa de barcos. Contava-se que um general britânico, lorde Lake, uma vez havia atacado Ratnagiri com uma unidade de tropas de elite conhecida como o Batalhão Real. Isso depois de uma longa campanha em que diversos líderes nativos haviam sido postos para correr. O lorde estava inspirado e uma noite, depois de uma longa celebração, organizou uma corrida de barcos com seus oficiais. Os barcos foram confiscados dos pescadores locais e os oficiais do Batalhão Real disputaram na baía em canoas e pirogas, remando furiosamente, animados por gritos de seus soldados. Segundo a lenda, o lorde venceu por um barco.

Em seguida, passou a ser uma espécie de tradição entre os oficiais de Ratnagiri sair remando pela baía. Outros postos na Índia ofereciam diversões como a caça ao javali e o polo; a baía era a única oferta de Ratnagiri. Ao longo dos anos, a casa de barcos adquirira o seu próprio pequeno panteão de heróicos remadores e lendas do velejamento. A mais conhecida delas era uma referente a Mr. Gibb, um rowing blue de Cambridge, funcionário distrital de grande fama. Mr. Gibb era um remador tão experiente que ficou conhecido por atravessar o canal estreito e turbulento da baía com seu barco

comprido e fino de corrida até o mar aberto. Foi o Rei que observou a primeira performance desse feito notável; foi por intermédio dele que Ratnagiri foi informada.

Era também ao Rei que os habitantes de Ratnagiri recorriam em busca de informações confiáveis sobre as próximas monções. Uma manhã por ano ele acordava e percebia um inconfundível tom mais escuro na linha que cortava ao meio sua janela. Aquele borrão no horizonte, fino como uma linha de antimônio em uma pálpebra, logo crescia e se transformava em uma muralha móvel de chuva. Pendurada no alto do morro, a Casa Outram marcava a primeira pancada de chuva de monção; a chuva caía forte na sacada; infiltrava-se por baixo da porta e pelas frestas das janelas fechadas, acumulando-se com centímetros de profundidade debaixo da cama do Rei.

— Sawant! As chuvas chegaram. Depressa. Feche as venezianas, coloque o balde e levante tudo do chão.

Minutos depois, a notícia inundava o morro.

— O Rei viu a chuva.

Formava-se uma grande movimentação lá embaixo; avós corriam para tirar os picles do sol e crianças saíam correndo alegres de casa.

Era também o Rei quem primeiro via os vapores quando entravam na baía.

Em Ratnagiri, as idas e vindas dessas naves é que marcavam a passagem do tempo, tanto quanto os tiros de canhão e as torres de relógio em outras cidades distritais. De manhã, quando se esperava um vapor, as pessoas reuniam-se em grande número no píer de Mandvi. Barcos de pesca deslizavam pela baía ao amanhecer com cargas de peixe seco. Comerciantes chegavam com carros de bois carregados de pimenta e arroz.

Ninguém esperava a chegada dos vapores com maior impaciência do que o Rei Thebaw. Apesar dos alertas dos médicos,

ele não conseguira dominar seu desejo de comer carne de porco. Como não existia carne de porco em Ratnagiri, provisões de bacon e presunto eram enviadas para ele toda semana, de Bombaim; de Goa vinham os olorosos chouriços portugueses, temperados com pimenta.

O Rei tentava como podia combater esse desejo inconveniente. Muitas vezes pensava em seu distante predecessor, o Rei Narathihapati da Birmânia, famoso glutão de carne de porco. Pela infâmia de abandonar sua capital aos exércitos de Kubilai Khan, Narathihapati ganhara o vergonhoso e imorredouro título de "O Rei que fugiu dos chineses". Sua própria esposa e filho deram a ele o veneno que acabou com sua vida, O gosto por carne de porco não era um bom presságio para um rei.

O Rei geralmente localizava o vapor quando ainda estava em alto-mar, a uma hora e tanto do píer.

— Sawant! O barco! Em questão de minutos, o cocheiro estava a caminho no carro envidraçado.

A carruagem passou a ser o arauto do vapor. As pessoas não precisavam mais esperar o dia inteiro no píer: a carruagem descendo era um claro aviso da chegada do vapor. Dessa forma, o encargo de marcar o tempo passou lentamente dos vapores para a carruagem preta com a crista de pavão: era como se o próprio tempo tivesse passado à guarda de Thebaw.

Invisível em sua sacada, Thebaw transformou-se no espírito guardião da cidade, rei de novo.

No ano em que Dolly completou 15 anos, houve uma epidemia de peste no litoral. Ratnagiri foi atingida com especial dureza. Fogueiras queimavam dia e noite no crematório. As ruas ficaram vazias. Muita gente saiu da cidade; outros se trancaram em suas casas.

A Casa Outram estava situada a uma distância da epidemia, longe o bastante dos principais centros da população para estar

livre do contágio. Mas à medida que o terror se espalhava pelo distrito, ficou evidente que o isolamento não deixava de apresentar seus perigos: a Casa Outram encontrava-se sitiada pelo abandono, O bangaló não tinha encanamento, nem fornecimento de água. As privadas tinham de ser esvaziadas diariamente por varredores; a água tinha de ser levada para cima em baldes de um regato próximo. Mas, com a epidemia de peste, os varredores pararam de comparecer e os baldes dos cules estavam de boca para baixo na cozinha.

Era Dolly quem geralmente servia de intermediária entre os servidores da casa e a Família Real. Por hábito, ao longo dos anos, mais e mais das tarefas diárias foram recaindo sobre ela. Não era um trabalho fácil lidar com o batalhão de pessoas que trabalhava na casa — carregadores, cavalaria, jardineiros, aias, cozinheiros. Mesmo nos melhores momentos, Dolly tinha dificuldade para achar criados e convencê-los a ficar, O problema é que não havia dinheiro suficiente para pagar seus salários. O Rei e a Rainha tinham vendido quase tudo o que trouxeram de Mandalay: seu tesouro estava totalmente esgotado, a não ser por alguns presentes e lembranças.

Agora, com a cidade amortecida pelo medo da doença, Dolly teve uma amostra do que seria conduzir a casa sem ajuda. Ao fim do primeiro dia, as privadas estavam produzindo um fedor insuportável, os tanques estavam se esvaziando e não havia água nem para lavar, nem para se banhar.

Os únicos criados que continuaram trabalhando foram uma meia dúzia que morava na propriedade, Sawant entre eles. Sawant havia subido rapidamente da posição de syce para a de cocheiro, e sua impassibilidade e alegria conferiam-lhe certa autoridade, apesar da juventude. Nos momentos de crise, era para ele que todos se voltavam.

Desde os primeiros dias, com a ajuda de Sawant, Dolly conseguiu garantir que os tanques do quarto da Rainha fossem mantidos cheios. Mas não havia água para o Rei e as privadas estavam quase inutilizáveis. Dolly apelou para Sawant: — Faça alguma coisa, Mohanbhai, kuchh to karo.

— Espere.

Sawant encontrou uma solução: se a Rainha permitisse que os criados da casa construíssem abrigos temporários em torno dos muros da casa, eles estariam a salvo do contágio. Voltariam ao trabalho e, além disso, estariam sempre disponíveis para fazer seu trabalho. Não seria mais preciso ter mensageiros correndo para lá e para cá entre a cidade e a casa, para convocar o cozinheiro ou a aia; não haveria mais ameaças de ir embora. Seriam uma pequena aldeia independente, no alto do morro.

Dolly apertou o braço dele, agradecida.

— Mohanbhai! Pela primeira vez em muitos dias, ela pôde respirar de novo. Como ele era confiável, sempre com uma solução à mão.

O que fariam sem ele? Mas agora, como conseguir a permissão da Rainha? Ela estava sempre reclamando que a casa era pequena, apertada, parecia muito uma cadeia. O que iria dizer diante da perspectiva de ter uma equipe inteira se mudando da cidade para ali? Porém, o tempo estava se esgotando. Dolly foi à porta da Rainha.

— Mebya.

— Sim? Dolly levantou a cabeça do chão e sentou nos calcanhares.

— Os criados pararam de vir por causa da doença na cidade. Dentro de um ou dois dias vão fugir para o campo. Ninguém vai ficar em Ratnagiri.

Logo não vai haver mais água na casa. As privadas vão transbordar. Vamos ter de carregar nossa sujeira para baixo nós

mesmos. Mohanbhai disse assim: por que não permitimos que os outros construam uns quartos em volta da casa, do lado de fora do muro? Quando o medo passar, eles vão embora. Isso resolve tudo.

A Rainha desviou os olhos da menina ajoelhada e olhou pela janela. Ela também estava cansada de lidar com criados — canalhas, canalhas ingratos, o que mais se podia dizer deles? Quanto mais se dava, mais eles pareciam querer — é, até os bons, como essa menina, Dolly. Por mais que recebessem, sempre havia mais alguma coisa, mais outra exigência — mais roupas, mais um colar. E quanto ao resto, os cozinheiros, varredores, aias, por que pareciam mais difíceis de se encontrar a cada ano que passava? Bastava sair na rua para ver milhares de pessoas paradas, olhando, sem nada para fazer além de perder tempo à beira da rua. E, no entanto, quando chegava a hora de encontrar criados dava para pensar que se vivia em um mundo de fantasmas.

E agora, com essa doença se espalhando, eles com certeza iam morrer aos milhares. E daí, então? Os que estavam dispostos a trabalhar ficavam ainda mais raros — como elefantes brancos. Melhor deixar que se mudassem enquanto ainda dava tempo. Era verdade o que dizia a menina: seria mais seguro tê-los no morro, bem longe da cidade. Senão, poderiam muito bem trazer a doença para dentro da casa. E haveria vantagens para compensar a feiura. Estariam disponíveis ao chamado sempre que preciso, dia e noite.

A Rainha virou-se para Dolly.

— Está decidido. Deixe que construam seus abrigos no morro. Diga para Sawant comunicar a eles que podem ir em frente.

Dias depois, uma basti surgiu em torno da casa, um assentamento de barracos e cabanas. Nos banheiros da Casa Outram a água começou a correr, as privadas estavam limpas de novo. Os assentados da basti agradeciam diariamente à Rainha. Agora era a vez dela ser divinizada: da noite para o dia, transformou-se numa deusa guardiã, protetora dos desafortunados,

uma devi encarnada que havia resgatado centenas da destruição da peste.

Depois de um mês, a epidemia cedeu. Havia então umas cinquenta famílias vivendo em torno da casa. Elas não mostravam sinais de voltar para suas velhas casas nas congestionadas alamedas da cidade: era muito mais bonito no morro ventoso. Dolly discutiu o assunto com a Rainha e decidiram deixar os assentados ficarem.

— E se houver outra epidemia? — disse a Rainha. — Afinal, não temos certeza de que tenha terminado mesmo.

As princesas ficaram deliciadas de saber que os barracos ficariam: nunca antes tinham tido companhia da mesma idade para brincar. Agora tinham dezenas. A Primeira Princesa tinha 8 anos, a mais nova, 3. Passavam os dias correndo pelo complexo com seus novos amigos, descobrindo novas brincadeiras. Quando tinham fome, corriam para os barracos de suas amigas e pediam alguma coisa para comer; à tarde, quando estava quente demais para brincar lá fora, adormeciam no piso de terra batida das cabanas de sapê.

Quatro anos depois, houve outra epidemia de cólera.

Mais gente se mudou para o morro. Como Sawant havia previsto, a basti em torno da casa se transformou em uma pequena aldeia de verdade, com alamedas serpenteantes e lojas nas esquinas. As moradas não consistiam mais apenas de choças e barracos: começaram a aparecer casas de tijolos, uma a uma. Mas o novo assentamento não tinha esgotos, nem outras facilidades. Quando o vento virava, um cheiro de excremento e lixo dominava a Casa Outram, soprando das ravinas do outro lado da encosta.

Um funcionário distrital inglês preocupou-se com a educação das princesas e arranjou a contratação de uma governanta inglesa. Só uma das princesas demonstrou aptidão para o estudo, a mais nova. Foram ela e Dolly que mais aproveitaram a estada da governanta. Ambas ficaram rapidamente fluentes em inglês e Dolly

chegou mesmo a começar a pintar aquarelas. Mas a governanta não durou muito. Ficou tão indignada com as condições de cativo da Família Real que entrou em choque com os funcionários britânicos. Enfim, teve de ser mandada de volta à Inglaterra.

As princesas estavam mais velhas agora, assim como suas companheiras. Às vezes, os meninos puxavam os rabos-de-cavalo das meninas e se chocavam com elas quando estavam correndo pelos pátios da casa. Cabia a Sawant assumir o papel de defensor e protetor. Ele saía da basti batendo os pés, e voltava cheio de hematomas no rosto e cortes no lábio. Dolly e as princesas se reuniam em torno dele em silencioso assombro: não precisavam perguntar para saber que as feridas tinham sido adquiridas em defesa delas.

Por essa altura, Sawant era um rapaz alto, moreno, de peito largo e bigode preto bem aparado. Era não apenas cocheiro agora, mas também porteiro. Nessa função, havia recebido para uso próprio um quarto de guarda ao lado do portão. Era um quarto pequeno, com uma janela apenas, uma cama de campanha e como único enfeite um quadro de Buda — prova da conversão de Sawant por influência do Rei.

Normalmente, o quarto de Sawant era proibido às meninas, mas elas não conseguiram ficar do lado de fora, uma vez que ele estava lá dentro cuidando das feridas adquiridas por causa delas. Achavam um jeito de se insinuar, sem ser notadas, com pratos de comida e pacotes de doces.

Numa tarde quente de julho, ao entrar no quarto de Sawant para resolver alguma questão doméstica, Dolly o encontrou dormindo em sua cama de campanha. Estava nu, a não ser por uma tanga branca, um langot de algodão, amarrado entre as pernas. Ela se sentou ao lado dele, olhou seu peito, ondulando com a respiração. Pensou em acordá-lo, estendeu a mão para seu ombro, mas em vez disso a mão pousou em seu pescoço. A pele estava

escorregadia, coberta por uma fina camada de umidade. Ela desceu o indicador pelo centro de seu peito, pela poça de suor que havia se juntado no declive, até o poço espiral do umbigo. Uma fina linha de pelos serpenteava para baixo, desaparecia nas dobras úmidas do langot de algodão. Ela tocou os filamentos com as pontas dos dedos, alisando-os para trás, ao contrário, deixando-os eretos. Ele se mexeu e abriu os olhos. Ela sentiu os dedos dele em seu rosto, desenhando a forma de seu nariz, entreabrindo seus lábios, roçando a ponta da língua, acompanhando a curva do queixo e descendo até seu pescoço. Quando os dedos chegaram a seu colo, ela deteve sua mão.

— Não.

— Você me tocou primeiro — ele desafiou.

Ela não tinha resposta. Ficou sentada quieta enquanto ele batalhava com os cordões e colchetes. Tinha seios pequenos, nascidos tarde, terminados em pequenos mamilos de botão. Havia calos ásperos nas mãos do cocheiro e os sulcos da mão raspavam duro as pontas delicadas dos seios dela. Ela pousou as mãos nos lados do corpo dele e desceu pela caixa torácica. Um cacho de cabelo se soltou em sua têmpora e gotas de suor desceram circundando os fios, pingaram devagar na ponta, dentro dos lábios dele.

— Dolly, você é a garota mais linda do mundo.

Nenhum dos dois sabia o que fazer. Parecia impossível que seus membros tivessem sido feitos para se encaixar. Seus corpos deslizavam, tenteavam, raspavam. Então, de repente, ela sentiu acender-se uma grande chama de dor entre as pernas. Deu um grito alto.

Ele desenrolou o langot de algodão e limpou o sangue dela, esfregando suas coxas. Ela pegou uma ponta do pano e enxugou as manchas vermelhas de sua glândula arroxeadas. Ele tocou entre suas pernas e enxugou a púbis. Os dois sentaram-se nos calcanhares, um

de frente para o outro, os joelhos encaixados entre as pernas do outro. Ele estendeu o pano branco úmido sobre seus membros entrelaçados: o suor do sangue dela pintalgado com a opacidade de seu sêmen. Olharam o pano vivo com surpresa: aquilo era obra deles, a bandeira de sua união.

Ela voltou no dia seguinte e por muitos dias depois. Sua cama ficava num quarto de vestir no andar de cima. No quarto ao lado, dormia a Primeira Princesa. Ao lado da cama de Dolly havia uma janela e, do lado de fora, bem ao alcance, uma mangueira. Dolly passou a escapar de noite e trepar pela árvore de volta ao amanhecer.

Uma tarde, no quarto de Sawant, os dois adormeceram, suando no estrado úmido da cama dele. Um grito encheu o quarto e os dois deram um pulo, acordados. Era a Primeira Princesa, parada em cima deles, os olhos fuzilando, as mãos na cintura. No calor de sua raiva, ela havia se transformado de uma menina de 12 anos em uma mulher.

— Eu estava desconfiada e agora sei.

Mandou Dolly se vestir e sair do quarto.

— Se encontrar vocês dois juntos de novo, vou falar com Sua Majestade.

Vocês são criados. Vão ser expulsos.

Sawant, completamente nu, caiu de joelhos, juntou as mãos.

— Princesa, foi um erro, um erro. Minha família, eles dependem de mim.

Abra seu coração, Princesa. Foi um erro.

Nunca mais.

Desse dia em diante, os olhos da Primeira Princesa acompanhavam os dois onde quer que fossem. Ela contou à Rainha que tinha visto um ladrão escalando a mangueira. A árvore foi cortada e instalaram grades nas janelas.

Veio a ser decidido que os jornais de Bombaim seriam entregues na Casa Outram junto com as encomendas de carne de porco do Rei. Aconteceu de a primeira leva trazer reportagens sobre um assunto de palpitante interesse: um relato da excursão europeia do Rei Chulalangkorn, do Sião.

Era a primeira vez que um monarca asiático viajava pela Europa em uma visita oficial. A excursão durou várias semanas e ao longo desse tempo não existia outro interesse para o Rei Thebaw.

Em Londres, o Rei Chulalangkorn ficou hospedado no Palácio de Buckingham. Na Áustria, recebeu as boas vindas do Imperador Franz Joseph; ficou amigo do Rei da Dinamarca em Copenhague; foi festejado em Paris pelo presidente da França. Na Alemanha, o Kaiser Wilhelm ficou esperando numa estação até o trem chegar. O Rei Thebaw lia e relia as reportagens, até sabê-las de cor.

Não muito tempo atrás, o bisavô de Thebaw, Alaungpaya, e seu avô, Bagyidaw, haviam invadido o Sião, esmagado os exércitos, destronado os governantes e saqueado Ayutthaya, a cidade principal. Em seguida, os nobres derrotados escolheram novo governante e Bangkok tornou-se a nova capital do país. Era por causa dos Reis da Birmânia, por causa dos ancestrais de Thebaw, por causa da dinastia Konbaung que o Sião tinha a dinastia atual e seu rei governante.

— Quando nosso ancestral, o grande Alaungpaya, invadiu o Sião Thebaw contou a suas filhas, um dia —, mandou uma carta ao Rei de Ayutthaya.

Havia uma cópia dela nos arquivos do Palácio. Dizia assim: "Não há rival para nossa glória e nosso carma; colocá-lo ao nosso lado é como comparar a grande águia Garuda de Vishnu com um pardal; o sol com um vaga-lume; a divina hamadriade dos céus com uma minhoca; Dhatarattha, o Rei hamsa, com um besouro rola-bosta. "Foi isso o que nosso ancestral disse do Rei do Sião. Mas

agora eles dormem no Palácio de Buckingham enquanto eu fico enterrado neste monte de esterco.

Não havia como negar a verdade daquilo. Com o passar dos anos, a Casa Outram viera a parecer cada vez mais com a favela em torno. Ladrilhos caíram e não foram recolocados. Reboco despencou das paredes, desnudando grandes porções de tijolos. Ramos de figueira se enraizaram nas rachaduras e cresceram rapidamente em brotos fortes. Dentro, o mofo subira do chão até fazer as paredes parecerem envoltas em veludo negro.

A decadência tornara-se o lema de desafio da Rainha.

— A responsabilidade pela manutenção desta casa não é nossa — disse ela.

— Eles escolheram esta casa como nosso cativo, eles que cuidem dela.

Coletores recém-chegados às vezes falavam de pôr abaixo a basti e mudar os criados de volta para a cidade. A Rainha dava risada: como eram bobos esses homens, em sua arrogância, imaginar que numa terra como a Índia conseguiriam manter uma família prisioneira em isolamento num morro.

Ora, o próprio solo se revoltava contra isso! Os raros visitantes que eram admitidos ficavam chocados com o aspecto da basti, com o cheiro de lixo e excremento, com a cortina de fumaça de lenha que pairava densa no ar. Muitas vezes, desciam de suas carruagens com um ar de atordoada surpresa no rosto, sem poder acreditar que a residência do último Rei da Birmânia se transformara no núcleo de uma favela.

A Rainha os recebia com seu sorriso orgulhoso, de lábios apertados. Sim, olhem em torno, vejam como vivemos. Sim, nós, que governávamos a terra mais rica da Ásia, reduzidos a isto. Foi isto que fizeram conosco, isto o que eles farão com toda a Birmânia. Tomaram nosso reino, prometendo estradas, ferrovias e portos, mas, grave bem minhas palavras, é assim que vai terminar. Em

poucos anos a riqueza se acabará — todas as pedras preciosas, a madeira e o óleo —, e então eles também partirão. Em nossa dourada Birmânia, onde ninguém nunca passava fome e ninguém era pobre demais para ler e escrever, tudo o que restará será desamparo e ignorância, fome e desespero. Fomos os primeiros a ser aprisionados em nome do progresso deles; milhões mais virão atrás de nós. Isso é o que nos espera a todos; assim é que iremos todos acabar — como prisioneiros, em favelas nascidas da peste. Dentro de cem anos, você lerá a acusação da ganância da Europa na diferença entre o reino do Sião e o estado de nosso reino escravizado.

6



O Irrawaddy não era o único curso de água que Saya John usava. Seu trabalho muitas vezes o levava mais longe para o leste, rio Sittang abaixo e pelos montes Shan adentro. A um dia de viagem da cidade ribeirinha de Pyinmana ficava uma aldeia chamada Huay Zedi. Muitos anos antes, quando as companhias de teca começaram a explorar esse trecho de floresta, Huay Zedi era apenas um campo de teca temporário como qualquer outro. Mas, com o passar dos anos, os acampamentos anuais foram migrando para mais e mais alto nas encostas, de forma que o negócio de fornecer-lhes suprimentos foi ficando mais difícil. Com o tempo, dadas as vantagens de sua localização, na dobra íngreme onde as montanhas se juntavam à planície, Huay Zedi passou a ser uma espécie de cruzamento para os morros. Muitos lenhadores e treinadores de elefantes que acompanharam a companhia àquelas regiões antes desabitadas escolheram se instalar na aldeia e em torno dela.

Eram muito poucos os oo-sis, pe-sis epa-kyeiks de origem birmanesa que viviam em Huay Zedi: alguns eram karen, outros karenni, uns pa-o, outros padaung, alguns kadu-kanan; havia até algumas famílias de mahouts indianos, treinadores de elefantes de Koraput, nas Ghats orientais. Os habitantes da aldeia eram reservados e tratavam pouco com a gente da planície; Huay Zedi era um lugar completo em si mesmo, parte de um novo ciclo de vida inventado pela teca.

A aldeia ficava pouco acima de uma plataforma arenosa onde um chaung havia desviado em uma larga e serpenteante curva. O regato era razoável, espalhado sobre um leito de cascalho, e ao longo de quase todo o ano a água não passava da altura do joelho — profundidade perfeita para as crianças da aldeia, que o patrulhavam o dia inteiro com pequenos arcos.

O riacho era cheio de presas fáceis, peixes de costas prateadas que circulavam pela água rasa, tontos com a súbita mudança de sua velocidade. A população residente de Huay Zedi era em grande parte feminina; durante quase todo o ano, os homens capazes da aldeia, a partir da idade de 12 anos, estavam fora, em um ou outro campo de teca encosta acima da montanha.

O assentamento era circundado por imensas árvores de tronco reto, que cresciam muito próximas umas das outras, formando uma alta muralha de folhagem. Escondidos atrás dessa muralha havia vastos bandos de periquitos e tropas de macacos — langures de cara branca e rhesus de pele de cobre. Até mesmo os ruídos domésticos normais da aldeia — o raspar de uma concha de coco na panela de metal, o guincho da roda de um brinquedo de criança — bastavam para despertar uma onda de alarme na variegada escuridão: os macacos fugiam tagarelando e os pássaros voavam dos topos das árvores numa massa ondulante, como um lençol ondulando ao vento.

As casas de Huay Zedi diferiam das casas dos acampamentos de teca apenas em tamanho e altura — em forma e aparência eram muito parecidas, construídas com materiais idênticos, bambu e vime trançado, elevadas do chão da mesma forma sobre postes de teca da altura do ombro. Poucas construções se destacavam do verde em torno: uma ponte de madeira, um pagode de paredes brancas e uma igreja de bambu e sapê encimada por uma cruz de teca pintada. Esta última era usada por um bom número de moradores de Huay Zedi, muitos dos quais eram de

procedência karen e karenni — gente cujas famílias haviam sido convertidas por seguidores do missionário batista norte-americano reverendo Adoniram Judson.

Ao passar por Huay Zedi, Saya John geralmente se hospedava com uma matrona, viúva de um antigo hsin-oup, uma cristã karenni, que mantinha uma pequena loja na sacada coberta por uma trepadeira de sua tai. Essa senhora tinha um filho, Doh Say, que se transformou num dos amigos mais chegados de Rajkumar.

Doh Say era uns dois anos mais velho que Rajkumar, um rapaz tímido, desajeitado, com rosto largo, chato e um nariz de toco de charuto.

Quando Rajkumar o conheceu, ele estava empregado como um humilde sin-pa-kyeik, assistente de pa-kyeik, manipulador de correntes: os homens que cuidavam dos arreios dos elefantes e do arraste dos troncos. Doh Say era jovem e inexperiente demais para deixarem que fizesse sozinho as amarrações: seu trabalho era simplesmente suspender as pesadas correntes para seu patrão. Mas Doh Say trabalhava duro e a sério, e quando Rajkumar e Saya John voltaram na vez seguinte, encontraram-no no cargo de pa-kyeik. Um ano depois, já era pesi, ou montador de retaguarda, e trabalhava com uma manada aunging, especializada em liberar riachos.

No acampamento, Rajkumar grudava em Doh Say, seguindo seus passos, e ajudava de vez em quando, acendia um fogo, fervia uma panela de água.

Foi com Doh Say que Rajkumar aprendeu a fazer chá do jeito que os oo-sis gostavam, grosso, amargo e ácido, com uma panela que começava já cheia até a metade de folhas e era depois reabastecida com mais folhas cada vez que era enchida de novo. À tardinha, ele ajudava Doh Say a trançar paredes de junco, e à noite sentava-se na escada de sua cabana, mascava bétel e ouvia a

conversa dos oo-sis. À noite, a manada não precisava de cuidados. Os elefantes eram presos com grilhões em uma perna só e ficavam em liberdade para pastar sozinhos na selva em torno.

Era solitário o acampamento e Doh Say falava muito de sua namorada, Naw Da, uma garota no começo da adolescência, magra, desabrochando, que usava uma ninica branca bordada e um longyi tecido em casa. Iam se casar assim que Doh Say fosse promovido ao cargo de oo-si.

— E você? — Doh Say perguntava. — Não pensa em nenhuma garota? Rajkumar geralmente encolhia os ombros, mas uma vez Doh Say insistiu e ele fez que sim com a cabeça.

— Quem é? — O nome dela é Dolly.

Era a primeira vez que Rajkumar falava dela, e fazia tanto tempo que a tinha visto que mal se lembrava de seu aspecto. Ela não passava de uma criança na época, no entanto o tinha tocado como ninguém, nem nada antes. Em seus grandes olhos, cheios de medo, ele havia visto sua própria solidão virada pelo avesso, tornada visível, colada na pele.

— E onde ela mora? — Na Índia, acho. Não sei direito.

Doh Say coçou o queixo.

— Um dia você vai ter de ir atrás dela.

Rajkumar riu.

— É muito longe.

— Vai ter de ir. Não tem outro jeito.

Foi com Doh Say que Rajkumar aprendeu as muitas caras que a morte assumia para rondar a vida dos oo-sis: a víbora de Russeil, o tronco desgarrado, a investida de um búfalo selvagem. Mas o pior medo de Doh Say não tinha nada a ver com essas encarnações reconhecíveis da morte, e sim com uma forma peculiarmente vingativa dela. Era o antraz, a mais mortal das doenças do elefante.

O antraz era comum nas florestas da Birmânia Central, e as epidemias eram difíceis de impedir. A doença podia ficar em latência no mato até trinta anos. Uma trilha ou picada, aparentemente tranquila e considerada segura depois de muitos anos sem uso, podia se revelar de repente o caminho da morte. Em suas formas mais virulentas, o antraz podia matar um elefante em questão de horas. Um animal com suas presas, de 15 braços de altura, podia estar pastando tranquilamente ao entardecer e estar morto ao amanhecer. Podia-se perder uma manada de trabalho inteira de cem elefantes em questão de dias. Animais maduros valiam muitos milhares de rúpias e o custo de uma epidemia era tamanho que se fazia sentir até na Bolsa de Valores de Londres. Poucas companhias de seguro apostavam contra uma doença dessas.

A palavra antraz vem da mesma raiz de antracito, uma variedade de carvão. Quando o antraz ataca seres humanos, mostra-se primeiro em pequenas inflamações parecidas com espinhas. Essas lesões vão crescendo, aparecem pequenas manchas pretas no centro delas, pequenas pústulas como carvão em pó: daí vem o nome da doença. Quando irrompe o antraz na pele de um elefante, as lesões desenvolvem uma energia vulcânica. Aparecem primeiro nos quartos traseiros do animal; são do tamanho de um punho humano, marrom-avermelhadas. Incham depressa e, nos machos, rapidamente cobrem o estojo peniano.

Os carbúnculos são mais numerosos em torno dos quartos traseiros e quando crescem têm o efeito de fechar o ânus do animal. Elefantes consomem uma enorme quantidade de forragem e têm de defecar constantemente. O funcionamento de seu sistema digestivo não se interrompe quando a doença se instala; os intestinos continuam a produzir excremento depois da passagem excretória estar fechada e a matéria fecal não expurgada pressiona com força explosiva contra a passagem anal obstruída.

— A dor é tão grande — disse Doh Say — que um elefante doente ataca qualquer coisa na frente dele. Arranca árvores e põe abaixo paredes. As fêmeas mais dóceis viram assassinas malucas; os filhotes mais bonzinhos atacam as próprias mães.

Estavam juntos num acampamento, uma vez, quando se instalou uma epidemia. Saya John e Rajkumar estavam hospedados, como era seu costume, na casa do hsin-oup do campo, um homem pequeno, curvado, com bigode de laço de sapato. Uma noite, bem tarde, Doh Say apareceu de repente para contar ao hsin-oup que um oo-si havia desaparecido: achavam que tinha sido morto por seu próprio elefante.

O hsin-oup não conseguia entender aquilo. O elefante estava sob os cuidados de seu oo-si havia 15 anos e nunca havia causado problemas antes. Porém, pouco antes de morrer, o oo-si havia separado seu animal do resto da manada e o acorrentado a uma árvore. Ele agora estava montando guarda ao corpo dele e não deixava ninguém chegar perto. Nada disso era o que devia ser. O que estava errado? Mesmo tarde, o hsin-oup foi para a selva com Doh Say e alguns outros. Saya John e Rajkumar resolveram ir junto.

Acontece que o Assistente encarregado do acampamento estava fora por alguns dias, hospedado com seus colegas da companhia, em Prome. Em sua ausência, não havia armas de fogo no acampamento. Os oo-sis estavam armados apenas com suas tochas e as armas de sempre: lanças e facões das.

De longe, Rajkumar ouviu o elefante. O barulho foi ficando muito alto quando se aproximaram. Muitas vezes antes, Rajkumar havia ficado perplexo com o volume de som que um único elefante era capaz de produzir: o trombetear, os guinchos, a flatulência, o esmagar de brotos e mato. Mas isto era alguma coisa diferente da barulheira usual da hora de comer: havia uma nota de dor que atravessava os outros sons costumeiros.

Chegaram à cena e descobriram que o elefante havia aberto um grande espaço em torno de si, achatando tudo em seu alcance.

O oo-si morto estava debaixo de uma árvore, ferido, ensanguentado, a ou 2 metros apenas da pata acorrentada do elefante.

Saya John e Rajkumar ficaram olhando de longe, enquanto o hsin-ouq e seus homens circundavam a fêmea enfurecida, tentando perceber o que tinha acontecido de errado. Então o hsin-oup deu um grito e levantou a mão para apontar a anca do animal. Embora à penumbra das tochas, Rajkumar viu claramente que havia inchaços no traseiro do elefante, de cor vermelho-vivo.

Imediatamente o hsin-ouq e seus homens viraram nos calcanhares e mergulharam de cabeça na floresta, voltando depressa pelo mesmo caminho por que tinham vindo.

— Sayagyi, o que foi? Por que estão fugindo? Saya John corria pelo mato baixo, tentando manter à vista as tochas dos oo-sis.

— Por causa do antraz, Ralkumar — Saya John disse, sem fôlego, por cima do ombro.

— O quê, Saya? — Antraz.

— Mas, Saya, por que eles não pegaram o corpo? — Ninguém pode chegar perto do animal agora de medo do contágio — disse Saya John. — De qualquer jeito, eles têm coisas mais urgentes em que pensar.

— Mais urgentes que o corpo do amigo deles? — Muito mais. Eles podem perder tudo: os animais, o trabalho, o ganha-pão. O homem que morreu deu a vida no esforço de impedir que seu elefante contaminasse o resto. Devem a ele agora manter a manada fora de perigo.

Rajkumar havia visto muitas epidemias virem e irem embora — de tifo, de varíola, de cólera. Havia sobrevivido até à doença que eliminara sua família: para ele, a morte era mais um risco do que um perigo, uma ameaça que tinha de ser enfrentada no

dia a dia. Achava impossível acreditar que os oo-sis fossem abandonar com tanta facilidade o corpo do companheiro.

Rajkumar riu.

— Eles correm como se tivessem um tigre atrás deles.

Diante disso, Saya John, sempre tão controlado e normal, virou para ele com súbita fúria.

— Cuidado, Rajkumar. — A voz de Saya John ficou mais lenta. — O antraz é uma peste que Deus mandou para castigar o orgulho.

Sua voz ficou mais baixa e mais grave, como sempre ficava quando citava a Bíblia: — Então disse o Senhor a Moisés e a Arão: tomai vossas mãos cheias de cinza do forno, e que Moisés a espalhe para o céu diante dos olhos de Faraó; e tornar-se-á em pó miúdo sobre toda a terra do Egito, e tornar-se-á em sarna, que arrebente em úlceras, nos homens e no gado, por toda a terra do Egito.

Rajkumar entendeu só algumas palavras disso tudo, mas o tom da voz de Saya John bastou para calar sua boca.

Voltaram para o acampamento e o encontraram quase vazio. Doh Say e os outros tinham partido e evacuaram a manada. Só ficara o hsin-ouq, à espera do Assistente. Saya John resolveu ficar para lhe fazer companhia.

Na manhã seguinte, bem cedo, voltaram ao local do acidente, O elefante doente agora estava mais quieto que antes, tonto de dor e enfraquecido pela luta com a doença. Os inchaços estavam do tamanho de abacaxis e a pele do elefante começara a rachar e partir. Com a passagem das horas as lesões ficaram maiores e as rachaduras mais fundas. Logo as pústulas começaram a vazar um líquido esbranquiçado. Pouco tempo depois, o couro do animal estava molhado com essas secreções. Fios de pus com sangue começaram a pingar para o chão. O solo em torno das patas do animal transformou-se em lama, com laivos de sangue e

secreção. Rajkumar não aguentou mais olhar. Vomitou, com o corpo dobrado na cintura, segurando o longyi.

— Se a visão disso deixou você assim, Rajkumar — disse Saya John —, imagine como deve ser para os oo-sis ver seus elefantes morrendo desse jeito. Esses homens cuidam dos animais como se fossem sua família. Mas quando o antraz chega nesse estágio, os oo-sis não podem fazer nada senão olhar enquanto essas grandes montanhas de carne se desmancham diante dos seus olhos.

O elefante doente morreu no começo da tarde. Pouco depois, o hsin-ouq e seus homens resgataram o corpo do camarada. Saya John e Rajkumar ficaram olhando de longe enquanto o corpo mutilado era levado para o acampamento.

— E eles tomaram a cinza do forno — Saya John disse, de mansinho, baixo — e puseram-se diante de Faraó, e Moisés a espalhou para o céu; e tornou-se em sarna, que arrebetava em úlceras nos homens e no gado. De maneira que os magos não podiam parar diante de Moisés, por causa da sarna; porque havia sarna nos magos, e em todos os egípcios.

Rajkumar estava ansioso para ir embora do acampamento, incomodado pelos acontecimentos dos últimos dias. Mas Saya John foi contra seus pedidos.

O hsin-ouq era um velho amigo, disse, e tinha de lhe fazer companhia até o ao-si ser enterrado e o problema terminar.

Em ocasiões normais, o funeral teria sido realizado imediatamente após a recuperação do corpo. Mas devido à ausência do Assistente florestal, surgiu um problema imprevisto. Era costume os mortos serem formalmente liberados de seus laços terrenos com a assinatura de uma nota. Em nenhum lugar esse rito era mais estritamente observado que entre os oo-sis, que viviam em risco de vida diário. A nota de liberação do morto ainda tinha de ser assinada e só o Assistente, seu empregador, podia fazer isso. Foi

enviado um mensageiro ao Assistente. Esperava-se que ele voltasse no dia seguinte com a nota assinada. Faltava apenas esperar a noite.

Ao entardecer, o campo estava praticamente deserto. Rajkumar e Saya John estavam entre os poucos que ficaram. Rajkumar passou acordado um longo tempo na sacada do hsin-ouq. O luga-lei do Assistente acendera todas as luzes e, na escuridão da selva, havia uma sinistra grandeza na tai vazia.

Tarde da noite, Saya John saiu na sacada para fumar um charuto.

— Saya, por que o hsin-ouq tem de esperar tanto para o enterro? — Rajkumar perguntou, com uma nota de reclamação.

— Que mal pode haver, Saya, se ele enterrar o morto hoje e deixar a nota para depois? Saya John tragou forte o charuto, a ponta rebrilhou vermelha em seus óculos. O silêncio foi tão longo que Rajkumar chegou a se perguntar se ele teria ouvido o que dissera. Mas quando estava para repetir, Saya John começou a falar.

— Eu estava num acampamento uma vez — disse ele — em que aconteceu um acidente infeliz e morreu um ao-si. Não era longe deste aqui, uns dois dias a pé, no máximo, e o encarregado das manadas era o nosso anfitrião, esse mesmo hsinouq. O acidente aconteceu na época mais movimentada do ano, perto do fim das chuvas. Os trabalhos da estação estavam quase no fim.

Restavam só umas pilhas mais quando um tronco muito grande ficou atravessado nas margens do chaung, obstruindo a ladeira que estava sendo usada para rolar os troncos de teca empilhados até o riacho. O tronco ficou encaixado entre dois tocos de tal forma que parou tudo: nenhum outro tronco podia ser rolado para baixo enquanto aquele não fosse removido.

"O Assistente no campo era um rapaz novo, talvez 19 ou 20 anos, e o nome dele, se bem me lembro, era McKay— McKaythakin eles diziam. Fazia só dois anos que estava na Birmânia e era a primeira estação que controlava um acampamento sozinho. A

estação tinha sido longa e dura, com a chuva caindo pesada durante muitos meses. McKay-thakin tinha orgulho da nova responsabilidade e havia se empenhado muito, passou o período das monções inteiro no campo, sem tirar nenhuma folga, sem sair nem um fim de semana. Sofreu diversos ataques de febre. Ficava tão fraco com as crises que havia dias em que não tinha força nem para subir de volta para sua tai. Aí, perto do fim da estação, prometeram para ele um mês de férias no conforto das frescas montanhas Maymyo. A companhia disse que podia sair assim que o território sob seus cuidados tivesse despachado todos os troncos que haviam sido marcados para extração. Quando foi chegando o dia da partida, McKay-thakin foi ficando mais e mais inquieto, exigindo mais e mais das equipes. O trabalho estava quase terminado quando houve o acidente.

"O bloqueio da ladeira aconteceu por volta das nove da manhã — hora em que o trabalho do dia dava uma parada. O hsin-ouq estava a postos e mandou imediatamente os pa-kyeiks atrelarem as correntes no tronco para ele ser arrastado. Mas o tronco estava encaixado num ângulo que não deixava as correntes serem presas como deviam. O hsin-ouq tentou primeiro puxar o tronco com um único macho, poderoso, mas não deu certo, e ele trouxe uma parrelha das duas fêmeas mais confiáveis. Mas todos os esforços foram inúteis: o tronco nem se mexia. Por fim, McKay-thakin foi ficando impaciente e mandou o hsin-ouq levar um elefante para baixo da encosta e soltar o tronco teimoso às cabeçadas.

"A ladeira era muito íngreme e depois de meses de troncos rolando a superfície estava esfarelado em pó. O hsin-ouq sabia que seria muito perigoso conduzir um elefante num terreno tão instável de pisar. Mas McKay-thakin estava agoniado de impaciência e, como encarregado, a opinião dele prevaleceu. Contra sua vontade, o hsin-ouq convocou um de seus homens, um jovem oo-si, que por

sinal era seu sobrinho, filho de sua irmã. O perigo da tarefa era absolutamente evidente e o hsin-ouq sabia que nenhum outro homem iria obedecer se ele mandasse descer a ladeira. Mas o sobrinho era outra história.

"Desça lá", disse o hsin-ouq, "mas tome cuidado, e não hesite em voltar." "A primeira parte da operação correu bem, mas assim que o tronco se soltou o jovem oo-si perdeu o equilíbrio e escorregou diretamente para o caminho do tronco de duas toneladas que descia rolando. Aconteceu o que era de se esperar: ele foi esmagado. O corpo não tinha nenhuma marca quando foi recuperado, mas cada osso havia sido esmagado, pulverizado.

Esse jovem oo-si, por sinal, era muito querido, tanto pelos colegas como por seu animal, uma fêmea dócil, de boa natureza, que se chamava Shwe Doke. Havia sido criada nas manadas aunging da companhia e estava aos cuidados dele fazia vários anos.

Quem conhece bem os elefantes diz que dá para perceber neles várias emoções — raiva, prazer, ciúme, tristeza. Shwe Doke ficou absolutamente desconsolada com a perda do seu tratador. Não menos triste ficou o hsin-ouq, que quase se acabou de culpa e autocensura.

"Mas o pior ainda estava para acontecer. Nessa noite, depois que o corpo foi preparado para o enterro, o hsin-ouq levou a carta de liberação de sempre para McKay-thakin e pediu a assinatura dele.

"Nessa hora, McKay-thakin não estava em seu juízo perfeito. Tinha esvaziado uma garrafa de uísque e a febre tinha voltado. Não se impressionou com os pedidos do hsin-ouq. Não tinha mais conhecimento do que lhe pediam.

"Não adiantou o hsin-ouq explicar que o enterro não podia ficar para depois, que o corpo não ia aguentar, que o homem precisava ser liberado antes dos últimos ritos. Pediu, implorou, no seu desespero chegou até a tentar subir a escada e entrar à força na

tai. Mas quando McKay-thakin o viu chegando, saiu com um copo numa das mãos e um rifle de caça pesado na outra.

Deu um tiro para o alto e gritou: "Pelo amor de Deus, não pode me deixar em paz pelo menos esta noite?" "O hsin-ouq desistiu e resolveu ir em frente com o enterro. O corpo do morto foi enterrado quando a noite estava caindo.

"Eu estava passando a noite, como sempre, na cabana do hsin-ouq. Comemos muito pouco e depois eu saí para fumar um charuto. Geralmente o acampamento está cheio e movimentado nessa hora do dia: da cozinha vem o ruído dos pratos de lata e das panelas de metal batendo, e o escuro fica todo pontilhado com as pontas acesas dos charutos dos oo-sis sentados nas suas cabanas, saboreando as últimas tragadas do dia, mascando um pedaço de bétel. Mas então vi, para minha surpresa, que não havia ninguém em volta; não dava para ouvir nada além dos sapos e corujas, e do bater de asas abafado da grande mariposa da selva. Não se ouvia nem aquele que é o ruído mais familiar e tranquilizador dos acampamentos, o tilintar dos sinos dos elefantes. Evidentemente, assim que bateram a terra em cima do túmulo do morto, todos os outros oo-sis começaram a abandonar o acampamento, levando com eles seus elefantes.

O único elefante que ainda estava no acampamento era Shwe Doke, o animal do morto. O hsin-ouq tinha se encarregado do elefante sem dono do sobrinho depois do acidente. Ela estava inquieta, ele disse, e nervosa, batendo muito as orelhas e golpeando o ar com a ponta da tromba. Isso não era nem incomum, nem inesperado, pois o elefante é, acima de tudo, uma criatura de hábitos e rotina. Uma perturbação tão violenta quanto a ausência do tratador há muito conhecido pode desequilibrar até o mais manso dos elefantes, a ponto de ele ficar perigoso.

"Como era esse o caso, o hsin-ouq tinha resolvido não deixar Shwe Doke pastar durante a noite, como era o normal. Em vez

disso, levou a fêmea para uma clareira, a menos de 1 quilômetro do acampamento, e forneceu para ela uma grande pilha de suculentos brotos de árvore. Então amarrou cuidadosamente o animal a duas imensas árvores, impossíveis de mover.

Para ter absoluta certeza de que ia ficar presa, ele usou não os grilhões leves que se punham nos elefantes durante a noite, mas as correntes de ferro pesado usadas para puxar os troncos. Era uma precaução, disse ele.

"Precaução contra o quê?", perguntei. Nessa altura, ele já estava com os olhos vidrados de ópio. Ele me deu um olhar de soslaio e disse com uma voz macia, dissimulada: "Só uma precaução." "Nessa altura, só sobravam no campo o hsin-ouq, eu e, é claro, McKay-thakin lá na tai dele. A tai estava toda iluminada, com lampiões brilhando em todas as janelas, e parecia muito alta, suspensa em seus postes de madeira de teca. A cabana do hsin-ouq era pequena em comparação e ficava muito mais perto do chão, de forma que, parado na plataforma, eu tinha de levantar a cabeça para olhar as janelas iluminadas de McKay-thakin. Enquanto eu estava ali parado, olhando, um gemido grave, vibrante, entrou pelas janelas iluminadas. Era o som de uma clarineta, instrumento que o thakin às vezes tocava à noite para passar o tempo. Que estranho ouvir aquela música lamentosa, melancólica, saindo daquelas janelas iluminadas, as notas suspensas no ar até se identificarem com o ruído noturno da selva. É assim, pensei, que um grande cruzador deve olhar os remadores de uma canoa de palmeira quando paira acima deles na noite, com o som da música do salão de baile flutuando em sua esteira.

"Não tinha chovido muito durante o dia, mas com a chegada da noite, nuvens haviam começado a se juntar no céu, e quando apaguei meu lampião e me enrolei na cobertura não havia nenhuma estrela brilhando. Logo estourou a tempestade. A chuva caiu, torrencial, um trovão ribombou para lá e para cá nos vales, ecoando

pelas encostas. Eu devia estar dormindo fazia uma hora ou duas quando acordei com uma goteira pingando pelo teto de bambu. Me levantei para puxar o colchão para um canto seco da cabana e dei uma olhada no acampamento. De repente, a tai ressaltou no escuro, iluminada por um relâmpago: os lampiões tinham se apagado.

"Estava quase dormindo de novo quando, misturado com o ruído da chuva, ouvi o som miudinho, frágil, de um tilintar distante. Estava longe, mas se aproximando com constância, e quando chegou mais perto reconheci o som inconfundível de um sino de elefante. Logo, na tensão sutil das vigas de bambu, senti as passadas pesadas, apressadas do animal.

"Está ouvindo isso?", cochichei para o hsin-ouq. "O que é?" "É a fêmea, Shwe Doke.

"Um oo-si conhece um elefante pelo sino: é perseguindo esse som que ele localiza seu animal toda manhã, depois da noite inteira pastando na floresta. Para ser bom em seu trabalho, um hsin-ouq tem de conhecer o som de todos os animais de seu rebanho; e se houver necessidade tem de ser capaz de determinar a localização de todos os seus elefantes simplesmente se concentrando no toque dos sinos. Meu amigo era um hsin-ouq de grande habilidade e experiência. Eu sabia que não havia a menor possibilidade de ele estar enganado na identificação do sino que se aproximava.

"Quem sabe", arrisquei, "Shwe Doke ficou com medo da tempestade e conseguiu escapar das correntes." "Se tivesse escapado", disse o hsin-ouq, "ia estar arrastando a corrente no pé." Fez uma pausa para ouvir. "Mas não estou ouvindo corrente nenhuma. Não. Ela foi solta por mão humana." "Mas mão de quem?", eu perguntei.

Ele levantou a mão e me fez ficar quieto. O sino estava muito perto e a cabana tremia com os passos do elefante.

Comecei a ir na direção da escada, mas o hsin-ouq me puxou para trás. "Não", disse ele. "Fique aqui." No momento seguinte, um

raio cortou o céu. No brilho momentâneo daquele lençol de luz, vi Shwe Doke bem à frente, indo na direção da tai com a cabeça abaixada e a tromba enrolada debaixo da boca.

"Levantei de um pulo e comecei a gritar, avisando: "Thakin, McKaythakin..." McKaythakin já tinha ouvido o sino, tinha sentido o tremor do peso do elefante que se aproximava. Uma chama brilhou numa das janelas da tai e o rapaz apareceu na sacada, nu, com uma lanterna numa das mãos e o rifle de caça na outra.

"A 3 metros da tai, Shwe Doke parou. Baixou a cabeça como se estivesse examinando a construção. Ela era uma fêmea velha, treinada segundo o costume da manada aunging. Esses animais são hábeis na arte da demolição. Não precisam mais do que um olhar para avaliar um dique de madeira acumulada e encontrar um ponto para atacar.

McKay-thakin atirou bem quando Shwe Doke se pôs em movimento. Ela estava tão perto que ele não tinha como errar: o tiro acertou exatamente onde ele havia mirado, no ponto mais vulnerável, entre a orelha e o olho.

Mas com o impulso Shwe Doke continuou indo para a frente mesmo morrendo em pé. Ela bateu na tai exatamente onde havia calculado, na junção de duas vigas cruzadas que sustentavam a casa. A estrutura pareceu explodir, com troncos, vigas e sapé voando pelo ar. McKay-thakin foi atirado ao chão em cima da cabeça de Shwe Doke.

"O trabalho de pés de um elefante aunging capacitado é tamanho que ele é capaz de equilibrar o peso do corpo na beira de uma cachoeira, se equilibrar feito um guindaste em cima de uma pedra no meio do rio, girar num espaço que derrubaria uma mula. Foi com esses passos pequenos, hábeis, que Shwe Doke virou, até estar de frente para o corpo do Assistente caído. Então, muito devagar, ela deixou seu peso morto ir caindo em cima dele, esmagando, cabeça primeiro, o peso rodando num movimento

circular, numa manobra perfeitamente executada de um elefante aunging indo de ré — uma aplicação de impulso tão precisa a ponto de ser capaz de fazer um emaranhado de 10 mil toneladas de troncos de teca se desmanchar como um nó de marinheiro. A lanterna de McKay-thakin, que tremulava ao lado dele, se apagou e não vimos mais nada.

Desci correndo a escada da cabana, com o hsin-ouq logo atrás de mim.

Corri para a tai, tropecei no escuro e caí de cara na lama. O hsin-ouq estava me ajudando a levantar quando um raio cortou o céu. De repente, ele largou de minha mão e soltou um grito rouco, gaguejante.

"O que foi?", perguntei. "O que você viu?" "Olhe! Olhe para o chão." "O relâmpago brilhou outra vez, e vi, bem na minha frente, a grande marca da pegada da pata de Shwe Doke. Mas, ao lado dela, havia uma impressão menor, curiosamente sem forma, quase oval.

"O que é isso?", perguntei. "O que foi que fez essa marca?" "É uma pegada", disse ele, "humana, mesmo amassada e deformada que quase não dá para reconhecer." Fiquei congelado, exatamente no mesmo lugar, rezando para outro raio iluminar para eu poder ter certeza de que era verdade o que ele havia dito. Esperei, esperei, mas passou uma eternidade antes de o céu se acender outra vez. E no intervalo tinha chovido tanto que as marcas no chão haviam desaparecido.

7



Em 1905, 21 anos do exílio do Rei, um novo Coletor Distrital chegou a Ratnagiri. O Coletor era o chefe administrativo do distrito, funcionário responsável pelo trato com a Família Real birmanesa. Era um cargo importante e os funcionários indicados para esse posto eram quase sempre membros do Serviço Civil Indiano — o augusto núcleo de funcionários que administrava as possessões britânicas na Índia. Para fazer parte do Serviço Civil Indiano, os candidatos tinham de ser aprovados em um difícil exame realizado na Inglaterra. A grande maioria dos que eram aprovados era britânico, mas havia entre eles também um pequeno número de indianos.

O Coletor que chegou em 1905 era indiano, um homem chamado Beni Prasad Dey. Tinha quarenta e poucos anos e era forasteiro na região de Ratnagiri: era bengalês, de Calcutá, que fica no extremo oposto do mapa da Índia. O Coletor Dey era magro e aquilino, com um nariz que terminava numa ponta afilada, como um bico. Usava ternos Savile Row muito bem cortados e óculos com aros de ouro. Chegou a Ratnagiri acompanhado por sua esposa, Uma, que era 15 anos mais nova que ele, uma mulher alta, de aspecto vigoroso, com cabelo grosso e encaracolado.

O Rei Thebaw estava olhando de sua sacada quando a oficialidade de Ratnagiri se reuniu no píer Mandvi para receber o novo Coletor e sua jovem esposa. A primeira coisa que ele notou nos dois foi que a nova madame Coletora usava uma roupa

estranha. Curioso, passou o binóculo para a Rainha: — O que ela está vestindo? A Rainha olhou um longo tempo.

— É só um sári — disse afinal. — Mas ela está usando de um jeito diferente.

Explicou que um funcionário indiano havia inventado uma nova maneira de usar o sári, com detalhes e complementos emprestados das roupas europeias uma anágua, uma blusa. Tinha ouvido dizer que as mulheres de toda a Índia estavam adotando o novo estilo.

Mas é claro que tudo demorava a chegar a Ratnagiri — ela própria nunca tivera a oportunidade de ver esse novo estilo em primeira mão.

A Rainha tinha visto muitos Coletores chegarem e partirem, indianos e ingleses; achava que eram inimigos, carcereiros, novos-ricos que não podiam ser levados em consideração. Mas neste caso ficou intrigada.

— Espero que ele traga a mulher quando vier nos visitar. Vai ser interessante ver como se usa esse novo tipo de sári.

Apesar desse começo propício, o primeiro encontro da Família Real com o novo Coletor quase acabou em desastre, O Coletor Dey e a esposa chegaram num momento em que a política ocupava a cabeça das pessoas. Todos os dias havia notícias de encontros, marchas e petições: diziam para as pessoas boicotarem produtos feitos na Inglaterra; mulheres faziam fogueiras com tecidos de Lancashire. No Extremo Oriente havia uma guerra entre a Rússia e o Japão e pela primeira vez parecia que um país asiático podia vencer um poder europeu. Os jornais indianos estavam cheios de notícias dessa guerra e do que ela significaria para os países colonizados.

Geralmente, não era costume do Rei receber funcionários que vinham à Casa Outram. Mas ele estava acompanhando muito

de perto a guerra russo-japonesa e queria saber o que as pessoas pensavam a respeito.

Quando o novo Coletor e a esposa vieram visitá-lo, as primeiras palavras do Rei foram sobre a guerra.

— Sahib Coletor — disse, de repente —, viu as notícias? Os japoneses derrotaram os russos na Sibéria? O Coletor curvou-se rigidamente pela cintura.

— Vi as notícias, de fato, Sua Alteza — disse. — Mas devo confessar que não acredito que seja um acontecimento de grande importância.

— Ah? — disse o Rei. — Bom, fico surpreso de ouvir isso. — Franziu a testa de um jeito que deixava claro que não ia encerrar o assunto.

Na noite anterior, Uma e o Coletor haviam recebido minuciosas instruções sobre sua próxima visita à Casa Outram. Disseram-lhes que o Rei nunca estava presente nessas ocasiões: que era a Rainha quem os receberia, na sala de recepção do andar térreo. Mas, quando entraram, descobriram que o Rei estava muito presente: vestindo um iongyi amassado e andando pela sala, batendo na coxa com um jornal enrolado. Tinha o rosto pálido e inchado, uma mecha de cabelo grisalho pendendo, desgrenhada, na nuca.

A Rainha, por outro lado, estava exatamente onde devia estar: sentada rigidamente ereta em uma cadeira de espaldar, de costas para a porta.

Uma sabia que isso fazia parte dos procedimentos de batalha estabelecidos: os visitantes tinham de entrar e sentar em cadeiras baixas em torno de Sua Alteza, sem trocar nenhuma palavra de saudação de parte a parte. Era desse jeito que a Rainha preservava o espírito do protocolo de Mandalay: como os representantes dos britânicos recusavam-se terminantemente em

fazer o shiko, ela, por sua vez, fazia questão de não reconhecer a entrada deles em sua presença.

Uma havia sido prevenida a ficar em guarda na sala de recepção, a procurar sacos perdidos de arroz e sacos de grãos para daí espalhados. A sala era usada às vezes como depósito auxiliar e sabia-se que muitos visitantes incautos vieram a lamentar as armadilhas ocultas: não era incomum encontrar pilhas de pimenta escondidas debaixo dos sofás e frascos de pickles enfiados nas estantes de livros. Houve uma ocasião em que um volumoso superintendente de polícia sentou-se pesadamente em cima dos restos espinhosos de um peixe seco. Outra vez, emboscado por um forte cheiro de pimenta, um venerável velho juiz de distrito espirrou e sua dentadura postiça voou pela sala. Foi aterrissar, chocalhando, aos pés da Rainha.

Essas histórias sobre a sala de recepção deixaram Uma muito apreensiva, fazendo com que prendesse o sári com um número extravagante de ganchos e alfinetes. Mas, ao entrar na sala, descobriu que não tinha nada dos efeitos esperados. Longe de sentir-se incomodada, ficou estranhamente reconfortada com as fragrâncias familiares de arroz e daí de feijão. Em qualquer outro cenário, a Rainha Supayalat, com rosto de máscara e lábios roxos, pareceria uma figura espectral e assustadora. Mas os cheiros domésticos pareciam abrandar um pouco suas arestas, acrescentando um elemento doce a sua presença inflexível.

Do outro lado da sala, o Rei batia o jornal ruidosamente na mão aberta.

— Bom, sahib Coletor — disse —, o senhor pensou que viveríamos para ver um dia um país do Oriente derrotar uma potência ocidental? Uma prendeu a respiração. Ao longo das últimas semanas, o Coletor tivera muitas discussões acaloradas sobre as implicações da vitória japonesa sobre a Rússia. Algumas

havam terminado em furiosas explosões. Nesse momento, ela assistiu, ansiosa, ao marido limpar a garganta.

— Estou informado, Sua Alteza — disse o Coletor, controlado — de que a vitória do Japão produziu alegria generalizada entre os nacionalistas da Índia e, sem dúvida, da Birmânia também. Mas a derrota do Tsar não constitui surpresa para ninguém e não traz nenhum conforto para os inimigos do Império Britânico. O Império está hoje tão forte como sempre esteve. Basta olhar o mapa do mundo para ver como isso é verdade.

— Mas, com o tempo, sahib Coletor, tudo muda. Nada continua para sempre.

A voz do Coletor ficou mais dura.

— Se me permite, Alteza, gostaria de lembrar que Alexandre, o Grande, passou apenas poucos meses nas estepes da Ásia Central, mas as satrapias fundadas por eles duraram séculos. O Império Britânico, por outro lado, tem já mais de cem anos e o senhor pode ter certeza, Alteza, de que sua influência perdurará pelos séculos futuros. O poder do Império é tamanho que ele resiste a todos os desafios e assim permanecerá no futuro previsível. Posso tomar a liberdade de apontar, Alteza, que o senhor não estaria aqui hoje se isso lhe tivesse sido apontado vinte anos atrás.

O Rei ficou vermelho e olhou para o Coletor, sem dizer nada. Coube à Rainha dar uma resposta. Ela se inclinou para a frente, afundou as unhas compridas e afiadas nos braços da poltrona.

— Já basta, Mr. Coletor — disse. — Basta, bas karo. Houve um momento de imobilidade em que o único som que se ouvia era o das unhas da Rainha raspando os braços envernizados da poltrona. A sala parecia tremular, como se o chão tivesse emitido uma súbita onda de calor.

Uma estava sentada entre Dolly e a Segunda Princesa. Tinha ouvido a conversa do marido com o Rei em desanimado silêncio,

congelada em seu lugar. Na parede diante dela havia uma pequena aquarela. A pintura era uma paisagem ao amanhecer, uma severa planície vermelha pontilhada por milhares de pagodes envoltos em nevoa. De repente, com um bater de mãos, Uma soltou um grito alto.

— Pagan! A palavra teve o efeito de uma explosão em um lugar confinado. Todo mundo deu um pulo e virou para olhar na direção de Uma.

Ela levantou a mão e apontou.

— Na parede... é uma pintura de Pagan, não é? A Segunda Princesa estava sentada ao lado de Uma. Ela se agarrou, ansiosa, a esse desvio.

— É... é isso mesmo. Dolly pode dizer, foi ela que pintou.

Uma virou para a mulher magra, ereta à sua esquerda. O nome dela era Dolly Sem, lembrou-se: tinham sido apresentadas quando entrou. Uma notou que havia nela algo especial, mas estivera ocupada demais, concentrada no protocolo, para pensar melhor no assunto.

— Foi você mesma que pintou aquilo? — Uma perguntou. — Nossa, é maravilhoso.

— Obrigada — Dolly disse, baixo. — Copiei de um livro de figuras. — Seus olhos se cruzaram e trocaram um rápido sorriso. De repente, Uma entendeu o que a tinha intrigado: essa miss Sem era talvez a mulher mais bonita que já tinha visto.

— Madame Coletora. — A Rainha bateu o nó de um dedo no braço da poltrona. — Como sabia que era um quadro de Pagan? Já teve oportunidade de visitar a Birmânia? — Não — Uma respondeu, lamentando. — Gostaria de ter ido, mas não fui.

Tenho um tio em Rangoon e ele uma vez me mandou um quadro.

— Ah? A Rainha sacudiu a cabeça; estava impressionada com a maneira como a moça havia interferido para salvar a situação.

Segurança era uma qualidade que sempre admirava. Havia algo atraente naquela mulher, Uma Dey; a vivacidade de suas maneiras era um contraste bem-vindo à arrogância do marido. Se não fosse por sua presença de espírito, teria de ter expulsado da casa o Coletor, e isso só podia terminar mal. Não, essa Mrs. Dey tinha feito bem de falar como falou.

— Gostaria de perguntar, madame Coletora — disse a Rainha —, qual é seu verdadeiro nome? Nós nunca conseguimos nos acostumar com esse seu modo de dar às mulheres o nome dos pais e dos maridos. Não fazemos isso na Birmânia. Talvez não tenha objeção em nos contar qual é o nome que recebeu.

— Uma Debi; mas todo mundo me chama de Uma.

— Uma? — disse a Rainha. — É um nome que nos é conhecido. Devo dizer que fala hindustâni bem, Uma.

Havia uma nota de sincera apreciação em sua voz. Tanto ela como o Rei falavam hindustâni fluentemente e essa era a língua que ela preferia usar em seu trato com funcionários. Descobrira que seu uso do hindustâni geralmente colocava os representantes do governo em desvantagem — principalmente os indianos. Os servidores civis britânicos geralmente falavam bem o hindustâni, e os que não falavam não tinham nenhum pejo de responder em inglês. Os indianos, por outro lado, eram muitas vezes parses ou bengaleses, Mr. Chatterjee isso ou Mr. Dorabjee aquilo, e raramente eram fluentes em hindustâni. E, ao contrário de suas contrapartidas britânicas, pareciam hesitantes em mudar de língua; pareciam ficar embaraçados porque a Rainha da Birmânia falava hindustâni melhor que eles. Tropeçavam, gaguejavam e em poucos minutos ela torcia sua língua em nós.

— Aprendi hindustâni quando criança, Alteza — disse Uma.

— Moramos algum tempo em Déli.

— Bom, agora gostaríamos de perguntar uma outra coisa para você, Uma. — A Rainha fez um gesto, chamando. Pode se

aproximar de nós.

Uma foi até a Rainha e baixou a cabeça.

— Uma — a Rainha sussurrou —, gostaríamos de examinar sua roupa.

— Alteza! — Como pode ver, minhas filhas usam o sári no estilo local. Mas eu prefiro esse estilo novo. É mais elegante, o sári parece mais um htamein. Seria impositivo demais pedir que revele os segredos desse novo estilo para nós? Uma riu de surpresa.

— Gostaria muito, quando a senhora quiser.

A Rainha virou rigidamente para o Coletor.

— O senhor, sahib Coletor, sem dúvida está impaciente para ir para a Catechueira e para as muitas tarefas que estão à sua espera. Mas posso perguntar se permitiria que sua esposa ficasse conosco um pouco mais? O Coletor foi embora e, contrariando os augúrios iniciais de desastre, a visita terminou muito amigavelmente, e Uma passou o resto da tarde na Casa Outram, conversando com Dolly e com as princesas.

A casa do Coletor era conhecida como a Residência. Era um bangalô grande com um pórtico de colunas e telhado íngreme, de telhas vermelhas. Ficava na crista de um morro, dando para o sul sobre a baía e o vale do rio Kajali. Era cercado por um jardim murado que se espalhava pela encosta, terminando pouco antes da garganta do rio.

Certa manhã, Uma descobriu uma entrada estreita escondida por trás de uma moita de bambu no fundo de seu jardim. O portão estava cheio de mato, mas dava para abrir o suficiente para se espremer por ele. Seis metros adiante, um bosque se elevava contra o vale do rio Kajali.

Havia uma figueira pipal na beira da garganta, uma velha árvore majestosa com uma densa barba de raízes aéreas pendurada de seus retorcidos galhos cinzentos. Dava para ver que as cabras vinham pastar ali: a terra debaixo do dossel da árvore estava limpa

de relva. Dava para ver trilhas de excrementos pretos descendo a encosta. Os pastores de cabras haviam construído com terra e pedras amontoadas uma plataforma para sentar em torno do tronco da pipal.

Uma ficou deslumbrada com a vista: o rio serpenteante, o estuário, a curva da baía, as falésias assoladas pelo vento.

Dava para ver melhor o vale dali do que da Residência no alto do morro.

Voltou no dia seguinte e no outro. Os pastores de cabras só vinham ao amanhecer e durante o resto do dia o lugar ficava deserto. Ela passou a escapar da casa toda manhã, deixando a porta do quarto fechada para os criados pensarem que estava ali dentro. Ficava sentada à sombra da pipal durante uma ou duas horas com um livro.

Uma manhã, Dolly a surpreendeu quando surgiu inesperadamente do meio das barbas de raízes penduradas. Tinha vindo devolver roupas que Uma havia enviado à Casa Outram — anáguas e blusas para as princesas mandarem os alfaiates copiarem.

Ficara esperando na saleta da residência enquanto os criados procuravam por Uma. Eles olharam em toda parte e acabaram desistindo: a memsahib não estava em casa, disseram, devia ter saído para dar um passeio.

— Como sabia que eu estava aqui? — Nosso cocheiro é parente do seu.

— Foi Kanhoji quem contou para você? — Kanhoji era o velho cocheiro que levava Uma pela cidade.

Foi.

— Como será que ele sabia da minha árvore secreta? Ele disse que soube pelos pastores que trazem as cabras para cá de manhã. São da aldeia dele.

— É mesmo? — Uma ficou quieta. Era estranho pensar que os pastores sabiam de sua presença tanto quanto ela sabia da deles.
— Bom, esta vista é maravilhosa, não acha? Dolly deu um olhar superficial para o vale.

— Estou tão acostumada que nem penso mais nisso.

— Acho incrível. Venho aqui quase todo dia.

Todo dia? — Só um pouquinho.

— Dá para entender por quê. — Olhou para Uma um tempo. Deve ser solitário para a senhora aqui em Ratnagiri.

— Solitário? Uma ficou surpresa. Nunca havia lhe ocorrido usar essa palavra para si mesma. Não que nunca encontrasse ninguém ou que lhe faltasse o que fazer — o Coletor cuidava disso. Toda segunda-feira, o escritório dele mandava um memorando com a lista de seus compromissos para a semana — uma função municipal, um dia de esportes na escola, uma entrega de prêmios no colégio vocacional. Ela geralmente tinha apenas um compromisso por dia, não tantos a ponto de mantê-la incomodamente ocupada, nem tão poucos a ponto de fazer seus dias parecerem opressivamente longos. Examinava a lista cuidadosamente quando chegava no começo da semana, depois colocava na penteadeira, com um peso em cima para não voar. Afligia-se com a ideia de perder um compromisso, embora houvesse pouca chance de isso acontecer. O escritório do Coletor era muito eficiente e enviava lembretes: vinha um mensageiro à Residência cerca de uma hora antes de cada compromisso, para mandar Kanhoji preparar a gaari. Ela ouvia os cavalos parados debaixo da sacada. Eles bufavam e chutavam o cascalho, e Kanhoji estalava a língua, tuk-tuk-tuk.

A melhor parte de seus compromissos era a ida e a volta pela cidade. Havia uma janela que dava da cabine para o banco do cocheiro. A cada poucos minutos, Kanhoji mostrava o rosto pequeno e enrugado na janela para contar a ela por onde estavam

passando — a Catechueira, a prisão, o colégio, os bazaars. Às vezes, ficava tentada a descer e entrar nos bazaars para pechinchar com as vendedoras. Mas sabia que isso seria um escândalo; ao voltar para casa, o Coletor diria: "Você devia ter me falado que eu podia ter providenciado um bandobast." Mas as providências bandobast teriam eliminado qualquer prazer que ela pudesse ter na ocasião: metade da cidade ia se ajuntar, todo mundo se desdobrando para agradar ao Coletor. Os donos de lojas teriam entregado qualquer coisa em que pousasse os olhos e, quando voltasse para casa, os carregadores e khansama estariam amuados como se ela lhes tivesse feito uma censura.

— E você, Dolly? — Uma perguntou. — Se sente solitária aqui? — Eu? Moro aqui faz quase vinte anos e aqui agora é a minha casa.

— É mesmo? — Para Uma, era uma coisa quase inacreditável a ideia de uma mulher tão bonita e elegante ter passado a maior parte da vida naquela pequena cidade provinciana.

— Não se lembra de nada da Birmânia? — Me lembro do palácio de Mandalay. Principalmente das paredes.

— Por que as paredes? — Muitas eram cobertas de espelhos. O grande pavilhão era chamado de Palácio de Espelho. Tudo lá era de ouro e cristal. A pessoa se via refletida em toda parte quando deitava no chão.

— E Rangoon? Você lembra de Rangoon? — Nosso vapor ficou ancorado lá umas duas noites, mas nós não pudemos ir até a cidade.

— Eu tenho um tio em Rangoon. Ele trabalha num banco. Se eu for fazer uma visita para ele, vou poder contar para você.

Dolly voltou os olhos para o rosto de Uma.

— Acha que eu quero saber coisas da Birmânia? — Não quer? — Não. Nem um pouco.

— Mas faz tanto tempo que você está longe.

Dolly riu.

— Acho que a senhora está com um pouco de pena de mim. Não está? — Não — Uma gaguejou. — Não.

— Não tem por que sentir pena de mim. Estou acostumada a viver em lugares com muros altos. Mandalay não era muito diferente. Eu não espero mesmo muito mais que isso.

— Nunca pensa em voltar? — Nunca. — A voz de Dolly era enfática. — Se eu fosse para a Birmânia agora, seria uma estrangeira, iam me chamar de kalaa, como chamam os indianos, uma invasora, uma forasteira do outro lado do mar. Acho que isso ia ser muito difícil. Nunca iria conseguir me livrar da ideia de que um dia teria de partir outra vez, como parti antes. A senhora iria entender se soubesse como foi quando fomos embora.

— Foi muito terrível? — Não me lembro de muita coisa, o que é uma espécie de bênção. Acho. Às vezes, revejo uns retalhos. É como um rabisco na parede: por mais que se pinte por cima, um pouco sempre aparece, mas não o suficiente para entender o todo.

— O que você vê? — Poeira, tochas, soldados, multidões com os rostos invisíveis na escuridão... — Dolly estremeceu. — Eu tento não pensar muito nisso.

Depois desse encontro, num tempo que parecia incrivelmente curto, Dolly e Uma ficaram amigas próximas. Pelo menos uma vez por semana, às vezes duas ou mais, Dolly vinha à Residência e as duas passavam o dia juntas.

Geralmente, ficavam dentro de casa, conversando e lendo, mas de vez em quando Dolly tinha a ideia de uma expedição. Kanhoji levava as duas para a praia ou para o campo. Quando o Coletor estava fora, viajando pelo distrito, Dolly ficava fazendo companhia a Uma. A Residência tinha vários quartos de hóspedes e Uma destinou um deles exclusivamente para Dolly. As duas ficavam conversando até tarde da noite. Muitas vezes, acordavam abraçadas

uma na cama da outra, tendo deslizado para o sono no meio da conversa.

Uma noite, enchendo-se de coragem, Uma observou: — Falam coisas horríveis da Rainha Supayalat.

— O quê? — Que ela mandou matar uma porção de gente... em Mandalay.

Dolly não respondeu, mas Uma insistiu.

— Você não fica com medo — disse — de morar na mesma casa com uma pessoa assim? Dolly ficou calada um momento e Uma começou a se perguntar se a teria ofendido. Então, Dolly falou: — Sabe, Uma — disse com sua voz mais macia. — Toda vez que venho à sua casa, olho aquele quadro que está pendurado na frente da porta de entrada...

— A Rainha Vitória você quer dizer? — É.

Uma estava intrigada.

— O que tem o quadro? — Você nunca imaginou quantas pessoas foram mortas em nome da Rainha Vitória? Devem ser milhões, você não acha? Acho que eu ia ter medo de viver com um quadro daqueles.

Dias depois, Uma tirou o quadro e mandou para a Catechueira, para pendurar no escritório do Coletor.

Uma tinha 26 anos e já estava casada há cinco. Dolly era poucos anos mais velha. Uma começou a se preocupar: qual seria o futuro de Dolly? Será que nunca ia se casar e ter filhos? E o futuro das princesas? A Primeira Princesa tinha 23 anos, a mais nova, 18. Essas meninas não teriam nenhum futuro pela frente a não ser vidas em confinamento? — Por que alguém não faz alguma coisa — Uma perguntou ao Coletor — para arranjar um casamento para aquelas meninas? — Não é por falta de tentar — replicou o Coletor. — É a Rainha que não permite.

No escritório da Catechueira, o Coletor encontrara um grosso arquivo de correspondência registrando as tentativas de seu

predecessor de lidar com a questão do futuro das princesas. As garotas estavam no auge de sua feminilidade. Se acontecesse um escândalo ou um acidente na Casa Outram, o Coletor em exercício seria responsabilizado: o secretariado de Bombaim não deixara lugar para dúvidas quanto a isso. A fim de se proteger, vários Coletores anteriores haviam tentado encontrar noivos adequados para as princesas. Um deles chegara a escrever a seus colegas em Rangoon para investigar sobre solteirões birmaneses aceitáveis — e descobriu que havia apenas 16 homens nessas condições em todo o país.

O costume das dinastias dominantes na Birmânia era casar com parentes muito próximos de suas casas. Só um homem descendente de sangue Konbaung em ambas as linhagens podia se casar com membros da Família Real. Era culpa da Rainha restarem agora tão poucos príncipes puro-sangue: ela é que havia dizimado a dinastia, massacrando todos os possíveis rivais de Thebaw. Quanto aos homens qualificáveis que existiam, nenhum encontrava favor junto à Rainha. Ela anunciara que nem um único deles era par adequado para uma genuína Princesa Konbaung. Não permitia que suas filhas aviltassem o próprio sangue casando com alguém abaixo delas.

— Mas, e quanto a Dolly? — Uma perguntou ao Coletor. — Dolly não tem de pensar em encontrar um príncipe.

— Isso é verdade — disse o Coletor —, mas o caso dela é ainda mais estranho. Ela passou a maior parte da vida na companhia das quatro princesas. Mas é também uma dependente, uma criada, de origem familiar desconhecida. Como se pode encontrar um marido para ela? Onde se começa a procurar: aqui ou na Birmânia? Uma não sabia responder. Nem ela nem Dolly haviam jamais puxado o assunto de casamento ou filhos. Com algumas outras amigas, Uma não conseguia conversar sobre muita coisa além de marido, casamento, filhos — e, é claro, remédios para a sua

incapacidade de engravidar. Mas com Dolly era diferente: a amizade delas não era do tipo que se baseia em revelações íntimas ou domesticidade — muito ao contrário. Tanto ela como Dolly sabiam instintivamente sobre o que não deviam falar — esforço de Uma para conceber, sobre a vida de solteira de Dolly —, e era isso que emprestava a seus encontros um tão urgente alerta. Quando estava com Dolly, Uma sentia que tirava um grande peso de sua consciência, que podia olhar para fora de si mesma em vez de se preocupar com seus fracassos como esposa. Ao passear pelo campo, por exemplo, ela se maravilhava com a maneira como as pessoas saíam correndo de suas casas para conversar com Dolly, para lhe dar pequenos presentes, frutas, verduras cruas, pedaços de tecido. Conversavam um pouco em konkani e depois seguiam seu caminho, e Dolly, sorrindo, explicava: "O tio (ou irmão, ou tia) dessa mulher trabalhava na Casa Outram." Apesar de seus gestos de autodepreciação, Uma podia dizer que havia nessas ligações uma profundidade que ia muito além do circunstancial. Muitas vezes, Uma queria saber quem era exatamente essa gente e o que Dolly conversava com elas. Mas nesses encontros ela é que era a forasteira, a memsahib: a ela é que cabia, nessas ocasiões, o silêncio do exílio.

Às vezes, quando as multidões em torno ficavam grandes demais, Kanhoji ralhava lá do seu banco, mandando os aldeões abrirem caminho para a gaari do Coletor, ameaçando chamar a polícia. As mulheres e crianças olhavam para Uma; ao reconhecer a esposa do Coletor, arregalavam os olhos e se afastavam.

— Está vendo — Dolly disse uma vez, rindo. — O povo da sua terra fica mais à vontade com prisioneiros do que com carcereiros.

— Eu não sou sua carcereira.

— O que você é, então? — Dolly perguntou, sorrindo, mas com um tom de desafio perceptível na voz.

— Uma amiga. Não? — Isso também, mas por acaso.

Apesar do que sentiu, Uma ficou contente com a nota de desdém na voz de Dolly. Era um tônico restaurador para a inveja e obsequiosidade que encontrava em todos os outros, como esposa do Coletor e importante memsahib do distrito.

Um dia, quando viajavam na carruagem, Dolly teve uma dura troca de palavras com Kanhoji pela janela de ligação. Os dois logo ficaram absortos na discussão e Dolly pareceu quase esquecer a presença de Uma.

De quando em quando, fazia tentativas de retomar suas maneiras naturais, apontando aspectos da paisagem e contando histórias das aldeias. Mas todas as vezes a raiva acabava por dominá-la, e dentro de momentos voltava à discussão, virando-se para lançar mais algumas palavras ao cocheiro.

Uma ficou intrigada: estavam falando konkani e não entendia nada do que diziam. Sobre o que poderiam estar discutindo com as vozes sintonizadas naquele tom íntimo e violento de uma briga familiar? — Dolly, Dolly. — Uma sacudiu o joelho dela. — Qual é o problema? — Nada — disse Dolly e apertou os lábios, afetada.

— Nada de mais. Está tudo bem.

Estavam a caminho do templo Bhagavati, que ficava nos penedos ventosos acima da baía, protegidos pelas muralhas do forte medieval de Ratnagiri.

Assim que agaari parou, Uma pegou o braço de Dolly e arrastou-a para a muralha em ruínas. Subiram para as ameias e olharam em torno: abaixo delas a parede descia numa linha reta, mergulhando no mar 30 metros ao fundo.

— Dolly, quero saber qual é o problema.

Dolly sacudiu a cabeça, mudando de rumo.

— Gostaria muito de poder contar, mas não posso.

— Dolly, não pode gritar com meu cocheiro e depois se recusar a me dizer do que estavam falando.

Dolly hesitou e Uma insistiu outra vez: — Vai ter de me dizer, Dolly.

Dolly mordeu o lábio, olhou intensamente os olhos de Uma.

— Se eu contar — disse —, promete que não conta para o Coletor? — Prometo, claro.

— Promete? — Solenemente. Prometo.

— É sobre a Primeira Princesa.

— O quê? Continue.

— Ela está grávida.

Uma perdeu o fôlego, a mão voou para a boca, incrédula.

— E quem é o pai? — Mohan Sawant.

— Seu cocheiro? — É. Por isso é que o seu Kanhoji ficou tão bravo. Ele é tio de Mohanbhai. A família dele quer que a Rainha concorde com um casamento para a criança não nascer bastarda.

— Mas, Dolly, como a Rainha vai permitir que a filha case com um cocheiro? — Não pensamos nele como cocheiro — Dolly disse, dura. — Para nós ele é Mohanbhai.

— Mas a família dele, a origem? Dolly sacudiu o punho num gesto de enfado.

— Ah, vocês indianos — disse. — Sempre a mesma coisa, obcecados com castas e com esses casamentos arranjados. Na Birmânia, quando uma mulher gosta de um homem, tem liberdade para fazer o que quiser.

— Mas Dolly — Uma protestou —, ouvi dizer que a Rainha era muito exigente com essas coisas. Ela acha que não existe na Birmânia nenhum homem que sirva para as filhas.

— Então você soube da lista de possíveis maridos? — Dolly começou a rir.

— Sabe, aqueles homens eram só nomes. As princesas não sabiam nada deles. Casar com um deles seria uma coisa

complicada, uma questão de Estado. Mas o que aconteceu entre Mohanbhai e a Princesa não é nada complicado. É muito simples: os dois são só um homem e uma mulher que passaram anos juntos, vivendo atrás dos mesmos muros.

— Mas a Rainha? Não ficou brava? E o Rei? — Não. Sabe, todos nós somos muito ligados a Mohanbhai, Min e Mebya principalmente. Cada um a seu modo, acho que nós todos amamos Mohanbhai.

Ele passou por tudo junto conosco, é a única pessoa que sempre esteve ao nosso lado. De certa forma, foi ele que nos manteve vivos, nos manteve sadios. A única pessoa que está realmente incomodada com isso é Mohanbhai. Ele acha que vai para a cadeia quando seu marido descobrir.

— E a Princesa? O que ele acha? — É como se ela tivesse renascido, resgatada de uma casa dos mortos.

— E você, Dolly? Nós nunca falamos do seu futuro. Qual é a sua perspectiva de casar, de ter filhos seus? Nunca pensa nessas coisas? Dolly debruçou na muralha, fixou os olhos no mar batendo lá embaixo.

— Para dizer a verdade, Uma, eu pensava em ter filhos o tempo todo. Mas quando soube do filho da Princesa, o filho de Mohanbhai, aconteceu uma coisa estranha. Essas ideias sumiram da minha cabeça. Agora, quando acordo, sinto que o filho é meu, crescendo dentro de mim. Hoje de manhã, ouvi as meninas perguntando para a Primeira Princesa: "A criança cresceu?" "Sentiu ela se mexer ontem de noite?" "Onde está o pé dela agora?" "Posso sentir com a mão?" Eu era a única que não precisava perguntar nada. Sentia que podia responder todas aquelas perguntas; era como se fosse meu próprio filho.

— Mas, Dolly — Uma disse, delicadamente —, não é seu filho. Por mais que pareça, não é e nunca vai ser.

Para você deve parecer estranho, Uma. Eu entendo que pareça estranho para alguém como você. Mas para nós é diferente. Na Casa Outram levamos vidas muito miúdas. Há vinte anos, acordamos todos os dias com os mesmos sons, as mesmas vozes, as mesmas paisagens, os mesmos rostos. Temos de nos contentar com o que temos, procurar a felicidade que podemos encontrar. Para mim, não importa quem está gerando essa criança. No meu coração, sinto que sou responsável pela concepção dela. Já basta ela estar entrando em nossas vidas. Eu vou fazer que seja minha.

Ao olhar para Dolly, Uma viu que seus olhos estavam cheios de lágrimas.

— Dolly — disse ela —, você não vê que nada vai ser igual depois que essa criança nascer? A vida que você conheceu na Casa Outram vai acabar.

Dolly, tem de ir embora enquanto pode. Você tem liberdade para ir: só você está aqui de livre vontade.

— E para onde eu iria? — Dolly sorriu para ela. — Aqui é o único lugar que eu conheço. Aqui é a minha casa.

8



Quando os regatos de monções inchados de troncos desembocavam no Irrawaddy, o impacto era o de um choque de trens. A diferença é que esse era um acidente acontecendo continuamente, um choque que continuava ininterruptamente, dia e noite, durante semanas. O rio era agora uma corrente inchada, furiosa, assolada por correntes contrárias e esburacada por redemoinhos. Quando os tributários se arremessavam para dentro do rio, os troncos de 2 toneladas eram lançados em cambalhotas pelo ar; troncos de 15 metros eram lançados pela água como pedrinhas achatadas. O barulho era o de uma carga de artilharia, o som das detonações rolavam quilômetros terra adentro.

Era nesses pontos, onde o rio cruzava com seus tributários, que os lucros das companhias de teca estavam expostos aos maiores riscos. Tão rápida era a correnteza do Irrawaddy nessa estação que a madeira estaria perdida se não fosse logo levada para a margem. Necessariamente, era aí que os troncos passavam de seus manipuladores terrestres para os aquáticos, dos oo-sis e dos elefantes para o povo do rio e jangadeiros.

As confluências de correntes eram vigiadas por recuperadores especializados em pegar os troncos nos rios: pela soma de três annas por tronco, esses nadadores estendiam uma rede humana através do rio, arrebatando os troncos da corrente e guiando-os para a margem. No início da estação, aldeias inteiras mudavam de lugar para se posicionar ao longo do rio. As crianças

ficavam vigiando as margens, enquanto os mais velhos enfrentavam as correntes, lançando-se entre os troncos gigantes, nadando em torno de redemoinhos de teca. Alguns desses recuperadores voltavam para a margem deitados nos troncos capturados enquanto outros vinham montados, as pernas penduradas; poucos iam em pé, guiando com artelhos preênsos os troncos cobertos de musgo a girar: esses eram os reis do rio, os rematados mestres da recuperação.

Uma vez levados à margem, os troncos eram ancorados e atracados. Quando uma quantidade havia se acumulado, hábeis jangadeiros os amarravam numa embarcação navegável. Essas balsas eram do mesmo tamanho, com o número de troncos fixado, por ordem da companhia, em 360 cada uma, soma redonda de trinta dúzias. A uma ou mais toneladas por tronco, isso dava a cada balsa a tonelagem de um pequeno navio de guerra com espaço de convés muitas vezes maior, largo o bastante para acomodar uma feira ou um pátio de manobras. No centro de cada uma dessas imensas plataformas flutuantes havia uma cabaninha, construída pelos balseiros para abrigar a tripulação. Assim como as moradas temporárias dos acampamentos de teca, essas cabanas das jangadas eram construídas em questão de horas. Tinham todas exatamente o mesmo projeto e, no entanto, eram sempre diferentes em execução — uma marcada pelos ramos de uma trepadeira de rápido crescimento, outra por um galinheiro, ou um abrigo para um porco, para uma cabra. Cada jangada tinha um mastro alto com um chumaço de grama preso no topo, oferenda aos nats do rio. Antes de serem lançadas ao rio, as jangadas recebiam números, a serem exibidos nos mastros, ao lado das bandeiras das companhias a que pertenciam. As jangadas viajavam apenas entre o amanhecer e o entardecer e cobriam de 15 a 25 quilômetros por dia, movidas apenas pela correnteza do rio e guiadas apenas por remos. A

viagem das florestas das montanhas até Rangoon levava cinco semanas ou mais.

A cada estação, Rajkumar arrumava algum pretexto para passar uns dias em uma das jangadas. Havia algo hipnoticamente agradável nos ritmos variáveis da vida nessas imensas plataformas retangulares — no contraste entre o delicioso langor das horas do dia, quando não havia nada a fazer além de observar a linha de pesca correndo na água e a tensa excitação do atracamento ao entardecer, quando cordas voavam zunindo entre o convés e a margem e todos tinham de correr para molhar os troncos fumegantes. Apesar de seu imenso tamanho, as jangadas eram de construção frágil: se encontrasse dificuldades com um baixio ou um banco de areia, podiam se desintegrar em questão de minutos. Aparentemente sólida, a superfície delas era tão enganosa quanto areia movediça. Centenas de frestas se abriam e fechavam constantemente entre os troncos, armadilhas pequenas, mas mortais para os tornozelos.

Muitos jangadeiros eram de Chittagong, e para Rajkumar havia uma satisfação especial em poder voltar a falar o dialeto de sua infância; ao saborear na língua o calor lembrado de dais de cabeça de peixe e jhols de rabo de peixe, polvilhados com sementes de nigela e mostarda; ao olhar, mais uma vez, o correr cambiante do rio, mais lento ao atravessar uma planície inundada, de repente se apressando de novo ao chegar perto de uma garganta; ao observar as mutações inesperadas da paisagem, ora verde e densamente arborizada, ora um deserto vermelho torrado, pontilhado de esqueletos de troncos de palmeiras toddy.

De todas as vistas do rio, a mais estranha era a que ficava um pouco ao sul da grande corcova vulcânica do monte Popa. Ali, o Irrawaddy descrevia uma larga e aberta curva, espalhando-se por uma grande largura. Na margem oriental do rio, aparecia uma cadeia de morrinhos baixos, malcheirosos. Essas pequenas

elevações eram cobertas com um líquido grosso, uma substância que às vezes se incendiava espontaneamente com o calor do sol, lançando fios de fogo rio adentro.

Muitas vezes, à noite, viam-se pequenas chamas tremulantes à distância, atapetando as encostas.

Para o povo dessa área, essa secreção era conhecida como óleo da terra: era escura, verde cintilante, cor de asas de varejeiras. Porejava das pedras como suor, acumulando-se em piscinas cobertas por uma película esverdeada brilhante. Em certos pontos, as poças se juntavam formando córregos e correntes, um delta oleaginoso que rebatia nas margens. Era tão forte o cheiro desse óleo que se espalhava até o outro lado do Irrawaddy: os barqueiros davam uma volta quando passavam por essas margens, esse local de riachos fétidos — Yenangyaung.

Era um dos poucos lugares do mundo onde o petróleo vertia naturalmente à superfície da terra. Muito antes da descoberta do motor de combustão interna já havia um bom mercado para esse óleo: era amplamente usado como unguento no tratamento de certas afecções de pele. Os comerciantes vinham até Yenangyaung de longe, da China, para lucrar com essa substância. A coleta do óleo era trabalho para uma comunidade endêmica desses montes fumegantes, um grupo de gente conhecido como twin-zas, bando de renegados, fugitivos e forasteiros muito secreto e unido.

Há muitas gerações, famílias twin-zas ligavam-se a determinadas fontes e piscinas, colhendo o óleo em baldes e bacias, levando-o de barco para cidades próximas. Muitas piscinas de Yenangyaung haviam sido exploradas durante tanto tempo que o nível de óleo ficara abaixo da superfície, forçando seus donos a cavar. Dessa forma, algumas piscinas aos poucos se transformaram em poços, de 30 metros ou até mais — grandes fossos saturados de óleo, cercados pela areia e pela terra escavada. Alguns desses poços haviam sido tão pesadamente explorados que pareciam pequenos

vulcões, com encostas íngremes, cônicas. Nessas profundidades, o óleo não podia mais ser coletado apenas mergulhando um balde com um peso: os twin-zas eram baixados por cordas, prendendo a respiração, como pescadores de pérolas.

Muitas vezes, quando atracavam perto do Yenangyaung, Rajkumar ia olhar os twin-zas trabalhando. Parava na boca de um poço e assistia enquanto o homem descia, rodando devagar num balanço. A corda ficava presa, por meio de uma polia, a sua esposa, filhos e animais domésticos. Para baixar o homem eles iam subindo a encosta do poço, e quando sentiam o sinal dele na corda, puxavam-no de volta, descendo a encosta. A boca dos poços era escorregadia por causa do óleo derramado, e não era raro trabalhadores descuidados e crianças pequenas caírem lá dentro. Muitas vezes, essas quedas não eram percebidas: não havia barulho, nem agitação. Serenidade é uma das propriedades desse óleo: não é fácil fazer uma marca em sua superfície.

Depois dessas visitas ao Yenangyaung, espectros cobertos de óleo assombravam a imaginação de Rajkumar. Como seria afogar-se naquele lodo? Sentir o verde escorregadio, cor de asa de inseto, fechando em cima de sua cabeça, entrando pelas orelhas e narinas? Quando tinha por volta de 18 anos, Rajkumar teve uma visão estranha no Yenangyaung. Notou dois estrangeiros, homens brancos, indo de poço em poço. Desde esse dia, sempre que voltava, havia mais e mais desses homens em torno das encostas, armados com instrumentos e tripés de agrimensor. Eram da França, da Inglaterra e dos Estados Unidos, e dizia-se que ofereciam bom dinheiro aos twin-zas e compravam poços e piscinas. Começaram a surgir obeliscos de madeira, pirâmides gradeadas dentro das quais imensos bicos mecânicos batiam na terra, sem parar.

Em uma dessas visitas ao Yenangyaung, a balsa de Rajkumar pegou um passageiro. Chamava-se Baburao e era de Guntur, na Índia. Cresciam pelos tão cerrados em seu corpo que, mesmo

quando estava com um colete de algodão, parecia estar usando uma cota de malhas. Tinha muito dinheiro e distribuía bebida com liberalidade aos balseiros, tarde da noite. Era um maistry, disse, um contratador de trabalho: tinha acabado de transportar cooringueses do leste da Índia para Yenangyaung. Em lugar nenhum podia-se ganhar dinheiro assim tão depressa. Muitas companhias estrangeiras estavam empenhadas em cavar em busca de óleo e encontravam-se desesperadas atrás de trabalhadores. Precisavam de operários e estavam dispostas a pagar lindamente. Era difícil achar trabalhadores na Birmânia: poucos birmaneses eram tão pobres a ponto de enfrentar condições como as do Yenangyaung. Mas lá na Índia, disse Baburao, havia incontáveis milhares de pessoas tão desesperadas para ir embora que estavam dispostas a renunciar de papel passado aos ganhos de muitos anos. Um jovem como Rajkumar podia ficar rico depressa nesse ramo. Havia jeito mais fácil de ganhar dinheiro? Bastavam algumas centenas de rupias para pagar a passagem só de ida dos recrutas.

Rajkumar voltou devagar para a beira da balsa ancorada e acendeu um charuto, deitado de bruços. Com o rosto a centímetros da água, viu cardumes de peixinhos de águas rasas subirem à superfície para beliscar os flocos de cinza. O encontro com o maistry ocorreu num momento em que estava muito preocupado com o futuro. Durante quase todo o ano anterior, Saya John vinha lhe falando sobre planos: — Seus dias como luga-lei estão chegando ao fim, Rajkumar. Chegou a hora de você construir o seu próprio lugar no mundo.

O que Rajkumar mais queria era entrar no negócio de madeira. Disso ele tinha certeza, pois sabia que nunca aprenderia tanto sobre nenhuma outra profissão. Mas o problema era que não possuía nenhuma das habilidades especializadas que permitiriam que se juntasse à força de trabalho como oo-si ou balseiro. Também a perspectiva de ganhar magras vinte ou trinta rupias por mês não

era atraente. Que fazer então? O melhor jeito de entrar no negócio de teca, Rajkumar concluiu, seria através da compra de uma madeireira. Nas viagens rio abaixo, Rajkumar às vezes parava no porto fluvial de Henzada. Seu velho amigo Doh Say morava ali agora, com a esposa, Naw Da, e dois filhos. Trabalhava em uma pequena doca, supervisionando uma dupla de elefantes. Doh Say sugeriu a Rajkumar que abrisse uma madeireira própria: armazenar era um bom jeito de entrar no negócio.

— Pode começar devagarinho — disse ele. — Pode se arrumar com um elefante. Eu trabalho para você por metade do salário normal, em troca de uma porcentagem dos lucros. — Só precisava era de um capital inicial.

Era hábito de Rajkumar nunca receber mais que uma parte de seu salário, ficando o resto depositado com Saya John. Mas, depois de todos esses anos, suas economias não chegavam a muito mais que duzentas rupias. O custo de abrir uma madeireira era de alguns milhares — demais para pedir a Saya John. Ir para a Índia com Baburao, por outro lado, custaria não muito mais do que ele já havia economizado. E se conseguisse convencer Saya John a lhe emprestar o resto, bem, então, dentro de poucos anos, teria o suficiente para a sua madeireira.

De volta a Mandalay, ele esperou um bom tempo para abordar Saya John.

— Só preciso de um empréstimo de algumas centenas de rupias — ele disse, baixo, tomando cuidado para não explicar demais. — E devolvo com muita vantagem.

Três meses depois, Rajkumar partiu para a Índia com Baburao. Levou quatro dias de Rangoon a Calcutá e mais quatro para descer o litoral na direção de Madras. Baburao alugou dois carros de boi numa pequena cidade de mercado e enfeitou-os com panos festivos. Comprou vários sacos de arroz tostado no bazaar e

recrutou meia dúzia de lathiyals, manipuladores de cassetetes, para servir de guardas.

Foram para o campo, acompanhados de tocadores de tambores: era como se fossem uma procissão matrimonial indo para um casamento. No caminho, Baburao perguntava aos transeuntes sobre as aldeias adiante. Eram ricas ou pobres? Os moradores eram donos das terras ou meeiros? A que castas pertenciam as pessoas que moravam nelas? Pararam em um pequeno povoado, um pobre grupo de cabanas ajuntadas em torno de uma imensa figueira. Baburao sentou-se debaixo da árvore e mandou os tocadores de tambor começarem a bater os instrumentos.

Imediatamente, todas as outras atividades foram interrompidas. Homens vieram correndo dos campos, deixando os bois atrelados aos arados.

Crianças vieram chapinhando pelos alagados de arroz. Mulheres surgiram de suas cabanas com bebês montados no quadril.

Baburao deu boas-vindas a todos à sombra da árvore. Quando a multidão estava grande, começou a falar, com a voz lenta como um cântico, à maneira reverencial de um recitador do Ramayana. Falou de uma terra de ouro, a Birmânia, que o sarkar britânico havia declarado parte da Índia.

Mostrou o xale franjado que tinha no pescoço e convidou os ouvintes a tocá-lo com os dedos: estendeu a mão para que todos vissem seus anéis de ouro e rubi. Tudo isto, disse Baburao, veio da Birmânia, a terra dourada. Antes de ir para lá, ele não tinha nada, nem uma cabra, nem uma vaca.

— E todas essas coisas podem ser suas também — Baburao disse a seus ouvintes. — Não na próxima vida. Não no ano que vem. Agora. Podem ser suas agora. Tudo o que vocês precisam é que um

homem saudável da sua família coloque a marca do dedo nesta folha de papel.

Tirou um punhado de moedas de prata de uma bolsa de veludo e deixou-as cair para dentro de novo, tilintando.

— Alguém aqui tem dívidas? Alguém aqui deve dinheiro para o dono da terra? Podem encerrar essas obrigações agora mesmo, aqui mesmo. Assim que seus filhos e irmãos fizerem suas marcas nestes contratos, este dinheiro é de vocês. Dentro de poucos anos, eles vão ganhar o suficiente para livrar vocês das dívidas. Então, vão ter liberdade para voltar ou para ficar na Birmânia, à escolha deles.

Quinze homens assinaram naquela aldeia e 23 na seguinte: alguns vieram depressa à frente, outros foram empurrados pelos parentes e alguns colocaram no papel suas marcas à força, por obra de pais e irmãos.

Levando latas e trouxas de pano, os recrutas seguiram o carro de bois de Baburao de volta até a cidade. Os lathzyals seguiam na retaguarda para garantir que não saíssem da fila. A cada poucas horas paravam para comer arroz tostado e sal.

Quando chegaram ao litoral, Baburao alugou um barco para levá-los a Calcutá. Muitos daqueles homens nunca tinham estado no mar antes. Tinham medo das ondas e naquela noite um deles pulou na água. Baburao saltou atrás dele e puxou-o de volta para o barco. O fugitivo engoliu água até ficar com a barriga inchada. Era mole e esquelético, com ossos salientes pelo corpo. Baburao deitou o homem dobrado em cima da borda do barco.

Depois subiu em cima dele e apertou seu tronco com um joelho dobrado.

Com um movimento do pé, apertou o homem contra a borda, bombeando seu estômago até que a água que havia engolido escorreu de sua boca, junto com uma massa esponjosa de arroz tostado e sal.

— Onde achou que ia? — Baburao perguntou, quase carinhoso, como se estivesse cantando para uma amante. — E aquele dinheiro todo que eu dei para seu pai pagar as dívidas? De que ia adiantar seu corpo morto para ele ou para mim? Em Calcutá, embarcaram no *SS Dufferin*, que pertencia a uma companhia britânica. Baburao havia feito um arranjo com o camareiro do navio: era um cliente bem recebido por causa dos negócios que atraía. Recebeu passagem livre, na segunda classe. Embolsou o dinheiro do bilhete de Rajkumar e deixou que dormisse no chão de sua cabine. Os 38 homens que levavam com eles foram mandados para baixo, para um espaço de carga na popa do navio.

Cerca de 2 mil outros pretensos imigrantes já estavam lá. A maioria era de homens, mas havia também umas 150 mulheres. Na popa, projetada para fora do bojo do navio, havia uma estreita plataforma de madeira com quatro buracos que serviam de privada. A passagem era agitada e o chão da área de carga logo ficou coberto de vômito e urina. Essa camada viscosa e fétida escorria para lá e para cá com o movimento do navio, subindo pelas paredes. Os recrutas sentavam amontoados em suas latas e trouxas de roupa. À primeira vista de terra, na costa de Arakan, vários homens saltaram do navio. No terceiro dia de viagem, o número de pessoas a bordo havia diminuído algumas dúzias. Os corpos dos que morreram a bordo eram levados para a popa e lançados ao mar na esteira espumosa do navio.

Quando chegaram às docas de Rangoon, Baburao descobriu que a viagem havia lhe custado dois homens. Não ficou insatisfeito.

— Dois de 38 não está mal — disse a Rajkumar. — Já houve caso em que cheguei a perder seis.

Viajaram juntos para o Yenangyaung e depois Rajkumar disse a Baburao que precisava ir até Mandalay. Mas era uma desculpa. Rajkumar partiu na direção norte, mas assim que se distanciou um pouco de Baburao, virou em seus passos e foi direto

para Rangoon. Numa pequena loja da rua Mogul, comprou uma corrente de ouro e um anel de turquesa brilhante. Depois desceu para a doca e embarcou no Dufferin. Durante a travessia anterior, tivera o cuidado de estabelecer seu próprio arranjo com os camareiros do navio: então foi bem recebido como um maistry propriamente dito.

Rajkumar voltou ao mesmo distrito que havia visitado com Baburao. Alugou um carro de bois no mesmo mercado e empregou os mesmos lathzyals.

Conseguiu contratar 55 homens e três mulheres. Na volta para Calcutá, consciente do que havia acontecido da última vez, ficou a noite inteira acordado no barco alugado, vigiando os seus recrutas. Evidentemente, uma noite surpreendeu um homem tentando pular silenciosamente pela amurada.

Rajkumar era maior e mais alerta que Baburao e não precisou pular na água. Puxou o homem de volta pelo cabelo e suspendeu-o pendurado na frente dos outros. Conseguiu levar o grupo intacto até Yenangyaung e lá vendeu os contratos marcados a um patrão local. O dinheiro foi suficiente para pagar o empréstimo de Saya John.

Três anos se passaram até Doh Say encontrar uma madeireira promissora.

Nessa época, Rajkumar já havia feito mais oito viagens à Índia. Suas economias somavam dois terços do preço pedido pelo pátio de depósito.

Saya John emprestou o resto.

A madeireira ficava em Rangoon, na estrada Lower Kemendine. Havia muitas serrarias na área, o ar carregado da fragrância de serragem. Havia um crematório hindu perto, em Sanchaung, e, às vezes, quando o vento virava, nuvens de cinzas subiam em círculos acima das piras fúnebres. Um muro de tijolos circundava quase todo o espaço e nos fundos havia um píer estreito,

projetado como uma língua rio Rangoon adentro. Na maré baixa, a margem do rio se transformava em uma vasta plataforma de lama fofa. Na frente, o pátio tinha duas cabanas pequenas, construídas de madeira descartada e esteiras de bambu. Rajkumar mudou-se para a menor das duas; a outra ficou para Doh Say, Naw Da e os filhos, que agora eram quatro.

Em sua primeira visita ao pátio, Saya John comeu na cabana onde moravam Doh Say e Naw Da. Saya John não sabia que Doh Say seria sócio do negócio de Rajkumar, mas não ficou especialmente surpreso ao descobrir isso.

Rajkumar sempre tivera uma obstinada coerência — qualidade bem diferente de lealdade, mas não menos duradoura. As mesmas sombras pareciam ser sempre recorrentes em sua vida, como acontecia nas telas do teatro de sombras.

No ano seguinte, Saya John entrou num semirretiro e mudou-se de Mandalay para Rangoon. A venda de sua firma fez dele um homem rico. Montou um pequeno escritório na rua Merchant e comprou um apartamento na alameda Blackburn. Comprou muita mobília para esse apartamento, à espera de que seu filho, Matthew, logo voltasse para casa. Mas o rapaz estava mais longe que nunca — uma parente o tinha levado para San Francisco e ele escrevera dizendo que estava estudando em um seminário católico. Não dava para dizer quando voltaria.

Com tempo nas mãos, Saya John começou a dar longos passeios, para levar seus passarinhos para tomar ar. O depósito de Rajkumar ficava a menos de meia hora a pé de sua casa e passou a ser um ritual para ele dar uma parada lá toda manhã, com uma gaiola na mão e um jornal debaixo do braço.

Uma manhã, ao chegar, encontrou Rajkumar esperando no portão, saltitando de impaciência.

— Está atrasado hoje, Saya.

— Atrasado? Para quê? — Atrasado com o jornal, Saya. — Rajkumar arrancou o Rangoon Gazette das mãos de Saya John. — Doh Say ouviu dizer nas docas que uma companhia ferroviária indiana ia anunciar que estava aceitando propostas para o fornecimento de dormentes.

— Proposta para o fornecimento de dormentes! — O mainá dentro da gaiola de Saya John trinou, imitando a risada gozadora do dono. — E daí, Rajkumar? Um contrato com uma companhia ferroviária significaria despachar milhares de toneladas de teca. Para fornecer nessa escala você ia precisar de uma equipe de oo-sis, jangadeiros, agentes, assistentes. Você só tem Doh Say e um elefante. Como acha que pode atender um contrato desses? — A ferrovia é pequena e nova, Saya, e precisa de fornecimento barato.

Não preciso começar comprando a madeira; começaria com o contrato. Uma vez contratado, a madeira viria automaticamente. Você vai ver. Tem dezenas de depósitos aqui com excesso de estoque. Quando souberem que estou oferecendo pagamento à vista, vão todos me procurar.

— E onde você vai arrumar dinheiro para esses pagamentos à vista? — Ora, Saya — Rajkumar sorriu, um pouco encabulado. — Com você, claro.

Por que eu haveria de oferecer uma oportunidade dessas a outra pessoa? — Mas pense no risco, Rajkumar. As grandes companhias inglesas vão destruir você, vão fazer você virar alvo de chacota em Rangoon. Você pode ser posto para fora do negócio.

— Mas, Saya, veja o que eu tenho aqui agora. — Rajkumar apontou sua frágil cabana e o pátio meio vazio. — Saya, isto não é nada melhor que uma casa de chá de beira de estrada, era melhor eu continuar trabalhando para Ma Cho. Se pretendo algum dia fazer este negócio crescer, tenho de assumir riscos.

— Pense bem, Rajkumar, pense bem. Você está começando agora. Não faz ideia dos negócios que são fechados em Rangoon.

Todos os grandões daqui se conhecem. Vão aos mesmos clubes, comem nos mesmos restaurantes, apostam uns nos cavalos dos outros...

— Não são só os grandões que sabem tudo, Saya — disse Rajkumar. — Se eu descobrir exatamente que cotação as outras companhias vão oferecer, então posso fazer uma proposta e ganhar.

— vamos ver.

— E como vai descobrir isso? — Não sei, Saya. Mas acho que tem um jeito. Vamos ver.

— Mas, Rajkumar, você não sabe nem ler em inglês; como acha que vai fazer essa proposta? Rajkumar sorriu.

— É verdade que não sei ler inglês, Saya, mas aprendi a falar. E por que eu preciso ler se você pode ler por mim? Saya? E então coube a Saya John tratar da papelada para a proposta. Foi a ele que Rajkumar procurou com a carta de resposta da companhia.

Ao abrir o selo floreado, Saya John deixou escapar um grito incrédulo.

— Rajkumar! Você está convidado para um encontro com os diretores da Companhia Ferroviária Chota-Nagpur na semana que vem. Eles vêm à Birmânia para examinar as propostas. Você tem de estar no escritório do banco Chartered, no Strand, às dez da manhã, na quinta-feira.

Saya John estalou a língua, incrédulo, ao levantar os olhos da engomada folha de papel que tinha nas mãos.

— Rajkumar, realmente nunca pensei que você fosse tão longe.

— Eu falei, Saya — Rajkumar sorriu. — Descobri quanto as outras companhias iam oferecer e fiz uma oferta melhor.

— E como você descobriu? Rajkumar sorriu.

— Isso vai ser um segredo meu, Saya.

— Esse segredo não vai servir de nada para você agora. É essa reunião que vai decidir tudo. É nisso que você tem de pensar.

— Saya John correu os olhos criticamente pelo longyi verde e o coletepinni puído. — Por exemplo: o que vai vestir? O banco Chartered não deixa você nem entrar pela porta vestido desse jeito.

No dia seguinte, Saya John foi ao depósito com um jovem garboso.

— Este aqui é U Ba Kyaw — disse a Rajkumar. — Era valete de um fazendeiro em Maymyo. Vai ensinar uma porção de coisas para você, como comer numa mesa europeia, com garfo e faca. Compre exatamente o que ele mandar e faça exatamente o que ele ensinar.

Na manhã da reunião, Saya John chegou ao depósito numa carruagem alugada, vestido com seu melhor terno preto e equipado com uma linda bengala de ratã e chapéu novo. Entrou na cabana de Rajkumar e encontrou-o já vestido com calça e camisa novos, rigidamente parado enquanto U Ba Kyaw dava o laço em sua gravata.

Quando Rajkumar estava todo vestido, Saya John examinou-o e concluiu que não havia nada errado em sua aparência: o terno era adequadamente simples e preto, o laço da gravata bem-feito, o colarinho virado no ângulo certo. Verdade que as roupas não eram tão bem cortadas quanto seriam em Cingapura ou Hong Kong, mas para Rangoon estavam mais que adequadas. De qualquer forma, independentemente do preço ou do caimento das roupas de Rajkumar, com toda certeza ele não podia ser tomado por um homem nascido para a riqueza ou posto público.

Havia em seu rosto uma rusticidade que certamente contrariava isso.

— Vou com você, Rajkumar — disse Saya John. — Só para dar sorte.

No banco Chartered, Saya John e Rajkumar foram conduzidos a uma antessala por um encarregado, um indiano.

Surpreso, Saya John viu que Rajkumar já conhecia esse homem — D. P. Roy era seu nome.

— Está tudo arranjado — Mr. Roy disse, em voz baixa.

— Os diretores estão na sala de reuniões agora. Vão chamar você logo.

O encarregado saiu e ficaram sozinhos. A sala era escura e cavernosa, e as poltronas de couro macias tinham cheiro de fumaça de charuto. Depois de uma longa espera, um atendente de turbante entrou para chamar Rajkumar. Saya John pôs-se de pé também, com a intenção de pronunciar algumas palavras de encorajamento e ânimo. Mas quando estava para falar, parou e seus olhos pousaram em Rajkumar. Deu-se conta de que ele era agora um homem seguro de si, tão confiante que tudo o que pudesse dizer seria supérfluo. Saya John recuou um pouco, deu um ou dois passos para trás para observá-lo melhor. De repente, daquele outro ângulo, teve a impressão de estar olhando alguém que nunca tinha visto antes, um ser inventado, com uma formidável presença, firme e impositiva. Naquele instante, num relance diante de seus olhos, Saya John reviu claramente aquela manhã em Mandalay em que entrou correndo no beco para resgatar Rajkumar — viu-o como um menino, um kalaa abandonado, um indiano vestido em farrapos que tinha ido parar muito longe de casa.

Já então o menino vivera uma vida inteira, e pelo aspecto dele agora estava claro que embarcaria em muitas mais.

Então Rajkumar fez uma coisa que nunca havia feito antes. Quando estava para passar pela porta, curvou-se para tocar os pés de Saya John à maneira indiana.

— Me dê sua bênção, Saya.

Saya John virou a cabeça para esconder as lágrimas que enchiam seus olhos.

— O que um homem toma para si, ninguém pode lhe negar. O contrato será seu, Rajkumar. Eu estava errado de duvidar.

10



Momentos depois da chegada do vapor, espalhou-se pelo litoral a notícia de que havia um rico príncipe a bordo, um certo Rajkumar, estrangeiro muito liberal com as gorjetas. Seguiu-se um tumulto: cules e carregadores sitiaram a prancha de embarque; vadios surgiram das sombras costeiras e se juntaram na praia.

Rajkumar ainda estava dormindo em sua cabine quando o vapor atracou. Foi U Ba Kyaw quem o acordou. Era costume de Rajkumar levar uma porção de gente com ele quando viajava para o exterior. Era o seu jeito de proteger-se das armadilhas de seu novo estado. Essa viagem particular despertara apreensões de um novo tipo, e conseqüentemente sua comitiva era maior que de costume. Ao lado de um contador e um estenógrafo, trouxe também U Ba Kyaw, o empregado em quem mais confiava.

Rajkumar mandou U Ba Kyaw na frente para distrair a multidão, depois deslizou depressa para fora do vapor. Havia duas carruagens esperando no fim do píer: uma era da Residência. O Coletor estava fora da cidade essa manhã, mas havia deixado cuidadosas instruções sobre a recepção ao visitante. Kanhoji devia levá-lo ao bangalô Dak, onde ia ficar hospedado. À noite, ia jantar na Residência.

A outra carruagem no píer era o faeton da Casa Outram. Ao lado de Kanhoji, Sawant estava encostado à guarda, observando o tumulto no píer.

Os dois homens foram pegos de surpresa quando apontaram Rajkumar para eles. De todo o grupo, ele era o que menos parecia o homem que Kanhoji viera esperar.

Depois de deixar Rajkumar no bangalô Dak, Kanhoji voltou à Residência para fazer a Uma um relatório completo do tumulto do pír. Não poupou detalhes: contou que havia um charuto meio mascado na boca de Rajkumar, que sua roupa estava desarrumada, o longyi amassado, o colete manchado e o cabelo despenteado. Uma sentiu uma insistente inquietação.

Seria prudente convidar uma pessoa assim para jantar? O que exatamente ele comeria? Num grande contraste com o costume, o Coletor havia confiado a organização da refeição noturna a Uma. Geralmente, era ele quem supervisionava as recepções da Residência. Embora desinteressado das questões domésticas em geral, era muito exigente com esses jantares para convidados: gostava de examinar a mesa e o arranjo dos pratos pessoalmente, mexia nas flores e apontava os pratos e copos que precisavam ser polidos de novo. Era a ele que os criados procuravam para saber o que servir e qual serviço de porcelana usar.

Nessa manhã, quando o khansama entrou para perguntar sobre o menu, Uma foi tomada de surpresa. Pensou depressa, e disse para ele servir exatamente o que havia servido uma semana antes, quando o Diretor de Educação Pública viera jantar. Lembrou da torta de batata com carne moída, do peixe seco e do manjar branco.

— Quero tudo aquilo hoje — disse ao cozinheiro —, ekdum woh hi cheez.

Então, num impulso, escreveu um recado ao Superintendente de Polícia Anglo-Indiana, Mr. Wright, pedindo que viesse jantar com a mulher. O juiz Naidu e Mrs. Naidu já estavam convidados — um casal mais velho, infalivelmente agradável e

pouco exigente. É claro que Dolly deveria vir também: isso já havia sido marcado muito antes.

À medida que a noite se aproximava, Uma tentou lembrar tudo o que o Coletor fazia antes de um jantar. Primeiro, disse a si mesma, seria uma boa memsahib. Foi à sala, remexeu nos pratos, talheres e flores. Mas quando o Coletor chegou em casa, descobriu que podia ter poupado o esforço. O Coletor ficou absolutamente indiferente. Entrou na sala de jantar para inspecionar seu trabalho e saiu com um ar de reprimida reprovação no rosto.

— As facas de peixe não estavam no lugar certo — disse.

— E havia pó nos cálices de vinho... — Fez com que ela repassasse todo o arranjo outra vez. — Volto mais tarde para conferir.

Para esperar a chegada dos convidados, Uma sentou-se à janela, as mãos dobradas no colo como uma escolar de castigo. Talvez fosse um erro, esse jantar, convidar Dolly para conhecer esse estranho. Talvez sua própria presença fosse um erro. Era uma ideia que nunca havia lhe ocorrido antes, mas essa sombra gelada foi se alongando em sua cabeça. Seria o que chamam de premonição? Madame...

Eram os Naidu, cabelos grisalhos, altos, transbordantes de boa vontade e fala mansa.

— Que bom...

E depois vieram os Wright, seguidos por Dolly, minutos depois.

Rajkumar foi o último a chegar. Ao se levantar para cumprimentá-lo, Uma descobriu que sua primeira impressão era inesperadamente favorável.

Olhou por cima das mãos juntas e notou que ele tivera todo o cuidado de se vestir com roupas simples e caprichadamente "inglesas": terno preto sóbrio, nó da gravata bem-feito. Sapatos bem brilhantes e na mão uma bengala de ratã com castão de jade

delicadamente esculpido. Parecia muito mais velho do que ela esperava: o rosto marcado pela vida dura e os lábios pesados e de cor intensa, muito vermelhos contra a pele escura. Ao longo do queixo, havia uma dobra de pele que anunciava uma futura papada. Longe de bonito, havia, porém, algo de atraente nele, uma constituição maciça aliada a uma inesperada mobilidade de expressão — como se a vida tivesse sido soprada numa muralha de ardósia.

Uma olhou por cima do ombro e viu Dolly sentada meio escondida atrás do braço ornado de uma chaise longue. Estava usando um htamein roxo com um aingyi de seda branca. Brilhava um lírio como uma chama contra o negro lustroso dos cabelos.

— Dolly! — Uma fez um gesto de apresentação na direção de Rajkumar. — Este é Mr.Raha; acho que vocês não se conhecem...

Ele a reconheceu de imediato, ao primeiro olhar, além de qualquer possibilidade de dúvida. Não que ela estivesse igual, porque não estava: o rosto era muito mais comprido do que ele lembrava, e em torno dos olhos e da boca havia uma filigrana fina, quase invisível, de linhas, como os riscos de uma sovela de ourives. O que ele lembrava era de outra coisa — um elemento em sua expressão, uma espécie de desamparo no olhar.

Isso é que o havia fascinado aquela noite no Palácio de Espelho e que agora o fascinava de novo.

— Mr. Raha — havia uma nota de preocupação na voz de Uma —, algum problema? — Não. — Ele baixou os olhos e viu que estava segurando a bengala suspensa no ar. — Não. Nenhum. Nenhum problema.

Para se impedir de sair da sala, sentou-se pesadamente na cadeira mais próxima. Era cedo demais: ele não esperava vê-la ali. Não havia nada que detestasse mais do que ser tomado de surpresa. Esperava se preparar para aquele encontro com passos lentos, medidos. Já havia sido bem difícil entrar naquela casa.

Mesmo agora, depois de dois anos de festas e jantares, achava difícil lidar com essa atmosfera de contida representação.

— Fez boa viagem, Mr. Raha? Era a anfitriã, a esposa do Coletor: havia em seu rosto uma expressão que demonstrava estar tentando colocá-lo à vontade. Ele fez que sim com a cabeça e tentou sorrir. Sentiu o olhar se dirigindo à chaise longue e rapidamente baixou-o. Havia outros se aproximando; sentia a presença deles por cima do ombro. O que deveria dizer a eles? Nunca quis tanto ficar sozinho.

— Jantar. Vamos...

A caminho da sala de jantar, Uma viu-se momentaneamente sozinha com Dolly.

— O que acha do nosso convidado? — perguntou depressa, baixinho.

— Não é o que eu esperava: não parece nada um magnata.

— Porque é muito quieto, você quer dizer? — Parece que não está muito à vontade, não parece? — Viu como ele fica olhando para você? Parece até que já viu você antes em algum lugar.

A sala de jantar da Residência era grande demais para ser bem iluminada.

A longa mesa de mogno ficava flutuando numa ilha de escuridão. Sobre a mesa havia diversos candelabros enormes, mas por causa do punkah puxado à mão do teto as velas nos braços de prata não podiam ser acesas. O resultado é que os rostos dos convidados ficavam meio escuros, nunca totalmente visíveis, mesmo para a pessoa ao lado.

Uma colocou Rajkumar à sua direita e Mr. Wright, o Superintendente de Polícia, à esquerda. Dolly estava no outro extremo da mesa, sentada ao lado do Coletor. Ao longo das paredes, a alguns passos da mesa, ficava uma linha de atendentes, um atrás de cada cadeira. Como era o costume, cada convidado trouxera seu próprio atendente, todos menos Dolly, que era como

se fosse membro da própria casa. Os atendentes dos Naidu eram homens locais, o de Mr. Wright um sikh. Atrás da cadeira de Rajkumar estava U Ba Kyaw, com um lenço gaung-baung rosado na cabeça e longyi roxo: todo o resto perdia a cor a seu lado.

Então, o Coletor pousou o guardanapo e olhou para Rajkumar do outro lado da mesa.

— A Birmânia, Mr. Raha — disse com seu jeito irônico.

— O senhor falou muito pouco sobre isso. Em primeiro lugar, como foi parar lá? — Por acaso — Rajkumar disse, breve.

— Que tipo de acidente leva um homem a outro país? — Eu trabalhava num barco e me vi perdido em Mandalay. Foi no início da invasão britânica, O rio ficou fechado para o tráfego.

— Um momento muito marcante.

— Um momento estranho, sir.

— É mesmo? Como assim? Dolly estava olhando de seu lugar. Ele só enxergava o rosto dela: os outros estavam envoltos em sombras.

— A tropa britânica levou duas semanas para subir o rio — disse Rajkumar. — E durante quase todo esse tempo Mandalay ficou muito quieta. Eu era menino na época, mas fui um dos poucos na cidade que parecia saber que ia haver problema.

Nessa altura, ocorreu um pequeno e estranho incidente. O peixe foi servido, Rajkumar olhou impaciente para as facas e garfos que circundavam seu prato. Então, como se estivesse exasperado com a profusão de talheres, levantou a mão direita e estalou os dedos. Antes mesmo de completar o gesto, U Ba Kyaw apareceu a seu lado para entregar-lhe o utensílio apropriado. Isso não levou mais que um instante, mas todo mundo na sala notou, alarmado. Só o próprio Rajkumar pareceu não dar importância à interrupção. Retomou a narrativa como se nada tivesse acontecido.

— Uma manhã, ouvimos tiros de canhões em algum lugar distante. Quando o barulho parou, tudo continuou como sempre.

Só quando os soldados estrangeiros marcharam pela cidade foi que o povo entendeu o que tinha acontecido: que o Rei havia sido derrotado, a cidade conquistada. Ao anoitecer, vimos tropas saindo do forte com sacos de coisas roubadas. Trabalhadores do palácio também. Formou-se uma multidão em volta das muralhas do forte.

Eu nunca tinha entrado lá. Quando vi as pessoas atravessando o fosso, fui com elas. Entramos correndo. Nas muralhas do palácio, encontramos um portão meio aberto. Invadimos, centenas de pessoas. Acho que se pode dizer que era um tumulto. Ninguém sabia o que estava fazendo, todo mundo ia atrás de alguém. Entramos correndo pela parte de trás do palácio: pelo setor das mulheres. As coisas mais valiosas já tinham sumido, mas para nós o que tinha sobrado era inacreditável de suntuoso, precioso além da imaginação. As pessoas caíram em cima de tudo o que se podia alcançar, tudo o que estava à vista, quebravam os móveis, arrancavam pedras do chão. Depois de um tempo, saí do salão principal e virei para uma antessala. Lá dentro estava uma mulher. Era pequena e magra e mesmo nunca a tendo visto antes entendi na mesma hora que era a Rainha Supayalat.

— A Rainha? — É. Sua Majestade em pessoa. Acho que a Rainha tinha ido lá para salvar o que ainda sobrava das suas coisas. Estava sem guardas, sem escolta.

Devia estar com medo, mas não estava. Gritou conosco, ameaçou. Mas o mais incrível foi que todo mundo que entrou na sala se jogou no chão na mesma hora, para fazer o shiko para a Rainha. Imagine que estranho: estavam lá para roubar o palácio e ao mesmo tempo homenageavam a Rainha! Eu fiquei fascinado: sentei num canto, olhando. E depois que estava lá fazia algum tempo, percebi que a Rainha não estava sozinha. Com ela estavam duas crianças e algumas atendentes, um grupo de garotas. Das crianças, a mais velha devia ter 3 anos. Achei que era uma Princesa por causa do estilo da roupa. Ao lado da Princesa, estava uma

empregada, também criança, talvez um ano ou dois mais nova que eu, talvez mais, eu não tinha como saber, porque era uma criança como eu nunca tinha visto igual.

— Tão linda que não dava para acreditar, não dava para entender. Era igual ao palácio, uma coisa espelhada, dentro da qual se podia ver tudo o que a imaginação fosse capaz. Em volta de nós havia confusão, barulho de facas, de machados, de pés correndo. Era evidente que a menina estava assustada, mas, ao mesmo tempo, estava perfeitamente calma. Eu não conseguia tirar os olhos de cima dela. Sabia que estava vendo uma coisa que nunca mais ia esquecer.

— Quem era ela? — Uma interrompeu.

— Essa menina... quem era? Você nunca descobriu? — Para dizer a verdade... — Rajkumar estava a ponto de continuar quando Dolly interrompeu.

— Parece — disse, secamente, dirigindo-se ao Coletor —, parece que foi tudo muito divertido para Mr.Raha.

— Não — a voz de Rajkumar ficou mais forte. — Nem um pouco.

Ao olhar para Rajkumar, Uma viu uma expressão de inexprimível desânimo cruzar seu rosto. De repente, sentiu pena dele: Dolly estava sendo desnecessariamente cruel, injusta; todo mundo podia perceber que o homem não tencionava nenhum desrespeito.

— Mr. Raha... — Uma estendeu a mão, deu-lhe tapinhas no pulso, para trazê-lo de volta ao presente e lembrar que estava acompanhado. Mas seu cotovelo roçou acidentalmente a mesa. Um garfo escorregou de seu prato e caiu com ruído ao chão, O som era muito pequeno, metálico e agudo, mas dentro daquele espaço confinado adquiriu a amplitude de uma explosão.

Dois atendentes saltaram ao mesmo tempo de seus lugares na parede: um pegou o objeto caído no chão, enquanto o outro trouxe uma substituição, embrulhada num guardanapo.

— Ah, madame...

A voz do Coletor era expansiva e alta, cheia de jovial ironia. Com o som, ela se encolheu na cadeira, mortificada. Passara a detestar essa nota de derrisão, essa inflexão que tantas vezes acompanhava os comentários dele a seus pequenos atos desajeitados. Sabia que o incidente seria mencionado muitas vezes essa noite; haveria inúmeras piadas, referências, observações à parte: seria esse seu castigo.

— Ah, madame — continuou o Coletor —, posso pedir mais uma vez que pare de fazer malabarismos com a prataria do governo? Ela estremeceu, fixou os olhos no prato. Como era possível aguentar uma coisa dessas? Olhou para o novo garfo pousado no prato, e como por vontade própria sua mão começou a se mexer. O pulso estalou, fazendo o garfo voar pelo ar.

Antes que o objeto completasse seu arco, Rajkumar estendeu a mão e pegou-o no ar.

— Pronto — disse, batendo o garfo na toalha. — Sem problema.

Do outro lado da mesa, o Coletor observava, perplexo.

— Uma! — gritou, a nota de ironia desaparecida da voz.

— Uma! Qual é o problema com você hoje? Seguiu-se um momento de silêncio em que deu para ouvir uma carruagem entrando pelo portão da Residência. "Kaun hai?", veio o grito da sentinela. A resposta foi abafada e indistinta, mas Dolly se pôs imediatamente em pé.

— É Mohanbhai. Deve ter acontecido alguma coisa na Casa Outram.

Um atendente entrou, curvou-se e apresentou um envelope ao Coletor.

— Urgente, sir.

O Coletor rasgou o envelope, tirou uma folha de papel com monograma. Leu toda a carta, depois levantou os olhos, sorrindo

gravemente.

— Sinto muito, mas tenho de deixar nossa festa. Um chamado. Sua Alteza quer me ver na Casa Outram. Imediatamente.

— Então tenho de ir também — Dolly empurrou a cadeira.

— De jeito nenhum. — O Coletor deu um tapinha na mão dela. — Fique e divirta-se. É comigo que ela quer falar. Não com você.

Dolly e Uma trocaram olhares: ambas entenderam na mesma hora que a Rainha havia convocado o Coletor para anunciar a gravidez da Princesa.

Dolly não conseguia resolver se era melhor voltar para a Casa Outram ou ficar longe.

— Fique, Dolly. — Uma insistiu.

— Tudo bem. — Dolly fez que sim com a cabeça. — Eu fico.

A cumplicidade das duas mulheres não escapou ao Coletor. Olhou de Uma para Dolly e de volta.

— O que exatamente está acontecendo na Casa Outram? — perguntou. — Alguma de vocês faz ideia? — Não — Uma respondeu depressa, a voz uma nota mais alta que o normal. — Seja o que for, tenho certeza de que não vai exigir a presença de Dolly.

— Tudo bem então. — O Coletor deu rapidamente a volta à mesa, se despedindo. — Volto quando Sua Alteza me dispensar. Por favor, divirtam-se...

A súbita partida do Coletor deixou os outros incomodados. Os Naidu e os Wright puseram-se de pé, sussurrando.

— Já é tarde...

— Temos de ir...

Houve uma agitação de partidas e apertos de mão. Ao acompanhar os hóspedes até a porta, Uma parou para sussurrar para Dolly: — Volto assim que eles forem embora. Me espere...

Dolly entrou na saleta com a cabeça rodando e abriu uma das portas que davam para fora. Saiu ao jardim, parou para ouvir as

vozes dos convidados que partiam. Estavam se despedindo.

— Obrigado...

— Tão agradável...

Uma das vozes era de Uma, mas parecia muito distante. Não conseguia pensar com clareza agora: parecia tudo um pouco borrado. Ocorreu-lhe que devia fechar a porta para não deixar os insetos entrarem na casa. Mas deixou passar: havia coisas demais para pensar.

Agora, naquele mesmo instante, na Casa Outram, as princesas estavam provavelmente sentadas à janela, olhando a rua, esperando o ruído da carruagem do Coletor. No andar de baixo, a sala de recepção provavelmente já estava aberta, as lâmpadas acesas, duas apenas, para economizar óleo. A Rainha logo iria descer, com o htamein roxo bordado; dentro de um momento ia se sentar de costas para a porta. E ali esperaria até o Coletor ser introduzido na sala.

11



Era assim que o mundo estabelecido da Casa Outram ia terminar: elas sabiam o tempo todo, ela e as princesas. Era exatamente assim que ia acontecer: um dia, de repente, a Rainha resolveria que era chegado o dia. O Coletor ia ser chamado imediatamente, sem um minuto a perder. No dia seguinte, todo mundo saberia: o Governador, o Vice-rei, toda a Birmânia. Mohanbhai seria mandado embora; talvez a Princesa também. Só ela, Dolly, ficaria, para levar a culpa.

— Miss Dolly.

Ela reconheceu a voz. Era aquele homem, o visitante da Birmânia.

— Miss Dolly.

Virou-se para ele, a irritação aumentando.

— Como sabe meu nome? — Eu ouvi... — Ele parou e corrigiu-se. — A verdade é que foi você quem me disse seu nome.

— Impossível.

— Disse, sim. Não se lembra? Aquela noite, no Palácio de Espelho. Era você a menina com a Princesa. Deve se lembrar.

Falei com você, perguntei seu nome.

Dolly bateu as mãos nos ouvidos.

— É mentira. Cada palavra. Está inventando isso. Tudo, todas as palavras. Não existe uma linha de verdade em nada do que disse hoje.

Mini e Mebya eram deuses para o povo de Mandalay. Ninguém ousaria fazer as coisas que descreveu... As pessoas choravam quando fomos levados embora.

— Choravam, sim. É verdade. Mas isto também é verdade: a multidão, o palácio. Eu estava lá, e você também. Tem de se lembrar: aquela noite no palácio, alguém arrancou alguma coisa de você... uma caixa. Eu encontrei e a devolvi. Foi quando me disse seu nome: Dolly. Ainda escuto a sua voz.

Ela virou o rosto.

— E está aqui por causa disso? Por causa do que viu aquela noite no palácio? — É.

— Cometeu um erro, Mr.Raha. — A voz dela subiu num grito de queixosa negação. — Não fui eu quem o senhor viu. Foi outra pessoa. Crianças mudam quando crescem. Não tenho lembrança do que o senhor descreve. Eu não estava lá. Nós éramos muitas meninas trabalhando no palácio. Era, talvez, outra pessoa. Não sei. Não era eu. Eu não estava lá.

— Lembro bem do que vi.

— Como pode ter certeza? Não me lembro nada daquela época. Nunca quis lembrar. E o senhor também era um menino, uma criança.

— Mas ainda me lembro.

— E por que veio aqui me procurar? — Miss Dolly, eu não tenho família, nem pais, nem irmãos, nem irmãs, nenhum tecido de pequenas lembranças que dê para cortar um pano grande.

As pessoas acham que isso é triste, e é. Mas quer dizer também que não tenho opção, senão escolher a quem me ligo. Não é nada fácil, como pode ver. Mas é uma espécie de liberdade, e, portanto, não deixa de ter seu valor.

— E o que o senhor esperava encontrar? Veio até aqui esperando me encontrar ainda menina? Alguém que podia levar o

senhor de volta à sua infância? — Vim porque pude vir. Sem esperar nada.

Dolly abanou o rosto com as mãos. Sentia o aroma dos jasmims caídos morrendo na grama em torno dela.

— Mr. Raha. — Estava mais calma agora, respirando melhor. — O senhor é um homem rico, pelo que ouvi dizer, um homem bem-sucedido.

Evidentemente, viveu uma vida movimentada. Não consigo entender o que exatamente trouxe o senhor aqui. Devo esclarecer que, no que me diz respeito, aqui é a minha casa, e não tenho outra. Aqui passei vinte anos. Levo uma vida simples, prática. Não existe nada em mim nem na vida que eu levo que tenha o mais remoto interesse para alguém como o senhor.

— Eu gostaria de dizer, com todo o respeito, que isso você não pode julgar.

— Mr. Raha, é melhor o senhor ir embora agora.

— Não podia ir embora sem dizer que você me entendeu mal na mesa de jantar esta noite. Foi por isso que voltei assim. Vim de muito longe. Não podia sair daquele jeito.

Uma sombra apareceu ao longe, emoldurada pela janela aberta da saleta. Era Uma, chamando com as mãos em concha: — Onde você está, Dolly? No jardim? Dolly baixou a voz.

— Mr. Raha, desculpe se eu disse alguma coisa injusta ou indelicada.

Tenho certeza de que o senhor não tinha nenhuma má intenção. Mas sua vinda aqui foi um erro e o melhor que o senhor faria seria esquecer isto aqui o mais depressa possível. É uma pena que tenha perdido tanto tempo e esforço.

— Não foi perda de tempo.

— Não há nada mais a dizer, Mr. Raha. — Dolly juntou as mãos. — Tenho de ir agora. Acho que não vamos nos encontrar de novo, mas lhe desejo felicidades. Namasté.

A Rainha recebeu o Coletor como sempre, sentada em sua poltrona preta enfeitada, de costas para a porta. O rosto era uma máscara dura, os lábios uma explosão vermelha como queimadura de sol. A pele de marfim parecia quase translúcida à fraca luz das velas. Estava usando o htamein de seda vermelha, os pés com meias em chinelos pretos, bordados com esfiapados fios de ouro.

Gesticulou para o Coletor sentar e começou sem preâmbulo, falando em hindustâni.

— Sua Majestade o Rei deseja, sahib Coletor, que o senhor seja informado de que nossa filha mais velha, a Princesa Ashin Hteik Su Myat Phaya Gyi, está grávida, e que seu parto será dentro de uma ou duas semanas.

Ficariamos gratos se desse a boa notícia a seus superiores no Governo da Índia.

O primeiro instinto do Coletor foi corrigi-la.

— Mas, Sua Alteza, isso não pode ser, a Princesa não tem marido.

— Não que seja do seu conhecimento, talvez.

— Isto não é questão de opinião — disse o Coletor.

— Eu não expedi nenhuma licença de casamento para a Princesa. Portanto, ela não pode ser legalmente casada.

A Rainha ficou quieta um momento, depois um ligeiro sorriso apareceu em seu rosto.

— Sahib Coletor, o senhor se mantém tão bem informado. Estou surpresa de que nenhum de seus espiões tenha resolvido lhe contar que crianças podem nascer sem licença.

— Então a senhora quer dizer que a criança...

— Sim. Pelas suas leis, a criança será um bastardo.

— E o pai? — O senhor já esteve com ele muitas vezes. — Fixou nele um olhar firme.

— É o nosso cocheiro, um bom rapaz.

Só então o Coletor começou a se dar conta da dimensão do que ela havia dito.

— Mas o que eu devo relatar, O que devo dizer ao Governo?
— Vai dizer o que foi dito ao senhor: vai dizer que nossa filha logo terá um filho e que o pai dele é nosso cocheiro, Sawant.

— Mas, Alteza — disse o Coletor —, pense na reputação da Princesa, pense em sua posição na sociedade.

— Nossa posição? E qual é exatamente a nossa posição, sahib Coletor? — Seu marido é o Rei da Birmânia, mesmo deposto. Sua filha é uma Princesa.

— Garanto ao senhor, sahib Coletor, que o senhor especialmente não precisa se dar ao trabalho de nos lembrar disso.

Ele sentiu o suor escorrendo pela testa. Ainda havia tempo, disse a si mesmo: a questão podia ser tratada com discrição, sem que nem o menor rumor viesse a público. O rapaz podia ser convencido a ir embora quietinho para sua aldeia e sua família. Se armasse barulho, Mr. Wright e seus policiais cuidariam dele.

— Sua Alteza, peço que pense bem. Será adequado que uma Princesa da Birmânia se ligue a um empregado doméstico, um criado? Um minúsculo trinado de riso escapou dos lábios da Rainha.

— Sahib Coletor, Sawant é menos criado que o senhor. Pelo menos não tem ilusões quanto a seu lugar no mundo.

O Coletor olhou diretamente para ela.

— Estou francamente perplexo — disse — que Sua Alteza escolha não levar a sério um escândalo desses.

— Escândalo? — Os olhos da Rainha ficaram duros quando repetiu a palavra. — O senhor tem a insolência de vir até aqui e nos falar de escândalo? Não existe escândalo nenhum no que minha filha fez. O escândalo existe no que vocês fizeram conosco; nas circunstâncias a que vocês nos reduziram; em nossa presença aqui. O que minhas filhas fizeram, sahib Coletor, para merecerem passar

a vida nesta prisão? Elas cometeram algum crime? Foram julgadas ou condenadas? Ouvimos tantos sermões do senhor e de seus colegas sobre a questão da barbárie dos Reis da Birmânia e da humanidade dos angrez; nós éramos tiranos, disse o senhor, inimigos da liberdade, assassinos. Só os ingleses entendem de liberdade, nos disseram; os ingleses não matam reis e príncipes; eles governam com leis. Se assim é, por que o Rei Thebaw nunca foi levado a julgamento? Onde estão as leis de que ouvimos falar? É crime defender nosso país contra o invasor? Os ingleses não fariam a mesma coisa? O Coletor sabia que a resposta adequada era fazer um gesto de protesto, uma demonstração de indignação. Mas, diante do exame dos olhos duros da Rainha, não foi capaz de encontrar as palavras certas.

— Sua Alteza — disse, por fim —, não sou seu inimigo. Ao contrário, muitas vezes admiti que acredito que suas reclamações são bem fundamentadas. A questão, infelizmente, não está em minhas mãos. Por favor, acredite quando digo que só tenho o melhor dos interesses em meu coração. E só por consideração à senhora e à sua família que peço que reconsidere sua decisão de aceitar esse homem, esse cocheiro, em sua família. Eu imploro, Sua Alteza, pense como o público vai receber isso... o dano para a reputação de sua família.

A Rainha inclinou a cabeça.

— Nós não somos funcionários públicos, sahib Coletor. Para nós a opinião das pessoas em geral é uma questão de absoluta indiferença.

— Vejo que já tomou sua decisão.

— Que vergonha para o senhor, sahib Coletor, ter a audácia de julgar a conduta de minhas filhas; que vergonha para o senhor a afronta de entrar nesta casa e me falar de escândalo.

O Coletor levantou-se.

— Sua Alteza, posso mencionar uma última consideração? Não espero que vá pesar muito para a senhora, mas sinto que tenho o direito, mesmo assim, de trazer isto à sua atenção. A senhora deve ter consciência de que se essa questão vier a público, eu, como seu curador-chefe, muito provavelmente, levarei a culpa. Sem dúvida, significaria o fim de minha permanência aqui como Coletor.

— Garanto, sahib Coletor — a Rainha riu —, que estamos bem conscientes disso. — Ela riu de novo, levantando a mãozinha para cobrir a boca. — Tenho certeza de que o senhor encontrará um meio de se preservar.

Funcionários públicos geralmente fazem isso. Senão, a culpa será exclusivamente sua.

Não havia mais nada a dizer. Resmungando algumas palavras de pesar, o Coletor pediu licença para deixar a presença da Rainha. Ao sair, viu Sawant diante da portaria. Dava para ouvir uma voz de mulher chamando lá dentro. Ao passar pela porta, com os olhos discretamente desviados para o outro lado, sentiu o cheiro do ar quente e úmido lá de dentro.

Apressou o passo. Seria ali que eles coabitavam então, o cocheiro e a Primeira Princesa, naquela minúscula gaiola de quarto? Uma profusão de imagens inundou seus olhos: Sawant encostado num poste, alisando o bigode engomado, chamando a garota com um sorriso; a Princesa se esgueirando por uma porta destrancada enquanto o resto da casa dorme; o quartinho abafado, cheirando a suor e ecoando com os gritos abafados dos dois; o ranger de uma charpai.

Entrou depressa em sua gaari, chamou Kanhoji, impaciente.

— Chalo!Jaldi chalo, jaldi, para a Residência, depressa.

Debruçou na janela da gaari, respirou fundo, mas nem o ar fresco da noite conseguiu limpar de suas narinas o cheiro daquele quarto. Seria isso amor, então: esse acasalamento no escuro de uma Princesa da Birmânia e um cocheiro marathi; essa descuidada

mistura de suores? E a Rainha com seus ferozes olhos negros? Tinha ouvido dizer uma vez que ela sempre realmente amara Thebaw. Mas o que podiam saber de amor, de qualquer sentimento mais fino, esses aristocratas sanguinários, esses semiletrados que nunca leram um livro na vida, nunca olharam com prazer uma pintura? O que podia significar amor para essa mulher, essa assassina, responsável pela morte de uma porção de seus próprios parentes? E, no entanto, era fato que ela havia escolhido o cativeiro em lugar da liberdade, em favor do marido, condenando as próprias filhas a vinte anos de exílio. Será que Uma faria a mesma coisa por ele? Alguém faria isso? Estremeceu, estendeu os braços para se equilibrar nos lados da carruagem.

Na Residência, Uma estava esperando acordada. Veio correndo até a porta para abrir para ele, dispensou os criados com um gesto.

— O que aconteceu? O que ela disse? Me diga.

— Onde está Dolly? — perguntou o Coletor.

— Ela está cansada. Foi direto para a cama.

— Venha.

O Coletor levou-a para o quarto e fechou a porta.

— Você sabia. Não sabia? — O quê? — Uma, posso ser muita coisa, mas não sou bobo. Estou falando da gravidez da Princesa.

Uma sentou na beira da cama envolta no mosquiteiro, desviou o olhar.

— Então você sabia, não sabia? — Sabia.

— Dolly contou? — Foi.

— E nunca ocorreu a você me contar? Que isso podia ser uma questão de alguma importância? Que teria consequências para mim? — Como eu podia contar? Prometi que não contaria.

Ele foi para o lado dela, olhou sua cabeça abaixada.

— E sua promessa para Dolly era mais importante que a ligação entre nós, eu e você? — Procurou as mãos dela e apertou delicadamente entre as suas. — Olhe para mim, Uma. Por que não quis confiar em mim? Alguma vez traí você de alguma forma? Achou que eu não seria discreto? — Eu prometi.

Ele ficou olhando para ela, confuso.

— Você sabia disso há dias, talvez meses. Estamos juntos todo o tempo.

Nunca sentiu vontade de falar disso comigo, nem uma vez? Não como Coletor de Ratnagiri, nem mesmo como seu marido, mas simplesmente como companheiro, alguém em cuja companhia você passa os seus dias? Ela tirou as mãos de suas mãos. O que ele queria dela? Ela fazia tudo o que ele queria: ia ao Clube quando ele mandava; comparecia a todos os seus compromissos. O que mais havia para dar? Começou a chorar, cobriu o rosto com as mãos. Ele não tinha uso para as virtudes de esposa que podia lhe oferecer: Cambridge o havia ensinado a querer mais; a ter sempre certeza de que não havia nada em suspensão, a comprar a alma de uma mulher com a moeda da ternura e da paciência. Essa ideia a deixava apavorada. Era uma sujeição que ficava além da decência, além do que podia imaginar. Não conseguia pensar nisso. Qualquer coisa seria melhor que se submeter.

12



Para Uma, parecia que havia acabado de adormecer, depois de muitas horas insones, quando ouviu uma voz ao lado de sua cama: — Memsahib! Memsahib! Mexeu-se, sonolenta, empurrou os travesseiros contra a cabeceira envernizada.

— Memsahib! — Era uma aia, o rosto velado pela nuvem de gaze do mosquitoeiro. — Levante, memsahib! Levante! — As janelas estavam abertas e o teto banhado em luz do sol refletida.

Havia um cheiro de grama recém-cortada no ar. Ouviu as foices chiando no jardim e lembrou-se que havia mandado os maus cortarem a grama.

— Memsahib, acorde. Tem um cavalheiro esperando na baithak-khana.

— Um cavalheiro? Quem? — Aquele que jantou aqui ontem... o cavalheiro bahaarka.

— Mr. Raha? — Uma sentou-se, surpresa. — O que ele está fazendo aqui? — Pediu para ver a senhora. E memsahib Dolly.

— Já disse isso para ela? — Memsahib Dolly não está aqui. Foi embora cedinho.

— Quando? — Muito cedo. Kanhoji levou ela de volta para a Casa Outram.

O mosquitoeiro havia se enrolado em Uma de alguma forma: ela não conseguia afastar as dobras do rosto.

— Por que não me avisaram? — O sahib Coletor mandou não acordar a senhora.

Impaciente, arranhou o mosquiteiro com as mãos em garra. Ouviu-se um som de rasgar e ela abriu de repente uma fenda em sua frente. Saiu pela abertura, jogou as pernas para fora da cama.

Não era típico de Dolly sair com tanta pressa, sem uma palavra.

— Mande um chá para a baithak-khana — disse à aia.

— E diga ao cavalheiro que eu já vou.

Vestiu-se depressa e foi ligeiro pelo corredor. Levou a aia consigo para a saleta e deixou-a acorada junto à porta, por decoro.

— Mr. Raha? Ele estava do outro lado da sala, soprando a fumaça por uma janela aberta. Ao som de sua voz virou-se, atirou fora o charuto.

Estava com roupa "inglesa" — um terno de linho branco.

— Madame Coletor, sinto muito incomodar a senhora...

— Não. Não tem importância. — Ela começou a tossir. A sala estava nublada de acre fumaça de tabaco.

— Desculpe. — Ele abanou uma nuvem de fumaça com um gesto de desculpas.

— Vim agradecer... por ontem à noite.

— Houve uma pausa, na qual ela o ouviu engolir saliva como alguém que se prepara para dizer alguma coisa. — E queria agradecer a miss Sem também, se for possível.

— Dolly? Mas ela não está aqui. Voltou para a Casa Outram.

— Ah. — Ele caiu numa cadeira, os lábios se movendo em silêncio, como se estivesse dizendo alguma coisa para si mesmo. Ela notou que estava com o cabelo despenteado e os olhos turvos por falta de sono. — Posso perguntar se ela vai voltar aqui hoje? — Mr. Raha — Uma disse, baixo —, devo confessar que fico um pouco surpresa de o senhor se preocupar tanto com alguém que mal conhece.

Ele levantou os olhos para ela.

— Madame Coletor...

— Pois não? — Tenho de dizer uma coisa à senhora.

— Pode dizer.

— Não fui inteiramente franco com a senhora. Nem com seu tio.

— Como assim? — Não foi meu primeiro encontro com miss Sem. A verdade é que é por causa dela que estou aqui. Vim à procura dela.

— O quê? — Uma tentou rir. — Deve haver algum engano, Mr.Raha. O senhor com certeza está pensando em alguma outra pessoa. Não pode ter conhecido Dolly antes de ontem. Dolly viveu aqui a vida inteira. Isso eu posso garantir. Ela nunca saiu de Ratnagiri, desde que tinha 10 anos de idade.

— A menina de quem eu falei ontem à noite, a menina no Palácio de Espelho? — Pois não? — Era ela... Dolly, miss Sem.

Uma sentiu o corpo perder todo o fôlego. Levantou meio cambaleante e saiu para o jardim.

Venha, Mr.Raha.

Sem esperar por ele, foi andando pelo gramado recém — cortado. Os maus estavam ocupados varrendo a grama aparada para levar para suas vacas e cabras em casa; levantaram a cabeça e fizeram um salamaleque enquanto varriam.

Rajkumar alcançou-a no fim do jardim, quando ela estava abrindo o portãozinho.

— Isso deve parecer muito estranho para a senhora.

É. Parece mesmo.

Ela o levou para o banco de terra debaixo da figueira pipal. O rio Kajali brilhava como vidro no vale lá embaixo.

— Por favor, sente, Mr.Raha.

— Eu não sabia que ia encontrar com ela aqui — disse Rajkumar. — Não com certeza. Era só um lugar por onde começar, um jeito de acertar as contas comigo mesmo. Enquanto existisse um lugar onde eu pudesse perguntar, eu precisava ir. Não tinha

escolha. Tinha certeza de que ia encontrar a questão encerrada: ela estaria casada, pensei, ou grávida do filho de alguém. Ou morta, ou transformada em alguma coisa irreconhecível. Assim seria, olhar para ela lavaria a lembrança da minha cabeça, me libertaria. Aí, entrei na sua casa ontem à noite e lá estava ela.

Reconheci na hora: o rosto, a expressão. E então a questão realmente escapou das minhas mãos, mas não do jeito que eu esperava.

— E só viu Dolly aquela vez? — Duas vezes. Em Mandalay. Mas se tivesse encontrado com ela mil vezes não teria sido diferente. Sei disso. Tenho certeza disso. Quando eu era muito menino, trabalhava num barco, um sampan chittagong. Isso foi há muito tempo, antes mesmo de eu ir para Mandalay. Um dia, uma tempestade nos pegou. Estávamos no mar aberto e a tempestade veio muito de repente, como sempre na costa de Bengala. A água começou a tomar conta do barco, pela popa. Me amarraram no mastro e me deram um balde para baldear. Logo o céu ficou tão escuro que não dava para enxergar em volta a não ser com os relâmpagos. Durante um desses raios, notei uma coisa. Era um animal, uma tartaruga de costas verdes, pequena. Tinha sido jogada no convés por uma onda e de algum jeito ficou presa numa rede. Estava fora do meu alcance e as ondas batiam no barco com tanta força que eu não tive coragem de soltar minha corda. Estávamos nós dois presos nos nossos lugares, a tartaruga e eu. A cada raio eu olhava, e lá estava ela. E assim foi, durante aquela noite muito, muito longa: o animal e eu, um olhando para o outro, no meio das ondas e do vento.

Perto do amanhecer, a tempestade passou. Eu soltei minhas cordas e soltei a tartaruga da rede. Ainda vejo claramente até hoje. Podem botar mil tartarugas na minha frente agora, não vão ser tão reais para mim como aquele animal.

— Por que está me contando isso, Mr.Raha? — Para quem mais posso contar? — Conte para Dolly.

— Eu tentei. Ontem à noite. Vi que ela estava indo para o jardim e voltei depois que me despedi da senhora.

— O que ela disse? — Ela estava decidida a ficar brava, como no jantar. Achou errado tudo o que eu disse. Me falou para ir embora. Que não ia me ver de novo. Fiquei a noite inteira acordado, pensando no que fazer agora. Em outro lugar, eu teria a quem recorrer: meus amigos descobririam com os amigos dela o que ela pensa. Eu teria pedido para alguém falar com a família dela. Depois teria ido eu mesmo falar com o pai dela. Falaríamos de dinheiro, de arranjos. Essas coisas.

Eu teria alguma ajuda. Pessoas para falar por mim.

— Sei. — Uma concordou com a cabeça. — Haveria intermediários.

Mediadores. Pessoas que conseguem explicar melhor que nós mesmos.

Ele estava certo, ela sabia — era assim que as coisas aconteciam: alguém levava palavras de uma boca a outra e assim ia, sussurros viajando como trepadeiras por treliças de estufa. Era exatamente como havia acontecido em seu próprio caso: uma noite, uma gaari entrara com estrépito no pátio calçado da casa de sua família em Calcutá — a casa que seu pai havia chamado de Lankasuka. Bateram forte na porta da frente, embaixo. Era tarde, depois do jantar. O pai dela estava no escritório, ocupado, trabalhando num tratado sobre arquitetura de templos. A mãe estava se preparando para ir para a cama.

— Alguém deve ter morrido — a mãe declarara. — Essa hora da noite é sempre má notícia.

Uma e o irmão menor tinham ido correndo para a varanda que dava para o pátio. Uma das tias estava parada na porta lá embaixo.

— Morreu alguém? — Uma gritou.

— Morreu? — A tia caiu na risada. — Não, menina boba. Me deixe entrar.

Uma e o irmão ficaram ouvindo na porta enquanto a mãe conferenciava com a visita. Ouviram o nome do Coletor ser mencionado e reconheceram: tinham lido sobre ele nos jornais e revistas, recentemente. Era conhecido como um homem brilhante. Quando estudante, tinha ido tão bem na Universidade de Calcutá que as famílias ricas de seu bairro juntaram recursos para mandá-lo para Cambridge. Voltara como um pequeno herói, aceito no mais grandioso e poderoso núcleo imperial, o Serviço Civil Indiano.

Aconteceu então que ele viu Uma em uma puja: ela estava com 16 anos na época, estudava. Ao voltar de Cambridge, ele investigara sobre ela. A família dele não ficou lá muito satisfeita: tinham recebido propostas da cidade inteira e ele podia casar bem melhor. Mas ele persistiu, insistiu que não queria um casamento convencional. Estava trabalhando para os europeus: não ficava bem ter uma esposa conservadora, presa ao lar. Precisava de uma moça que estivesse disposta a entrar para a sociedade, alguém jovem, que não fosse resistir ao jeito moderno.

— E ele quer pedir a minha Uma? O grito incrédulo da mãe ressoou pela casa. Uma não era de forma nenhuma a mais bonita ou a mais dotada de seu círculo: não sabia nem cantar, nem costurar; seu cabelo não era tão liso e era considerada alta demais para ser graciosa.

— Minha Uma? O irmão afastou-se dela, a boca aberta de incredulidade.

— Você! Para provocá-lo, ela disse: — Bom, com você é que ele não ia poder casar.

Ele caiu no choro, como se fosse exatamente aquilo que estivesse esperando.

— Por que eu? — Uma fez essa pergunta muitas vezes a todos os intermediários e mediadores. — Por que eu? — O máximo que todo mundo conseguia dizer era: "Ele acha que você vai aprender depressa." O casamento deles foi diferente de todos. O Governador veio e muitos funcionários públicos e oficiais do Exército inglês. Em vez de uma shehnai veio uma banda militar do Forte William.

Quando estavam sozinhos, no quarto cheio de flores da primeira noite, ambos ficaram um longo tempo sentados na cama em silêncio, imobilizados pela timidez, ele não menos que ela. Ouviam a voz dos amigos e parentes, amontoados em torno da porta fechada, rindo, fazendo as piadas obscenas de sempre. Por fim, para alívio dela, ele começou a falar: contou sobre Cambridge, as ruas calçadas e as pontes de pedra, os concertos a que assistiu. Cantorolou uma melodia; era de seu compositor favorito, disse.

Ela gostou da vivacidade da música e perguntou: como chama? Ele ficou contente de ela perguntar.

— É de A truta — explicou —, de Schubert.

— É bonito. Cante de novo.

Ela deslizou para o sono e despertou horas depois com o toque dele. A dor não foi tão terrível quanto haviam lhe dito — não muito pior que ir ao médico —, e o quarto estava muito escuro, o que facilitava as coisas. Quando a mãe perguntou no dia seguinte, ela ficou envergonhada de não ter uma história assustadora para contar, como todo mundo.

— Ele foi delicado, gentil.

— O que mais se pode querer? — disse a mãe. — Dê valor a sua sorte, Uma.

Não passe nem um dia sem agradecer pelo que tem.

Um mês depois, em um trem, o Coletor perguntou de repente se ela se lembrava do nome da melodia que ele havia cantarolado aquela noite. Ela sentiu a cabeça vazia. Estavam

vijando pelas severas planícies do oeste de Rajputana e ela estava absorta com a paisagem.

— Não me lembro — respondeu. Ele virou-se abruptamente, o rosto comprido, voltado para baixo, numa curva de decepção. Ela sentiu um tremor de desânimo percorrer seu corpo devagar, como um entorpecimento.

Isso aconteceria de novo, ela sabia: esses pequenos episódios de decepção depressa se sucederiam, em uma longa e pesada cadeia.

A voz de Rajkumar a trouxe de volta ao presente com um sobressalto: — Pode me ajudar então, madame? A senhora é a única pessoa por meio de quem posso chegar até Dolly agora. Não posso contar com ninguém mais.

Ela tentou ver Dolly pelos olhos daquele homem sentado a seu lado, praticamente estranho. De repente, sentiu o coração transbordar de ternura, de amor. De quem era, esse amor? Seria dele? Ou dela mesma? Ou talvez de ambos? O que ela faria se Dolly fosse embora? A única luz que havia em sua vida vinha de Dolly, embora o certo fosse o contrário.

Dolly é que era a prisioneira, afinal: ela era a felizarda, Mrs. Uma Dey, de quem todo mundo dizia: o que mais você pode querer? Mas agora, pensando como seria Ratnagiri sem Dolly, sentiu lágrimas inundarem seus olhos. Procurou a beira do banco de terra para se apoiar e sua mão tocou a mão dele.

— Madame? Mrs. Dey? — Ele estava olhando para ela, a testa franzida de preocupação. — Mrs. Dey, está se sentindo bem? — Estou, estou. — Ela retirou a mão bruscamente. — Só um pouco tonta.

Não sei o que é isso.

— Quer voltar para dentro? — Quero. — Levantou-se. Mr. Raha, o senhor ainda não me disse. O que espera de mim? — Talvez a senhora possa falar com ela.

— O senhor mesmo tem de falar com ela, Mr.Raha. As coisas nunca dão certo quando há intermediários.

Ele olhou bem para ela, depois, de repente, pegando-a de surpresa, disse: — O Coletor é um bom homem, Mr.Dey, um bom homem. Homens como ele valem muito...

— É claro — ela interrompeu depressa. — É. Venha, vamos entrar.

A aia levou Dolly até a saleta e mostrou a porta aberta.

— Madame saiu para o jardim... faz alguns minutos.

Dolly fez que sim com a cabeça: claro, a essa hora do dia Uma era sempre encontrada debaixo da figueira pipal. Saiu depressa para o gramado, passou pelos maus que faziam seus salamaleques, até o portãozinho.

Quando estava lidando com a fechadura, ouviu vozes. Antes que pudesse voltar, Uma e Rajkumar apareceram na sua frente, saindo de repente do emaranhado da barba grisalha da pipal. Ficaram se olhando, os três.

Uma foi a primeira a falar.

— Mr. Raha — disse, baixinho —, espero que não se importe se eu pedir para nos deixar a sós um minuto? Eu gostaria de falar com Dolly... só algumas palavras. Talvez possa esperar por nós no portão do jardim? — Claro.

Uma pegou o braço de Dolly.

— Venha, vamos sentar embaixo da árvore um pouco.

Quando estavam passando pelo labirinto de raízes debaixo da árvore, Dolly sussurrou: — O que ele está fazendo aqui, Uma? O que ele quer? — Estava falando. Sobre você.

— O que ele disse? — Acho que estava tentando me dizer que está apaixonado por você. — Uma sentou-se embaixo da árvore e puxou Dolly para sentar a seu lado.

— Ah, Uma. — Dolly escondeu o rosto nas mãos. — Noite passada, no seu jardim, ele me disse tanta coisa. Foi tão estranho,

tão perturbador. Não consegui dormir, pensando em minha terra... Mandalay, o palácio, as paredes de espelho.

— Ele disse que você não lembrava dele.

— Achei que não.

E lembra? — Não tenho certeza, Uma. Me lembro de alguém, um menino, muito escuro; me lembro de receber um pacote de comida; me lembro de Evelyn dizendo, pegue, pegue. Mas nada é claro. Faz tanto tempo, e sempre que penso nisso, fico assustada.

— Acho que ele realmente está apaixonado por você, Dolly.

— Está apaixonado pelo que lembra. Não por mim.

— E você, Dolly? O que você sente? — Estou assustada, Uma. Cometi erros terríveis no passado. Prometi a mim mesma que não vou me permitir outro.

— Quais erros? — Nunca lhe contei isso, Uma, mas, muitos anos atrás, achei que estava apaixonada por Mohanbhai, nosso cocheiro. Então, a Princesa descobriu.

Ela nos ameaçou. Acho que ela já estava apaixonada por ele.

— Você queria casar com ele? — Não sei, Uma. Eu era muito nova e não entendia direito o que estava acontecendo. Durante o dia, não pensava nele. Mas à noite sonhava com ele e então acordava e pensava: por que não podemos fugir? Por que eu não faço simplesmente uma trouxa das minhas coisas agora, desço, acordo Mohanbhai e digo: "Mohanbhai, vamos embora, não tem nada para nós aqui na Casa Outram." Mas para onde teríamos ido? E o que teríamos feito? A família dele é muito pobre e depende dele. Em meu coração, eu sabia que mesmo que implorasse, ele não iria embora. E essa era a pior parte, a humilhação. Eu pensava comigo: será que em meu coração me transformei numa criada, como ele?

— Nunca contou para ele? — Nunca. Não conversamos nunca, a não ser de coisas corriqueiras. E depois de algum tempo os sonhos pararam e eu pensei: estou livre dele agora, tudo certo afinal. Mas

na última noite, quando estava dormindo naquele seu quarto, comecei a sonhar de novo. Eu estava na Casa Outram, na minha cama. Havia uma mangueira ao lado da janela. Saí da cama, amarrei minhas coisas numa trouxa e joguei nas costas. Desci e corri pelo pátio até a portaria. A porta estava aberta e entrei. Estava escuro e tudo o que eu via era o langot branco dele, amarrado com força no meio das pernas, subindo e descendo com a respiração dele. Coloquei a mão no corpo dele. O nó de meu dedo encaixava perfeitamente no vazio da base do pescoço dele. Mohanbhai acordou, olhou para mim e tocou meu rosto. E disse: "Vamos?" Saímos, e quando estávamos sob o luar vi que não era Mohanbhai.

— Quem era? — Era ele. — Ela acenou com a cabeça na direção do portão, onde haviam deixado Rajkumar.

— E daí? — Acordei. Estava apavorada. Estava em sua casa, naquele quarto. Não consegui aguentar mais nem um momento.

Saí e acordei Kanhoji.

— Dolly, acho que tem de contar para ele.

— Para quem? — Para Mr.Raha.

— Não. — Dolly começou a chorar no ombro de Uma.

— Não, Uma, só consigo pensar agora é no nascimento do meu filho. Não tenho espaço para mais nada na minha cabeça.

Delicadamente, Uma passou a mão pela cabeça de Dolly.

— O filho não é seu, Dolly.

— Mas podia ter sido.

— Dolly, me escute. — Uma colocou as mãos nos ombros de Dolly e endireitou-a para poder olhar em seu rosto. — Dolly, vai acreditar em mim se eu disser que amo você como nunca amei ninguém antes? Eu era apenas uma menina quando conheci você. Você me mostrou o que é coragem, o que os seres humanos conseguem suportar. Não suporto pensar em ficar sem você. Acho que não conseguiria ficar aqui nem um dia se você não estivesse aqui. Mas sei também outra coisa, Dolly: você tem de ir embora, se

puder. Tem de ir agora. O nascimento dessa criança vai enlouquecer você se continuar na Casa Outram.

— Não diga isso, Uma.

— Dolly, me escute. Esse homem ama você. Estou convencida disso. Você pode ao menos ouvir o que ele quer dizer.

— Uma, não posso. Não agora. Não com essa criança chegando. Se fosse no ano passado...

— Então, tem de dizer isso para ele você mesma. Deve isso a ele.

— Não, Uma, não.

Uma se pôs de pé.

— Vou mandar que ele venha até aqui. É um minuto só.

— Não vá, Uma, por favor. — Ela agarrou as mãos de Uma.

— Por favor, não vá.

— Isso tem de ser feito, Dolly. Não há como evitar. Vou mandá-lo para cá. Depois, vou para casa. Fico esperando. Venha e me conte o que aconteceu.

Rajkumar a viu quando estava circundando a árvore. Dolly estava sentada ereta no banco de terra, as mãos bem dobradas no colo. Ele jogou fora a ponta de charuto e colocou outro nos lábios. Sua mão tremia tanto que teve de tentar várias vezes para acender um fósforo.

— Miss Dolly.

— Mr. Raha.

— Meu nome é Rajkumar. Ficaria feliz se me chamasse assim.

Ela pronunciou as sílabas, hesitante.

— Rajkumar...

— Obrigado.

— Uma quer que eu fale com o senhor.

— Pois não.

— Mas a verdade é que não tenho nada a dizer.

— Então, deixe que eu...

Ela levantou a mão para detê-lo.

— Por favor. Me deixe terminar. O senhor tem de entender. É impossível.

— Por que é impossível? Eu gostaria de saber. Sou um homem prático. Me diga e eu tento fazer alguma coisa a respeito.

— Existe um filho.

— Um filho? — Rajkumar tirou o charuto da boca.

— De quem? Seu? — A Primeira Princesa está grávida. O pai trabalha na Casa Outram. Eu também fui apaixonada por ele um dia... pelo pai do filho da Princesa. O senhor tem de saber disso. Não sou a menina de 10 anos de idade que era em Mandalay.

— E gosta dele agora? — Não.

— Então o resto não tem importância para mim.

— Mr. Raha, o senhor tem de entender. Existem coisas que o senhor não pode mudar, independentemente do dinheiro que tenha. As coisas poderiam ser diferentes para nós em outro momento, em outro lugar. Mas agora é tarde demais. Este é o meu lar. Vivi aqui toda a minha vida. Meu lugar é aqui, na Casa Outram.

Agora, por fim, a esperança que o sustentara até então começou lentamente a vaziar. Ele havia dito tudo o que podia.

Não conseguia pensar em nenhum outro jeito de insistir com ela e Dolly o silenciou antes que pudesse começar.

— Por favor. Imploro ao senhor, não diga mais nada. Vai simplesmente provocar uma dor desnecessária. Existem coisas neste mundo que não podem ser, por mais que a gente queira.

— Mas isto pode... poderia acontecer, se a senhora ao menos se permitisse pensar no caso.

— Não. Por favor não diga mais nada. Eu já decidi. Só uma coisa eu peço ao senhor agora.

— O que é? — Peço que vá embora de Ratnagiri o mais depressa possível.

Ele estremeceu, depois baixou a cabeça.

— Não vejo razão para recusar. — Sem dizer mais nem uma palavra, virou-se e foi embora por entre as sombras da figueira pipal.

9



O correio chegava duas vezes por semana e era entregue diretamente no escritório do Coletor na Catechueira. Geralmente, o Coletor separava as cartas de Uma, que eram levadas à Residência por um mensageiro. A correspondência dela era sobretudo com os pais, mas uma ou duas vezes por mês havia também um livro ou uma revista, mandados por uma loja de Calcutá.

Nos dias de correio, Uma passava horas sonhando acordada debaixo da figueira pipal. Se acontecia de ter um de seus compromissos oficiais, ficava irritada e impaciente, ansiosa para voltar a suas cartas. Pensava em sua mãe na casa da família em Calcutá, escrevendo na cama, preocupada com o tinteiro e com os borrifos nos lençóis.

Na manhã do dia de correio, o mensageiro do Coletor entregou uma carta sem a marca de correio habitual. O Coletor havia rabiscado um recado no envelope: "De Rangoon." Uma virou o envelope e viu o nome de seu tio nas costas, D. P. Roy. Ficou surpresa: fazia anos que não ouvia falar dele.

Mas depois do casamento acostumara-se a receber cartas de parentes que não via há tempos: o Coletor era muito influente; era um homem que podia conseguir coisas. Ela presumiu que o tio devia estar precisando de alguma coisa.

Levou a carta para a figueira. Conforme esperava, o tio havia escrito para pedir um favor para um amigo — um certo Rajkumar

Raha que estava a caminho de Bombaim a negócios. Ele havia expressado o desejo de ir a Ratnagiri para uma rápida visita. Queria muito prestar seus respeitos aos antigos Rei e Rainha.

— Ficaria muito grato, Uma, se seu marido pudesse providenciar uma visita de Rajkumar-babu ao antigo Rei. De alguma forma, ele ficou sabendo de minha ligação com o Coletor e me procurou expressamente para solicitar ajuda nessa questão. Devo acrescentar que devo a Rajkumar-babu muitas boas oportunidades — na verdade, diversos membros de nossa comunidade bengalesa em Rangoon foram beneficiados com a ajuda dele de uma forma ou de outra.

A carta prosseguia, dizendo que Rajkumar-babu vivera muitos anos em Rangoon, mas durante grande parte desse tempo não tivera contato com outros bengaleses da cidade. Então, de repente, uma manhã, despencara como granizo do céu bem no templo Durga da rua Spark, ponto de reunião dos hindus bengaleses da cidade. Tinha vindo perfeitamente vestido para a ocasião, com um dhoti branco engomado e um punjabi de botões dourados.

Para facilitar sua entrada, tomara a precaução de trazer uma substancial doação para o puro hit.

A questão era que Mr.Raha estava no negócio de madeira. Planejava apresentar uma proposta de um grande contrato e viera pedir ao purohit para rezar por ele. Como todos de sua espécie, o purohit tinha a intuição de um tigre esfaimado quando se tratava de avaliar uma presa em potencial. Fez muito mais que dar uma bênção. No templo, havia diversos funcionários dos grandes bancos europeus e companhias madeireiras; o purohit encarregou-se pessoalmente de apresentar Rajkumar-babu a todos esses homens.

Durante os dias seguintes, mensagens voaram para lá e para cá entre a rua Spark e a rua Merchant, entre o Kalibari e os escritórios das companhias madeireiras. Por fim, quando os

diretores da Companhia Ferroviária Chota-Nagpur anunciaram sua decisão, ficou-se sabendo que um certo Mr.Rajkumar Raha, nome então desconhecido no negócio da teca, havia conseguido passar à frente de todas as companhias mais importantes.

Naquele contrato apenas, Rajkumar-babu conseguira um lucro líquido de oito lakh rupias — uma fortuna. Como agradecimento, ele praticamente reconstruiu o templo, pavimentou o chão com mármore, dourou as paredes do altar e construiu uma linda casa nova para o purohit e sua família.

Desde então, obtivera diversos outros sucessos e passara à eminência na comunidade empresarial. E tudo isso aos 30 anos de idade, antes mesmo de ter tido tempo de se casar.

Você haverá de entender o que quero dizer, Uma, quando digo que nosso Rajkumar-babu não é o tipo de pessoa a cuja sociedade você esteja acostumada. Poderá achá-lo um tanto rústico e mesmo deselegante de maneiras. Você ficará sem dúvida surpresa de saber que embora fale várias línguas fluentemente, inclusive inglês e birmanês, sob todos os aspectos práticos ele é analfabeto, mal capaz de assinar o próprio nome.

Em nossa Índia natal, um homem como Rajkumar-babu teria poucas oportunidades de ser aceito na sociedade de gente como nós. Mas aqui na Birmânia nossos padrões são um pouco mais flexíveis. Algumas das pessoas mais ricas da cidade são indianas e a maioria começou com nada mais que uma trouxa de roupas e uma lata.

Entendo perfeitamente que na Índia um homem na posição de Rajkumar-babu dificilmente poderia esperar ser acolhido — ou mesmo recebido — por um Coletor distrital. Mas você deve levar em conta que ele viveu tanto tempo na Birmânia que é hoje mais birmanês que indiano e pode muito bem ser considerado um estrangeiro. Espero que leve isto em consideração, sem esquecer

que sem dúvida ficarei muito grato por sua condescendência nessa questão.

Também associado aos dias de correio, havia um prêmio especial: gelo fresco, enviado de Bombaim por vapor. Nas noites de correio, o Coletor gostava de sentar no jardim em uma cadeira de palha, com uma bebida gelada. Uma esperou até o Coletor ter se servido de seu uísque para começar a ler para ele a carta do tio. Ao final da leitura, o Coletor pegou o papel da mão dela e leu sozinho.

Devolveu a carta com um gesto de pesar.

— Se estivesse em meu poder — disse —, gostaria de atender a seu tio.

Mas infelizmente está fora de cogitação. As instruções do governo são bem claras. Suas Altezas não devem receber visitas.

— Mas por que não? — Uma protestou. — Você é o Coletor. Se quiser, pode permitir que ele vá até lá. Ninguém precisa saber.

O Coletor pousou o copo abruptamente na mesinha que ficava ao lado de sua cadeira.

— É impossível, Uma. Tenho de enviar esse pedido a Bombaim e de lá seria enviado para o secretário colonial em Londres. Levaria meses.

— Só para uma visita à Casa Outram? — Nossos professores — começou o Coletor —, era uma piada constante dele falar de seus colegas britânicos como amader gurujon —, nossos professores não querem problemas políticos na Birmânia. É a província mais rica e não querem assumir nenhum risco, O Rei é a única pessoa que poderia unificar o país contra eles. Há mais de uma dúzia de tribos e povos diferentes por lá. A monarquia é a única coisa que têm em comum.

Nossos professores sabem disso e querem ter a certeza de que o Rei seja esquecido. Não querem ser cruéis; não querem fazer nenhum mártir; tudo o que querem é que o Rei se perca na memória, como um guarda-chuva velho num armário empoeirado.

— Mas que diferença pode fazer um único visitante? — Ele pode voltar e falar. Alguma coisa pode chegar aos jornais. O Escritório Colonial não permite nem que o Rei seja fotografado, temendo que a foto possa chegar à Birmânia. Outro dia, recebi uma carta de uma fotógrafa, uma mulher parse. Ela está fazendo uma excursão fotográfica e queria parar aqui para fazer algumas fotos da Casa Outram. Encaminhei o pedido dela a Bombaim e a resposta chegou em uma semana: nenhuma foto da Família Real seria permitida. Determinação governamental.

— Mas isso é monstruoso — Uma protestou.

— Nem um pouco. — O Coletor apertou os olhos. — É apenas sensato. Acha que a Birmânia teria alguma coisa a lucrar com uma agitação política? Acha que esse homem, Raha, conseguiria ficar rico se Thebaw ainda estivesse no poder? Ora, se não fosse pelos britânicos, os birmaneses provavelmente teriam se levantado contra esses homens de negócios indianos e expulsado todos como ovelhas.

Uma sabia que não conseguiria derrotar o Coletor numa discussão. Baixou a voz e pousou a mão no braço dele.

— Sabe — disse —, não é pelo Rei nem por meu tio que estou pedindo isso.

— Então por quê? Uma hesitou.

— Diga.

— É por causa de Dolly.

— Dolly? — Ela passou toda a vida praticamente como prisioneira, e não consegue imaginar nada além da vida que tem. Mas vai ter de ir embora da Casa Outram algum dia, e para onde irá? Esqueceu tudo sobre a Birmânia e acho que precisava conversar com pessoas que possam fazer com que se lembre.

— Dolly pode voltar para a Birmânia a hora que quiser.

— Mas não tem nenhuma família na Birmânia e não conhece mais ninguém lá.

É exatamente por isso que precisa conhecer gente que viva lá.

O Coletor ficou em silêncio e Uma sentiu que ele estava começando a ceder.

— É uma coisa tão pequena — insistiu. — Tenho certeza de que deve haver uma solução.

— Tudo bem então — disse ele afinal, com uma nota de exasperação. — Se significa tanto para você, acho que posso fazer uma coisa.

— O quê? — Posso convidar Raha para ficar aqui em casa como hóspede pessoal.

Posso dizer que é um parente por casamento. E depois, se ele fizer uma visita à Casa Outram, será apenas uma visita particular — nada oficial...

— Eu ficaria muito contente...

Na manhã seguinte, um telegrama foi enviado para o tio de Uma em Rangoon dizendo que seu amigo Mr.Raha seria bem-vindo em Ratnagiri; seria recebido como convidado pessoal do Coletor.

13



— Sawant.

O Rei baixou o binóculo dos olhos e apontou na direção da baía. Havia um barco ancorado no píer, uma grande embarcação campestre do tipo conhecido localmente como hori: um catamarã de bojo fundo com apenas um único braço externo.

— Sawant, ele está indo embora.

— Min?

— Era muito cedo e Sawant havia trazido a xícara de chá que o Rei gostava de tomar ao nascer do dia.

— O homem que chegou outro dia no vapor de Bombaim. Está indo embora.

Estão carregando a bagagem dele no píer.

— Min, hoje não tem vapor.

— Ele alugou um barco.

Nessa época do ano, logo depois do fim das monções, havia uma mudança nas correntes predominantes e a água em torno da boca da baía ficava, durante um breve período, extremamente perigosa. Durante essas semanas, os bons eram as únicas embarcações a vela que enfrentavam as turbulentas correntes subjacentes que batiam na costa.

— Min — Sawant colocou o bule de chá ao lado da poltrona do Rei e saiu depressa do quarto.

A não ser pelo Rei e por Sawant, a casa ainda estava adormecida. A antessala onde Dolly dormia ficava só algumas

portas adiante, no corredor. Dolly agora estava sozinha na suíte, uma vez que a Primeira Princesa raramente subia, preferindo ficar principalmente na portaria com Sawant.

Sawant empurrou a porta de Dolly e esgueirou-se para dentro. Ela estava dormindo, deitada no mesmo catre estreito que usara durante os últimos vinte anos. O cabelo havia se soltado durante a noite e estava espalhado em cima do travesseiro.

Em repouso, sua pele parecia quase translúcida, e o rosto tinha a beleza serena de uma escultura do templo. Parado ao lado da cama, Sawant olhou o lento ritmo de sua respiração e hesitou.

Ontem, a caminho de sua aldeia no estuário, Sawant encontrara um pastor de cabras que voltava da direção da Residência. Tinham conversado um pouco sobre a figueira pipal, sobre a memsahib do Coletor, sobre o rico Príncipe da Birmânia e como ele estava louco por Dolly.

Era impossível pensar na Casa Outram sem Dolly; impossível imaginar Ratnagiri privada de sua presença. Mas melhor isso que vê-la murchar diante de seus olhos. Não, devia isso a ela. Ajoelhou ao lado dela e levantou a mão.

Ela estava usando um sári de noite amassado. O tecido era branco e cobria como um véu seus membros esguios. Ele pensou um pouco no dia em que se sentaram juntos na cama de cordas frouxas, com o langot manchado de sangue cobrindo seus membros entrelaçados. Quando estava pronto para acordá-la, sua mão parou. Pensar em ficar sem Dolly: era loucura! Começou a se afastar. Mas parou de novo. Não, devia isso a ela.

De repente, ela abriu os olhos.

— Você! — Sentou-se na cama, dobrou os braços sobre o peito.

Ele levou um dedo aos lábios.

— Silêncio. Está todo mundo dormindo. Depressa. Se vista.

— Por quê?

— Ele está indo embora. Seu homem.

Os olhos dela se arregalaram de desânimo.

— Já?

— É.

— Mas não tem vapor. É, nesta época do ano, achei que ele não ia conseguir ir embora.

— Ele alugou um hori.

— Mas não é tarde demais agora?

— Não. Não vai conseguir sair até a luz melhorar. Depressa. Tem de impedir que ele vá. Muita coisa deu errado para você, Dolly. De novo, não. Venha. Depressa.

— Como?

— Vou arrear a aranha e levo você até Mandvi. Depressa.

Quando ela terminou de se vestir, a aranha estava lá fora, pronta para partir. Sawant havia atrelado seu cavalo mais veloz, uma égua cinzenta.

Estendeu a mão para ajudar Dolly a entrar e depois estalou o chicote em cima da cabeça da égua. A aranha deu um tranco para a frente e desceram trepidando a encosta, passaram as linhas policiais, a prisão, a Catechueira. No bazaar de Jhinjhinaka, uma matilha de cães de guarda correu latindo atrás deles quando passaram depressa. Já de muito longe ela viu o hori, deixando o atracadouro e se afastando, a remos, para dentro da baía.

— Mohanbhai!

Ele estalou o chicote.

— Não dá para ir mais depressa, Dolly.

Quando chegaram ao píer, o barco já estava muito longe, chegando à boca da baía.

— Corra, Dolly, corra! — Sawant saltou e agarrou o freio da égua. — Corra! Corra!

Ela correu pelo píer, acenando; à distância, o barco tentava manobrar a proa para conseguir deslizar entre os bancos de areia e

correntes adiante. A proa subiu furiosamente quando se aproximaram das águas agitadas do mar aberto. Poucos minutos depois, estava fora da baía. Ela acenou de novo, e quando estava quase desistindo, a proa do hori começou a virar, na direção contrária à boca da baía. A pesada embarcação circundou toda a baía e voltou à costa, atracando no extremo do píer. O hori ficava alto na água e Rajkumar saltou com facilidade o espaço entre o barco e a prancha da beira do píer.

Foi até ela, soltando baforadas do charuto.

— Pois não?

Ela sentiu que estava ficando vermelha, o sangue subindo para o rosto.

— Mr. Raha — disse, escolhendo com cuidado as palavras.

— As correntes são perigosas nesta época do ano e o bangalô Dak está reservado para uma semana. Não há razão para ir embora com tanta pressa.

— Mas foi você que disse...

— É, mas às vezes existe uma diferença entre o que a pessoa diz e o que ela quer dizer...

Rajkumar tirou o charuto da boca com uma das mãos que se movimentava muito devagar, como se não pudesse acreditar.

Então deu um grito de riso e jogou o charuto para cima. Ficaram os dois lado a lado, olhando para o charuto enquanto rodava no ar acima deles.

De repente, a ponta brilhante se desintegrou e caiu numa chuva de fagulhas. Era como se fogos de artifício estivessem caindo do céu.



O Coletor deu a impressão de ter ficado deliciado quando Uma contou que Rajkumar e Dolly iam se casar.

— Esplêndido! — disse. — Esplêndido!

Uma explicou que Dolly queria uma cerimônia discreta: tinha certeza de que a Rainha faria o possível para impedir o casamento, se ficasse sabendo.

No espírito do momento, o Coletor fez várias sugestões. Por que não fazer a cerimônia na Residência? Ele próprio expediria a licença e oficiaria o casamento pessoalmente. Depois, talvez champanhe, só para os quatro — Uma devia garantir com certeza a última entrega de gelo de Bombaim... O entusiasmo na voz dele era tamanho que Uma não conseguiu evitar a sensação de que seu marido estava muito contente com a perspectiva de se livrar de Dolly afinal.

Chegou o dia e Uma providenciou duas guirlandas, de cravos e de jasmim.

Ela própria as trançou com as flores do jardim. No fim da cerimônia civil, no "escritório de campanha" do Coletor, Dolly e Rajkumar se coroaram, sorrindo como crianças.

O plano era o casal passar a noite de núpcias no bangalô Dak, onde Rajkumar estava hospedado. Com a ajuda da Primeira e da Segunda Princesas, Dolly havia secretamente retirado da Casa Outram alguns pertences e uma bolsa de roupas. A Primeira Princesa havia lhe dado um par de brincos e a Segunda uma pulseira de jade. Ficaram felizes por ela e tinham certeza de que as outras meninas também ficariam. Mas, de momento, a ordem era manter a notícia em segredo, elas não tinham contado às duas princesas mais novas. Mais tarde, quando estivesse tudo assinado e selado em segurança, Dolly poderia voltar à Casa Outram com o novo marido e prestar seus respeitos.

Estava tudo indo de acordo com o planejado, até chegar a hora de Dolly e Rajkumar assinarem o livro de registro. Uma era a

única testemunha disponível e Dolly resistia em pedir aos carregadores. Então, milagrosamente, Mrs. Khambatta, uma senhora fotógrafa de Bombaim, chegou numa gaari, abraçando suas malas e câmeras. Rajkumar saiu correndo para laçá-la. Ela concordou prontamente em ser testemunha e depois saíram todos para o jardim. O Coletor pediu a champanhe. Um vento brando soprava do mar. A luz era dourada e macia.

A câmara de Mrs. Khambatta era um instrumento de soberba construção: uma Graflex 1901, com lente única reflex e corpo cúbico, fole extensível e cobertura dos quatro lados. Dotada de uma lente grande angular Globe, perfeita para o panorama que se desdobrava diante do obturador. Antes de bater a primeira chapa, Mrs. Khambatta passou meia hora trabalhando com um Calculador de Exposição Hurter and Driffleld, olhando a barra deslizante e calibrando o cilindro rotatório para a época e a latitude adequados. Depois, levantou a mão para indicar que estava pronta, bateu diversas chapas em rápida sucessão, parada atrás da câmara para olhar o grupo antes de apertar o botão de seu obturador Guery.

Ao entardecer, Rajkumar e Dolly pegaram seus pertences. Uma emprestou para eles a gaari de Kanhoji. A caminho do a Dak, Dolly mudou de ideia.

— Vamos à Casa Outram agora — disse a Rajkumar.

— Vamos falar com a Rainha. Vamos resolver isso logo.

Estava escuro quando chegaram lá. Uma luz brilhava no quarto do Rei e outra no de Sawant, junto ao portão. As princesas deviam estar embaixo, Dolly pensou, sentadas em torno de uma única luz, para economizar óleo.

Como iam ficar surpresas! O portão estava trancado, então ela mandou Kanhoji usar a aldrava. Ele bateu forte durante cinco minutos inteiros, mas não houve resposta.

Dolly foi até a janela da portaria e bateu nas venezianas.

— Mohanbhai — chamou. — Abra o portão. Sou eu, Dolly. Vim para me despedir. Abra o portão.

A luz do quarto se apagou e um ou dois minutos depois ela ouviu a voz de Sawant sussurrando: — Dolly? — Onde você está, Mohanbhai? — Aqui. Atrás do portão. — Ele estava olhando por uma fresta entre o portão e a parede. — Dolly, Mebya já sabe.

Ela mandou não deixar você entrar, não abrir o portão.

Dolly arquejou. Como podia ir embora de Ratnagiri sem se despedir de Min e Mebya, das princesas? — Mas Mohanbhai, sou eu, Dolly. Me deixe entrar.

— Não posso, Dolly. Sabe que eu deixaria, se pudesse. Mas Mebya está numa daquelas fúrias. Você sabe como ela fica brava.

Houve uma pausa e uma trouxa de roupa apareceu em cima do portão.

— Mebya nos fez empacotar suas coisas — disse Sawant. — Disse para não deixar de entregar isto para você.

Dolly deixou a trouxa cair no chão.

— Mohanbhai, me deixe entrar. — Estava implorando agora. — Só um pouquinho. Só para me despedir.

— Não posso, Dolly. Não posso mesmo. Mebya disse que me manda embora se eu deixar; disse que não podemos nunca mais dizer seu nome nesta casa.

Dolly começou a chorar, batendo a cabeça no portão.

— Não chore, Dolly. — Sawant olhou pela fresta. — Vamos sentir saudades de você, todos nós. Olhe, as meninas estão dando adeus lá de cima.

As quatro princesas estavam paradas bem juntinhas em uma das janelas de cima. Acenavam, e ela tentou acenar de volta, mas suas pernas cederam.

Ela caiu de joelhos, chorando. Rajkumar correu para levantá-la do chão.

Segurou-a com um braço e pegou a trouxa de roupas com a mão livre.

— Venha, Dolly. Vamos. Não se pode fazer nada. — Teve de carregá-la para conseguir que entrasse na gaari.

— Chalo, chalo, jaldi chalo.

Quando estavam trotando pela frente dos barracões da polícia, perto do pátio de manobras, algumas esposas e filhos de oficiais saíram para acenar. Pareciam todos saber que miss Dolly estava indo embora.

Ela acenou de volta, enxugando valentemente as lágrimas. Não ia permitir que lhe roubassem aquela última visão da alameda; os coqueiros inclinados, a bandeira britânica tremulando acima da cadeia em seu poste torto, a tosca casa de chá à entrada do portão. Era seu lar, essa estreita alameda com suas paredes de laterita cobertas de musgo. Sabia que nunca mais veria aquilo outra vez.

Ficou curvada em seu lugar, abraçada às velhas roupas.

Uma trouxa de roupa outra vez; só que, desta vez, não a levava em cima da cabeça.

Com a mão levantada para bater, Uma notou que a porta do escritório do Coletor estava ligeiramente aberta. Dava para ver pela fresta. Ele estava sentado ereto em sua cadeira de espaldar reto. Com os óculos pendurados no pescoço, olhava o espaço.

Virou-se, sobressaltado, quando ela bateu.

— Entre.

Ela se sentou na frente dele, numa cadeira sem braços. Era onde se sentava seu estenógrafo, ela adivinhou, o pequeno Mr. Ranade, com um bloco nos joelhos, tomando ditado. Olharam-se em silêncio sobre a escrivaninha larga, coberta de couro. Havia uma carta aberta na frente dele; ela notou, de passagem, que era selada com uma roseta florida de lacre vermelho. Ela foi a primeira a desviar os olhos e só então foi que ele falou.

— Você veio me dizer que quer ir para casa — disse ele.

— Estou certo? Ela acenou que sim.

— Está.

— Posso perguntar por quê? — Sou inútil aqui. Não há nada que eu possa fazer por você que você não faça melhor sozinho. E agora que Dolly foi embora...

Ele pigarreou, interrompendo.

— E posso perguntar quando vai voltar? Ela não respondeu, ficou olhando silenciosamente para o próprio colo.

— Então? — Você merece coisa melhor do que eu.

Ele virou o rosto de repente, de forma que ela só via o seu perfil.

— Pode se casar de novo — disse ela, depressa —, arranje outra esposa.

Vai ver que minha família não fará nenhuma objeção.

Ele levantou um dedo para silenciá-la.

— Pode me dizer — ele perguntou numa voz fria e formal — o que foi que fiz errado? Maltratei você? Me comentei mal? — Não. Nunca. — Seus olhos se encheram de lágrimas, que a cegaram. — Você não fez nada, foi sempre gentil e paciente. Não tenho do que reclamar.

— Eu costumava sonhar com o tipo de casamento que queria. — Ele falava mais para si mesmo que para ela. — Viver com uma mulher como uma igual em espírito e intelecto: isso me parecia a coisa mais maravilhosa que a vida podia oferecer. Descobrir juntos o mundo da literatura, da arte: o que poderia ser mais rico, mais gratificante? Mas o que eu sonhei ainda não é possível, não aqui na Índia, não para nós. — Ele passou os dedos em cima da carta à sua frente, beliscando distraidamente o pesado selo de lacre. — Então vai voltar a viver com seus pais? -Vou.

— Escolheu um bom momento. — Deu a ela aquele sorriso fino, irônico. — De qualquer forma, ia mesmo ter de empacotar suas coisas logo.

— Por quê? — Ela estava alerta, de repente. — Do que está falando? Ele pegou a carta da mesa e bateu nela com os óculos de aro dourado.

— Isto aqui é do Secretário Chefe em Bombaim. Chegou hoje. Uma reprimenda, por assim dizer. A gravidez da Princesa de repente despertou nossos professores para a enormidade do que fizeram com essa família. Todas as cartas que eu e meu predecessor escrevemos não tiveram nenhum efeito. Mas o cheiro da miscigenação alarmou como nada mais poderia alarmar: eles são tolerantes com muitas coisas, mas não isso. Querem manter suas raças nitidamente separadas. A perspectiva de lidar com um bastardo meia-casta agitou todos em suas escrivatinhas. E eu sou o bode expiatório de vinte anos de negligência. Meu mandato aqui está terminado e devo voltar a Bombaim.

Juntou os dedos e sorriu por cima da escrivatinha, a seu modo fino e irônico.

— Como eu disse, você escolheu um bom momento para ir embora.

Na casa de barcos de Ratnagiri, havia uma embarcação que raramente era usada. Tratava-se da catraia de corrida de dupla proa que um dia pertencera a Mr.Gibb, a lenda do remo.

Era costume do Coletor ir à casa de barcos de Ratnagiri duas vezes por semana. Havia feito um pouco de remo em Cambridge e mais teria feito se não tivesse ficado tão ocupado estudando para os exames do Serviço Civil. Gostava da forma como o esporte focalizava a atenção, da sensação de se deslocar a um ritmo regular, rápido, mas sem pressa. Além disso, acreditava quase religiosamente na importância do exercício.

Hoje, ao entrar na casa de barcos, os olhos do Coletor pousaram sobre a canoa de corrida de Mr.Gibb. O velho chowkidar que cuidava da casa de barcos havia conversado com Mr.Gibb muitas vezes. Na história do Clube Ratnagiri, ele era a única pessoa

que se sabia ter levado a frágil, esguia embarcação até o alto-mar e voltado para contar a história.

Ao ir embora, Mr.Gibb doara sua embarcação para a casa de barcos. Desde aquela época, a canoa havia se transformado em uma espécie de monumento, uma relíquia de Mr.Gibb. Ficava emborcada no barracão e nunca era usada. O Coletor disse ao chowkidar: — E este aqui? — Este é o barco de Mr.Gibb — veio a resposta. — Foi o barco que o sahib Gibb usou para remar até o mar alto.

— É utilizável?

— É, sahib, claro.

O chowkidar tinha orgulho e cuidava muito da conservação dos barcos.

— Bom, então talvez eu saia com ele hoje.

— O senhor, sahib? — Engasgou-se o chowkidar. — Mas Mr.Gibb era muito experiente...

O Coletor controlou a voz.

— Acho que dou conta — disse, friamente.

— Mas, sahib...

— Por favor, faça o que mandei.

O barco foi levado para a água e o Coletor subiu nele, — pegou os remos. Atravessou a baía e voltou. Sentia-se estranhamente estimulado. A distância entre os dois braços da baía começou a chamar.

Há várias semanas já, vinha pensando em tentar o canal do mar. Tinha observado os pescadores locais quando saíam da baía, marcara na cabeça o ponto preciso por onde passavam, a rota pela qual conduziam suas embarcações ao mar aberto.

Um dia, disse a si mesmo, um dia... Começaria com uma incursão curta, experimental, para testar a água, por assim dizer. Um dia. Mas agora não haveria mais dias. Na semana seguinte

estaria em Bombaim, em um escritório sem janelas, lidando com impostos municipais.

Mal notou que a embarcação desviou-se da trajetória; que o nariz virara para oeste, apontando para a abertura da baía. Era como se a canoa tivesse sido reclamada pelo espírito de algum outro funcionário que fora embora, como se dirigisse a si mesma.

Ele se sentia estranhamente seguro, em paz. Era melhor deixar essas coisas para homens como Mr.Gibb: com eles se estava em segurança, protegido, provido.

Não havia razão para ter pressa em voltar para a Residência. Ninguém o esperava. O mar parecia calmo e convidativo e a catraia parecia conhecer o caminho.

Lá acima da baía, na Casa Outram, o Rei estava a caminho da sacada com o binóculo dourado de seu pai na mão. Passara acordado boa parte da noite e levantara-se antes que de costume. A partida de Dolly criara uma inquietação na casa. Ele era sensível a essas coisas; ficava perturbado.

Não era fácil lidar com mudanças na sua idade. Tinha dificuldade para dormir.

Levou o binóculo aos olhos. A luz não estava boa. Os pescadores da aldeia de Karla ainda não estavam no estuário. Ele identificou a forma alongada e fina de uma canoa de corrida deslizando depressa na água. O barqueiro remava com ritmo forte, constante, quase tocando os joelhos com a testa antes de se endireitar outra vez.

Ele ficou chocado. Fazia muito tempo que vira pela última vez a catraia rumando para o mar aberto — desde Mr.Gibb, e isso fazia muito tempo, mais de dez anos agora. E mesmo Mr.Gibb nunca se aventurara ao mar durante as monções: ele teria pensado nisso, conhecia as contracorrentes que varriam a costa durante as chuvas.

Ficou olhando, surpreso, enquanto a embarcação aerodinâmica se arremetia na direção da linha de espuma branca que separava as águas calmas da baía do agitado mar de monção. De repente, o barco empinou e o nariz subiu acima da água. O barqueiro levantou um braço, mas então a corrente o dominou e sugou para o fundo, abaixo da superfície. O Rei se pôs de pé, em choque. Agarrou a guarda do balcão, debruçou na balaustrada.

Começou a gritar: — Sawant! Sawant!

Era de manhã cedinho e sua voz tinha ficado prematuramente fraca. Sawant estava dormindo na portaria, em sua cama de vento, com um braço protetor em cima da Primeira princesa.

— Sawant, Sawant! Foi a Rainha quem ouviu os gritos. Ela também passara noite acordada — pensando em Dolly, lembrando que tinha vindo para ela em criança, que era a única no palácio que conseguia acalmar a Segunda Princesa; que havia ficado quando os outros partiram.

— Sawant.

Ela desceu da cama devagar e foi ver o que o Rei queria.

O Rei apontou uns restos de naufrágio flutuando à distância, na boca da baía.

— O Coletor!

Ela olhou prolongadamente com o binóculo dourado.

— Morreu?

— Acho que sim.

Se não fosse por aquele homem, Dolly ainda estaria na Casa Outram: Dolly, que ela adotara, criara e amara como sua própria filha. Mas Dolly tinha ido embora agora e era certo que ele pagasse por isso. Ela se debruçou na balaustrada e cuspiu no jardim, em comemoração à morte de seu carcereiro.

Parte III



A árvore de dinheiro

14



O píer de passageiros da rua Barr em Rangoon era uma curiosidade e tanto. Foi construído para parecer um pavilhão flutuante, com belo madeiramento e telhado em bico, como um chalé suíço. Saya John apoiou-se num dos postes entalhados para se debruçar pelo lado do píer, sondando o rio à espera do Nuwara Eka, o vapor no qual Rajkumar estava voltando para Rangoon com Dolly. Quando por fim identificou o navio, ainda estava muito distante, se aproximando da boca da enseada Pazundaung, lutando contra as poderosas correntes que agitavam a superfície marrom-barro do rio.

Estava decidido que Rajkumar e Dolly ficariam inicialmente com Saya John, em seu espaçoso apartamento de segundo andar na alameda Blackburn — as acomodações que existiam no complexo Kemendine de Rajkumar eram rudimentares demais para os dois lá viverem juntos. Saya John mandara um telegrama para Rajkumar, informando que ele e Dolly eram bem-vindos à alameda Blackburn, para ficarem o tempo necessário para a construção de uma casa habitável.

A enseada Pazundaung era um amplo braço de mar que marca o limite sul da cidade. Muitas serrarias e moinhos de arroz de Rangoon concentravam-se à margem da água — entre eles também os depósitos de madeira que eram o principal local de trabalho de Rajkumar. Quando o vapor apontou na enseada, Rajkumar, olhando da cobertura do Nuwara Eliya, viu de relance a cabine de teca elevada que lhe servia de escritório. Em seguida,

todo o litoral de Rangoon abriu-se diante dele: o pagode de Botataung, os prédios imponentes do Strand, o arremate dourado do Shwe Dagon à distância.

Rajkumar voltou-se, impaciente, e foi para sua cabine.

Desde cedo, essa manhã, estava tentando convencer Dolly a sair: queria muito mostrar a ela esse panorama de Rangoon vista do rio; queria também ver se ela lembrava de alguma coisa de sua viagem quando fora embora, 25 anos antes. Mas, ao longo dos últimos três dias, à medida que o navio se aproximava da Birmânia, Dolly passara a ficar cada vez mais introvertida. Nessa manhã, havia se recusado a sair para o convés; disse que estava enjoada; que sairia depois, quando se sentisse melhor; por ora, queria apenas descansar e se recuperar.

Mas agora não dava mais tempo. Chegariam ao píer em questão de minutos. Rajkumar entrou depressa na cabine, a voz alta, exuberante: — Dolly, estamos em casa. Venha, saia...

Ela não respondeu e ele se calou. Ela estava sentada na cama, encolhida, a testa apoiada nos joelhos, usando o htamein de seda vermelha que colocara para essa ocasião.

— Qual é o problema, Dolly? — Ele tocou seu ombro e descobriu que ela estava tremendo. — O que aconteceu? — Nada. — Ela se livrou da mão dele. — Estou bem. Saio depois, só me deixe ficar sentada aqui até todo mundo ter descido do navio.

Ele sabia que tinha de levar a sério as apreensões dela.

— Tudo bem — disse. — Volto para pegar você dentro de vinte minutos.

— Certo. Vou estar pronta.

Dolly ficou como estava, a cabeça apoiada nos joelhos, tentando se acalmar. Sentiu um tranco quando o vapor atracou, depois ouviu as vozes dos cules e carregadores ressoando pelas pranchas. Desenhos ondulados de luz opalescente dançavam no teto, brilhando pela escotilha, refletida pela superfície escura de

sedimentos do rio. Pouco depois, a porta da cabine abriu-se com um rangido e ela ouviu a voz de Rajkumar: — Dolly...

Levantou a cabeça e viu Rajkumar introduzindo alguém na cabine: um homem pequeno, digno, parecendo uma coruja, de terno cinzento e chapéu de feltro. O visitante tirou o chapéu e sorriu tanto que seus olhos quase desapareceram nas dobras do rosto cheio de finas rugas. Devia ser Saya John, ela sabia, e saber disso a deixou mais apreensiva que nunca. Era esse o encontro que mais temia: Rajkumar havia falado tanto de seu mentor que, na cabeça dela, Saya John tornara-se o equivalente a um sogro, a ser temido e recebido ou então resistido e combatido — ela não fazia ideia de como seriam as coisas entre eles. Agora, diante do homem em pessoa, viu-se juntando as mãos à maneira indiana, inconscientemente, pela força do longo hábito.

Ele riu e atravessou depressa a cabine. Dirigiu-se a ela em birmanês e disse: — Olhe, tenho uma coisa para você. — Ela notou que tinha um forte sotaque estrangeiro.

Ele enfiou a mão no bolso e tirou uma pulseira de ouro filigranado embrulhada em papel de seda. Pegou o pulso dela, deslizou a pulseira por seus dedos.

— Era da minha mulher — disse. — Separei para você. Ela girou a pulseira no braço. As facetas de ouro polido cintilaram na luz mortíça que entrava pelas escotilhas. Ele a abraçou e, ao sentir a pressão da mão dele, suas apreensões começaram a se desfazer. Olhou timidamente para ele e sorriu.

— É linda, Saya. Vai ser um tesouro para mim.

Rajkumar estava olhando da porta e viu levantarem-se as névoas que haviam se juntado em torno dela nos últimos dias.

— Venha — disse, depressa. — Vamos. A gaari está esperando.

A caminho da alameda Blackburn, na carruagem, Saya John enfiou a mão no bolso outra vez.

— Tenho uma coisa para você também, Rajkumar.

— Tirou um pequeno objeto esférico, também embrulhado em papel de seda.

Entregou-o cuidadosamente a Rajkumar.

Ele desmanchou o embrulho e viu-se segurando uma bola esponjosa feita de fios branco-acinzentados enrolados uns em cima dos outros, como lã.

Levantou a bola ao rosto, franziu o nariz com o cheiro desconhecido.

— O que é? — Borracha. — Saya John usou a palavra inglesa rubber.

— Borracha? — Rajkumar reconheceu a palavra, mas tinha uma vaga noção do que significava. Entregou a bola para Dolly, que a cheirou e encolheu-se: o cheiro era mais humano que botânico, um odor de secreção corporal, como suor.

— Onde arrumou isso, Saya? — Rajkumar perguntou, curioso.

— Em minha cidade natal: Malaca.

Saya John andara viajando também, enquanto Rajkumar estivera na Índia: fora à Malásia Oriental, visitar amigos e procurar seus parentes por casamento. Havia parado em Malaca para visitar o túmulo da esposa. fazia alguns anos que ali estivera pela última vez, e notou imediatamente que alguma coisa havia mudado nesse ínterim, alguma coisa nova estava a caminho. Durante anos, desde que se lembrava, Malaca havia sido uma cidade a morrer lentamente, com o porto assoreado e os comerciantes indo embora, fosse para Penang, ao norte, fosse para Cingapura, ao sul. Mas agora, de repente, Malaca era um lugar transformado; havia um sensível aceleração nas turvas artérias da velha cidade sonolenta. Um dia, um amigo levou-o aos arredores da cidade, a um lugar que ele, John Martins, lembrava de sua infância, uma área que antigamente abrigara dezenas de pequenos jardins de especiarias,

onde pimenteiros cresciam como trepadeiras. Porém as trepadeiras haviam desaparecido todas e no lugar delas havia longas fileiras retas de graciosas mudas de tronco esguio.

Saya John olhou muito as árvores, mas não foi capaz de dizer o que eram.

— O que são? — Borracha.

Uns nove anos antes, Mr. Tan Chay Yan, descendente de uma conhecida família chinesa de imigrantes peranakans da China, havia transformado sua horta de pimenta em uma plantação de seringueiras. Em 1897, isso parecera uma coisa maluca de se fazer. Todo mundo foi contra: sabia-se que a borracha era arriscada. Mr. Ridley, curador do Jardim Botânico de Cingapura, há anos tentava interessar plantadores britânicos a experimentar a seringueira. As autoridades imperiais em Londres haviam gastado uma fortuna para conseguir que sementes fossem roubadas do Brasil. Mas Mr. Ridley era o primeiro a admitir que podia levar dez anos para uma plantação de borracha começar a ser produtiva. Os plantadores europeus da Malásia tinham recuado ao saber disso. Mas Mr. Tan Chay Yan insistira, impassível, e conseguira extrair borracha de suas seringueiras em três curtos anos. Agora, todo mundo, até a mais tímida corporação inglesa, seguia seu exemplo, plantava borracha, e o dinheiro inundava a cidade. A companhia B. F. Goodrich mandara representantes de Akron, Ohio, estimulando os plantadores da Malásia a plantar essa nova safra. Esse era o material da nova era, a nova geração de máquinas não teria condições de funcionar sem esse indispensável absorvente de fricção. Os automóveis mais novos tinham dezenas de partes de borracha; o mercado era potencialmente infinito, os lucros, além da imaginação.

Saya John indagou, consultou algumas pessoas confiáveis a respeito do que estava envolvido no plantio de seringueiras. As respostas eram sempre curtas: terra e trabalho eram as coisas de

que o plantador mais precisava; sementes e mudas eram fáceis de obter. E das duas necessidades principais, a terra era a mais fácil de se prover: trabalho já estava em falta. O Governo Colonial Britânico estava recorrendo à Índia para prover cules e trabalhadores para as plantações.

Saya John começara a brincar com a ideia de comprar um pouco de terra para Matthew, seu filho. Descobrira que o preço da terra em torno de Malaca subia rapidamente; foi aconselhado a viajar para o norte, na direção da fronteira com o Sião. Foi, ainda não inteiramente convencido.

Estava velho demais para começar um novo projeto grande, disse sabia; mas havia Rajkumar, com quem podia contar — ele saberia como fazer para levantar uma força de trabalho — e, claro, sempre havia Matthew, que estava na América havia já muitos anos. Ninguém sabia exatamente o que Matthew fazia por lá; da última vez que tiveram notícias, o rapaz tinha ido para o leste, para Nova York. Algum tempo atrás, chegara uma carta; ele dissera alguma coisa sobre procurar emprego; nada sobre voltar para casa. Talvez isso fosse exatamente o que era preciso para trazer o rapaz de volta: um grande novo empreendimento ao qual pudesse se dedicar: algo que fosse dele; algo que ele pudesse fazer crescer. Podia ver a si mesmo envelhecendo, morando com Matthew — o rapaz teria uma família, filhos; viveriam juntos num lugar tranquilo, cercado de árvores e verde.

Essa ideia ainda estava tomando forma em sua cabeça quando viu o lugar perfeito para o atracadouro de um ferryboat: a encosta do lado sul de uma montanha, um vulcão extinto que se projetava da planície como a cabeça de algum fantástico animal. O lugar era uma desolação, uma selva; mas, ao mesmo tempo, estava a distância confortável da ilha de Penang e do porto de Butterworth.

— Tenho terras lá agora — Saya John disse para Rajkumar —, e estão esperando o dia de Matthew voltar.

Rajkumar, recém-casado e ansioso pelos prazeres da vida doméstica, não estava disposto a levar a sério seu mentor.

— Mas, Saya, o que Matthew sabe de borracha ou de plantações? — Não importa. Ele aprende. E, claro, vai ter você para ajudar. Vamos ser sócios, nós três: você, eu, Matthew.

Rajkumar deu de ombros.

— Saya, eu sei ainda menos que Matthew. Meu negócio é madeira.

— Madeira é coisa do passado, Rajkumar: você tem de olhar para o futuro... e se existe alguma árvore que pode ser chamada de árvore do dinheiro, essa árvore é a seringueira.

Rajkumar sentiu a mão de Dolly apertando a sua com ansiosa curiosidade.

Fez-lhe um carinho tranquilizador, como quem diz: é só um capricho do velho; não há por que se preocupar.

Na esteira imediata de sua viuvez, Uma voltou a Lankasuka, para a casa dos pais em Calcutá. Sua família era pequena: tinha apenas um irmão, muito mais novo que ela. A casa era espaçosa e confortável, embora nada grandiosa: tinha dois andares, com uma sacada semicircular em cada um. Os cômodos eram arejados e bem iluminados, com tetos altos e pisos de pedra que continuavam frescos mesmo no verão mais quente.

Mas a volta de Uma não foi feliz. O pai era arqueólogo e acadêmico: não era o tipo de homem que fosse insistir em todas as observâncias costumeiras da viuvez hindu, nem inteiramente esclarecido a ponto de ficar imune às censuras dos vizinhos. Dentro de suas possibilidades, fez o que pôde para mitigar as durezas da situação da filha. Mas, como viúva morando na casa, a vida de Uma ainda era de rígida limitação e privação: teve o cabelo raspado; não podia comer carne, nem peixe; e não podia usar senão branco. Tinha 28 anos e uma vida pela frente. Os meses se arrastavam e foi ficando claro que seria preciso pensar em alguma outra solução.

Uma era agora uma mulher independente, beneficiária de uma pensão bem substancial. Em sua vida, o Coletor tivera um dos empregos mais lucrativos do Império, e quando morreu descobriu-se que havia feito diversos investimentos astutos, muitos em nome de Uma. Com a sobrevivência garantida e sem filhos para cuidar, não havia nada para prendê-la em casa e todas as razões para ir embora.

A questão foi decidida quando ela recebeu uma carta de Dolly, convidando-a para visitar Rangoon. Era evidente que a melhor solução possível era ir para o estrangeiro.

Na viagem, Uma manteve a cabeça coberta com um xale, para esconder o cabelo raspado. Dolly e Rajkumar foram encontrá-la no píer da rua Barr e no momento em que ela saiu Dolly tirou-lhe o xale.

— Por que está escondendo o rosto? — perguntou. — Acho que está bonita assim.

Dolly e Rajkumar levaram Uma diretamente para sua nova casa em Kemendine: tinham acabado de se mudar e a casa ainda estava em obras.

Como fora construída muito depressa, a casa era uma estrutura antiquada, mal planejada — dois pisos com quartos interligados agrupados em torno de um pátio quadrado. Os pisos eram de pedra vermelha polida e o pátio contornado por sacadas em forma de corredor. As balaustradas eram de fino ferro fundido. Ao longo das paredes da construção havia diversas edículas pequenas. Nelas moravam vigias, jardineiros e outros empregados domésticos.

Rangoon era uma cidade estranha para Dolly tanto quanto para Uma, e as duas começaram a explorá-la juntas: subiram a escadaria do Pagode Shwe Dagon; visitaram o tio de Uma em Kalaa-basti, o bairro indiano; assistiram às corridas de pôneis no hipódromo de Kyaikasan; andaram pelas ruas estreitas de Syriam,

do outro lado do rio; passearam em volta dos Lagos Reais e rodaram de carruagem em torno do Acantonamento. A todos os lugares onde iam, Dolly era cortejada, procurada, cercada por exércitos de conhecidos, que faziam infindáveis perguntas sobre o Rei, a Rainha e sua vida no estrangeiro. Era um assunto de interesse universal na Birmânia, e o fato de Dolly ter participado do exílio da Família Real fazia dela própria uma celebridade.

Uma passava o tempo de forma muito agradável. Era sempre convidada a sair com Dolly e nunca lhe faltava o que fazer. Mas, com o passar das semanas, foi se vendo cada vez mais dolorosamente consciente da distância entre a ebulição de felicidade de Dolly e sua própria condição. No passado, Uma se preocupava sempre com o casamento de Dolly: será que ela teria se casado com Rajkumar para escapar da prisão da Casa Outram? Ou será que havia simplesmente se apaixonado — isso e nada mais? Agora, observando os dois juntos, Uma viu que essas razões não eram mutuamente exclusivas: que esses dois motivos haviam desempenhado um papel na criação de um todo, como no encaixe das peças de formas tortuosas de um quebra-cabeça.

Entendeu também que essa era uma completude que ela, que sempre se orgulhara de saber o que queria em tudo, jamais havia conhecido e talvez nunca viesse a conhecer, porque não sabia ceder ao momento como Dolly cedia.

Dolly e Rajkumar pareciam ter pouco conhecimento dos gostos e desgostos, preferências e hábitos um do outro, porém o milagre era que — e isso Uma via também com clareza —, longe de enfraquecer o laço entre eles, essa mútua incompreensão servia para fortalecê-lo. Entre ela e o Coletor, por outro lado, cada eventualidade era governada por regras e significados claramente definidos. Sempre que havia alguma questão sobre o que um deles poderia gostar ou querer, tudo o que tinham de fazer era se referir implicitamente aos costumes e à etiqueta. Agora, repensando as

coisas, via que ela própria passara a se parecer com o Coletor mais do que jamais gostaria de admitir; que ela também havia se transformado em uma criatura de regras, método e obstinada persistência e, nesse sentido, era absolutamente diferente de Dolly.

Com o passar dos dias, foi tomando consciência de uma crescente tristeza, uma emoção mais poderosa que qualquer outra que conheceria. À luz do passado, deu-se conta de que aquelas palavras que as pessoas sempre usavam para o Coletor — ele é um bom homem — eram verdadeiras; que ele de fato havia sido um bom homem, um homem honesto — um homem de grande inteligência e capacidade que por acaso nasceu em condições que não eram capazes de oferecer vias adequadas ao exercício de seus talentos. Havia exercido imenso poder como Coletor Distrital, mas, paradoxalmente, o posto não lhe trouxera senão incerteza e inquietação; ela se lembrava do modo irônico, nervoso como ele desempenhava o papel de Coletor; lembrava como olhava para ela do outro lado da mesa, a intolerável minúcia de sua supervisão, o esforço que colocava em transformá-la num reflexo do que ele próprio aspirava ser. Parecia não haver nunca um momento em que não fosse perseguido pelo medo de ser considerado relapso por seus colegas britânicos. E, no entanto, parecia ser universalmente aceito que era um dos indianos mais bem-sucedidos de sua geração, modelo para seus conterrâneos. Será que isso quer dizer que um dia a Índia inteira iria se transformar numa sombra do que ele havia sido? Milhões de pessoas tentando viver suas vidas de acordo com regras incompreensíveis? Melhor ser o que Dolly havia sido: uma mulher sem ilusões a respeito da natureza de sua condição; uma prisioneira que sabia exatamente as dimensões de sua cela e podia encontrar satisfação dentro desses limites. Mas ela não era Dolly e nunca seria; alguma parte dela era irrecuperavelmente criação do Coletor, e se de nada adiantava ficar lamentando esse

desfiguramento, então era seu dever dedicar suas capacidades à tarefa de encontrar um remédio.

Um dia, Rajkumar disse a ela: — Tudo o que temos, devemos a você. Se precisar de alguma coisa, queremos ser os primeiros a quem você possa recorrer.

Ela sorriu: — Qualquer coisa? — Claro, qualquer coisa.

Ela respirou fundo.

— Então, vou pedir que providencie para mim uma passagem para a Europa...

À medida que o navio de Uma seguia para o Ocidente, uma enxurrada de cartas e cartões veio em sentido contrário, inundando a porta de Dolly em Kemendine. De Colombo, havia uma foto do mar visto do monte Lavinia, com uma mensagem contando como Uma havia encontrado uma amiga de família a bordo, uma certa Mrs. Kadambari Dutt — uma das famosas Hatkhola Dutt de Calcutá, prima de Toru Dutt, a poetisa, e parente do famoso Mr. Romesh Dutt, escritor e acadêmico. Mrs. Dutt era bem mais velha que ela e tinha vivido algum tempo na Inglaterra; era muito experiente e bem informada sobre as coisas — a pessoa perfeita para se ter a bordo, um presente do céu, na realidade. Estavam gostando de estar juntas.

De Aden, veio um cartão com uma foto de um canal estreito entre dois imensos rochedos. Uma escreveu que tinha adorado descobrir que aquele curso de água — que fazia a ligação entre o oceano Índico e o mar Vermelho — era conhecido em árabe como Bab al-Mandab, o "portal da lamentação". Podia haver nome mais bem escolhido? De Alexandria, veio a foto de uma fortaleza, com poucas observações indiretas contando o quanto os europeus a bordo haviam ficado mais amigáveis depois de atravessar o canal de Suez. Ela, Uma, ficara chocada, mas Mrs. Dutt havia dito que era sempre assim: havia alguma coisa no ar do Mediterrâneo que

parecia transformar até os mais arrogantes colonialistas em afáveis democratas.

De Marselha, Uma mandou sua primeira carta longa: ela e sua nova amiga, Mrs. Dutt, tinham resolvido passar alguns dias na cidade. Mrs. Dutt vestiu uma saia ocidental antes de descer para terra; ofereceu outra, emprestada, a Uma, mas ela se sentiu esquisita e recusou; desceu do navio vestindo um sári. Não tinham ido longe quando Uma foi tomada — imagine só! — por uma cambojana; dezenas de pessoas juntaram-se em torno dela, perguntando se era dançarina. O que aconteceu foi que o Rei Sisowath do Camboja tinha visitado a cidade recentemente, com um elenco de dançarinas do palácio. As dançarinas fizeram grande sucesso; a cidade inteira ficou louca por elas; o grande escultor, Mr. Rodin, viera de Paris só para desenhá-las. Uma ficou quase querendo não ter de decepcionar ninguém explicando que era indiana, não cambojana.

Divertiram-se muito, as duas, ela e Mrs. Dutt; passearam pela cidade, foram ver os pontos de interesse, chegaram a se aventurar ao campo. Era estranho, inebriante, excitante — duas mulheres viajando sozinhas, sem ser molestadas, atraindo nada mais que um ou outro olhar curioso. Ela se perguntava por que não era possível fazer a mesma coisa em sua terra — por que as mulheres não podiam pensar em viajar assim na Índia, deleitando-se com essa sensação de liberdade. Mas era perturbador pensar que esse privilégio — de poder gozar essa sensação de liberdade, mesmo momentânea — tornara-se possível apenas devido às circunstâncias de seu casamento e porque ela agora tinha dinheiro para viajar. Conversara longamente sobre isso com Kadambari — Mrs. Dutt: por que não era possível que essas liberdades fossem universalmente aceitas para mulheres de toda parte? E Mrs. Dutt dissera que, claro, esse era um dos grandes benefícios do domínio britânico na Índia; que isso dera às mulheres direitos e proteção

que elas jamais tinham tido antes. Diante disso, Uma sentiu, pela primeira vez, absoluta antipatia pela nova amiga. Ela sabia instintivamente que esse era um argumento falso, sem fundamento e ilógico. Como era possível imaginar que alguém pudesse libertar impondo sujeição? Que se pudesse abrir uma gaiola colocando-a dentro de outra gaiola maior? Como podia qualquer setor de um povo esperar obter liberdade onde a totalidade da população era mantida em sujeição? Teve uma longa discussão com Mrs. Dutt e, no final, conseguiu convencer a amiga de que seu ponto de vista era correto. Sentiu que isso era um grande triunfo — pois claro que Mrs. Dutt era muito mais velha (e muito mais bem educada) e até então era sempre ela quem dizia a Uma como devia pensar.

Dolly estava na cama quando leu essa carta. Estava bebendo um preparado acre receitado pela parteira e tentando descansar. Algumas semanas antes, começara a desconfiar que estava grávida e essa intuição fora recentemente confirmada. O resultado foi ser colocada num regime especial que exigia diversas infusões medicinais e muito descanso. Mas descanso não era uma coisa sempre fácil de conseguir em uma casa tão movimentada e caótica como a sua. Mesmo para ler a carta de Uma sofreu várias interrupções — o cozinheiro, U Ba Kyaw e o mestre pedreiro invadiram o quarto para pedir instruções. Entre as tentativas de adivinhar o que devia ser preparado para o jantar e quanto dinheiro seria preciso adiantar a U Ba Kyaw para sua nova visita, ela tentou pensar em Uma, gozando a liberdade de poder passear sozinha na Europa. Entendeu, intuitivamente, por que Uma sentia prazer nisso, enquanto ela própria nunca se importaria com isso. Sua cabeça parecia não ter espaço para mais nada além da movimentada ânsia de acontecimentos de sua vida cotidiana. Ocorreu-lhe que raramente sequer pensava em questões como independência, liberdade ou qualquer assunto do gênero.

Quando pegava a caneta para responder a Uma, não conseguia pensar em nada para dizer; havia alguma coisa incomunicável no contentamento cotidiano de sua vida. Podia tentar, por exemplo, escrever que sua amiga Daw Thi passara em sua casa na última quarta-feira e que as duas tinham ido procurar mobília nova na Rowe & Co.; ou, então, podia descrever sua última visita ao hipódromo de Kyaikasan, onde Rajkumar ganhou quase mil rupias e brincou que ia comprar um pônei. Mas nada disso parecia valer a pena ser colocado no papel — certamente, não como resposta às preocupações que Uma expressava. Ou, então, podia escrever sobre a gravidez, sobre a felicidade de Rajkumar, sobre a maneira como ele imediatamente começara a pensar em nomes (a criança tinha de ser um menino, claro). Mas era supersticiosa com essas coisas: nem ela nem Rajkumar haviam contado ainda aos outros e só o fariam quando fosse inevitável. Também não queria escrever sobre isso a Uma: seria como se estivesse esfregando sua gravidez na cara da amiga; frisando sua esterilidade.

Dois meses se passaram sem outras comunicações de Uma. Com o passar dos dias, Dolly foi se vendo mais e mais incapaz de dormir. Fortes pontadas abdominais a faziam dobrar-se na cama durante a noite. Mudara-se para um quarto sozinha, para não incomodar Rajkumar. A parteira disse que estava tudo indo normalmente, mas Dolly não estava convencida: tinha cada vez mais certeza de que havia alguma coisa errada. Então, uma noite, tarde, as dores já familiares mudaram de repente para convulsões que sacudiam toda a parte inferior de seu corpo. Ela entendeu que estava tendo um aborto e gritou por Rajkumar. Ele acordou os criados e mandou gente em todas as direções chamar médicos, enfermeiras, parteiras. Mas era tarde demais, e Rajkumar estava sozinho com Dolly quando o feto natimorto foi expulso de seu corpo.

Dolly ainda estava convalescendo quando chegou a carta seguinte de Uma.

A carta trazia um endereço de Londres e começava com profusas desculpas e uma censura implícita. Uma escrevia que ficava triste de pensar que haviam deixado passar tantos meses sem trocar cartas. Ela própria andava muito ocupada em Londres, disse. Mrs. Dutt a ajudara a encontrar acomodações — como hóspede paga de uma velha senhora missionária que passara grande parte da vida na Índia. O arranjo tinha dado muito certo e Uma não sentia falta de companhia. Logo depois de sua chegada, começou a ser procurada: sobretudo por antigos amigos e colegas do Coletor, a maioria deles inglesa. Alguns tinham conhecido seu finado marido em Cambridge, outros haviam trabalhado com ele na Índia.

Foram todos muito gentis, mostraram-lhe a cidade, levaram-na a eventos do tipo que o Coletor gostava — concertos, peças de teatro, palestras na Academia Real. Depois de algum tempo, Uma começou a sentir como se o Coletor estivesse de novo com ela; ouvia a voz dele descrevendo Drury Lane ou Covent Garden, apontando os detalhes notáveis; apontando o que era de bom gosto e o que não era.

Felizmente, manteve também sua ligação com a amiga de bordo, Mrs. Dutt.

Ficou claro que Mrs. Dutt conhecia todos os indianos que viviam em Londres, ou quase. Através dela, Uma havia encontrado muita gente interessante, sobretudo uma senhora chamada madame Cama. Parse de Bombaim, madame Cama parecia, à primeira vista, mais europeia que indiana — em roupas, maneiras e aparência. Porém ela, Uma, nunca conhecera ninguém tão verdadeiro ou direto em questões relativas à Índia. Ela tivera a gentileza de apresentar Uma a seu círculo. Uma nunca conhecera gente assim — tão interessante e idealista, homens e mulheres cujas posições e sentimentos eram próximos dos seus. Através

dessas pessoas, Uma começara a entender que uma mulher como ela podia contribuir muito com a luta da Índia, do outro lado do mar.

Ultimamente, madame Cama estava insistindo com ela, Uma, para visitar os Estados Unidos. Tinha amigos entre os irlandeses de Nova York, muitos dos quais, dizia ela, eram simpatizantes da causa indiana. Ela achava importante Uma conhecer essas pessoas e sentia que poderia gostar de viver naquela cidade. Uma estava pensando seriamente no assunto. Tinha certeza de uma coisa, ao menos: não ia ficar muito tempo na Inglaterra.

Em Londres, era assolada pela ideia de que toda a cidade conspirava para lembrá-la do falecido marido.

Exausta pelo esforço de ler a carta, Dolly colocou-a na mesa de cabeceira. Mais tarde, quando Rajkumar voltou para casa, ele viu a carta ali e pegou-a.

— De Uma? — É.

— O que ela conta? — Leia.

Rajkumar alisou a página e leu a carta inteira devagar, acompanhando a escrita em garranchos de Uma com o indicador, pedindo a ajuda de Dolly com as palavras que não conseguia identificar. Por fim, dobrou as páginas e colocou de volta na mesa de cabeceira de Dolly.

— Ela está falando de ir para Nova York.

— É.

— É lá que Matthew está.

— É. Eu tinha esquecido.

— Devia mandar o endereço dele para ela. Se ela for, Matthew podia ajudar a encontrar onde ficar.

— É verdade.

— E se escrever para ela, podia dizer também que Saya John está preocupado com Matthew. Tem escrito para Matthew voltar,

mas Matthew não responde. Sayagi não entende porque ele não volta. Talvez Uma possa resolver esse enigma.

Dolly concordou com a cabeça.

— Tudo bem — disse. — Vai me dar assunto para escrever.

Passou a semana compondo a carta, escrevendo os parágrafos um de cada vez. Não mencionou seu próprio estado. Como não tinha contado nada da gravidez, parecia deslocado se referir ao aborto. Escreveu sobretudo acerca de Saya John e de Rajkumar e enviou a carta para o endereço de Uma em Londres.

Quando Dolly soube dela de novo, Uma já havia atravessado o Atlântico; estava em Nova York e já fazia várias semanas. Mais uma vez, estava cheia de desculpas por não ter escrito antes — havia tanto sobre o que falar que não sabia por onde começar. Nova York revelara ser tudo o que esperava — uma espécie de refúgio para alguém como ela, a não ser que o abrigo que fornecia consistia não de paz e sossego, mas do contrário. Era o tipo de lugar onde dava para se perder no meio da multidão. Decidira ficar ali por enquanto: já durante a viagem, entendera que esse seria um lugar a seu gosto porque muitos outros passageiros eram gente cansada da impiedosa hipocrisia europeia, assim como ela.

Mas tinha também uma coisa importante a contar sobre a questão a respeito da qual Dolly lhe escrevera. Havia encontrado Matthew Martins logo depois da chegada à América; ele fora vê-la na Missão Ramakrishna em Manhattan, onde estava temporariamente hospedada. Ele não era absolutamente a pessoa que ela esperava; parecia muito pouco com o pai. Era de complexão atlética e muito bonito, extremamente urbano de maneiras. Logo descobriu que ele tinha grande paixão por automóveis; tinha sido instrutivo andar com ele pelas ruas, pois Matthew apontava aqui e ali e anunciava, como um mágico: "Aquele ali é um Hutton 1908 novo em folha" ou "Aquele é um Beeston Humber" ou "Ali um Gaggenau..."

Quanto ao mistério de sua relutância em ir embora de Nova York, isso logo se resolveu. Ele revelou que tinha uma noiva americana, uma mulher chamada Elsa Hoffman. Apresentou-a a Elsa, e Uma achou que era uma mulher muito agradável: sua conduta era bem-humorada, animada, à maneira americana, e era bem bonita também, com um rosto delicado, em forma de coração, e cabelo preto comprido. As duas logo ficaram amigas, ela e Elsa, e, um dia, Elsa confidenciou-lhe que estava secretamente comprometida com Matthew. Não contara à família porque sabia que iam reprovar e tinha medo de que a mandassem embora. E Matthew também tinha muita insegurança de como seu pai ia reagir — Elsa sendo estrangeira e protestante. Uma sentia que era só isso que impedia Matthew de voltar.

Se Saya John escrevesse a Matthew indicando que não tinha nada a temer quanto a isso, então muito provavelmente ele mudaria de ideia quanto a ficar na América...

Quando a carta lhe foi entregue, Dolly já estava plenamente recuperada.

Ficou tão excitada com o relato de Uma que resolveu ir imediatamente ao depósito de madeira de Rajkumar para lhe dar a notícia. Uma gaari de aluguel levou-a sacudindo pelas ruas empoeiradas, que pareciam de aldeia, de Kemendine até o macadame preto do Strand, com os navios de carga ancorados nas docas, passando pelo pagode Botataung, com suas piscinas cheias de peixes dourados, pelo cruzamento da ferrovia e através das estreitas alamedas de Pazundaung até o complexo murado que marcava a instalação do depósito de Rajkumar. Lá dentro, um grupo de elefantes trabalhava duro, amontoando toras. Dolly viu Rajkumar parado na sombra da cabine de madeira elevada que servia de escritório. Estava usando um longyi e colete, um charuto, o rosto e a cabeça cobertos de serragem.

— Dolly! — Ele ficou surpreso de vê-la no depósito.

— Tenho notícias. — Ela acenou para ele com a carta.

Subiram a escada que levava ao escritório de Rajkumar. Ficou em cima dele enquanto lia a carta de Uma, e quando ele terminou, ela disse: — O que acha, Rajkumar? Acha que Sayagyi vai reprovar... a noiva de Matthew não ser católica e tudo? Rajkumar riu alto.

— Sayagyi não é nenhum missionário — disse. — A religião dele é dele. Em todos estes anos que trabalho para ele, nem uma vez me pediu para ir à igreja.

— Mesmo assim — disse Dolly —, tem de tomar cuidado quando contar para ele...

Vou tomar. Vou falar com ele hoje mesmo. Acho que ele vai ficar aliviado que seja só isso.

Logo depois, Dolly descobriu que estava grávida de novo. Esqueceu de Matthew e Elsa, e até de Uma: todas as suas energias concentraram-se em garantir que nada desse errado de novo. Sete meses passaram depressa, e então, a conselho do médico, ela se internou num hospital missionário na rua Dufferin, não longe de Kemendine.

Um dia, Saya John foi visitá-la. Sentou-se na beira da cama, pegou a mão dela e apertou entre as suas.

— Eu vim agradecer — disse ele.

— Por quê, Sayagyi? — Por ter me devolvido meu filho.

— O que quer dizer, Sayagyi? — Recebi uma carta de Matthew. Ele vai voltar para casa. Já está fazendo os preparativos. Sei que é a você que tenho de agradecer. Ainda não contei para Rajkumar. Queria que você fosse a primeira a saber.

— Não, Sayagyi, é a Uma que tem de agradecer. Foi tudo por causa dela.

— Por causa de vocês duas.

— E Matthew? Ele vem sozinho? Saya John sorriu, os olhos brilhantes.

— Não. Vai trazer uma noiva para casa. Vão se casar por licença especial pouco antes de partir. Assim podem viajar juntos.

— Então, o que quer dizer isso, Sayagi? — Quer dizer que é hora de eu mudar também. Vou vender minhas propriedades aqui. E vou para a Malásia, aprontar as coisas para eles.

Mas ainda tem muito tempo. Vou estar aqui para o nascimento de seu filho.

Seis semanas depois, Dolly deu à luz um menino saudável, de 4 quilos.

Para comemorar, Rajkumar fechou o depósito e anunciou um bônus de uma semana de salário aos empregados. Chamaram um astrólogo para aconselhar sobre os nomes da criança: ele receberia dois, como era costume entre os indianos na Birmânia. Depois das deliberações que duraram várias semanas, decidiu-se que o nome birmanês do menino seria Sem Win; seu nome indiano seria Neeladhri — Neel para abreviar. Os nomes ficaram decididos bem a tempo de Saya John ficar sabendo antes de partir para a Malásia.

Quatro anos depois, Dolly teve um segundo filho, outro menino. Como Neel, ele recebeu dois nomes, um birmanês, um indiano: que eram respectivamente Tun Pe e Dinanath. O último foi depressa abreviado para Dinu, e por esse nome era ele conhecido em casa.

Logo depois do parto de Dolly, Rajkumar recebeu uma carta de Saya John: por coincidência, Elsa também tinha tido um bebê, seu primeiro. Era uma menina e recebeu o nome de Alison. E mais, Matthew e Elsa tinham resolvido construir uma casa para eles na plantação: o terreno já estava limpo e haviam marcado uma data para a cerimônia de abrir o chão. Saya John queria muito que Rajkumar e Dolly comparecessem à cerimônia, com seus filhos.

Nos anos posteriores à partida de Saya John de Rangoon, Rajkumar passara boa parte de seu tempo viajando entre a

Birmânia, a Malásia e a Índia.

Como sócio da plantação, ficara responsável por fornecer um suprimento constante de trabalhadores, a maioria dos quais da presidência de Madras, no sul da Índia. Rajkumar mantinha Dolly a par do progresso da plantação, mas, apesar de seus rogos, ela não o acompanhou em nenhuma das viagens à Malásia. Não era uma boa viajante, dizia. Já tinha sido difícil sair de Ratnagiri para vir à Birmânia; não tinha nenhuma pressa de ir a qualquer lugar. O resultado disso foi que Dolly não conhecera Matthew e Elsa.

Rajkumar mostrou para Dolly a carta de Saya John com o comentário: — Se você algum dia pretende ir lá, é agora.

Depois que ele leu a carta, Dolly concordou: — Tudo bem; vamos.

De Rangoon, eram três dias de viagem até a ilha de Penang, no norte da Malásia. Em seu último dia no mar, Rajkumar mostrou para Dolly um borrão azul distante no horizonte. Isso foi depressa se transformando num pico escarpado que subia do mar como uma pirâmide. Isolado, sem nenhuma outra terra à vista.

— É o Gunung Jerai — disse Rajkumar. — É lá que fica a plantação. — Em anos passados, disse ele, quando a floresta estava sendo abatida, a montanha parecera ganhar vida. Ao viajar para Penang, Rajkumar via grandes plumas negras de fumaça subindo da montanha para o céu. — Mas isso foi há muito tempo: o lugar agora está bem mudado.

O vapor atracou em Georgetown, o porto principal da ilha de Penang.

Dali, era uma viagem de várias horas até a plantação: primeiro, tomaram um ferry para a cabeça da estrada de ferro Butterworth, do outro lado do estreito canal de Penang. Depois, tomaram um trem que os levou para o norte por uma paisagem de luxuriantes arrozais verdes e densos bosques de coqueiros. Pairando adiante, sempre visível pelas janelas do vagão, a alta

massa do Gunung Jerai, o pico escondido por uma névoa nebulosa. Ele subia íngreme da planície, a encosta do oeste baixava direto para dentro das cintilantes águas azuis do mar de Andaman. Dolly, agora habituada às paisagens ribeirinhas do sul da Birmânia, ficou perplexa com a beleza luxuriante da planície costeira. Lembrou-se de Ratnagiri, e pela primeira vez em muitos anos sentiu falta de seu caderno de desenho.

Esse braço da viagem terminou em Sungei Pattani, uma cidade distrital a sotavento da montanha. A ferrovia era de construção recente e a estação consistia em não muito mais que uma extensão de terra batida e um barracão ladrilhado. Dolly enxergou Saya John quando o trem estava chegando; ele parecia mais velho e um pouco encolhido; estava lendo miopemente um jornal quando o trem entrou na estação. Parados ao lado dele estavam um homem alto de roupa cáqui e uma mulher com uma saia preta até os tornozelos. Mesmo antes de Rajkumar apontá-los, Dolly sabia que eram Matthew e Elsa.

Elsa veio até a janela de Dolly quando o trem parou. A primeira coisa que disse foi: — Eu reconheceria você em qualquer lugar; Uma fez de você uma descrição perfeita.

Dolly riu: — E você também... os dois.

Fora da estação rudimentar, havia um grande complexo. No centro, ficava uma magra muda de árvore, não muito mais alta que a própria Dolly.

— Nossa — disse Dolly, perplexa —, é uma muda de padauk, não é? — Aqui chamam de árvores angsana — disse Elsa. — Matthew plantou logo depois que Alison nasceu. Disse que dentro de poucos anos vai crescer e virar um grande guarda-chuva, fazendo sombra para toda a estação.

Então, o olhar de Dolly foi atraído por uma outra coisa surpreendente: um automóvel — um brilhante veículo de teto chato com um capô redondo e cintilante, com rodas de 12 varetas. Era o

único carro do complexo e havia em torno dele uma pequena multidão deslumbrada com os faróis de latão e a pintura preta brilhante.

O carro era de Matthew.

— É um Oldsmobile Defender — ele anunciou. — Um carro bem modesto, na verdade, mas novinho, modelo deste ano, um genuíno 1914. Saiu da fábrica em janeiro e foi despachado para mim seis meses depois. — Ele falava como americano, Dolly notou, e sua voz não tinha nenhuma semelhança com a do pai.

Formavam um grupo grande: havia uma babá para Dinu e Neel, assim como um homem para ajudar com a bagagem. O carro não era grande o bastante para todos. Depois que Dolly, Elsa e as crianças se acomodaram havia espaço apenas para a babá e para Matthew, que estava dirigindo. Os outros ficaram para seguir atrás, em uma charrete.

Atravessaram Sungei Pattani, ao longo de ruas largas, ladeadas por "lojas" ladrilhadas — fachadas comerciais ligadas umas nas outras para formar compridas e graciosas galerias. Depois, a cidade ficou para trás e o carro começou a subir.

— Quando foi a última vez que soube de Uma? — Dolly perguntou a Elsa.

— Estive com ela no ano passado — disse Elsa. — Fui aos Estados Unidos passar férias e nos encontramos em Nova York.

Uma tinha mudado para um apartamento próprio, disse Elsa. Arrumara emprego como leitora de provas de uma editora. Mas estava fazendo outras coisas também: parecia manter-se muito ocupada.

— O que mais ela está fazendo exatamente? — Coisas políticas sobretudo, acho — disse Elsa. — Foi de reuniões e discursos e de alguma revista para a qual está escrevendo.

— Ah? — Dolly ainda estava pensando nisso quando Elsa apontou adiante. — Olhe... a fazenda. É ali que começa.

Estavam subindo, rodando por uma íngreme estrada de terra ladeada por uma densa floresta de ambos os lados. Em frente, Dolly viu um amplo portão com uma placa que formava um arco por cima da estrada. Havia três palavras escritas na placa em enormes letras de ouro; Dolly leu em voz alta, rolando as palavras na língua: — Fazenda de Borracha Morningside.

— Foi Elsa quem deu o nome — disse Matthew.

— Quando eu era criança — Elsa explicou —, vivia perto de um parque chamado Morningside. Sempre gostei do nome.

No portão, havia uma súbita brecha na fechada cortina de vegetação que cobria a montanha: à frente, estendendo-se até onde a vista alcançava, havia fileiras ordenadas de pequenas árvores, todas exatamente iguais, todas espacejadas com precisa, geométrica regularidade. O carro passou por uma elevação baixa e apareceu um vale adiante, uma bacia rasa aconchegada na concha de uma cordilheira em curva. Tinham derrubado as árvores da bacia e havia um espaço aberto no meio. Agrupados nesse espaço havia dois prédios caindo aos pedaços com telhados corrugados, pouco mais que cabanas.

— Era para ser o escritório da fazenda — disse Elsa, desculpando-se. — Mas estamos vivendo nele por enquanto. É muito básico, acho... razão por que precisamos construir para nós um lugar habitável.

Instalaram-se, e mais tarde Elsa levou Dolly para dar um passeio pelas seringueiras. Cada árvore tinha um corte diagonal no tronco, com uma metade de casca de coco presa embaixo. Elsa passou o dedo em uma dessas conchas e pegou uma meia-lua de látex endurecido.

— Isto aqui se chama cenambi — disse Elsa, entregando o látex a Dolly.

Dolly levou a bolota cinzenta esponjosa ao nariz: o cheiro era azedo e ligeiramente rançoso. Colocou-a de volta à concha de

coco. — Os coletores passam para recolher os cenambis de manhã — disse Elsa. Não se pode desperdiçar nem uma gota desse material.

Seguiram entre as seringueiras, subindo a encosta, de frente para o pico nublado do Gunung Jerai. O chão era macio, dava a sensação de acolchoado por causa do tapete de folhas secas derrubadas pelas árvores. A encosta adiante era marcada pelas sombras de milhares de troncos, todos exatamente paralelos, como ranhuras feitas por uma máquina. Era como estar na selva, mas ao mesmo tempo não. Dolly havia visitado Huay Zedi muitas vezes e passara a adorar a elétrica quietude da selva. Mas isso não era nem como cidade, nem como fazenda, nem como floresta: havia algo assustador naquela uniformidade; no fato de que tal mesmice pudesse ser imposta a uma paisagem de tal exuberância natural. Lembrou-se de como havia ficado surpresa quando o carro passara da inebriante profusão da selva para a ordenada geometria da plantação.

É como entrar em um labirinto — disse para Elsa.

— É — Elsa respondeu. — E você ficaria surpresa de descobrir como é fácil se perder.

Entraram em uma grande clareira e Elsa parou.

— Aqui — disse — é onde vai ficar a Casa Morningside.

Dolly girou e viu que o local tinha vistas espetaculares de todos os lados. A oeste, a montanha descia suavemente para o mar avermelhado pelo pôr do sol; ao norte, subia para o pico coberto de floresta do Gunung Jerai, pairando exatamente em cima deles.

— É um lugar maravilhoso — Dolly disse. Mas mesmo enquanto dizia as palavras ocorreu-lhe que não gostaria de viver ali, sob o olhar carrancudo das montanhas, em uma casa perdida num labirinto de árvores.

— É bonito, não é? — disse Elsa. — Mas você tinha de ter visto como era antes da derrubada.

Ela ficara horrorizada, contou, quando partiu para o Gunung Jerai pela primeira vez, O lugar era belo além da imaginação, mas era selva — floresta densa, alta, emaranhada, impassível. Matthew a levou a pé uma curta distância e era como andar por uma igreja acarpetada, com as copas das árvores se encontrando lá em cima, formando um teto abobadado sem fim. Era difícil, quase impossível imaginar que aquelas encostas podiam ser desnudadas, tornadas habitáveis.

Quando a derrubada da floresta começou, Matthew havia se mudado para o terreno e construído uma pequena cabana, onde ficava agora o escritório da fazenda. Ela morava longe dele, em uma casa alugada em Penang. Teria preferido estar ao lado de Matthew, mas ele não a deixava ficar. Era perigoso demais, dizia, como um campo de batalha, com a selva lutando de volta a cada centímetro do chão. Durante algum tempo, SayaJohn ficou com Matthew também, mas adoeceu e havia se mudado para Penang. Mesmo tendo sido ideia sua fazer a plantação, não concebia tudo o que estava envolvido no empreendimento.

Passaram-se muitos meses antes de permitirem que Elsa fosse visitar de novo o local e ela entendeu por que Matthew havia tentado mantê-la à distância. A encosta da montanha parecia ter sido assolada por uma série de desastres: vastas extensões de terra estavam cobertas de cinza e tocos enegrecidos. Matthew estava magro e tossia sem parar. Ela viu de passagem os barracos dos trabalhadores — cabanas minúsculas com tetos feitos de ramos e folhas. Eram todos indianos do sul: Matthew aprendera a falar a língua deles, o tâmil, mas ela não entendia nem uma palavra do que diziam. Olhou a cabana de paredes de barro para onde iam para ser tratados quando adoeciam: inimaginavelmente esquelética, o chão coberto de sujeira. Ela quis ficar e trabalhar como enfermeira, mas Matthew não permitiu que ficasse. Teve de voltar para Penang.

Mas, na vez seguinte em que voltou, a transformação era outra vez tão grande que parecia milagrosa. Da última vez, sentira que estava entrando num sítio de peste; agora a sensação era de andar em um jardim recém-plantado. As cinzas haviam sido lavadas pela chuva, os tocos enegrecidos haviam sido removidos e as primeiras mudas de seringueira começavam a crescer.

Pela primeira vez, Matthew permitiu que ficasse em sua cabana. Ao amanhecer, ela olhou pela janela e viu a manhã vertendo pela encosta da montanha, deitando sobre suas terras como um lençol de ouro.

— Foi quando eu disse para Matthew — Elsa declarou — que este lugar só podia ter um nome: Morningside.

Mais tarde, de volta aonde estavam hospedados, Elsa mostrou a Dolly seus desenhos da Casa Morningside. Queria que tivesse o aspecto das grandiosas casas de Long Island de sua lembrança; haveria de ter uma torreta, telhados íngremes e uma varanda que desse toda a volta, para tirar vantagem das vistas espetaculares. O toque oriental estaria no telhado, que seria vermelho, com beirais entalhados, revirados para cima.

Enquanto as mulheres estavam debruçadas sobre os desenhos, Saya John lia os jornais que comprara na estação: era a edição da véspera do Straits Times, publicado em Cingapura. De repente, ele levantou a cabeça e chamou Matthew e Rajkumar do outro lado da sala.

— Olhem isto — disse.

Dobrou o jornal ao meio e mostrou a eles uma reportagem sobre o assassinato do Grão-duque Francisco Ferdinando, em Sarajevo. Rajkumar e Matthew leram os primeiros parágrafos, olharam um para o outro e deram de ombros.

— Sarajevo? — Rajkumar perguntou. — Onde é isso? Muito, muito longe — Matthew riu.

Não mais que qualquer outra pessoa no mundo, nenhum deles tinha a menor noção de que o assassinato em Sarajevo iria detonar uma guerra mundial.

Nem sabiam que a borracha viria a ser um material estratégico vital nesse conflito; que, na Alemanha, jogar fora objetos de borracha viria a se tornar crime punível por lei; que submarinos seriam mandados além-mar para contrabandear borracha; que o produto viria a ser mais valorizado do que nunca antes, aumentando sua riqueza muito além dos sonhos mais extravagantes.

15



Quando Neel e Dinu ainda eram muito novos, ficou evidente que cada um deles havia puxado a um dos pais. Neel parecia muito com Rajkumar: era grande e robusto, de constituição mais indiana que birmanesa. Dinu, por outro lado, tinha os traços delicados da mãe, além de sua pele de marfim e ossatura esguia.

Todo ano, em dezembro, Dolly e Rajkumar levavam os meninos a Huay Zedi.

Doh Say e Naw Da tinham voltado a sua velha aldeia anos antes. A expansão do negócio transformara Doh Say em um homem rico e ele possuía várias casas na vila e em torno: uma delas era destinada às visitas anuais de Dolly e Rajkumar. Dolly achava que os meninos gostavam dessas viagens, principalmente Neel, que fizera amizade com um dos filhos de Doh Say, um menino pensativo e forte chamado Raymond. Dolly também esperava essas visitas anuais: desde sua viagem a Morningside começara a desenhar de novo e passava horas junto ao riacho de Huay Zedi com o caderno aberto no colo e Dinu brincando perto.

Quando estavam há um ano em Huay Zedi, Dinu caiu doente de repente.

Dolly e Rajkumar não ficaram particularmente alarmados. Dinu era propenso a crises de doença e era rara a semana que passava inteiramente livre de resfriados, tosses e febres. Mas Dinu era dotado também de uma inata resistência que o fazia combater ativamente a má saúde, e suas febres raramente duravam mais do

que um dia ou dois de cada vez. Sabendo que ele combatia bem suas febres, Dolly e Rajkumar tinham certeza de que ia se recuperar depressa. Resolveram ficar em Huay Zedi.

A casa em que estavam hospedados era muito parecida com a tai de um acampamento de teca, elevada a uns 2 metros do chão sobre maciços postes de madeira. Ficava um pouco isolada do resto da aldeia, uma pequena distância acima da encosta de floresta que servia de pano de fundo para a aldeia. A selva crescia como um rochedo atrás da tai, expandindo-se por três lados. Da sacada, enxergava-se o riacho de cascalho de Huay Zedi e a alta torre de bambu da igreja.

Como em todas as tais, os quartos eram arranjados em fileira, um levando ao outro. Por causa da doença de Dinu, Dolly resolvera mudar a distribuição normal de camas. Levou o menino para sua cama à noite e despachou Rajkumar para um dos quartos internos. Com Dinu dormindo a seu lado, Dolly deslizou para um sonho. Viu a si mesma levantando o mosquiteiro, saindo da cama e indo sentar numa cadeira na sacada. A tai estava escura, mas a noite viva de cigarras e vagalumes. Duas portas adiante, podia ouvir a respiração pesada de Rajkumar no sono. Viu a si mesma sentada um momento na cadeira, e então, depois de passado algum tempo, alguém falou numa voz bem conhecida para ela: era Thebaw. Estava dizendo alguma coisa com grande urgência. Como acontece muitas vezes em sonhos, ela não conseguia distinguir as palavras, mas entendeu exatamente o que ele estava tentando comunicar.

Dolly deu um grito.

Rajkumar entrou tropeçando com uma vela e encontrou-a sentada numa cadeira na varanda, oscilando para a frente e para trás, abraçando a si mesma com braços trêmulos.

— O que aconteceu?

— Temos de ir embora — disse ela. — Temos de levar Dinu para um hospital em Rangoon.

— Por quê?

— Não me pergunte agora. Eu conto depois.

Partiram de Huay Zedi quando ainda estava escuro. Doh Say providenciou dois carros de bois e escoltou-os pessoalmente até Pyinmana. Chegaram a Rangoon tarde da noite seguinte. Dinu foi levado imediatamente ao hospital.

Depois de um prolongado exame, os médicos puxaram Dolly e Rajkumar de lado. O menino estava com poliomielite, disseram; se não fosse a prontidão de Dolly para trazê-lo ao hospital, poderiam até mesmo ter perdido a criança.

— Eu sabia que tinha de trazer — disse Dolly.

— Como você sabia?

— Alguém me disse.

— Quem?

— Não importa. O que importa é que nós viemos.

Dolly passou a noite no hospital e, na manhã seguinte, uma enfermeira levou seu café da manhã numa bandeja.

— A senhora ficou sabendo, madame? — perguntou a enfermeira. — O velho Rei morreu. Morreu na Índia.

A bandeja caiu do colo de Dolly.

— Quando foi isso? — perguntou à enfermeira.

— Vamos ver... — A enfermeira contou os dias nos dedos.

— Acho que deve ter sido na véspera da senhora chegar aqui.



A protegida de Dolly, a Segunda Princesa, foi quem levou a culpa pela morte do Rei. Num belo dia de dezembro de 1916, ela fugiu com um plebeu birmanês e escondeu-se na Residência. Esse foi o começo do fim.

Por essa época, muita coisa havia mudado em Ratnagiri. A Primeira Princesa tivera seu filho, uma menina (acontecimento que Dolly perdera por algumas semanas apenas). A menina foi apelidada de Baisu, Gordinha, e para surpresa de todos logo se transformou na favorita da Rainha.

Logo depois do nascimento da criança, a Administração Distrital descobrira que possuía dinheiro suficiente para construir para o Rei o seu castelo há muito prometido. Aparecera uma mansão na encosta que dava para a Residência. Veio completa com salão de audiência, uma galeria, edículas, água corrente e uma garagem para acomodar dois carros recentemente fornecidos ao Rei e à Rainha (um Ford, o outro um De Dion).

Toda Ratnagiri compareceu para comemorar a mudança. Multidões davam vivas pelas ruas que a Família Real atravessou ao sair da Casa Outram pela última vez. Mas, como acontece com todas as mudanças, logo se descobriu que o novo local tinha certos problemas. A manutenção dele exigia um pequeno exército: 27 porteiros, dez serviçais, seis hazurdaars e inúmeros outros atendentes, limpadores, varredores e aias — um total de 161 pessoas. Além disso, havia mais visitantes da Birmânia e muitos dependentes mais. Como alimentá-los? Como prover para todos? Sem Dolly, ninguém sabia como fazer.

E então, uma manhã, a Segunda Princesa desapareceu.

Indagações revelaram que ela havia fugido com um jovem e se refugiara na Residência. O Rei deu a Sawant um recado para levar à filha, pedindo que voltasse ao palácio. Parado na janela, ele voltou o binóculo para o De Dion que subia a encosta. Quando o carro virou para voltar, ele viu que sua filha não estava dentro, O binóculo caiu de suas mãos. O Rei caiu no chão, apertando o braço esquerdo. O médico chegou dentro de uma hora e declarou que ele havia sofrido um ataque cardíaco.

Dez dias depois, o Rei morreu.

A Rainha fez saber que a Segunda Princesa nunca mais seria admitida em sua presença.

E o funeral, Dolly, escreveu a Primeira Princesa na primeira de várias cartas clandestinas, foi um acontecimento tão triste e miserável que Sua Majestade se recusou a comparecer. O Governo mandou como representante um mero representante do Coletor! Você teria chorado de ver. Ninguém podia acreditar que aquele era o funeral do último Rei da Birmânia! Queríamos que o caixão fosse mantido de forma a podermos transportar os restos mortais para a Birmânia algum dia. Mas quando as autoridades souberam disso, tiraram de nós o caixão, à força. Temiam que o corpo do Rei pudesse se transformar num foco de manifestações na Birmânia! Construíram um monumento no túmulo, quase do dia para a noite, para impossibilitar que jamais o levemos de volta! Você devia ter estado aqui conosco, Dolly. Todos sentimos sua falta, até Sua Majestade, embora, claro, ela não pudesse dizer isso, uma vez que foi ela que nos proibiu de pronunciar seu nome.

Durante toda a convalescença de Dinu, Dolly não deixou o hospital nem uma única vez. Ela e Dinu tinham um quarto independente — grande, ensolarado, cheio de flores. Da janela, podiam ver o majestoso, brilhante hti do Shwe Dagon. Rajkumar fez tudo o que estava em seu poder para garantir o conforto deles. U Ba Kyaw ia até lá na hora das refeições para levar comida recém-preparada em enormes marmitas de latão, O hospital foi forçado a relaxar suas regras. Amigos apareciam a todas as horas do dia, e Rajkumar e Neel ficavam até tarde da noite, só iam embora quando era hora de Dinu dormir.

Dinu aguentou sua estada de um mês no hospital com exemplar estoicismo, conquistando elogios da equipe. Embora tivesse perdido parcialmente o uso da perna direita, os médicos prometeram que iria se recuperar a ponto de apenas mancar ligeiramente como seqüela da doença.

Na volta para casa depois da alta de Dinu, Dolly se esforçou para voltar a suas rotinas domésticas normais. Colocou Dinu num quarto próprio sob os cuidados de uma aia. Durante os primeiros dias, ele não reclamou de nada. Então, uma noite, tarde, Dolly acordou de repente com o toque da respiração dele em seu rosto. O filho estava parado ao lado dela no quarto, apoiado na beira da cama. Deixara a aia roncando no quarto e engatinhara pelo corredor, arrastando a perna direita. Dolly o colocou em sua cama, abraçou o corpo magrinho ao peito, aspirando o aroma macio de seu cabelo lavado com água de chuva. Nessa noite, ela dormiu melhor do que havia dormido nas últimas muitas semanas.

Durante o dia, quando Dinu começou a tentar andar de novo, Dolly ficava em cima dele, correndo na frente para tirar bancos e mesas do caminho.

Ao observá-lo em sua luta para recuperar a mobilidade, Dolly começou a se deslumbrar com a tenacidade e resistência de seu filho — com a força de vontade que o fazia levantar, vez após outra, até ser capaz de coxear um ou dois passos a mais que antes. Mas ela conseguia perceber que ele estava se transformando com essa batalha diária. Estava mais interiorizado do que jamais antes e parecia anos mais maduro e seguro.

Com o pai e o irmão ele era indiferente e frio, como se estivesse conscientemente desencorajando suas tentativas de atraí-lo para suas brincadeiras exuberantes.

A dedicação de Dolly à convalescença de Dinu chegou a ser tão completa que exigiu a totalidade de sua cabeça. Ela pensava cada vez menos em seu círculo de amigos e na lista de atividades que a ocupavam antes — as reuniões, chás, piqueniques. Quando ocasionalmente um amigo ou conhecido aparecia, havia incômodos silêncios: ela fingia interesse em suas histórias sem contribuir com nenhuma palavra. Quando perguntavam o que fazia com seu tempo, ela achava difícil explicar. Era tão pequeno o escopo com

que se mediam os esforços de Dinu — um ou dois passos a mais de cada vez, alguns centímetros mais — que era impossível comunicar fosse a alegria, fosse o desanimado vazio que acompanhava a passagem de cada dia. Seus amigos balançavam a cabeça polidamente quando ouviam suas explicações e quando iam embora ela sabia que ia demorar muito para voltarem outra vez, O mais estranho era que, longe de sentir qualquer pesar, ela ficava contente.

Um fim de semana, Rajkumar disse: — Faz meses que você não sai.

Um de seus cavalos ia correr pela Copa Governador no Clube de Turfe de Rangoon: ele insistiu que ela o acompanhasse à corrida.

Ela procedeu aos movimentos de se vestir para a corrida como se estivesse celebrando um ritual meio esquecido. Quando desceu para a entrada da casa, U Ba Kyaw fez-lhe uma reverência quando entrou no carro, como se estivesse dando as boas-vindas depois de uma prolongada ausência. O carro era um Pic-Pic — um Piccard-Pictet de fabricação suíça —, uma máquina cômoda, durável, com um painel de vidro separando o banco do motorista do interior da cabine.

O Pic-Pic circulou em torno do lago Real, passou pelo cemitério chinês e diante do Clube Rangoon. Dolly, então, começou a sentir que estava longe há muito tempo. Todos os locais conhecidos pareciam novos e surpreendentes — o reflexo do Shwe Dagon tremulando no lago; o prédio baixo, comprido, do Clube de Barcos encarapitado na costa. Ela se viu inclinada para a frente em seu banco, o rosto meio fora da janela, como se estivesse vendo a cidade pela primeira vez. As ruas em torno do hipódromo estavam fechadas pela polícia, mas o Pic-Pic foi reconhecido e eles foram chamados a passar. As arquibancadas pareciam festivas com flâmulas e bandeiras tremulando acima dos terraços. A caminho do

camarote de Rajkumar, Dolly se viu acenando para um grande número de pessoas cujos nomes havia esquecido. Uma vez sentada, dezenas de amigos e conhecidos pararam para lhe dar as boas-vindas. Ela notou, depois de algum tempo, que Rajkumar estava sussurrando os nomes das pessoas escondido atrás do programa, para lembrar a ela quem eram — "U Tha Din Gyi, administrador do Clube de Turfe; U Ohn, programador; Mr. MacDonald, totalizador..." Todo mundo era gentil. O velho Mr. Piperno, bookmaker, mandou um dos filhos perguntar se ela queria fazer alguma aposta. Ela ficou tocada e escolheu alguns cavalos ao acaso no programa. A banda do Regimento Gloucestershire saiu marchando e tocou uma serenata do Lala, de Friedemann. Então, começaram uma outra peça com um grande floreio e Rajkumar puxou o braço dela de repente.

— É Deus Salve o Rei — ele cochichou.

— Desculpe — disse ela, pondo-se em pé, depressa.

— Não estava prestando atenção.

Por fim, para alívio dela, a corrida começou. Houve uma longa espera antes da próxima corrida e outra depois que essa terminou. À medida que todo mundo em torno ia ficando mais e mais excitado, a atenção de Dolly começou a flutuar. Fazia semanas que não ficava tanto tempo longe de Dinu — mas claro que ele provavelmente nem havia notado que ela tinha saído.

Uma súbita explosão de aplauso a trouxe de volta. Sentada ao lado dela estava Daw Thi, esposa de sir Lionel Ba Than, que era um dos administradores do Clube de Turfe. Daw Thi estava usando seu famoso colar de rubi, brincando distraída com as pedras do tamanho de uma unha de polegar. Dolly viu que estava olhando para ela em expectativa.

— O que aconteceu? — Dolly perguntou.

— Lochinvar venceu.

— Ah? — disse Dolly.

Daw Thi olhou firme para ela e caiu na risada.

— Dolly, sua boba — disse —, você esqueceu? Lochinvar é o cavalo de seu marido! No carro, voltando, Rajkumar estava excepcionalmente quieto. Quase chegando em casa, ele se curvou para bater a janela que separava o banco do motorista da cabine. Depois virou para olhar para ela um pouco incerto. Ele havia bebido champanhe depois da visita ao padoque do vencedor e estava ligeiramente bêbado.

— Dolly? — disse.

— Que foi? — Aconteceu alguma coisa com você? — Não. — Ela sacudiu a cabeça. — Não. Não aconteceu nada.

— Você está mudando... Está nos abandonando.

— Quem? — Eu... Neel...

Ela estremeceu. Sabia que era verdade que estava negligenciando o filho mais velho ultimamente. Mas Neel era cheio de energia, impetuosidade e ruidosa boa vontade, e Rajkumar o adorava. Com Dinu, por outro lado, ele ficava nervoso e hesitante; fragilidade e fraqueza o inquietavam, o intrigavam: ele nunca esperara encontrar isso em sua própria prole.

— Neel não precisa de mim do mesmo jeito que Dinu precisa — disse Dolly.

Ele pegou a mão dela.

— Dolly, nós todos precisamos de você. Você não pode desaparecer dentro de si mesma. Não pode nos abandonar.

— Claro que não. — Ela riu, inquieta. — Para onde eu iria se abandonasse vocês? Ele soltou a mão dela e virou o rosto.

— Às vezes, não consigo deixar de sentir que você já foi embora, que se encerrou por trás de uma parede de vidro.

— Que parede? ela protestou. — Do que está falando? Ela levantou a cabeça e viu que U Ba Kyaw olhava para ela pelo espelho retrovisor. Mordeu o lábio e não disse mais nada.

Essa conversa veio como um choque. De início, não conseguiu entender aquilo. Um ou dois dias depois, concluiu que Rajkumar tinha razão, que ela devia sair mais, mesmo que fosse só até o mercado Scott, olhar as lojas. Dinu já estava mais auto—suficiente; logo seria hora de ele começar a escola. Ela teria de se acostumar a viver sem ele, e, além disso, não era saudável estar sempre trancada dentro das paredes da casa.

Começou a marcar pequenas expedições para si mesma. Uma manhã, viu-se no meio de uma das partes mais cheias da cidade, perto da Prefeitura de Rangoon. Logo adiante, na esquina da rua Dalhousie com a rua do pagode Sule, havia uma movimentada rotatória. Um carro de bois havia se chocado com um riquixá; alguém estava ferido. Juntou-se uma multidão e o ar estava cheio de ruído e poeira.

O pagode Suje ficava no centro dessa rotatória. Tinha sido caído recentemente e elevava-se acima das ruas movimentadas como uma rocha se projetando do mar. Dolly havia passado incontáveis vezes pelo pagode, mas nunca tinha entrado nele. Disse a U Ba Kyaw para esperar ali perto e desceu do carro.

Ela avançou cuidadosamente pela rotatória cheia e subiu um lance de escadas. Tirou os sapatos e viu-se parada em um piso fresco, pavimentado de mármore. O ruído da rua ficara distante e o ar parecia limpo, sem poeira. Viu um grupo de monges de mantos cor de açafreão cantando em um dos pequenos altares que circundavam a nave circular do pagode. Entrou e ajoelhou-se atrás deles, numa esteira. Num nicho acima, bem em frente, havia uma pequena imagem dourada do Buda, sentado na bhumisparshamudra, com o dedo médio da mão direita tocando a terra. Abaixo dele, empilhavam-se flores — rosas, jasmims, lótus rosados —, e o ar era embriagador com seus perfumes.

Dolly fechou os olhos, tentou ouvir os monges, mas em vez disso a voz de Rajkumar ecoou em seus ouvidos: — Você está

mudando... nos abandonando.

Na tranquilidade daquele lugar, essas palavras tinham um tom diferente: ela admitia que ele tinha razão, que os acontecimentos do passado recente haviam transformado tanto ela quanto Dinu.

No hospital, à noite, deitada na cama com Dinu, vira-se ouvindo vozes que eram inaudíveis durante o dia: os murmúrios de parentes ansiosos; distantes gritos de dor; mulheres lamentando perdas. Era como se as paredes ficassem porosas na quietude da noite, inundando o quarto com uma maré invisível de derrota e sofrimento. Quanto mais ouvia essas vozes, mais diretamente falavam para ela; às vezes, em um tom que lembrava o passado, outras vezes, em notas de alerta.

Uma noite, tarde, ouvira uma velha chorando por água. A voz era fraca — um sussurro raspado, rouco —, mas enchera o quarto. Embora Dinu estivesse dormindo profundamente, Dolly colocara a mão em cima da cabeça dele. Por um momento, ficara rígida, deitada de lado, abraçada ao filho, usando o corpo adormecido dele para abafar o som. Depois, saíra da cama e seguira depressa pelo corredor.

Uma enfermeira karen de touca branca a detivera: — Onde vai?

— Ouvi uma voz — Dolly disse —, alguém pedindo água...
— Fez a enfermeira escutar.

— Ah, sim — disse a enfermeira precipitadamente —, é da ala da malária aqui embaixo. Alguém está delirando. Volte para seu quarto. — Os gemidos pararam logo depois, mas Dolly ficara acordada a noite inteira, assombrada pelo som da voz.

Outra vez, havia saído do quarto e encontrado uma maca no corredor. Nela havia o corpo de uma criança, coberto com um lençol branco do hospital.

Embora Dinu não estivesse a mais que alguns metros, dormindo pacificamente, Dolly não conseguira conter o pânico que a dominara ao ver a maca amortalhada. Havia caído de joelhos no corredor e rasgado o lençol que cobria o corpo. A criança era um menino, da idade de Dinu e não diferente dele em constituição. Dolly começara a chorar histericamente, dominada pela culpa e também pelo alívio. Uma enfermeira e um atendente tiveram de levá-la e levá-la de volta para a cama.

Nessa noite, também não conseguira dormir. Pensara no corpo do menino; pensara em como seria sua vida na ausência de Dinu; pensara na mãe do menino morto. Havia começado a chorar era como se sua voz se fundisse à voz da mulher desconhecida; como se um laço invisível tivesse surgido entre eles todos — ela, Dinu, o menino morto, a mãe dele.

Agora, ajoelhada no piso do pagode Sule, lembrou da voz do Rei Thebaw em Ratnagiri. Nos últimos anos, o Rei parecera nortear-se cada vez mais pelos preceitos que aprendera como noviço no mosteiro do palácio. Ela se lembrou de uma palavra que ele sempre usava, *karuna* — uma das palavras de Buda, a palavra do dialeto pau para compaixão, para a imanência de todas as coisas vivas umas nas outras, para a atração da vida por sua semelhança. Tempo virá, ele dissera às meninas, em que vocês também vão descobrir o que significa essa palavra, *karuna*, e desse momento em diante suas vidas nunca mais serão as mesmas.

Logo depois do funeral do Rei Thebaw, a Rainha escreveu a seus carcereiros pedindo permissão de mudar de volta para a Birmânia. Seu pedido foi negado com o argumento de segurança, por causa da guerra na Europa: considerava-se que sua presença poderia ser inflamável em um momento delicado para o Império. Só depois da guerra foi que a Rainha e suas filhas receberam permissão de voltar à terra natal.

A Primeira Princesa então provocou uma nova crise. Tinha de deixar Ratnagiri para ir para a Birmânia com sua mãe? Ou devia ficar com Sawant? A Princesa fez uma promessa ao marido: disse a ele que viajaria com a mãe para a Birmânia e depois voltaria, quando Sua Majestade estivesse instalada em segurança em sua nova casa. Sawant aceitou a palavra dela e não fez objeção. Mas era pesado o passo com que caminhou pelo píer de Mandvi no dia da partida do grupo real. Sentia que essa era a última vez que ele e os filhos viam a Princesa.

O grupo da Rainha deslocou-se devagar pelo subcontinente, viajou de trem de Bombaim para o leste. Em Calcutá, a comitiva da Rainha hospedou-se no Grand Hotel. Acontece que a Segunda Princesa também estava vivendo em Calcutá com o marido: não havia como ignorar a presença de sua mãe e suas irmãs. Uma noite, a Princesa deserdada reuniu toda a sua determinação e foi até o Grand Hotel visitar a mãe.

A Rainha recusou-se terminantemente a receber fosse a filha, fosse o genro. A Princesa, conhecendo bem a mãe, retirou-se de bom grado — mas não seu marido, que teve a temeridade de se aventurar sem convite à presença de Sua Majestade. Seu ataque foi logo repellido: com um único grito enraivecido, a Rainha mandou seu genro inconveniente voando escadaria de mármore abaixo. Por azar, ele estava usando sapatos de sola mole de couro. Escorregou e voou para o lobby, onde um conjunto de câmara estava tocando para uma plateia de hóspedes. Ele aterrissou no meio deles como uma truta se revirando. Um violoncelo lascou, uma viola guinchou. Sentada ali perto estava a Terceira Princesa, cujos nervos estavam tristemente abalados pelas viagens recentes. Teve uma crise histérica e nada conseguia acalmá-la. Chamaram um médico.



Em 16 de abril de 1919, a Rainha e seu grupo embarcaram no *RMS Arankola*.

Chegaram a Rangoon quatro dias depois e foram discretamente conduzidos a um bangaló na rua Churchill. Passou-se uma quinzena de alvoroçada atividade. Então, a Primeira Princesa surpreendeu a todos ao anunciar que estava pronta para voltar para Sawant. Os conselheiros da família torceram as mãos. Sugeriu-se que a Princesa, como filha mais velha, tinha o dever de ficar com a mãe — promessas eram, afinal de contas, frequentemente esquecidas no interesse do bom senso e da decência.

Ninguém duvidava de que se pudesse encontrar um meio de fechar discretamente a porta para Sawant.

Foi então que a Primeira Princesa demonstrou ser uma verdadeira filha de sua dinastia, uma rematada Konbaung — seu amor pelo ex-cocheiro da família mostrou-se tão inabalável quanto a devoção de sua mãe pelo falecido Rei. Desafiando a família, ela voltou para Sawant e nunca mais deixou Ratnagiri. Viveu o resto da vida com seu marido e seus filhos, em uma pequena casa nos arredores da cidade. Foi onde morreu, 28 anos depois.

A Segunda Princesa e o marido viveram em Calcutá muitos anos antes de se mudarem para a estação montanhosa de Kalimpong, perto de Darjeeling. Lá, a Princesa e o marido montaram uma granja.

E assim foi que, das quatro princesas, as duas nascidas na Birmânia escolheram continuar vivendo na Índia. As irmãs mais novas, por outro lado, ambas nascidas na Índia, escolheram ficar na Birmânia: ambas se casaram e tiveram filhos. Quanto à Rainha, passou seus últimos anos na rua Churchill, em Rangoon. O dinheiro que conseguia arrancar das autoridades coloniais, ela gastava em filantropia religiosa e na alimentação de monges. Nunca

usou nenhuma outra cor além de branco, a cor birmanesa para o luto.

Depois da chegada da Rainha a Rangoon, Dolly escreveu várias cartas a ela, insistindo em ser recebida numa visita à sua casa. Nenhuma foi jamais respondida. A Rainha morreu em 1925, seis anos depois de seu retorno de Ratnagiri. Mesmo enclausurada durante tantos anos, houve uma súbita onda de sentimento na cidade e as pessoas acorreram para lamentar. Foi enterrada perto do Pagode Shwe Dagon, em Rangoon.



Em 1929, depois de um intervalo de vários anos, Dolly recebeu uma carta de Nova York. Era de Uma, que estava escrevendo para dizer que ia deixar a América. Uma tinha agora 50 anos e estava longe da Índia há mais de vinte. Em sua ausência, seus pais haviam morrido, deixando para ela o andar térreo de sua casa, Lankasuka (o piso superior ficou para o irmão, que estava casado e era pai de três crianças). Ela resolveu voltar para Calcutá e se estabelecer lá.

Uma escreveu que, devido a vários compromissos em Tóquio, Xangai e Cingapura, ia viajar pelo Pacífico em vez do Atlântico. Uma das vantagens dessa rota era que poderia também visitar seus amigos Matthew e Elsa na Malásia e, é claro, Dolly e Rajkumar em Rangoon. Estava escrevendo para propor que ela e Dolly se encontrassem na Morningside para passar lá uma quinzena: seriam férias agradáveis e depois poderiam viajar juntas para a Birmânia — depois de tantos anos, havia muito o que colocar em dia. Melhor ainda seria se Dolly fosse com Neel e Dinu: assim ela teria a oportunidade de conhecer os meninos.

Dolly ficou estranhamente abalada com essa carta. Embora contente de saber da amiga, ficou muito apreensiva. Retomar uma amizade que ficara em suspenso durante tanto tempo não era uma coisa fácil. Não conseguia deixar de admirar o tom direto de Uma; sabia que ela própria havia se retirado do mundo, ficando cada vez mais reclusa, sem vontade de viajar nem de sair. Contentava-se com viver a vida que vivia, mas preocupava-se que os meninos tivessem conhecido tão pouco do mundo — da Índia, da Malásia ou de qualquer outro país. Não estava certo que eles não conhecessem nenhum outro lugar além da Birmânia: ninguém podia prever o que vinha pela frente. Mesmo através das janelas fechadas de seu quarto ela podia sentir uma inquietação no país.

Dolly não ia a Morningside havia 15 anos, desde sua primeira visita; os meninos, a mesma coisa. Ela sabia que era improvável Rajkumar concordar em ir. Ele estava trabalhando mais duro que nunca em seus negócios e durante semanas inteiras ela mal o via. Quando expôs a ideia, ele sacudiu a cabeça bruscamente, exatamente como ela sabia que faria: não, estava ocupado demais, não podia ir.

Mas, de sua parte, Dolly se viu muito atraída com a ideia de encontrar Uma em Morningside. Seria interessante encontrar Matthew e Elsa outra vez: os Martins tinham vindo visitá-los uma vez na Birmânia com os dois filhos — depois de Alison, tinham tido um menino, Timmy. As crianças eram todas muito novas na época e se deram muito bem, até Dinu, que era reservado por natureza e muito lento em fazer amigos. Mas isso acontecera havia muito tempo: Dinu agora tinha 14 anos, estudava na Escola St. James, uma das mais famosas de Rangoon. Neel tinha 18 anos, era musculoso e extrovertido, e relutava em seguir os estudos na Faculdade Judson de Rangoon: queria entrar no negócio de madeira, mas Rajkumar dissera que não podia aceitá-lo na empresa familiar enquanto não terminasse os estudos.

Quando Dolly sondou Neel sobre a possibilidade de ir a Morningside, ele ficou imediatamente entusiasmado, pronto para partir. Ela não ficou realmente surpresa; sabia que ele estava sempre em busca de meios de escapar das aulas. Dinu mostrou-se muito menos disposto, mas disse que concordava em fazer uma troca: iria, disse ele, se ela lhe comprasse uma câmera Brownie na Rowe & Co. Ela concordou; gostou de estimular seu interesse pela fotografia — em parte porque acreditava que isso havia surgido de seu hábito de infância de ficar olhando por cima de seu ombro enquanto ela desenhava, em parte porque sentia que devia estimular qualquer atividade que o tirasse de dentro de si mesmo.

Os preparativos foram logo iniciados, com cartas indo e vindo entre a Birmânia, a Malásia e os Estados Unidos (Rangoon tinha acabado de comprar um serviço de correio aéreo e isso tornava as comunicações muito mais rápidas que antes). Em abril do ano seguinte, Dolly embarcou num vapor com destino à Malásia com seus dois filhos. Rajkumar veio se despedir da família e, depois que Dolly embarcou, olhou para a terra e descobriu que estava acenando para ela do píer, gesticulando como louco, tentando chamar sua atenção para alguma coisa. Ela olhou para o casco do barco e descobriu que estava no Nuwara Elzya, a mesma embarcação que a trouxera a Rangoon logo depois do casamento. Era uma estranha coincidência.

Matthew e sua família estavam esperando nas docas de Georgetown quando o Nuwara Eliya atracou. Foi Dinu quem os viu primeiro, através do visor de sua Brownie.

Lá... logo ali... olhe.

Dolly se debruçou na amurada, protegendo os olhos. Matthew parecia muito distinto, com uma densa névoa prateada na cabeça. Elsa tinha ficado um pouco matronal desde o último encontro, mas de um jeito altivo e bem imponente. Timmy estava ao lado dela, alto para a idade e magro como uma vareta. Alison

também estava presente, usando uniforme de escola, o cabelo preso em longas tranças. Era uma garota de aspecto incomum, Dolly pensou, no rosto uma fascinante mistura de elementos de ambos os pais: as maçãs de Matthew e os olhos de Elsa; o cabelo sedoso dele e a postura altiva dela. Era claro que ia se transformar numa verdadeira beleza um dia.

Matthew subiu a bordo e acompanhou-os para descer do navio. Iam todos passar a noite em Georgetown e ela havia reservado quartos num hotel.

Uma devia chegar no dia seguinte e iriam de carro juntos para Morningside. Matthew havia trazido dois carros e um motorista: estavam esperando em Butterworth, no continente.

Na manhã seguinte, depois do café da manhã, foram passear juntos no porto, todos os sete. No píer, viram-se colhidos no meio de uma ruidosa multidão. Um grande número de pessoas já estava reunido ali, a maioria de indianos. Muitos estavam armados com flores e guirlandas. Encabeçando essa multidão havia duas figuras coloridas e extravagantes, um sadhu de manto cor de açafrão e o outro um giani sikh com uma barba esvoaçante e sobrancelhas brancas e hirsutas. Neel, mais corpulento e agressivo do que sugeriam os seus 20 anos, abriu caminho na multidão para descobrir o que era aquele barulho todo. Voltou parecendo perplexo.

— Perguntei o que estavam fazendo aqui e disseram: viemos saudar Uma Dey.

— Acha que estão falando da nossa Uma? — Dolly perguntou incrédula para Elsa.

— Claro que sim. Não dá para haver duas Uma Dey no mesmo navio.

Então o navio apareceu e a multidão irrompeu num grito: "Uma Dey zindabad, zindabad — longa vida, longa vida a Uma Dey." Outros gritos e frases seguiram-se, todos em hindustâni:

"Inquiiab zindabad" e "Haila boi, halia boi!". Quando o navio atracou, os líderes da multidão se precipitaram para a prancha com guirlandas e buquês. Então, Uma apareceu no alto da prancha e foi saudada com uma longa explosão de gritos: "Uma Dey zindabad, zindabati!" Durante algum tempo, reinou total confusão.

Observando da ponta do píer, Dolly percebeu que Uma havia sido tomada de surpresa: estava evidentemente despreparada para a recepção que lhe davam e não sabia bem como reagir. Sondava a multidão como se estivesse procurando alguém em particular. Dolly levantou a mão e acenou, O gesto chamou a atenção de Uma e ela acenou de volta, preocupada, esboçando um gesto de impotência. Dolly fez-lhe um sinal para ela se tranquilizar — não se preocupe, nós esperamos.

Então, Uma foi levada prancha abaixo e recebeu mais guirlandas. Várias pessoas fizeram discursos, com todo mundo suando debaixo do sol quente.

Dolly tentou se concentrar no que diziam, mas seus olhos insistiam em voltar para a amiga. Viu que Uma tinha ficado muito magra, com os olhos fundos, como se protestassem contra uma vida febril e instável. Mas, ao mesmo tempo, havia uma nova segurança no moao como se portava. Ficava claro que estava acostumada a ser ouvida, e quando chegou sua vez de falar, Dolly notou, com surpresa assombro, que Uma sabia exatamente o que dizer e como conduzir a multidão.

Então, abruptamente, os discursos terminaram e Uma estava abrindo caminho pela multidão. De repente, estava parada na frente de Dolly, os braços abertos: tanto tempo! tanto tempo! As duas riram e se abraçaram e ficaram abraçadas enquanto os filhos olhavam intrigados, um pouco distantes.

— Como você está bem, Elsa! E sua filha... ela é linda! —
Você também está bem, Uma.

Uma riu.

— Não precisa mentir para mim. Pareço o dobro da minha idade...

Dolly interrompeu, puxando o braço da amiga.

— Quem é essa gente, Uma? Ficamos tão surpresos...

— São de um grupo com que estou trabalhando — Uma respondeu depressa. — Um grupo chamado Liga da Independência Indiana. Não contei que eu vinha, mas acho que a notícia correu...

— Mas o que eles querem, Uma? Por que estavam aqui? — Eu conto depois. — Uma pegou a mão de Dolly e deu o braço a Elsa. — Temos muito o que conversar e não quero perder tempo...

A tarde, tomaram o ferryboat para Butterworth, onde os carros de Matthew estavam esperando no porto, um deles mais comprido que qualquer carro que Dolly já havia visto, quase do tamanho de um vagão de trem. Era um Duesenberg Modelo J Tourster, Matthew explicou. Tinha sistema de freios hidráulico e motor de 6,9 litros, de oito pistões. Tinha eixos de comando movidos a correntes e podia atingir 140 quilômetros por hora em segunda marcha. Na marcha mais alta, podia rodar a 180 quilômetros.

Matthew queria muito mostrar o Duesenberg para Neel e Dinu, então os dois foram com ele, junto com Timmy e Alison. Dolly e Elsa seguiram com mais calma no carro que Matthew tinha dado de presente a Elsa no seu aniversário de 50 anos — um magnífico Isotta-Fraschini bege e ouro Tipo A Berlina conversível com freios elétricos. A carroceria era assinada por Castagna e tinha estofamento em couro florentino.

O Isotta-Fraschini seguiu para o norte com o sol baixando sobre o mar de Andaman, e quando chegaram a Sungei Pattani já estava quase escuro.

Começaram a subir a encosta do Gunung Jerai com os faróis do Isotta-Fraschini brilhando na névoa de pó. Passaram por baixo do portal em arco da fazenda e rodaram por uma estrada de terra

vermelha. Então, o carro virou uma esquina e a mansão apareceu à frente, elevando-se dramaticamente de uma encosta com luzes brilhando em todas as janelas e portas. Uma torreta redonda era o centro da casa. Construída em torno dela havia amplas e extensas varandas e um telhado que revirava suavemente para cima, ao estilo chinês.

— A Casa Morningside — Elsa anunciou.

Dolly ficou deslumbrada. Na negra escuridão, parecia que uma luminosidade irreal vertia da casa; que a luz brotava de alguma fonte interna de iluminação, transbordando da montanha onde estava.

É magnífica, Elsa — disse Uma. — Não há outra palavra. Acho que talvez seja a casa mais linda que eu já vi...

Dentro, a casa brilhava com o rico calor da madeira polida. A caminho do jantar, Dolly e Uma se perderam nos longos corredores, distraídas pelos muitos delicados detalhes do interior: o chão de intrincado desenho de tacos e as paredes cobertas com lambris de ricas madeiras de lei. Elsa foi procurar as duas e encontrou-as batendo no corrimão da grande escadaria que fazia uma curva no centro da casa.

— Que beleza isto aqui.

— Gostou? — o rosto de Elsa iluminou-se de prazer.

— Quando estávamos construindo a Morningside, Matthew disse um dia: tudo o que eu tenho, devo às árvores de um tipo ou de outro — a teca e a seringueira. E eu pensei comigo, nossa!, é isso mesmo: Morningside vai ser um monumento à madeira! Fiz Rajkumar me mandar a melhor teca da Birmânia; mandei gente até Celebes e Sumatra. Vocês vão notar que cada quarto tem madeira de um tipo diferente...

Elsa levou-as para baixo e mostrou a sala de jantar, que era muito grande, com uma mesa comprida de carvalho polido bem no centro. As paredes eram cobertas com bambu trançado e as luzes

penduradas do teto ficavam dentro de cestos de ratã. Quando elas entraram, Saya John levantou-se da mesa e veio até Dolly e Uma caminhando devagar, apoiado numa bengala: parecia menor que antes e mais semelhante a um gnomo, como se seu corpo tivesse encolhido em relação à cabeça.

— Bem-vindas, bem-vindas.

No jantar, Uma e Dolly sentaram-se entre Matthew e Saya John. Os dois homens se empenharam em manter seus pratos cheios de comida.

— Isto é guiai tumis, peixe cozido com brotos de gengibre rosado, bunga kuntan.

— E isto?

— Camarão assado com folhas de pandano.

— Bolo grelhado de amendoim.

— Bolo de arroz de nove camadas.

— Frango com flores azuis, bunga telang.

— Pickles de peixe com folhas de açafrão, folhas de lima e folhas de hortelã roxa.

— Uma salada de lula desfiada, bistorta e duan kado, uma trepadeira que cheira como um jardim de especiarias.

A cada porção suas bocas se enchiam de novos sabores e aromas desconhecidos, porém deliciosos. Uma bradou: — Como se chama essa comida? Achei que já tinha comido de tudo em Nova York, mas nunca provei nada assim.

Saya John sorriu: — Então gosta da culinária nyonya, hein?

— Nunca comi nada tão maravilhoso. De onde é isso?

— De Malaca e Penang — Elsa disse, sorrindo. — Um dos últimos segredos do mundo.

Satisfeita por fim, Uma empurrou o prato e recostou na cadeira. Virou-se para Dolly, que estava sentada a seu lado.

— Tantos anos.

— Vinte e três, quase exatamente disse Dolly —, desde a última vez que nos vimos em Rangoon.

Depois do jantar, Dolly acompanhou Uma até seu quarto. Sentou-se de pernas cruzadas na cama enquanto Uma penteava o cabelo na penteadeira.

— Uma — Dolly disse, tímida —, sabe, eu ainda estou pensando...

— Em quê?

— Na sua recepção hoje no porto... toda aquela gente...

— Ah, está falando da Liga? — Uma pousou o pente e sorriu para Dolly pelo espelho. — É. Me fale disso.

— É uma longa história, Dolly. Não sei por onde começar.

— Não importa. Comece e pronto.

Vinha desde Nova York, Uma disse. Foi onde ela se filiou à Liga, induzida por amigos, outros indianos que viviam na cidade. Os indianos eram poucos, mas muito ligados; alguns tinham vindo buscar refúgio do monitoramento dos serviços de inteligência do Império; outros tinham sido atraídos pelo ensino relativamente acessível. Quase sem exceção, eram apaixonadamente políticos; era impossível, naquela circunstância de exílio, permanecer indiferente. Em Columbia, havia o brilhante e intenso Dadasaheb Ambedkar; havia o Taraknath Das, de maneiras gentis, mas de espírito teimoso. No bairro de Midtown, havia a Missão Ramakrishna, abrigada num pequeno apartamento que parecia um depósito, conduzida por um único sant de manto cor de açafão e com legiões de simpatizantes americanos; no centro da cidade, num prédio ao sul da rua Houston, havia um rajá excêntrico que achava que era um Bolívar indiano. Não que a América fosse hospitaleira, com eles ou com sua campanha: era meramente indiferente, desinteressada, mas a indiferença também provia certo tipo de abrigo.

Logo o apartamento de Uma transformou-se em um dos nódulos dessa pequena mas densa rede de conexões indianas. Ela e

seus compatriotas eram como exploradores ou náufragos: olhando, observando, selecionando os detalhes do que viam em torno deles, tentando tirar lições para si próprios e para seu país. Ao testemunhar o nascimento de um novo século na América, eles foram capazes de observar em primeira mão as marés e correntes da nova época.

Visitavam siderúrgicas, fábricas e as mais modernas fazendas mecanizadas. Viam que novos padrões de trabalho estavam sendo inventados, que pediam novos padrões de movimento, novos modos de pensar. Viam que num mundo futuro a alfabetização seria crucial para a sobrevivência; viam que a educação havia se transformado em questão tão urgente a ponto de pressionar toda nação moderna a torná-la compulsória.

Com seus pares que tinham viajado ao Oriente, aprenderam que o Japão movia-se rapidamente nessa direção; no Sião também a educação passara a ser uma cruzada dinástica para a Família Real.

Na Índia, por outro lado, eram os militares que devoravam o grosso do dinheiro público: embora o Exército fosse pouco numeroso, consumia mais de sessenta por cento das receitas do Governo, ainda mais do que era o caso em países qualificados de "militaristas". Lala Har Dayal, um dos contemporâneos mais brilhantes de Uma, nunca se cansava de apontar que a Índia era, de fato, uma vasta guarnição e que o empobrecido camponês indiano é que pagava tanto a manutenção do Exército conquistador quanto as campanhas orientais britânicas.

O que seria da população da Índia quando o futuro que vislumbravam na América se tornasse o estado atual do mundo? Eles conseguiam enxergar que não eram eles próprios, nem mesmo seus filhos que iriam pagar o verdadeiro preço desse Império: que as condições que estavam sendo criadas em sua terra natal eram tais que levariam seus descendentes a entrar na nova época como aleijados, desprovidos dos meios mais fundamentais de

sobrevivência; que realmente se transformariam, no futuro, naquilo que nunca haviam sido no passado, num fardo para o mundo. Eles conseguiam também enxergar que o tempo já estava se esgotando, que logo seria impossível mudar o ângulo de entrada de seu país no futuro; que estavam vivendo um momento em que mesmo a queda do Império, mesmo a partida de seus dominadores faria pouca diferença; que a trajetória de sua terra natal estava se desgovernando num rumo que a lançaria inexoravelmente na direção da catástrofe futura.

O que eles viam e pensavam queimava, chamuscava: em certa medida, eram todos mutilados pelo conhecimento do mal que era seu inimigo. Alguns ficaram um pouco desequilibrados, alguns enlouqueceram, outros simplesmente desistiram. Alguns viraram comunistas, alguns voltaram-se para a religião, buscando nas escrituras imprecações e fórmulas para aplicar a si mesmos, como um bálsamo.

Entre os contemporâneos de Uma em Nova York estavam muitos que orientavam suas posições a partir de um boletim publicado pela Universidade da Califórnia em Berkeley, por estudantes indianos. Essa publicação era chamada Ghadar, nome hindustâni dado à revolta de 1857.

As pessoas envolvidas nesse boletim eram conhecidas como o Partido Ghadar. Grande parte do apoio que recebiam vinha de indianos que haviam se estabelecido no litoral do Pacífico no fim do século XIX e começo do XX. Muitos desses imigrantes eram sikhs — ex-soldados do Exército britânico na Índia. A experiência de viver nos Estados Unidos e no Canadá servira para transformar muitos desses antigos legalistas em revolucionários. Ao perceber uma ligação entre o tratamento que recebiam no estrangeiro e seu status de súditos da Índia, passaram a ser dedicados inimigos do Império que um dia serviram.

Alguns deles concentravam seus esforços em tentar converter amigos e parentes que ainda estavam servindo o Exército britânico indiano. Outros procuravam aliados no estrangeiro, desenvolvendo ligações com a resistência irlandesa na América.

Os indianos eram, comparativamente, novos na arte da revolta. Seus mentores e aliados eram os irlandeses, que os escolavam nos métodos de organização, ensinavam os truques para comprar armas e enviá-las para casa; instruía nas técnicas de fomentar o motim entre os conterrâneos que serviam ao Império como soldados. No dia de São Patrício, em Nova York, um pequeno contingente indiano marchava às vezes na parada irlandesa com suas próprias bandeiras, vestidos com sherwanis e turbantes, dhotis e kurtas, angarkhas e angavastrams.

Depois do início da Primeira Guerra Mundial, por pressão dos serviços de inteligência britânicos, o Partido Ghadar passara à clandestinidade, se metamorfoseando aos poucos em diversos grupos diferentes. Desses grupos, a Liga pela Independência Indiana era o mais importante, com milhares de participantes entre os indianos no estrangeiro: eram seus escritórios que Uma estava visitando no leste da Ásia.

Nesse ponto, Dolly, que estava cada vez mais intrigada, interrompeu.

— Mas, Uma — disse —, se o que você está me dizendo é verdade, como é que eu nunca ouvi falar da Liga? Os jornais falam sempre do Mahatma Gandhi, mas ninguém fala do seu grupo.

— A razão disso, Dolly — disse Uma —, é que Mr. Gandhi lidera a oposição leal. Assim como muitos outros indianos, ele escolheu lidar com o Império com luvas de pelica em vez de atacar com punho de ferro. Ele não consegue enxergar que o Império estará sempre seguro enquanto os soldados indianos permanecerem leais. O Exército indiano sempre derrotará a oposição onde quer que ela ocorra — não apenas na Índia, mas

também na Birmânia, na Malásia, no leste da África, não importa onde. E, é claro, o Império faz todo o possível para manter esses soldados à mão: apenas certas castas de homens são recrutadas; eles são completamente alienados da política e da sociedade em geral; recebem terra e seus filhos têm emprego garantido.

— O que você espera fazer então? — Dolly perguntou.

— Abrir os olhos dos soldados. Não é tão difícil quanto se possa imaginar. Muitos dos líderes da Liga são antigos soldados. Giani Amreek Singh, por exemplo... lembra dele? É aquele Giani sikh distinto que estava no pier hoje, lembra? Lembro.

Vou te contar uma história dele. Nós nos conhecemos na Califórnia, há muitos anos. Ele é um antigo militar: tinha atingido a patente de oficial sem posto no Exército britânico indiano antes de desertar. No primeiro discurso que ouvi dele, falou da necessidade de abrir os olhos dos soldados indianos. Depois de algum tempo, eu disse para ele: "Mas, Gianiji, o senhor próprio serviu nesse Exército; como levou tanto tempo para entender que estava sendo usado para dominar outros iguais ao senhor?" — E o que ele disse? — Dolly perguntou.

Ele disse: "Você não entende. Nós nunca pensamos que estávamos sendo usados para dominar pessoas. Nunca: achávamos o contrário. O que nos diziam é que estávamos libertando aquelas pessoas. Era isso que eles diziam: que íamos libertar aquelas pessoas dos maus reis ou de seus maus costumes ou coisas assim. Nós acreditamos porque eles também acreditavam nisso. Levamos um longo tempo para entender que aos olhos deles a liberdade só existe onde eles dominam." Dolly assimilou isso com um sorriso e um balançar de cabeça.

— Mas, o que mais, Uma? Nunca encontrou ninguém? Um homem? Nunca conversou de nada além de política com seus revolucionários? Uma deu um sorriso amarelo.

— Conheci muitos homens, Dolly. Mas sempre fomos como irmão e irmã: era assim que falávamos um com outro, bhai e bahen. Quanto a mim, acho que, por saberem que eu era viúva, os homens sempre me viam como uma espécie de mulher ideal, de símbolo de pureza... e para dizer a verdade, não me importou muito. Com a política é assim: quando você se envolve, ela joga todo o resto para fora de sua vida.

16



Na manhã seguinte, Uma acordou com o café da manhã servido numa varanda da encosta da montanha, que dava para o azul brilhante do mar de Andaman. Neel e Timmy estavam debruçados na amurada do balcão, falando de carros. Alison e Dinu ouviam, sem participar. Olhando para eles, ocorreu a Uma que, até a véspera, ela não os reconheceria se cruzasse com eles na rua. Mas agora, no rosto deles, podia ver inscrita a história de sua amizade e das vidas de seus amigos — as histórias e trajetórias que levaram a vida de Elsa a juntar-se à de Matthew, a de Dolly à de Rajkumar, Malaca com Nova York, a Birmânia com a Índia.

"As crianças" — ali estavam elas, paradas na sua frente: um dia se passara e ela não tinha trocado uma única palavra com nenhuma delas. Em San Francisco, antes de embarcar, tinha ido a uma loja para comprar presentes e terminara se perdendo na direção das roupas de bebê, chocalhos e copos de prata. Sentiu um abalo ao se lembrar que "as crianças" já eram adultos — que Neel tinham 20 anos ou quase, que Dinu e Alison tinham 16 e Timmy era apenas dois anos mais novo. Ocorreu-lhe que se tivesse tido filhos, eles agora teriam essa mesma idade, teriam sido todos amigos — o quadro das ligações de toda uma vida teria adquirido a pátina de uma outra geração. Mas não era para ser assim, e agora, ao ouvir os filhos de seus amigos brincando na gíria de sua juventude, Uma sentiu-se estranhamente tímida: tentou pensar em coisas, mas deu-

se conta de que não fazia ideia de como passavam o tempo, das coisas que pensavam, dos livros que liam.

Sentiu-se deslizando para um silêncio que viria a ser, sabia bem, irremediável, se permitisse que prosseguisse. Então, sendo a pessoa que era, fez exatamente o que teria feito em uma reunião política: pôs-se de pé, chamou-os à ordem: — Tenho uma coisa a dizer, então, por favor, escutem. Sinto que tenho de falar com cada um de vocês em particular, senão nunca vou saber o que falar com nenhum de vocês...

Eles arregalaram os olhos quando olharam para ela. Uma pensou consigo mesma: o que foi que eu fiz? Apavorei os meninos; perdi-os para sempre.

Mas, então, quando o significado do que dissera assentou neles, começaram a sorrir; ela teve a impressão de que nenhum adulto jamais havia falado com eles assim; nenhum adulto havia pensado em procurá-los por sua companhia.

— Tudo bem, então, Alison, vamos dar uma volta.

Daí em diante, foi fácil: eles mostraram vontade de levá-la para conhecer a fazenda, de dar passeios com ela. Chamavam-na "tia", e isso era estranhamente gostoso também. Logo não eram mais apenas "as crianças"; cada um era alguém que ela reconhecia: Timmy era o confiante que sabia exatamente o que pretendia fazer: queria ir estudar nos Estados Unidos, exatamente como Matthew tinha feito, e depois queria abrir um negócio próprio. Neel era uma versão mais branda e direta de Rajkumar: ela podia ver o pai nele com toda clareza, mas sobreposto a uma geração de riqueza e conforto. Alison era um pouco enigmática, às vezes calada e melancólica, mas às vezes loucamente exuberante, cheia de risos e com uma conversa clara, inteligente.

Dinu foi o único que deixou Uma se sentindo inteiramente perdida. Cada vez que tentava conversar, ele parecia mal-humorado, duro, e as observações que eventualmente fazia eram

quase sempre ácidas, chegavam a ser amargas. Quando falava, era em arranques entrecortados, engolindo metade das palavras e arremetendo o resto: uma maneira de falar que a fazia hesitar em dizer qualquer coisa, com medo de parecer que o estava interrompendo. Só quando tinha uma câmara nas mãos é que Dinu parecia relaxar um pouco; mas é claro que era impossível conversar com alguém que não pensava em nada além do visor.

Uma manhã, Alison disse a Uma: — Quero lhe mostrar uma coisa. Quer dar uma volta de carro comigo? — Com todo prazer.

Dinu estava perto e o convite foi pronunciado claramente de forma a incluí-lo. Mas a oferta de Alison pareceu lançar o rapaz numa agonia de timidez. Ele começou a recuar, revelando a dificuldade com o pé direito.

— Dinu, você não vem conosco? — Alison perguntou.

— Não sei... — Ele ficou pálido e começou a resmungar, confuso.

Uma estava observando atentamente e entendeu de repente que o rapaz estava interessado em Alison. Ficou tentada a sorrir. Não ia acontecer nada, isso ela sabia: os dois eram diferentes demais: ele, uma criatura das sombras, ela, um animal que ansiava pela luz dos refletores. Ele podia passar a vida inteira alimentando esperanças não reveladas. Uma ficou tentada a pegá-lo pelos ombros e sacudi-lo para que acordasse.

— Vamos, Dinu — ordenou com voz firme, peremptória. — Não seja criança.

— É, venha — Alison disse, brilhante. — Acho que você vai gostar.

— Posso levar a câmara? — Claro.

Desceram a escada de mogno em curva, saíram para a entrada de cascalho onde um conversível pequeno, vermelho-cereja, estava estacionado debaixo do alpendre. O carro era um Paige Daytona de 6 litros, para três, com um lugar isolado atrás que se

abria como uma gaveta, apoiada no estribo. Alison abriu o banco de trás para Dinu e a porta de passageiro para Uma.

— Alison! — soou a voz de Uma, surpresa. — Seu pai deixa você dirigir? Alison sorriu.

— Só este aqui — disse ela. — Não quer nem ouvir falar da gente dirigir o Duesie ou o Isotta. — Ela ligou o motor e o carro saiu voando adiante, lançando uma chuva de cascalho na varanda.

— Alison! — Uma gritou, agarrada à porta. — Está indo depressa demais.

— Não é nem metade do que eu gostaria de correr.

Alison riu e jogou a cabeça para trás. Seu cabelo voava com o vento e abria-se como uma vela de barco atrás dela. Passaram roncando pelo portal do jardim e mergulharam de repente na silenciosa penumbra da plantação, com as árvores esguias de folhas longas formando um alto arco acima deles, de ambos os lados. As linhas de árvore se estendiam até onde a vista podia alcançar, diminuía à distância formando longos túneis estreitos: o efeito era de deixar tonto ao passarem depressa milhares e milhares de árvores.

Era como olhar listras em uma tela de movimento rápido: Uma começou a ficar tonta e teve de baixar os olhos.

De repente, as árvores terminaram e apareceu uma pequena favela, com fileiras de barracões ao longo da estrada — viveiros de tijolo e argamassa debaixo de íngremes folhas-de-flandres. Os barracos eram de desenho exatamente igual e, no entanto, cada um era desafiadoramente diferente em aparência: alguns bem-arrumados, com cortinas flutuando nas janelas da frente, enquanto outros eram antros, com pirâmides de sujeira diante da porta.

— A ala dos cules — disse Alison, diminuindo a marcha brevemente. Um momento depois haviam passado e o carro ganhou velocidade de novo. Mais uma vez, um túnel de árvores em

arco fechou-se em torno deles, e elas desapareciam em um tubo de fileiras caleidoscópicas.

A estrada terminava num riacho. Uma fita de água descia pela face de uma placa de rocha inclinada, a superfície marcada por pequenas ondas. Ao longe, a montanha subia, íngreme, coberta por um denso emaranhado de floresta. Alison entrou com o carro em uma clareira protegida e abriu a porta.

A fazenda termina aqui — disse. — Agora temos de andar.

Pegou a mão de Uma e ajudou-a a encontrar o caminho atravessando o riacho. No outro lado, havia uma trilha que levava diretamente para dentro da selva, subindo a encosta do Gunung Jerai. A subida era íngreme e Uma logo ficou sem fôlego.

— Ainda falta muito? — gritou para Alison lá na frente.

— Não. Estamos quase chegando.

— Onde? De repente, Dinu veio parar ao lado dela.

— Olhe.

Uma olhou na direção que ele apontava com o dedo. No meio de um emaranhado de trepadeiras e bambus, vislumbrou uma linha de construção avermelhada.

— Nossa — disse —, parece ser algum tipo de ruína.

Dinu foi na frente, correndo depressa e excitado atrás de Alison. Uma alcançou-os num ponto onde a subida se abria numa plataforma plana e rochosa. Bem à frente dela havia duas construções como túmulos em cima de pedestais quadrados: câmaras de desenho simples, cada uma com uma porta que levava a um pequeno nicho. A pedra era coberta do musgo dos anos e o teto havia desmoronado.

— Achamos que você saberia nos dizer o que são estas coisas, tia Uma.

— Por que eu? — Bom, seu pai era arqueólogo, não era? — Era, mas... — Uma sacudiu a cabeça devagar. — Não aprendi muita coisa com ele...

A visão era muito evocativa: a pedra vermelha se desmanchando contra o verde emaranhado da selva, com a montanha subindo serenamente atrás, um halo de nuvens em torno do pico. Dinu estava absorto em fotografar as ruínas, andando pelas construções o mais depressa que o pé lhe permitia.

Uma sentiu uma súbita pontada de inveja: se tivesse a idade dele, isto me estimularia também, transformaria minha vida; eu voltaria aqui sem parar; não ia descansar enquanto não me enchesse; ia querer escavar estes monumentos e levar comigo...

— Tia Uma — Dinu chamou do outro lado da clareira —, o que são... estas ruínas? Ela passou o polegar pela pedra esponjosa.

— Acho que isto aqui é o que meu pai costumava chamar de chandis — disse, de mansinho. — Altares.

Que tipo de altar? Diria que são altares hindus ou budistas. — Abriu as mãos, frustrada pela própria ignorância. — Gostaria de poder dizer mais.

— Acha que são antigos? Dinu perguntou.

— Acho — disse Uma. — Disso tenho certeza. Só de ver como a pedra está desgastada eu diria que esses chandis são bem antigos mesmo.

— Eu sabia que eram velhos — Alison disse, triunfante.

— Sabia. Papai não acredita. Diz que nada aqui pode ser antigo porque só havia selva quando ele chegou.

Dinu virou para Alison com seu jeito abrupto.

— Como você descobriu este lugar? — Meu pai às vezes levava a gente para dar tiros na selva — disse Alison. — Um dia, topamos com este lugar. — Ela pegou a mão de Dinu. — Deixe eu mostrar uma coisa — disse.

— Venha.

Levou-o para a maior das duas estruturas. Parou no pedestal e apontou uma imagem, um desgastado Ganesh entalhado em pedra coberta de musgo.

— Encontramos essa imagem caída no chão — disse Alison — e colocamos de volta... parece que aqui era o lugar dele.

Uma olhou Dinu e Alison parados na moldura da porta da ruína, um ao lado do outro. Pareciam muito jovens, mais crianças que adolescentes.

Me dê a câmera — pediu a Dinu. — Vou tirar uma foto de vocês dois.

Ela pegou a Brownie dele e deu um passo para trás, com o olho no visor.

Teve um sobressalto ao ver os dois juntos. De repente, entendeu por que as pessoas arranjavam casamentos para os filhos: era um jeito de moldar o futuro com o passado, de solidificar os próprios laços com as próprias lembranças e as lembranças dos amigos. Dinu e Alison — se ao menos combinassem mais um com o outro; que maravilha seria juntar tantas histórias. Lembrou-se então do que tinha de fazer e zangou-se consigo mesma por pensar em coisas que não eram de sua conta. Apertou o botão e devolveu a câmera a Dinu.

O dia começava muito cedo na plantação. Toda manhã, muito antes do amanhecer, Uma era despertada pelos passos de Matthew descendo a grande escadaria e saindo de carro. De sua janela, podia ver os faróis riscando a encosta no escuro antes da alvorada, subindo na direção do escritório da fazenda.

Um dia, perguntou a Matthew: — Onde você vai tão cedo? — Para a Convocação.

— O que é isso? — Temos um pátio de reuniões perto do escritório da fazenda. Os seringueiros se reúnem lá de manhã e os capatazes distribuem os trabalhos do dia.

Ela ficou intrigada com o jargão: Convocação, capataz, seringueiro.

— Posso ir junto? — Claro.

Na manhã seguinte, Uma foi ao escritório com Matthew, rodando por atalhos que desciam a encosta em espirais. Bandos de seringueiros convergiam para o pátio fronteiro ao escritório de telhado de flandres, à luz de lampiões de querosene: eram todos indianos, principalmente tâmiles; as mulheres vestidas com sáris e os homens com sarongues.

A cerimônia que se seguiu era parte um desfile militar, parte reunião escolar. Era presidida pelo gerente da fazenda, Mr. Trimble, um corpulento eurasiático. Os seringueiros formavam filas retas, de frente para o alto mastro da bandeira que ficava no canto extremo do pátio de reuniões. Mr. Trimble hasteou a Union Jack, a bandeira britânica, e ficou em posição de sentido debaixo do mastro, numa rígida continência, com duas fileiras de supervisores indianos alinhados atrás dele — eram os "condutores".

Mr. Trimble observou atentamente enquanto os condutores entravam em ação. Seus modos variavam entre os de um professor rigoroso e os de um sargento mal-humorado. De vez em quando, passava depressa entre as fileiras com sua bengala de ratã embaixo do braço. Para alguns seringueiros tinha um sorriso e uma breve palavra de estímulo; para outros, fazia uma grande demonstração de irritação, gesticulando e pronunciando obscenidades em tâmil e em inglês, apontando o objeto de sua raiva com a bengala: — Você, cão cule, levante a cabeça e olhe para mim quando estou falando com você...

Uma ficou perturbada com esse espetáculo: teve a sensação de estar assistindo a alguma coisa arcaica, um modo de viver que tinha acreditado estar felizmente extinto. No carro, Matthew perguntou o que tinha achado da "Convocação" e ela teve dificuldade para manter o controle da voz.

— Não sei o que dizer, Matthew. Foi como assistir a uma coisa que não existe mais há muito tempo: me veio à cabeça o sul dos Estados Unidos antes da Guerra Civil, da Cabana de Pai Tomás.

— Ah, que é isso? Não está exagerando um pouco? Nossos seringueiros são bem alimentados e bem tratados. E vivem muito melhor do que viveriam se estivessem na terra deles.

— Não é isso o que os senhores sempre disseram dos escravos? Matthew levantou a voz.

— Eles não são escravos, Uma.

— Não, claro que não. — Uma estendeu a mão para tocar o braço dele, pedindo desculpas. — Não. Mas viu o terror no rosto deles quando aquele homem, o gerente, gritou com eles? — Ele só está cumprindo seu dever, Uma. É um trabalho muito duro, que ele faz muito bem. Não é fácil conduzir uma plantação, sabe. Para olhar, é tudo muito verde e bonito, meio como uma floresta. Mas na verdade é uma grande máquina, feita de madeira e carne. E a cada giro, cada pequena peça dessa máquina resiste, luta, espera que você desista.

Ele parou o carro de repente.

— Deixe eu mostrar uma coisa. — Abriu a porta e seguiu por baixo das seringueiras. — Venha. Por aqui.

Era a primeira luz do dia e o alvorecer descia sobre o pico do Gunung Jerai. Era aquela hora do dia em que o alto da montanha é sempre visível, livre da névoa que subia quando a planície se aquecia. Nas encostas acima deles, a selva estava lentamente voltando à vida, com bandos de pássaros voando acima do dossel da floresta e tropas invisíveis de macacos saltando entre as copas, deixando rastros de folhas caídas.

Debaixo das seringueiras, havia um suave orvalhar.

Matthew encostou no tronco de uma árvore e apontou.

— Olhe esta árvore — disse — e olhe as outras em torno. Você não diria que são todas exatamente iguais?

— É verdade — Uma concordou —, isso me ocorreu outro dia: até os galhos saem na mesma altura e exatamente do mesmo jeito.

— E é assim que deve ser. Investiu-se uma enorme quantidade de estudo para fazer essas árvores serem exatamente iguais. São chamadas clones, sabe, e os cientistas trabalham nelas há anos. A maioria das nossas árvores é de uma variedade nacional chamada Avros, desenvolvida pelos holandeses em Sumatra nos anos 20. Pagamos muito dinheiro para garantir que sejam sementes clonadas confiáveis. Mas deixe eu mostrar uma coisa.

Apontou uma concha de coco presa ao tronco da árvore, abaixo de um extenso corte em espiral na casca.

— Está vendo quanto látex esta árvore produziu durante a noite? A concha está pela metade, o que é o certo. Se andar por esta fileira de árvores, vai descobrir que a maioria delas produz mais ou menos a mesma quantidade de látex. Mas agora olhe aqui.

Ele a conduziu para outra árvore.

— Olhe esta concha.

Uma olhou dentro e viu que a concha que ele apontava estava quase vazia.

Perguntou: — Tem alguma coisa errada com a árvore então?
— Não que eu saiba — Matthew respondeu. — Ela parece bem, nada diferente das outras. Pense em todo o esforço humano colocado em fazer esta igual ao resto. E, no entanto... ele apontou a concha quase vazia ... olhe aí.

Então, qual você acha que é o problema? Os botânicos dizem uma coisa, os geólogos dizem outra, os especialistas em solo dizem uma terceira. Mas se me perguntar, a verdade é bem simples.

— Qual é? — Ela está reagindo.

Uma deu uma risada perplexa.

— Você não pode acreditar de fato nisso.

— Eu plantei a árvore, Uma. Ouvei o que todos os peritos dizem. Mas os seringueiros sabem mais. Eles têm um ditado, sabe: "Cada seringueira da Malásia custou a vida de um indiano." Eles sabem que algumas árvores não fazem o que as outras fazem e é

isso que eles dizem: esta aqui está reagindo. Entre os troncos das árvores vizinhas, via-se o escritório da plantação ao longe, encosta abaixo. Matthew apontou os prédios, fez um gesto amplo com a mão. Isso aqui é o meu pequeno império, Uma. Que eu construí. Arranquei da selva e moldei da forma que eu queria que fosse. Agora é meu, cuido muito bem dele. Tem lei, tem ordem, tudo corre bem. Olhando, daria para pensar que tudo aqui é domado, domesticado, que todas as partes foram encaixadas cuidadosamente. Mas quando se faz a máquina inteira funcionar é que se descobre que cada pecinha está reagindo. Não tem nada a ver comigo, nem com certo e errado: eu poderia fazer deste aqui o melhor reinado do mundo e mesmo assim ele reagiria.

— E qual a razão disso?

— É a natureza: a natureza que fez estas árvores e nos fez.

— Você então está dizendo que... — Uma começou a rir — que algumas das suas árvores são rebeldes por instinto?

— Não com essas palavras.

— Mas, Matthew — Uma riu de novo. — O que você vai fazer se os seus seringueiros resolverem obedecer à lição das árvores?

Foi a vez de Matthew rir.

— Vamos esperar que nunca chegue a isso.

Incapaz de dormir depois que o dia raiava, Uma começou a fazer longos passeios pelos bosques de seringueiras. Fazia anos que não levantava tão cedo: o amanhecer era uma descoberta. Havia dias em que grupos de seringueiros surgiam de repente na névoa dourada da manhã cedinho, com tentáculos de neblina em seus sáris e sarongues. Passavam a centímetros dela, indiferentes à sua presença, absolutamente absortos em manter o ritmo da caminhada conjunta, as facas em forma de alfanje brilhando na meia-luz quando removiam pedaços de casca dos troncos das árvores.

Num desses passeios matinais, Uma se deu conta de que estava sendo seguida. Olhou por cima do ombro e viu uma figura se esconder: era um menino ou um homem, não sabia dizer. Era fácil perder as coisas de vista nos bosques de seringueiras, principalmente à meia-luz do amanhecer. O arranjo de árvores era tal que as coisas deslizavam de uma linha de visão para outra e não se fazia ideia de onde estavam em relação ao próprio observador.

No dia seguinte, ao ouvir um estalo de folhas atrás de si, foi ela que se escondeu. Dessa vez, conseguiu ter um relance dele à distância: era um menino, comprido, magricela e escuro. Usava camisa e um sarongue xadrez. Ela o tomou por filho de um dos trabalhadores.

— Você aí... — chamou, a voz ecoando nos túneis de folhagem. — Quem é você? Venha aqui. — Vislumbrou o branco dos olhos dele, brilhando de repente no escuro. E desapareceu.

De volta à casa, Uma descreveu o menino para Alison.

— Sabe quem pode ser?

— Sei — Alison disse. — O nome dele é Ilongo. É da ala cule. Estava seguindo você?

— Estava.

— Ele faz isso às vezes. Não se preocupe: é completamente inofensivo.

Nós dizemos que ele é o bobo da aldeia de Morningside.

Uma resolveu fazer amizade com o menino. Lançou-se cuidadosamente à tarefa, levava pequenos presentes toda manhã, geralmente frutas, rambutões, mangas ou mangostões. Ao vê-lo, parava e chamava: "Ilongo, Ilongo, venha cá." Então colocava a oferenda no chão e ia embora. Logo ele ganhou confiança suficiente para se aproximar dela. As primeiras vezes, ela não tentou conversar. Depositava os presentes e à distância ficava olhando ele pegar. Ele devia ter 10 anos, mas era alto para a idade e muito

magro. Os olhos eram grandes e muito expressivos: olhando para eles não dava para acreditar que fosse um bobo.

— Ilongo — ela disse um dia, em inglês —, por que você me segue? — Ele não respondeu, então ela mudou para hindustâni e fez a mesma pergunta.

Isso produziu efeito imediato: ele cuspiu uma semente de laranja e de repente começou a falar.

— Quando minha mãe vai para a Convocação, não gosto de ficar sozinho em casa.

— Está sozinho em casa então?

— Estou.

— E seu pai?

— Meu pai não está lá.

— Por quê? Onde ele está?

— Não sei.

— Você não conhece seu pai?

— Não.

— Sabe onde ele mora?

— Não. Mas minha mãe tem uma foto dele: é um homem importante, minha mãe disse.

— Posso ver a foto?

— Tenho de perguntar para minha mãe. — Então, alguma coisa o assustou e ele desapareceu entre as árvores.

Uns dias depois, ao passar por uma fila de seringueiros, Ilongo apontou uma mulher de cara quadrada e forte, com um aro de prata no nariz.

— Aquela é a minha mãe — disse. Uma fez menção de aproximar-se dela e o menino entrou em pânico. — Não. Ela agora está trabalhando. O condutor multa ela.

— Mas quero conversar com ela.

— Depois. Na nossa casa. Venha às cinco e eu levo você.

Nessa tarde, Uma foi com Ilongo até a fileira de barracos onde ele morava. A casa deles era pequena, mas arrumada e despojada. A mãe de Ilongo tinha vestido um sári brilhante, verde-pavão, à espera da visita de Uma. Mandou o menino sair para brincar e colocou uma panela de água no fogo para fazer chá.

— Ilongo disse que você tem uma foto do pai dele.

— Tenho. — Ela entregou um pedaço de jornal desbotado.

Uma reconheceu o rosto à primeira vista. Entendeu então o que sabia desde o começo, sem querer admitir para si mesma. Fechou os olhos e virou a foto de forma a não ter de olhar para ela. Era Rajkumar.

— Sabe quem é este homem? — perguntou, afinal.

— Sei.

— Sabe que ele é casado?

— Sei.

— Como aconteceu? Entre você e ele?

— Eles me mandaram para ele. No barco, quando eu estava vindo para cá. Me chamaram no porão e me levaram para a cabine dele. Eu não podia fazer nada.

— Foi só essa vez?

— Não. Durante anos depois, sempre que estava aqui ele mandava me buscar. Não era tão ruim, melhor que alguns outros. Uma vez, vi o retrato da mulher dele e disse para ele assim: ela é tão bonita, como uma princesa... o que o senhor quer com uma mulher como eu?

— O que ele disse?

— Ele disse que a mulher dele tinha abandonado o mundo; que tinha perdido o interesse na casa e na família, nele...

— E quando foi a última vez que vocês se viram?

— Faz muitos anos. Ele parou de me procurar quando contei que estava grávida.

— Ele não quis saber do menino, de Ilongo?

— Não. Mas ele manda dinheiro.

— Por que você não falou com a mulher dele? Ou com Mr. ou Mrs. Martins? Eles podiam fazer alguma coisa. O que ele fez é muito errado; não pode abandonar você desse jeito.

A mãe de Ilongo olhou para a visitante e viu que seu rosto estava vermelho de indignação por ela. Uma nota de ansiedade apareceu no tom direto de sua voz.

— Madame, a senhora não vai falar disso com ninguém.

— Pode ter certeza de que vou, sim — Uma respondeu. — Essa história é uma vergonha. Eu vou à polícia se for preciso...

Diante disso, a mulher entrou em pânico. Atravessou depressa a sala e pôs-se de joelhos aos pés de Uma.

— Não — disse, sacudindo a cabeça com veemência. — Não. Não. Por favor, entenda. Sei que quer me ajudar, mas a senhora é de fora. Não sabe como são as coisas por aqui.

— O que você quer, então? — Uma se pôs de pé, com raiva. — Não entendo — disse. — Esse homem tinha de ser castigado pelo que fez com você, com você e com a mulher e os filhos dele. Por que quer manter essa história escondida?

— Porque não vai me adiantar nada saber que ele foi castigado; só vai piorar as coisas para todo mundo. O dinheiro vai parar de vir; vai haver problemas. Não sou criança; a senhora não pode tomar essa decisão em meu lugar...

Lágrimas de frustração encheram os olhos de Uma. Tantas vezes havia atacado mulheres que se permitiam ser prisioneiras em labirintos de medo — mas agora, confrontada com esse estado de coisas, estava impotente, ela própria parte do labirinto.

— ... Madame, tem de me dar sua palavra de que não vai falar disso; não vou deixar a senhora sair até dizer que sim.

Não havia nada que Uma pudesse fazer, senão forçar uma sacudida de cabeça, concordando.

17



Desse ponto em diante, a viagem de Uma começou a adquirir uma involuntária qualidade onírica, com impressões e acontecimentos se sucedendo como granizo batendo numa tela. Em Morningside, no último dia de sua estada, Uma teve uma conversa com Dinu que a tomou inteiramente de surpresa. Notara que Dolly passava um tempo excessivo sozinha, trancada no quarto a manhã inteira, raramente aparecendo no andar de baixo antes do meio-dia.

Uma sucumbiu à curiosidade e perguntou a Dinu: Por que Dolly não toma café da manhã conosco? Por que ela só desce tão tarde? Dinu olhou para ela com um ar de surpresa.

— Você não sabe? Ela faz o te-ya-tai de manhã.

— O que é isso?

— Não sei como explicar... Acho que se pode dizer que ela medita.

— Ah. — Uma fez uma pausa para digerir isso. — E quando começou isso?

— Não sei. Ela faz isso desde que me lembro... Em algum momento não fazia? — Não me lembro...

Uma mudou de assunto bruscamente e não tocou mais nisso.

A parada seguinte do itinerário de Uma era nada menos que Rangoon. Sua viagem estava planejada de forma a permitir que viajasse da Malásia na companhia de Dolly, Neel e Dinu. Passaria um mês com Dolly e Rajkumar antes de tomar o navio para Calcutá.

Quando estava planejando a viagem, era essa a parte que Uma mais desejava: imaginara ela e Dolly passando horas juntas durante a viagem, conversando como um dia haviam feito.

Agora essa perspectiva a enchia de horror.

Mas, uma vez a bordo, as pressões dos últimos dias desapareceram quase por mágica. Pouco a pouco a velha intimidade voltou, a ponto de Uma não conseguir comentar os períodos diários de reclusão de Dolly.

Uma manhã, quando estavam ambas no convés, Uma disse: — Sabe, Dolly, depois daquela nossa conversa na primeira noite em Morningside, achei que ia ser como nos velhos tempos. Lembra, Dolly, em Ratnagiri, como a gente passava a noite conversando e depois, quando acordávamos, começávamos de novo, como se dormir tivesse sido apenas uma interrupção? Em Morningside, toda manhã, eu dizia a mim mesma: hoje vou dar um passeio com Dolly e vamos sentar debaixo de uma árvore e olhar o mar. Mas você nunca estava lá; nunca descia para o café da manhã. Então, uma manhã, perguntei a Dinu e ele me contou por que você ficava em seu quarto até tão tarde...

— Sei.

— Tentei tanto contar minha vida para você e você nunca disse uma palavra sobre a sua; nada sobre o que tem na cabeça ou como passa seu tempo.

— O que posso dizer, Uma? Se eu fosse melhor com as palavras, talvez tivesse falado. Mas não sei o que dizer. E especialmente para você...

— Por que especialmente para mim? — Com você sinto que tenho de prestar contas de mim mesma... de dar explicações.

Uma percebeu que isso não era mentira.

— Talvez tenha razão, Dolly. Talvez eu fosse achar difícil de entender. É verdade que não sou religiosa, mas teria tentado

entender, simplesmente por você. E ainda vou tentar, Dolly, se você deixar.

Dolly ficou em silêncio um momento.

— É difícil saber por onde começar, Uma. Lembra que escrevi para você a respeito da doença de Dinu? Depois que passou, achei que alguma coisa tinha mudado em mim. Não podia voltar para a vida que levava antes. Não que eu fosse infeliz com Rajkumar ou que não sentisse mais nada por ele; simplesmente as coisas que eu fazia não preenchiam mais o meu tempo, nem ocupavam minha cabeça. Era aquela sensação que se tem quando o dia está vazio e não há nada para fazer — a não ser seguir em frente, dia após dia. Então, ouvi falar de uma velha amiga — nós a chamávamos de Evelyn. Ouvi dizer que ela estava em Sagaing, perto de Mandalay, e que tinha se tornado chefe de uma thi-la-shun-kyaung— como se diz? —, um convento budista. Fui atrás dela e entendi na hora que era ali que eu queria ficar — que aquela seria a minha vida.

— Sua vida! — Uma olhou para ela, chocada. — Mas, e os meninos? — Só por causa deles, e de Rajkumar, é que não fui ainda. Quero ver todos colocados primeiro... na Índia talvez, em algum lugar longe da Birmânia, de qualquer forma. Quando estiverem em segurança, vou me sentir livre para ir para Sagaing...

— Segurança? Mas não estão seguros onde estão?

— As coisas mudaram na Birmânia, Uma. Tenho medo agora. Existe muito ódio, muito ressentimento, e grande parte disso é dirigida aos indianos.

— Mas por quê?

— Dinheiro, política — Dolly fez uma pausa —, tantas coisas diferentes, quem pode dizer? Agiotas indianos tomaram todas as terras aráveis; indianos possuem a maior parte das lojas; as pessoas dizem que os indianos ricos vivem como colonialistas, se impondo aos birmaneses. Não sei o que é certo ou não, mas sei que sinto medo pelos meninos... até por Rajkumar. Algum tempo atrás,

gritaram com Dinu na rua; chamaram de zerbadi, que é o palavrão para pessoas meio indianas, meio birmanesas. E no outro dia, em Rangoon, uma multidão cercou o carro, sacudindo os punhos para mim. Eu disse a eles: "Por que estão fazendo isso? O que eu fiz para vocês?" Em vez de me responderem, começaram a cantar "Amyotha Kwe Ko Mayukya Pa Net..." — O que quer dizer? — É uma canção política; em essência, diz que é errado um birmanês casar com um estrangeiro, que mulheres como eu, casadas com indianos, são traidoras do seu povo.

— Você disse alguma coisa para eles?

— Disse, sim. Fiquei muito zangada e disse: "Vocês sabem que passei vinte anos da minha vida no exílio com o último Rei da Birmânia? Aqui vocês esqueceram de nós. As poucas alegrias que tínhamos vinham dos indianos."

— E o que eles responderam?

— Eles baixaram a cabeça e foram embora. Mas uma outra vez... quem sabe o que farão? — Você contou para Rajkumar... que quer que sua família vá embora da Birmânia? — Conteí. Mas é claro que ele nem ouve. Ele me diz: "Você não entende. A economia não funcionaria sem os empresários indianos; o país entraria em colapso. Esses protestos sobre os indianos são obra de agitadores e desordeiros que estão tentando incitar o público." Tentei dizer a ele que é ele quem não entende; que a Birmânia de hoje não é a Birmânia de quando ele tinha 11 anos. Mas claro que ele não presta atenção... — Ela parou. — Você vai ver quando chegarmos lá.

No dia seguinte, chegaram a Rangoon. O vapor estava manobrando para sua posição ao lado do pavilhão flutuante do Píer de Passageiros da rua Barr quando Uma viu Rajkumar parado à sombra dos beirais ornamentados. Ele abriu um largo sorriso e acenou. Seu cabelo estava branqueando, brilhante nas têmporas, e ele parecia maior e mais pesado que nunca, com um peito imenso, parecendo um fole. Uma rangeu os dentes e forçou um sorriso.

Foram para Kemendine no carro novo de Rajkumar, um Packard Saloon 1929.

No caminho, Rajkumar foi apontando as mudanças nos arredores. A cidade pareceu transformada, irreconhecível para Uma. Havia hotéis imponentes, bancos enormes, restaurantes modernos, lojas de departamentos com colunatas e até clubes noturnos. Um marco que parecia resistir contra essas mudanças era o Pagode Shwe Dagon. Estava exatamente como Uma lembrava, o hti gracioso, dourado, pairando acima da cidade, como uma bênção.

A casa Kemendine havia mudado também: ainda tinha o seu ar de improvisação ao acaso, mas estava muito maior agora, com novos andares acrescentados em cima e alas se espalhando para os lados. Para onde quer que Uma olhasse havia zeladores, jardineiros, chowkidares.

— Como sua casa cresceu! — Uma disse a Dolly. — Dá para hospedar um exército aqui se você quiser.

— Rajkumar quer que seja bem grande para os meninos viverem nela — Dolly disse. — Cada um tem seu próprio andar. Ele vê a si próprio reinando sobre uma daquelas vastas famílias reunidas, que ficam maior a cada geração...

— Parece — disse Uma — que não vai ser tão fácil convencer Rajkumar de ir embora.

— Não. Vai ser muito difícil...

Mais tarde, Dinu trouxe um colega de escola birmanês para vê-la. O nome dele era Maung Thiha Saw e era um menino ávido e desajeitado, com uma grande massa de cabelo preto brilhante e óculos grossos, com as lentes sujas. Era tão falante quanto Dinu era reservado, e bombardeou Uma com perguntas inesperadas sobre a América e a Depressão.

O dia estava anormalmente parado e sem ar, e fazia muito calor dentro de casa.

— Venha — disse Uma —, vamos conversar lá fora, pode ser que esteja um pouco mais fresco.

Desceram e saíram para andar em volta da casa. Havia um alto poste de eletricidade junto ao portão da frente e, quando se aproximaram, Uma notou que ele começara a se inclinar. Parou de repente e passou a mão na frente dos olhos. Então, de repente, seus pés ficaram incertos. Ela sentiu que as pernas iam jogá-la para a frente.

— Dinu — gritou —, o que está acontecendo? — Terremoto!
— Dinu pôs a mão em seus ombros e os dois se abraçaram.

Aparentemente, demorou muito para a terra parar de tremer.

Cuidadosamente os dois se separaram e olharam em volta, para se localizar. De repente, Maung Thiha Saw gritou, os olhos fixos no horizonte.

— Não! Uma virou bem a tempo de ver o grande hti dourado do Shwe Dagon despencando.

Logo depois disso, Uma providenciou uma viagem ao redor da Birmânia com colegas da Liga da Independência Indiana. De Rangoon, foi para o leste, até Moulmein, depois virou para o norte e foi a Taunggyi, Toungoo, Meiktila e Mandalay. Por toda parte, via sinais de um abismo se abrindo entre indianos e seus vizinhos birmaneses. Entre estudantes e nacionalistas estavam em curso os preparativos para separar a administração da Birmânia da administração da Índia britânica. Muitos indianos viam nisso motivo para alarme, acreditando que sua segurança seria ameaçada por uma separação.

Uma ficou dividida com essa controvérsia: simpatizava com os medos da minoria indiana, mas, ao mesmo tempo, ficava perturbada de eles acreditarem que sua segurança estava justamente naquilo que ela via como a raiz do problema — o estilo do domínio imperial e sua política de se garantir como necessário

através da divisão de seus súditos. Ao voltar a Rangoon, Uma logo apresentou desculpas a Dolly: — Dolly, espero que me perdoe ter tratado seus medos com tanto descaso.

Agora vejo que há muito com que se preocupar. Francamente, estou absolutamente confusa...

Poucos dias antes de partir para Calcutá, Uma saiu para dar uma volta de manhã cedinho com Dolly, no Packard cinzento. Foram primeiro à rua Churchili de Rangoon, olhar a casa em que a Rainha Supayalat havia morrido poucos anos antes.

Você nunca mais viu a Rainha, Dolly? — Uma perguntou. — Nunca. — Dolly sacudiu a cabeça devagar. — No que me diz respeito, eu estava no mesmo barco que a Segunda Princesa: banida para sempre da presença dela...

No caminho de volta, passaram pelo pagode Sule e perceberam que as ruas estavam excepcionalmente sossegadas para aquela hora do dia.

— Me pergunto por que não há nenhum riquixá, nem vendedores... — Dolly fez uma pausa para olhar em torno. — Que estranho: não vejo um único indiano na rua.

À distância, numa esquina da rua, havia uma longa fila de homens. Quando o Packard passou por eles, viram que os homens na fila tinham desenhos como tatuagens pintados nos peitos. A reação de Dolly foi instantânea.

Ela se debruçou para sacudir o ombro de U Ba Kyaw. — Dolly... qual é o problema? O que está acontecendo? — Temos de voltar. Temos de voltar, voltar para casa.

— Por causa desses homens? Por quê? Tem alguma coisa a ver com aquelas tatuagens? — Não eram tatuagens, Uma. Aqueles desenhos são para soldados que vão para a guerra... — Dolly começou a bater distraidamente os punhos nos joelhos. — Acho que vai haver algum tipo de problema. Temos de descobrir onde

estão os meninos, onde está Rajkumar. Se formos depressa, talvez dê para impedir que saiam de casa.

Uns 20 metros adiante do Packard um homem saltou da calçada e correu para a rua. Uma e Dolly o viram quando apareceu em um dos cantos do amplo e curvo para-brisas do Packard. Era um indiano, puxador de riquixá, vestido com colete rasgado e longyi. Estava correndo muito e gotas de suor espirravam de seus braços. Com uma das mãos agarrava o ar, a outra levantava o longyi para não enrolar nas pernas. O rosto era escuro, os olhos muito brancos e saltados. Em dois passos foi do canto do para-brisas para o centro; virou-se para olhar por cima do ombro e arregalou os olhos. Então elas viram que ele estava sendo perseguido de perto por um homem poucos passos atrás. Este levava alguma coisa que não conseguiram ver porque a borda do para-brisas escondia. Então, de repente, o perseguidor girou os ombros e abriu os braços à maneira de um jogador de tênis se preparando para bater uma bola. Elas viram então que o instrumento em suas mãos era um da, uma lâmina comprida, brilhante, de punho curto, parte espada, parte machado. Ficaram paralisadas no lugar enquanto o da descrevia um arco no ar. O puxador de riquixá tinha quase chegado ao extremo do para-brisas quando de repente sua cabeça caiu para trás como um ramo podado, pendurada em cima da coluna, presa apenas por uma fina tira de pele. Mas o corpo não caiu imediatamente ao chão: durante uma fração de segundo o tronco permaneceu de pé. Viram que ele deu ainda um passo antes de cair no calçamento.

O primeiro impulso de Uma foi pegar a maçaneta da porta.

— O que está fazendo? — Dolly gritou. — Pare.

— Temos de ajudar, Dolly. Não podemos deixar esse homem na rua...

— Uma, você enlouqueceu? — Dolly chiou. — Se sair do carro agora você morre também. — Deu um puxão e jogou Uma no chão do carro. — Tem de se esconder, Uma. Não podemos correr o

risco de verem você. — Fez Uma ficar deitada, depois arrancou as cobertas de pano do banco de trás do Packard.

— Vou cobrir você com isto aqui. Fique quieta, não diga uma palavra.

Uma deitou a cabeça no tapete do chão e fechou os olhos. O rosto do puxador de riquixá apareceu em sua frente: reviu sua cabeça caindo para trás. No instante em que o corpo decapitado ainda estava de pé, ainda avançando, ela vislumbrou aqueles olhos brancos, pendurados sobre a coluna: seu olhar parecia dirigido ao carro, diretamente para ela. Uma sentiu a garganta inchar e o vômito jorrou-lhe pela boca e pelo nariz, sujando — Dolly.

Quando estava começando a levantar a cabeça, Dolly deu-lhe um empurrão duro. O carro havia parado e ela se imobilizou com o rosto a 1 centímetro do tapete coberto de vômito. Acima dela, Dolly estava falando com alguém — um grupo de homens —, explicando alguma coisa em birmanês.

A conversa não levou mais que um ou dois minutos, mas parecia que uma eternidade se passara antes de o carro começar a rodar outra vez.

Os tumultos duraram vários dias e as baixas contavam-se às centenas. O preço teria sido ainda mais alto se não fosse por muitos birmaneses que resgatavam indianos da multidão e os abrigavam em suas casas.

Descobriu-se depois que a confusão começara nas docas, com um choque entre trabalhadores indianos e birmaneses. Muitas empresas indianas e chinesas foram atacadas, entre elas a madeireira de Rajkumar. Três trabalhadores dele foram mortos e dezenas feridos.

Rajkumar estava em casa quando a confusão começou. Nem ele nem ninguém da família sofreu nada. Neel estava, por acaso, fora da cidade, em segurança, quando o tumulto começou, e Dinu foi levado da escola para casa por seu amigo Maung Thiha Saw.

Apesar das perdas, Rajkumar insistia mais do que nunca em permanecer na Birmânia.

— Vivi aqui minha vida inteira; tudo o que tenho está aqui. Não sou tão covarde a ponto de desistir de tudo o que eu batalhei com o primeiro sinal de problema. E, de qualquer forma, o que nos garante que vão nos receber melhor na Índia do que aqui? A Índia tem tumultos o tempo todo; quem pode garantir que não iria acontecer a mesma coisa com a gente lá? Uma viu que Dolly estava a ponto de um colapso e resolveu ficar em Rangoon para ajudá-la. Aconteceram mais coisas estranhas. Falou-se de agitação no Asilo de Loucos de Rangoon, onde alguns milhares de indianos desabrigados haviam sido acomodados depois dos tumultos. Na prisão da cidade, irrompeu uma revolta entre os prisioneiros, sufocada ao custo de muitas vidas.

Falou-se que um levante ainda muito maior estava sendo preparado.

Um dia, um estranho parou Dolly na rua: — É verdade que a senhora trabalhou no palácio de Mandalay na época do Rei Thebaw? — Quando Dolly respondeu afirmativamente, o estranho deu um sorriso.

— Prepare-se: logo vai haver outra coroação. Encontraram um príncipe que vai liberar a Birmânia...

Poucos dias depois, ficaram sabendo que tinha realmente havido uma espécie de coroação, não longe de Rangoon: um curandeiro chamado Saya San havia se coroado Rei da Birmânia, com todos os ritos tradicionais.

Reunira em torno de si um colorido bando de soldados e ordenou que vingassem a captura do Rei Thebaw.

Esses rumores fizeram Uma se lembrar dos acontecimentos que precederam a eclosão do levante indiano de 1857. Na época também, muito antes de dispararem o primeiro tiro, haviam aparecido sinais de confusão nas planícies indianas do norte.

Chapatis — essa comida cotidiana e pouco notável — haviam começado a circular de aldeia em aldeia, como um alerta. Ninguém sabia de onde vinham ou quem os colocava em movimento — mas, de alguma forma, as pessoas haviam entendido que uma grande convulsão estava a caminho.

A premonição de Uma se confirmou. O levante começou no interior do distrito de Tharawaddy, onde funcionários florestais e dois capatazes de aldeia foram mortos; no dia seguinte, rebeldes invadiram uma estação ferroviária. Uma companhia de tropas indianas foi mandada para caçar os revoltosos. Mas, de repente, havia rebeldes por toda parte: em Insein, Yamthin e Pyapon. Eles apareciam como sombras saídas da floresta, com figuras mágicas pintadas no corpo. Lutavam como homens possuídos, corriam de peito nu para as armas de fogo, atacavam aviões com estilingues e lanças. Milhares de camponeses declararam sua fidelidade ao Rei coroado. As autoridades coloniais reagiram mandando reforços indianos para sufocar a rebelião. Aldeias foram ocupadas; centenas de birmaneses foram mortos e milhares feridos.

Para Uma, o levante e o meio de eliminá-lo eram a culminação de um pesadelo de um mês inteiro: era como se ela estivesse testemunhando a concretização de seus piores medos; mais uma vez, os soldados indianos eram usados para fortalecer o Império. Ninguém na Índia parecia saber desses acontecimentos; ninguém parecia se importar. Parecia imperativo que alguém assumisse a tarefa de fazer o povo de seu país ficar sabendo.

Providencialmente, a KLM, companhia aérea holandesa, havia acabado de inaugurar uma linha aérea ligando uma série de cidades entre Batavia e Amsterdã. Havia voos regulares entre a nova pista de pouso de Rangoon, em Mingaladon, e o Dum Dum de Calcutá. A viagem de Rangoon a Calcutá levava umas seis horas — muito menos que de navio. Uma estava abalada demais para enfrentar

uma viagem de vapor de quatro dias: Rajkumar comprou para ela um bilhete da KLM.

No Packard, a caminho da pista de pouso em Mingaladon, Uma se emocionou.

— Não consigo acreditar no que eu vi aqui... a mesma história, indianos forçados a matar pelo Império, lutando com gente que devia ser amiga deles...

Rajkumar a interrompeu: — Uma, está falando bobagem.

— O que quer dizer? — Uma, já parou um minuto para pensar o que teria acontecido se não tivessem usado esses soldados? Você estava aqui durante os tumultos: viu o que aconteceu. O que acha que os rebeldes fariam conosco comigo, com Dolly, com os meninos? Você não percebe que não é só o Império que esses soldados estão protegendo, que é também Dolly e eu? A raiva que Uma estava contendo desde Morningside jorrou para fora.

— Rajkumar, você não está em posição de dar opinião. Pessoas como você é que são responsáveis por essa tragédia. Você alguma vez pensou nas consequências quando transportava essa gente para cá? O que você e gente do seu tipo fez é muito pior que os piores atos dos europeus.

Rajkumar tinha por princípio nunca enfrentar Uma em questões políticas. Mas ele também estava nervoso agora e alguma coisa estalou.

— Você é tão cheia de opiniões, Uma, sobre coisas de que não entende nada. Há semanas escuto você criticando tudo o que vê: o estado da Birmânia, como as mulheres são tratadas, as condições da Índia, as atrocidades do Império. Mas o que foi que você fez algum dia para ter o direito de ter essas opiniões? Alguma vez construiu alguma coisa? Deu emprego a uma pessoa que seja? Melhorou a vida de alguém de algum jeito? Não. Tudo o que você faz é olhar de longe, como se estivesse acima de todos nós, e criticar, criticar. Seu marido era um homem tão bom quanto

qualquer outro e você empurrou ele para a morte com a sua virtude...

— Como ousa? — Uma gritou. — Como ousa falar assim comigo? Você, um animal, com sua ambição, sua determinação de agarrar o que puder, a qualquer custo. Acha que ninguém sabe das coisas que fez com as pessoas sob seu poder, com as mulheres e crianças que não podem se defender? Você não passa de um escravagista e estuprador, Rajkumar. Pode achar que nunca vai ter de responder pelas coisas que fez, mas está errado.

Sem dizer mais uma única palavra a Uma, Rajkumar inclinou-se para U Ba Kyaw e mandou parar o carro. Desceu para a rua e disse a Dolly: — Volto sozinho para a cidade. Vá você se despedir dela. Não quero mais saber dela.

Em Mingaladon, Uma e Dolly encontraram o avião esperando na pista. Era um trimotor Fokker F-VIII com fuselagem prateada, as asas apoiadas em suportes. Assim que desceram do carro, Dolly disse em voz baixa: — Uma, você está muito brava com Rajkumar e eu desconfio que sei por quê. Mas não devia ser muito dura no juízo que faz dele, sabe: não se esqueça que eu também tenho parte da culpa...

Estavam no portão; Uma abraçou Dolly com força.

— Dolly, isso vai mudar alguma coisa entre nós... entre você e eu? — Não. Claro que não. Vou visitar você em Calcutá sempre que puder. Vai dar tudo certo, você vai ver.

Parte IV



O casamento

18



No outro extremo da baía de Bengala, em Calcutá, o irmão de Uma e sua família estavam esperando para recebê-la na pista de pouso Dum Dum.

Seu irmão era um homem quieto e um tanto apagado, que trabalhava no departamento financeiro de uma companhia marítima. A mulher sofria de asma grave e raramente saía de casa. Dos filhos, Bela, uma menina, era a mais nova, com 6 anos. Os irmãos eram gêmeos, sete anos mais velhos. O gêmeo mais velho era um menino, Arjun; o mais novo era uma menina que tinha o apelido familiar de Manju. O nome verdadeiro dela — maravilhoso de se contar — era "Brihannala", que se revelou insistentemente impossível para o uso diário.

Para os gêmeos, a chegada de Uma a Calcutá era um acontecimento de significação sem precedentes. Não só por ser ela quem era: ao menos em parte porque ninguém da família tinha tido a ocasião de ir ao Dum Dum antes. Fazia apenas dez anos que se vira um avião em Calcutá pela primeira vez: em 1920, uma multidão fora saudar um Handley Page na pista de corrida.

Desde então, aviões pertencentes à Imperial Airways e à Air France também tinham pousado na cidade. Mas foi a KLM que começou o primeiro serviço regular de passageiros e a história de suas idas e vindas recentemente instituídas havia movimentado a cidade durante meses.

No dia da chegada de Uma, a excitação na casa era tamanha que a família deu o passo sem precedentes de alugar um carro, um Austin Chummy 1930 novo. Mas as expectativas dos gêmeos se frustraram ao chegarem à pista de Dum Dum: não havia nada lá além de uma estrada asfaltada, cercada de campos de arroz e coqueiros. Tratava-se de um meio de transporte novo demais para já ter desenvolvido seus rituais de cerimônias. Não havia nada da pompa que acompanhava uma expedição às docas: nada de marinheiros uniformizados, nem quepes de bico, nem chefes de porto com condecorações. O terminal era um barracão de teto de zinco e o pessoal consistia de mecânicos de boca suja com macacões pretos de graxa. O que havia era uma sensação de acontecimento devida à presença da multidão de correligionários que viera dar as boas-vindas a Uma.

A área de espera consistia de um pequeno cercado de arame, descoberto. A família, absolutamente intimidada, se viu empurrada cada vez mais para trás pelos exuberantes admiradores de Uma. Ouviram o Fokker F-VIII quando ainda estava escondido entre as nuvens. Arjun foi o primeiro a vê-lo quando apareceu, o corpo grosso cintilando prateado entre as asas duplas. A fuselagem prateada oscilou acima das palmeiras ao aterrissar.

Houve uma longa espera sob o sol até Uma ser liberada. Quando as pessoas à frente começaram a dar vivas, entenderam que Uma estava saindo. E então, de repente, ali estava ela, em pessoa, vestida muito simplesmente com um sári de algodão branco.

Para os gêmeos, Uma era uma criatura lendária: a tia ativista política que dedicara a vida à política em vez de aceitar o destino usual da viúva hindu. Ao se verem em sua presença, o assombro os silenciou: parecia inacreditável que a heroína deles fosse uma mulher de aspecto frágil, de cabelo grisalho e rosto cansado.

No caminho de volta a Lankasuka, foram apertados no Austin, trocando notícias, colocando-se em dia. Então, Uma fez uma

coisa que pareceu uma surpresa total para seus parentes: de repente, sem nenhuma razão, começou a chorar. Ficaram olhando, horrorizados, enquanto ela soluçava no sári. Intimidados pela lenda que a rodeava, não conseguiam consolá-la. Mantiveram silêncio, inquietos, sem ousar dizer nem uma palavra.

Quando estavam quase chegando, Uma se controlou.

— Não sei o que me deu — disse, sem se dirigir a ninguém em particular.

— Estes últimos meses foram muito duros. Sinto que estou despertando de um sonho terrível. Em Rangoon, antes da partida, aconteceu uma briga horrível. Tenho de tentar esquecer algumas dessas coisas...

Levou algum tempo para a família tornar a ver Uma.

Nos meses seguintes, ela dedicou todas as suas energias a levar a rebelião birmanesa ao conhecimento público indiano. Mandou artigos para o *Modern Review*, de Calcutá, e escreveu cartas para os principais jornais; fez todos os esforços para alertar seus compatriotas sobre o papel que os soldados indianos estavam sendo forçados a desempenhar no sufocamento do levante. Seus escritos não tiveram nenhum efeito perceptível. O público indiano estava consumido pelas preocupações com a política local e tinha pouco tempo para desperdiçar com a Birmânia.

Um dia, ao abrir um jornal bengalês, ela viu uma pavorosa ilustração de cabeças decapitadas alinhadas em cima de uma mesa. O artigo que acompanhava dizia assim: Estas são as cabeças dos rebeldes birmaneses que tombaram em um encontro com as tropas imperiais no distrito de Prome na Birmânia. Acredita-se que foram expostas no quartel militar de Prome com o propósito de atemorizar o coração daqueles que possam sentir tendências rebeldes.

Uma destacou o artigo com mãos trêmulas. Levou-o para sua mesa, tencionando guardá-lo na pasta onde mantinha seus recortes.

Quando estava fazendo isso, seus olhos pousaram sobre a pasta que continha o que restava de seu bilhete da KLM: estava ali esquecido num canto da mesa desde sua chegada.

Olhando para ele agora, pensou na cidade de onde havia partido no Fokker prateado; pensou nos empresários — os comerciantes de madeira e de petróleo — que haviam sido seus colegas de voo; pensou como todos eles se felicitavam de estar presentes no alvorecer de uma nova era, uma era em que a aviação tornaria o mundo tão pequeno que as divisões do passado desapareceriam. Ela também se juntara a eles: olhando lá de cima para as ondas espumantes da baía de Bengala, parecia impossível acreditar que o mundo encolhido que construía aquela aeronave fosse melhor que os mundos que o haviam precedido.

E agora, meses depois, ali estava aquela imagem — as 16 cabeças cortadas, expostas pelo poder dominante —, uma imagem tão cabalmente medieval quanto se podia imaginar. Lembrou-se que Prome era o local do Pagode Shwe Sandaw, tão venerável quanto o Shwe Dagon de Rangoon; lembrou-se da história contada por um de seus companheiros de voo, um explorador de petróleo grande e moreno. No dia do terremoto, ele estava sentado no Clube Inglês de Prome, bem ao lado do pagode Shwe Sandaw. Bem diante de seus olhos o pagode foi despedaçado pelo movimento da terra. Grande parte dele despencara sobre o terreno do clube.

Os olhos de Uma encheram-se de imagens relembradas: a visão terrível que tivera, emoldurada pelo para-brisas do Packard de Dolly; Rajkumar e sua cadeia de traições; a discussão no carro a caminho do aeroporto e, agora, as mortes desses 16 rebeldes e sua horrenda decapitação.

Esse dia marcou o começo de uma transformação em Uma, não menos profunda que o abalo que se seguira à morte do Coletor. Com a derrota da rebelião do Saya San da Birmânia, ela começou a repensar inteiramente suas ideias políticas. Era precisamente num

levante desse tipo que ela e seus parceiros políticos do Partido Ghadar haviam colocado suas esperanças.

Percebia agora que uma insurreição popular, inspirada por lenda e mito, não tinha nenhuma chance de vencer uma força como o Império tão hábil e impiedoso na mobilização de seu poder esmagador; tão cheio de recursos na manipulação da opinião. Pensando em retrospecto, ficava claro que populações desarmadas e tecnologicamente retrógradas como as da Índia e da Birmânia não podiam ter esperanças de derrotar pela força uma potência militar bem organizada e absolutamente moderna; que mesmo que tal esforço pudesse ser bem-sucedido, seria à custa de um inimaginável derramamento de sangue — uma rebelião de Saya San ampliada muitas centenas de vezes —, que lançaria os indianos uns contra os outros de tal forma que tornaria a vitória tão indesejável quanto a derrota.

No passado, ela repudiara o pensamento político do Mahatma Gandhi: a não-violência, pensava, era uma filosofia ilusória. Entendia agora que o Mahatma estivera décadas à frente de suas ideias. As ideias românticas de rebelião que alimentara em Nova York é que eram impraticáveis.

Lembrou-se das palavras do Mahatma, que tantas vezes lera e sempre repudiara: que o movimento contra o colonialismo era um levante de indianos desarmados contra aqueles que portavam armas — tanto indianos quanto britânicos —, que seu instrumento de eleição eram as armas do não-armamento, sua própria fraqueza a fonte de sua força.

Quando tomava uma decisão, Uma agia depressa. Escreveu ao Mahatma oferecendo seus serviços, e ele, em retribuição, convidou-a para o seu ashram em Wardha.

19



Mesmo quando muito pequenos, o sobrinho e a sobrinha mais velha de Uma eram famosos por sua beleza. Manju e Arjun tinham em comum um traço que lhes dava uma graça excepcional: uma covinha que aparecia quando riam, mas apenas numa face, a esquerda de Manju e a direita de Arjun. Quando estavam juntos, era como se um circuito se fechasse, uma simetria recuperada.

A atenção que sua aparência despertava deixou Manju consciente de sua aparência desde tenra idade. Ela cresceu muito alerta à impressão que causava nas pessoas. Sob esse aspecto, Arjun era o oposto dela: era despreocupado a ponto de ser negligente, e o que mais gostava era de ficar em casa com um colete puído e um longyi amarrado na cintura.

Arjun era o tipo de rapaz de cujo rendimento os professores reclamam como incorrigivelmente abaixo de seu potencial. Todo mundo sabia que ele tinha inteligência e habilidade para se sair bem na escola, mas seu interesse parecia estar mais voltado para flertar com garotas e ler romances. À hora das refeições, muito depois de todo mundo já ter terminado, ele continuava preguiçosamente sentado diante do prato, mascando espinhas de peixe e raspando os últimos restinhos de arroz empapado de daí. Quando ficou mais velho, Arjun passou a ser motivo de preocupação cada vez maior para todos da família. As pessoas começaram a sacudir a cabeça, a dizer: "Será que esse rapaz algum dia vai tomar jeito?" Então, num dia quente de abril, o torpor de

Lankasuka foi abalado pelo som da voz de Arjun emitindo urros e gritos. Todos na casa foram correndo à sacada dos fundos para olhar o pátio.

— Arjun, o que está fazendo? — disse a mãe.

— Entrei! Entrei! — Arjun dançava pelo pátio, vestido com o colete sujo e o longyi rasgado de sempre, sacudindo uma carta na mão.

— Entrou onde? — Na Academia Militar Indiana de Dehra Dun.

— Menino idiota. Do que está falando? — É verdade, sim. — Arjun subiu a escada correndo, o rosto incendiado, o cabelo caindo nos olhos. — Me aceitaram como cadete.

— Mas como pôde acontecer uma coisa dessas? Como eles sabiam quem é você? — Eu fiz um exame, mãe. Fui com — disse o nome de um colega de escola — e não contei para vocês porque achei que não ia entrar.

— Mas é impossível.

— Olhe.

Passaram a carta de mão em mão, deslumbrados com o papel duro e o emblema gravado no canto superior direito. Não teriam ficado mais surpresos se ele tivesse anunciado que tinha asas ou um rabo. Em Calcutá, naquela época, filiar-se ao Exército era coisa de que não se ouvia falar. Durante gerações, o recrutamento para o Exército britânico na Índia fora regulado por políticas raciais que excluía a maior parte dos homens do país, inclusive os de Bengala. Nem teria sido possível, até bem recentemente, indianos entrarem para o Exército como oficiais comissionados. A Academia Militar Indiana de Dehra Dun havia sido fundada há apenas cinco anos e o fato de alguns de seus lugares estarem abertos a exame público passara muito despercebido.

— Como pôde fazer isso, Arjun? Sem contar nada para nós?
— Estou contando, nunca pensei que fosse conseguir. Além disso, todo mundo está sempre dizendo que eu nunca faço nada... então pensei, tudo bem, vamos ver.

— Espere até seu pai chegar em casa.

Mas o pai de Arjun não ficou nada descontente com a notícia: ao contrário, ficou tão satisfeito que imediatamente organizou uma expedição de agradecimento ao templo de Kalighat.

— O rapaz agora assentou e não temos mais com que nos preocupar... — O alívio era bem visível em seu rosto. — É uma carreira que vem pronta: independentemente de ele se dar bem ou não, vai subir na hierarquia. No fim, haverá uma excelente pensão. Se ele for até o fim da Academia, vai estar com o futuro todo garantido.

— Mas não passa de um menino, e se ele se machucar? Ou pior ainda? — Bobagem. É uma possibilidade muito remota. É um trabalho como outro qualquer. Além disso, pense no status, no prestígio...

A reação de Uma foi ainda mais surpreendente. Desde que visitara o Mahatma Gandhi no ashram de Wardha, mudara sua filiação política.

Inscrevera-se no Partido do Congresso e começara a trabalhar na ala das mulheres. Arjun esperava que ela fosse tentar dissuadi-lo de se alistar.

Mas, em vez disso, ela disse: — O Mahatma acha que o país só pode se beneficiar tendo homens de consciência no Exército. A Índia precisa de soldados que não obedeçam cegamente a seus superiores...

A carreira de Manju tomou direção bem diferente da de seu irmão gêmeo.

Aos 21 anos de idade, chamou a atenção de uma destacada personalidade cinematográfica — um diretor cuja sobrinha era sua

colega de classe na escola. Homem de formidável reputação, o diretor estava então engajado em uma muito difundida busca de uma atriz principal. A história dessa procura despertava grande excitação em Calcutá.

Manju foi descoberta, sem ter noção disso, quando estava na faculdade: a primeira notícia que teve foi quando recebeu um convite para um teste filmado. O instinto de Manju foi recusar: sabia que era tímida e insegura, era difícil imaginar que pudesse gostar de representar. Mas, ao voltar para Lankasuka essa tarde, descobriu que o convite não era tão fácil de dispensar como tinha imaginado. Começou a ter dúvidas.

O quarto de Manju tinha uma janela grande; no passado, era geralmente sentados no peitoril que ela e Arjun conversavam. Nunca antes tivera de decidir nada sozinha; sempre tivera Arjun com quem conferenciar. Mas Arjun agora estava a centenas de quilômetros, no quartel de seu batalhão em Saharanpur, no norte da Índia.

Sentou-se sozinha no peitoril da janela, trançando e destrançando o cabelo, olhando os banhistas da tarde pulando no lago próximo. Então, levantou-se e foi buscar a lata de biscoitos Huntley e Palmer em que guardava as cartas de Arjun. As mais antigas datavam de seus dias como "cadete cavalheiro", e o papel de carta vinha gravado com o emblema da Academia Militar Indiana. As páginas estalaram nos dedos dela. Como ele escrevia bem — com frases e parágrafos organizados. Quando estavam juntos, sempre falavam bengalês, mas as cartas eram em inglês — um inglês idiomático, não familiar, com palavras de gíria que ela não reconhecia e não conseguia encontrar no dicionário.

Ele tinha ido a um restaurante "na cidade" com outro cadete, Hardayal Singh — conhecido como "Hardy" pelos amigos —, e tinham comido carradas de sanduíches e bebido baldes de cerveja.

A última carta havia chegado dias antes. O papel era diferente agora, trazia a insígnia de seu novo regimento, o 1º de Infantaria Ligeira Jat.

É tranquilo aqui, porque estamos em nossa sede em Saharanpur. Você deve pensar que passamos o tempo todo marchando ao sol. Mas não é nada assim.

A única coisa difícil é levantar cedo para ir ao pátio de manobras para o treinamento físico com os homens. Depois disso, é bem sossegado; a gente passeia por aqui batendo continência e observando os oficiais que colocam seus homens para fazer exercícios e treinar com armas. Mas isso leva só algumas horas e aí nos trocamos para o café da manhã, que é às nove horas (montes de ovos, bacon e presunto). Depois, alguns vão para a sala de ordenança para o caso de trazerem algum dos homens. De vez em quando, os oficiais de sinalização nos fazem repassar os últimos códigos de campo, ou então temos aulas de leitura de mapas e contabilidade de duplas entradas — esse tipo de coisas. Aí, o almoço — com cerveja e gim para quem quiser (mas nada de uísque!) —, e depois disso a gente está livre para ir para o quarto. Mais tarde, geralmente dá tempo de jogar uma partida de futebol com os homens. Aí pelas 19h30 vamos todos para o gramado em frente ao refeitório, tomar uns uísques antes do jantar.

Chamamos o refeitório de Berçário, de piada, porque os vasos de plantas morrem na hora que são colocados lá — ninguém sabe por quê. Tem gente que diz que é por causa do Pó do Passado dos Coronéis. Nós caçamos do Berçário, mas vou dizer uma coisa, às vezes, no meio do jantar ou quando estamos fazendo um brinde, eu olho em torno e mesmo agora, depois de todos esses meses aqui, simplesmente não consigo acreditar na minha sorte...

A última conversa longa que Manju teve com Arjun foi ali mesmo, no peitoril daquela janela. Fazia pouco mais de um ano, logo depois que ele se formou na Academia. Ela ficava querendo

chamá-lo de Segundo-tenente Arjun — em parte para brincar com ele, mas também porque gostara do som das palavras. Ficara decepcionada de ele não usar muito a farda, mas ele riu quando ela falou disso.

— Por que não pode me exibir para suas amigas do jeito que eu sou? A verdade era que a maioria de suas amigas da faculdade já estava apaixonada por ele. Elas a atormentavam por notícias dele, e quando estavam na casa faziam coisas incríveis para ficar bem vistas pela família — à espera, claro, de que alguém lembrasse delas quando fosse hora de procurar uma noiva para Arjun.

Antes de ele ir embora para a Academia, ela nunca entendera bem por que as amigas o achavam tão bonito: para ela, era apenas Arjun, seu rosto, um rosto de irmão. Então ele voltou para uma visita e foi como se o visse pela primeira vez. Teve de admitir que a impressionara muito, com o bigode crescendo bem e o cabelo cortado curto. Sentira ciúmes, medo de que não quisesse ficar com ela. Mas ele logo a tranquilizou. Sentou-se no peitoril todos os dias, usando o colete e o velho longyi surrado de sempre. Conversaram durante horas e ela descascara laranjas, mangas e lechias para ele — Arjun continuava com a mesma fome de sempre.

Falava sem parar do 1 de Infantaria Ligeira Jat. Inscrevera-se em meia dúzia de outros regimentos, mas desde o início havia apenas um que ele realmente queria — era o 1 Jats. A razão, em parte, era que seu amigo Hardy tinha se inscrito para o 1 Jats também e era quase certeza que ia entrar. Ele vinha de uma velha família do Exército e seu pai e avô ambos haviam servido no regimento. Mas, é claro, para Arjun era diferente — não tinha nenhuma ligação no Exército —, e estava preparado para uma decepção. O resultado foi que ficou supercontente ao saber que havia sido aceito pelo regimento: A noite em que fui recebido no regimento com um jantar formal foi talvez a noite mais feliz de minha vida. No momento em que escrevo estas coisas, me dou

conta de que para você isso, provavelmente, vai parecer estranho, Manju. Mas o negócio é que é verdade: tem de se lembrar que o regimento vai ser minha casa pelos próximos 15 ou vinte anos — talvez até mais, se as coisas não forem muito bem na minha carreira e eu nunca for nomeado para nenhum posto (Deus me livre!).

Mas o que mais me anima mesmo é o meu batalhão. Isso talvez seja uma surpresa para você, porque os civis sempre acham que o regimento é a coisa mais importante no Exército. Mas, na verdade, no Exército indiano, um regimento é só uma coleção de símbolos — cores, bandeiras, essas coisas. Temos orgulho de nosso regimento, claro, mas eles não são unidades operacionais e praticamente o único momento em que os batalhões de um regimento se encontram é quando acontece uma Troca das Cores — e leva séculos para isso acontecer.

O resto do tempo se vive e se trabalha no próprio batalhão, e é isso que realmente interessa: a vida pode virar um inferno se a pessoa se vê no meio do tipo de gente errado. Mas também nisso eu tive uma sorte dos diabos — Hardy puxou suas cordinhas "fauji" e garantiu que nós ficássemos no mesmo batalhão — o Primeiro. Oficialmente, nós somos o 1/1 Infantaria Ligeira Jat, mas todo mundo nos chama de 1/1 Jats — a não ser de vez em quando, quando se cruza com algum leão marinho de coronel dos antigos que ainda usa nosso antigo nome que é "o Real". A história é que o nosso batalhão lutou tão bem nas guerras Mahratta que quando lorde Lake chegou ao litoral nos homenageou com um título especial: o Batalhão Real.

Ontem, Hardy e eu estávamos olhando as condecorações de combate do batalhão e, juro a você, Manju, a lista é do comprimento do meu braço.

Durante o Motim nossas tropas permaneceram leais — uma de nossas companhias estava na coluna que capturou o antigo Imperador, Bahadur Shah Zafar, no esconderijo dele na tumba de

Humayun. Notei uma coisa que aposto que vai interessar a Dinu e Neel — o Real esteve na Birmânia durante o avanço do general Prendergast sobre Mandalay e lutou tão bem que ficou conhecido como "jamail-sahib ki dyni haat ki paltan" — batalhão braço direito do general.

Para dizer a verdade, Manju, é até um pouco sufocante pensar em tudo isso. Você devia ver a lista das nossas medalhas: uma Cruz de Vitória pelo Som — me; duas Cruzes Militares por sufocar a rebelião árabe da Mesopotâmia em 18; meia dúzia de DSOs [Condecoração por Distinção em Serviço] e OBEs [Condecoração da Ordem do Império Britânico] pelo combate aos rebeldes boxer na China. Às vezes, quando acordo de manhã, ainda acho difícil acreditar que realmente faço parte desse grupo de homens. A pessoa fica muito orgulhosa, mas também humilde ao pensar que é preciso viver à altura de tudo isso, O que me deixa ainda mais orgulhoso é a ideia de que Hardy e eu vamos ser os primeiros oficiais indianos do 1/1 Jats: parece uma responsabilidade tão grande — como se nós estivéssemos representando nosso país inteiro! Além disso tudo, temos um comandante absolutamente chique — o tenente-coronel Buckland —, que todo mundo chama de Bucky. Olhando para ele nem se diz que é um soldado, parece mais um professor. Ele veio dar palestra na Academia algumas vezes: era tão bom que conseguiu fazer História Militar parecer interessante. É também um mago de operações, adorado pelos homens. A família dele é do 1/1 Jats desde a época em que se chamava Batalhão Real, e acho que não existe um único homem na base cujo nome ele não saiba. Mas não são só os nomes, não — ele conhece a aldeia de onde vieram e quem casou com a filha de quem e quanto foi pago de dote.

Claro, eu sou júnior e não tenho certeza se ele sabe que existo.

Hoje é Noite de Convidados no Berçário, então é melhor eu ir indo. Meu novo ordenança está passando minha faixa e pelo jeito que está olhando para mim dá para perceber que está na hora de vestir o smoking. O nome dele é Kishan Singh e veio trabalhar para mim faz só algumas semanas. É um sujeito magro, que parece empenhado, e no começo achei que não ia servir, mas ele se mostrou muito bom. Lembra daquele livro que Uma me mandou — os contos de O. Henry? Você não vai acreditar, mas uma noite deixei o livro em cima da cama e, quando voltei, ele estava com a cara enfiada nas páginas. Tinha um ar intrigado, como um urso que brinca com um aparelho de rádio. Ficou apavorado quando foi descoberto olhando meu livro — paralisado feito uma estátua. Então contei a ele a história do colar perdido. Tinha de ver a cara dele, parado ali, como se estivesse enfrentando uma corte marcial, olhando para a parede, enquanto eu lia as páginas, traduzindo para hindustâni. Quando terminei, berrei para ele, com minha melhor voz de pátio de manobras: "Kishan Singh! O que acha desta kahani?" E ele disse: "Sahib, é uma história muito triste..." Posso jurar que ele estava com lágrimas nos olhos. Eles são muito sentimentais, esses faujis, apesar dos bigodes e dos olhos congestionados. É verdade o que os britânicos dizem: de coração eles são muito íntegros; o sal da terra — pode-se contar com a fidelidade deles, O tipo de homem que se deseja ter ao lado num aperto.

Foi a carta de Arjun que fez Manju reconsiderar a ideia do teste cinematográfico. Lá estava seu irmão gêmeo, a quilômetros de distância, bebendo uísque, comendo no refeitório dos oficiais e com um ordenança para passar o smoking. E ela em Calcutá, no mesmo quarto em que passara a vida inteira, trançando o cabelo como fazia quando tinha 7 anos. O mais horrível é que ele nem fingia estar sentindo saudades de casa.

Ela agora estava sozinha e ia ter de pensar no rumo a tomar. Se dependesse de sua mãe, Manju sabia, seu futuro já estava decidido: sairia de casa como esposa de alguém, e nem um dia antes disso. As mães dos dois possíveis noivos já tinham vindo visitar para "ver" Manju. Uma delas puxara discretamente seu cabelo para se certificar de que não estava usando peruca; a outra a fizera mostrar os dentes como se fosse um cavalo, afastara seus lábios com os dedos, estalando a língua. A mãe ficara cheia de desculpas depois, mas deixara claro que não estava em seu poder garantir que esses incidentes não fossem se repetir: fazia parte do processo. Manju sabia que provavelmente tinha pela frente muitos testes assim.

Manju olhou de novo o convite do diretor, O estúdio ficava em Tollygunge, no fim da linha 4 do bonde que ela tomava todos os dias para ir à faculdade. Tudo o que tinha a fazer era seguir na direção oposta.

Não demorava muito para chegar até lá. Resolveu que iria — só para ver como era.

Mas então surgiu uma porção de problemas práticos. O que vestir, por exemplo? O sári de seda "boa" benarasi, que usava em casamentos, estava trancado no almirah de sua mãe. Se fosse pedir, a mãe ia arrancar dela a verdade em questão de minutos, e seria o fim do teste. Além disso, o que as pessoas diriam se saísse de casa vestida com o benarasi ouro e carmesim às 11 da manhã? Mesmo que conseguisse passar pela mãe, toda a vizinhança estaria se manifestando antes de ela chegar ao fim da rua.

Concluiu que o diretor não teria procurado uma garota de faculdade se quisesse uma atriz com roupa de luxo. Resolveu usar o melhor de seus algodões brancos, um com xadrez verde. Mas, assim que decidiu, parece que dez outros dilemas apareceram. E a maquiagem? Pó? Batom? Perfume? Chegou a manhã, e como era de se esperar tudo deu errado, O sári que ela resolvera usar não tinha

voltado da dhobi; teve de escolher um outro, muito mais antigo, com uma lágrima aplicada no anchal. O cabelo não parava no lugar, e por mais que enrolasse o sári, a barra ficava arrastando e a fazia tropeçar. Ao sair, passou pela sala de puja para fazer uma oração — não porque quisesse muito ser escolhida, mas só para conseguir atravessar as horas seguintes sem passar por boba.

Claro que a mãe a viu saindo da sala de puja.

— Manju, é você? O que está fazendo na sala de puja? Está com algum problema? — Desconfiada, examinou o rosto de Manju: — E por que está assim cheia de pó de arroz? É assim que você se veste para ir para a faculdade? Manju escapuliu com a desculpa de ir ao banheiro para lavar o rosto.

Andou depressa na rua até o ponto de bonde. Mantinha o rosto baixo, o sári cobrindo a cabeça, rezando para os vizinhos não notarem que ia pegar outro bonde. Quando achou que tinha conseguido passar sem chamar atenção, o velho Nidhu-babu saiu correndo da farmácia da rua Lake.

— É você mesmo, Manju-didmoni? — Ele levantou o dhoti e dobrou-se em dois para poder olhar o rosto dela coberto pelo sári. — Mas por que está esperando do lado errado da rua? Por aqui você vai parar em Tollygunge.

Tomada pelo pânico, conseguiu inventar uma história de que ia visitar uma tia.

— Ah? — disse o farmacêutico, coçando a cabeça.

— Mas então tem de vir esperar dentro da loja. Não pode ficar parada aí no sol.

— Estou bem, de verdade — ela agradeceu. — Não se preocupe comigo. Estou bem. Pode voltar para sua loja.

— Como quiser. — Ele voltou, coçando a cabeça, mas minutos depois retornou, com um assistente que trazia uma cadeira. — Se quer esperar aqui — disse o velho farmacêutico —,

pelo menos tem de sentar. — O assistente colocou a cadeira no ponto do bonde e espanou-a com um floreio.

Parecia mais fácil ceder que resistir. Manju permitiu-se ser entronizada na cadeira, bem ao lado do empoeirado ponto de bonde. Mas, em minutos, seus piores medos se concretizaram: formou-se uma multidão para olhar para ela.

— É a filha dos Roy — ouviu o farmacêutico explicar para a turba. — Mora ali adiante na rua, naquela casa. Vai visitar a tia em Tollygunge. Vai faltar à faculdade.

Então, para seu alívio, o bonde finalmente chegou. O farmacêutico e o assistente mantiveram os outros afastados para Manju ser a primeira a subir.

— Vou mandar um recado para sua mãe — o velho gritou —, para ela saber que você embarcou em segurança para Tollygunge.

— Não — Manu suplicou, torcendo as mãos, debruçada da janela —, não precisa...

— Como é? O farmacêutico levou a mão ao ouvido.

— É, falei que vou mandar alguém levar um recado para sua mãe. Não, não é trabalho nenhum, não há de quê...

Já abalada com esse mau começo, Manju ficou ainda mais desanimada quando chegou ao estúdio. Esperava algo glamouroso, como o Grand Hotel ou o Cine Metro, ou os restaurantes da rua Park com suas luzes brilhantes e toldos vermelhos. Mas, em vez disso, viu-se entrando em um prédio que parecia um depósito ou uma fábrica, um grande barracão com teto de zinco. Carpinteiros e mestres trabalhavam arduamente ali dentro, esticando telões e levantando palanques de bambu.

Um vigia levou-a à sala de maquiagem, uma cabine pequena, sem janelas, de paredes de madeira feitas com caixotes de chá recortados. Duas mulheres estavam lá dentro, deitadas em cadeiras inclinadas, mascando paan, os sáris esvoaçantes brilhando nos espelhos fortemente iluminados atrás delas. Ambas apertaram os

olhos para olhar Manju dos pés à cabeça, os maxilares mexendo em perfeita sincronia.

— Por que essa aí está vestida de enfermeira? — uma resmungou para a outra.

— Quem sabe está indo para o hospital.

Soltaram gargalhadas e então um sári foi jogado nas mãos de Manju, uma peça de chiffon roxo com uma barra rosa brilhante.

— Vamos lá. Pode se trocar.

— Por que isso? — Manju arriscou protestar.

— Combina com sua cor — disse uma das mulheres, enigmaticamente. — Vista.

Manju olhou a sala, procurando um lugar para se trocar.

Não havia nenhum.

— O que está esperando? — a mulher ralhou. — Depressa. O diretor vai receber uma visita importante hoje. Não pode ficar esperando.

Em toda sua vida adulta, Manju nunca havia se despido na frente de ninguém, nem mesmo de sua mãe. Quando entendeu que ia ter de se despir diante do olhar avaliador daquelas duas mulheres mascadoras de paan, sentiu as pernas amolecerem. A coragem que a trouxera até ali começou a esvaziar.

— Vamos — as mulheres apressaram. — O diretor vai trazer um empresário que quer botar dinheiro no filme. Não pode ficar esperando. Hoje tem de ser tudo o máximo. — Uma delas arrancou o sári das mãos de Manju e começou a trocar sua roupa. Em algum lugar próximo, um carro estacionou.

A isso seguiu-se uma leva de vozes de boas-vindas. "O convidado chegou", alguém gritou na porta. — Depressa, depressa, o diretor vai chamar a moça a qualquer minuto.

As duas mulheres correram para a porta, para espiar o personagem recém-chegado.

— Ele não parece importante, com aquela barba e tudo? E olhe o terno dele... alinhado desse jeito...

As mulheres voltaram rindo e jogaram Manju numa cadeira.

— Basta olhar para ver que é rico...

— Ah, se ele quisesse casar comigo...

— Com você? Por que não eu? Manju olhou para o espelho, sem entender nada. Os rostos das duas mulheres pareciam monstruosamente grandes, as bocas caçoístas grotescas em forma e tamanho. Uma unha afiada riscou-lhe a cabeça e ela gritou um protesto.

— O que está fazendo? — Vendo se não tem piolhos.

— Piolhos? — Manju gritou, indignada. — Eu não tenho piolhos.

A última tinha. E não só na cabeça. — Em seguida, grandes gargalhadas.

— Como você sabe? — Manju desafiou.

O sári saiu andando sozinho quando ela tirou.

O sári! — Manju deu um grito e pulou da cadeira, agarrou o sári que tinham lhe dado, tentando arrancá-lo fora.

As duas mulheres quase morreram de rir.

— É brincadeira. — Estavam quase sem ar de tanto rir.

— Era outro sári. Não esse.

Manju começou a chorar.

— Quero ir para casa — disse. — Por favor, me deixem ir embora. Não me mandem falar com eles.

— Todo mundo que vem aqui fala isso — as mulheres lhe garantiram. — Depois ficam para sempre.

Pegaram-na pelos braços e a levaram para o estúdio fortemente iluminado.

Manju estava agora completamente perturbada, os nervos à flor da pele.

Para evitar chorar, mantinha os olhos pregados no chão, o sári cobrindo a cabeça. Então, um par de sapatos pretos brilhantes entrou em seu campo de visão. Ela ouviu que estava sendo apresentada ao diretor. Juntou as mãos e sussurrou um nomoshkar sem levantar os olhos. Então, viu um segundo par de sapatos se aproximando.

— E este aqui é meu bom amigo — entoou a voz do diretor —, Mr. Neeladhri Raha, de Rangoon...

Ela levantou a cabeça. Se não tivesse ouvido o nome, não saberia quem era. Havia encontrado Neel e Dinu muitos anos antes. Os dois tinham vindo com a mãe, hospedados no andar de baixo do apartamento de tia Uma.

Mas ele parecia completamente diferente, com a barba preta aparada e o terno.

— Neel? Ele ficou olhando para ela, a boca aberta, a língua presa para cima numa exclamação não pronunciada. Não que a reconhecesse, a razão de não conseguir falar foi que ela era, sem sombra de dúvida, a mulher mais linda com que ele jamais havia falado.

— Neel, é você? — Manju perguntou. — Não lembra de mim? Eu sou Manju, sobrinha da tia Uma.

Ele balançou a cabeça, em lenta incredulidade, como se tivesse esquecido o som do próprio nome.

Ela voou para ele e envolveu seu peito com os braços.

— Ah, Neel — disse, enxugando os olhos no paletó dele. — Me leve para casa.

O camarim era outra coisa quando Manju voltou para pegar suas roupas. As duas maquiadoras eram agora quase devotas em sua gentileza.

Então conhece ele, é? Mas por que não contou para a gente? Manju não perdeu tempo com explicações. Trocou de roupa depressa e foi correndo para a porta. Neel estava do lado de fora,

esperando na porta de passageiros de um Delage D8 Drophead 1938 novo. Abriu a porta e ela entrou. O carro cheirava a cromo e couro novo.

— Que lindo carro — disse ela. — É seu? — Não. — Ele riu. — O dono da loja me ofereceu emprestado uns dias, não pude resistir. — Os olhos deles se encontraram um momento e ambos desviaram depressa.

— Para onde gostaria de ir? — disse ele. Virou a chave de ignição e o Delage respondeu ronronando.

— Vamos ver... — Agora que estava sentada no carro, não tinha mais pressa de ir para casa.

Ele começou a dizer alguma coisa: — Bom...

Ela sabia que os dois estavam pensando na mesma linha.

— Talvez... — A frase que começara promissora em sua cabeça morreu sem terminar em sua boca.

— Sei.

— É.

De alguma forma, essa conversa sucinta conseguiu comunicar tudo o que queriam dizer. Neel acelerou o carro e saiu do estúdio. Ambos sabiam que não iam para nenhum lugar em particular, mas apenas gozar o prazer sensorial de estar num carro em movimento.

— Fiquei surpreso de ver você naquele estúdio — disse Neel com uma risada. — Quer mesmo ser atriz? Manju sentiu que estava mudando de cor.

— Não — disse. — Só queria ver como era. As coisas são muito sem graça em casa...

Depois de dizer isso, não conseguiu mais parar. Viu-se contando para ele coisas que não havia contado a mais ninguém: o quanto sentia falta de Arjun; como as cartas dele da Academia Militar a enchiam de desespero sobre seu próprio futuro; sobre a maldição que era para uma mulher viver por intermédio de um

irmão gêmeo. Contou até dos pretendentes que a mãe tentava lhe arranjar; sobre as mães dos possíveis noivos que lhe puxavam o cabelo e inspecionavam os dentes.

Ele não falou muito, mas ela entendeu que o silêncio dele era causado sobretudo por uma habitual falta de palavras. Era difícil ler o seu rosto por trás da cerrada barba negra, mas sentia que ele ouvia com interesse, absorvendo tudo.

— E você? — ela perguntou afinal. — É mesmo um grande produtor cinematográfico? — Não! — A palavra explodiu de sua boca com a força de uma imprecação. — Não. Não foi ideia minha, absolutamente. Foi Apé, meu pai, quem sugeriu...

O que ele queria mesmo, disse, era trabalhar no comércio de madeiras.

Pedira permissão para juntar-se ao negócio familiar — só que o pai recusara. Rajkumar sugerira que pensasse em outras linhas de trabalho: o comércio de madeira não era para todo mundo, dissera, principalmente um rapaz criado na cidade como Neel. Neel insistira e ele lhe dera uma soma em dinheiro e dissera para voltar quando tivesse duplicado o capital. Mas como?, Neel perguntara. A resposta de Rajkumar foi: Vá e invista em cinema — em qualquer coisa. Neel tinha levado ao pé da letra. Procurara um filme no qual investir e não conseguira achar nenhum em Rangoon. Então resolvera viajar para a Índia.

— Há quanto tempo está aqui então? — Manju perguntou. — E por que não foi nos visitar? Podia ter ficado com Uma-pishi, no andar de baixo.

Neel coçou a barba, desajeitado.

— É — disse —, mas sabe, o problema é que...

— O quê? — Meu pai não se dá com sua tia.

— Isso não importa — Manju disse. — Sua mãe vem às vezes. Tenho certeza de que seu pai não ia se importar se você fosse também.

— Talvez não... mas eu não ia querer, afinal.

— Por que não? — Bom. — Neel coçou a barba outra vez. — Não seria direito...

— Por que não? — Não sei explicar. — Deu-lhe um olhar divertido e ela viu que ele estava lutando para encontrar as palavras para o pensamento que nunca articulara antes, nem para si mesmo.

— Diga.

— Sabe — disse ele, quase pedindo desculpas —, é que eu sou o único que ficou do lado dele.

Manju levou um susto.

— O que quer dizer? — Que é isso que eu sinto — disse Neel. — Que eu sou o único do lado dele. Olhe meu irmão, Dinu, por exemplo... às vezes, acho que ele realmente detesta Apé.

— Por quê? — Talvez porque... eles sejam opostos.

— E vocês dois são parecidos? — Somos — disse ele. — Pelo menos, é o que eu gostaria de achar.

Ele desviou os olhos da estrada e sorriu para ela.

— Não sei por que estou contando essas coisas — disse. Me sinto um idiota.

— Não é, não... entendo o que você está querendo dizer...

Continuaram rodando, mais ou menos ao acaso, por uma rua e outra, dando ré em becos sem saída e fazendo curvas em umas avenidas mais largas. Já estava quase escuro quando ele a deixou. Concordaram que seria melhor ele não entrar.

Encontraram-se de novo no dia seguinte e no outro. Ele estendeu sua estada e depois de um mês mandou um telegrama para a Birmânia.

Um dia, Dolly apareceu na porta do escritório de Uma.

— Dolly? Você aqui? — É. E você não vai acreditar por quê...

20



O casamento foi como uma força da natureza, mudou tudo o que tocou. Em questão de dias, Lankasuka se transformou em uma imensa, ruidosa feira.

Em cima da casa, uma equipe de construtores de pandal trabalhava, levantando uma imensa tenda de pano colorido e bambu. No pátio dos fundos, sombreado por árvores, um pequeno exército de cozinheiras contratadas armara suas barracas e cavara poços para os fogos de cozimento. Era como se um carnaval tivesse se instalado na residência.

Bela era a mais jovem da casa; aos 15 anos, era uma menina magra, desajeitada, desabrochando para uma tardia e complicada adolescência.

Oscilava entre a apreensão e a animação, sem saber se se jogava nas festividades ou se escondia na cama.

Com a chegada do casamento, um redemoinho de telegramas — até então tão raros e tão temidos — varreu Lankasuka, abalando as portas e janelas fechadas. Não se passava um dia sem que Bela visse um carteiro subindo a escada com um envelope cor-de-rosa. Arjun devia chegar de trem, acompanhado por seu ordenança, Kishan Singh. Dolly, Dinu e Rajkumar viriam de avião dois dias antes, num novíssimo DC-3 da KLM.

A excitação alcançou o ápice no dia da chegada do grupo de Rangoon.

Providencialmente, naquele ano a família havia resolvido comprar um carro, com as despesas repartidas igualmente entre Uma e o irmão. O carro havia sido entregue quando os preparativos estavam em marcha, um modesto Jowett de oito cavalos, modelo 1939, novinho, com um capô comprido e bela grade de radiador ovalada. Além disso, o grupo matrimonial teria também o uso do Delage Drophead que mais uma vez Neel conseguira pegar emprestado com o comerciante.

Chegaram ao aeroporto de Dum Dum, que descobriram estar completamente diferente da época em que Uma voltara para a Índia. A velha pista de pouso era agora um aeroporto propriamente dito, com instalações alfandegárias próprias. Cento e cinquenta acres de terra haviam sido abertos e três novas pistas construídas. Havia um belo prédio de administração de três andares com uma torre de controle envidraçada e uma sala de rádio. A área de visitantes havia mudado também: eles se viram entrando em uma grande galeria intensamente iluminada, com ventiladores girando energicamente no alto. Em um extremo da galeria, havia um rádio transmitindo notícias; no outro, um grande balcão que vendia chá e petiscos.

— Olhe! — Bela foi correndo às janelas e apontou um avião que circulava no céu. Observaram o DC-3 baixar e pousar. O primeiro a descer foi Dinu.

Estava vestido com longyi comprido e camisa solta, e a roupa batia contra seu corpo esguio e compacto, parado ali no asfalto à espera dos pais.

Dolly e Rajkumar desceram por último. Dolly vestida com um longyi verde listrado e, como sempre, com uma flor branca no cabelo. Rajkumar andava muito devagar, um pouco apoiado em Dolly. O cabelo estava coberto de neve e as rugas do rosto haviam afundado em curvas cansadas, para baixo.

Rajkumar estava agora com seus 65 anos. Recentemente, sofrera um pequeno derrame e deixara o leito contra as ordens do médico. Seu negócio, ameaçado pela Depressão, não era mais tão lucrativo quanto fora um dia.

A indústria de teca mudara ao longo dos últimos dez anos e os madeireiros antiquados como Rajkumar haviam se tornado anacronismos.

Rajkumar estava atrelado a imensas dívidas e fora forçado a vender muitas propriedades.

Mas, no que dizia respeito aos preparativos para o casamento de Neel, Rajkumar resolvera deixar de lado as dificuldades financeiras. Tudo o que todo mundo havia feito ele queria fazer maior e mais grandioso. Neel era seu favorito e estava decidido a transformar o casamento de seu menino numa grande ocasião, para compensar todas as comemorações perdidas em sua própria vida.

Dinu era o favorito de Bela: ela gostava da aparência dele, com as maçãs do rosto magras, ossudas e a testa larga; gostava da seriedade dele e do jeito como ouvia as pessoas com a testa franzida em atenção, como se estivesse preocupado com o que diziam; gostava até do jeito como ele falava, em pequenas explosões, como se as ideias saíssem dele em jorros.

No dia em que foram à estação Howrah para pegar Arjun, Bela cuidou de sentar ao lado de Dinu. Notou que ele levava uma bolsa de couro no colo.

— O que tem aí? — perguntou.

Ele abriu a mala e mostrou. Era uma câmera nova, de um tipo que ninguém nunca tinha visto.

— É uma Rolleiflex — disse. — Uma reflex com lentes gêmeas... — Tirou a máquina da bolsa e mostrou para ela como funcionava; abria-se como uma caixa articulada, a tampa se desdobrava para se poder olhar por cima.

— Tenho um tripé para ela — disse ele. — Você pode olhar... quando eu armar...

— Por que está levando para a estação? — ela perguntou. Ele encolheu os ombros, vago.

— Vi umas fotos outro dia — disse. — Fotos de ferrovias, de Alfred Stieglitz... e fiquei pensando...

A câmera provocou uma agitação quando Dinu a montou em Howrah. A estação estava lotada e juntou muita gente para olhar. Dinu ajustou a altura do tripé para Bela.

— Venha aqui... olhe.

A plataforma era comprida, com teto de aço corrugado em abóbada. A luz do sol de fim de tarde infiltrava-se por baixo da saia em arcos do teto, criando um efeito severo de contraluz. Em primeiro plano, havia um grande número de pessoas: carregadores de paletó vermelho, apressados vendedores de chá e passageiros à espera, com montanhas de bagagem.

Dinu apontou os detalhes para Bela.

— Acho que isto é até melhor do que as fotos que eu tinha em mente — disse —, por causa de toda essa gente... e do movimento...

Bela olhou de novo, e de repente, como por mágica, Arjun apareceu no quadro. Estava descendo de um vagão, segurando a barra de aço da porta aberta. Ele saltou depressa quando os viu e o movimento do trem ainda rodando deu-lhe um impulso. Foi surgindo a correr da névoa branca opaca que saía dos exaustores da locomotiva, rindo ao desviar-se dos vendedores e carregadores que enxameavam pela plataforma. A túnica da farda cáqui era justa na cintura, e ele usava o boné de lado na cabeça. Correu para eles de braços abertos, rindo, carregou Manju e girou e girou com ela.

Bela saiu de trás da câmera, esperando se esconder até Arjun esgotar essa primeira onda de exuberância de volta ao lar. Mas então ele a viu.

— Bela! Curvou-se para carregá-la em cima da cabeça, ignorando seus gritos de protesto. Enquanto voava, com o tumulto da estação girando em torno de sua cabeça, seus olhos pousaram em um soldado que se aproximara sem ser visto e estava parado um passo atrás de Arjun. Parecia mais novo que Arjun e era de constituição menor; ela notou que estava carregando a bagagem de Arjun.

— Quem é esse? — sussurrou no ouvido de Arjun.

Ele deu uma olhada por cima do ombro para ver para quem ela estava olhando.

— Este é Kishan Singh — disse —, meu ordenança.

Colocou-a no chão e foi até os outros, falando, excitado. Bela foi atrás dele, seguindo no passo de Kishan Singh. Ela roubou um olhar: ele era bonito, pensou; a pele tinha um brilho de veludo escuro, e embora o cabelo fosse muito curto, dava para ver que era bonito e liso; gostou do desenho que formava em torno de sua testa. Os olhos estavam fixos à frente, como se fosse uma estátua em movimento.

Só quando estavam para entrar no carro foi que teve certeza de que ele tinha consciência de sua presença. Seus olhos se encontraram por um instante e houve uma rápida mudança em sua expressão, um ligeiro sorriso. A cabeça de Bela girou: não sabia que um sorriso podia ter tamanho impacto físico — como o golpe de um objeto voador.

Quando estava para entrar no carro, Bela ouviu Dinu dizer para Arjun: — Já soube? Hitler assinou um acordo com Mussolini... pode haver uma nova guerra.

Mas ela não escutou a resposta do irmão. Durante todo o caminho para casa, não ouviu uma palavra do que ninguém disse.

21



Embora Dinu e Arjun se conhecessem havia muito tempo, nunca tinham sido amigos. Dinu costumava pensar em Arjun como um bicho de estimação grande e desajeitado — um cachorro grande talvez, ou uma mula bem treinada —, uma criatura de infalível boa vontade a abanar o rabo, mas incuravelmente indolente e mal capaz de uma articulação correta. Mas Dinu não era tão arrogante a ponto de não estar disposto a se corrigir.

Na estação de Howrah, no dia em que fotografou Arjun correndo pela plataforma, viu imediatamente que aquela era uma pessoa muito diferente do rapaz que havia conhecido. Arjun perdera a sonolência e o padrão de seus discursos não era mais tão quebrado e indistinto quanto havia sido.

Isso em si era um interessante paradoxo, pois o vocabulário de Arjun parecia consistir principalmente de jargão misturado com pedaços diversos de gíria inglesa e punjabi — todo mundo era ou "chap" ou "yaar".

Mas no caminho da estação para casa, Arjun fez uma coisa que deixou Dinu perplexo. Ao lembrar um exercício tático, ele disparou numa descrição de um aspecto de topografia — um morro. Arrolou as cristas e projeções, a exata natureza da vegetação e a cobertura que fornecia, citou o ângulo da inclinação da encosta e riu do modo como seu amigo Hardy tinha errado no cálculo de forma que seu resultado "não dava certo".

Dinu entendeu as palavras, imagens e a ponte de metáfora que ligava as duas coisas — eram linguagens que ele nunca pensara associar a Arjun. No entanto, ao final da descrição de Arjun, Dinu sentiu que era capaz de ver a montanha na cabeça. Dos que ouviram o relato de Arjun, talvez só ele tivesse plena consciência da extrema dificuldade de se atingir tamanha minúcia de lembrança e tamanha vivacidade de descrição: ficou assombrado tanto com a precisão da narrativa de Arjun como pela absoluta falta de vaidade com que foi apresentada.

— Arjun disse, pondo nele seu olhar duro, sem piscar. — Estou perplexo... você descreveu a montanha como se lembrasse de cada pedacinho dela.

— Claro — disse Arjun. — Meu comandante disse que, sob fogo, paga-se com a vida cada detalhe que se perde.

Isso também chamou a atenção de Dinu. Imaginara que ele sabia o valor da observação, mas nunca pensara que esse valor pudesse ser pesado em vidas. Havia algo humilhante nessa ideia. Considerava o treinamento de soldados como, em primeiro lugar, uma coisa física, uma questão corporal. Bastou apenas uma conversa para lhe mostrar que estava errado.

Os amigos de Dinu eram principalmente escritores e intelectuais; nunca havia conhecido um militar em toda sua vida. Agora, de repente, em Calcutá, viu-se cercado de soldados. Horas depois de sua chegada, Arjun encheu a casa com seus amigos. Ele conhecia alguns oficiais do acantonamento do Forte William, em Calcutá. Depois que fez contato, os amigos começaram a aparecer a qualquer hora do dia, em jipes e, de vez em quando, até em caminhões, sua chegada anunciada por buzinas e botas barulhentas.

— É sempre assim no Exército, yaar — disse um deles, à guisa de explicação e desculpa. — Quando um fauji vai, o paltan inteiro segue atrás...

No passado, a atitude de Dinu em relação ao Exército variara entre hostilidade declarada e divertida indiferença. Agora, via-se mais intrigado que antagonista, cada vez mais interessado nos mecanismos que os faziam vibrar. Ficou perplexo com a natureza comunal da vida deles; com o prazer que Arjun sentia, por exemplo, em "se engajar" com os outros. Como jeito de pensar e funcionar era a antítese de tudo o que Dinu sustentava e em que acreditava. Ele próprio ficava sempre mais feliz quando estava sozinho. Seus amigos eram poucos e mesmo com o melhor deles havia sempre um resíduo de cerimônia, uma reserva analítica. Essa era uma das razões por que tinha tanto prazer com a fotografia. Não havia lugar mais solitário que a câmara escura, com sua luz abatida e fétido abafamento.

Arjun, por outro lado, parecia encontrar imensa satisfação em trabalhar os detalhes de planos que haviam sido ditados por outros — e não necessariamente por pessoas, mas por manuais de procedimento. Uma vez, ao falar do deslocamento de seu batalhão de um acantonamento para outro, descreveu suas rotinas de treinamento com tanto orgulho como se tivesse orientado pessoalmente cada soldado no quartel. Mas por fim veio à tona que sua parte consistira em nada mais que ficar parado na porta de um vagão, conferindo uma lista. Dinu ficou perplexo ao ver que era precisamente disso que vinha sua satisfação: da lenta acumulação de pequenas tarefas, de um empilhamento de listas que culminava no movimento de um pelotão e, depois, de um batalhão.

Arjun sempre tinha dificuldade para explicar que, no Exército, era de vital importância que "os camaradas" tivessem uma completa e exaustiva compreensão recíproca, para saber exatamente como cada um deles reagiria em determinadas circunstâncias. Havia aí, porém, um paradoxo que não escapou a Dinu: quando Arjun e seus amigos falavam um do outro, as avaliações que faziam eram tão exageradas que pareciam estar inventando versões de si

mesmos para consumo coletivo. No fantástico bestiário de seus bate-papos, Hardy era o Perfeccionista Engraxador, Arjun, o Querido das Mulheres, outro, um Pukka Sahib e assim por diante. Esses retratos pouco densos faziam parte do folclore coletivo da camaradagem deles — um companheirismo de que todos tinham imenso orgulho, atribuindo-lhe metáforas que às vezes iam além da mera amizade. Geralmente, eram apenas "irmãos", mas às vezes eram também muito mais, até mesmo "Primeiros Indianos Verdadeiros". "Olhe para nós", diziam, "punjabis, marathas, bengaleses, sikhs, hindus, muçulmanos. Onde mais na Índia se encontra um grupo como o nosso — onde região e religião não importam, onde podemos todos beber juntos e comer carne de vaca e de porco e nem pensar nisso?" Cada refeição no refeitório de oficiais, disse Arjun, era uma aventura, um glorioso desrespeitar de tabus. Comiam coisas que nenhum deles havia jamais tocado em casa: bacon, presunto e linguiça no café da manhã; rosbife e costeletas de porco no jantar. Bebiam uísque, cerveja e vinho, fumavam charutos, cigarrilhas e cigarros. E não era apenas uma questão de satisfazer apetites; cada bocado tinha um sentido — cada um representava um avanço para a evolução de um tipo novo e mais completo de indiano. Todos eles tinham histórias para contar de como tinham ficado com o estômago revirado na primeira vez que mastigaram um pedaço de carne de vaca ou de porco; tinham se esforçado para não devolver o que comiam, lutando contra a repulsa. Tinham insistido, pois essas eram batalhas pequenas, mas essenciais, e assim testavam não apenas a sua virilidade, mas também a sua capacidade de entrar para a classe dos oficiais. Tinham de provar, tanto para si mesmos como para seus superiores, que estavam capacitados a serem governantes, qualificados a serem parte de uma elite; tinham visão suficiente para subir acima dos laços com a sua terra, para superar as reações neles instiladas por sua criação.

— Olhem para nós! — Arjun dizia depois de um ou dois uísques —, somos os primeiros indianos modernos; os primeiros indianos verdadeiramente livres. Comemos o que queremos, bebemos o que queremos, somos os primeiros indianos não esmagados pelo peso do passado.

Para Dinu, isso era profundamente ofensivo.

— Não é o que se come ou bebe que nos faz modernos: é a maneira como se vê as coisas... — Ia buscar reproduções que recortara de revistas, fotos de Stieglitz, Cunningham e Weston.

Arjun descartava essas coisas com uma réplica risonha: — Para você o mundo moderno é só uma coisa que você lê. O que você sabe dele tirou de livros e jornais. Nós somos os que realmente vivem com os ocidentais...

Dinu entendeu que era através da associação com europeus que Arjun e seus companheiros oficiais se viam como pioneiros. Sabiam que para a maioria de seus compatriotas o Ocidente era uma abstração distante: mesmo sabendo que eram governados pela Inglaterra, pouquíssimos indianos jamais tinham visto um inglês e, menos ainda, tinham tido ocasião de falar com um. Os ingleses moravam em seus próprios enclaves e perseguiram seus próprios interesses; a maioria das tarefas do dia a dia do governo era desempenhada por indianos. No Exército, por outro lado, os oficiais indianos eram um grupo dos eleitos; viviam numa proximidade com os ocidentais que era praticamente desconhecida por seus compatriotas.

Repartiam as mesmas instalações, comiam a mesma comida, faziam o mesmo trabalho: nisso a sua situação era diferente de quaisquer outros súditos do Império.

— Nós entendemos o Ocidente melhor que qualquer um de vocês, civis — Arjun gostava de dizer. — Sabemos como funciona a mente ocidental. Só quando cada indiano for como nós nosso país poderá ser realmente moderno.

As refeições com os amigos de Arjun eram acontecimentos ruidosos, acompanhados de "baldes" de cerveja, risadas altas e grande número de ásperas piadas, contadas sobretudo pelos oficiais, à custa uns dos outros. Isso eles descreviam como "fúria", e a maior parte era bem-humorada. Mas houve uma ocasião, uma vez, em que o clima da refeição foi abalado por um pequeno incidente. Ao ver um prato de chapatis quentes, inchadas de vapor, um dos oficiais disse em voz alta, num tom irônico de "fúria": — Hardy devia estar aqui: é ele que adora chapatis...

Essas palavras, aparentemente inócuas, tiveram um efeito surpreendente; o ruído morreu de repente e os oficiais ficaram sérios. O tenente que tinha falado mudou de cor, como se admitisse uma censura coletiva.

Então, como para lembrar os amigos da presença de estranhos — em outras palavras, Dinu, Manju e Neel —, Arjun limpou a garganta ruidosamente e a conversa voltou instantaneamente para outro assunto. A interrupção não durou mais que um momento e passou despercebida para todos, menos para Dinu.

Nessa noite, mais tarde, Dinu passou no quarto de Arjun e encontrou-o sentado na cama com um livro nos joelhos e um conhaque na mão. Dinu parou.

— Você quer me apertar, não é? — disse Arjun. — Pelo que aconteceu esta noite? — É.

— Não foi nada, na verdade.

— Melhor motivo ainda para me contar...

Arjun deu um suspiro.

— Foi sobre um bom amigo meu, Hardy. Estranho pensar que ele nem estava aqui.

— Do que eles estavam falando? — É uma longa história. Sabe, Hardy entrou numa briga o ano passado.

Para você vai parecer idiota...

— O que aconteceu? — Tem certeza que quer saber? — Tenho.

— Hardy é um sardar — disse Arjun —, um sikh, de uma família que está no Exército há gerações. Você ficaria surpreso de saber quantos camaradas são de famílias desse tipo. Esses eu chamo defaujis de verdade. Sujeitos como eu, que não têm nenhum contato no Exército, são exceção...

Hardy tinha crescido num armazém do batalhão em Saharanpur, disse Arjun.

O pai e o avô tinham ambos servido no P Jats. Haviam se alistado como soldados e subido até o posto de Oficial Comissionado do Vice-Rei — que era o posto mais alto que um indiano podia ocupar naquele tempo, entre o de oficial não-comissionado e de oficial. Hardy era o primeiro da família a entrar para o Exército como oficial comissionado e tinha se empenhado em ir para o 1/1 Jats. Ele costumava brincar que seu sonho era ser chamado de "sahib" pelos velhos colegas de seu pai.

Mas entre a vida dos oficiais e das outras patentes havia uma diferença que Hardy não tinha calculado. No refeitório das outras patentes serviam comida indiana, preparada de acordo com as precisas prescrições dietéticas das várias religiões. No refeitório dos oficiais, por outro lado, era servida comida "inglesa" — e o problema de Hardy era que ele era um desses sujeitos que, independentemente do que experimentassem, simplesmente não conseguia passar sem seu dal-roti diário. Ele comia devidamente qualquer coisa que fosse servida no refeitório, mas pelo menos uma vez por dia encontrava um pretexto para sair do acantonamento e ir comer em algum lugar da cidade. Essa era uma ocorrência muito comum entre os oficiais indianos, mas Hardy havia atravessado uma linha invisível: começara a visitar os refeitórios de outras patentes. Gostava dessas pequenas visitas: chamava alguns dos

homens de "tio" como uma criança e achava que iam tratá-lo com a mesma indulgência e afeto de que se lembrava no passado.

Achava que eles iriam manter essas visitas em segredo. Afinal de contas, muitos vinham da mesma aldeia, da mesma extensa família. Muitos tinham conhecido seu pai.

Porém, não podia ter se enganado mais. Longe de satisfeitos de servir sob o comando de Hardy, os velhos colegas do pai ficaram profundamente ofendidos com sua presença no batalhão. Eram a primeira geração de soldados indianos a servir sob as ordens de oficiais indianos. Muitos deles sentiam-se incomodados com isso: sua relação com os oficiais britânicos era a fonte de seu orgulho e prestígio. Servir sob as ordens de indianos era uma diluição desse privilégio.

Chegou o dia em que o oficial comandante do batalhão, tenente-coronel "Bucky" Buckland, recomendou que Hardy fosse apontado comandante da Companhia C. No tocante aos oficiais não-comissionados da companhia, essa foi a última gota. Alguns conheciam bem o tenente-coronel Buckland; tinham servido com ele durante muitos anos e parte de seu trabalho era mantê-lo informado sobre os acontecimentos da unidade. Formaram uma delegação e foram vê-lo. Contaram a ele: esse rapaz, Hardayal Singh, que o senhor encarregou da Companhia C, nós conhecemos o pai dele, as irmãs são casadas com nossos irmãos, a casa dele fica na aldeia vizinha da nossa. Como pode esperar que tratemos esse rapaz como oficial? Ora, ele não tem estômago nem para comer o que os oficiais comem. Ele entra secretamente em nosso refeitório para comer chapatis.

O tenente-coronel Buckland ficou profundamente perturbado com essas reclamações: era impossível não sentir repulsa por esses sentimentos tão sombrios. Confiar apenas nos seus podia trazer implícito um ódio a si mesmo, mas muito mais

profunda era a repulsa que levava um grupo de homens a desconfiar de alguém pela única razão de ser um deles.

O tenente-coronel Buckland fez uma dura reprimenda aos oficiais não comissionados: — Vocês estão vivendo no passado. Chegou a hora em que terão de aprender a receber ordens de indianos. Esse homem é filho de um ex-colega de vocês; realmente querem envergonhá-lo em público? Os oficiais não recuaram, apesar dessa reprimenda. Por fim, foi o tenente-coronel quem teve de ceder. Sempre existira um pacto não expresso entre os homens e seus oficiais ingleses: em certos assuntos, ficava subentendido que os desejos deles tinham de ser levados em consideração. Não restou ao tenente-coronel outra escolha senão mandar chamar Hardy — comunicar a ele que sua nomeação ainda não poderia se efetivar. Isso provou ser a parte mais difícil de toda a questão. Como explicar a Hardy as acusações? Como um soldado se defende contra a acusação de ser, por assim dizer, um comedor secreto de chapati? O que tem isso a ver com seu autorrespeito? O tenente-coronel Buckland lidou com a situação com todo o tato que se podia ter e Hardy saiu da entrevista sem demonstrar nenhum sinal visível de incômodo. Só seus amigos mais chegados sabiam até que ponto estava ferido; como tinha sido duro para ele enfrentar aqueles oficiais não-comissionados no dia seguinte. E, é claro, sendo o Exército uma instituição pequena e próxima, a notícia correu e de quando em quando até os amigos diziam alguma coisa errada, como ocorrera naquela noite.

— Então, vocês todos enfrentam isso? Dinu perguntou a Arjun. — É difícil para vocês serem aceitos como oficiais por seus próprios homens? — Sim e não — Arjun respondeu. — Sempre se tem a impressão de que eles nos olham mais de perto do que olhariam um britânico... especialmente eu, acho, uma vez que sou o único bengalês à vista. Mas existe também uma sensação de que se identificam conosco, que alguns deles nos apoiam, enquanto outros

só querem ver a nossa queda. Quando estou na frente deles, posso perceber que se colocam em meu lugar, atravessando uma barreira que se tornou uma grande linha divisória na cabeça deles. No momento em que se imaginam do outro lado dessa linha, alguma coisa muda.

Não dá mais para ser como antes.

— O que quer dizer? — Não tenho certeza de que possa explicar, Dinu. Vou contar uma história. Uma vez, um velho coronel inglês foi visitar nosso refeitório.

Era cheio de histórias sobre os Bons e Velhos Tempos. Depois do jantar, por acaso ouvi que falava de Bucky — nosso comandante. Ele bufava, chiava e ofegava pelos bigodes. Segundo ele, essa história de nomear oficiais indianos ia destruir o Exército; todo mundo iria pular no pescoço dos outros e a coisa toda viria abaixo. Agora, Bucky é um homem justo e decente e não ia permitir uma coisa dessas. Ele nos defendeu vigorosamente e disse que seus oficiais indianos estavam fazendo um excelente trabalho e tudo mais. Mas, sabe, o negócio é que no fundo do coração eu sabia que Bucky estava errado e o velho rabugento estava certo.

— Por quê? — É simples. Cada instituição tem sua própria lógica, e o Exército britânico indiano sempre funcionou com base na ideia de que havia uma separação entre indianos e britânicos. Era um sistema objetivo: eles ficavam separados e, evidentemente, ambos os lados sentiam que isso era em benefício próprio. Não é uma coisa fácil, sabe, fazer homens lutarem. Os britânicos encontraram um jeito de fazer isso e fizeram a coisa funcionar. Mas agora, conosco lá dentro do refeitório dos oficiais, não sei se dá para continuar.

— Por que não? Arjun levantou-se para se servir de mais um conhaque.

— Porque é verdade o que disse o velho rabugento: nós pulamos uns nos pescoços dos outros.

— Quem? — Indianos e britânicos.

— É mesmo? Por quê? Por qual razão? — Na maior parte das vezes, só por pequenas coisas. No refeitório, por exemplo, se um britânico sintoniza o rádio numa transmissão em inglês, pode ter certeza de que minutos depois um indiano vai mudar para canções de filmes hindi. E depois alguém vai mudar para outra coisa e assim por diante, até só se poder desejar que o rádio seja desligado.

Coisas assim.

— Parece um bando de... crianças de escola briguentas.

— É. Mas acho que por trás existe uma coisa importante.

— O quê? — Sabe, nós todos fazemos o mesmo trabalho, comemos a mesma comida e tal. Mas os camaradas que foram treinados na Inglaterra ganham muito mais do que nós. Eu próprio não me importo tanto, mas gente como Hardy dá muita importância a essas coisas. Para eles, não é apenas um trabalho, como é para mim. Sabe, eles realmente acreditam no que estão fazendo; acreditam que os britânicos significam liberdade e igualdade. A maioria de nós, quando ouve palavras grandes assim, tende a descontar uma parte. Eles, não. São absolutamente sérios com essas coisas, e por isso é tão difícil para eles quando descobrem que essa igualdade de que lhes falaram é uma cenoura na ponta da vara: algo agitado na frente do nariz deles para fazer com que sigam em frente, mas mantido sempre fora de alcance.

— Por que não reclamam? — Reclamam, às vezes. Mas geralmente não há nada em particular de que se reclamar. Pegue o caso da nomeação de Hardy. De quem é a culpa? Do próprio Hardy? Dos homens? Certamente não do comandante. Mas é sempre assim. Sempre que algum de nós não consegue uma nomeação ou promoção, existe sempre uma névoa de regulamentos para deixar as coisas pouco claras. Na superfície, tudo no Exército parece ser governado por manuais, regulamentos, procedimentos: parece muito predeterminado. Mas, na verdade, por baixo existem todas

essas sombras que não se pode ver com clareza: preconceito, desconfiança, suspeita.

Arjun engoliu o conhaque e fez uma pausa para se servir de mais.

— Vou contar uma coisa para você — falou —, uma coisa que aconteceu comigo quando estava na Academia. Um dia, nós, um grupo, fomos à cidade: Hardy, eu, alguns outros. Começou a chover e entramos numa loja. O dono da loja se ofereceu para nos emprestar guarda-chuvas. Sem pensar eu disse, claro, será uma ajuda. Os outros me olharam como se eu tivesse ficado louco. "O que está pensando?", Hardy me perguntou. "Não pode ser visto com um guarda-chuva." Fiquei intrigado. Perguntei: "Por que não? Por que não posso ser visto com um guarda-chuva?" A resposta de Hardy foi: "Já viu um soldado indiano usando guarda-chuva?" Pensei comigo e me dei conta de que não. Respondi: "Não." "Sabe por que não?" "Não.

"Porque antigamente, no Oriente, guarda-chuvas eram sinal de soberania.

Os britânicos não queriam que seus sipaios ficassem ambiciosos demais.

Por isso você nunca vai ver um guarda-chuva num acantonamento.

"Fiquei perplexo. Seria verdade? Tinha certeza de que não havia nenhum regulamento sobre o assunto. Você consegue imaginar uma regra que diga: "Indianos não devem ter guarda-chuvas em suas acomodações? É inconcebível. Mas, ao mesmo tempo, era verdade que eu nunca tinha visto nenhum com guarda-chuva num acantonamento. Um dia, perguntei ao ajudante, capitão Pearson. Disse: "Sir, por que nunca usamos guarda-chuva, mesmo quando chove?" O capitão Pearson é um sujeito baixo, forte, de pescoço de touro. Olhou para mim como se eu fosse um verme.

Nada podia calar minha boca mais depressa do que a resposta que me deu.

Disse assim: "Não usamos guarda-chuva, tenente, porque não somos mulheres." Arjun começou a rir.

— E agora — disse — faço qualquer coisa para não ser visto com um guarda-chuva: prefiro me afogar na chuva.

22



Nesse ano, pareceu que as monções despencaram sobre Lankasuka muito antes de as primeiras nuvens surgirem no céu. O casamento de Manju era no final de junho, imediatamente antes da chegada das chuvas. Os dias estavam muito quentes e, no parque em frente à casa, o próprio lago baixou a um nível que nem os barcos podiam mais ser levados para a água.

Era a época do ano em que a rotação da Terra parecia diminuir de velocidade, à espera da chegada do dilúvio.

Mas dentro de Lankasuka o casamento criara a aparência de uma estranha anomalia climática: era como se a casa tivesse sido varrida por uma enchente, seus habitantes girando loucamente rio abaixo, levados por grandes marés de coisas disparatadas — gente, presentes, ansiedade, riso, comida. No pátio dos fundos, os fogos de cozinhar queimavam o dia inteiro, e em cima do teto, debaixo dos toldos coloridos levantados para o casamento, parecia não haver nunca um momento sem uma dúzia de pessoas sentadas para comer.

Os dias seguiam numa tempestade de festas e observâncias: os solenes compromissos familiares da paka-dekha levavam inexoravelmente à unção amarela do açafraão na gaye-holud. Devagar, assim como as águas que sobem das monções transbordam as divisões dos campos de arroz, também a progressão constante do casamento varreu as separações que dividiam as vidas das pessoas da casa. As associadas políticas de

Uma, com seus sáris brancos, acorreram para ajudar, assim como muitos trabalhadores vestidos de cáqui do Congresso; os amigos de Arjun no Forte William mandaram destacamentos auxiliares de cozinheiros, serventes, garçons e até mesmo, eventualmente, bandas itinerantes inteiras, completas com o setor de sopros de metal e maestros uniformizados; muitas colegas de Manju vieram correndo, assim como um bando colorido dos conhecidos de Neel dos estádios de cinema de Tollygunge — diretores, atores, estudantes, cantores de playback, até as duas aterrorizantes maquiadoras que tinham vestido Manju no dia do teste fatal.

Dolly também teve sua parte na agitação da mistura. Nos anos de visitas a Uma em Calcutá, havia desenvolvido uma íntima ligação com o templo birmanês da cidade. Embora pequeno, o passado desse templo não deixava de ser ilustre. Muitos luminares birmaneses haviam passado ali algum tempo, inclusive o famoso monge ativista U Wisara. Por meio das ligações de Dolly, o casamento de Manju veio a contar com o comparecimento de uma parte substancial da comunidade birmanesa da cidade — estudantes, monges, advogados e mesmo alguns truculentos sargentos da força policial de Calcutá (muitos dos quais eram de origem anglo-birmanesa) Considerando o quanto esses grupos eram heterogêneos, os desentendimentos eram relativamente raros. Mas no fim comprovou-se ser impossível evitar os poderosos ventos que varriam o mundo. Numa ocasião, um amigo de Uma, um eminente congressista, chegou vestido à maneira de Jawarharlal Nehru, com um quepe cáqui e um sherwani preto comprido, com uma rosa na lapela. O elegante político se viu parado ao lado de um amigo de Arjun, um tenente vestido com a farda do 14º Regimento Punjab.

— E qual é a sensação — perguntou o político olhando o soldado com um sorriso irônico — de um indiano ao usar essa farda? — O senhor deve saber, sir — respondeu prontamente o

amigo de Arjun, retribuindo sorriso com sorriso —, esta farda é bem quentinha, mas imagino que o mesmo possa se dizer da sua? Outro dia, Arjun se viu frente a frente com uma multidão estranhamente variada de monges budistas, estudantes ativistas birmaneses e trabalhadores do Partido do Congresso. Os congressistas tinham amargas lembranças de seus confrontos com policiais e soldados. Começaram a censurar Arjun por servir num exército de ocupação.

Arjun lembrou que era o casamento de sua irmã e conseguiu não perder a calma.

— Não estamos ocupando o país — disse Arjun, o mais leve possível. — Estamos aqui para defender vocês.

— Defender a gente de quem? De nós mesmos? De outros indianos? É de nossos dominadores que o país precisa ser defendido.

— Olhe — disse Arjun —, isto é um trabalho e estou tentando fazer o melhor possível...

Um dos estudantes birmaneses deu-lhe um sorriso sombrio: Sabe o que dizemos na Birmânia quando vemos soldados indianos? Dizemos: lá vai o exército de escravos, marchando para conseguir mais escravos para seus senhores.

Foi um grande esforço para Arjun conseguir se controlar; em vez de entrar numa briga, ele virou as costas e marchou embora. Depois, foi reclamar com Uma e encontrou-a absolutamente compreensiva.

— Estavam apenas dizendo para você o que a maior parte do país pensa, Arjun — Uma disse, direta. — Se você tem força para enfrentar balas inimigas, deve ter força para ouvir essas coisas.

Durante sua estada em Lankasuka, Kishan Singh foi acomodado num quartinho que ficava nos fundos da casa. Em outros momentos, esse quarto era geralmente usado como depósito, principalmente de comida. Alinhados contra a parede

havia grandes martabans de pedra, cheios de picles; nos cantos havia pilhas de mangas e goiabas amadurecendo; fora do alcance de formigas e gatos, havia potes de cerâmica pendurados das vigas com cordas, nos quais eram guardados a manteiga e o ghee.

Uma tarde, mandaram Bela ao depósito para buscar um pouco de manteiga. A porta de madeira estava ligeiramente empenada e não fechava direito.

Olhando pela fresta, Bela viu que Kishan Singh estava ali dentro, deitado numa esteira. Tinha vestido um longyi para a sesta, a farda cáqui pendurada num gancho. Suava no calor de junho, o corpo nu a não ser pela sombra fantasmagórica da camiseta do Exército na pele bronzeada.

Pelo movimento de suas costelas, Bela percebeu que estava dormindo profundamente. Esgueirou-se para dentro do quarto e contornou a esteira na ponta dos pés. Estava ajoelhada, soltando as cordas do pote de cerâmica da manteiga quando Kishan despertou repentinamente.

Ele se pôs de pé e enfiou a farda cáqui, o rosto vermelho de vergonha.

— Minha mãe mandou... — ela disse depressa — buscar isto aqui... — Apontou o pote de cerâmica.

Com a farda vestida, ele se sentou de pernas cruzadas na esteira. Sorriu para ela. Bela sorriu de volta, tímida. Não sentiu nenhuma vontade de sair; não havia falado com ele ainda e ocorreu-lhe então que queria lhe fazer muitas perguntas.

A primeira que deixou escapar era a que estava em primeiro lugar em sua cabeça.

— Kishan Singh — disse —, você é casado?

— Sou — ele respondeu, grave. — E tenho um filhinho de um ano.

— Quantos anos tinha quando casou?

— Faz quatro anos — disse ele. — Então eu devia ter 16.

— E sua mulher — disse ela —, como é?

— Ela é da aldeia vizinha da minha.

— E onde é sua aldeia?

— É no norte... bem longe daqui. Perto de Kurukshetra, onde aconteceu a grande batalha do Mahabharata. Por isso é que os homens do nosso distrito dão bons soldados, é o que diz o povo.

— E você sempre quis ser soldado?

— Não. — Ele riu. — Nem sempre, mas não tive escolha.

Os homens de sua família sempre viveram como soldados, explicou. O pai, o avô, os tios — todos serviram no 1/1 Jats. O avô morreu em Passchendaele na Grande Guerra. Na véspera de sua morte, ditou uma carta para ser enviada à família, cheia de instruções sobre a colheita nos campos, o que plantar, quando arar e quando colher. No dia seguinte, subiu até o alto da trincheira para salvar seu afiar ferido, um capitão inglês de quem fora ordenança durante cinco anos e que prezava acima de tudo os homens. Por isso recebeu, postumamente, a Medalha Indiana de Distinção em Ação, que sua família conservava em seu haveli, dentro de uma caixa de vidro.

— E até hoje a família do afiar nos manda dinheiro; não porque a gente peça, nem por caridade, mas por amor a meu avô e para honrar o que ele fez pelo filho deles...

Bela estava presa às suas palavras, bebendo cada movimento dos músculos de seu rosto.

— Continue.

O pai servira no Exército também, disse ele. Havia sido ferido na Malásia, na época da rebelião. Um golpe de baioneta abrira o lado de seu corpo e perfurara o cólon. Os médicos do Exército fizeram todo o possível, mas o ferimento o deixou com dores estomacais crônicas e impeditivas. Ele viajara pelo país, consultando terapeutas ayurveda e de outros sistemas de medicina; as despesas o forçaram a renunciar a sua parte nas terras familiares.

Ele não queria esse destino para o seu Kishan Singh, queria que o filho fosse para a faculdade e entendesse as coisas; ele próprio tinha viajado pelo mundo — Malásia, Birmânia, China, África Oriental — e não entendia nada.

Kishan Singh também gostaria de ter ido para a faculdade, mas, quando tinha 14 anos, o pai morreu. Depois disso, não havia mais a opção da escola: a família precisava de dinheiro. Os parentes insistiram para que se apresentasse ao escritório de recrutamento local; disseram que era sorte dele ter nascido numa casta que tinha permissão de se alistar no Exército sarkar inglês.

— Foi por isso que se alistou?

Ele balançou a cabeça.

— Foi.

E as mulheres da sua aldeia — ela perguntou —, como são?

— Não como você.

Ela se sentiu ferida com isso.

— Por quê? O que você quer dizer?

— De certa maneira — disse ele —, elas também são soldados. Desde pequenas aprendem o que significa ficar viúva cedo; criar os filhos sem seus homens; passar a vida com maridos mutilados, aleijados...

Nesse momento, ela ouviu a mãe chamando seu nome e saiu correndo do quarto.

Durante toda a comemoração do casamento, Rajkumar e sua família ficaram hospedados no Hotel Great Eastern. (Era impensável, diante das hostilidades passadas, Rajkumar ficar em casa de Uma, como Dolly geralmente ficava.) Mas ficou combinado que Neel e Manju passariam a noite de núpcias — sua última em Calcutá — em Lankasuka, no apartamento de Uma.

Quando chegou o dia, Uma e Dolly prepararam elas próprias o quarto nupcial. Logo cedo, foram ao mercado de flores de Kalighat e voltaram com dezenas de cestos cheios. Passaram a

manhã cercando o leito nupcial com guirlandas de flores — centenas delas. Enquanto trabalhavam, lembravam os próprios casamentos e como haviam sido diferentes. À tarde, juntou-se a elas a Segunda Princesa, que viera especialmente de Kalimpong: isso completou o círculo.

Estava quente e rapidamente ficaram banhadas em suor.

— Para mim chega — disse Dolly. — Meu casamento foi mais fácil.

— Lembra de Mrs. Khambatta, com a câmera? Sentaram no chão, rindo com a lembrança.

No correr do dia, acumularam-se centenas de pequenas crises. Sobretudo referentes a detalhes que alguém havia esquecido de comprar: mais um dhoti para o purohit; um punhado fresco de grama durba; um sári para uma tia esquecida — itens pequenos, mas essenciais. No fim da tarde, mandaram Arjun organizar uma expedição de compras no Jowett da família.

Dinu, Uma e Bela iriam com ele, cada um armado com uma lista de compras.

Arjun levou o Jowett para o pátio e todos embarcaram.

— Para onde vamos exatamente? — Uma perguntou.

— Para o mercado de Kalighat — disse Arjun.

— Bom, então vamos depressa — disse Uma.

— Por quê?

— Vai haver uma grande manifestação hoje, podemos ficar isolados.

— Uma manifestação? — Arjun foi pego de surpresa. — E por que cargas d'água dessa vez?

Isso incomodou Uma.

— Você nunca lê o jornal, Arjun? — disse ela. — É uma passeata contra a guerra. Nós, no Congresso, acreditamos que no caso de uma nova guerra a Grã-Bretanha não deve contar com nosso

apoio, a menos que esteja disposta a dar uma garantia da independência indiana.

— Ah, entendo — Arjun deu de ombros. — Bom, então estamos tranquilos... vai levar muito tempo para eles darem conta de tudo isso...

Dinu riu.

Levou apenas 15 minutos para chegar ao mercado e meia hora depois as compras estavam feitas. Estavam no caminho de volta quando viraram numa avenida larga e viram os primeiros manifestantes chegando à distância.

— Nada de preocupação — Arjun disse, calmo. — Estamos bem longe. Eles não vão nos cercar. — Mas enquanto ele falava o motor do Jowett começou a engasgar. E, de repente, o carro morreu.

— Faça alguma coisa, Arjun. — Uma exigiu. — Não podemos ficar parados aqui.

— A vela de ignição. — Arjun resmungou, incrédulo.

— Eu sabia que tinha de limpar hoje de manhã.

— Dá para consertar?

— Leva uns minutos.

— Uns minutos! disse Uma. — Mas eles vão estar em volta da gente. Arjun, como você deixou acontecer isso?

— Essas coisas acontecem...

Dinu e Arjun foram para a frente do carro e abriram o capô. O Jowett tinha ficado um bom tempo parado no pátio e o motor estava muito quente.

Quando o defeito estava consertado, a manifestação havia se fechado em torno deles. Manifestantes marchavam de todos os lados, alguns saindo das fileiras para olhar o carro parado e os dois homens diante do capô aberto. Arjun e Dinu voltaram para dentro do carro; não havia nada a fazer senão sentar e esperar até o último manifestante passar.

Um deles jogou um panfleto pela janela do carro. Arjun pegou e deu uma olhada na primeira página. Havia citações do Mahatma Gandhi e uma passagem que dizia: "Por que deveria a Índia, em nome da liberdade, sair em defesa desse Império Satânico que é em si mesmo a maior ameaça à liberdade que o mundo jamais viu?" Arjun ficou extremamente irritado dessa vez e fez um ruído furioso de cuspir.

— Idiotas — disse. — Queria enfiar isto aqui na garganta deles. Deviam ter alguma coisa melhor a fazer do que marchar debaixo desse sol quente...

— Cuidado com o que diz, Arjun. — Uma disse, dura, do banco de trás. — Espero que saiba que eu também deveria estar nessa passeata. Acho que você não devia nos chamar de idiotas. Afinal de contas, o que você entende dessas coisas? — Ah, está bem... — Arjun estava para deixar de lado a questão quando Dinu falou, inesperadamente, em defesa dele.

— Acho que Arjun tem razão — disse. — Essa gente é idiota...

— O quê? — Uma falou. — Do que está falando, Dinu?

— Estou falando de fascismo — disse Dinu —, e que a coisa mais importante agora é combater o fascismo. Porque, se a guerra eclodir, não vai ser como nenhuma outra guerra... Hitler e Mussolini estão entre os líderes mais tirânicos e destrutivos de toda a história da humanidade... São grotescos, são monstros... Se eles conseguirem impor sua vontade ao mundo, nós todos estamos condenados. Olhe no que eles acreditam... toda a ideologia deles é sobre a superioridade de certas raças e a inferioridade de outras... Olhe o que estão fazendo com os judeus... E se eles conseguirem o que querem, vão destruir os movimentos das classes trabalhadoras em todas as partes do mundo... O governo deles será o mais violento e despótico que se pode imaginar, com algumas raças embaixo e outras em cima... E não pense nem por um momento que

a Índia e a Birmânia vão ficar melhores se os britânicos forem derrotados... O plano alemão é simplesmente dominar o Império e governar em seu lugar... E pense no que vai acontecer na Ásia... Os japoneses já estão aspirando a um Império igual aos nazistas e fascistas... No ano passado, em Nanking, assassinaram centenas de milhares de pessoas inocentes... Na última notícia que tivemos de Saya John, ele disse que muitos parentes da esposa dele foram mortos... Enfileirados no muro e fuzilados... Homens, mulheres, crianças... Acha que se o Exército japonês chegasse à Índia não faria a mesma coisa aqui? Se acha isso, você está errada... Eles fariam... São imperialistas e racistas da pior espécie... Se eles vencerem, vai ser a pior catástrofe de toda a história da humanidade.

Uma respondeu com calma.

— Dinu — disse ela —, você não deve pensar nem por um minuto que eu, ou qualquer pessoa no Congresso, tem um pingão de simpatia pelos nazistas e fascistas. Absolutamente não: são exatamente o que você diz monstruosos, grotescos. Como disse o Mahatma Gandhi tantas vezes, eles representam exatamente o oposto de tudo o que nós defendemos. Mas a maneira como eu vejo é que estamos colhidos entre dois fogos: as duas fontes do mal absoluto. A questão para nós é: por que devemos escolher uma contra a outra? Você diz que o nazismo governa por meio da violência e da conquista, que vai institucionalizar o racismo, que vai cometer atrocidades inenarráveis. Tudo isso é verdade: não discuto nem por um momento. Mas pense nos males que você enumerou: racismo, governo pela agressão e pela conquista. O Império não é culpado de tudo isso? Quantas dezenas de milhões de pessoas pereceram no processo de conquista do mundo desse Império — na sua apropriação de continentes inteiros? Não acho que se possa jamais calcular esses números. Pior ainda, o Império se tornou o ideal de sucesso nacional, um modelo a que todas as nações aspiram. Pense nos belgas, correndo para tomar o Congo mataram

10 ou 11 milhões de pessoas lá. E o que queriam senão criar uma versão deste Império? Não é isso o que o Japão e a Alemanha querem hoje, impérios próprios? Bela inclinou-se no banco, tentou interromper.

— Temos de voltar — gritou. — Não podemos ficar aqui sentados discutindo. É a noite de núpcias de Manju.

Os últimos manifestantes tinham acabado de passar.

Arjun ligou o carro e virou. Rodaram depressa pela rua na direção de Lankasuka.

Mas a discussão não estava encerrada para Dinu. Ele se virou no banco.

— Tia Uma — disse —, você está sempre falando dos males do Império e do que os ingleses fizeram com a Índia... Mas acha que não aconteciam coisas terríveis aqui antes de eles chegarem? Veja a maneira como as mulheres são tratadas ainda hoje, veja o sistema de castas, a intocabilidade, a queima de viúvas... todas essas coisas terríveis, terríveis.

Uma respondeu, dura.

— Me deixe primeiro admitir os horrores de nossa própria sociedade; como mulher, garanto que tenho ainda mais consciência dessas coisas do que você. O Mahatma Gandhi sempre disse que nossa luta pela independência não pode ser separada de nossa luta por reformas. Mas, dito isso, permita-me acrescentar que não podemos nos iludir que o imperialismo é um agente de reforma. O colonialismo gostaria que acreditássemos nisso, mas existe uma refutação muito simples e clara. É verdade que a Índia é assolada por males como esses que você descreve: castas, maus-tratos a mulheres, ignorância, analfabetismo. Mas tome o exemplo do seu próprio país, a Birmânia: lá não existia sistema de castas. Ao contrário, os birmaneses eram muito igualitários. As mulheres tinham uma alta posição, talvez até maiores que no Ocidente. Havia alfabetização universal. Mas a Birmânia também foi conquistada e

subjugada. Sob alguns aspectos, se deram ainda pior do que nós nas mãos do Império. É simplesmente errado imaginar que os colonialistas sentam-se e ponderam os erros e acertos das sociedades que querem conquistar, não é assim que se constroem impérios.

Dinu deu uma risada áspera.

— Lá vai você, cheia de indignação pelos britânicos. E no entanto você usa a língua inglesa quase todo o tempo...

— Isso não tem nada a ver — Uma reagiu. — Muitos grandes escritores judeus escrevem em alemão. Acha que isso os impede de reconhecer a verdade? Do banco do motorista, Arjun deu um grito: — Segurem! — Fez uma curva fechada com o carro, levando-o portão de Lankasuka adentro. Quando estavam descendo do veículo, foram saudados pelo ulular e pelo som das cornetas de concha. Subiram correndo e encontraram Neel e Manju andando em torno do fogo, o dhoti dele amarrado ao sári dela.

Debaixo da ponta do sári, Manju estava olhando a sala, procurando Arjun em toda parte. Quando finalmente o viu entrando, com a roupa suja de graxa, a cabeça dela empinou, derrubando da cabeça a ponta do sári. Todo mundo na sala gelou, perplexos com a visão de uma noiva sem véu. Bem nessa hora, um momento antes de Manju puxar de volta o sári, o flash de Dinu disparou. Depois, todo mundo concordou que era, de longe, a melhor fotografia do casamento.

A noite foi insuportavelmente quente. A cama de Bela estava banhada em suor, apesar do ronronar do ventilador elétrico no teto. Ela não conseguia dormir; ficava sentindo o cheiro das flores — as embriagantes fragrâncias das últimas noites, as mais quentes, antes da chegada das chuvas. Pensou em Manju, e em sua cama juncada de flores, lá embaixo, com Neel. Estranho como o calor tinha o efeito de acentuar o aroma das flores.

Sentiu a garganta seca, áspera como areia. Saiu da cama e desceu para o corredor. A casa estava escura e pela primeira vez em semanas não havia ninguém por perto. O silêncio parecia quase antinatural, principalmente depois do tumulto dos últimos dias. Na ponta dos pés, atravessou o corredor até a varanda dos fundos da casa. Havia lua cheia e o luar batia no piso, cintilando como prata. Ela olhou a porta do quarto onde Kishan Singh dormia. Estava, como sempre, ligeiramente aberta. Imaginou se devia fechar a porta. Atravessou a varanda, foi até a porta e olhou para dentro. Podia vê-lo deitado em sua esteira, com o longyi enfiado entre as pernas. Uma rajada de vento abriu a porta um pouquinho mais.

Parecia mais fresco lá dentro. Esgueirou-se para dentro e sentou-se num canto, com o queixo nos joelhos.

De repente, ele se mexeu e sentou-se.

— Quem é?

— Sou eu, Bela.

— Bela?

Ela ouviu uma nota de apreensão na voz dele e entendeu que tinha mais a ver com Arjun que com ela; que ele tinha medo do que poderia acontecer se ela fosse encontrada em seu quarto — a irmã de um oficial, uma garota que tinha acabado de completar 15 anos e ainda era solteira. Ela não queria que ele tivesse medo.

Deslizou pelo chão até tocar a mão dele.

— Tudo bem, Kishan Singh.

— E se...?

— Está todo mundo dormindo.

— Mesmo assim...

Viu que ele ainda estava com medo, então esticou as pernas e deitou-se ao lado dele.

— Me diga, Kishan Singh — falou —, quando você se casou, como foi a primeira noite com sua mulher?

Ele riu baixinho.

— Foi estranha — disse. — Eu sabia que meus amigos e parentes estavam na porta ouvindo e rindo.

— E sua esposa? Ela estava com medo?

— Estava, mas eu também estava... até mais do que ela, de certa forma. Depois, quando conversamos com outros, descobrimos que é sempre assim...

Naquela hora, ele podia ter feito amor com ela e ela teria permitido, mas entendeu que ele não faria isso, não porque tivesse medo, mas por causa de algum tipo de inata decência, e ela ficou contente com isso, porque queria dizer que não havia problema em estar ali. Ficou feliz de simplesmente deitar ao lado dele, consciente do corpo dele, sabendo que ele estava consciente do dela.

— E quando nasceu seu filho — disse ela —, você estava lá?

— Não. Ela estava na aldeia e eu estava na base.

— O que você fez quando ficou sabendo?

— Comprei doces de um halwai, fui até seu irmão e disse: Sah'b, aceite estes mithai. Ele olhou para mim e perguntou: Por quê? Então eu falei: Sah'b, eu tenho um filho.

Ela tentou pensar em Arjun com sua farda, conversando com Kishan Singh. A imagem não tomava forma.

— Meu irmão... como ele é? Como soldado, quero dizer.

— É um bom oficial. Os homens, nós gostamos dele.

— Ele é duro com vocês?

— Às vezes. De todos os indianos no nosso batalhão, ele é o que é mais inglês. Nós o chamamos de "angrez".

Ela riu.

— Preciso contar a ele.

De repente, ele tapou a boca de Bela com a mão.

— Shh. — Ouviu-se o som de alguém se movimentando no andar de baixo. Os dois se sentaram, alarmados. — Vão tomar o avião para Rangoon hoje — disse ele. — Vão todos levantar cedo. Você tem de ir embora.

— Espere um pouco mais — ela pediu. — Ainda está escuro.
— Não.

Ele a fez levantar-se e levou-a até a porta. Quando ela estava para sair, ele a deteve.

— Espere. — Com a mão em seu queixo, ele a beijou, muito rapidamente, mas bem nos lábios.

Quando Neel a sacudiu para despertá-la, Manju nem acreditou que já era hora.

— Só um pouquinho mais — pediu. — Só mais uns minutinhos.

Ele apoiou o queixo no rosto dela e pinicou-a com a barba.

— Manju, o avião sai às quatro da manhã — disse ele. — Não temos tempo...

Ainda estava escuro quando o caos da partida se instalou totalmente.

Chaveiros foram encontrados e esquecidos; sentou-se em cima de malas, amarradas com cintos; portas e janelas foram trancadas e conferidas e trancadas de novo. Foi servida uma última rodada de chá e então, com a vizinhança ainda dormindo, a bagagem foi levada para um carro. A família ficou pelo pátio, acenando: Uma, Bela, Arjun, seus pais. Kishan Singh observou do andar de cima. Manju chorou um pouco, mas não houve tempo para longas despedidas. Neel apressou-a para dentro do carro e bateu a porta.

— Voltamos no ano que vem...

Era tão cedo que as estradas estavam vazias e levou apenas meia hora para ir até a Base Aérea de Willingdon, à margem do rio Hooghly. Poucos minutos depois, Dolly, Rajkumar e Dinu chegaram. Exatamente às quatro horas da manhã, foram levados para um embarcadouro, onde uma brilhante lancha a motor cinzenta estava à espera. O motor da lancha rugiu e eles deslizaram depressa rio acima, com o convés empinado num ângulo audacioso.

Estava muito escuro, e tudo o que Manju enxergava em torno era o círculo de água barrenta iluminado pelo poderoso farol da lancha.

A lancha diminuiu a marcha e o rugido do motor baixou para um ronronar macio. A proa baixou para a água de novo e o farol varreu a água à frente. De repente, duas imensas plataformas flutuantes surgiram da água e a luz subiu, iluminando a aeronave que ia levá-los para Rangoon. Era enorme, um hidroavião de 18 toneladas e meia. Na cauda, estava pintado o logotipo da empresa aérea e no nariz o nome escrito em grandes letras — Centaurus.

— É um hidroavião Martin C-130 — Neel sussurrou no ouvido de Manju. — Do tipo que faz a linha do Pacífico para a Pan Am.

— Igual ao avião de Humphrey Bogart em *Titã dos Ares*?

— Isso. — Ele riu. — E tem um *Voando para o Rio*, lembra, com Fred Astaire e Ginger Rogers?

Foi quando ela entrou na cabine que a dimensão total do avião ficou evidente para Manju. O interior era tão espaçoso como um salão de navio, com poltronas fundas, bem estofadas e luzes de latão brilhante. Manju apertou o nariz na janela e viu os motores começando a girar. Surgiram flocos de espuma branca na água agitada abaixo e, de repente, a fuselagem começou a avançar, tremendo, a trilha da onda de popa foi desaparecendo na direção da margem invisível, agitando as ilhazinhas de jacintos aquáticos que flutuavam rio abaixo. Das plataformas vinha um som de gorgolejo, sugado, no esforço de vencer a força da água e ganhar velocidade. De repente, o Centaurus projetou-se para a frente como se catapultado pela batida do vento da água. Manju viu a água do rio Hooghly agitada pelo vento ficar lá embaixo, à medida que o aeroplano subia devagar acima das margens íngremes do rio. Logo as luzes da cidade desapareceram e só havia escuro lá embaixo: estavam voando sobre os manguezais de Sunderbans, em direção à baía de Bengala.

Pouco depois, uma comissária de bordo levou Manju e Neel numa expedição pelo avião. Foram diretamente para a cabine de comando, onde o capitão e dois oficiais ficavam sentados lado a lado, diante de controles idênticos. O primeiro oficial explicou que o voo Calcutá-Rangoon era um braço da viagem de 11 mil milhas que o Centaurus fazia a cada 15 dias de ida e volta entre Southampton e Sydney.

Atrás da cabine ficavam os cubículos do convés principal. Havia uma área para as comissárias de bordo, uma cabine central, uma cabine de fumantes e um convés de passeio — uma área mantida sem poltronas, para os passageiros poderem esticar as pernas durante o voo. Era tudo muito bem projetado, mas foi o engenhoso desenho da cozinha e da copa que deixaram Manju sem fôlego. Numa área que não era maior que um armário comum, haviam, de alguma forma, encontrado espaço suficiente para todas as amenidades de um restaurante de primeira classe — louças, toalhas de mesa e guardanapos, talheres e até flores recém-cortadas.

Com a chegada do amanhecer, a comissária aconselhou Manju e Neel a irem para o convés de passeio ver o nascer do sol. Eles atravessaram a entrada em arco, a ponto de ver a área escura do Sunderbans estendendo-se até o brilho metálico da baía de Bengala. À distância, uma risca de cor havia aparecido no horizonte, como a luz que vaza por baixo de uma porta. O céu escuro depressa ficou roxo, depois de um verde translúcido, com riscas carmesins e amarelas.

Enquanto Dinu tentava fotografar o nascer do sol, Manju e Neel atravessaram o corredor para olhar o outro lado. Manju deu um grito: a oeste havia uma vista estonteante. O horizonte estava escondido por uma massa de escuridão, um bloco de nuvem tão vasto quanto uma cadeia de montanhas. Como se o Himalaia tivesse sido magicamente transportado pelo mar. Tão pesadas eram

as nuvens que a base achatada delas parecia quase tocar as ondas enquanto os picos se elevavam muito, muito mais alto que o avião — grandes Everests de nuvem atingindo milhares de metros no céu.

— As monções Neel disse, incrédulo. — Vamos direto para as chuvas que chegam.

— Vai ser perigoso? — Manju perguntou.

— Em alguns aviões, talvez — Neel disse, confiante.

— Mas não neste aqui.

Voltaram a seus lugares e logo lençóis de chuva estavam batendo nas janelas com uma força que fez Manju se afastar do vidro. No entanto, a dura violência visível do clima não tinha quase nenhum efeito sobre o avião — o velocímetro da cabine mostrava que o Centaurus estava voando à velocidade constante de 200 milhas por hora. Mas um momento depois o capitão anunciou que o Centaurus ia fazer uma mudança de altitude para escapar da tormenta. Desceria de sua altitude de cruzeiro atual de 3 mil pés para algumas centenas de metros acima do nível do mar.

Manju caiu num torpor e só despertou sobressaltada quando uma onda de excitação tomou conta da aeronave. Tinham avistado terra a estibordo: uma ilha de livro de figuras rodeada de praias. Na areia, altas ondas se desintegravam em lençóis de espuma branca. No centro da ilha, havia uma torre listrada de preto e branco.

— Senhoras e senhores — o capitão anunciou —, o farol do recife Oyster. Muito em breve avistaremos a Birmânia. Atenção para o litoral de Arakan...

E ali estava — tão perto que dava para tocar —, um denso tapete de mangues desenhado com veias de finas rachaduras e riozinhos prateados.

Manju estava olhando pela janela e Neel sussurrou em seu ouvido, contando a história de sua avó — a mãe de Rajkumar —,

que morrera em algum lugar ali embaixo, num sampan ancorado em um daqueles braços de mar.

A cidade de Akyab, capital de Arakan, foi a primeira parada.

— Aqui — Neel disse, orgulhoso — foi onde meu pai nasceu.

A base da companhia aérea ficava numa pista natural do mar, a boa distância da cidade. Tudo o que viram de Akyab quando o Centaurus pousou foi uma torre de relógio à distância. Depois de um rápido reabastecimento, o avião estava de novo no ar. A chuva tinha parado e, na luz brilhante do dia, a água do litoral revelou uma linha de quilômetros de recifes e grandes florestas de algas flutuantes — tudo claramente visível de cima como manchas no mar cintilante. Rangoon agora devia aparecer a leste e o Centaurus logo virou para a terra, sobrevoando campos desabitados. A comissária de bordo veio, entregou volumosos menus de capa de couro.

Depois do café da manhã, Manju se viu olhando uma paisagem de quadrados de alagadiços. Alguns estavam verdes, outros, no processo de crescimento, com filas de trabalhadores avançando na lama, transplantando as mudas. Os trabalhadores se levantaram quando o avião sobrevoou, jogaram a cabeça para trás e acenaram grandes chapéus cônicos.

Manju avistou um rio serpenteado na paisagem.

Aquele é o Irrawaddy? — perguntou a Neel.

— Não — disse Neel. — Aquele é o rio Rangoon; o Irrawaddy não passa dentro da cidade.

Então um lampejo de luz do sol atraiu seu olhar para uma imensa construção à distância — uma montanha dourada que terminava em uma ponta de ouro.

— O que é aquilo?

— É o Pagode Shwe Dagon — Neel sussurrou em seu ouvido. — Estamos em casa.

Manju olhou o relógio e viu que a viagem tinha levado exatamente cinco horas e meia. Parecia impossível que menos de um dia houvesse passado desde a noite de núpcias, desde o momento em que Neel fechara a porta do quarto coberto de flores. Ela pensou no medo que sentira e sentiu vontade de rir. Só agora, circulando acima da cidade que seria seu lar, se dava conta de como estava absolutamente apaixonada. Ele era seu presente, seu futuro, a totalidade de sua existência. Tempo e ser nada significavam sem ele. Escorregou a mão para a mão dele e olhou outra vez o rio barrento, a agulha de ouro.

— É — disse. — Estamos em casa.

Parte V



Morningside

23



Não fazia nem três meses que Manju e Neel haviam se casado quando o primeiro-ministro britânico, Nevilie Chamberlain, declarou guerra à Alemanha em nome da Grã-Bretanha e seu Império. Com o início da guerra, foi preparado um esquema de Precauções de Ataque Aéreo em Rangoon. A cidade foi dividida em setores e formou-se um comitê de PAA — Precaução de Ataque Aéreo — para cada um. Médicos oficiais aprenderam a tratar de vítimas de gás; vigilantes aprenderam como identificar bombas incendiárias; formaram-se grupos de combate a incêndio e instalaram-se centros de primeiros socorros. O lençol freático de Rangoon era alto demais para permitir que se construíssem abrigos subterrâneos, mas foram cavadas trincheiras em pontos estratégicos em torno da cidade.

Periodicamente, havia blecautes; trens que chegavam e partiam da estação de Rangoon tinham as janelas escurecidas; vigilantes e guardas civis ficavam a postos a noite inteira.

Não havia nada de insatisfatório na condução desses exercícios: os habitantes da cidade seguiam suas instruções com bom humor e foram poucos os distúrbios. Mas não havia como negar o fato de que uma Rangoon sob blecaute dava mais a sensação de um teatro do que de um exercício: o público parecia cumprir os movimentos sem estar convencido nem da iminência da guerra nem de seu possível efeito em suas vidas. Certamente na Birmânia, assim como na Índia, a opinião pública estava

profundamente dividida: em ambos os lugares muitos personagens importantes manifestaram seu apoio ao governo colonial. Mas ouviam-se também muitos manifestando uma amarga condenação à declaração de guerra britânica em nome deles, sem nenhuma garantia da futura independência a ela atrelada.

O clima entre os ativistas estudantis na Birmânia podia ser resumido por um slogan cunhado pelo jovem e carismático líder estudantil, Aung San: Colonialismo em dificuldade, dizia, é a chance de Liberdade.

Um dia, Aung San desapareceu: correu um rumor de que estava a caminho da China em busca de apoio dos comunistas. Depois se soube que, em vez disso, tinha ido ao Japão.

Mas essas preocupações eram relativamente distantes da vida das ruas, onde o povo parecia preocupado principalmente com os exercícios de PAA como uma espécie de divertimento, de diversão de massa. Foliões circulavam jovialmente pelas ruas escurecidas; jovens flertavam sem serem vistos nos parques; espectadores acorriam para ver Ninotchka, de Ernst Lubitsch, no Metro; Quando Vem o Amanhã ficou muito tempo em cartaz no Excelsior, e Irene Dunne foi entronizada como um dos ídolos da cidade. No Silver Grili, na praça Fytche, cabarés e salões de dança continuaram funcionando como sempre.

Dinu e seu amigo Thiha Saw estavam entre os poucos que se dedicavam de coração ao esquema de Precauções de Ataque Aéreo. Nessa época, tanto Dinu quanto Thiha Saw estavam profundamente envolvidos com a política da união estudantil. Situavam-se na região da extrema esquerda, envolvidos na publicação de uma revista antifascista. Participar da defesa civil era uma extensão natural do trabalho político.

Dinu ainda morava na casa de Kemendine, num apartamento no alto da casa.

Mas em casa não fazia menção ao trabalho que desenvolvia como vigilante do PAA — em parte porque sabia que Neel ia dizer que estava perdendo tempo, em parte também porque a experiência o levava a concluir que suas opiniões seriam sempre violentamente opostas às de seu pai. Por isso, foi tomado de absoluta surpresa na reunião de vigilantes da PAA quando se viu de repente cara a cara com ninguém menos que seu pai.

— Você?

— Você! — Não dava para dizer qual dos dois estava mais perplexo.

Depois desse encontro, desenvolveu-se — pela primeiríssima vez — um breve laço entre Rajkumar e Dinu. A eclosão da guerra os levava, por rotas opostas, a uma posição comum: Rajkumar estava convencido de que, na ausência do Império Britânico, a economia da Birmânia entraria em colapso. O apoio de Dinu ao esforço de guerra aliado tinha raízes em outros tipos de solo: em suas simpatias esquerdistas; em seu apoio aos movimentos de resistência na China e na Espanha; em sua admiração por Charles Chaplin e Robert Capa. Ao contrário de seu pai, não era devoto do colonialismo — na verdade, sua antipatia pelo domínio britânico só era superada pelo horror que tinha do fascismo europeu e do militarismo japonês.

Quaisquer que fossem as razões, este era um caso em que pai e filho estavam de acordo — uma situação sem precedentes na lembrança de ambos.

Pela primeira vez em suas vidas, estavam trabalhando juntos — comparecendo a reuniões, discutindo assuntos como a necessidade de importar máscaras contra gás e o desenho dos pôsteres de guerra. Tão nova era essa experiência que ambos a fruía em silêncio, sem nada comentar nem em casa nem em parte alguma.

Uma noite, durante um blecaute da PAA, houve uma tempestade de raios.

Apesar da chuva, Rajkumar insistiu em acompanhar os vigilantes em sua ronda. Estava encharcado quando chegou em casa. Na manhã seguinte, acordou tremendo. Veio um médico e diagnosticou pneumonia. Rajkumar foi levado ao hospital de ambulância.

Durante os primeiros dias, Rajkumar mal estava consciente, não conseguia reconhecer nem Dolly, nem Dinu, nem Neel. Seu estado foi considerado tão sério que os médicos proibiram visitas. Durante vários dias, ficou perto do coma.

Depois, devagar, a febre começou a ceder.

Em seus períodos de lucidez, Rajkumar avaliou o ambiente. Aconteceu de o acaso o levar a um lugar conhecido: o quarto de hospital que Dolly e Dinu haviam ocupado 24 anos antes. Olhando em torno da cama, Rajkumar reconheceu a vista da janela: o Shwe Dagon emoldurado exatamente como se lembrava. As cortinas azuis e brancas estavam, como sempre, cintilando de limpas; e a mobília escura, pesada, era identificavelmente a mesma, com números de patrimônio pintados a estêncil com tinta branca em cima da madeira envernizada.

Quando por fim estava suficientemente bem para sentar na cama, Rajkumar viu que o quarto tinha dois acréscimos. Um era um aparelho de ar-condicionado Carrier e o outro um rádio ao lado da cama — um Paillard de sete válvulas com um "olho mágico", gabinete de metal e suportes cromados. Rajkumar não tinha nenhum uso para o ar-condicionado, mas o rádio o intrigou. Virou um botão e se viu escutando uma estação de Cingapura: a voz do locutor narrava os últimos desenvolvimentos da guerra, descrevendo a evacuação das tropas de Dunquerque.

Depois disso, Rajkumar manteve o rádio ligado quase todo o tempo. À noite, a enfermeira o desligava quando estava apagando

as luzes; Rajkumar esperava os passos dela sumirem e ligava de novo. Ficava deitado de lado, girando o botão, passando de estação em estação. Vinte e quatro anos antes, na época em que Dolly ficara nesse quarto, a Europa estava convulsionada por outra guerra. Dolly também havia ficado acordada nesse quarto, escutando os sons da noite. Mas os murmúrios que ela ouvia vinham de dentro do hospital; agora, o quarto se enchia com vozes do mundo inteiro — Londres, Nova Déli, Chungking, Tóquio, Moscou, Sydney. As vozes falavam com tamanha urgência e insistência que Rajkumar começou a achar que tinha perdido contato com o fluxo de acontecimentos; que tinha se tornado um daqueles homens que vão como sonâmbulos para o desastre, sem perceber o significado daquilo que acontece em torno deles.

Pela primeira vez em muitos anos, permitiu-se pensar na maneira como estava conduzindo seus negócios. Dia após dia, mês após mês, tentara manipular cada decisão, revisar todas as contas diárias, visitar cada local, cada serraria, cada pátio e despacho. Conduzira sua companhia como se fosse uma barraca de alimentação em um bazaar, e no processo havia ficado cego para o contexto mais amplo.

Neel há muito insistia em ocupar um papel maior no negócio: Rajkumar reagira tentando mantê-lo de fora. Dera-lhe dinheiro e o mandara investir em filmes — como se estivesse chantageando uma criança com um pacote de balas. O recurso funcionara, mesmo que apenas porque Neel o respeitava demais para desafiar sua autoridade. Agora o negócio estava afundando. Era um fato que ele se recusara a encarar. Descartara os sinais de seus contadores e gerentes, gritara com eles quando tentaram alertar. E o simples fato era que não podia culpar ninguém além de si mesmo: tinha simplesmente perdido o rumo do que estava fazendo, e do porquê.

Deitado ali, ouvindo as vozes crepitantes do rádio, o remorso baixou sobre Rajkumar como uma colcha úmida, sufocante.

Os médicos declararam que estava a caminho da completa recuperação, mas sua família não via nenhum sinal de melhora, nem em suas maneiras nem em sua aparência. Estava com 65 anos nessa época, mas parecia muito mais velho: as sobrancelhas tinham ficado grisalhas e hirsutas, as faces começaram a pender em dobras e papadas que se sobrepunham. Parecia mal registrar a presença das pessoas que entravam no quarto para vê-lo; muitas vezes, quando tentavam falar com ele, ele as silenciava aumentando o volume do rádio.

Um dia, Dolly desligou o rádio da tomada e fechou a porta.

Rajkumar, o que você tem em mente? Diga.

De início, ele não quis falar, mas ela insistiu até ele responder.

Estive pensando, Dolly.

— Em quê? Me diga.

— Lembra que você e Dinu ficaram neste quarto naquela época...? — Lembro. Claro.

— Naquela noite, em Huay Zedi, quando você disse que Dinu estava doente e tínhamos de levar para um hospital... achei que você estava histérica. Fui junto só por sua causa.

Ela sorriu.

— É, eu sei.

— Mas você tinha razão.

— Foi sorte... uma premonição.

— Isso é o que você diz. Mas quando olho para trás agora, vejo que você está sempre certa. Mesmo vivendo tão quieta, isolada na casa, você parece saber mais do que eu o que está acontecendo no mundo.

— Como assim? — Estive pensando no que você vem dizendo todos esses anos, Dolly.

— O que exatamente? — Que a gente devia ir embora.

Com um grande suspiro de alívio, Dolly pegou a mão dele.

— Então está pensando nisso afinal? — Estou. Mas é difícil, Dolly, difícil pensar em ir embora: a Birmânia me deu tudo o que eu tenho. Os meninos cresceram aqui; nunca conheceram nenhuma outra terra. Quando cheguei a Mandalay, o nakhoda do meu barco disse assim: Esta aqui é uma terra de ouro, ninguém aqui passa fome. Isso acabou sendo verdade para mim, e, apesar de tudo o que aconteceu recentemente, acho que eu nunca conseguiria gostar de nenhum outro lugar do mesmo jeito. Mas se tem uma coisa que aprendi na vida, Dolly, é que não se tem certeza sobre essas coisas. Meu pai era de Chittagong e acabou em Arakan; eu acabei em Rangoon; você foi de Mandalay para Ratnagiri e agora está aqui também.

Por que temos de achar que vamos passar o resto da vida aqui? Tem gente que tem a sorte de terminar a vida no mesmo lugar em que começou. Mas isso não é uma coisa que seja devida a nenhum de nós. Ao contrário, temos de esperar que venha um tempo em que vamos ter de mudar de novo.

Em vez de sermos levados pelos acontecimentos, nós devemos fazer planos e assumir o controle do nosso próprio destino.

— O que está querendo dizer, Rajkumar? — Que não importa se eu penso na Birmânia como minha terra ou não. O que interessa é o que as pessoas pensam da gente. E está mais do que claro que homens como eu agora são vistos como inimigos, por todos os lados. A realidade é essa, e tenho de admitir isso. Meu trabalho agora é encontrar um jeito de garantir que Dinu e Neel tenham com que viver.

— Sem dúvida, eles já têm, não? Rajkumar fez uma pausa antes de responder.

— Dolly, você sabe que os negócios não têm ido bem ultimamente. Mas provavelmente não sabe até que ponto a coisa vai.

— E até que ponto vai?

— Não vai bem, Dolly — ele disse, baixo. — Existem dívidas... muitas dívidas.

— Mas, Rajkumar, se a gente vender a casa, as serrarias, nossa parte da Morningside... sem dúvida sobra alguma coisa para os meninos poderem começar em algum outro lugar? Rajkumar começou a tossir.

— Isso não vai funcionar, Dolly. No pé em que as coisas estão neste momento, mesmo vendendo tudo ainda não basta. Quanto à Morningside, Matthew tem os problemas dele, você sabe. A borracha sofreu muito com a Depressão. Não podemos seguir esse rumo, Dolly, por aí é desastre na certa. A coisa tem de ser feita com muito, muito cuidado. Temos de dar tempo...

— Não sei, Rajkumar — Dolly começou a puxar, nervosa, a ponta do htamein.

— As coisas estão acontecendo tão depressa agora... dizem que a guerra pode se espalhar; que o Japão pode entrar na guerra; que pode atacar a Birmânia.

Rajkumar sorriu.

— Isso é impossível, Dolly. É só olhar o mapa. Para chegar aqui o Japão tem de atravessar Cingapura e Malásia. Cingapura é um dos lugares mais bem defendidos do mundo. Os britânicos têm dezenas de milhares de tropas lá. Têm canhões de 36 polegadas no litoral. Não se pode correr atrás de fumaça, Dolly, não se pode fazer as coisas no pânico. Se é para dar certo, temos de ser realistas, temos de fazer planos cuidadosos.

Dolly foi até ele e ajeitou os travesseiros na cama.

— Então você tem um plano? — Não ainda, mas estou pensando. Independentemente do que a gente fizer, vai levar tempo; pelo menos um ano, talvez mais. Você tem de se preparar. Quero que seja possível nós saímos da Birmânia com o suficiente para os meninos se estabelecerem com conforto em algum lugar; na Índia ou onde eles quiserem.

— E depois?

— Nós dois vamos estar livres.

— Para fazer o quê?

— Bom, você já resolveu: quer morar em Sagaing.

— E nós dois?

— Talvez eu volte também, Dolly. Às vezes, penso em viver tranquilamente em Huay Zedi; tenho certeza que Doh Say teria um lugar para mim, e eu não estaria muito longe de você.

Dolly riu.

— Então você vai vender tudo, desenraizar todos nós, acabar com tudo isto, só para voltar e viver quietinho em Huay Zedi?

— Não é por mim que estou pensando em fazer isso, Dolly: é pelos meninos.

Rajkumar sorriu e deixou a cabeça cair sobre os travesseiros. Uma vez antes, vira sua vida numa encruzilhada — foi quando estava tentando conseguir seu primeiro contrato, com a Ferrovia Chota-Nagpur. Tinha pensado muito e chegado a um plano que dera certo, lançando as bases para seu futuro sucesso. Dessa vez também ia ter de pensar em alguma coisa, um plano que pudesse funcionar: seria seu último desafio, a última montanha a atravessar. Depois disso, ia descansar. Não era vergonha nenhuma envelhecer e buscar o descanso.

Os primeiros meses da guerra encontraram Arjun e seu batalhão na fronteira com o Afeganistão. Arjun estava em missão num pequeno posto avançado chamado Charbagh, perto da passagem Khyber. A fronteira estava tranquila — excepcionalmente

tranquila, disseram os oficiais mais velhos — e o conflito com a Europa parecia muito distante. Charbagh era controlado por uma única companhia de soldados, sendo Arjun o único oficial. A paisagem era bela, espetacular: montanhas escarpadas, cor de ocre, riscadas com cortes de rocha brilhantemente colorida. Havia pouca coisa a fazer além dos exercícios diários, de inspeção aos dormitórios e marchas ocasionais com colunas de treinamento. Arjun passava longas horas lendo e logo ficou sem livros.

A intervalos regulares de 15 dias, o comandante do batalhão, tenente-coronel "Bucky" Buckland, aparecia para uma visita de inspeção.

O comandante era um homem alto, de aspecto profissional, com um tufo de cabelo duro pregado na base da cabeça calva, abobadada.

— E o que faz com seu tempo, tenente? — perguntou o comandante inesperadamente em uma de suas visitas. — Sai para caçar? Ouvi dizer que se pode achar muita caça por aqui.

— Na verdade, sir — disse Arjun tranquilo —, eu leio livros...

— Ah? — O comandante virou-se para olhá-lo com um novo interesse. — Não achei que fosse um leitor. E posso perguntar o que lê? Os gostos de ambos acabaram sendo complementares: o comandante apresentou Robert Graves e Wilfred Owen a Arjun. Arjun emprestou para ele exemplares de *A Guerra dos Mundos*, de H. G. Wells, e *Vinte Mil Léguas Submarinas*, de Júlio Verne. Esse intercâmbio passou a ser uma parte agradável da vida de Arjun em Charbagh, e ele começou a esperar pelas visitas do comandante. Entre uma e outra, passavam longos dias sem que nada acontecesse. Havia pouco a fazer além de conversar com um viajante ocasional.

No fim do verão, o amigo de Arjun, Hardy, apareceu, a caminho de seu posto, no alto da passagem Khyber. Hardy era um

homem calado, de olhos claros, estatura mediana e constituição média.

Fosse de farda ou sem farda estava sempre muito bem vestido — com as dobras do turbante arrumadas em ordem precisa e a barba penteada rente ao queixo. Apesar de sua origem de soldado, Hardy não parecia de forma nenhuma com os guerreiros sikhs do folclore militar — falava macio e movimentava-se devagar, com uma expressão habitual de felicidade. Tinha bom ouvido para música e era sempre o primeiro no refeitório a aprender as últimas músicas de filmes hindi. Era seu costume — incômodo para algumas pessoas, divertido para outras — cantarolar essas melodias baixinho enquanto estava trabalhando. Essa particularidade trazia-lhe uma dose de "fúria" a mais que o merecido — mas seus amigos sabiam que havia certos limites além dos quais ele não podia ser pressionado: embora geralmente difícil de se ofender, Hardy era inflexível quando irritado e guardava por muito tempo suas mágoas.

Hardy tinha acabado de passar um período de licença em sua aldeia. Na primeira noite em Charbagh, contou a Arjun uns estranhos rumores que tinha ouvido durante sua estada. A maioria dos vizinhos tinha parentes no Exército e alguns falavam de incidentes de agitação: dizia-se que tropas estavam resistindo a ordens de transferência para o estrangeiro.

Contava-se que, em Bombaim, uma unidade sikh — um esquadrão da caalaria Índia Central — havia se amotinado. Tinham baixado as armas e se recusado a embarcar no navio que devia levá-los para o Norte da África.

Dois homens haviam sido executados. Uma dúzia de outros, exilados para prisões nas ilhas Andaman. Alguns desses homens eram da aldeia de Hardy: não havia dúvidas quanto à veracidade desses relatos.

Arjun ficou perplexo ao ouvir isso.

— Você devia contar para Bucky, disse —, ele tem de saber.
— Ele já deve saber — disse Hardy. — E se não disse nada para nós deve ser por alguma razão... — Os dois se olharam, inquietos, e mudaram de assunto; nenhum dos dois mencionou essas histórias para ninguém mais.

Poucos meses depois, o 1/1 Jats voltou para a base de seu batalhão em Saharanpur, perto de Déli. Ao descer para as planícies, o ritmo da vida deles passou por uma mudança dramática. O Exército estava se expandido a um ritmo frenético: Regimentos levantavam novos batalhões e os quartéis-generais procuravam gente experiente por toda parte. Assim como todos os outros batalhões no regimento, o 1/1 Jats perdeu vários oficiais e não-comissionados. De repente, se viram lutando para preencher os espaços vazios em suas fileiras. Companhias recém-recrutadas foram enviadas para o centro de treinamento de batalhão e uma nova leva de oficiais chegou para substituir os que tinham ido embora. Os novos oficiais consistiam sobretudo de civis britânicos expatriados com Comissionamentos de Emergência — homens que até recentemente trabalhavam como agricultores, empresários e engenheiros. Tinham pouco conhecimento do Exército indiano e de seus intrincados costumes e procedimentos.

Arjun e Hardy eram ambos tenentes plenos agora e estavam entre os poucos oficiais regulares do Exército deixados na unidade. O tenente-coronel Buckland começou a depender mais e mais deles para a manutenção do dia a dia do batalhão.

Primeiro, encarregou-os da tarefa de formar um novo pelotão administrativo. Depois, antes do que qualquer pessoa esperava, o transporte motorizado do batalhão foi autorizado a funcionar plenamente.

Três dúzias de caminhões de 1.500 quilos chegaram, junto com uma dúzia de caminhonetes menores. Descobriu-se que o batalhão tinha uma infinidade de treinadores de mulas, mas não

tinha motoristas. Arjun foi removido do pelotão administrativo e nomeado Oficial de Transporte Motorizado. Coube a ele instruir os novos motoristas nos truques de conduzir caminhões pesados pelas alamedas e bazaars estreitos de Saharanpur.

No momento em que o batalhão estava se adaptando aos novos veículos, um carregamento de armas foi enviado de Nova Déli: morteiros de 3 polegadas, fuzis-metralhadoras e metralhadoras ligeiras Vickers-Berthier. Depois vieram três armas Bren com seus suportes, seis metralhadoras médias e cinco com rifles antitanque Boye, um para cada companhia. Hardy ficou com a responsabilidade de dar cursos de treinamento em armas para os homens.

Quando Hardy e Arjun estavam se firmando alegremente em suas novas tarefas, o comandante virou tudo de pernas para o ar outra vez. Tirou tanto Arjun como Hardy de suas funções e colocou-os para trabalhar na preparação do esquema de mobilização da unidade.

Por essa época, a maioria dos colegas de classe de Arjun e Hardy na Academia Militar já havia sido mandada para o estrangeiro. Alguns estavam servindo na África do Norte, alguns na Eritreia (onde um deles recebeu uma Cruz da Vitória) e alguns no Oriente — Malásia, Hong Kong e Cingapura. Arjun e Hardy achavam que logo seriam mandados ao estrangeiro para se juntar às outras unidades do Exército indiano. Quando o comandante pediu que elaborassem um plano de mobilização, eles tomaram isso como sinal de que sua partida era iminente. Mas passou-se um mês sem nenhuma outra notícia e, depois, outro mês. Na noite de Ano-novo, receberam 1941 com uma cerimônia apagada. Apesar da proibição de falar de negócios no refeitório, a conversa sempre voltava para a questão de para onde seriam mandados, leste ou oeste — para a África do Norte ou na direção da Malásia.

As opiniões se dividiam igualmente.

Rajkumar teve alta do hospital com ordens estritas de permanecer de cama pelo menos um mês. Ao voltar para casa, insistiu em mudar para um quarto no alto da residência. Levaram uma cama para cima e colocaram-na ao lado de uma janela. Neel trouxe um rádio, um Paillard igual ao do hospital, e colocou-o na mesa ao lado da cama. Quando tudo estava exatamente como ele queria, Rajkumar deitou com uma muralha de travesseiros nas costas, colocando-se de forma a poder olhar a cidade, na direção do Shwe Dagon.

Com o passar dos dias, o esboço de um plano começou a tomar forma diante de seus olhos, muito devagar. Durante a última guerra, o preço da madeira tinha subido às alturas. Os lucros que obtivera então haviam sustentado uma década posterior. Não era exagero imaginar que algo semelhante iria acontecer outra vez. Os britânicos e holandeses estavam reforçando suas defesas por todo o Oriente — na Malásia, em Cingapura, Hong Kong, Java, Sumatra. Era razoável que fossem precisar de materiais.

Se conseguisse acumular um carregamento de madeira em suas serrarias, era possível que conseguisse vender a bom preço no ano seguinte. O problema era a liquidez: ia ter de vender ou hipotecar todas as suas propriedades para levantar dinheiro, teria de se livrar dos depósitos, das serrarias, das concessões de madeira, até da casa de Kemendine. Talvez conseguisse convencer Matthew a comprar sua parte na Morningside: podia haver algum dinheiro aí.

Quanto mais pensava, mais plausível o plano parecia. Os riscos eram enormes, claro, mas sempre eram quando havia alguma coisa importante em jogo. Porém, as recompensas também seriam muito grandes, suficientes para saldar suas dívidas e financiar um novo começo para Neel e Dinu. E haveria outras vantagens em arranjar as coisas assim: teria se desfeito de todas as suas propriedades quando desse o passo final. Depois disso, estaria livre para ir embora — nada o deteria, nada mais com que se preocupar.

Uma tarde, quando Dolly lhe trouxe a refeição, ele esboçou o plano para ela.

— Acho que pode funcionar, Dolly — concluiu. — Acho que é nossa melhor chance.

Dolly tinha muitas objeções.

— Como realizar tudo isso, Rajkumar? No seu estado de saúde, você não pode levantar e sair por aí, viajar para a Malásia e tudo.

— Já pensei nisso — disse ele. — Neel e Dinu vão fazer as viagens, não eu. Digo para eles o que têm de fazer. Um deles pode ir para o norte; o outro pode ir e dar um fim à nossa parte em Morningside.

Dolly sacudiu a cabeça.

— Dinu não vai concordar. Ele nunca quis ter nada a ver com os negócios, você sabe disso.

— Ele não tem escolha, Dolly. Se eu morresse hoje, ele ia se ver pagando minhas contas, gostasse ou não. Tudo o que eu quero é alguns meses do tempo dele. Afinal, ele vai estar livre para ir atrás dos seus interesses.

Dolly ficou quieta e Rajkumar estendeu a mão para sacudir seu braço.

— Diga alguma coisa, Dolly, me diga o que acha.

— Rajkumar — Dolly disse, baixo —, esse seu plano... sabe como chamam esse tipo de coisa? — Como? — Hoarding: lucrar com a guerra.

Rajkumar fechou a carranca.

— Hoarding se aplica aos bens essenciais, Dolly. Não é com isso que vou lidar. Não tem nada de ilegal no meu plano.

— Não estou falando da lei...

Rajkumar ficou impaciente.

— Dolly, não se pode fazer mais nada. Temos de aproveitar essa chance, você não entende? Dolly se pôs de pé.

Será que importa o que eu penso, Rajkumar? Se foi isso que você resolveu, é isso que você vai fazer. Não importa o que eu penso.

Essa noite, tarde, quando toda a casa estava adormecida, o telefone começou a tocar no vestíbulo do andar de baixo. Dolly saiu da cama e correu para atender, antes que acordasse Rajkumar. Ouviu a voz da telefonista crepitando na linha, dizendo que era uma chamada tronco. O aparelho pareceu ficar mudo um momento e Dolly então ouviu a voz de Alison; estava muito distante, como se ela gritasse em uma sala cheia.

— Alison? — Ouviu um som que era como um soluço. Falou mais alto. — Alison, é você? — Sou.

Alison, está tudo bem? — Não... tenho más notícias.

— É Sayagyi? — Não. — Outro soluço. — Meus pais.

— Alison. Sinto muito. O que aconteceu? — Eles estavam de férias. Viajando de carro. Nos montes Cameron. O carro caiu de um aterro...

— Alison. Alison... — Dolly não conseguia pensar no que dizer em seguida. — Alison, eu iria pessoalmente, se pudesse, mas Rajkumar não está bem. Não posso deixar Rajkumar sozinho. Mas vou mandar alguém... um dos meninos, talvez Dinu. Pode levar algumas semanas, mas ele vai até aí. Prometo... — A linha ficou muda antes que pudesse dizer qualquer outra coisa.



Na véspera do aniversário de 23 anos de Arjun, ele e Hardy pegaram um jipe emprestado e foram passar o fim de semana em Déli. Ao passear pelas galerias de Connaught Circus, encontraram um conhecido, Kumar, um alegre e bon-vivant contemporâneo deles na Academia.

Kumar pertencia ao XIV Regimento Punjab e seu batalhão estava atualmente lotado em Cingapura. Ele estava na Índia apenas brevemente, fazendo um curso de sinais. Kumar parecia distraído e preocupado, muito diferente de sua alegria natural. Foram almoçar juntos e Kumar contou um estranho incidente — algo que provocara muita inquietação no quartel-general.

No Campo de Tyersall Park, em Cingapura, um soldado indiano havia inexplicavelmente atirado em um oficial e depois cometido suicídio. A investigação revelou que não era um simples caso de assassinato-suicídio: havia correntes subjacentes de inquietação dentro do batalhão. Certos oficiais desse batalhão tinham ouvido dizer que os indianos deviam se recusar a participar dessa guerra; que se tratava de uma competição pela supremacia entre nações que acreditavam ser seu destino comum escravizar outros povos — Inglaterra, França, Alemanha.

Havia muita preocupação no quartel-general: mais da metade das tropas na Malásia era de indianos e é claro que a colônia ficaria indefensável se a inquietação se alastrasse. Apesar da

natureza incendiária desses rumores, o Alto Comando decidira por uma resposta judiciosa e ponderada.

Tudo o que se fez em termos de ação disciplinar foi mandar um dos oficiais júnior do batalhão de volta para a Índia.

Acontece que o oficial escolhido para a censura era um muçulmano. Quando a notícia dessa punição chegou ao batalhão, uma companhia de soldados muçulmanos passou a depor as armas numa demonstração de simpatia. No dia seguinte, muitos soldados hindus do batalhão também depuseram as armas.

Nesse ponto, o incidente assumira uma nova seriedade. Durante gerações, o Exército britânico indiano havia operado com o princípio de manter um cuidadoso equilíbrio entre as tropas. Cada batalhão era constituído por companhias vindas de diferentes castas e religiões — hindus, muçulmanos, sikhs, jats, brâmanes. Cada companhia tinha seu próprio refeitório, conduzido estritamente de acordo com as normas dietéticas do grupo em que as tropas haviam sido recrutadas. Como salvaguarda adicional, divisões de infantaria eram compostas de tal forma que as tropas indianas ficavam sempre equilibradas por um certo número de unidades australianas ou britânicas.

O fato de tropas hindus ou muçulmanas poderem agir em conjunto para apoiar um oficial indiano chegou como um choque ao Alto Comando. Ninguém precisava ser lembrado de que nada desse tipo havia acontecido desde o Grande Motim de 1857. Nessa altura, foram dispensadas as meias medidas.

Um pelotão de soldados britânicos dos Montanhese de Argyll e Sutherland foi enviado para cercar os indianos amotinados.

Até esse trecho da história, Kumar não tinha dito nem o nome do batalhão envolvido, nem o do oficial que devia ser punido. Quando por fim mencionou esses nomes, ficou claro que Kumar, como bom raconteur que era, estava guardando a surpresa para o

final. Acontece que o batalhão em questão era o/1 Jats — uma parte do regimento de infantaria de Hyderabad.

O oficial que estava sendo mandado para casa era alguém que eles todos conheciam bem da Academia.

Kumar concluiu a história com uma observação inesperada: — Viajar para o estrangeiro tem um efeito perturbador para a tropa — disse, encolhendo os ombros. — Para os oficiais também. Vocês vão ver.

— Talvez não aconteça conosco — Hardy disse, esperançoso. — Não é certo que sejamos mandados para o estrangeiro. Precisam de forças aqui também, afinal...

Arjun protestou depressa.

— E como seria conosco? — disse. — Com você e comigo? Vamos passar a guerra sentados na cadeira para nossas carreiras morrerem aos nossos pés. Eu acho que preferia arriscar no estrangeiro.

Afastaram-se em silêncio, sem saber o que concluir dessa conversa. Havia alguma coisa na história de Kumar que era difícil de acreditar. Ambos conheciam o oficial que fora castigado — era um sujeito de tipo quieto, de uma família de classe média. No mínimo, precisava do emprego. O que o teria levado a fazer o que fez? Era difícil de entender.

E se a história fosse verdadeira — não tinham meios de comprovar isso —, o incidente tinha também outras implicações. Significava, por exemplo, que outros escalões estavam agora recebendo instruções de oficiais indianos e não do Alto Comando. Mas isso era preocupante — tanto para eles quanto para o Alto Comando —, pois se os homens perdessem a confiança na estrutura do comando, os oficiais indianos também acabariam sendo dispensáveis. Só assumindo a causa comum com as contrapartidas britânicas podiam ter esperança de impedir isso. O que aconteceria

se realmente ocorresse uma fissura? Como os homens reagiriam? Não havia como dizer.

Por mais inquietante que fosse a questão, Arjun sentiu-se estranhamente animado: era uma responsabilidade incomum ter de enfrentar questões como essas aos 23 anos de idade.

Nessa noite, vestiram kurtas e pijamas churidar e foram à kotha de uma dançarina perto da Porta Ajmeri. A dançarina tinha seus 40 anos, o rosto pintado de branco, sobrancelhas finas como arames. À primeira vista, parecia pétrea, desagradável, mas quando se levantava para dançar a dureza do rosto se dissolvia; o corpo era flexível, elástico e tinha uma deslumbrante leveza nos pés. Quando o ritmo da tabla aumentou, ela começou a girar, rodando no ritmo da música. A angarkha esvoaçante comprida até os joelhos formava espirais em torno dela. Os mamilos desenhavam-se por baixo do pano branco e fino. Arjun sentiu a garganta seca. Quando soou na tabla o último toque, a bailarina tocou o indicador na testa de Arjun. Ela o chamou para ir com ela.

Arjun olhou para Hardy, perplexo, e o amigo sorriu para ele, balançou a cabeça.

— Vá, yaar, é seu aniversário, não é?Jaa.

Arjun subiu um lance de escada atrás da bailarina. Seu quarto era pequeno, de teto baixo. Ela o despiu devagar, puxando com as unhas o cordão do pijama churidar de algodão. Quando ele tentou tocá-la, ela empurrou a mão dele e riu.

— Espere.

Fez com que se deitasse de bruços na cama e massageou-lhe as costas com um punhado de óleo, tocando os nódulos de sua coluna numa imitação do ritmo dos pés da dançarina. Quando finalmente se deitou ao lado dele, ainda estava toda vestida. Ele tentou tocar-lhe os seios e ela empurrou sua mão.

— Não, isso não.

Ela desamarrou o próprio cordão e orientou-o para dentro do corpo dela, observando com um sorriso enquanto ele se punha em cima dela. Quando ele terminou, ela depressa se afastou e foi como se nada tivesse acontecido: até os cordões da roupa dela pareciam ter voltado instantaneamente para o lugar.

Ela pôs o dedo embaixo do queixo dele e empurrou sua cabeça para trás, projetou os lábios como se estivesse olhando para uma criança bonita.

— Tão jovem — disse. — Apenas um menino.

— Tenho 23 anos — ele disse, orgulhoso.

Ela riu.

— Parece que tem 16.

Quando Alison contou para Saya John a notícia da morte dos pais a reação dele não foi mais que um ligeiro sorriso. Seguiu-se uma série de perguntas, feitas quase de brincadeira, como se a situação discutida fosse, na melhor das hipóteses, uma possibilidade remota — uma hipótese imaginativa que Alison havia proposto a fim de explicar a prolongada ausência dos pais da mesa de jantar.

Alison temia tanto o efeito que a notícia poderia ter sobre seu avô que fez de tudo para se compor, cobriu de maquiagem a palidez do rosto e amarrou um lenço em cima dos cabelos despenteados. Tentou se preparar para cada eventualidade que conseguia imaginar. Mas a visão do sorriso de criança do avô foi além do que podia suportar. Levantou-se e saiu correndo da sala.

Saya John tinha agora quase 90 anos, O costume de exercícios matinais mantido a vida inteira lhe fizera muito bem e estava relativamente saudável. Sua audição não havia deteriorado muito e embora a visão não fosse mais tão boa, ainda era capaz de se deslocar pela casa e pelo jardim. Antes do acidente, a idade avançada se traía às vezes em uma tendência para a confusão. Muitas vezes esquecia coisas que tinha dito minutos antes, ao

mesmo tempo em que era capaz de lembrar, nos menores detalhes, acontecimentos de quarenta ou cinquenta anos antes. O acidente acelerou muito essa tendência. Alison percebia bem que, ao contrário do que ele pretendia demonstrar, a notícia da morte de seus pais havia sido efetivamente registrada pela mente do avô. Mas a relação dele não foi diferente da reação de uma criança a um barulho indesejado: figurativamente, ele tinha tapado os ouvidos com as mãos, para calar o que não queria saber. Cada dia que passava, falava menos. Descia para comer com Alison, mas ficava sentado à mesa de madeira de lei em absoluto silêncio. As frases que porventura dirigia a Alison começavam, quase invariavelmente, com observações como "Quando Matthew voltar..." ou "Temos de lembrar de contar para Elsa...".

No começo, Alison reagia a essas observações com indisfarçável fúria, batia as mãos na mesa polida e repetia diversas vezes: "Matthew não vai voltar..." Naquele momento, nada parecia mais importante do que ele admitir devidamente o que havia acontecido. Nisso ela via, se não uma diminuição da própria dor, ao menos um compartilhamento de seu peso. Mas ele sorria diante de suas explosões e por fim continuava como se ela o tivesse interrompido: "... e quando eles voltarem..." Parecia de certa forma indecente, até obsceno — uma profanação da paternidade —, ele reagir tão brandamente a uma perda tão grande. Mas ela entendeu que sua insistência e o bater nas mesas não faziam a menor diferença: que a não ser que batesse nele, não tinha meios de forçar uma ruptura na protetora cobertura de confusão que ele colocara em torno de si. Ela fez um esforço para controlar a própria raiva, mas isso veio à custa da admissão de mais uma perda — a perda do avô. Ela e seu Baba, como o chamava, tinham sempre sido muito próximos. Agora, era como se ela fosse forçada a aceitar que ele não era mais uma presença sensível em sua vida; que o conforto do companheirismo que gozavam havia cessado para sempre; que ele,

que fora sempre uma fonte infalível de apoio, havia, agora, em sua hora de maior necessidade, escolhido transformar-se em um peso. De todas as traições que ele podia ter perpetrado, essa parecia a mais terrível — que se transformasse em uma criança nesse momento de seu absoluto abandono. Ela jamais poderia ter imaginado isso.

Essas semanas teriam sido insuportáveis, não fosse por uma única circunstância fortuita. Alguns anos antes, agindo por impulso, Saya John tinha adotado o filho de uma trabalhadora da plantação "aquele menino que está sempre rondando a casa" —, Ilongo. O menino continuara a viver com a mãe, mas Saya John pagara para ele estudar na cidade próxima, Sungei Pattani. Depois, mandou-o para uma instituição técnica em Penang e Ilongo formara-se eletricitista.

Ilongo tinha agora 20 anos, um jovem moreno, de cabelos encaracolados, de movimentos lentos e fala mansa, mas de estatura e constituição imponentes. Ao terminar o curso de eletricitista, Ilongo voltara para os arredores de Morningside — a mãe dele agora morava em uma casinha de telhado de zinco perto da propriedade.

Logo depois do acidente, Ilongo vinha sempre visitar Saya John na Casa Morningside. Pouco a pouco e sem nenhuma demonstração invasiva ou indevida de preocupação, ele assumiu muitas das funções de cuidados diários do velho. Sua presença era invisível, mas silenciosamente confiável, e Alison logo se viu contando com ele para ajudar a tocar o escritório da plantação. Ilongo tinha crescido na Morningside e conhecia todos os trabalhadores da fazenda. Eles, por sua vez, atribuíam a ele uma autoridade diferente da que atribuíam a qualquer outra pessoa da plantação. Ele chegara à maioridade na fazenda, mas também tinha ultrapassado seus limites, aprendera a falar malaio e inglês, adquirira educação. Não precisava levantar a voz nem fazer

ameaças para conquistar respeito: confiavam nele como um dos seus.

Saya John também encontrava conforto em sua companhia. Todo domingo, Ilongo tomava emprestado um caminhão da fazenda e o levava até a Igreja de Cristo Rei em Sungei Pattani. No caminho, paravam nas galerias sombreadas das lojas de tijolos vermelhos que ladeavam a rua principal da cidade. Saya John entrava num pequeno restaurante e chamava o proprietário, Ah Fatt, um homem grande com brilhantes dentes incisivos de ouro. Ah Fatt tinha ligações políticas no sul da China e Saya John tinha sido um generoso contribuinte desde a invasão da Manchúria pelo Japão. Toda semana entregava a Ah Fatt uma soma de dinheiro dentro de um envelope para ser enviada para lá.

Nos dias em que estava na Casa Morningside, era Ilongo quem atendia ao telefone. Um dia, foi de bicicleta da casa para o escritório da fazenda, para falar com Alison.

— Um telefonema...

— De quem?

— Mr. Dinu Raha.

— O quê? — Alison estava sentada à escrivaninha. Levantou o rosto, franziu a testa. — Dinu? Tem certeza? — Tenho. Ligou de Penang. Acabou de chegar de Rangoon. Está vindo para Sungei Pattani de trem.

— Ah.

Alison pensou nas cartas que Dolly havia lhe escrito nas semanas seguintes à morte dos pais: lembrou-se da menção a uma visita programada mas a carta dizia que Neel é que viria, não Dinu.

— Tem certeza que era Dinu? — tornou a perguntar a Ilongo.

— Tenho.

Olhou o relógio.

— Talvez eu vá até a estação esperá-lo chegar.

— Ele disse que não precisa: que pega um táxi.

— Ah. Bom, vamos ver. Ainda tem tempo.

Ilongo saiu e ela voltou à cadeira, virou para a janela, olhou a plantação, o azul distante do mar de Andaman. Fazia muito tempo que não recebia nenhuma visita. Imediatamente depois da morte dos pais, a casa ficara cheia de gente. Amigos e parentes tinham vindo de Penang, Malaca, Cingapura — recebera pilhas de telegramas. Timmy viera de Nova York, num voo do China Clipper da Pan Am sobre o Pacífico. Na sufocante confusão daquele momento, Alison se vira rezando para a Morningside ficar cheia de gente para sempre: era inconcebível ter de enfrentar, sozinha, aqueles quartos e corredores — a escada onde cada junta de madeira era uma lembrança de sua mãe. Mas uma semana ou duas passaram e a casa esvaziara, tão depressa quanto havia se enchido. Timmy voltara para Nova York. Tinha seu próprio negócio e não podia ficar muito tempo longe. Ao partir, ele praticamente entregara a Morningside a ela — para vender ou tocar adiante, como quisesse. Com o tempo, sua sensação de abandono foi cedendo à compreensão de que não podia contar com o passado para preencher as lacunas do presente; que não podia esperar que os traços duradouros da vida dos pais servissem como um amortecedor entre ela e o doloroso isolamento da Morningside — a esmagadora monotonia, a solidão que resultava de estar sempre rodeada pelas mesmas caras, as mesmas ordenadas fileiras de árvores, a inescapável visão das mesmas nuvens pairando sobre a mesma montanha.

E agora ali estava Dinu, a caminho da Morningside — o estranho, velho Dinu —, tão incorrigivelmente sério, tão desajeitado e inseguro de si mesmo. Olhou o relógio, olhou a janela. Ao longe, viu o trem rodando pela planície. Pegou a bolsa, encontrou as chaves do Daytona conversível. Seria um alívio escapar, mesmo que só por algumas horas.

25



Foi por causa da guerra que a chegada de Dinu à Morningside atrasou tanto. A ameaça de atividades submarinas na baía de Bengala forçara as companhias de vapores a interromper a publicação de seus horários. As partidas eram agora anunciadas com apenas horas de antecedência. Isso significava, com efeito, que era preciso manter uma vigília constante nos escritórios das companhias. Dinu achou que tinha tido sorte de conseguir um leito e nem pensara em passar um telegrama.

A estação de Sungei Pattani era bonita como se fosse de brinquedo: uma única plataforma sombreada por um teto baixo de telhas vermelhas. Dinu viu Alison assim que o trem entrou na plataforma: estava parada à sombra do abrigo, de óculos escuros e vestido preto comprido. Parecia magra, frouxa, murcha — um pavio de vela em que a dor queimara como uma chama.

A visão dela provocou uma onda momentânea de pânico. Emoção, de qualquer tipo, inspirava-lhe medo, mas nenhuma tanto quanto a dor: durante vários minutos depois que o trem parou ele foi literalmente incapaz de levantar de seu lugar. Só quando o chefe da estação sacudiu a bandeira verde foi que se dirigiu à porta.

Ao descer do trem, Dinu tentou lembrar as frases de condolências que havia preparado para esse momento. Mas agora, com Alison se aproximando pela plataforma, a ideia de consolar pareceu-lhe uma impertinência insuportável. Seria mais gentil, sem dúvida, comportar-se como se nada tivesse acontecido? — Não

devia ter vindo — disse, asperamente, baixando os olhos. — Eu podia ter tomado um táxi.

— Gostei de vir — disse ela. — É bom dar uma escapada da Morningside.

— Mesmo assim. — Pendurou as alças das malas de suas câmeras nos ombros e entregou a mala a um carregador.

Ela sorriu.

— Seu pai melhorou? — Melhorou — Dinu disse, seco. — Está bem agora... e Manju e Neel estão esperando um bebê.

— Boa notícia. — Ela sorriu e balançou a cabeça.

Saíram da estação para um espaço sombreado por uma imensa árvore que parecia uma cúpula. Dinu parou para olhar. Dos galhos envoltos em musgo pendia uma colorida variedade de trepadeiras e flores silvestres.

— Nossa — disse Dinu —, não é uma árvore de padauk? — Aqui nós chamamos de angšana — disse Alison. — Meu pai plantou esta aqui no ano que eu nasci. — Ela fez uma pausa. — No ano em que nós nascemos, eu devia dizer.

Nossa, é... claro... nós dois nascemos no mesmo ano.

— Dinu sorriu, hesitante, surpreso tanto pelo fato de ela ter lembrado quanto de ter resolvido comentar isso.

O Daytona estava parado ali perto, com a capota arriada. Alison sentou no banco do motorista, enquanto Dinu supervisionava a acomodação de sua bagagem atrás. Saíram da estação e passaram pela praça do mercado principal com suas longas galerias de lojas ladrilhadas. Nos arredores da cidade, passaram por um campo cercado de arame farpado. No centro do campo, várias fileiras ordenadas de cabanas attap, com telhados de folhas de zinco corrugado.

— O que é isso? — Dinu perguntou. — Não me lembro disso aqui...

— É a nossa base militar — disse Alison. — Sungei Pattani agora tem um grande contingente do Exército, por causa da guerra. Tem uma pista de pouso aí e está sendo guardada por soldados indianos.

A estrada começou a subir e o Gunung Jerai projetava — se adiante, o pico escondido pela costureira névoa de calor do dia. Dinu recostou-se no banco, emoldurando a montanha num visor imaginário. A voz de Alison o pegou de surpresa.

— Sabe qual é a parte difícil? — Não... qual? — Nada tem forma.

— Como assim? — Uma coisa que não se vê até ela ir embora... as formas que as coisas têm e o jeito como as pessoas à sua volta se amoldam a essas formas. Não falo das coisas grandes, só das pequenas coisas. O que se faz ao levantar de manhã, as centenas de ideias que passam pela cabeça enquanto a gente escova os dentes: "Tenho de falar com mamãe sobre o canteiro novo"... esse tipo de coisas. Nesses últimos anos, comecei a assumir uma porção de pequenas coisas que papai e mamãe costumavam fazer na Morningside. Agora, quando acordo de manhã, essas coisas ainda me voltam do mesmo jeito: tenho de fazer isto ou aquilo, para mamãe ou para papai.

Aí, me lembro, não, não tenho de fazer mais nada disso; não tem razão para fazer. E, de certa forma, é estranho, mas o que se sente nesses momentos não é exatamente tristeza, é uma espécie de decepção. E isso também é horrível, porque você diz para si mesmo: isto é o melhor que eu consigo fazer? Não: isto não basta. Eu devia chorar, todo mundo diz que é bom chorar. Mas a sensação por dentro não tem um nome fácil: não é exatamente dor nem tristeza, não na hora. Parece mais a sensação que se tem ao sentar muito pesadamente numa cadeira: a respiração sai do corpo e a pessoa se vê sem ar. É difícil entender o sentido, qualquer sentido.

Você quer que a dor seja simples, direta, não quer que ela te pegue de surpresa desse jeito indireto toda manhã, quando você está levantando para fazer alguma coisa: escovar os dentes, tomar café da manhã...

O carro virou de repente para o lado da rua. Dinu agarrou a direção para endireitá-la.

— Alison! Devagar, cuidado.

Ela levou o carro para o canteiro gramado que ladeava a estrada e parou debaixo de uma árvore. Levantou as mãos, tocou as faces num gesto de descrença.

— Olhe — disse. — Estou chorando.

— Alison. — Ele queria se aproximar dela, tocar seu ombro, mas não estava nele manifestar seus sentimentos. Ela encostou a testa na sua direção, soluçando, e de repente as hesitações dele evaporaram.

— Alison. — Puxou a cabeça dela para seu ombro e sentiu as lágrimas quentes umedecendo o algodão fino da camisa. O cabelo dela era sedoso em sua face, com um vago cheiro de uvas.

— Alison, tudo bem...

Foi tomado por uma profunda perplexidade pelo que fizera. Era como se alguém o tivesse lembrado que gestos desse tipo não lhe vinham com naturalidade. O braço que a segurava aninhada em seu ombro ficou pesado, duro, e ele se viu resmungando, desajeitado: — Alison... sei que tem sido difícil...

O rugido de um caminhão de uma tonelada e meia passando na estrada o interrompeu. Alison afastou-se depressa e endireitou o corpo. Dinu virou quando o caminhão passou. Na carroceria, havia um pelotão de soldados indianos, vestidos com turbante e calças curtas cáqui.

O ruído do caminhão desapareceu na distância e o momento passou. Alison enxugou o rosto e limpou a garganta.

— Hora de ir para casa — disse, girando a chave. — Você deve estar cansado.

Foi em meados de fevereiro que as muito esperadas ordens de mobilização finalmente chegaram. Hardy foi um dos primeiros a saber e foi correndo ao quarto de Arjun.

— Yaar, já está sabendo? Era o fim da tarde e Hardy não se deu o trabalho de bater. Empurrou a porta e olhou para dentro.

— Arjun, onde você está? Arjun estava dentro do quarto de vestir cortinado que separava o banheiro da área de estar. Tinha acabado de se lavar depois de uma partida de futebol e os sapatos e shorts sujos de lama estavam empilhados no chão. Era quinta-feira — noite em que, por tradição, usava-se smoking no refeitório, dia da semana em que a notícia da morte da Rainha Vitória havia chegado à Índia. Kishan Singh estava trabalhando no quarto de Arjun, arrumando suas roupas para a noite — smoking, calça formal, faixa de seda.

Hardy atravessou o quarto depressa.

— Arjun? Já está sabendo? Chegaram as ordens.

Arjun abriu a cortina, uma toalha amarrada na cintura.

— Tem certeza? — Tenho. O sah'b Assistente me contou.

Os dois ficaram se olhando sem saber mais o que dizer.

Hardy sentou-se na beira da cama e começou a estalar os dedos.

Arjun começou a abotoar a camisa engomada, dobrando os joelhos para poder se enxergar no espelho. Vislumbrou Hardy atrás dele, sentado pesadamente, olhando o chão. Tentou soar leve e disse: — Pelo menos vamos ficar sabendo se aqueles benditos planos de mobilização que nós fizemos valem a pena ou não...

Hardy não respondeu e Arjun olhou por cima do ombro.

— Não está contente de a espera acabar? Hardy? Hardy estava com as mãos crispadas nos joelhos. Levantou a cabeça de repente.

— Eu fico pensando...

— Em quê? — Lembra cio salão Chetwoclc? Na Academia Militar de Dehra Dun? — Claro.

— Havia uma inscrição que dizia assim: A segurança, honra e bem-estar de nosso país vêm em primeiro lugar, sempre e em todos os momentos. A honra, bem-estar e conforto dos homens que se comanda vêm em seguida...

— ... E sua tranquilidade, conforto e segurança vêm em último lugar, sempre e em todos os momentos. — Arjun riu ao terminar a citação para Hardy. — Claro que lembro. Estava escrita no pódio, bem na cara da gente cada vez que se entrava no salão Chetwode.

— Ela nunca intrigou você, essa inscrição? — Não. Por que deveria? — Bom, você nunca pensou: este país, cuja segurança, honra e bem-estar devem vir em primeiro lugar, sempre e em todos os momentos... qual é? Onde fica esse país? O fato é que você e eu não temos um país; então, onde fica esse lugar cuja segurança, honra e bem-estar têm de vir em primeiro lugar, sempre e em todos os momentos? E por que, quando fizemos o juramento, não foi a um país, mas ao Rei Imperador, para defender o Império? Arjun virou-se para olhar para ele.

— Hardy, onde você quer chegar? — É o seguinte — disse Hardy. — Yaar, se o meu país realmente vem em primeiro lugar, por que estou sendo mandado para o estrangeiro? Não existe nenhuma ameaça ao meu país neste momento, e se houver, seria meu dever ficar aqui e defendê-lo.

— Hardy — Arjun disse com leveza —, ficar aqui não ia fazer muito bem para sua carreira...

— Carreira, carreira — Hardy estalou a língua, desgostoso. — Yaar, você nunca pensa em mais nada? — Hardy. — Arjun deu-lhe um olhar de alerta para lembrar da presença de Kishan Singh.

Hardy deu de ombros e olhou o relógio.

— Tudo bem. Eu calo minha boca — disse e levantou-se para sair. — Melhor eu me trocar agora. Conversamos depois.

Hardy saiu e Kishan Singh levou a calça de Arjun para o quarto de vestir. Ajoelhou-se no chão e segurou-a pela cintura. Arjun entrou na calça oscilando o corpo, tomando cuidado para não amassar o vinco delicado e preciso. Kishan Singh pôs-se de pé e começou a circular em torno de Arjun, enfiando a barra da camisa para dentro da calça.

A mão de Kishan Singh roçou contra a parte baixa das costas de Arjun e ele enrijeceu: estava a ponto de explodir com o ordenança para que andasse depressa, quando se conteve. Incomodava-o o fato de, depois de dois anos como oficial comissionado, ainda não ter conseguido se acostumar com a forçada intimidade da vida militar. Essa era uma das muitas coisas, sabia, que o distinguiu dos faujis de verdade, os wallahs do Exército, nascidos e criados ali dentro, como Hardy. Uma vez, observara Hardy durante esse mesmo processo de se vestir para a Noite de Gala com a ajuda do ordenança; ele ignorava a presença do homem de um jeito que ele, Arjun, jamais conseguiria fazer com Kishan Singh.

De repente, Kishan Singh falou e surpreendeu Arjun.

— Sah'b — disse —, sabe para onde vai o batalhão? — Não. Ninguém sabe. Não vamos saber até estarmos no navio.

Kishan Singh começou a enrolar a faixa de seda na cintura de Arjun.

— Sah'b — disse —, o comandante andou dizendo que nós vamos para o Oriente...

— Por quê? — Primeiro, nós treinamos para o deserto e todo mundo disse que íamos para a África do Norte. Mas o equipamento que mandaram há pouco tempo é evidentemente destinado a chuva...

— Quem andou dizendo essas coisas? — Arjun perguntou, surpreso.

— Todo mundo, sah'b. Até nas aldeias já sabem. Minha mãe e minha mulher vieram me visitar na semana passada. Ouviram dizer que a gente estava para embarcar.

— O que elas disseram? — Minha mãe disse assim: "Kishan Singh, quando você vai voltar?" — E o que você respondeu? Kishan Singh estava ajoelhado na frente de Arjun conferindo os botões da braguilha da calça e alisando as pernas, puxando as pregas para arrumar.

Arjun só via o alto de sua cabeça e os caracóis de seu cabelo cortado curto.

De repente, Kishan Singh levantou a cabeça.

— Sah'b, eu disse para ela que o senhor ia garantir a minha volta...

Arjun, pego de surpresa, sentiu o sangue esquentar o rosto. Havia algo inexplicavelmente comovente na absoluta falta de malícia dessa expressão de confiança. Não encontrou palavras para dizer.

Uma vez, durante suas conversas em Charbagh, o tenente-coronel Buckland dissera que a recompensa por servir na Índia, para ingleses da geração de seu pai, estava na ligação com "os homens". Esse relacionamento, dissera, era de um tipo absolutamente diferente do relacionamento normal do Exército britânico, sendo a mútua lealdade do soldado indiano e do oficial inglês ao mesmo tempo tão poderosa e tão inexplicável que só podia ser entendida como uma espécie de amor.

Arjun lembrou como essa palavra soara estranha nos lábios reticentes do comandante e como se sentira tentado a rir, caçoando. Parecia que, nessas histórias, "os homens" figuravam apenas como abstrações, coletividades aprisionadas em permanente infância — instáveis, imprevisíveis, fantasticamente valentes,

desesperadamente leais, propensos a extraordinários excessos de emoção. Mas ele entendeu ser verdade que mesmo para si havia momentos em que parecia que os atributos dessa coletividade sem rosto — "os homens" — se encarnava na realidade de um único soldado, Kishan Singh: que o laço que passara a existir entre eles realmente era uma espécie de amor. Impossível descobrir até que ponto isso era obra de Kishan Singh e até que ponto produto da peculiar intimidade das circunstâncias de ambos, ou talvez apenas outra coisa absolutamente diferente, que Kishan Singh, em sua própria individualidade, tornara-se mais do que ele mesmo — uma aldeia, um país, uma história, um espelho para Arjun ver o reflexo de si mesmo? Durante um instante assombroso, Arjun se viu no lugar de Kishan Singh: como um ordenança ajoelhado na frente de um oficial de smoking, polindo seus sapatos, enfiando a mão dentro de sua calça para puxar a camisa, conferindo os botões da braguilha, olhando para o alto no abrigo de seus pés separados, pedindo proteção. Rangeu os dentes.

26



Na manhã de sua chegada, Dinu pegou uma bicicleta emprestada e foi olhar as ruínas de chandis do Gunung Jerai. Alison desenhou-lhe um mapa e ele seguiu: a trilha subia quase desde a Casa Morningside e ele teve de montar e desmontar diversas vezes, empurrando a bicicleta nas partes mais íngremes. Tomou algumas trilhas erradas, mas acabou encontrando o lugar exato onde Alison havia estacionado o carro da última vez. O riachinho corria lá embaixo e os arredores eram exatamente como se lembrava: havia um vau raso, com um corredor de pedras grandes. Do outro lado, um caminho estreito levava para dentro da selva.

Aí, sua perna direita já estava cansada e dolorida. Pendurou as bolsas de câmeras num galho e desceu até o poço. Na margem, havia uma pedra com uma forma perfeita para se sentar. Dinu tirou os sapatos, puxou as calças até os joelhos e enfiou as pernas na água corrente, fresca.

Tinha hesitado em ir para a Malásia, mas agora que estava ali, estava contente de sair de Rangoon, contente de deixar para trás as tensões da casa de Kemendine e todas as preocupações constantes com negócios. E era um alívio também colocar uma distância entre ele e a luta política que parecia estar consumindo todos os seus amigos. Sabia que seu pai queria que Alison vendesse a Morningside — ia ser excessivo para ela administrá-la sozinha, dissera ele; a propriedade ia perder dinheiro.

Mas, pelo que podia perceber, a Morningside estava indo bem e Alison parecia controlar tudo perfeitamente. Não via como ela pudesse precisar de nenhum conselho seu, mas mesmo assim estava contente de estar ali.

Teria a chance de pensar as coisas por si mesmo: em Rangoon estava sempre muito ocupado, com a política, com a revista. Tinha agora 27 anos e estava na hora de resolver se a fotografia seria apenas um hobby ou uma carreira.

Acendeu um cigarro e fumou até o fim antes de pegar as bolsas e atravessar o riacho. O caminho tinha mais mato do que se lembrava e em certos pontos teve de abrir passagem. Quando chegou à clareira, ficou assombrado com a serena beleza do lugar: as cores dos chandis cobertos de musgo eram ainda mais vivas do que se lembrava; os panoramas ao fundo ainda mais arrebatadores. Sem perder tempo, armou o tripé. Expôs dois rolos de filme e estava anoitecendo quando voltou para a Casa Morningside.

Voltou na manhã seguinte e na outra. O passeio passou a ser uma rotina regular: partia de manhã cedo, levando uns assados para o almoço. Quando chegava ao riacho, ficava sonhando acordado algum tempo, sentado em sua pedra favorita, as pernas mergulhadas na água. Depois ia para a clareira e montava o equipamento. Na hora do almoço, fazia uma longa pausa e depois tirava uma soneca, deitado à sombra de um dos chandis.

Uma manhã, em vez de parar nos chandis, foi um pouco mais longe que o usual. Forçando caminho na floresta, avistou um morro coberto de vegetação a alguma distância. Abriu caminho no mato e viu-se diante de outra ruína, construída com o mesmo material dos dois chandis — laterita —, mas com desenho diferente: esta era vagamente octogonal e com a forma de uma pirâmide escalonada ou zigurate. Apesar do desenho monumental, a construção era de tamanho modesto, não mais alta que sua cabeça. Ele subiu cautelosamente os blocos cobertos de musgo e no

ápice encontrou uma maciça pedra quadrada com uma abertura retangular esculpida no centro. Olhou dentro e encontrou uma poça de água da chuva ali presa. A poça tinha a forma regular e o brilho metálico de um espelho antigo.

Tirou uma foto — um instantâneo — e sentou-se para fumar um cigarro.

Para que servia aquela abertura? Teria sido a base para alguma escultura monumental — algum monólito gigantesco e sorridente? Não importava: era apenas um buraco agora, colonizado por uma família de pequenos sapos verdes. Quando olhou o próprio reflexo ondulante, os sapos coaxaram para ele, profundamente ofendidos.

Nessa noite, em casa, disse para Alison: — Sabia que existe uma outra ruína, uma espécie de pirâmide, um pouco adiante dentro da selva? Ela balançou a cabeça.

— Sabia, e tem outras mais. Se seguir em frente, vai encontrar.

No dia seguinte, ele comprovou que Alison tinha razão. Dinu avançou um pouco mais pela encosta e tropeçou, literalmente mesmo, numa plataforma de 3 metros quadrados, feita de blocos de laterita — aparentemente a base de um pequeno altar. O traçado do templo era claramente visível no piso, marcado como um desenho de arquiteto, com uma fileira de depressões quadradas indicando a colocação de uma fileira de colunas. Um ou dois dias depois, encontrou outra ruína, ainda mais estranha: uma construção que parecia estar suspensa dentro de uma explosão, como um objeto em uma ilusão fotográfica. Uma árvore de baniano se enraizara no templo e ao crescer afastara duas paredes, levando consigo blocos de alvenaria. Um portal havia sido rachado em dois, como se uma bomba tivesse explodido no batente. Um poste de pedra fora derrubado, enquanto outro fora levantado, envolvido por um

emaranhado de verde, a uma distância de alguns metros acima do chão.

Às vezes, ao entrar nas ruínas, Dinu ouvia um farfalhar ou um chiado prolongado. De vez em quando, os topos das árvores em volta se movimentavam como se atingidos por uma rajada de vento. Dinu levantava a cabeça e via um bando de macacos a examiná-lo atentamente dos galhos.

Uma vez, ouviu uma tosse rouca que podia ter sido um leopardo.

Ao aprofundar a intimidade com as ruínas, Dinu começou a descobrir que seu olhar ia direto para o lugar onde teria ficado a estátua principal do templo: suas mãos iam direto para os nichos onde oferendas de flores foram um dia colocadas; começou a reconhecer os limites até onde podia ir sem tirar os sapatos. Quando atravessava o riacho, depois de rodar de bicicleta pela fazenda, não era mais como se estivesse andando na ponta dos pés por um lugar estranho e desconhecido, onde vida e ordem levavam a escuridão e sombras. Era quando atravessava de volta para o ordenamento monocromático da plantação que se sentia passando para um território de ruínas, uma corrupção muito mais profunda que a decadência temporal.

Num fim de tarde, parado diante do tripé, uma comoção dos pássaros da floresta alertou-o para o som de um carro. Foi depressa para o caminho, até um ponto em que uma abertura na vegetação permitia ver o riacho lá embaixo. Viu o Daytona vermelho de Alison chegando ao longe. Deixou o tripé armado onde estava e desceu correndo a trilha.

Dinu tinha estado muito pouco com Alison desde que chegara. Ela saía da casa antes do amanhecer, para estar presente à Convocação, e quando voltava ele geralmente estava na montanha, tirando fotos. Geralmente se encontravam apenas na hora do jantar, quando a conversa era inevitavelmente restringida pelos silêncios

vazios de Saya John. Ela parecia não saber como encaixar um visitante nas rotinas fixas de sua vida na plantação, e Dinu, por seu lado, estava sobrecarregado pela consciência da tarefa que lhe fora confiada. Sabia que ia ter de encontrar um jeito de dizer para ela que seu pai queria se desfazer de sua parte da Morningside, e isso parecia impossível num momento em que ela estava tão preocupada, tanto com a dor pela morte dos pais como com a ansiedade diária de manter uma plantação em funcionamento.

Quando Dinu chegou ao fim da trilha, Alison havia atravessado o riacho.

Vendo-se agora face a face com ela, não conseguia pensar no que dizer e começou a revirar os bolsos em busca de um cigarro.

— Está voltando para a casa? — perguntou por fim, entredentes, riscando um fósforo.

— Pensei em dar uma passada aqui para ver como está indo.

— Estava acabando de montar a câmera... — Subiu com ela para a clareira, onde o tripé estava armado na frente de um dos chandis.

— Posso assistir enquanto você fotografa? — ela perguntou, animada.

Ele hesitou, levou o cigarro à boca, apertou os olhos com a fumaça. Sentindo uma relutância, Alison perguntou: — Você se importa? Incomoda? — Não — disse ele. — Não que... você não me incomodaria exatamente... É que quando estou fotografando tenho de ficar muito concentrado... senão é perda de... como em qualquer outro trabalho, sabe... não é fácil com alguém olhando.

— Entendo. — O som oco da voz dela indicou que tomara aquilo por uma recusa. — Bom, então vou indo.

— Não — ele disse, depressa —, por favor, fique... mas então, se vai estar aqui, posso tirar umas fotos de você? Ela foi rápida em elaborar a sua recusa.

— Não. Eu não estou no estado de espírito correto para fazer parte do seu... do seu trabalho. — Virou-se e pegou a trilha na direção do riacho.

Dinu viu-se empurrado inadvertidamente para uma discussão.

— Alison... eu não queria... — Correu atrás dela, mas ela estava andando depressa e a perna o colocava em desvantagem. — Alison... por favor, fique. — Alcançou-a à margem do riacho. — Alison... eu só estava dizendo que é como... quando eu tiro uma foto... não queria afastar você... não quer ficar? — Não agora — ela olhou o relógio. — Não hoje.

— Então, você volta? Ela já estava atravessando o vau. No meio da água, sem se virar, levantou a mão num aceno.

Pouco antes de o batalhão partir de Saharanpur, chegaram novas tabelas de equipamento de guerra. Isso queria dizer que Arjun e Hardy tinham de ficar acordados a noite inteira revisando seu Esquema de Mobilização de Unidade cuidadosamente preparado. Mas no fim estava tudo bem: o comandante ficou satisfeito e o batalhão pôde prosseguir o treinamento conforme o planejado. O trem partiu de Bombaim no horário.

Em Ajmer, houve um ligeiro atraso. O 1/1 Jats foi colocado num desvio para que um trem carregado de prisioneiros de guerra italianos pudesse passar. Os italianos e os indianos ficaram se olhando em silêncio na plataforma, pelas janelas gradeadas de seus respectivos vagões. Era a primeira vez que viam o inimigo.

Na manhã seguinte, chegaram à Estação Terminal Victoria, em Bombaim.

Souberam que o navio de tropas HMT Nuwara Elya estava à espera no porto.

Foram para as docas de Sassoon e descobriram que suas ordens de embarque já haviam sido emitidas.

As docas mostraram-se inesperadamente congestionadas. Acontece que um batalhão britânico estava embarcando em outro navio exatamente na mesma hora. Logo, as bagagens e equipamentos dos dois batalhões se misturaram inapelavelmente. Oficiais começaram a gritar, espalhando pânico entre os estivadores. Hardy foi jogado no meio de uma confusão: era ele o encarregado da bagagem do 1/1 Jats e cabia-lhe tentar restaurar a ordem.

Arjun olhou a lista de escalação de Hardy e descobriu que tinha uma cabine individual. Nunca havia estado num navio antes e mal podia conter sua excitação. Subiu correndo a prancha de embarque, procurou sua cabine, com Kishan Singh seguindo logo atrás, levando a bagagem.

Foram os primeiros a ir para bordo e o navio estava vazio, a não ser pela tripulação. Tudo parecia novo e surpreendente: as amuradas e passarelas brancas, as comportas enormes e as molduras redondas das escotilhas.

Quando estavam chegando ao convés superior, Kishan Singh olhou de lado por acaso.

— Sah'b, olhe! Ele apontou, chamando a atenção de Arjun para uma altercação nas docas lá embaixo. Arjun viu que Hardy estava envolvido em uma discussão aos gritos com um imenso sargento britânico. Estavam na ponta dos pés, Hardy sacudindo um calhamaço de papéis no nariz do sargento.

— Fique aqui.

Arjun desceu correndo por onde tinha vindo. Chegou à cena um momento atrasado. Outro oficial de seu batalhão chegara antes dele — o capitão Pearson, ajudante-general, um inglês atarracado e arrogante com uma voz tonitruante e temperamento explosivo.

Observando a alguns passos de distância, Arjun viu Hardy voltar-se para o capitão Pearson. Claro que Hardy ficou aliviado de ver o ajudante, confiante de que seu superior ia ficar do seu lado —

por lealdade a um colega de batalhão, se não por qualquer outra coisa. Mas o capitão Pearson nunca fizera segredo de que achava Hardy "difícil" e "supersensível". Em vez de apoiá-lo, demonstrou seu incômodo: — Tenente, meteu-se em briga outra vez...? Arjun viu a expressão de Hardy mudar de alívio para intensa injúria. Era doloroso ficar ali parado como testemunha silenciosa da humilhação do amigo. Virou-se e desapareceu.

Mais tarde, nesse mesmo dia, Hardy veio à sua cabine.

— Temos de dar uma lição nesse filho-da-mãe do Pearson — disse. — Aquele desgraçado daquele sargento me chamou de negro fedido na frente dos meus homens. Pearson deu força para ele. Yaar, dá para acreditar, o maldito pôs a culpa em mim! O único jeito de acabar com uma coisa dessas é a gente se juntar.

— O que exatamente quer dizer com isso? — Acho que nós temos de boicotar o homem.

— Ele é ajudante-general, Hardy — disse Arjun. — Como a gente pode boicotar? Pense bem.

— Tem várias maneiras de dar o recado — Hardy disse, furioso. — Mas isso só acontece se você souber de que lado está.

— Levantou-se abruptamente e saiu da cabine de Arjun.

Durante dois dias, o Nuwara Eliya ficou esperando na água enquanto outros nove navios se juntavam no porto. Corria o boato de que um submarino alemão rondava por perto e que os navios seriam escoltados por dois destróieres, um navio de carga armado e um cruzador ligeiro. Quando o comboio finalmente partiu, foi em direção oeste, em busca do sol poente. O destino ainda era desconhecido; não faziam ideia se iriam para Oriente ou Ocidente.

Em Bombaim, o comandante recebera um envelope selado que devia ser aberto exatamente 24 horas depois da partida. Quando chegou a hora, Arjun e os outros oficiais se reuniram na sala de jantar do convés superior do Nuwara Eliya. O comandante abriu o envelope com seu jeito decidido de sempre, arrancando o

selo do papel com uma faca. Os oficiais em expectativa. Arjun sentiu uma umidade pegajosa formar-se na palma da mão.

Então, por fim, o comandante levantou os olhos com um fino sorriso. Segurou a folha de papel na frente do rosto e leu em voz alta: — Este navio vai para Cingapura.

Arjun saiu para o convés e encontrou Hardy debruçado na amurada, cantarolando baixinho. Atrás deles, a fita branca da esteira do navio já começara a descrever uma curva à medida que o comboio lentamente mudava de direção.



Manju nunca foi tão feliz como nos primeiros meses de gravidez.

Saboreava cada lembrete de sua mutável condição: as torções e os movimentos muitas vezes imaginários; as pontadas de fome que nunca podia ser devidamente satisfeita; até a náusea que a despertava toda manhã e o ácido formigamento dos dentes.

A casa de Kemendine mudara muito nos dois anos em que ela estava em Rangoon, Dinu tinha saído, claro, e o apartamento dele no andar de cima estava vazio. Neel e Rajkumar estavam sempre ausentes, cuidando da venda das propriedades familiares ou comprando novos estoques de teca. Durante a maior parte do tempo, Manju e Dolly ficavam sozinhas em casa. A propriedade estava descuidada; onde antes houvera um jardim, a grama agora batia na altura do joelho. Muitos quartos e edículas estavam trancados; boa parte da mobília fora vendida. As dezenas de empregados que um dia povoaram o lugar não existiam mais — criados, vigias, jardineiros e suas famílias. Até U Ba Kyaw havia voltado para sua aldeia. O Packard foi uma das poucas posses disponíveis que Rajkumar manteve, mas agora era dirigido por Neel.

Nem Manju nem Dolly lamentavam que a casa se esvaziasse. Ao contrário, era como se um enorme acúmulo de teias de aranha tivesse sido varrido, permitindo novas e desusadas liberdades. No passado, Manju muitas vezes achara que Dolly parecia distante e

inabordável, mas agora haviam se tornado aliadas, colegas, parceiras, e trabalhavam juntas na renovação da família. Ao acordar de manhã, Manju encontrava Dolly de joelhos, vestida com um velho longyi surrado, limpando o chão com trapos esfriados de tecido. Trabalhavam juntas, fazendo dois cômodos por dia, interrompendo o trabalho quando os monges chegavam para a visita diária.

Para Manju, esses intervalos no meio da manhã eram o aspecto de que mais gostava na vida diária de Rangoon. Sempre soubera que os monges budistas viviam de coletar esmolas, mas foi uma surpresa observar a maneira como essa doutrina, mais ou menos abstrata, se traduziu na mecânica mundana da vida diária — na realidade de trabalho de um grupo de jovens e meninos de aspecto cansado que palmilhavam as ruas empoeiradas com seus mantos cor de açafreão, os cestos equilibrados nos quadris. Havia algo mágico no fato de essa interrupção ocorrer num momento do dia em que as tarefas domésticas estavam em seu momento mais exigente; quando mal havia espaço na cabeça para pensar no que fazer em seguida. E no meio de tudo isso — abrir a porta e ver os monges ali parados, esperando pacientemente, com o sol batendo em suas cabeças raspadas: que melhor jeito haveria de desequilibrar a realidade de todo dia? Calcutá parecia agora muito distante, O fluxo de cartas da Índia sofrera interrupções, devido à ameaça de submarinos na baía de Bengala. O tráfego de vapores entre Calcutá e Rangoon ficara tão irregular que as cartas tendiam a chegar em pacotes.

Um desses pacotes trouxe notícias tanto da iminente partida de Arjun como de sua chegada à Malásia. Dolly ficou muito contente de saber desse desenrolar.

— Talvez Arjun possa descobrir o que aconteceu com Dinu — disse. — Faz muito tempo que não temos notícia dele.

Claro, está certo. Vou escrever...

Manju mandou uma carta para o endereço que seu pai havia fornecido — via quartel-general do Exército em Cingapura. Muitas semanas se passaram sem resposta.

— Não se preocupe — Manju disse a Dolly. — Tenho certeza de que Dinu está bem. Nós teríamos sabido se houvesse algo errado.

— Você deve ter razão. — Mas um mês passou e depois outro e Dolly parecia resignada com o continuado silêncio do filho.

O bebê agora chutava com urgência as paredes da barriga de Manju e ela não podia desperdiçar energia com nada além de sua própria condição. Com a proximidade das monções, os dias ficavam mais quentes e o esforço de carregar a criança era grande demais. Antes do que esperavam, o festival de Waso estava ali. Dolly levou Manju para um passeio no campo em um táxi alugado para o dia inteiro. Pararam em uma área de floresta próxima à estrada de Pegu para colher braças de perfumadas flores amarelas de padauk. Estavam voltando para Rangoon quando Manju sentiu uma tontura e desmaiou no banco de trás.

Depois desse episódio, o médico prendeu Manju ao leito. Dolly virou sua enfermeira, trazia comida, ajudava com a roupa, de vez em quando a levava para dar uma volta no jardim. Os dias passavam em uma espécie de transe; Manju ficava na cama, sonhadora, com um livro ao lado, aberto, mas sem ler. Horas se passavam sem que fizesse nada além de ouvir o som da chuva.

Estavam agora em meio ao Thadin — o período anual de três meses de reflexão e abstinência. Muitas vezes, Dolly lia para Manju, principalmente as escrituras — nas traduções que encontrasse, uma vez que Manju não sabia nem páli nem birmanês. Um dia, Dolly escolheu um discurso de Buda a seu filho, Rahula.

Leu: Busque um estado de espírito como a terra, Rahula, pois na terra se lança toda espécie de coisas, puras e impuras. fezes

e urina, saliva, pus e sangue, e a terra não se perturba, nem repele, nem se enoja...

Manju ficou observando a sogra enquanto ela lia: o cabelo preto e comprido de Dolly estava ligeiramente riscado de branco e o rosto marcado por uma rede de rugas. Mas havia nela uma juventude de expressão que enganava esses sinais de idade: era difícil acreditar que aquela mulher tinha em torno de 65 anos.

busque um estado de espírito como a água, pois na água muitas coisas se lançam, puras e impuras, e a água não se perturba, nem repele, nem se enoja. E também como o fogo, que queima todas as coisas, puras e impuras, e como o ar, que sobre tudo sopra, e como o espaço, que em parte alguma se limita...

Os lábios de Dolly pareciam mal se mexer, e, no entanto, cada palavra era perfeitamente enunciada: Manju nunca antes conhecera alguém que conseguisse parecer estar em repouso quando na verdade estava intensamente alerta, no máximo do alerta.

Quando Manju chegou ao oitavo mês de gestação, Dolly proibiu Neel de fazer quaisquer outras viagens. Ele estava em casa quando o trabalho de parto de Manju começou. Ajudou-a a subir no Packard e levou-a ao hospital. Não podiam mais pagar o apartamento particular que Dolly e Rajkumar haviam ocupado antes, então Manju foi para a ala geral da maternidade. Na noite seguinte deu à luz a criança — uma menina saudável de voz forte, que começou a mamar no momento em que Manju colocou-a ao peito. O bebê recebeu dois nomes — Jaya seria seu nome indiano, e Tin May, o birmanês.

Exausta pelo parto, Manju adormeceu. Estava amanhecendo quando acordou.

O bebê de novo em sua cama, pedindo esfaimado a mamada.

Quando levou a filha ao seio, Manju lembrou da passagem que Dolly havia lido poucos dias antes: era do primeiro sermão de Buda, pronunciado no Sarnath 2.500 anos antes: nascer é tristeza, envelhecer é tristeza, adoecer é tristeza, morrer é tristeza; contato com o desagradável é tristeza, separação do agradável é tristeza, cada desejo frustrado é tristeza...

As palavras a impressionaram muito no momento, mas agora, com a filha recém-nascida a seu lado, pareciam incompreensíveis: o mundo nunca parecera tão brilhante, tão pleno de promessas, tão pródigo em recompensas, tão generoso em suas alegrias e bênçãos.

Durante as primeiras semanas em Cingapura, o 1/1 Jats ficou no campo de Tyersall Park. Era exatamente o lugar de que Kumar, o amigo de Arjun, havia falado — onde um soldado fora morto por um oficial e depois cometera suicídio. Em Nova Déli, a história soara improvável e exagerada — uma situação extrema —, como a notícia de uma mãe que levanta um carro para salvar o filho. Mas agora que eles próprios estavam em Cingapura, com a Índia a meio continente de distância, nada mais parecia improvável — tudo parecia estar de ponta-cabeça. Era como se eles não soubessem mais onde estavam, não entendessem mais seu lugar na ordem das coisas. Sempre que se aventuravam além das certezas conhecidas do batalhão, pareciam se perder em um labirinto de significados ocultos.

Acontece que Kumar estava em Cingapura quando o 1/1 Jats chegou. Uma tarde, levou Arjun e Hardy a um clube fechado para dar um mergulho. A piscina estava lotada, cheia de expatriados europeus com suas famílias.

Era um dia quente, pegajoso, e a água parecia fresca e convidativa.

Levados por Kumar, Arjun e Hardy saltaram. Minutos depois, viram-se sozinhos: a piscina se esvaziara assim que

entraram na água.

Kumar foi o único a não ficar chocado. Seu batalhão estava na Malásia havia mais de um ano e ele viajara por toda a colônia.

— Devia ter alertado vocês sobre isso — Kumar disse com um sorriso malicioso. — É assim na Malásia inteira. Nas cidades pequenas, os clubes chegam a colocar placas na porta dizendo: "Interditado para asiáticos." Em Cingapura, nos deixam usar a piscina.. só que todo mundo sai. Agora tiveram de relaxar um pouco a limitação de cor porque são muitas unidades do Exército indiano entre nós. Mas é bom vocês irem se acostumando porque isso é o que vão encontrar o tempo todo: em restaurantes, clubes, praias, trens. — Ele riu. — Temos de morrer por esta colônia, mas não podemos usar as piscinas. — Sacudiu a cabeça, tristonho, e acendeu um cigarro.

Logo o batalhão deles foi deslocado. O campo da Malásia foi uma revelação para os oficiais indianos. Nunca tinham visto tanta prosperidade, tantas estradas bonitas, cidadezinhas tão arrumadas, tão bem construídas. Muitas vezes, quando paravam, os moradores indianos locais os convidavam a suas casas. Eram geralmente pessoas de classe média, com empregos modestos — advogados e médicos de província, escreventes e balconistas. Mas os sinais de prosperidade de suas casas eram tamanhos que surpreendiam Arjun e seus colegas soldados. Parecia que na Malásia até gente comum conseguia ter seus carros e geladeiras; alguns tinham até ar-condicionado e telefone. Na Índia, só europeus e os mais ricos dos indianos ricos tinham dinheiro para essas coisas.

Ao rodar pelas estradas rurais, os oficiais descobriram que, na Malásia, as únicas pessoas que viviam em abjeta, esmagadora pobreza eram os trabalhadores das plantações — quase todos eles indianos de origem. Era inacreditável a diferença entre o verde organizado das plantações e a squalidez das alas cules. Hardy uma vez observou como era duro esse contraste e Arjun respondeu

dizendo que na Índia teriam aceitado essa pobreza como natural; só notavam essa pobreza agora por causa de sua justaposição às prósperas cidades da Malásia. Essa ideia fez os dois sentirem vergonha. Era como se estivessem examinando suas próprias condições pela primeira vez, em retrospecto; como se o choque da viagem houvesse abalado uma indiferença que lhes fora inculcada desde a mais tenra infância.

Outros choques estavam à espera. Sem farda, Arjun e seus amigos descobriram que eram muitas vezes confundidos com cules. Nos mercados e bazaars, os donos de lojas os tratavam com desdém, como se não tivessem interesse. Outras vezes — e isso era ainda pior —, viam-se tratados com algo próximo da piedade.

Uma vez, Arjun discutiu com um vendedor e viu-se chamado de klang — para sua surpresa. Depois, indagou o significado da palavra e descobriu que era uma referência depreciativa ao som das correntes usadas pelos primeiros trabalhadores indianos levados à Malásia.

Logo parecia não haver um único homem no batalhão que não se tivesse visto envolvido em algum encontro perturbador de um tipo ou de outro.

Uma noite, Kishan Singh estava lubrificando o revólver de Arjun, agachado no chão, e levantou a cabeça de repente.

— Sah'b — disse para Arjun —, posso perguntar o sentido de uma palavra do inglês? — Pode. Qual? — Mercenary, o que quer dizer? — Mercenary? — Arjun surpreendeu-se. — Onde ouviu essa palavra? Kishan Singh explicou que durante uma movimentação recente o comboio de caminhões havia parado numa barraca de chá à beira da estrada perto da cidade de Ipoh. Havia alguns indianos do local sentados na barraca. Eles anunciaram fazer parte de um grupo político — a Liga de Independência Indiana. De alguma forma, começou uma discussão. Os civis disseram que eles — o 1/1 Jats — não eram soldados de verdade; que eram apenas assassinos

contratados, mercenários. Se o comboio não tivesse partido, teria havido uma briga. Mas depois, de volta à estrada, começaram a discutir de novo — dessa vez entre eles — sobre a palavra mercenary e o que queria dizer.

O instinto de Arjun foi berrar uma ordem para Kishan Singh, mandá-lo calar a boca e continuar com o que estava fazendo. Mas já conhecia seu ordenança suficientemente bem para saber que uma ordem não ia impedi-lo de procurar resposta para sua pergunta. Arjun pensou depressa e embarcou numa explicação: mercenários eram apenas soldados pagos por seu trabalho, disse. Nesse sentido, todos os soldados, nos exércitos modernos, eram mercenários.

Centenas de anos antes, os soldados lutavam por convicção religiosa, ou por fidelidade a suas tribos, ou para defender seus reis. Mas essa época passara há muito: ser soldado agora era um trabalho, uma profissão, uma carreira. Todo soldado era pago e não havia nenhum que não fosse um mercenário.

Isso pareceu satisfazer Kishan Singh e ele não fez mais perguntas. Mas foi o próprio Arjun quem ficou perturbado pela resposta dada ao ordenança. Se fosse verdade (e sem dúvida era) que todos os soldados contemporâneos eram mercenários, então por que a palavra tinha o peso de um insulto? Por que se sentia aborrecido com seu uso? Seria porque ser soldado não era um emprego, afinal, como lhe haviam ensinado a acreditar? Que matar sem convicção violava algum impulso humano profundo e inalterável? Uma noite, ele e Hardy ficaram acordados até tarde, discutindo o assunto com uma garrafa de conhaque. Hardy concordou que era difícil explicar por que era tão vergonhoso ser chamado de mercenário. Mas foi ele que acabou pondo o dedo em cima da questão: — É porque as mãos de um mercenário obedecem à cabeça de outro; essas duas partes do corpo dele não têm ligação uma com a outra. — Fez uma pausa e sorriu para Arjun: — É

porque, yaar, em outras palavras, um mercenário é um buddhu, um idiota.

Arjun se recusou a embarcar no bom humor de Hardy.

Disse: — Então nós somos mercenários, você acha? Hardy deu de ombros: — Todos os soldados hoje são mercenários — disse. — Na verdade, por que ficar só nos soldados? De uma forma ou de outra, nós todos somos como aquela mulher que você visitou em Déli: dançamos para a música dos outros, recebemos dinheiro.

Não tem muita diferença. — E virou o copo com uma risada.

Arjun encontrou uma oportunidade para levar suas dúvidas ao tenente-coronel Buckland. Contou o incidente da barraca de chá e recomendou que os contatos de outras patentes com a população local indiana fosse supervisionado mais de perto. O tenente-coronel Buckland ouviu pacientemente, e só interrompeu para concordar: — É, tem razão, Roy, temos de fazer alguma coisa.

Mas Arjun saiu dessa conversa ainda mais perturbado que antes. Tinha a sensação de que o tenente-coronel não entendera por que ele estava tão ofendido por ser descrito como "mercenário"; na voz dele, havia um tom de surpresa por alguém tão inteligente como Arjun se ofender com algo que não era mais que a afirmação de um fato. Era como se o tenente-coronel soubesse alguma coisa sobre ele que ele, Arjun, ou não sabia ou não estava disposto a reconhecer. Arjun ficou envergonhado de pensar que havia se permitido perder assim o controle. Era como se fosse uma criança que se ressentisse de descobrir que a vida inteira falara em prosa.

Essas experiências eram tão peculiares, estimulavam tantas emoções estranhas, que Arjun e os outros oficiais raramente falavam delas.

Sempre souberam que seu país era pobre, porém nunca haviam imaginado que eles próprios eram parte dessa pobreza: eram privilegiados, a elite. A descoberta de que eram pobres lhes veio como uma revelação. Era como se uma encardida cortina de

esnobismo os tivesse impedido de ver o que estava claramente diante de seus olhos — que embora nunca tivessem passado fome, eles também eram empobrecidos pelas condições de seu país; que essas impressões sobre seu próprio bem-estar eram ilusórias, resultantes do inimaginável extremo da pobreza de sua terra natal.

O estranho era que ainda mais que sobre Arjun, era sobre os faujis de verdade — a segunda e terceira gerações de wallah do exército — que essas experiências tinham efeito mais poderoso.

— Mas seu pai e seu avô estiveram aqui — Arjun disse a Hardy. — Foram eles que ajudaram a colonizar esses lugares. Eles devem ter visto algumas das coisas que nós vimos.

— Nunca falaram disso? — Eles não viam as coisas como nós — disse Hardy.

— Eram analfabetos, yaar. Você não pode esquecer que nós somos a primeira geração de soldados indianos educados.

— Mesmo assim, eles tinham olhos, tinham ouvidos, deviam conversar com o povo nativo de vez em quando.

Hardy deu de ombros.

— A verdade, yaar, é que não estavam interessados; não ligavam; o único lugar real para eles era a própria aldeia.

— Mas como é possível uma coisa dessas...? Nas semanas seguintes, Arjun pensou muitas vezes nisso: era como se ele e seus pares tivessem sido escolhidos para pagar o preço de um monumental olhar para dentro de si mesmos.

A cada dia que passava na montanha, Dinu sentia que suas fotos estavam mudando. Era como se seus olhos estivessem se adaptando a desusadas linhas de visão, como se seu corpo estivesse se adaptando a novos ritmos temporais. Suas primeiras fotos dos chandis eram angulares e cheias, o quadro preenchido com vastos panoramas. Aos seus olhos, o local era cheio de dramaticidade visual — a selva, a montanha, as ruínas, as altas linhas verticais dos troncos das árvores sobrepostas as extensas horizontais do mar

distante—, e se empenhava em amontoar todos esses elementos em seus enquadramentos. Mas, quanto mais tempo passava na montanha, menos o fundo parecia importar. A vastidão da paisagem tinha o efeito tanto de encolher como de ampliar a clareira encerrada na floresta onde ficavam os chandis: ele ficou pequeno e íntimo, mas saturado com uma sensação de tempo.

Logo, não via mais nem as montanhas, nem a floresta, nem o mar. Viu-se chegando mais e mais perto dos chandis, acompanhando o grão da laterita e o padrão do musgo que cobria sua superfície; tentou encontrar um jeito de enquadrar as formas curiosamente voluptuosas dos cogumelos que cresciam nas juntas das pedras.

Os ritmos de seu trabalho mudaram de um jeito que não conseguia controlar inteiramente. Passavam-se horas antes de fazer uma simples exposição; ia e voltava dezenas de vezes entre a câmara e o objeto da foto; começou a demorar cada vez mais para fechar o diafragma de sua lente, experimentando aberturas que exigiam exposições de vários minutos, de até meia hora. Era como se estivesse usando seu instrumento para mimetizar os olhinhos de cabeça de alfinete dos lagartos que tomavam sol no piso dos chandis.

Muitas vezes por dia, inexplicáveis perturbações varriam a floresta circundante. Bandos de pássaros levantavam voo, gritando, das árvores em torno, e circulavam como bumerangues no céu para voltar a pousar exatamente nos mesmos pontos de onde tinham voado. Para Dinu, cada perturbação dessas parecia agora um augúrio da chegada de Alison, e ao procurar ouvir suas causas — às vezes o escapamento de um caminhão na fazenda, às vezes um avião que aterrissava na pista de pouso próxima —, seus sentidos passaram a adquirir uma estranha sintonia com os sons da floresta. Toda vez que as árvores se sacudiam como seres vivos, ele interrompia o trabalho, procurando captar o som do Daytona. Às

vezes, descia correndo a trilha até a abertura de onde podia olhar o vau do riacho. À medida que sua decepção aumentava, foi ficando cada vez mais impaciente consigo próprio: era uma completa idiotice imaginar que ela viria até ali de carro outra vez, depois da última vez. De qualquer forma, por que vir até ali quando ia vê-lo em casa na hora do jantar? Mas então, um dia, realmente houve um cintilar vermelho do lado de lá do riacho e dava realmente para ver o Daytona parado debaixo de uma árvore, meio escondido pelo emaranhado do mato. Dinu olhou outra vez, incrédulo, e vislumbrou Alison. Estava usando um vestido de algodão azul-escuro com cinto largo na cintura. Mas em vez de atravessar o vau estava indo rio abaixo, à mesma rocha onde ele se sentava toda manhã com as pernas dentro da piscina. Pela prática com que ela se sentou — girou os pés para cima, depois num movimento circular enfiou-os na água —, dava para dizer que esse lugar era conhecido para ela, um ponto onde ela ia sempre para ficar sozinha.

Quando os pés dela deslizaram por baixo da água, ela levantou a barra da saia e puxou-a para trás. A água subiu acima dos tornozelos e com ela a saia subiu também, escalando devagar a linha longa de sua coxa. Agora, para sua surpresa, ele descobriu que não estava mais olhando diretamente para ela, mas sim através da lente do visor, de forma que a imagem se destacava do ambiente e adquiria uma surpreendente clareza e vivacidade.

As linhas eram limpas, puras, bonitas — a curva de sua coxa atravessava o visor numa diagonal, descrevendo uma suave elipse.

Ela ouviu o dique e levantou a cabeça, assustada, os dedos soltando imediatamente a barra da saia, de forma que o tecido caiu na água e inflou-se em torno dela, oscilando na corrente.

— Dinu? — ela chamou. — É você? Ele só tinha essa chance agora, sabia disso, e não foi capaz de se controlar. Desceu da abertura e começou a seguir a trilha, com a lenta deliberação de um sonâmbulo, segurando a câmera imóvel à sua frente.

— Dinu? Ele não tentou responder, mas continuou, concentrado em colocar um pé na frente do outro, até sair do mato. Do outro lado da piscina, ela olhou dentro dos olhos dele e engoliu as palavras de saudação que estava a ponto de pronunciar.

Dinu continuou andando. Deixou a câmera na grama e atravessou o banco de areia para dentro da piscina, direto para o ponto onde ela estava sentada. A água subiu até seus joelhos enquanto ele chapinhava, depois até a virilha, os quadris, quase até o peito. A corrente começou a puxar sua roupa e o sapato de lona ficou cheio de areia e cascalho. Prosseguiu mais lento para manter o equilíbrio e então viu os pés dela pendurados dentro da água, oscilando na corrente. Manteve os olhos fixos na corrente cintilante e quando suas mãos fizeram contato com as pernas dela, sentiu uma respiração profunda subir dos pulmões. A água é que possibilitara aquilo, tinha certeza disso; o riacho é que lavara as barreiras de medo e hesitação que antes lhe haviam atado as mãos.

Começou a mexer os dedos, subiu pela curva do tornozelo, pela crista fina do osso da canela. Então, suas mãos passaram a se mexer por si mesmas, puxando-o atrás delas, para o meio dos joelhos separados dela, até que de repente suas coxas estavam niveladas com seu rosto. Pareceu a coisa mais natural do mundo fazer sua boca seguir suas mãos, deslizar os lábios pela linha elíptica de sua coxa, subindo até onde a linha se separava. Aí parou, o rosto afundado nela, os braços levantados à altura dos ombros, segurando a cintura dela.

Alison.

Ela deslizou da pedra e afundou na água até o pescoço, ao lado dele.

Pegou sua mão, levou-o de volta pela piscina, exatamente pelo mesmo caminho que havia feito, até a outra margem. Caminharam de mãos dadas, completamente vestidos e pingando de molhados, subiram a trilha que levava às ruínas dos chandis. Ela

atravessou com ele a clareira, subiu uma plataforma de pedra onde havia uma espessa cama de musgo sobre a laterita.

Então procurou a mão dele e puxou-o para baixo.



Nem Arjun nem mais ninguém no 1/1 Jats sabia bem o que esperar ao chegar em Sungei Pattani. Antes da partida de Ipoh, haviam recebido instruções — breves — sobre os problemas que poderiam encontrar lá. Sabiam que um motim havia sido evitado poucos meses antes, mas ainda estavam despreparados para a nuvem de inquietação que envolvia a base.

As tropas da base de Sungei Pattani pertenciam ao 1º Regimento Bahawalpur. Tinha havido muito atrito entre os oficiais do batalhão e seu comandante inglês. O comandante deles não fizera nenhuma tentativa de disfarçar a baixa opinião em que tinha os oficiais indianos: sabia-se que os chamava de "cules" e tratava-os com seu bastão. Em uma infame ocasião, tinha mesmo chutado um oficial. As coisas chegaram a tal ponto que o Comandante Geral da XI Divisão tivera de intervir pessoalmente; o comandante fora destituído do comando e diversos oficiais enviados de volta para a Índia.

Na instrução do 1/1 Jats, havia sido dado a entender que essas medidas tinham alterado substancialmente a situação; que as dificuldades do passado estavam resolvidas. Mas um dia depois da chegada deles a Sungei Pattani, ficou evidente que os problemas dos Bahawalpurs estavam longe de resolvidos. Durante as duas horas inteiras de sua primeira refeição no salão dos Bahawalpurs mal foi trocada uma palavra entre oficiais britânicos e indianos. As tensões no refeitório dos Bahawalpur era claramente visível para

Hardy e Arjun e certamente não menos clara para o tenente-coronel Buckland. Durante os dois dias seguintes, o tenente-coronel fez questão de conversar individualmente com seus oficiais, de fazê-los saber que a confraternização com o 1º Bahawalpur não seria estimulada. De certa forma, Arjun ficou contente com isso. Sabia que essa era a abordagem correta naquelas circunstâncias, e ficou ainda mais agradecido de ter um oficial comandante do calibre e do bom senso do tenente-coronel Buckland. Mas o conhecimento disso não aliviou nenhuma das pequenas dificuldades que surgiram ao se tentar evitar os oficiais do Bahawalpur — alguns dos quais eram conhecidos da academia.

Arjun tinha um quarto individual, como todos os oficiais do 1/1 Jats.

Suas acomodações, tanto dos homens como dos oficiais, consistiam de cabanas attap — barracas de madeira com teto de sapé. Essas construções eram montadas sobre pilotis destinados a evitar os cupins e a umidade.

Porém, tanto os insetos quanto a umidade tinham importante papel na vida dentro das barracas. As camas eram frequentemente atacadas por enxames de formigas; depois do anoitecer os mosquitos eram tão numerosos que sair da cama por um minuto que fosse significava ter de amarrar de novo todo o mosquiteiro; os tetos muitas vezes tinham goteiras e à noite o sapé de palmeira parecia ganhar vida com os ratos e cobras.

O tenente-coronel Buckland queria que o 1/1 Jats utilizasse o tempo em Sunge Pattani no treinamento de comba te, mas as circunstâncias conspiraram para atrapalhar todos os seus planos. Quando se aventuraram nas plantações de borracha em torno, os plantadores protestaram. Suas tentativas de familiarizar os homens com o terreno tiveram de ser suspensas. Então o corpo médico começou a reclamar do aumento de casos de malária. O resultado foi que os planos de treinamento noturno tiveram de ser

cancelados. Frustrados em seus esquemas mais imaginativos, os comandantes colocaram o batalhão em um monótono regime de construir fortificações em torno da base e da pista aérea.

O campo de pouso de Sungei Pattani consistia de apenas uma única pista de concreto e uns poucos hangares, mas ainda era uma das poucas bases do noroeste da Malásia que possuía um esquadrão aéreo em operação. Os pilotos da base podiam às vezes ser convencidos a fazer voos de lazer com seus barrigudos Bienheims e Brewster Buffaloes. Arjun foi em vários desses passeios, circulando acima das encostas do Gunung Jerai, observando as plantações de borracha lá embaixo, dando rasantes sobre casas grandiosas e mansões. No pico de uma montanha, havia uma pequena hospedaria que servia como destino popular a pessoas em férias. Os pilotos muitas vezes sobrevoavam em rasante a hospedaria e passavam tão perto que os passageiros de lazer podiam acenar para os convivas que jantavam nas mesas da varanda.

Durante suas primeiras semanas em Sungei Pattani, Arjun não fazia ideia de que Dinu estava vivendo perto. Tinha uma vaga ideia de que os Raha possuíam cotas de uma fazenda de borracha na Malásia, mas não fazia ideia de onde ficava essa plantação. Só ficou sabendo disso quando recebeu uma carta de Manju, enviada de Rangoon.

Manju não conhecia a localização exata de seu irmão gêmeo e só sabia que estava em algum lugar da Malásia. Escreveu para dizer que estava bem e que a gravidez estava progredindo tranquila. Mas Neel e os pais estavam preocupados com Dinu: tinha ido para a Malásia vários meses antes e não se sabia dele fazia algum tempo. Ficariam contentes se Arjun o procurasse. Devia estar hospedado na Fazenda Morningside, provavelmente, com Alison, que havia perdido os pais recentemente. Ela forneceu um endereço postal.

Mais tarde, nesse mesmo dia, Arjun pegou emprestado o Alvis, que era o carro oficial, e entrou em Sungei Pattani. Foi a um restaurante chinês onde ele e Hardy tinham comido algumas vezes. Perguntou por Ah Fatt, o proprietário, e mostrou-lhe o endereço.

O proprietário o levou a uma galeria sombreada e apontou um conversível vermelho. Era o carro de Alison, disse a Arjun, todo mundo na cidade conhecia. Ela estava no cabeleireiro e deveria sair dentro de alguns minutos.

— Lá está ela.

Alison estava usando um cheongsam de seda preta com uma abertura que subia até a altura do joelho. O cabelo emoldurava o rosto como um capacete envernizado, o negro lustroso e profundo contrastando muito com a luminosidade macia da pele.

Fazia várias semanas que Arjun não falava com uma mulher e um longo tempo que não via um rosto tão marcadamente atraente. Tirou o quepe e começou a torcê-lo nas mãos. Estava a ponto de atravessar para se apresentar quando o carro vermelho saiu rodando da frente da loja e desapareceu na rua.

Agora as perturbações periódicas na montanha tinham de fato se tornado augúrio da chegada de Alison. Quando os pássaros subiam do dossel era um sinal seguro para Dinu descer correndo até a abertura para olhar lá embaixo — e quase sempre era realmente Alison, com um dos vestidos pretos sombrios que usava para ir ao escritório.

Sabendo que ele estaria lá, ela olhava para cima e acenava, e já ao atravessar o riacho começava a desabotoar a blusa, a desafivelar o cinto. As roupas teriam sumido quando ela entrasse na clareira e ele estaria esperando com a lente apontada.

Parecia que as horas que passara sintonizando seu olhar à montanha haviam sido uma preparação inconsciente para isso — para Alison. Passava longos momentos pensando onde colocá-la, diante de qual parede ou em qual parte do pedestal; imaginava-a

sentada ereta, encostada em um portal, uma perna esticada para a frente, a outra dobrada no joelho, para trás. No espaço entre suas pernas, ele vislumbrava um estriamento da superfície irregular da laterita ou um tufo macio de musgo, como ecos visuais das fissuras e curvas de seu corpo. Mas a materialidade de sua presença depressa desmanchava esses esquemas cuidadosamente imaginados.

Uma vez o corpo dela situado onde ele queria, algo se mostrava não bem certo; ele franzia a testa para o quadrado de vidro do visor e voltava a se ajoelhar ao lado dela, afundava suavemente as pontas dos dedos na carne firme de suas coxas, marcando mínimas mudanças nos ângulos de seus membros. Ao colocar suas pernas mais separadas — ou mais juntas —, ele passava um dedo pelo volume triangular do púbis, às vezes alisava-lhe os pelos, às vezes arrepiava. Emoldurados pela claridade antinatural do visor, esses detalhes pareciam assumir uma significação monumental: ajoelhado entre as pernas dela, ele umedecia a ponta do dedo para desenhar uma fina trilha de umidade, uma linha de cabelos reluzente.

Ela ria da intensa seriedade com que ele executava essas carícias íntimas e voltava depressa para trás da câmara. Quando terminava o rolo de filme, ela o detinha antes que carregasse outro.

— Não. Basta. Agora, venha aqui.

Puxava, impaciente, as roupas dele — a camisa cuidadosamente enfiada no cóis da calça, a camiseta de baixo.

— Por que você simplesmente não tira isto tudo quando vem para cá, como eu? Ele ficava áspero.

— Não consigo, Alison... não é o meu jeito...

Ela o fazia sentar no pedestal de pedra e tirava sua camisa. Empurrava-o para trás, fazia com que se deitasse na pedra. Ele fechava os olhos, trançava os dedos debaixo da cabeça enquanto ela se ajoelhava entre suas pernas. Com a cabeça livre, via-a rindo para

ele como uma leoa junto à presa, a boca reluzente. As linhas eram mais perfeitas do que se podia imaginar, os planos horizontais de sua testa, as sobrancelhas, a boca perfeitamente equilibrada pelas verticais do cabelo preto, liso, e os translúcidos filamentos suspensos de seus lábios.

Nos olhos dele, ela via refletido exatamente o que ele olhava. Ria alto, dizia: — Não. Essa foto você nunca vai ver em lugar nenhum a não ser dentro da sua cabeça.

Depois, rápido, mas metódico, ele tornava a se vestir, ajeitava a camisa cuidadosamente dentro da calça, apertava o cinto, ajoelhava-se para amarrar o sapato de lona.

— Para que isso? — ela o desafiava. — Vai ter de tirar de novo.

Ele respondia sério, sem sorrir.

— Tenho de fazer isso, Alison... Tenho de estar vestido enquanto trabalho.

Às vezes, ela se entediava com a duração das poses. Muitas vezes, falava sozinha enquanto ele estava ajustando a câmera, juntando palavras de malaio, tâmil e chinês, lembrando a mãe e o pai. Pensando alto sobre Timmy.

Dinu — protestou um dia, exasperada. — Sinto que tenho mais sua atenção quando está olhando pela câmera do que quando está deitado aqui comigo.

— E qual é o problema com isso? — Não sou uma coisa para a sua câmera focalizar. Às vezes, parece que você não tem nenhum outro interesse em mim além desse.

Ele viu que ela estava chateada e deixou o tripé para sentar ao lado dela.

— Assim eu vejo você mais do que veria de qualquer outro jeito — disse.

— Poderia ficar conversando horas com você e não conheceria melhor. Não digo que isto seja melhor que conversar... é

só o meu jeito de... o meu jeito de entender... Não pense que é fácil para mim... Nunca faço retratos; eles me assustam... a intimidade... ficar tanto tempo na companhia de outra pessoa... nunca quis fazer retratos... muito menos nus. São os primeiros que eu faço, e não é fácil.

— Devo me sentir elogiada? — Não sei... mas sinto que minhas fotos me ajudaram a conhecer você...

Acho que conheço você melhor do que jamais conheci alguém.

Ela riu.

— Só porque tirou algumas fotos?

— Não só.

— Então?

— Porque este é o jeito mais íntimo de eu conhecer alguém... ou alguma coisa.

— Está dizendo que não me conheceria se não fosse a sua câmera?

Ele olhou as próprias mãos, franziu a testa.

— Vou dizer uma coisa: se eu não tivesse passado este tempo aqui com você, tirando fotos... não poderia dizer com tanta certeza...

— O quê?

— Que estou apaixonado por você.

Ela se sentou, surpresa, mas, antes que pudesse falar, Dinu continuou: — ... E sei também...

— O quê?

— Que quero que case comigo.

— Casar com você! — Ela apoiou o queixo nos joelhos. — O que faz você pensar que eu queira casar com alguém que só conversa comigo pela câmera?

— Não quer, então?

— Não sei, Dinu. — Ela sacudiu a cabeça, impaciente. — Por que casar? Isto aqui não basta?

— É casamento que eu quero; não só isto.

— Por que estragar tudo, Dinu?

— Porque eu quero...

— Você não me conhece, Dinu. — Ela sorriu, passou a mão na parte de trás da cabeça dele. — Não sou como você. Sou voluntariosa, sou mimada: Timmy me chamava de cabeçuda. Em uma semana você ia me odiar se casasse comigo.

— Acho que isso sou eu que tenho de resolver.

— E por que iríamos nos casar? Timmy não está aqui, nem meus pais. Você já viu como meu avô esta mal.

— Mas e se...? — Ele se inclinou para pousar a mão em sua barriga. — E se tivermos um filho?

Ela encolheu os ombros.

— Então, iríamos pensar. Por ora, vamos nos contentar com o que temos.

Sem que uma única palavra fosse dita sobre o assunto, Dinu entendeu, logo depois do primeiro encontro, que entre ele e Ilongo existia algum tipo de ligação — um elo conhecido por Ilongo, mas de que ele próprio não tinha conhecimento. Esse entendimento surgiu gradualmente, das conversas dele, alimentado por um padrão de perguntas e uma ou outra observação indireta — pela curiosidade de Ilongo a respeito da casa Raha em Rangoon, por seu interesse nas fotografias de família, pela maneira como as referências que fazia a "seu pai" lentamente se transformou de tal forma que o pronome desapareceu.

Dinu entendeu que ele estava sendo preparado, que quando Ilongo julgasse adequado o deixaria saber o que é que existia entre eles. Estranhamente, a consciência disso despertava pouca curiosidade em Dinu — e isso não só porque sua atenção estava inteiramente focalizada em Alison. Mas também por Ilongo mesmo

— porque havia nele alguma coisa tão transparentemente confiável que não gerava em Dinu nenhuma ansiedade em admitir essa superioridade de conhecimento.

Depois de Alison, era com Ilongo que Dinu passava mais tempo que com qualquer outra pessoa na Morningside: dependia dele para muitas pequenas coisas — mandar cartas, sacar cheques, emprestar bicicletas. Quando resolveu montar sua própria câmara escura, foi Ilongo quem o ajudou a encontrar equipamento de segunda mão em Penang.

Um domingo, Dinu acompanhou Ilongo em sua viagem semanal a Sungei Pattani com SayaJohn. Visitaram o restaurante de Ah Fatt, onde Saya John lhe entregou um envelope, como sempre.

— Faço isso por minha esposa — contou a Dinu. — Ela era hakka, sabe, de ambos os lados da família. Sempre me disse que eu também era hakka, só que ninguém sabia dizer ao certo, uma vez que não conheci meus pais.

Depois, Dinu e Ilongo levaram SayaJohn até a Igreja de Cristo Rei, nos arredores da cidade. A igreja tinha uma atmosfera brilhante e alegre com uma torre alta caiada de branco e a fachada ornamentada com beirais de madeira envernizada. À sombra de uma árvore florida estava reunida uma congregação de roupas coloridas. Um padre irlandês de manto branco levou Saya John embora, batendo-lhe nas costas: — Mr. Martins! Como está indo hoje? Dinu e Ilongo foram assistir à sessão de cinema matinal e viram Edward G. Robinson em *Eu Sou a Lei*. Na volta, depois de pegar Saya John, pararam na casa da mãe de Ilongo para comer uma tigela de macarrão.

A mãe de Ilongo estava míope e prematuramente curvada. Quando Ilongo o apresentou, Dinu era capaz de dizer que ela já sabia exatamente quem ele era. Pediu que chegasse mais perto e tocou seu rosto com os dedos rachados e calosos. Disse, em hindustâni: — Meu Ilongo parece mais com seu pai do que você.

Em alguma região de sua consciência, Dinu entendeu exatamente o que ela estava dizendo, mas respondeu suas palavras como se fossem uma amenidade.

— É verdade. Eu vejo mesmo a semelhança.

A não ser por esse único momento mais pesado, a visita foi bem. Saya John parecia excepcionalmente alerta, quase como era antes. Repetiram várias vezes o macarrão e, ao final da refeição, a mãe de Ilongo serviu chá grosso com leite em cálices de vidro. Quando foram embora, estavam todos bem conscientes — de um jeito que não era nada incômodo — de que uma visita que começara como uma reunião de estranhos havia de alguma forma se transformado, no tom e na textura, em uma reunião familiar.

No caminho de volta para casa, sentaram os três na frente do caminhão, com Ilongo dirigindo e Saya John no meio. Ilongo parecia visivelmente aliviado, como se alguma espécie de barreira tivesse sido atravessada.

Mas Dinu achava difícil dar forma à ideia de que Ilongo podia ser seu meio-irmão. Um irmão era o que Neel era — uma fronteira contra a qual você se marca. Ilongo não era isso. Era, talvez, a encarnação de seu pai — como ele havia sido na juventude, um homem muito melhor do que o homem que ele, Dinu, conhecera. Havia nisso alguma consolação.

Foi nessa noite que Dinu mencionou suas suspeitas a Alison pela primeira vez. Ela se esgueirara para seu quarto depois do jantar, como às vezes fazia depois de acomodar o avô na cama. À meia-noite, ela acordou e viu Dinu sentado à janela, fumando um cigarro.

— O que foi, Dinu? Pensei que estava dormindo.

— Não consegui dormir.

— Por que não?

Dinu contou como fora a visita à mãe de Ilongo e o que ela havia dito.

Depois, olhou dentro dos olhos dela e perguntou: — Me diga, Alison... estou imaginando isso tudo ou tem alguma coisa aí?

Ela encolheu os ombros e deu uma tragada no cigarro dele, sem responder à pergunta. Então ele perguntou de novo, mais insistente: — Acha que existe alguma verdade nisso, Alison? Tem de me dizer se você sabe...

Ela disse: — Eu não sei, Dinu. Sempre houve rumores. Mas ninguém nunca disse nada diretamente, ao menos a mim. Sabe como é, as pessoas não falam dessas coisas.

— E você? Acredita nesses... nesses rumores?

— Não acreditava. Mas aí meu avô disse uma coisa que me fez mudar de ideia.

— O quê?

— Que sua mãe tinha pedido para ele cuidar de Ilongo.

— Então ela sabe... minha mãe?

— Acho que sim.

Ele acendeu outro cigarro, em silêncio. Alison ajoelhou-se ao lado dele e olhou seu rosto: — Está incomodado? Zangado?

Ele sorriu, acariciou suas costas fluas.

— Não. Não estou incomodado... nem mais zangado do que sempre fui. Isso é que é estranho, mesmo... sabendo o tipo de homem que é meu pai, não é surpresa. Só me dá vontade de nunca mais voltar para casa...

Nessa noite, depois do jantar, Alison perguntou: — Dinu, recebeu a carta?

Ele fez que sim.

— Era de seu pai, não era?

— Acho que sim.

— Você não leu?

— Não. Rasguei.

— Não queria saber o que ele escreveu?

— Sei o que ele escreveu.

— O quê?

— Ele quer vender a parte dele da Morningside...

Ela fez uma pausa e empurrou o prato.

— É o que você também quer, Dinu?

— Não — disse ele. — No que me diz respeito, vou ficar aqui para sempre... Vou construir um estádio em Sungei Pattani e ganhar a vida com minha câmera. Foi o que eu sempre quis fazer, e aqui é tão bom quanto qualquer outro lugar.

29



Na noite em que Ilongo levou Arjun à Casa Morningside, Dinu, Alison e Saya John estavam na sala de jantar, sentados à grande mesa de mogno.

Nas paredes, brilhavam as arandelas de anteparo de bambu que Elsa havia desenhado. A sala estava cheia de uma luz rica, quente.

Ilongo estava com um largo sorriso, esperando a surpresa de Dinu.

— Olhe quem eu trouxe.

Então Arjun entrou pela porta, fardado, com o quepe na mão. O cinto de couro atravessado no peito reluziu na luz dourada das arandelas de bambu.

— Arjun?

— Olá. — Arjun contornou a mesa e bateu no ombro de Dinu. — Que bom ver você, meu velho.

— Mas Arjun... — Dinu levantou-se. — O que está fazendo aqui?

— Já, já eu conto — disse Arjun. — Mas não vai me apresentar primeiro?

— Ah, sim. Claro. — Dinu virou-se para Alison. — Este é Arjun. Cunhado de Neel, irmão gêmeo de Manju.

— Que bom que veio — Alison curvou-se para Saya John e falou baixinho em seu ouvido. — Vovô, este é o cunhado de Dinu — disse. — Está lotado na base de Sungei Pattani.

Foi a vez de Arjun ficar surpreso.

— Como sabe que estou em Sungei Pattani?

— Vi você na rua outro dia.

— É mesmo? Fico surpreso de ter notado.

— Claro que notei. — Ela jogou a cabeça para trás para rir.

— Em Sungei Pattani todo estranho se destaca.

Dinu interrompeu.

— Você não me disse nada, Alison...

— Só vi um homem fardado — Alison riu. — Como eu ia saber que era seu cunhado?

— Eu sabia — Ilongo disse. — Soube assim que o vi.

— Soube, sim. — Arjun balançou a cabeça. — Entrei no escritório da fazenda para perguntar por Dinu. E antes que eu abrisse a boca, ele disse: "O senhor não é cunhado de mister Neel?"

Quase caí de surpresa.

Respondi: "Como você sabia?", e ele disse: "Mr. Dinu me mostrou um retrato do casamento de sua irmã.

— Mostrei mesmo.

Dinu lembrou que fazia dois anos que ele e Arjun tinham se visto — em Calcutá. Arjun parecia ter crescido nesse intervalo — ou teria simplesmente engordado com a farda? Mesmo tendo Arjun sido sempre alto, Dinu não se lembrava de nunca ter se sentido diminuído por sua presença como agora.

— Bom — disse Alison, animada. — Têm de comer alguma coisa, você e Ilongo.

A mesa estava cheia de dezenas de pequenas tigelas de porcelana colorida. A maior parte com o conteúdo ainda intacto.

Arjun olhou a comida com desejo.

— Uma refeição de verdade afinal...

— Por quê? — Alison perguntou. — Não alimentam vocês na base?

— Fazem o melhor possível, acho.

— Aqui tem o bastante para vocês dois — disse Alison.

— Então, sentem; Ilongo, você também. A cozinheira sempre reclama que nós mandamos a comida de volta sem tocar.

Ilongo sacudiu a cabeça.

— Não posso ficar...

— Tem certeza?

— Tenho. Minha mãe está me esperando.

Ilongo foi embora e colocaram outro lugar à mesa, ao lado de Alison.

Arjun sentou-se e Alison começou a encher seu prato de comida.

— Isto aqui se chama ayam limau purut: galinha com folhas de limão e tamarindo; e isto é camarão sambal com folhas de pandano; e isto é berinjela belacan; e ali tem chinchalok com pimenta, escabeche de camarão com molho de limão; e isto aqui é peixe cozido no vapor com broto de gengibre...

— Que banquete! E isto é um jantar de todo dia? — Minha mãe sempre teve orgulho da mesa — disse Alison. — E virou um costume da casa.

Arjun comeu com gosto.

— Está maravilhoso! — Sua tia Uma gostava também. Lembra, Dinu? Daquela vez?

— Lembro, sim — Dinu concordou. — Acho que tenho até fotos.

— Nunca comi uma comida assim — disse Arjun. — Como chama essa cozinha?

— É cozinha nyonya — disse Alison. — Um dos últimos grandes segredos do mundo, minha mãe costumava dizer.

De repente, Saya John falou, surpreendendo a todos.

— As flores é que fazem a diferença.

— As flores, vovô?

Saya John olhou para Arjun com um brilho fugaz nos olhos.

— É, as flores na comida. Bunga kentan e bunga telang: flores de gengibre e flores azuis. São elas que dão esse gosto à comida. É isso que Elsa sempre diz.

Uma sombra passou por seu rosto e os olhos ficaram enevoados de novo. Virou-se para Alison.

— Temos de lembrar de mandar um telegrama para Matthew e Elsa — disse. — Eles devem parar em Malaca na volta.

Alison levantou-se depressa.

— Você nos dá licença — disse para Arjun. — Meu avô está cansado. Vou subir com ele para a cama.

— Claro — Arjun levantou-se.

Alison ajudou Saya John a se levantar e atravessou a sala com ele, devagar. Na porta, virou-se para olhar para Arjun.

— É bom receber uma visita que gosta da nossa comida; a cozinheira está sempre dizendo que Dinu não come nada. Ela vai ficar contente de você ter gostado. Tem de voltar de novo.

— Volto — Arjun sorriu. — Pode ter certeza.

Havia na voz de Alison um calor e uma leveza que Dinu não tinha ouvido antes. Observou-a de seu lugar à mesa e teve consciência de uma súbita onda de ciúme.

— Bom, meu velho — disse Arjun com sua voz forte, cordial —, sabe que está todo mundo preocupado com você em casa?

— Não. — Dinu respondeu depressa. — E não precisa gritar.

Era uma luta manter o autocontrole para continuar conversando com Arjun.

— Desculpe, Arjun. — Não queria incomodar você...

— Não incomodou.

— Recebi uma carta de Manju, sabe... foi assim que soube onde encontrar você.

— Sei.

— Ela disse que faz tempo que não sabem de você.

— Ah.

— O que você quer que eu diga a eles?

Dinu levantou a cabeça com grande determinação.

— Nada — disse, seco. — Gostaria que não dissesse nada...

Arjun levantou uma sobrancelha.

— Posso perguntar por quê? — Não é muito complicado. —
Dinu deu de ombros.

— Olhe... meu pai me mandou porque quer vender a nossa parte na Morningside.

— É? — Agora que estou aqui... concluí que não é uma boa ideia.

— Passou a gostar do lugar, quem sabe? — Não só isso. —
Dinu olhou Arjun direto nos olhos.

— É a Alison, realmente.

— O que quer dizer? — Bom, você conheceu...

— É — Arjun balançou a cabeça.

— Deve ter entendido o que eu quero dizer.

— Acho que está querendo me dizer alguma coisa, Dinu.

— Arjun afastou a cadeira da mesa. — Deixe eu adivinhar:
está me dizendo que está caído por ela? — Riu.

— Algo assim.

— Sei. E acha que ela gosta de você também? — Acho que
sim.

— Ela não disse isso para você? — Não... com todas as letras.

— Espero que tenha razão, então. — Arjun riu outra vez e a luz cintilou em seus dentes perfeitos. — Devo dizer que não sei se ela é a mulher certa para um camarada como você... uma mulher assim.

— Isso não importa de fato, Arjun... — Dinu tentou sorrir.

— No meu caso, é uma coisa em que tenho de acreditar...

— E por que isso? — Sabe, não sou como você, Arjun. Para mim, nunca foi fácil me relacionar com as pessoas, principalmente

as mulheres. Se alguma coisa der errado... entre eu e Alison, quero dizer... não sei como vou suportar...

— Dinu, será que estou certo de pensar que está me avisando... me dizendo para manter distância? — Talvez esteja.

— Entendo. — Arjun empurrou o prato. — Pois não precisa disso, sabe.

— Bom. — Dinu sentiu um sorriso voltar-lhe ao rosto.

— Bom, assunto encerrado então.

Arjun olhou o relógio e levantou-se.

— É, você deixou tudo bem claro, sem dúvida. Então, talvez seja melhor eu ir embora. Você me desculpa com Alison? — Claro... claro.

Foram juntos até a porta. O Ford V-8, o carro oficial de Arjun, estava parado fora, debaixo do abrigo. Arjun abriu a porta e segurou aberta.

— Foi bom ver você, Dinu — disse. — Mesmo tão depressa.

Dinu de repente ficou envergonhado de sua falta de generosidade.

— Não estou mandando você embora, Arjun... — disse, culpado. — Por favor, não pense que não é bem-vindo aqui. Tem de voltar... logo... Tenho certeza de que Alison vai gostar.

— E você? — É. Eu também.

Arjun avaliou isso com a testa franzida.

— Tem certeza? — Tenho, sim, claro. Você... você tem de voltar.

— Vou voltar, então, se não se importa, Dinu. Vai ser escapar da base de vez em quando.

— Por quê? Algo errado? — Não errado exatamente, mas não está tão agradável quanto poderia ser...

— Por quê? — Não sei como explicar, Dinu. Desde que chegamos à Malásia, nada é a mesma coisa.

A entrada de Arjun na vida deles foi como uma mudança de estação. Ele aparecia quase todo dia, muitas vezes trazendo junto Hardy ou algum outro amigo. Sungei Pattani era agora quartel-general da XI Divisão e Arjun estava ligado a muitos velhos conhecidos e amigos. À noite, eles os reunia para saírem da base no veículo que estivesse à mão — às vezes o Alvis oficial, às vezes o Ford V-8, às vezes, até, uma motocicleta Harley-Davidson. Geralmente, vinham depois do anoitecer, dirigindo com os faróis acesos, com triunfantes toques de buzina.

— Chegaram! — Alison corria à cozinha para avisar a cozinheira.

Era evidente que ela gostava dessas visitas; Dinu percebia que ficava deliciada de ter a casa cheia de gente outra vez. Passou a usar roupas que ele não sabia que tinha: até então só a tinha visto nos vestidos simples que usava no escritório e em um ou outro cheongsam de seda.

Agora, roupas de cores ricas, lindamente cortadas, jorravam dos guarda-roupas — chapéus elegantes e vestidos que a mãe havia encomendado em Paris, no auge da Morningside.

Quase toda noite a casa ressoava com o desfile de vozes e risadas altas.

Eles pareciam nunca parar de rir, aqueles jovens oficiais — a menor piada era capaz de pô-los rugindo, dando-se tapas nas costas.

Geralmente, traziam de seus refeitórios garrafas de uísque, gim ou rum.

Às vezes, Kishan Singh vinha com eles para servir os drinques.

Sentavam-se fora, na varanda, bebendo stengahs e gim sling. Como por mágica, vastas quantidades de comida apareciam na mesa da sala de jantar. Alison os levava para dentro e depois Arjun assumia o comando, mostrando a mesa aos amigos, explicando os

pratos nos mínimos detalhes: "Olhe aqui, isto é pato, cozido em suco de cana-de-açúcar, você nunca provou uma coisa assim. E aqui, está vendo, esses camarões? São feitos com flores, botões de gengibre, que dão esse gosto incrível..." Dinu ficava olhando, como um espectador no circo: sabia que o papel de anfitrião deveria ser desempenhado por ele. Mas, a cada noitada dessas, sentia a sua presença na casa diminuindo, encolhendo. Não parecia importar se Arjun vinha sozinho ou acompanhado por uma tropa de amigos.

Ele parecia encher a casa mesmo quando estava sozinho. Não havia como negar que havia nele algo magnético — uma autoconfiança, o costume de mandar, uma exuberante abundância de apetites. Dinu sabia que não podia pensar em igualar-se a ele.

Ao final de cada refeição, Arjun girava a manivela do gramofone e tirava os tapetes do piso de madeira de lei. Ele e os amigos se alternavam dançando com Alison. Foi uma revelação para Dinu descobrir como ela dançava bem — melhor que todo mundo que ele conhecia, tão bem quanto os dançarinos dos filmes —, com muito jeito, ritmo e uma energia que parecia inesgotável. Entre os homens, Arjun era de longe o melhor dançarino. Ao final de cada noite, ele colocava seu disco favorito — a orquestra de Tommy Dorsey tocando *I'm Getting Sentimental Over You* [Estou ficando cheio de sentimentos por você]. Todos se afastavam para abrir espaço para os dois, e quando o disco parava com um chiado, a sala se enchia de aplausos. Ao final dessas noites, Alison parecia mal lembrar que ele, Dinu, existia.

De vez em quando, Arjun anunciava que tinha conseguido arrancar um pouco de gasolina extra dos "camaradas pilotos" da pista de pouso. Saíam em expedições, às vezes só os três, às vezes num grupo muito mais numeroso.

Numa dessas incursões, levou-os à hospedaria que ficava em cima do topo do Gunung Jerai. Um grupo de pilotos havia alugado o lugar para uma festa; os dois seriam os convidados de Arjun.

Foram no Ford V-8 oficial. Para chegar ao topo, tiveram de circundar a montanha, passando por tranquilos kampongs com mesquitas sombreadas por palmeiras. Crianças acenavam para eles dos campos de arroz, nas pontas dos pés para olhar por cima dos caules pesados de grãos. Era um dia nublado de dezembro e havia uma brisa fria que soprava do mar.

A estrada que levava ao topo não era muito melhor que uma trilha de terra. Virava para cá e para lá pela encosta, subindo, íngreme. A montanha tinha uma vegetação cerrada e a trilha passava por densos trechos de selva. Era vários graus mais fria que a planície e o sol tapado por um lençol constante e rápido de nuvens. No topo, a vegetação terminou de repente e apareceu a hospedaria — parecia um pouco um chalé inglês, só que era cercada por uma sacada de onde se tinha uma vista dramática do litoral e das planícies em torno.

A sacada estava lotada de militares de farda cinzenta, azul, cáqui e verde-garrafa. Espalhadas entre as fardas, poucas mulheres com roupas de algodão estampado de cores vivas. Em algum lugar, dentro da hospedaria, uma banda tocava.

Arjun e Alison foram para dentro da hospedaria para dançar e Dinu ficou sozinho. Andou pela sacada, passou por mesas cobertas com toalhas brancas que esvoaçavam ao vento. A vista da planície estava comprometida por um manto de nuvens sopradas do mar. Mas, de vez em quando, o vento rasgava o cobertor de nuvens, permitindo vislumbres espetaculares da planície: enxergou Sungei Pattani, ao pé da montanha, com centenas de acres de seringueiras se espalhando em todas as direções. À distância, identificou os picos escarpados da ilha de Penang e os cais do porto de Butterworth, como dedos. A rodovia norte-sul corria como uma grande fita pela paisagem, vinda do extremo sul da planície e desaparecendo ao norte, onde ficava a fronteira. Para oeste, ficava o mar de Andaman, aceso com as cores brilhantes do pôr do sol.

No primeiro dia claro, Dinu prometeu a si mesmo, iria trazer sua câmara à hospedaria. Pela primeira vez na vida, lamentou nunca ter aprendido a dirigir: só por aquela vista, o esforço já teria valido a pena.

No dia seguinte, Arjun voltou à Morningside outra vez, na hora de sempre — 11 da manhã. Estava pilotando uma motocicleta, uma Harley-Davidson de cintura de vespa e peito de pombo, pintada de um verde militar sem graça. Tinha um carrinho lateral conjugado. Arjun chegou à casa vindo do escritório da plantação, com Alison sentada no carro lateral.

Dinu estava na câmara escura quando Arjun gritou da varanda: — Dinu! Venha aqui. Tenho uma notícia.

Dinu desceu correndo a escada.

— O que foi...? Arjun riu, deu um soco no ombro dele.

— Você é tio, Dinu, e eu também. Manju teve um bebê, uma menina.

— Ah... que bom...

— Vamos comemorar. Venha com a gente.

— Onde vocês vão? — Até a praia — disse Arjun. — Monte aí. Atrás de mim.

Dinu olhou para Alison, que desviou os olhos. Sentiu os pés pesados como chumbo. Durante os últimos dias, vinha lutando para acompanhar o ritmo dos dois, mas não podia ser o que não era. Não queria estar com ela de forma que sua presença tivesse o peso de um alerta — qualquer coisa, menos isso.

— Acho que vocês não querem mesmo que eu vá — Dinu disse, baixo.

Eles bradaram um coro de protestos.

— Ah, Dinu. Que bobagem! — Ah, vamos, Dinu. Não seja besta.

Dinu virou nos calcanhares.

— Tenho trabalho para terminar na câmara escura. Vão vocês. Podem me contar como foi quando voltarem. — Entrou de volta na casa e correu para cima. Ouviu o som tossido do pedal de partida da motocicleta e não conseguiu evitar de olhar pela janela. A Harley-Davidson estava descendo depressa pelo caminho, indo para a fazenda. Viu a echarpe de Alison flutuando como uma flâmula.

Voltou para a câmara escura e descobriu que estava com dor nos olhos. No passado tinha conseguido contar com o ambiente da câmara escura para se tranquilizar; o fulgor avermelhado lá dentro era uma fonte infalível de conforto. Mas agora a luz parecia brilhante demais, insuportavelmente brilhante. Apagou-a e sentou-se no chão, abraçando os joelhos.

Sua intuição estava certa desde o início. Sabia que não podia confiar em Arjun — nem em Alison, não com ele. Porém, o que poderia ter feito? Eram adultos e não havia nenhum compromisso prendendo nenhum deles.

Depois de algum tempo, tocou o rosto e descobriu que estava molhado.

Ficou zangado consigo mesmo: se havia algum princípio pelo qual queria orientar sua vida, era o de nunca ceder à autopiedade — essa era uma estrada que não terminava nunca, uma vez que se enveredava por ela.

Pôs-se de pé e andou pela sala no escuro, tentando lembrar seu tamanho e arranjo exatos, assim como a colocação de cada peça de mobília, de cada objeto. Contou os passos e toda vez que tocava uma parede, ou se chocava com alguma coisa, começava de novo.

Chegou a uma decisão. Ia embora. Estava claro que Alison perdera o interesse nele e não iria ganhar nada ficando em Morningside. Faria as malas e passaria a noite na casa da mãe de Ilongo. Amanhã, iria para Penang esperar o vapor que o levaria de volta a Rangoon.

A motocicleta rumou para oeste, desceu uma estrada que ia afinando numa gasta fita de asfalto ladeada de pó e areia. Atravessaram uma pequena cidade com uma mesquita de cúpula azul e o mar apareceu diante deles, cintilando, azul. As ondas trepavam suavemente pela plataforma de areia.

A estrada virou à esquerda e ficaram nela, rodando paralelo à praia.

Chegaram a um pequeno povoado e a estrada terminou, O mercado tinha cheiro de água salgada e peixe secando.

Alison perguntou: — Vamos deixar a moto aqui? — Não. — Arjun riu. — Não precisamos. Podemos levar conosco. Esta Harley pode ir para qualquer lugar.

Os aldeões se reuniram para olhar quando atravessaram o mercado, deslizando pelo espaço entre as barracas. A motocicleta gemeu ao subir a duna que separava o povoado do mar. A areia era cegante de branca ao sol do meio-dia. Arjun se manteve na beira da praia, onde o solo era coberto por um fino tapete de ervas. Rodava devagar, desviando dos troncos de palmeiras assolados pelo vento.

Deixaram a aldeia para trás e chegaram a uma angra protegida por pandanos. A praia consistia de uma faixa de areia branca, fina como uma unha cortada. Na boca da angra, a não mais que 100 metros da costa, havia uma ilha minúscula. Era densamente arborizada, com arbustos verdes e pinheiros anões.

— Vamos parar aqui — disse Alison.

Arjun colocou a moto num retalho de sombra e puxou o suporte. Tiraram os sapatos e deixaram na areia. Arjun enrolou a barra da calça e correu pela faixa quente da praia, direto para dentro da água. A maré estava baixa e o mar muito calmo, com ondas suaves lambendo a areia. A água era tão transparente que ampliava os padrões cambiantes do fundo do mar, dando-lhes a aparência de mosaicos coloridos.

— Vamos nadar — disse Arjun.

— Eu não trouxe nada.

— Não tem importância — Arjun começou a desabotoar a camisa cáqui. — Não tem ninguém aqui.

Alison estava usando seu vestido de algodão de trabalho. Segurava a barra levantada, mantendo-a acima da água. Deixou-a cair. A água ensopou rapidamente o algodão, subindo para a cintura.

— Venha, Alison. Temos o lugar todo só para nós. — Arjun estava com a fralda da camisa solta, os botões abertos.

— Não. — Ela riu. — É dezembro. Você tem de respeitar o nosso inverno.

— Não está frio. Venha. — Ele pegou a mão dela, passou a língua pela linha brilhante dos dentes.

Ela afundou os pés na areia. No fundo da água clara, enxergou a borda curva de uma concha enterrada entre seus pés. Enfiou a mão na água e pegou-a. A concha era inesperadamente pesada, grande o bastante para lhe ocupar as duas mãos.

— O que é isso? — perguntou Arjun olhando por cima do ombro dela. A calça cáqui estava agora molhada quase até a cintura.

— É um náutilo — disse ela.

A concha tinha uma abertura oval numa extremidade, como um chifre: a cor interna era de rica madrepérola, com reflexos prateados. O corpo era enrolado numa saliência quase perfeitamente circular. Uma linha corria em espiral pela saliência, terminando numa minúscula projeção, como um mamilo.

— Como sabe o nome disso? — Arjun perguntou. Ela sentia a presença dele em suas costas. Estava olhando a concha por cima dela, o queixo pousado de leve em sua cabeça.

— Dinu me mostrou uma fotografia de uma concha igual a esta — disse. — Ele acha que é uma das melhores fotos já feitas.

Ele passou os braços pelos ombros dela, circundando seu corpo. Fechou as mãos sobre a concha, os dedos tornando os dedos

dela pequenos, as palmas molhadas nas costas das mãos dela. Ele deslizou o polegar pela borda da boca de madrepérola, por cima da linha que envolvia o corpo inchado, até a minúscula ponta que fechava a saliência.

— Podíamos... — Ela sentiu o toque da respiração dele soprando seu cabelo. — Vamos levar isto aqui para Dinu — disse ele. Sua voz estava rouca.

Deixou cair os braços e afastou-se dela.

— Vamos explorar — disse, apontando na direção da ilha que ficava na boca da angra. — Aposto que dá para ir andando. A água está muito rasa.

— Não quero molhar o vestido. — Ela riu.

— Não vai molhar — ele prometeu. — Se ficar muito fundo, carrego você nas costas.

Ele pegou a mão dela e a puxou para dentro da água. O fundo descia, até a água lhe bater na cintura. Então o fundo arenoso começou a subir de novo, num aclive, até a ilha. Arjun começou a andar mais depressa, puxando-a com ele. Estavam correndo quando chegaram à praia. Correram pela fita de areia cozida pelo sol para o interior sombreado da ilha.

Alison caiu de costas na terra arenosa e macia e olhou o céu. Estavam cercados de arbustos de pandano, escondidos da praia.

Arjun jogou-se ao lado dela, de bruços. Ela ainda estava segurando a concha e ele a tirou de suas mãos. Colocou-a em cima do peito dela e passou os dedos pela borda em espiral, aninhando o corpo da concha na palma da mão.

— É tão bonita — disse.

Ela viu o quanto ele a desejava; havia algo irresistível na insistência do desejo dele. Quando a mão deslizou da concha para seu corpo, ela não fez nenhum esforço para detê-lo. Daquele momento em diante, quando já era tarde demais, tudo mudou.

Era como se ele não estivesse realmente ali, nem ela; como se os corpos deles tivessem sido impelidos mais por uma inevitabilidade do que de volição consciente; por embriaguez de imagens e sugestão — lembranças de quadros, canções, danças; era como se estivessem ambos ausentes, cujos corpos se encarregavam de uma função. Ela usou como era com Dinu: a intensidade do foco dele no momento; a sensação do tempo parado. Era só no contraste com a convivência de ausências que ela conseguia apreender a significação de estar inteiramente presente — olho, mente e toque todos em absoluta singularidade, cada um visto pelo outro, Cada um vendo.

Quando Arjun rolou de cima dela, ela começou a chorar, puxou o vestido sobre o corpo, apertou os joelhos um no outro.

Ele sentou, consternado.

— Alison... o que foi? Por que está chorando?

Ela sacudiu a cabeça, o rosto enterrado entre os joelhos.

Ele insistiu.

— Alison, eu não queria... achei que você queria...

— Não é culpa sua. Não estou culpando você. Só eu.

— Por que, Alison?

— Por quê? — Olhou para ele, sem poder acreditar. — Como pode olhar para mim depois disso e me fazer uma pergunta dessas? E Dinu?

— Alison. — Ele riu, pegou o braço dela. — Dinu não precisa saber. Por que contar a ele?

Ela empurrou sua mão.

— Por favor — disse. — Por favor. Não me toque.

Então, ouviram uma voz ao longe, alta o bastante apenas para ser transportada por cima do bater da água.

— Sah'b.

Arjun enfiou a farda molhada e levantou-se. Viu Kishan Singh parado na praia; atrás dele estava um motociclista de

capacete numa Harley-Davidson igual à que Arjun tinha vindo pilotando da base.

Kishan Singh acenava com um pedaço de papel, que estalava urgente no ar.

— Sah'b.

— Alison — disse Arjun —, aconteceu alguma coisa.

Mandaram um recado da base.

— Vá você — Alison disse. Tudo o que podia pensar naquele momento era em se jogar naquela água, para lavar o toque dele. — Eu vou dentro de um minuto.

Arjun entrou na água e caminhou até a praia. Kishan Singh estava esperando: seus olhos fixaram os de Arjun por um instante. Havia neles alguma coisa que fez Arjun apressar o passo e olhar de novo. Mas Kishan Singh estava em posição de sentido, a mão levantada em continência, os olhos fixos num olhar cego.

— O que foi, Kishan Singh? Kishan Singh entregou-lhe um envelope.

— Sah'b Hardy mandou isto aqui.

Arjun abriu o envelope e desdobrou o recado de Hardy. Ainda estava tremendo quando Alison saiu da água e veio até ele.

O que foi? — ela perguntou.

— Tenho de voltar — disse Arjun. — Imediatamente. Parece que alguma coisa grande está a caminho. Vamos embora de Sungei Pattani... quer dizer, meu batalhão vai.

— Você vai embora? — Alison olhou para ele como se não pudesse acreditar no que ouvia.

— Vou. — Ele olhou para ela. — E você ficou contente, não ficou? Ela se afastou sem responder e ele foi atrás. Quando estavam além da crista da duna, fora da visão de Kishan Singh, ele a fez virar com súbita violência.

— Alison — disse, duro —, você não me respondeu.

Ela apertou os olhos.

— Não fale comigo nesse tom, Arjun. Não sou seu ordenança.

— Eu fiz uma pergunta.

— Qual foi? — Está contente de eu ir embora? — Se você quer mesmo saber — ela disse, firme —, a resposta é sim.

— Por quê? — A voz dele estava oscilante e confusa.

— Você veio aqui porque queria. Não entendo isso: por que está tão zangada comigo? — Não estou. — Ela sacudiu a cabeça. — Não estou nem um pouco zangada, você está errado. Não faria sentido ficar zangada com você, Arjun.

— Que diabo está dizendo? Arjun, você não tem domínio sobre o que faz; você é um brinquedo, uma coisa manufaturada, uma arma na mão de outra pessoa. Sua mente não habita seu corpo.

— Que merda é essa... — Ele se interrompeu. — Você só vai se safar dessa por uma razão — disse —, porque é mulher...

Ela viu que ele estava a 1 milímetro de lhe bater e isso teve o estranho efeito de fazê-la, de repente, sentir pena dele. E então deu-se conta de que sempre sentira pena dele, um pouco, e por isso tinha vindo com ele à praia esta manhã. Viu que, apesar do tamanho e da autoridade de sua presença, era um homem sem recursos, um homem cuja consciência de si mesmo era muito leve e muito frágil; viu que Dinu era muito mais forte e mais cheio de recursos e entendeu que por isso se sentira tentada a ser cruel com ele; que por isso assumira o risco de perdê-lo. A ideia disso a deixou subitamente apreensiva.

Foi depressa para a Harley-Davidson.

— Vamos — disse a Arjun. — Me leve de volta para Morningside.

Parte VI



O front

30



Era o fim da tarde quando o 1/1 Jats partiu de Sungei Pattani. Saíram da base em um comboio de caminhões, na direção norte, pela rodovia norte-sul. Ao chegar à cidade de Alor Star, foram deixados na estação ferroviária e receberam ordem de esperar outras instruções. Os homens sentaram numa extremidade da plataforma, os oficiais dominaram a outra.

A estação era a menor e a mais linda que Arjun já vira: parecia uma versão casa de bonecas das estações ferroviárias que conhecera na Índia. Havia uma estreita plataforma única debaixo de uma cobertura baixa, de telhas vermelhas. Vasos de palmeiras formavam pincas das Vigas e as colunas de madeira que acompanhavam a plataforma tinham primaveras de cotes brilhantes em torno delas.

O tenente-coronel Buckland ficara em seu quartel-general divisional e chegou tarde. À meia-noite, convocou os oficiais para o último boletim da situação. Haveria uma drástica mudança de tática, disse ele. Havia indícios de que os japoneses estavam a ponto de entrar na guerra: acreditava-se que suas forças estavam se preparando para atacar a Malásia pelo norte. A fim de se antecipar a isso, uma força-tarefa deveria penetrar até o interior do Sião para garantir a costa oriental: a intenção disso era desferir um ataque preventivo para impedir que a força japonesa tivesse possíveis pontos de desembarque no litoral. O 1/1 Jats desempenharia papel-chave nessa operação. As ordens do batalhão eram para se manter

em alerta para entrar em ação com meia hora de antecedência. Ao amanhecer, iam se deslocar para o norte com o objetivo de ocupar uma praia perto da cidade costeira de Singora.

— Anotem isso.

O tenente-coronel Buckland leu uma lista de referências ao mapa enquanto os oficiais tomavam notas.

Depois da instrução, Arjun abriu o mapa no piso da estação, debaixo de uma lâmpada nua, espantando os insetos e as mariposas que vinham pousar na superfície. Sentia o indicador tremer de excitação ao acompanhar a linha vermelha da estrada que levava à praia. Era isso, então: a prova de todos esses anos de treinamento; a espera terminara, afinal. Arjun olhou a plataforma florida: ocorreu-lhe que aquele era um lugar muito improvável para se iniciar uma grande operação.

Foi difícil dormir. Por volta das três da manhã, Kishan Singh trouxe-lhe chá em uma caneca esmaltada. Arjun aceitou agradecido, sem perguntar de onde vinha. A seu lado, Hardy dormia pacificamente em uma poltrona, com o turbante empurrado para trás. Arjun levantou-se e passeou pela plataforma, passando entre as formas encolhidas dos homens. Viu uma luz na sala do chefe da estação e entrou.

O chefe da estação era um cristão de Goa. Estava dormindo profundamente, estendido em sua mesa. Havia um rádio numa prateleira. Arjun deu volta à mesa e ligou o rádio. Começou a girar os botões de qualquer jeito. De repente, as chiadas ondas curtas emitiram a voz de um locutor: "(...) pesados combates perto de Kota Baharu..." Kota Baharu ficava no leste da Malásia: Arjun sabia porque um amigo estava estacionado lá. Era uma pequena e isolada cidade costeira. Arjun aumentou o volume e escutou de novo: o locutor estava falando de maciços desembarques japoneses ao longo da costa — ouviu-o mencionar Singora, a cidade que deviam

ocupar no dia seguinte. Arjun virou-se e atravessou correndo a plataforma até a sala de espera onde havia deixado o comandante.

— Sir.

O comandante e o capitão Pearson estavam cochilando em poltronas.

— Começou, sir: os japoneses desembarcaram.

— Impossível, tenente. — O comandante sentou-se.

— Deu no rádio, sir.

— Onde? Arjun o levou até a sala do chefe da estação. Ao longo da plataforma os homens agora se mexiam, cientes de que alguma coisa estava para acontecer. Arjun abriu a porta da sala do chefe de estação. O homem estava acordado, tonto, esfregando os olhos com as mãos. Arjun deu a volta e aumentou o volume. A voz do locutor encheu a sala.

Foi assim que ficaram sabendo que o ataque preventivo havia sido antecipado por uma operação de escala sem precedentes envolvendo ataques sincronizados a alvos distantes milhares de quilômetros uns dos outros — um ataque aéreo a Pearl Harbor e desembarques anfíbios na península da Malásia. Singora, a cidade que deveria ter sido seu objetivo, foi uma das primeiras a ser ocupada.

— Cavalheiros — o tenente-coronel Buckland deu um sorriso polido a seus homens. — Se meu conhecimento do Exército serve para alguma coisa, sugiro que se acomodem aqui. Pode demorar um pouco para sabermos qualquer coisa do quartel-general...

Havia algo muito reconfortante na nota de ironia em sua voz: ao ouvi-lo, Arjun achou difícil imaginar que houvesse alguma coisa seriamente errada.

Havia um grande campo de pouso em Alor Star, e com a primeira luz do dia um esquadrão de Blenheims alçou voo, O 1 / 1 Jats deu vivas quando os aviões passaram zunindo em cima da

estação. Algumas horas depois, os Blenheims voltaram com os tanques de combustível vazios. Minutos após sua volta, uma frota de aviões japoneses veio zumbindo no horizonte.

Atacaram o aeroporto em armação cerrada, no momento preciso em que o abastecimento dos Blenheims os deixava mais vulneráveis. Em questão de minutos os aviões estavam em chamas. A sincronização do ataque havia sido fantasticamente precisa. Não havia dúvidas de que o inimigo recebera informação de um espião ou informante local.

Mais tarde, nesse dia, o tenente-coronel Buckland foi até o campo de pouso com alguns de seus oficiais. Um centro médico havia sido atingido e havia um forte cheiro de produtos químicos. No pátio, o asfalto havia se liquefeito em torno dos Blenheims. À distância, havia uma fileira de cabanas attap. Serviam como dormitório para os auxiliares malaios que guardavam o campo de pouso. Os homens não estavam à vista e Arjun mandou procurá-los. Encontrou as cabanas em perfeita ordem. As camas todas feitas e cada uma com uma sacola de equipamento ao lado. Os rifles estavam encostados à parede em fileiras perfeitas, exatamente como exigia o regulamento. Mas os homens haviam desaparecido. Era evidente que depois de cumprir a rotina diária de arrumar suas acomodações a tropa havia silenciosamente desertado.

Dinu passara a noite em um catre na varanda da casa da mãe de Ilongo.

Acordou cedo. Tanto Ilongo como a mãe ainda estavam dormindo. Olhou o relógio. O trem para Penang era só ao meio-dia; muitas longas horas pela frente.

Saiu e olhou a montanha. A luz tinha começado a mudar; a floresta parecia estar ganhando vida. Ocorreu-lhe que nunca havia fotografado os chandis a essa hora da manhã. Viu a bicicleta de Ilongo, parada dentro de uma porta. Resolveu subir a montanha de bicicleta com suas câmeras.

Juntou depressa o equipamento e pedalou mais rápido que o normal. Quando chegou ao riacho, dispensou os ritos usuais: em vez disso, foi direto para a clareira e armou o tripé. Estava trocando o rolo de filme quando os primeiros aviões sobrevoaram o Gunung Jerai. De início, não prestou atenção, achando que os aviões estavam aterrissando na base área de Sungei Pattani. Mas, minutos depois, quando a floresta começou a reverberar com o som de explosões, entendeu que alguma coisa estava errada. Quando veio o próximo voo dos bombardeiros, olhou melhor. Os aviões voavam bem baixo e não havia dúvidas quanto a suas marcas de identificação. Eram japoneses.

A primeira coisa em que pensou foi em Alison. Não a via desde que partira para a praia com Arjun, mas lembrava que ela planejava ir para Sungei Pattani aquele dia — havia lhe dito isso na véspera. Tinha coisas a fazer.

Ocorreu a Dinu que ela provavelmente ainda estava na cidade. Deixou o tripé armado onde estava e correu para a bicicleta. Foi primeiro à Casa Morningside, onde a cozinheira confirmou que Alison tinha saído de manhã cedo no Daytona. Ao sair, Dinu parou para dar uma olhada em Saya John. Encontrou-o dormindo pacificamente numa poltrona na varanda.

Ao rodar para o escritório, Dinu notou que um grande número de pessoas havia se reunido no pátio de manobras. Ao se aproximar, viu que Ilongo estava se dirigindo ao grupo, de pé em cima de uma cadeira, falando em tâmil. Dinu chamou sua atenção e fez sinal para trocarem uma palavra rápida.

— O que está acontecendo, Ilongo? — Não ouviu no rádio?
— Não...

— O Japão entrou na guerra. Bombardearam a pista aérea de Sungei Pattani.

Dinu levou um momento para absorver isso.

— Alison foi para Sungei Pattani agora de manhã... — disse.
— Temos de ir até lá e ver se ela está bem...

— Não posso ir agora. — Ilongo indicou com um gesto as pessoas reunidas no pátio. — Eles estão esperando...

— Por quê... o que eles querem?

— Os gerentes de algumas fazendas em volta abandonaram os escritórios e foram para Cingapura. Nossa gente aqui está preocupada. Querem ter certeza de que vão receber... — Ilongo interrompeu-se e tirou do bolso um chaveiro. — Pegue, vá sozinho. Leve o caminhão.

Dinu empurrou as chaves.

— Não sei dirigir.

— Então espere, termino logo.

Dinu ficou olhando da sacada do escritório da fazenda enquanto Ilongo falava com o grupo. A reunião parecia se estender para sempre: era meio-dia quando a multidão começou a se dispersar. Pouco depois, Ilongo deu partida ao caminhão e foram na direção de Sungei Pattani.

Logo toparam com outra multidão. Os ataques aéreos tinham terminado algumas horas antes, mas as pessoas enchiam a estrada, indo para a cidade. Muitos estavam a pé; diversas famílias levavam seus pertences nas costas, amarrados em lençóis; um menino empurrava uma bicicleta com um enorme rádio amarrado ao bagageiro; dois homens puxavam uma velha em uma carrocinha improvisada. Mais perto da cidade, as estradas estavam tomadas por carros que buzinavam. Sentado no caminhão parado no trânsito, Ilongo começou a fazer perguntas, debruçado pela janela do motorista: descobriu que o ataque aéreo pegara a cidade de surpresa; não tinha havido nenhum alerta, nenhum aviso. Agora todo mundo que podia estava fugindo para o campo para esperar acabarem os problemas.

Estacionaram o caminhão atrás de uma loja e andaram pela cidade.

Conferiram todos os lugares onde Alison poderia estar — os bancos estavam vazios e a maioria das lojas fechara as portas. O cabeleireiro de Alison tinha ido embora.

— Onde ela poderia estar?

— Ela vai ficar bem, não se preocupe.

Ao voltar para a fazenda, pegaram uma estrada que passava em torno da pista aérea. O pátio estava pontilhado de montes de metal fumegantes, mas as pistas estavam intocadas. Toparam com um indiano — um zelador que lhes disse que havia rumores de que os bombardeios japoneses haviam sido orientados por um espião, um traidor das forças britânicas.

— Um indiano? — Dinu perguntou, apreensivo.

— Não, um inglês. Nós vimos quando ele foi levado preso.

Dinu estava chocado e aliviado ao mesmo tempo.

Só quando voltaram à casa de Ilongo foi que Dinu se lembrou de que estava planejando partir para Penang. Resolveu protelar a partida, por ora, não podia partir sem ter certeza de que Alison estava bem. Foi para Morningside e sentou para esperar.

Quando o carro de Alison subiu o caminho, estava quase escurecendo. Dinu estava na porta, esperando. O alívio de ver que ela estava incólume teve o efeito de liberar todas as ansiedades do dia. Ele começou a gritar quando ela desceu do conversível.

— Alison... onde diabos, você estava? Sumiu o dia inteiro, droga...

Ela revidou: — E você? Onde é que estava a noite passada?

— Na casa de Ilongo — disse, desafiador. — Vou embora... para Rangoon.

Ela deu uma risada curta, dura.

— Boa sorte para você então. Vamos ver até onde chega.

— O que quer dizer?

— Estive em Butterworth hoje de manhã. As estradas estão um caos. Acho que você não vai conseguir ir muito longe.

— Butterworth? O que estava fazendo em Butterworth?

Ela levantou uma sobrancelha e a voz ficou fria.

— Não é da sua conta. — Passou junto dele e subiu a escada para seu quarto.

Dinu ficou fumegando na varanda alguns minutos, depois subiu atrás dela.

— Alison... — Bateu na porta, a voz contrita. — Desculpe... eu só estava preocupado.

Ela abriu a porta, usando uma combinação de cetim branco. Antes que pudesse dizer qualquer outra coisa, lançou os braços em torno dele.

— Ah, Dinu.

— Alison... eu quase fiquei louco... você sozinha o dia inteiro, com o bombardeio...

— Não precisava se preocupar. Eu estava bem, nem cheguei perto das bombas. Estavam atacando o porto e eu estava do outro lado da cidade.

— Mas por que foi para lá afinal... Até Butterworth? Para quê?

Ela pegou seu rosto entre as mãos e deu-lhe um beijo.

— Depois eu conto — disse. — Não vamos falar disso agora. Vamos ficar contentes de estar juntos os dois, e bem.

31



Passaram-se várias horas antes de o 1 / 1 Jats receber qualquer notícia do quartel divisional. Pouco antes do anoitecer, um comboio de caminhões chegou para conduzi-los a outro local. Dava para perceber que viajavam para o norte, mas estava muito escuro e não conseguiam ver nada do campo.

Ao amanhecer, Arjun descobriu que estavam acampados dentro de uma plantação de seringueiras. Algumas centenas de metros além, o verde parecia se solidificar em uma parede circular, riscada de cascas de árvore. Entre o dossel de folhas verdes no alto e o tapete de folhagem morta no chão parecia não haver nenhuma luz direta e nenhuma sombra. O som parecia viajar e flutuar no ar sem revelar seu ponto de origem. Era como se tivesse despertado para se encontrar em um imenso labirinto cujo teto e piso eram acolchoados de algodão.

Nas instruções matinais, ficou sabendo que o batalhão estava agora posicionado perto do município de Jitra, muito próximo do extremo norte dos Estados Confederados Malaios. Ali a península se estreita num fino pescoço, formando uma ponte entre a Malásia e o Sião: qualquer exército que avançasse do norte teria de se espremer nessa garganta, e era ali que um avanço para o sul podia ser estrangulado. O 1/1 Jats, ao lado de diversos outros batalhões, havia se concentrado ao longo da rodovia norte-sul. Esperava-se que os japoneses avançassem por essa estrada. O acaso havia assim confiado ao 1/1 Jats a primeira linha de defesa.

Arjun estava comandando a Companhia C de seu batalhão; estavam posicionados a poucas centenas de metros à esquerda da rodovia norte-sul. Hardy estava com a Companhia D, no outro lado da estrada.

Flanqueando os dois estavam o Regimento Leicestershire de um lado e o XIV Punjab de outro.

A primeira tarefa era cavar trincheiras, mas nisso também o terreno mostrou-se enganoso. O solo macio e argiloso era fácil de cavar, mas difícil de escorar. Brotava água das mais imprevisíveis profundidades. Os aparelhos de telégrafo sem fio começaram a funcionar mal e o problema era o ambiente: descobriu-se que a colocação das árvores interferia na recepção das ondas de rádio. Não dava para confiar nem nos mensageiros. Desorientados com o labirinto geométrico da plantação, eles perdiam o rumo.

Então, começou a chuva. Pingava sem parar, e isso também reforçou a impressão de que estavam trancados dentro de uma jaula acolchoada. Ao olhar para cima, os soldados viam a chuva caindo do céu. Mas quando a água chegava até eles, o temporal se transformava em uma garoa constante que continuava muito depois de ter parado a chuva. Eles olhavam para cima e viam que o céu estava claro; porém onde estavam a chuva continuava caindo, hora após cansativa hora. Era como se o dossel de folhas fosse um colchão molhado, se esvaziando devagar sob o próprio peso.

Com o solo se transformando em lama, os jipes e caminhões começaram a ficar fora de controle. Descobriu-se que os veículos estavam equipados com pneus para areia, destinados aos desertos da África do Norte. Foram expedidas ordens proibindo a entrada deles na plantação: os suprimentos tinham de ser então carregados a pé.

Na tarde do segundo dia, Hardy veio correndo e pulou para dentro da trincheira. Pela cara dele, Arjun podia dizer que tinha notícias.

— O que aconteceu?
— É só um boato.
— O quê? — Houve algum problema com Hyderabad em Kota Baharu.

— Que tipo de problema?
— Depois do primeiro ataque japonês, houve pânico na pista de pouso. Os pilotos eram australianos e parece que foram embora com pressa. Os comandantes do Hyderabad queriam ir embora também, mas o comandante não deixou. Eles se amotinaram, atiraram em alguns oficiais. Foram desarmados e presos. Estão sendo mandados para uma força de trabalho em Penang.

Arjun olhou em torno de sua trincheira, observou inquieto o rosto de seus homens.

— Melhor guardar isso para você, Hardy.

— Só achei que devia contar para você.

O quartel do batalhão ficava bem dentro da plantação, muito atrás da companhia de Arjun. Tarde, no segundo dia, os engenheiros de sinalização instalaram uma linha telefônica. O primeiro chamado foi do capitão Pearson.

— Contato? — Nada ainda — disse Arjun. O dia se apagava quase imperceptivelmente, o escuro aprofundou-se devagar para uma escuridão pegajosa, gotejante.

Naquele exato instante, um relâmpago vermelho perfurou a parede escura à frente.

— Atirador! — disse o havildar. — Para baixo, sah'b, para baixo.

Arjun mergulhou de bruços no fundo da trincheira que tinha água até o tornozelo. Houve outro tiro, e outro. Arjun bateu em busca do telefone, mas descobriu que a linha estava muda.

Agora os relâmpagos de arma de fogo começaram a se espalhar pelo escuro circundante. Os tiros soavam a intervalos

irregulares, pontuados pelo som surdo dos morteiros e o fogo das metralhadoras leves. Da direita, da direção de onde estava Hardy, veio o som de uma arma Bren. Isso trouxe apenas um momento de alívio, pois Arjun notou, de repente, com uma sensação de vazio na barriga, que a Bren estava pipocando durante um tempo excessivo: era como se os homens estivessem apavorados demais para lembrar das rajadas ordenadas que Hardy havia tentado ensinar durante os treinos de armamento.

Agora os atiradores inimigos pareciam estar em movimento, girando livremente em torno de suas posições. Com o passar das horas, a trincheira começou a parecer mais uma armadilha que um abrigo: havia um peculiar desamparo em estar preso em uma posição estacionária por um adversário móvel. Quando respondiam ao fogo, era como se estivessem deixando os tiros voarem ao acaso, igual a um animal que corre em círculos na ponta da corrente, avançando em cima de um atormentador invisível.

O gotejar das árvores continuou sem interrupção a noite inteira. Logo depois do raiar do dia, viram um avião de observação japonês circulando no alto. Meia hora depois, outro avião passou, num voo rasante sobre suas linhas. Deixou para trás uma trilha de papel que desceu flutuando devagar pelo céu, como um grande voo de borboletas. A maioria dessas folhas pousou no dossel lá em cima, mas algumas se infiltraram até o chão. Kishan Singh pegou algumas, entregou uma para Arjun e guardou duas.

Arjun viu que era um panfleto, escrito em hindustâni e impresso em escrita devanágari e arábica. Era um apelo dirigido aos soldados indianos, assinado por um certo Amreek Singh da Liga de Independência Indiana. O texto começava assim: Irmãos, perguntem a si mesmos por que estão lutando e por que estão aqui: querem mesmo sacrificar suas vidas por um Império que mantém seu país em escravidão há duzentos anos? Arjun ouviu Kishan Singh lendo o folheto em voz alta para os outros e sentiu o sangue

subir à cabeça. Gritou: — Me entregue isso aí — Amassou os panfletos e enterrou-os fundo na lama com o calcanhar. — Quem for encontrado com esses papéis — disse, áspero — será levado à corte marcial.

Minutos depois, com uma explosão que parecia uma parede de som móvel, começou a artilharia pesada dos japoneses. As primeiras bombas resvalaram no topo das árvores, mandando para baixo um chuveiro de folhas e pequenos ramos. Então, aos poucos, as explosões começaram a se deslocar na direção deles. A terra tremia com tamanha violência que fazia a água do fundo da trincheira espirrar no rosto. Arjun viu uma seringueira de 15 metros subir graciosamente da terra e voar vários metros no ar antes de rolar na direção deles. Achataram-se no fundo da trincheira bem a tempo de sair de seu caminho.

O bombardeio continuou sem cessar durante horas.

Manju estava dormindo pesado quando Neel a despertou. Rolou, confusa.

Parecia que não dormia havia semanas. Jaya era um bebê que tinha cólicas e muitas vezes chorava durante horas. Nada a calava depois de começar.

Nem mesmo a Água para Cólicas Woodward fazia efeito: uma colher de sopa a punha num ligeiro torpor, mas uma ou duas horas depois acordava de novo, chorando mais alto que nunca.

Manju olhou o berço de Jaya e viu que ela ainda estava dormindo. Esfregou os olhos e virou de costas para Neel. Não conseguiu disfarçar a irritação por ter sido incomodada.

O que foi? — disse. — Por que me acordou?

— Achei que gostaria de saber...

— O quê?

— Os japoneses entraram na guerra.

— Ah. — Ainda não conseguia entender o que isso tinha a ver com acordar de seu sono.

— Invadiram a Malásia.

— A Malásia? — Então, ficou tudo claro. Sentou-se. — Arjun? Dinu? Alguma notícia deles?

— Não. — Neel sacudiu a cabeça. — Nada diretamente. Mas o rádio disse alguma coisa, que a XI Divisão está envolvida na luta. Não é a divisão de Arjun?

Manju recebera uma carta de Arjun na semana anterior. Ele não dizia muita coisa sobre si mesmo — apenas que estava bem e que pensava nela.

Perguntava principalmente de Jaya e da saúde dela, Manju. Mencionava também que havia encontrado Dinu e que ele estava bem. Dolly ficara contente de saber disso.

— Ainda tem a carta de Arjun? — Neel perguntou.

— Tenho. — Manju saltou da cama e foi pegar a carta.

— Diz alguma coisa sobre a divisão dele? — Neel perguntou.

O número XI saltou quase imediatamente da página.

— Diz — ela falou. — É a divisão dele. — Olhou para o marido e seus olhos se encheram de lágrimas.

Neel passou o braço por seus ombros e apertou-a.

— Não há razão para se preocupar — disse. — Pelo que pude entender, a XI Divisão está muito perto de Morningside. Dinu vai nos contar o que estiver acontecendo.

Então o bebê acordou. Pela primeira vez, Manju ficou agradecida pela impertinência de Jaya. Seu choro incessante não lhe deixava tempo para pensar em mais nada.

Nessa tarde, receberam a visita de um eminente membro da comunidade indiana em Rangoon — um advogado chamado Sahibzada Badruddin Khan. Por acaso, a família inteira estava em casa quando o visitante apareceu.

Mr. Kahn estava preocupado, tinha vindo lhes trazer notícias.

Comparecera a uma reunião com alguns dos indianos mais importantes da cidade. Tinham decidido formar o Comitê de Evacuação dos Refugiados.

Considerava-se que, no caso de um avanço japonês sobre a Birmânia, a população indiana ficaria vulnerável em dois fronts — indefesa contra os setores hostis do público birmanês e, o que era pior, como súditos do Império Britânico, seriam tratados como estrangeiros inimigos pelos japoneses. Muitos membros da comunidade haviam expressado temores de uma catástrofe próxima: as intenções do comitê eram retirar da Birmânia tantos indianos quantos fosse possível.

Rajkumar ficou perplexo com essas medidas. Estava otimista, apesar das notícias recentes. Acabara de descobrir que um amigo seu obtivera um contrato para um longo trecho da rodovia Birmânia-China. Tinha absoluta confiança de que conseguiria vender seus estoques exatamente pelo preço que esperava.

— O quê? — Rajkumar soltou uma risada incrédula. — Está dizendo que vocês vão fugir da Birmânia porque os japoneses invadiram a Malásia?

— Bom, sim. As pessoas acham...

— Bobagem, Khan. — Rajkumar deu um tapa nas costas do amigo. — Não devia se deixar levar por esses alarmistas. A Malásia fica bem longe daqui.

— Mesmo assim — disse Mr.Khan —, não há nada errado em ficar preparado, principalmente quando existem mulheres e crianças envolvidas...

Rajkumar deu de ombros.

— Bom, Khan, você deve fazer o que achar melhor. Quanto a mim, acho que esta é uma grande oportunidade...

— Oportunidade! — Mr. Khan levantou uma sobrancelha. — Como assim?

— Não tem mistério nenhum, Khan. Com a América em guerra, vai haver mais dinheiro para os preparativos de defesa. A Birmânia é crucial para a sobrevivência do governo chinês em Chungking: a rodovia norte-sul será a principal linha de abastecimento. Sou capaz de apostar que a estrada vai ser construída mais depressa do que qualquer um podia esperar.

— E se houver um ataque?

Rajkumar deu de ombros.

— É uma questão de coragem, Khan. Entendo por que quer ir embora. Mas para nós seria cedo demais. Passei um longo tempo preparando isso e não vou fugir agora.

Manju sentiu-se muito tranquilizada pelas palavras de Rajkumar. Era um grande consolo saber que não precisava pensar em ir para lugar nenhum nesse momento. Lidar com Jaya já era bem difícil em casa; não queria nem pensar como seria em condições menos favoráveis.

De manhã, um mensageiro trouxe um comunicado para Arjun na trincheira.

Era do quartel do batalhão: tinham de se deslocar para a linha Asoon — uma fileira de fortificações de defesa ao longo de um rio, alguns quilômetros estrada abaixo. Quando Arjun deu a ordem de pôr-se em marcha, houve um "viva abafado." Ele próprio quis acompanhar — qualquer coisa era melhor do que ficar preso naquela trincheira.

Seguiram pela plantação em boa ordem, mas ao chegarem à estrada ficou claro que a retirada estava depressa se transformando em uma fuga precipitada. Os homens começaram a dar sinal de apreensão quando caminhão após caminhão passava por eles, cheios de tropas de outras unidades. Arjun ficou com eles tempo suficiente para embarcá-los num caminhão e depois subiu num jipe com Hardy.

— Yaar, já soube? — disse Hardy, baixinho.

— O quê?

— Os japoneses afundaram o Príncipe de Gales e o Repulse.

— Impossível. — Arjun olhou para ele, incrédulo. Eram dois dos mais poderosos navios de combate já construídos, orgulhos da Marinha britânica. — Não pode ser verdade.

— É verdade... encontrei com Kumar; ele me contou. — De repente, um sorriso alegre iluminou seu rosto. — Mal posso esperar para contar a Pearson: quero ver a cara daquele filho-da-puta...

— Hardy — Arjun gritou —, você ficou louco?

— Por quê?

— Esqueceu que esses navios eram para nos defender?

Estamos todos do mesmo lado, Hardy. Uma bala japonesa não vai escolher você ou Pearson...

Hardy deu-lhe um olhar perplexo e por um momento se encararam em mútua surpresa.

— Tem razão — disse Hardy. — Claro. Mas sabe...

— Vamos parar por aqui — Arjun disse, depressa.

Quando chegaram ao rio Asoon, a artilharia japonesa ficou incompreensivelmente silenciosa. Agradecido pela pausa, o 1/1 Jats tomou posição à beira da estrada, de costas para o rio. Nesse ponto, a rodovia norte-sul corria ao longo de um aterro elevado, com densos bosques de seringueiras de ambos os lados, se estendendo até onde a vista alcançava. Todo o batalhão estava agora concentrado em um lugar, posicionado para defender as vias de acesso ao rio, Os veículos estavam enfileirados ao lado da estrada, nas encostas do aterro.

Arjun viu Hardy indo para a estrada e foi encontrar-se com ele, O tenente-coronel Buckland estava apenas uns passos adiante, no posto de comando temporário do batalhão. Estava com o capitão Pearson, que brigava com um estojo de mapa.

Arjun parou no meio da estrada para conferenciar com Hardy.

Perguntou: — Por que acha que eles pararam de bombardear?

— Parece que às vezes eles suspendem — disse Hardy. — Difícil dizer por quê.

— Não acha que é por causa do avanço dos blindados deles, acha?

Hardy caçoou. — Que blindados? Nenhum de nós tem tanques, nem nós, nem eles. Não é terreno de tanque.

— Foi isso que nos disseram. Mas...

Em algum lugar à distância, ouviu um estrondo. Os dois giraram nos calcanhares para olhar a estrada. Estava quase anoitecendo. As nuvens tinham se aberto brevemente e o céu assumira um tom escarlate brilhante.

A estrada seguia reta durante algumas centenas de metros antes de desaparecer numa curva: de ambos os lados, elevavam-se as seringueiras, quase se encontrando no alto para formar um arco. A estrada estava vazia: não havia nada à frente.

Hardy deu um suspiro de alívio.

— Isso me deu um susto... — Levou a manga à testa.

— Como eu disse, não é terreno para tanque: disso ao menos podemos ter certeza, graças a Deus.

Um momento depois, com um grande crepitar das esteiras de metal, um tanque apareceu na curva. Acima da torre, silhuetado contra o céu, a cabeça com capacete do atirador. A torre girou na direção deles até a arma se transformar em um olho circular único. Então, o tanque de guerra estremeceu e o olho oco assumiu um brilho vermelho. No fundo do aterro, um tanque de gasolina explodiu, um caminhão de meia tonelada deu uma pequena cambalhota e estourou em chamas.

Durante um instante, Arjun resistiu firme. Nada em seu treinamento o preparara para isso. Uma vaga lembrança de assuntos pendentes o levou a virar e correr pela estrada até sua

companhia, para agrupá-los e desferir a parede de fogo de que o comandante havia falado no último boletim de instruções. Mas o comandante não tinha sido categórico de que não haveria tanques — e, afinal, o comandante tinha sumido agora, rolando pelo lado do aterro junto com o capitão Pearson. Em ambos os lados da estrada os homens se espalhavam para dentro da plantação, procurando cobertura.

— Corra, Arjun! — Era a voz de Hardy, e despertou-o.

— Corra, corra.

Ficou perdido no meio da estrada, como um gamo aturdido, e o primeiro tanque estava quase em cima dele, tão próximo que conseguiu ver os olhos do homem na torre, escurecidos pelos óculos. Saltou, jogou o corpo por cima do lado do aterro e mergulhou de lado para escapar do jipe em chamas do comandante. Depois se levantou e correu para as árvores: de repente, estava no meio de um longo túnel de verde, os pés almofadados pelas folhas caídas.

A lucidez que momentaneamente tomara conta dele enquanto estivera parado no meio da estrada desaparecera agora. Em seu lugar, havia uma cega e insensata urgência. Era muito possível que estivesse indo direto para o ninho das armas japonesas. Mas mesmo sabendo disso, não conseguia se deter. Era como se seu alento e sangue se tivessem fundido para bater em unísono em sua cabeça, mandando-o seguir em frente, empurrando-o nessa direção.

Correu muitos metros sem parar. Depois, encostado ao tronco de uma árvore, virou, ofegante, e olhou para trás: as árvores formavam um corredor no fim do qual dava para ver claramente um pequeno trecho da estrada, fechado por uma moldura circular, como se ele estivesse olhando por um telescópio. Viu tanque após tanque rolar pela estrada. Nas encostas do aterro jaziam os veículos dos 1/1 Jats. Alguns tombados e alguns em chamas.

A imagem ficava além da compreensão. Não achava um jeito de explicar o que havia acontecido, nem para si mesmo. Era isso que queria dizer "aniquilação total" — essa onda de medo, urgência, vergonha; essa sensação caótica de colapso dentro da cabeça, como se os andaimes de reações implantados por anos de treinamento tivessem cedido e desmoronado? Arjun teve uma súbita e dolorosa visão do quartel de seu batalhão em Saharanpur: lembrou do prédio que chamavam de "Berçário" — o bangalô comprido e baixo onde ficava o refeitório dos oficiais. Pensou nas pinturas pesadas, de moldura dourada, penduradas nas paredes, ao lado das cabeças empalhadas de búfalos e nilgós; das azagaias, cimitarras e lanças emplumadas que seus predecessores tinham trazido como troféus da África, da Mesopotâmia e da Birmânia. Aprendera a pensar naquilo como lar e no batalhão como uma extensão de sua família — um clã que juntava mil homens em uma pirâmide de pelotões e companhias. Como era possível que essa estrutura de um século se quebrasse como uma casca de ovo com um duro golpe — e isso no mais improvável dos campos de batalha, uma floresta plantada por homens de negócios? Seria seu o erro? Era verdade, então, o que diziam os ingleses mais velhos, que os indianos iriam destruir o Exército se se tornassem oficiais? Isso ao menos estava fora de dúvida: como unidade de combate o 1/1 Jats não existia mais. Cada homem do batalhão teria de se defender sozinho.

Deixara a mochila no jipe, junto ao rio: não lhe ocorrera que estaria fugindo pela vida minutos depois de descer. Tudo o que tinha consigo era sua Webley .45, o cantil e o cinto com seu pequeno equipamento de miudezas.

Olhou em torno. Onde estava Hardy? Onde estavam o comandante e o capitão Pearson? Tinha visto de relance os dois antes, quando estava correndo pela plantação. Mas agora, no escuro que baixava, era difícil dizer o que havia pela frente.

A infantaria japonesa quase com certeza viria atrás dos tanques, varrendo as plantações. Era possível que estivesse sendo observado ali parado, através de qualquer um dos corredores que, às centenas, convergiam para o ponto exato onde estava parado.

O que devia fazer agora?



Ir de carro até Gunung Jerai foi ideia de Alison. Ela e Dinu saíram de casa bem antes do pôr do sol, no Daytona, tomaram a estrada que circundava a montanha. Os kampongs pareciam agora desertos, o pânico do dia cedera lugar a uma quietude vigilante. Nos mercados, não havia quase ninguém à vista. Alison conseguiu dirigir a alta velocidade.

Ganharam tempo, e ao virar para a estrada do pico ainda havia muita luz. Quando começaram a subir, o som do carro aumentou para um gemido agudo, constante. Nas encostas havia penumbra por causa da densa cobertura florestal. Alison teve de acender os faróis.

As curvas da estrada eram muito fechadas. Chegaram a uma curva que voltava sobre si mesma e subia num ângulo íngreme. Alison teve de parar e dar ré para o carro fazer a volta. Quando estavam chegando ao canto, os dois olharam para cima ao mesmo tempo. O céu acima do horizonte norte se escureceu com uma mancha — uma nuvem de minúsculas pinceladas horizontais. Alison estacou e ficaram olhando — passou um bom tempo antes de perceberem que estavam vendo uma frota de aviões vindo diretamente em sua direção, do norte. Estavam bem de frente e o contorno dos aviões parecia estacionário, o avanço marcado apenas por um engrossamento gradual de seus contornos.

Alison deu partida no carro outra vez e subiram correndo a estrada. A hospedaria pairava adiante na escuridão cada vez maior.

Estava vazia, deserta. Estacionaram debaixo do abrigo e entraram na varanda que circundava o edifício. Havia mesas em toda a extensão, cobertas com toalhas brancas, presas no lugar por pesados cinzeiros. Em cima delas, pratos arrumados como se à espera de uma multidão de convivas.

Sentiram sob os pés o rugido dos bombardeiros que se aproximavam, fazendo vibrar as tábuas do assoalho. Os aviões estavam agora muito próximos, voando a baixa altitude. Parados ali, viram a frota de repente separar-se em duas, abrindo-se em torno da montanha como um rio que passa por uma pedra. Muito inclinada, uma ala voou para a encosta do lado marítimo da montanha numa rota que levava direto a Butterworth e Penang. A outra ala dirigiu-se a Sungei Pattani, no lado da terra.

Alison pegou a mão de Dinu e começaram a andar pela varanda, passando entre as mesas de jantar. As toalhas batiam na brisa e os pratos ficaram cobertos por uma fina camada de poeira.

Não havia nuvens. Lá embaixo, na luz que baixava, a ilha de Penang parecia um banco de areia escura boiando no mar; a sudeste ficava Sungei Pattani, uma pequena jangada de moradias, perdida num oceano de seringueiras. Dava para ver estradas e ferrovias cintilando no último lampejo de luz do dia. A paisagem era como um mapa desdobrado a seus pés.

Os aviões estavam perdendo altura, se preparando para os bombardeios.

Sungei Pattani era o alvo mais próximo e foi o primeiro a ser atingido.

Explosões de chamas apareceram na paisagem escura, enfileiradas, bem próximas, em linhas retas, como fileiras de pontos brilhantes em um tecido negro.

Deram a volta na varanda, tocando as toalhas, passando o dedo pelos pratos e viram mais uma nuvem se aproximando; do lado do mar, os bombardeiros dividiram-se, baixos, sobre o porto

de Fort Butterworth. De repente, uma grande torre de fogo alaranjado subiu da costa, atingindo centenas de metros no céu; a explosão que se seguiu foi de tal magnitude que se fez sentir até no alto da montanha.

— Ah, meu Deus! — Alison abraçou-se a Dinu. — Atingiram os reservatórios de gasolina de Butterworth.

Enterrou o rosto no peito de Dinu, agarrou sua camisa, amassando o pano na mão.

— Passei por eles aquele dia.

Dinu abraçou-a com força: — Alison, ainda não me contou onde foi...

Ela enxugou o rosto na camisa dele e afastou-se.

— Me dê um cigarro.

Dinu acendeu um cigarro e colocou nos lábios dela.

— Então?

— Fui consultar um médico, Dinu, um médico que não me conhece.

— Por quê?

— Achei que eu podia estar grávida.

— E?

— Não estou.

— E se estivesse grávida, Alison? — Dinu perguntou, baixo.

— Gostaria que fosse filho de Arjun?

— Não. — Ela o abraçou e ele sentiu seus soluços na camisa.

— Dinu, eu sinto muito. Muito, muito.

— O quê?

— Tudo, Dinu. Ter ido aquele dia, com Arjun. Foi um erro, um erro terrível, terrível. Se você soubesse, Dinu...

Ele a silenciou com um dedo nos lábios.

— Não quero saber... seja o que for que tenha acontecido... não quero saber. É melhor assim... para nós dois. Não precisamos falar de Arjun outra vez.

Ele foi interrompido por um relâmpago, uma explosão que iluminou toda a cidade de Sungei Pattani. Seguiu-se uma série de explosões menores, uma depois da outra, como uma sequência de fogos de artifício.

— O arsenal — disse Alison. Ajoelhou-se e enfiou a cabeça num intervalo do parapeito da varanda, agarrada às barras de madeira. — Devem ter atingido o arsenal.

Dinu ajoelhou-se ao lado dela.

Alison disse, com urgência, agarrando seus ombros.

— Uma coisa é certa... Você tem de ir embora. Com o Japão e os Estados Unidos na guerra, você vai correr perigo aqui. Sua mãe era americana... Seu irmão ainda vive lá... Não se pode saber o que vai acontecer se o Japão conseguir invadir. Você tem de ir embora.

— Mas para onde? — Para Cingapura; vai estar segura lá. É muito bem defendida. Aqui, estamos muito perto da fronteira... e tem de levar seu avô junto. Vocês têm de ir embora.

Ela sacudiu a cabeça violentamente.

— Não quero. Não quero.

— Alison, não pode pensar só em você.

— Você não entende, Dinu... eu sou um animal territorial. Prefiro levar alguns deles comigo do que desistir do que é meu.

— Alison, me escute. — Dinu agarrou as mãos dela... sacudiu-as — Tem de fazer isso... Por seu avô, se não por você mesma.

— E a fazenda? — Ilongo cuida da fazenda enquanto você estiver fora... Você vai ver...

Pode confiar nele, sabe disso.

— E você... você vem conosco, claro. Não vem? — Alison, eu tenho de voltar para a Birmânia... Minha família... podem precisar de mim agora.

— Mas pode ir para Cingapura conosco antes; de lá provavelmente vai poder pegar um navio. Pode até ser mais fácil.

Dinu parou para pensar.

— Você pode ter razão. É... eu vou.

Ela agarrou suas mãos.

— Acho que não suporto ir sem você. Principalmente agora.

— Por que agora? Ela mergulhou a testa no peito dele.

— Porque acho que estou apaixonada por você, Dinu... ou algo assim, pelo menos. Eu não sabia antes, mas agora sei.

Ele apertou-a mais. Não lhe importava o que acontecera entre ela e Arjun; nada importava além daquilo — ela o amava e ele a amava. Nada mais tinha qualquer importância, nem os aviões, nem as bombas, nada a não ser aquilo. Isso é que era a felicidade — ele nunca imaginara antes; esse dissolver-se, essa exaltação, as entranhas subindo à cabeça, enchendo os olhos — a cabeça transformada no corpo, o instinto corporal em alegria na mente; essa sensação de que a realidade atingiu o seu fim.

Embora ainda faltassem minutos para o pôr do sol, debaixo das seringueiras já estava escuro. Arjun ouvira muitas reclamações sobre o terreno nos últimos dias, mas só agora tomava plena consciência de como aquele ambiente era peculiarmente enganoso. Tinha a estranha sensação de ter entrado num quadro criado com o propósito específico de enganar o olhar. Por vezes, os túneis de folhagem à sua volta pareciam imóveis e vazios, mas momentos depois pareciam encher-se de movimento. A cada passo, dava a impressão de que figuras e formas apareceriam e desapareceriam quando as fileiras de árvores se alinhavam e desalinhavam. Cada graciosa árvore em arco era uma promessa de cobertura, porém não existia nenhum ponto que não tivesse interseção com uma perfeita linha de fogo.

Arjun sabia que muitos outros haviam se abrigado na plantação; às vezes, podia sentir a presença deles em torno de si. De quando em quando, ouvia sussurros ou o som de passos ecoando pelos compridos corredores retos que se estendiam a partir dele em

todas as direções. Às vezes, ouvia um som, em algum lugar próximo. Virava-se e descobria apenas que havia pisado num graveto escondido debaixo do tapete de folhas mortas no chão.

Era impossível distinguir forma de sombra, movimento de imobilidade — o real e o ilusório pareciam ter se fundido, sem emendas.

Quando o entardecer estava se transformando em escuro, ouviu o clique de uma trava de segurança. Em seguida, um sussurro em algum lugar próximo.

— Kaun hai? Quem é? A voz soava familiar, mas Arjun esperou até ouvir o sussurro de novo: — Kaun? Dessa vez, teve certeza: — Kishan Singh? — Sah'b.

Arjun deu alguns passos para a direita e viu-se face a face com seu ordenança.

— Como me encontrou? — Aceitou com seriedade a continência de Kishan Singh, tentando não revelar até que ponto estava aliviado.

— Sah'b Buckland me mandou — disse Kishan Singh.

— Onde ele está? -Para lá.

O que aconteceu foi que Kishan Singh havia escapado para a plantação com uma dúzia de outros do batalhão. Conseguiram manter-se juntos durante a confusão que se seguiu ao ataque dos tanques japoneses. Acabaram encontrando Hardy, além do tenente-coronel Buckland. O capitão Pearson ainda estava desaparecido. Agora estavam vigilantes, tentando ver se conseguiam interceptar todos os outros.

O tenente-coronel Buckland estava sentado com as costas apoiadas num tronco, o braço direito aninhado numa tipoia improvisada. Aceitou a continência de Arjun com um aceno de cabeça e um ligeiro gesto da mão esquerda.

— Que bom que está conosco, tenente.

Arjun estava animado de ouvir sua voz seca outra vez.

Sorriu.

— É bom ver o senhor também, sir. É grave o braço? — Só um arranhão, e já foi cuidado. Por sorte, o médico está conosco. — O tenente-coronel Buckland deu um sorriso de lábios tesos. — Sente, Roy.

Não é preciso manter a cerimônia agora.

— Obrigado, sir. — Arjun abriu um lugar para si no tapete de folhas mortas.

Vai gostar de saber que Hardy também conseguiu — disse o tenente-coronel Buckland. — Mandei que fosse buscar água.

Temos muito pouca.

— Aconteceu muito de repente, sir.

— É, foi mesmo, não foi? — A voz do tenente-coronel se apagou. Quando falou de novo, foi com voz rouca, rascante, quase irreconhecível.

— Me diga uma coisa, tenente — disse ele —, acha que deixei o flanco descoberto?

Havia no tom da voz dele alguma coisa que tocou Arjun.

— Não, sir — disse, veemente. — Não havia nada que o senhor pudesse fazer, sir.

— Sempre se pode fazer alguma coisa.

— Mas o que o senhor podia ter feito, sir? Não tínhamos nenhum apoio aéreo. Não sabíamos dos tanques. O senhor não tem culpa, sir.

— Quem está no comando sempre tem culpa.

Ficaram quietos de novo durante algum tempo. Então, o tenente-coronel falou: — Sabe no que eu estava pensando, Roy?

— Sir?

— No Berçário, em Saharanpur. Me lembro quando foi construído. Meu pai era comandante na época, sabe? E o 1/1 Jats ainda era chamado de Batalhão Real. Fomos passar o verão em Simia, e quando voltamos, lá estava: o prédio que viria a ser

conhecido como Berçário. Houve uma cerimônia e uma burrakhana para os homens. Minha mãe cortou a fita. Me lembro como fiquei orgulhoso de ver nossas cores tremulando lá, com buracos de traças e tudo. Foi isso que me levou à história militar. Com 10 anos de idade, eu sabia de cor nossas condecorações de batalha. Era capaz de contar exatamente como Jemadar Abdul Qadir havia obtido sua Cruz de Vitória. Estava no último ano da escola quando o Batalhão Real foi mandado para Somme. Encontrei uma coisa que o general de campo sir John French tinha dito num discurso e recortei.

— O que ele disse, sir?

— Algo como "Os Jats nunca serão esquecidos no fronte ocidental".

— Entendo, sir.

A voz do tenente-coronel virou um sussurro.

— E o que acha que vão dizer sobre o que aconteceu conosco hoje, Roy?

Arjun respondeu, calmamente: — Acho que vão dizer que fizemos o que pudemos nessas circunstâncias.

— Será? Não consigo parar de me perguntar. Esta era uma das melhores unidades de um dos melhores exércitos do mundo. Mas hoje fomos dispersos sem ter conseguido responder o fogo. Vou ter de viver com isso pelo resto da vida.

— Não pode assumir a culpa, sir.

— Não mesmo?

O tenente-coronel Buckland ficou quieto outra vez. No silêncio que se seguiu, Arjun tomou consciência de que estava chovendo e que o dossel havia começado a liberar seu gotejamento lento e constante.

Sir. Hardy surgiu de repente da escuridão, tomando-os de surpresa.

Entregou uma garrafa verde ao comandante.

— Água, sir.

— Onde conseguiu?

— Tem um laguinho, sir. Coamos a água e usamos umas pastilhas de cloro. Acho que é boa, sir.

— Tudo bem então. — A voz do tenente-coronel soava firme de novo. — Melhor vocês dois descansarem um pouco. Amanhã vamos para o sudeste. Com alguma sorte conseguimos contornar de volta até nossas linhas.

A chuva continuou sem interrupção, com a umidade descendo com a constante insistência que eles todos passaram a abominar. Hardy requisitou um colchonete de um dos homens e ele e Arjun ficaram sentados com as costas apoiadas num tronco de árvore, em um ângulo reto um com o outro, vigiando o escuro. Mosquitos zuniam sem cessar e pela primeira vez Arjun gostou das perneiras que usava. Mas pouco podia fazer para proteger o pescoço e o rosto. Dava tapas nos insetos e lamentou ter deixado o creme contra insetos no rio Asoon, guardado dentro de sua mochila.

— Sah'b. — Arjun levou um susto com a voz de Kishan Singh.

— Kishan Singh?

— Sah'b.

Kishan Singh deslizou alguma coisa para a mão dele e desapareceu antes que Arjun pudesse dizer qualquer coisa.

— O que é? — Hardy perguntou.

Arjun levou a mão ao nariz.

— Nossa — disse —, acho que é creme contra mosquitos. Ele deve ter me dado o dele...

— Maldito chootiya sortudo — disse Hardy, pesaroso. — Meu ordenança pode me ver comido vivo que nunca renunciaria ao dele. Me dê um pouco, seja bonzinho.

Dormir era impossível: não havia nada a fazer senão esperar a noite. Às vezes, Hardy cantarolava baixinho e Arjun tentava adivinhar a música.

Conversavam intermitentemente com vozes abafadas, pondo em dia os acontecimentos das últimas horas.

Num sussurro baixo, Hardy perguntou: — O que Bucky estava dizendo a você lá?

— Estávamos falando sobre o que aconteceu...

— O que ele disse? — Estava dizendo que a culpa era dele.

— Mas não dava para ele fazer nada.

— Não é isso que ele sente. Foi estranho ouvir... ele falar de um jeito tão pessoal, como se fosse responsável. Eu não tinha pensado desse jeito.

— Bom, como poderia?

— Por que não poderia?

— Para nós, na verdade, não faz nenhuma diferença, faz?

— Claro que faz. Se não fizesse, não estaríamos sentados aqui, na chuva.

— É, mas pense bem, Arjun, por exemplo, o que teria acontecido se nós defendêssemos a nossa posição no Asoon? Acha que nós, nós, indianos, acha que nós íamos levar o crédito?

— Por que não?

— Pense naqueles jornais de Cingapura, aqueles que estavam escrevendo sobre todos os bravos e jovens soldados que tinham vindo defender a colônia. Lembra?

— Claro.

— Lembra como todos os bravos e jovens soldados eram sempre australianos, canadenses ou britânicos?

Arjun fez que sim.

— É.

— Como se a gente não existisse. É por isso que aquilo que aconteceu no Asoon não tem importância, não para nós, pelo menos. Se a gente tivesse defendido a posição ou não, seria a mesma coisa. Yaar, às vezes eu penso em todas as guerras em que meu pai e meu avô lutaram, na França, na África, na Birmânia.

Alguém algum dia falou: os indianos venceram esta guerra ou aquela? Aqui teria sido a mesma coisa. Se tivesse sido uma vitória, o crédito por ela não seria nosso. Pela mesma lógica, a culpa da derrota não pode ser nossa também.

— Pode não importar para os outros, Hardy — disse Arjun —, mas para nós importa.

— Será mesmo, Arjun? Vou contar o que senti quando estava correndo para a plantação. Francamente, fiquei aliviado, contente de ter acabado. E os homens, aposto que a maior parte sente exatamente a mesma coisa que eu.

Foi como se alguma espécie de charada tivesse chegado ao fim.

— Que charada, Hardy? Aqueles tanques não tinham nada de mentirinha.

Hardy estapeou os mosquitos que zuniam em torno dele.

— Sabe, Arjun, nesses últimos dias, na trincheira de Jitra, eu tive uma sensação estranha. Era estranho estar sentado de um lado de uma linha de combate, sabendo que teria de lutar e sabendo ao mesmo tempo que a luta não é realmente sua... sabendo que se você ganhar ou perder, nem a culpa nem o crédito vão ser seus. Sabendo que está arriscando tudo para defender um modo de vida que empurra a gente para o lado. Quase como se a gente estivesse lutando contra a gente mesmo. É estranho sentar numa trincheira, segurando uma arma e perguntando para si mesmo: para quem esta arma vai estar apontada de verdade? Estarão me enganando para apontá-la para mim mesmo?

— Não posso dizer que eu sinta a mesma coisa, Hardy.

— Mas pergunte para si mesmo, Arjun: o que significa para você e para mim estar neste exército? Você está sempre falando de ser soldado como um emprego. Mas sabe, yaar, isto aqui não é só um emprego: quando você está sentado numa trincheira é que você entende que existe alguma coisa muito primitiva nisso que nós

fazemos. No mundo comum, quando é que você iria se levantar e dizer: "Vou arriscar minha vida por isso"? Como ser humano, é uma coisa que você só pode fazer se souber por que está fazendo. Mas quando eu estava sentado naquela trincheira, era como se meu coração e minha mão não tivessem ligação; cada coisa parecia pertencer a uma pessoa diferente. Era como se eu realmente não fosse um ser humano, mas apenas uma ferramenta, um instrumento. É isso que eu me pergunto, Arjun: de que forma me torno humano de novo? Como ligo o que eu faço com o que eu quero, em meu coração?

— Hardy... não faz nenhum bem pensar assim...

Ouviram a voz do tenente-coronel Buckland em algum lugar próximo: — Sem tanta conversa, por favor...

Arjun calou-se.



A oferta, quando finalmente veio, era tão boa, tão além das maiores expectativas de Rajkumar, que ele fez o mensageiro repetir duas vezes para ter certeza de que tinha entendido direito. Ao ouvir a confirmação, olhou para as próprias mãos e viu que tinham começado a tremer. Não tinha confiança para pôr-se de pé. Sorriu para o mensageiro e disse uma coisa que seu orgulho, em princípio, não lhe teria permitido dizer: — Pode me ajudar a levantar? Apoiado ao braço do mensageiro, foi até a janela aberta do escritório e olhou o pátio para ver se enxergava Neel. O pátio tinha altas pilhas de troncos de madeira que acumulara ao longo do último ano, O rosto barbado do filho estava meio escondido atrás de uma pilha de 2 metros e meio de pranchas recém-cortadas.

— Neel — a voz de Rajkumar explodiu de seu peito num berro de alegria.

Gritou de novo: — Neel.

Não havia por que disfarçar sua alegria: se em toda a sua vida houve algum momento de triunfo, era esse.

— Neel! — Apé? — Neel virou o rosto para olhar o pai, surpreso.

— Suba aqui, Neel, boa notícia.

Estava com as pernas mais firmes agora. De pé, deu um tapa nas costas do mensageiro e entregou-lhe uma moeda.

— Só para tomar um chazinho...

— Sim, senhor.

O mensageiro sorriu para a franqueza do prazer de Rajkumar. Era um jovem administrador enviado a Rangoon pelo amigo empreiteiro de Rajkumar — aquele que trabalhava na rodovia Birmânia-China, lá no norte. Exatamente como Rajkumar havia previsto, a construção da estrada assumira uma nova urgência estratégica com a entrada dos Estados Unidos na guerra. Ela seria a principal linha de suprimento para o governo do generalíssimo Chiang Kai-shek. Havia novos fundos disponíveis e o trabalho prosseguia depressa. O empreiteiro se viu precisando de uma quantidade muito grande de madeira — daí a oferta feita a Rajkumar.

O negócio não deixava de ter suas dificuldades. Não havia adiantamento como Rajkumar teria gostado, e a data exata do pagamento não era garantida. Mas estavam em tempos de guerra, afinal, e todos os homens de negócios de Rangoon aprenderam a se adaptar. Rajkumar não hesitou em aceitar a oferta.

— Neel! — Apé? Rajkumar observou de perto o rosto do filho ao lhe contar a notícia.

Ficou deliciado quando viu os olhos de Neel se iluminarem; sabia que Neel estava contente não só porque ele estava fechando um contrato há muito desejado, mas também porque isso seria a reiteração de uma confiança quase infantil em seu pai. Ao olhar os olhos brilhantes do filho, Rajkumar sentiu a voz ficar rouca. Puxou Neel para o peito e abraçou-o, segurou apertado, tirando o ar de seu corpo, de forma que o filho ofegou e gritou alto. Entre os dois sempre existira uma ligação especial, uma proximidade particular. Não havia no mundo outros olhos que olhassem para os de Rajkumar tão sem reserva, sem julgamento, sem crítica — nem de Dolly, nem de Saya John, muito menos de Dinu. Nada nesse triunfo era mais doce que a redenção da confiança do seu menino.

— E agora, Neel — Rajkumar deu um soco afetuosamente no ombro do filho —, e agora temos muita coisa a fazer. Você vai ter de

trabalhar mais duro que nunca.

— Apé. — Neel balançou a cabeça que sim.

Pensando em todos os arranjos que tinham de ser feitos, Rajkumar voltou depressa a atenção para o assunto em pauta.

— Venha — disse, indo para a escada —, vamos tentar avaliar tudo o que temos de fazer e quanto tempo temos.

Rajkumar tinha vendido todas as suas propriedades, menos a serraria da enseada Pazundaung. A boca da enseada ficava na interseção dos rios Rangoon e Pegu e permitia rápido acesso ao porto fluvial. Muitas serrarias, armazéns, reservatórios de petróleo e beneficiadores de arroz estavam concentrados ao longo das margens da via aquática. O próprio pátio consistia em não muito mais que um espaço aberto, lotado de madeira e perpetuamente tomado por uma névoa de serragem. Era cercado por um alto muro perimetral e no centro ficava uma pequena cabana elevada sobre pilotis — uma construção que parecia vagamente com as tais das florestas do norte, só que em escala muito menor. A cabana servia de escritório para Rajkumar.

Ao caminhar pelo pátio, Rajkumar não conseguia evitar de se congratular por sua previsão de concentrar todo seu estoque em um único lugar — o tempo todo soubera que o pedido, quando viesse, teria de ser executado rapidamente: os acontecimentos comprovaram que estava certo. Mas, mesmo assim, o trabalho à frente não seria fácil. Rajkumar viu que ia exigir grandes equipes de oo-sis e elefantes, cules e caminhões. Seus próprios elefantes tinham sido vendidos havia muito tempo e, com exceção de dois zeladores, todos os empregados regulares haviam sido dispensados. Havia se acostumado a administrar com uma força-tarefa contratada de fora.

Havia muito a ser feito, e queria mais gente. Rajkumar via que Neel estava tentando com empenho, mas ele era um rapaz urbano, inexperiente no negócio madeireiro. Rajkumar sabia que

Neel não era culpado por isso: a culpa era sua por nunca tê-lo encorajado a trabalhar no negócio madeireiro.

— Não quero trabalhar com estranhos — Rajkumar confidenciou a Neel. — Preferia contar com Doh Say. Ele ia saber exatamente como conduzir isto aqui.

— Mas como se pode encontrar Doh Say em Huay Zedi? — Tem de ser através de Raymond. — Era o velho amigo de Neel, filho de Doh Say. Agora estudava na Faculdade Judson, de Rangoon. Rajkumar pensou um pouco e balançou a cabeça para si mesmo. — É, Raymond vai conseguir mandar um recado para ele. Temos de falar com ele esta noite, com certeza.

Quando Rajkumar e Neel voltaram a Kemendine, o brilho da vitória ainda iluminava seus rostos. Dolly adivinhou de imediato que havia alguma coisa.

— O que foi? Contem.

Rajkumar e Neel começaram a falar ao mesmo tempo, em voz tão alta que atraíram Manju do andar de cima, com o bebê nos braços.

— Me contem também. Comecem de novo...

Então, pela primeira vez em muitas semanas, a atmosfera da casa ficou mais leve. Ainda não tinham notícias nem de Arjun nem de Dinu — mas essa era uma ocasião em que as ansiedades da guerra podiam legitimamente ser esquecidas. Até mesmo Dolly, descrente havia tanto tempo, finalmente acreditou que o plano de Rajkumar estava para compensar; quanto a Manju, ficou exultante. Toda a família lotou o Packard, Manju carregando o bebê no colo e Neel no banco do motorista.

Rindo como crianças, partiram para o Judson Coliege para encontrar o filho de Doh Say, Raymond.

Não faltava muito para o Natal agora e a parte central de Rangoon estava sendo preparada para as festividades. Era a área que abrigava as grandes lojas de departamento, os restaurantes

elegantes, os clubes, bares e hotéis. Era ali também que — na área de poucos quarteirões de prédios de tijolos vermelhos e telhado inclinado — ficava a maioria das igrejas, escolas e outras instituições missionárias da cidade. Em dezembro, esse quarteirão se transformava em uma das grandes atrações sazonais da cidade. As pessoas vinham de outros bairros — Kemendine, Kokine, Botataung, Kalaa Bustee — para passear pelas ruas e admirar a decoração de Natal.

Nesse ano, as costumeiras luzes haviam sido proibidas pelos vigilantes de ataques aéreos. Mas em tudo o mais a guerra não havia afetado grandemente o ânimo do bairro; ao contrário, as notícias do estrangeiro tinham tido o efeito de estimular a costumeira animação natalina. Entre os muitos residentes britânicos da cidade, a guerra renovara a determinação em prosseguir como sempre. O resultado foi que grandes lojas e restaurantes estavam tão brilhantemente decorados como antes. A Rowe & Co. — a grande loja de departamentos — tinha armado sua tradicional árvore de Natal, um pinheiro de verdade, trazido, como sempre, das montanhas de Maymyo. A base da árvore foi coberta com flocos de algodão e os galhos embranquecidos com neve feita de talco. Na Whiteway — outra loja de departamentos —, em Laidlaw, a árvore era ainda maior, com enfeites importados da Inglaterra.

Pararam no mercado Scott e foram ao Sun Café experimentar os famosos troncos yule, cobertos de chocolate. A caminho, passaram por um açougue muçulmano que cuidava de um bando de perus e gansos vivos. Muitas das aves tinham pequenas etiquetas presas com arame — estavam reservadas com meses de antecedência, por famílias europeias. O açougueiro as estava engordando para o Natal.

O Judson College era costumeiramente um dos centros das festividades de Natal de Rangoon. Era administrado pelos batistas

americanos e uma das instituições educacionais mais bem conhecidas da Birmânia.

Raymond estava na capela de tijolos vermelhos da faculdade. Ensaiaava com o coro o Messias, de Handel. Sentaram-se para esperar, nos fundos da capela, ouvindo a massa de vozes subir pelos arcos do teto. A música era gloriosa e mesmo o bebê foi levado ao silêncio.

Ao final do ensaio, Neel interceptou Raymond e o trouxe para sunto dos outros. Raymond era um rapaz bonito, de compleição robusta, de olhos sonolentos e um sorriso triste. Estudava em Rangoon havia três anos e pensava em seguir a carreira de advogado.

Raymond ficou deliciado de vê-los e imediatamente se comprometeu a mandar recado ao pai. Tinha certeza de que poderia fazer chegar o recado a Huay Zedi dentro de poucos dias, por meio de uma complicada rede de telegramas e mensageiros.

Rajkumar não duvidava nem por um minuto que Doh Say viria a Rangoon para ajudá-lo.

Na manhã seguinte, o tenente-coronel Buckland mandou Arjun na frente com Kishan Singh e outros dois homens. Os homens estavam armados com os rifles Lee Enfield .303 de sempre, enquanto Arjun recebeu a única submetralhadora.

Pouco depois do meio-dia, Arjun topou com a casa do gerente da plantação. Era um bangalô atarracado de dois andares com telhado de telhas de cerâmica. Ficava no centro de uma clareira que era quase um quadrado perfeito. A clareira era cercada dos quatro lados por corredores retos e ordenados de árvores da borracha. Um caminho de cascalho serpenteava pelo gramado bem cuidado, levando à porta da frente. O jardim era pontilhado por explosões de cor: as flores eram principalmente de variedades europeias — malva-rosa, boca-de-leão, hortênsias. Nos fundos, havia um alto jacarandá com um balanço de madeira pendurado de

um galho. Ao lado dele ficava um reservatório de água elevado. Havia dois canteiros de verduras — tomates, cenoura, couves-flores. Um caminho pavimentado atravessava a horta até a porta dos fundos. Havia um gato arranhando a porta, miando para entrar.

Arjun circundou a clareira, mantendo-se bem dentro do abrigo das seringueiras. Seguiu o caminho um pequeno trecho encosta abaixo: dava para ver que serpenteava pela plantação e ia dar numa estrada asfaltada menos de 1 quilômetro adiante. Não havia ninguém à vista.

Arjun colocou um dos homens de vigia e mandou outro levar um relatório ao tenente-coronel Buckland. Então, com Kishan Singh rente atrás, circundou a casa até ficar diante da porta dos fundos. Atravessou o quintal numa corrida, tomando o cuidado de manter a cabeça abaixada. A porta estava trancada, mas cedeu facilmente quando ele e Kishan Singh se atiraram sobre ela com os ombros. O gato que estava esperando fora entrou depressa na casa por entre os pés de Arjun.

Arjun atravessou o batente e se viu no meio de uma grande cozinha de estilo europeu. Havia um forno a lenha, feito de ferro, e janelas com cortinas de renda branca. Pratos e tigelas de porcelana enfileirados em armários de madeira junto às paredes, a pia de cerâmica limpa e esfregada e o escorredor de metal ao lado com copos de vidro empilhados e uma fileira de mamadeiras recém-lavadas. No chão, uma tigela de comida para cachorro. Na parede caiada onde antes ficara um refrigerador encostado, havia um retângulo descolorido. Na mesa da cozinha, pilhas de pão e duas latas pela metade de manteiga australiana e queijo industrializado. Era evidente que o refrigerador havia sido esvaziado com grande pressa antes de ser levado embora.

Embora Arjun tivesse agora certeza de que não havia ninguém na casa, teve o cuidado de colocar Kishan Singh com

cobertura quando olhou os outros cômodos, O bangalô estava cheio de indícios de uma partida precipitada.

No quarto, as gavetas estavam reviradas e havia sutiãs e roupas de baixo feminina espalhadas pelo chão. Na sala, um banquinho de piano abandonado junto à parede. Meio escondidas atrás de uma porta Arjun encontrou uma porção de fotografias emolduradas.

— Dei uma olhada nas fotos — um casamento na igreja; crianças, um carro e um cachorro —, as fotografias estavam empilhadas numa caixa, como se prontas para serem transportadas. Arjun teve uma súbita visão da mulher da casa dando uma última corrida frenética pelo bangalô, procurando a caixa, com o marido e a família sentados lá fora no caminhão com pilhas altas de mobílias amarradas; imaginou-a remexendo os armários enquanto o marido acelerava o motor, o cachorro latia, a criança chorava. Ficou contente de eles terem ido embora quando foram; chateado com quem quer que os tivesse convencido a não partir antes.

Voltou à cozinha e ligou o ventilador de teto. Para sua surpresa, funcionou. Em cima da mesa, havia algumas garrafas de água, ainda molhadas no centro de poças de suor que se formaram em torno delas ao serem retiradas do refrigerador. Deu uma para Kishan Singh e esvaziou a outra, quase de um gole só. A água tinha um sabor metálico e sem graça ao passar na garganta: só então lembrou de que fazia muito tempo que comera pela última vez.

Minutos depois, chegaram os outros.

— Bastante comida aqui, sir — disse Arjun.

O tenente-coronel Buckland balançou a cabeça.

— Ótimo. Deus sabe que precisamos disso. E imagino que vamos poder nos lavar um pouco também.

No andar de cima havia dois banheiros, com toalhas limpas esperando nos cabides, O tenente-coronel Buckland usou um banheiro, enquanto Arjun e Hardy se alternaram no outro. A água

vinha do reservatório sombreado de fora e era agradavelmente fresca. Antes de se despir, Arjun apoiou a submetralhadora na porta. Então encheu um balde e virou a água fria na cabeça. Na pia, havia um tubo de pasta de dentes enrolado: não resistiu e espremeu um pouco no indicador. Com a boca cheia de espuma, deu uma olhada pela janela do banheiro. Kishan Singh e dois outros homens estavam parados debaixo do reservatório de água, nus, despejando água em cima da cabeça uns dos outros. Outro homem vigiava, fumando um cigarro, a mão descansando sobre o rifle.

Voltaram para a sala de jantar e descobriram que a mesa estava bem arrumada com pratos e talheres. Um lanceiro naik que tinha alguma experiência no refeitório de oficiais havia preparado uma refeição.

Havia uma salada de tomates e cenouras, ovos mexidos com manteiga e torradas quentes. Nos armários da cozinha, tinham encontrado muitos tipos de alimentos enlatados: patê de fígado de ganso, um prato de arenque em pickles, grossas fatias de presunto holandês — tudo muito bem arrumado em pratos de porcelana.

No bufê que ficava ao lado da mesa de jantar, Arjun encontrou algumas garrafas de cerveja.

— Acha que vão se importar, sir? — Não vejo por que iriam.
— O tenente-coronel Buckland sorriu. — Tenho certeza de que se nós encontrássemos, com eles no clube, iam nos dizer para aproveitar.

Hardy fez um parêntese.

— Se o senhor encontrasse com eles no clube, sir — disse, baixo, fazendo uma correção polida. — Nós dois não teríamos permissão para entrar.

O tenente-coronel Buckland fez uma pausa com a garrafa de cerveja inclinada no ar. Depois levantou o copo e deu um sorriso irônico para Hardy.

— Aos clubes que não nos aceitariam, cavalheiros disse. Que sejam para sempre legião.

Arjun levantou um brinde desanimado.

— Seja, seja. — Pousou o copo e pegou o prato de presunto.

Quando estavam se servindo, novos aromas de comida vieram da cozinha: a fragrância de parathas e chapatis recém— enrolados, de cebola e tomates picados fritando. Hardy levantou os olhos do prato com suas pilhas de presunto e arenques. De repente, pôs-se de pé.

Sir, me dá licença um minuto? — Por favor, tenente.

Entrou na cozinha e voltou com uma travessa de chapatis e ande-ka-bhujia — ovos fritos com tomates e cebola. Ao olhar o prato dele, Arjun se viu com fome outra vez: desviar os olhos foi um esforço.

— Tudo bem, yaar. — Hardy estava olhando para ele com um sorriso. — Pode comer um pouco também. Uma chapati não vai transformar você num selvagem, sabe.

Arjun recostou na cadeira quando Hardy despejou chapatis e bhujia em seu prato; baixou os olhos do jeito amuado de uma criança que se vê entre pais que brigam, O cansaço da noite anterior caiu sobre ele e mal conseguiu tocar a comida.

Quando terminaram de comer, o tenente-coronel Buckland pediu a Hardy para sair e conferir os homens que estavam vigiando a estrada de acesso ao bangalô.

Hardy bateu continência.

— Sim, senhor.

Arjun ia se levantar da mesa também, mas o tenente-coronel Buckland o impediu.

— Sem pressa, Roy. — Pegou a garrafa de cerveja. — Mais um pouco? — Não vejo por que não, sir.

O tenente-coronel Buckland serviu a cerveja no copo de Arjun e depois encheu o seu.

— Me diga, tenente — disse então, acendendo um cigarro.
— Como você avalia nosso moral no momento? — Depois de um almoço como este, sir — Arjun disse, animado —, eu diria que não podia estar melhor.

— A história foi bem diferente ontem à noite, hein, tenente?
— O tenente-coronel Buckland sorriu numa nuvem de fumaça de cigarro.

— Não sei se diria isso, sir.

— Bom, sabe que eu tenho ouvidos, tenente. E mesmo que meu hindustâni não seja tão bom quanto o seu, garanto que é perfeitamente adequado.

Arjun deu-lhe um olhar surpreso.

— Não tenho bem certeza se entendo o que quer dizer, sir.

— Bom, nenhum de nós conseguiu dormir muito a noite passada, não é, tenente? E sussurros viajam longe.

— Não entendo bem o que quer dizer, sir. — Arjun sentiu o rosto esquentar. — Está se referindo a alguma coisa que eu disse?
— Realmente não importa, tenente. Vamos dizer que havia certa similaridade de tom em todas as vozes à minha volta.

— Entendo, sir.

— Tenente, acho que o senhor provavelmente sabe que eu, nós não ignoramos que existem certas tensões em nossos batalhões indianizados.

Está bem claro que muitos de nossos oficiais indianos têm opiniões fortes sobre questões públicas, particularmente a questão da independência.

— Sim, senhor.

— Não sei o que pensa, Roy, mas deve saber que se depender da força da opinião pública britânica, a independência da Índia é apenas uma questão de tempo. Todo mundo sabe que os dias do Império terminaram; não somos bobos, sabe. A última coisa que um jovem inglês ambicioso quer hoje em dia é ir para um

lugar atrasado. Os americanos estão nos dizendo há anos que nessa questão estamos indo na direção errada. Não é preciso manter um Império com toda a parafernália de uma administração e um exército. Existem meios mais fáceis e mais eficientes de manter o controle das coisas; ele pode ser feito com menos despesa e muito menos complicações. Todos temos de aceitar isso agora, mesmo sujeitos como eu, que passaram a vida no Oriente. A verdade é que existe uma única razão para a Inglaterra ainda resistir: é o nosso senso de obrigação. Sei que talvez seja difícil para você acreditar, mas é verdade. Existe uma sensação de que não podemos recorrer à força e não podemos deixar uma confusão para trás. E você sabe tão bem quanto eu que se fizermos as malas agora nossos camaradas pularão um no pescoço do outro na mesma hora, até você e seu amigo Hardy, ele sendo síkh e você hindu, um punjabi, o outro bengalês...

— Entendo, sir.

— Estou dizendo isso, tenente, só para alertar você para alguns perigos da situação em que nos encontramos. Acho que nós dois sabemos que nosso moral não está o que devia ser. Mas este é, de todos os momentos, o último em que alguém pode oscilar em sua lealdade. Os reveses que sofremos são temporários; de certa forma, são uma bênção. A entrada dos Estados Unidos na guerra torna absolutamente certo que nós venceremos, com o tempo. Por enquanto, talvez devamos nos lembrar que o Exército tem uma memória muito longa quando se trata de questões de obediência e lealdade.

O tenente-coronel fez uma pausa para apagar o cigarro. Arjun ficou sentado em silêncio, olhando o copo.

— Sabe, Roy — disse o tenente-coronel Buckland, tranquilamente —, meu avô sobreviveu ao Motim de 1857. Me lembro que guardava muito pouco rancor dos civis que se envolveram nos problemas. Mas quanto aos soldados, os sipaios

que lideraram o Motim, era muito diferente. Aqueles homens tinham quebrado um juramento: eram traidores, não rebeldes, e não existe traidor mais desprezível do que um soldado que desrespeita a obediência devida. E se uma coisa dessas vier a acontecer a seu tempo, acho que concordaria comigo, não, Roy, que seria difícil imaginar uma coisa mais indizível? Arjun estava a ponto de responder quando foi interrompido pelo som de passos correndo. Virou para a janela e viu Hardy atravessar correndo o gramado da frente.

— Sir. — Hardy apareceu ofegante no peitoril. — Temos de ir, sir...

Comboio japonês subindo a estrada.

— Quantos? Dá para enfrentar? — Não, sir... São pelo menos dois pelotões; talvez uma companhia.

O tenente-coronel Buckland empurrou calmamente a cadeira, limpou os lábios com um guardanapo.

— O principal, cavalheiros — disse, tranquilo —, é não entrar em pânico.

Esperem um momento e escutem: é isto que quero que façam...

Saíram da casa pela porta de trás, com Arjun à frente e Hardy e o tenentecoronel Buckland na retaguarda. Ao chegarem ao abrigo da primeira fileira de árvores, Arjun abaixou-se em posição de defesa. Com ele havia um destacamento composto de Kishan Singh e dois outros homens. As ordens eram para dar cobertura aos outros até todo mundo estar fora de perigo.

O primeiro caminhão japonês entrou na área da casa no momento em que Hardy e o tenente-coronel Buckland corriam pelo jardim de trás. Por um momento, Arjun permitiu-se acreditar que eles conseguiriam escapar sem ser vistos. Então, um jato de fogo saiu da parte de trás do caminhão e Arjun ouviu um coro de assobios passando bem acima de sua cabeça.

O tenente-coronel Buckland e Hardy estavam um tanto à frente agora.

Arjun esperou até estarem fora de perigo para dar a ordem de responder o fogo.

— Chalao goli.

Atiraram indiscriminadamente na direção geral do bangaló. O único resultado foi estilhaçar as janelas da cozinha. Enquanto isso, o caminhão japonês tinha dado a volta para se abrigar do outro lado da casa.

— Piche. Chalo.

Arjun deu ordem para recuar enquanto sustentava a posição, atirando ao acaso, esperando dar tempo a Kishan Singh e aos outros para se reagruparem. Viu que os soldados japoneses recém-chegados estavam se esgueirando entre as árvores um a um. Pôs-se de pé e começou a correr, com o fuzil-metralhadora debaixo do braço. Olhou por cima do ombro e encontrou a visão agora familiar de uma dúzia de longas fileiras de árvores avançando até ele — a diferença agora é que em cada túnel dava para vislumbrar uma figurinha de farda cinzenta, em algum lugar à 1 distância, correndo em perseguição.

Arjun começou a correr mais depressa, respirando fundo, tomando cuidado com os ramos escondidos debaixo das folhas caídas. A uns 3 metros, o solo descia íngreme. Se conseguisse chegar até lá, conseguiria escapar dos soldados perseguidores. Deu uma acelerada, diminuindo os passos ao chegar à borda do declive. Quando estava passando a borda, sentiu a perna direita sumir debaixo do corpo. Caiu, rolando de cara pelo barranco, O choque da queda misturava-se à confusão: não conseguia entender por que caíra. Não tinha tropeçado e não tinha perdido o pé — disso tinha certeza. Agarrou o mato e conseguiu deter a queda. Tentou ficar de pé outra vez e descobriu que não conseguia. Olhou para baixo e viu que a perna da calça estava coberta de sangue. Sentiu a umidade do

pano contra a pele, mas não tinha consciência de nenhuma dor. Os passos de seus perseguidores estavam agora mais próximos, e ele olhou em torno depressa, para o tapete de folhas secas que se espalhava em todas as direções.

Nesse momento, ouviu um som, um sussurro conhecido.

— Sah'b.

Rolou de lado e viu-se de frente para Kishan Singh: seu ordenança estava deitado de bruços, dentro de uma abertura escura — uma galeria ou boca de algum tipo de cano. A abertura estava coberta de folhas e relva.

Ficava bem escondida, quase invisível. A única razão de Arjun não tê-la enxergado era o fato de estar deitado no chão.

Kishan Singh esticou a mão e puxou-o para dentro. Então engatinhou para espalhar folhas sobre as marcas de sangue de Arjun. Minutos depois, ouviram o som de passos em cima deles.

O cano era grande o bastante apenas para eles dois deitarem lado a lado.

Então, de repente, o ferimento de Arjun começou a se fazer sentir, a dor subindo pela perna em ondas. Tentou abafar um gemido, sem conseguir direito. Kishan Singh pôs a mão em cima de sua boca e obrigou-o a calar-se. Arjun entendeu que estava a ponto de apagar e achou bom: naquele momento, não queria nada além do esquecimento.



Mesmo acompanhando de perto as notícias no rádio, Dinu teve dificuldade para entender exatamente o que estava acontecendo no norte da Malásia. Os boletins mencionavam um grande confronto na região de Jitra, mas os relatos eram inconclusivos e confusos. Enquanto isso, surgiram outras indicações do rumo que a guerra estava tomando, todos eles horrendos. Um deles era o anúncio oficial no jornal de uma lista de agências de correio que seriam fechadas no norte. Outro era o aumento de volume do trânsito para o sul: um fluxo de evacuados descia a rodovia norte-sul em direção a Cingapura.

Um dia, numa visita a Sungei Pattani, Dinu teve um vislumbre desse êxodo. Os evacuados pareciam ser principalmente famílias de plantadores e engenheiros de minas. Os carros e caminhões estavam cheios de objetos domésticos — mobília, baús, malas. Viu um caminhão levando um refrigerador, um cachorro e um piano de armário. Falou com o homem que dirigia o caminhão: era um holandês, gerente de uma plantação de borracha perto de Jitra. A família estava amontoada na cabine do veículo: esposa, filho recém-nascido e duas meninas. O holandês disse que tinha conseguido sair pouco antes da chegada dos japoneses. Seu conselho a Dinu foi partir o mais breve possível — não cometer o erro de esperar até o último minuto.

Nessa noite, em Morningside, Dinu contou a Alison exatamente o que o holandês tinha dito. Os dois se olharam em

silêncio: haviam falado do assunto diversas vezes antes. Sabiam que tinham muito poucas escolhas.

Se fossem por terra, um deles teria de ficar para trás — o caminhão da fazenda não estava em condições de fazer a longa viagem até Cingapura e o Daytona não levava mais do que dois passageiros numa distância da quela. A única alternativa era ir de trem — mas os serviços ferroviários estavam temporariamente suspensos.

— O que nós vamos fazer, Alison? — perguntou Dinu.

— Vamos esperar para ver — Alison respondeu, cheia de esperança. — Quem sabe? Talvez a gente nem tenha de ir embora afinal.

Tarde da noite, foram despertados pelo crepitar de rodas de bicicleta na entrada de cascalho da Casa Morningside. Uma voz chamou lá embaixo: — Miss Martins...

Alison levantou-se e foi à janela. Ainda estava escuro. Abriu a cortina e debruçou para fora, olhou o caminho de entrada. Dinu olhou o relógio do criado-mudo e viu que eram quatro da manhã. Sentou-se na cama: — Alison? Quem é? É Ilongo — disse Alison. — Está com Ah Fatt, do restaurante da cidade.

— A essa hora da noite? — Acho que querem me dizer alguma coisa. — Alison deixou cair a cortina. — Vou descer. — Enfiou o penhoar e saiu correndo do quarto.

Minutos depois, Dinu foi atrás. Encontrou Alison sentada com os visitantes. Ah Fatt estava falando com urgência, em malaio muito rápido, espetando o dedo no ar. Alison mordeu o lábio, balançou a cabeça: Dinu viu uma profunda ansiedade desenhar rugas em seu rosto.

Pouco depois, Dinu tocou seu cotovelo.

— O que estão dizendo? Me conte.

Alison levantou-se e levou-o de lado.

— Ah Fatt disse que vovô e eu temos de ir embora... para Cingapura.

Disse que as coisas estão mal no fronte. Os japoneses podem conseguir passar dentro de um ou dois dias. Ele acha que a Kempeitai, a polícia secreta deles, tem informações sobre nós...

Dinu balançou a cabeça: — Ele tem razão. Não dá para esperar mais. Vocês têm de ir.

Os olhos de Alison se encheram de lágrimas.

— Não quero ir, Dinu. Não sem você. Não mesmo.

— Tem de ir, Alison. Pense em seu avô...

— Miss Martins.

Ah Fatt interrompeu para contar que tinha ouvido dizer que um trem especial de evacuação estaria partindo de Butterworth essa manhã. Não tinha certeza se conseguiriam embarcar — mas valia a pena tentar.

Dinu e Alison trocaram sorrisos.

— Não vamos ter outra chance dessas — disse Alison.

— Vamos acordar seu avô — disse Dinu. — Não podemos perder tempo.

Partiram cedo em um dos caminhões da fazenda. Ilongo dirigindo e Dinu atrás, com a bagagem. Alison sentou-se na frente com Saya John. Havia pouco trânsito por causa da hora do dia e chegaram a Sungei Pattani em metade do tempo habitual. A cidade estava silenciosa: muitas lojas e casas trancadas ou fechadas com tábuas. Algumas tinham comunicados pendurados do lado de fora.

Pouco além da cidade, tomaram a estrada principal. O acostamento da estrada estava pontilhado de veículos estacionados. Viam-se famílias dormindo nos carros, descansando um pouco antes de o dia clarear. De quando em quando, caminhões militares de 1 tonelada e meia passavam correndo pela rodovia, na direção sul. Apareciam muito de repente, jogando o restante do tráfego para fora da estrada, faróis acesos, buzinas tocando. Dinu viu de

passagem os soldados acorados debaixo da cobertura de lona impermeável das carrocerias.

Ao chegar em Butterworth, a estrada estava tomada por carros e caminhões. A estação ferroviária ficava bem perto do terminal de ferryboat que ligava o continente à ilha de Penang. Essa área havia sido atingida várias vezes nos recentes bombardeios e formara-se uma grande confusão nas ruas cobertas de entulho. Viam-se pessoas indo a pé para a estação, levando sacos e malas.

Ilongo estacionou numa rua lateral e deixou Alison, Dinu e Saya John no caminhão enquanto ia se informar. Voltou uma hora depois para revelar que tinham uma longa espera pela frente. Havia boatos de que o trem só partiria à meia-noite. Penang estava sendo evacuada também e uma frota de ferries ia circular acobertada pela escuridão, O trem só partiria depois que os ferries tivessem retirado os evacuados de Penang.

Alison alugou um quarto num hotel para Saya John poder descansar.

Passaram o dia se revezando em busca de informações.

A noite caiu e às dez horas ainda não havia notícias. Então, pouco antes da meia-noite, Ilongo foi correndo ao hotel com informações de que tinham avistado os ferries voltando de Penang. Pouco depois, o trem manobrou na plataforma da estação.

Alison acordou Saya John e Dinu pagou o quarto do hotel. Saíram para a rua escura e juntaram-se à multidão que corria para a estação. A entrada estava bloqueada por cordões e só se podia entrar por uma passagem lotada de gente e bagagem.

Poucos metros antes da entrada, Ilongo resolveu voltar.

Passou os braços em torno de Saya John e deu-lhe um grande abraço.

— Adeus, Saya.

Saya John deu-lhe um sorriso afetuoso e ausente: Dirija com cuidado, Ilongo.

— Certo, Saya. — Ilongo riu. Virou-se para eles, mas antes de conseguir se despedir foram empurrados adiante pela multidão. Gritou para eles: — Vou passar a noite no caminhão. Podem me encontrar lá, se for preciso.

Boa sorte.

Dinu respondeu com um aceno.

— Para você também... boa sorte.

A entrada da plataforma era vigiada por dois guardas, ambos indianos.

Estavam de farda verde e tinham rifles pendurados dos ombros. Não havia bilhetes a conferir: os guardas vigiavam os evacuados e os apressavam adiante.

Chegaram ao portão com Saya John apoiado pesadamente em Alison. Dinu ia logo atrás deles, levando as malas. Quando estavam para passar pela entrada, um guarda deteve Alison com o braço estendido. Seguiu-se uma apressada discussão entre os dois guardas. Então um deles fez sinal para Dinu, Alison e Saya John saírem de lado.

— Por favor... afastem-se do portão.

— Qual é o problema? — Alison perguntou a Dinu.

— O que está acontecendo?

Dinu avançou para encarar o guarda.

— Kya hua? — disse, dirigindo-se a eles em hindustâni.

— Por que nos pararam?

— Vocês não podem passar.

— Por quê?

— Não enxerga? — disse um guarda, bruscamente. — Não está vendo que este trem é só para europeus?

— Como?

— Você ouviu: só para europeus.

Dinu engoliu em seco, tentando manter a compostura.

— Escute — disse cuidadosamente —, não pode ser verdade... Estamos em guerra. Nos disseram que era um trem de evacuação. Como pode ser só para europeus? Deve haver algum engano.

O guarda olhou nos olhos dele e apontou o trem com o polegar: — Você tem olhos — disse. — Dê uma olhada.

Espiando por cima do ombro do guarda, ele olhou de ambos os lados da plataforma, as janelas do trem: não viu um único rosto que parecesse malaio, chinês ou indiano.

— Impossível... isso é loucura.

— O quê? O que é impossível? — Alison puxou o braço dele.
— Dinu, me conte, o que está acontecendo?

— Os guardas dizem que este trem é só para brancos...

Alison balançou a cabeça.

— É, eu achava mesmo que seria; é assim que as coisas são...

— Como pode dizer isso, Alison? — Dinu estava desesperado agora, o rosto banhado em suor. — Não pode aceitar uma coisa dessas... Não agora. Não quando existe uma guerra...

Dinu viu um inglês fardado andando pela plataforma, conferindo uma lista. Começou a insistir com os guardas: — Escutem, me deixem passar, só por um minuto... tenho de falar com aquele oficial ali... vou explicar para ele; tenho certeza de que ele vai entender.

— Não é possível.

Dinu perdeu a calma. Gritou na cara do guarda.

— Por que pode me deter? Quem te deu esse direito?

De repente, um terceiro homem apareceu. Estava usando uniforme da ferrovia e ele também parecia indiano. Levou-os para longe da entrada, para um lance de escadas que dava de volta na rua.

— Sim, senhor? — disse a Dinu. — Sou o chefe da estação; por favor, me diga: qual é o problema?

— Sir... — Dinu fez um esforço para controlar a voz. — Não estão deixando a gente entrar... Disseram que esse trem é só para europeus.

O chefe de estação deu um sorriso de desculpas.

— É... foi isso que nos deram a entender.

— Mas como pode ser?... Estamos em guerra... Esse trem é de evacuação.

— O que eu posso dizer? Ora, em Penang, Mr. Lim, o magistrado, foi impedido apesar de ter uma carta de evacuação oficial. Os europeus não deixaram ele embarcar nos ferries porque era chinês.

— O senhor não está entendendo... — Dinu começou a insistir. Não são só os europeus que estão em perigo... Não pode fazer isso... Está errado...

O chefe de estação fez uma careta, deu de ombros indiferente.

— Não vejo nada de tão errado assim. Afinal de contas, é senso comum. Eles é que mandam; eles é que vão sair perdendo.

Dinu levantou a voz.

— Isso não faz sentido — gritou. — Se pensar assim, esta guerra já está perdida. Não está vendo? O senhor está cedendo em tudo o que vale a pena defender...

— Sir. — O chefe de estação fuzilou-o com os olhos. — Não precisa gritar. Só estou cumprindo meu dever.

Dinu levantou as mãos e agarrou o chefe de estação pelo colarinho.

— Seu filho da puta — disse, sacudindo-o. — Filho da puta... você é que é o inimigo. Gente como você... só cumprindo o dever... vocês são o inimigo.

Dinu — Alison gritou. — Cuidado.

Dinu sentiu uma mão fechar em sua nuca e afastá-lo do chefe de estação.

Um punho fechado atingiu seu rosto, jogou-o no chão. Sentiu as narinas se encherem com o cheiro metálico de sangue. Olhou para cima e viu os dois guardas olhando furiosos para ele. Alison e Saya John estavam detendo os dois.

— Deixem ele em paz. Deixem ele em paz!

Alison abaixou-se e ajudou Dinu a se levantar.

— Vamos, Dinu, vamos embora. — Pegou a bagagem e empurrou Dinu e Saya John para a escada. Quando estavam de volta à rua, Dinu se apoiou num poste de luz e colocou as mãos nos ombros de Alison.

— Alison — disse —, Alison... talvez deixem você passar, você sozinha. Você é metade branca. Tem de tentar, Alison.

— Shh. — Ela pôs a mão em cima da boca dele. — Não diga isso, Dinu. Eu nem penso nisso— Dinu limpou o sangue do nariz.

— Mas você tem de ir embora, Alison... Com seu avô... você ouviu o que Ah Fatt disse. De um jeito ou de outro vai ter de ir... Não pode mais ficar em Morningside...

De dentro da estação veio um assobio agudo. Em torno deles, as pessoas começaram a correr, amontoaram-se na entrada da estação, empurraram os portões. Dinu, Alison e Saya John seguraram-se pelos braços, ancorados pelo poste de luz.

Por fim, ouviram o trem indo embora.

— Já foi, disse Saya John.

— É, baba — Alison concordou baixinho. — Foi.

Dinu recuou e pegou uma mala.

— Vamos procurar Ilongo — disse.

— Amanhã de manhã voltamos para Morningside. Para ficar?

Dinu sacudiu a cabeça.

— Eu vou ficar lá, Alison — disse. — Não vão fazer nada a mim, não tenho nada a temer. Mas você e seu avô, com as suas

origens americana e chinesa... Não dá para saber o que eles farão.
Vocês têm de ir embora...

— Mas como, Dinu?

Por fim, Dinu disse as palavras que ambos estavam tentando evitar.

— O Daytona... É o único jeito, Alison.

— Não. — Atirou-se para ele. — Não sem você.

— Eu vou ficar bem, Alison. — Teve o cuidado de falar com tranquilidade, fingindo uma segurança que estava longe de sentir.

— Logo vou encontrar vocês... em Cingapura, você vai ver. Não vamos ficar muito tempo separados.



Estava escuro quando Arjun voltou a si. A sensação na perna havia sido semelhante a uma dor aguda. Quando sentiu a cabeça clarear, Arjun se deu conta de que havia um jorro de água passando por ele e que o cano ressoava com um som abafado, tamborilante. Levou alguns minutos para entender que estava chovendo.

Quando estava começando a se mexer, Arjun sentiu a mão de Kishan Singh apertar seu ombro num alerta.

— Ainda estão por perto, sah'b — Kishan Singh su surrou.

— Colocaram vigias na plantação. Estão esperando.

— Estão muito perto? Conseguem ouvir a gente? — Não. Não dá para ouvir, com a chuva.

— Quanto tempo fiquei apagado? — Mais de uma hora, sah'b. Enfaixei a ferida. A bai atravessou sua coxa.

Vai sarar.

Arjun tocou a coxa cuidadosamente. Kishan Singh tinha removido suas faixas tornozeleiras, arregaçado a calça e aplicado uma bandagem de campo. Fizera também uma espécie de berço com dois gravetos apoiados nas paredes do cano para manter sua perna acima da água.

— O que vamos fazer agora, sah'b? A pergunta deixava Arjun confuso. Tentou pensar no que viria a seguir, mas sua cabeça ainda estava turvada de dor; não conseguiu fazer um plano claro.

— Vamos ter de esperar eles irem embora, Kishan Singh. Amanhã de manhã nós vemos.

— Han, sah'b. — Kishan Singh pareceu aliviado.

Deitado imóvel dentro da água de vários centímetros de profundidade, Arjun foi ficando intensamente alerta para o ambiente em torno: as dobras molhadas da roupa que faziam vergões em sua pele, a pressão do corpo de Kishan Singh esticado a seu lado. O cano estava tomado pelo odor de seus corpos: o cheiro das fardas mofadas, encharcadas de chuva, manchadas de suor, o cheiro metálico do próprio sangue.

Sua cabeça rodava, confusa por causa da dor na perna. Lembrou de repente do olhar que Kishan Singh lhe dera aquele dia na praia, quando estava voltando da ilha com Alison. Era desdém o que vira em seus olhos — alguma espécie de juízo? Kishan Singh teria feito o que ele fez? Se permitido fazer amor com Alison; seduzi-la; trair Dinu, que era ao mesmo tempo amigo e alguma coisa mais? Não sabia por que havia sido levado a isso; por que quisera tanto aquilo. Tinha ouvido alguns camaradas dizerem que essas coisas aconteciam com as pessoas durante a guerra — no front. Mas Kishan Singh estava no front também — era difícil imaginar que ele fizesse uma coisa dessas. Seria isso parte da diferença entre ser um oficial e ser um jawan — ter de se impor, de impor sua vontade? Ocorreu-lhe que gostaria de conversar sobre isso. Lembrou-se que Kishan Singh lhe dissera uma vez que havia se casado aos 16 anos. Gostaria de perguntar a Kishan Singh: como foi quando você casou? Esteve com sua mulher antes? Na noite de núpcias, como foi que tocou nela? Ela olhou no seu rosto? Tentou formar as frases na cabeça e descobriu que não sabia as palavras certas em hindustâni; não sabia nem em que tom de voz fazer perguntas assim. Eram coisas que não sabia dizer. Havia tanto que não sabia dizer, em língua nenhuma. Havia algo estranho, fraco mesmo, em querer saber o que existia dentro da cabeça de alguém. O que mesmo Hardy havia dito na noite anterior? Alguma coisa sobre ligar a mão e o coração. Ficara chocado quando ele dissera

isso; não ficava bem um camarada dizer uma coisa daquelas. Mas, ao mesmo tempo, era interessante pensar que Hardy — ou qualquer um, mesmo, até ele próprio — podia querer alguma coisa sem saber. Seria possível? Seria porque ninguém tinha lhe ensinado as palavras? A língua certa? Talvez porque fosse perigoso demais? Ou porque não tinham idade para saber? Era estranho pensar como era limitador não ter as ferramentas mais simples de autoconsciência — não ter uma janela pela qual entender que tinha um lado interior. Será que era isso que Alison quisera dizer com ser uma arma nas mãos de alguém? Estranho Hardy ter dito a mesma coisa também.

Esperou os minutos passarem e sentiu a cabeça se fixando na perna ferida. A dor aumentava, constante, com tamanha intensidade que saturou sua consciência, apagou todas as outras sensações. Ele começou a respirar em haustos, com os dentes cerrados. Então, em meio à névoa de dor em sua cabeça, deu-se conta da mão de Kishan Singh agarrada em seu antebraço, sacudindo-lhe o ombro, animando.

— Sabar karo, sah'b; vai passar.

Ouviu a si mesmo dizendo: — Não sei quanto tempo vou conseguir aguentar, Kishan Singh.

— O senhor aguenta, sah'b. Força. Paciência.

Arjun teve uma súbita premonição de que ia desmaiar outra vez, de que ia cair de cara na água da chuva e se afogar ao cair. Em pânico, agarrou-se a Kishan Singh, segurou o braço dele como se fosse um salva-vidas.

— Kishan Singh, faça alguma coisa. Fale. Não deixe eu apagar de novo.

— Falar de que, sah'b?

— Não importa. Fale, Kishan Singh... sobre qualquer coisa. Me conte da sua aldeia.

Hesitante, Kishan Singh começou a falar.

— O nome da nossa aldeia é Kotana, sah'b, e fica perto de Kurukshetra, não longe de Déli. É simples, como qualquer aldeia, mas tem uma coisa que a gente sempre diz em Kotana...

— O que é?

— Que cada casa de Kotana tem um pedaço do mundo. Uma tem um narguilé do Egito; em outra, uma caixa da China...

Falando através de uma muralha de dor, Arjun disse: — Por que isso, Kishan Singh? — Sah'b, durante gerações toda família Jat de Kotana mandou os filhos servirem no Exército do Sarkar inglês.

— Desde quando?

— Desde o tempo de meu bisavô, sah'b, desde o Motim.

— O Motim? — Arjun lembrou da voz do tenente-coronel Buckland dizendo a mesma coisa. — O que o Motim tem a ver com isso? — Sah'b, quando eu era menino, os velhos da aldeia contavam uma história. Era sobre o Motim. Quando terminou a revolta e os britânicos entraram de novo em Déli, disseram que ia haver um grande espetáculo na cidade. Em Kotana, convocaram um grupo de anciãos para ir. Eles partiram de madrugada e foram andando, junto com centenas de outros, até o portão sul da velha capital. Quando ainda estavam longe, viram que o céu em cima da cidade estava preto de pássaros. O cheiro que o vento trazia ia ficando mais forte quanto mais perto estavam da cidade. A estrada era reta, o chão, plano, e dava para enxergar até bem longe. Lá na frente, havia uma estranha visão. A estrada parecia guardada por fileiras de tropas de homens muito altos. Era como se um exército de gigantes tivesse aparecido para vigiar a multidão. Ao se aproximarem, viram que não eram gigantes, e sim homens: soldados rebeldes, os corpos empalados em estacas pontudas. As estacas estavam fincadas em linhas retas e iam até a cidade. O fedor era horrível. Quando voltaram para Kotana, os anciãos reuniram os moradores.

Disseram assim: "Hoje nós vimos a cara da derrota e ela nunca será a nossa cara." Desse dia em diante, as famílias de

Kotana resolveram que mandariam os filhos para o Exército do Sarkar inglês. Foi isso que nossos pais contaram para nós. Não sei se a história é verdadeira ou falsa, sah'b, mas foi o que eu ouvi quando era menino.

Na confusão da dor, Arjun teve problemas para acompanhar.

— O que está querendo dizer, Kishan Singh? Está dizendo que os moradores da aldeia se alistaram por medo? Mas não pode ser: ninguém forçou ninguém a ir, nem você. Do que haveriam de ter medo?

— Sah'b — Kishan Singh disse, tranquilo —, nem todo medo é igual. Qual é o medo que faz a gente se esconder aqui, por exemplo? É medo dos japoneses ou é medo dos britânicos? Ou é medo de nós mesmos porque nós não sabemos mais do que ter medo? Sah'b, um homem pode ter medo da sombra da arma tanto quanto da própria arma; e quem pode dizer qual é mais real? Durante um momento, Arjun achou que Kishan Singh estava falando de alguma coisa muito exótica, de uma fantasia: um terror que fazia você se remodelar, que fazia você mudar a ideia de seu lugar no mundo — a ponto de você perder sua consciência do medo que o formara. A ideia de tal magnitude de terror parecia absurda — como as histórias de encontros com criaturas que se sabiam estar extintas. Era essa a diferença, pensou, entre outras patentes e os oficiais: soldados comuns não tinham acesso aos instintos que os faziam agir; nenhum vocabulário com que dar forma a sua autoconsciência. Estavam destinados, como Kishan Singh, a ser estranhos para si mesmos, a ser sempre dirigidos pelos outros.

Mas assim que tomou forma em sua cabeça, essa ideia transformou-se pelo delírio da dor. Ele teve uma súbita visão alucinatória. Tanto ele como Kishan Singh estavam nela, mas transfigurados: eram ambos massas informes de barro, girando no torno do ceramista. Ele, Arjun, foi o primeiro a ser tocado pelo

ceramista invisível; uma mão desceu em cima dele, tocou-o, passou para outra; ele havia sido formado, modelado — tinha se transformado em uma coisa em si —, não mais consciente da pressão da mão do ceramista, inconsciente até de que ela o tocava. Em algum outro lugar, Kishan Singh ainda estava girando no torno, ainda barro informe, úmido, maleável. Era essa ausência de forma que constituía o cerne de sua defesa contra o ceramista e seu toque modelador.

Arjun não conseguiu apagar essa imagem da cabeça: como era possível que Kishan Singh — iletrado, inconsciente de suas motivações — pudesse ter mais consciência do peso do passado do que ele, Arjun? — Kishan Singh — disse, rouco —, me dê um pouco de água.

Kishan Singh passou-lhe a garrafa verde e ele bebeu, na esperança de que a água pudesse dissipar o brilho alucinatório das imagens que passavam diante de seus olhos. Mas a água teve o efeito exatamente contrário. Sua cabeça incendiou-se de visões, de perguntas. Seria possível que — mesmo hipoteticamente — sua vida, suas escolhas tivessem sido sempre moldadas por medos de que ele próprio não tinha consciência? Repensou o passado: Lankasuka, Manju, Bela, as horas que passara sentado no peitoril da janela, a sensação de êxtase de libertação que lhe viera ao saber que tinha sido aceito na Academia Militar. O medo não desempenhara nenhum papel em nada disso. Nunca pensara em sua vida como diferente de qualquer outra; nunca experimentara a menor dúvida sobre sua soberania pessoal; nunca imaginara estar lidando com nada além do âmbito total de escolha humana. Mas se fosse verdade que sua vida havia sido de alguma forma moldada por atos de poder dos quais não tinha consciência, então o que se seguia era que nunca agira por vontade própria; nunca tivera um único momento de verdadeira autoconsciência. Tudo que sempre pensara

sobre si mesmo era mentira, era ilusório. E se assim fosse, como iria encontrar a si mesmo agora?



Quando foram para Morningside no dia seguinte, as estradas estavam ainda mais cheias do que quando haviam partido. Mas o veículo deles parecia ser o único indo para o norte: todos os outros estavam seguindo na direção contrária — para Kuala Lumpur Cingapura. Cabeças giravam para olhar quando passavam; varias vezes pessoas atenciosas os detiveram para se certificar de que sabiam para onde estavam indo.

— Passaram por dezenas de caminhões do Exército, muitos viajando lado a lado, com as buzinas tocando, atirando— os para fora da estrada. Durante longos trechos tiveram de rodar na margem de mato, se arrastando a 20 e quilômetros por hora.

Chegaram a Sungei Pattani no fim da tarde: fazia apenas um dia que tinham atravessado a cidade, mas o lugar já estava mudado. De manhã, tinham encontrado a cidade vazia e fantasmagórica; a maioria de seus habitantes se espalhara pelo campo; as lojas estavam lacradas com tábuas e trancadas. Agora, Sungei Pattani não estava mais vazia: para onde olhavam havia soldados — australianos, canadenses, indianos, britânicos.

Mas aqueles não eram os destacamentos bem ordenados que tinham se acostumado a encontrar; eram homens inquietos, de aspecto cansado, reunidos em pequenos grupos e bandos esfarrapados. Alguns andavam pelas ruas com as armas penduradas dos ombros como varas de pesca; alguns descansavam à sombra das galerias de lojas, comendo em latas e pacotes de

conserva, pegando a comida com os dedos. As fardas estavam sujas, manchadas de suor, os rostos riscados de lama. Nos parques e rotatórias da cidade — onde geralmente havia crianças brincando — viram grupos de homens exaustos, dormindo, com as armas aninhadas nos braços.

Começaram a notar sinais de saques: janelas quebradas, portões escancarados, lojas com portas quebradas. Viram sadores entrando e saindo das brechas — soldados e nativos andavam juntos, esvaziando as lojas. Não havia policiais à vista.

Evidente que a administração civil tinha ido embora.
— Mais depressa, Ilongo. — Dinu bateu na janela do caminhão. — Vamos em frente...

Chegaram a uma estrada bloqueada por um grupo de soldados. Um deles apontou a arma para o caminhão, tentou acenar para que parassem. Dinu viu que ele estava cambaleante. Gritou para Ilongo: — Vá em frente; estão bêbados... — Ilongo desviou de repente, levou o caminhão por cima do canteiro divisor até outra pista. Dinu olhou para trás e viu os soldados correrem atrás deles, xingando: — Macacos de merda...

Ilongo virou numa alameda, depois levou o caminhão em alta velocidade por uma rua lateral, para fora da cidade. Poucos quilômetros adiante, viu um conhecido parado à beira da estrada. Parou para perguntar o que estava acontecendo.

O homem era empreiteiro em uma plantação de borracha não longe da Morningside. Disse que eles tinham sorte de ainda estar com o caminhão: em sua fazenda, todos os veículos haviam sido confiscados. Um oficial inglês chegara de manhã com um destacamento de soldados: tinham levado seu caminhão.

Dinu começou a roer os dedos: — Vamos logo, não podemos perder mais tempo...

Minutos depois, passaram pelo portal da Morningside. Era como se estivessem entrando em outro país: ali não havia nenhum

sinal de nada fora do lugar. A fazenda estava tranquila e quieta; crianças acenaram quando passaram pela estrada de terra. Então a casa apareceu, lá longe, na encosta: parecia majestosa, serena.

Ilongo levou o caminhão diretamente para a garagem.

Saltou e abriu a porta. O Daytona ainda estava lá dentro.

Dinu e Alison ficaram olhando o carro. Dinu pegou o braço dela e puxou-a para a garagem.

— Alison... você tem de ir embora imediatamente... tem pouco tempo.

— Não. — Alison soltou o braço e bateu a porta da garagem.

— Vou sair mais tarde, à noite. Quem sabe quanto vai levar para nós dois nos vermos de novo? Quero passar algumas horas com você antes de ir embora.

De manhã, Kishan Singh foi investigar e descobriu que os japoneses tinham se retirado da plantação no escuro da noite. Ajudou Arjun a engatinhar para fora do cano e colocou-o de pé no solo atapetado de folhas. Então, tirou a roupa molhada de Arjun, torceu e estendeu num ponto ensolarado.

O peito e a barriga de Arjun estavam enrugados devido à longa imersão, mas a dor na perna tinha melhorado. Ele ficou aliviado de ver que a bandagem na coxa funcionara, detendo o sangramento.

Kishan Singh encontrou um galho que podia servir de muleta e saíram andando devagar. Arjun parava a cada poucos passos para ajeitar a muleta. Chegaram então a uma trilha de cascalho. Conservando-se ao abrigo das árvores, seguiram a direção da trilha. Dentro em pouco, começaram a notar sinais de moradia próxima — trapos de roupas, pegadas, cascas de ovos levadas por pássaros. Logo viram espirais de fumaça subindo acima das árvores. Sentiram o aroma conhecido de arroz e sementes de mostarda tostadas. Então, viram as alas de moradas cules da plantação: fileiras gêmeas de barracos uns na frente dos outros, de

ambos os lados da trilha. Um grande número de pessoas se deslocava ao ar livre e estava claro, mesmo de longe, que alguma coisa fora do comum estava acontecendo.

Os barracos ficavam numa ligeira depressão, uma bacia, cercada por terras mais altas de todos os lados. Com a ajuda de Kishan Singh, Arjun subiu um pequeno barranco. Deitados de bruços, olharam bacia abaixo.

Havia uns cinquenta barracos nas alas, arranjados em fileiras paralelas.

Num extremo, havia um pequeno templo hindu — um barraco de telhado de zinco cercado por um muro pintado de vermelho e branco. Junto ao templo, uma clareira com um abrigo aberto, também com telhado de zinco. Era, evidentemente, um local de reuniões. Esse abrigo é que era o foco do movimento. Todos no povoado seguiam em sua direção.

— Sah'b. Olhe. — Kishan Singh apontou um carro preto parado meio escondido ao lado do abrigo. Tinha uma bandeira no capô, presa a um bastão ereto. De longe, a bandeira parecia muito pequena e à primeira vista Arjun não conseguiu identificá-la. Era ao mesmo tempo conhecida e desconhecida; conhecia bem aquele desenho, mas não o via há muito tempo. Virou-se para Kishan Singh e descobriu que o ordenança estava olhando para ele, preocupado.

— Conhece aquela jhanda, Kishan Singh?

— Sah'b, é a tiranga...

Claro — como não reconheceu? Era a bandeira do movimento nacional indiano: uma roca sobre fundo amarelo, branco e verde. Ainda estava intrigado com a bandeira quando teve uma segunda surpresa. Uma figura conhecida de turbante cáqui saiu do abrigo, caminhando para o carro. Era Hardy e estava imerso em conversa com outro homem, um estranho — um sikh de barba

branca vestido com a túnica branca comprida de homem douto, um giani.

Não havia razão para esperar mais. Arjun se pôs de pé.

— Kishan Singh, chalo... Pesadamente apoiado na muleta, começou a descer a encosta para o abrigo.

— Hardy — Oye, Hardy! Hardy interrompeu a conversa e olhou para cima.

— Yaar? Arjun? Subiu correndo a encosta, um sorriso se espalhando pelo rosto.

— Yaar, tínhamos certeza de que os filhos-da-puta tinham pegado você.

— Kishan Singh voltou para me buscar — disse Arjun. — Não estaria aqui agora se não fosse ele.

Hardy deu uma palmada no ombro de Kishan Singh.

— Shabash! — Agora me diga — Arjun sacudiu Hardy pelo cotovelo —, o que está acontecendo aqui? — Sem pressa, yaar. — Hardy disse. — Eu conto, mas vamos limpar você primeiro. Onde exatamente foi atingido? — Na musculatura da coxa. Acho.

— Está mal? — Melhor hoje.

— Vamos para algum lugar onde a gente possa sentar. Vamos tratar dessa ferida.

Hardy chamou um soldado.

— Jaldi — o oficial médico ko bhejo. Levou Arjun para um dos barracos e segurou a porta aberta. — Nosso quartel-general — disse, sorrindo.

Estava escuro dentro, as janelas estreitas veladas com pedaços de pano esfarrapados. As paredes eram de madeira, cobertas com camadas de fuligem, e havia um forte cheiro de fumaça. Ao lado de uma parede, uma estreita charpoy de corda: Hardy levou Arjun para a cama e ajudou-o a sentar-se.

Bateram na porta e o ordenança-médico entrou. Examinou cuidadosamente o curativo de Arjun e arrancou-o com um

movimento rápido. Arjun fez uma careta e Hardy lhe deu um copo de água.

— Beba. Precisa disso.

Arjun esvaziou o copo e o devolveu.

Hardy? — disse. — Onde está Bucky?

— Está descansando — disse Hardy. — Tem um barraco vazio no fim da rua.

Era o único lugar que servia para ele. Está com problemas no braço.

Tivemos de dar analgésico. Está dormindo a manhã inteira.

O médico começou a limpar a ferida de Arjun e ele se controlou agarrado à beira da cama.

— Então me conte, Hardy — disse, com os dentes cerrados. — O que está acontecendo aqui?

— Vou resumir o máximo possível — disse Hardy. — O que aconteceu foi assim: noite passada, pouco depois de a gente perder você, encontramos uns seringueiros. Eram indianos, e quando falamos com eles disseram que estaríamos em segurança nas alas cules. Nos trouxeram para cá. Nos receberam muito bem: nos deram comida, camas. Nos mostraram o barraco onde pusemos Bucky. Nós não sabíamos, mas alguns deles são membros da Liga de Independência Indiana. Mandamos aviso para a central deles e agora de manhã Gianiji chegou num carro, com a bandeira.

Imagine como nós ficamos surpresos. Acontece que ele é o Giani Amreek Singh... reconhece o nome? A assinatura dele estava nos panfletos que os japoneses despejaram em cima da gente em Jitra.

— Sei — disse Arjun, seco. — Conheço o nome. O que ele quer?

Hardy fez uma pausa, cantarolando baixinho. Arjun sabia que ele estava pensando cuidadosamente no que ia dizer em seguida.

— Arjun, lembra do capitão Mohun Singh?

— Lembro. Décimo Quarto Punjab, certo? Ele não estava em Jitra também? Achei que passamos por ele a caminho da linha Asoon.

— É. Eles procuraram cobertura na plantação e foram para o leste exatamente como a gente.

— E o que tem o capitão Mohun Singh?

— Gianiji me disse que ele entrou em contato com a Liga de Independência Indiana.

— Continue.

— Espere. — O ordenança-médico terminou de tratar do ferimento de Arjun.

Hardy o acompanhou à saída e fechou a porta. Fez uma pausa, passou o dedo na barba. — Olhe, Arjun — disse —, não sei como você vai receber isto. Estou contando só o que eu sei...

— Continue, Hardy.

— O capitão Mohun Singh deu um grande passo.

— Qual passo?

— Resolveu romper com os britânicos.

— O quê?

— É — disse Hardy com voz neutra, uniforme. — Vai formar uma unidade independente, um Exército Nacional Indiano. Todos os oficiais do XIV Punjab estão com ele... os indianos, quero dizer. Kumar, Masood, muitos outros também. Convidaram a gente para aderir...

— E então? — Arjun perguntou. — Está pensando em fazer isso?

— O que eu posso dizer, Arjun? — Hardy sorriu. — Você sabe o que eu penso. Nunca fiz segredo das minhas posições, ao contrário de alguns de vocês.

— Hardy, espere. — Arjun espetou o dedo para ele.

— Espere um pouco. Não tenha pressa. Como você sabe quem é esse giani? Como sabe que ele está dizendo a verdade sobre

o capitão Mohun Singh? Como sabe se ele não é só um capacho dos japoneses? —

Amreek Singh estava no Exército também — disse Hardy. — Conhecia meu pai; a aldeia dele não é longe da nossa. Se ele é capacho dos japoneses, então deve haver alguma razão para ele virar isso. De qualquer forma, quem somos nós para dizer que ele é capacho? — Hardy riu. — Afinal, nós não somos os maiores capachos de todos?

— Espere. — Arjun tentou organizar seus pensamentos. Era um imenso alívio poder falar afinal, abrir as longas discussões que tinha tido consigo mesmo no segredo de sua cabeça.

— Então, o que isso quer dizer? — disse Arjun. — Que Mohun Singh e o pessoal dele vão estar lutando do lado japonês?

— É. Claro. Por enquanto, até os britânicos saírem da Índia.

— Mas Hardy... vamos pensar isso direito, o que os japoneses querem conosco? Será que eles estão interessados na nossa independência? Tudo o que eles querem é expulsar os ingleses para tomar o lugar deles. Só querem usar a gente: você não enxerga isso?

— Claro que querem, Arjun. — Hardy deu de ombros, concordando. — Se não fossem eles, seriam outros. Sempre vai haver alguém tentando usar a gente. Por isso é que é tão difícil, você não entende? É a primeira vez em nossas vidas que estamos tentando resolver sozinhos, sem receber ordens.

— Hardy, olhe. — Arjun fez um esforço para manter a voz calma. — Pode ser que pareça assim para você agora, mas pergunte o seguinte: que chances nós temos de fazer alguma coisa sozinhos? O mais provável é que a gente acabe ajudando os japoneses a entrar na Índia. E para que trocar os britânicos pelos japoneses? Como senhores colonizadores, os britânicos não são tão maus; melhores que a maioria. Com certeza, muito melhores do que os japoneses seriam.

Hardy deu uma risada gostosa, os olhos brilhantes.

— Yaar Arjun, pense onde nós nos colocamos quando começamos a falar de bons senhores e maus senhores. O que é que nós somos? Cachorros? Carneiros? Não existem senhores bons e senhores maus, Arjun; de certa maneira, quanto melhor o senhor pior a condição do escravo, porque faz ele esquecer o que é...

Os dois se olharam com fúria, os rostos a centímetros um do outro. A pálpebra de Hardy tremia e Arjun podia sentir o calor de seu hálito. Foi o primeiro a se afastar.

— Hardy, não adianta nada nós dois brigarmos um com o outro.

— Não.

Arjun começou a roer os dedos.

— Escute, Hardy — disse. — Não pense que eu discordo do que você está dizendo. Não discordo. Acho que em quase tudo você está certo. Mas estou só tentando pensar em nós, homens como eu e você, em nosso lugar no mundo.

— Não estou entendendo.

— Olhe para nós, Hardy, apenas olhe para nós. O que nós somos? Aprendemos a dançar tango e sabemos comer rosbife com garfo e faca. A verdade é que, a não ser pela cor da pele, a maior parte da Índia nem nos aceitaria mais como indianos. Quando nos alistamos, não estávamos pensando na Índia: queríamos ser sahibs, e foi nisso que nos transformamos. Acha que para desmanchar tudo isso só levantando outra bandeira?

Hardy deu de ombros, indiferente.

— Olhe — disse ele —, eu sou um simples soldado, yaar. Não sei aonde você está querendo chegar. Para mim é uma questão de certo e errado, do que vale a pena batalhar e o que não. Só isso.

Bateram na porta. Hardy abriu e o giani Amreek Singh estava parado ali.

— Está todo mundo esperando...

— Gianiji, ek minit... — Hardy virou para Arjun.

Olhe, Arjun... — estava com a voz cansada pelo esforço da discussão — vou te dizer o que vou fazer. Gianiji se ofereceu para nos levar para o outro lado das linhas japonesas, até Mohun Singh. Por mim, eu já decidi.

Vou explicar isso para os homens; vou dizer por que eu acho que é isso que temos de fazer. Eles podem decidir sozinhos. Quer vir e ouvir? Arjun fez que sim.

— Quero.

Hardy entregou a muleta a Arjun e foram juntos para o abrigo comunitário, andando devagar pela trilha de cascalho. O abrigo estava cheio; os soldados na frente, agachados em fileiras ordenadas. Atrás deles, os habitantes das alas cules: os homens de sarongues, as mulheres de sári. Muitos seringueiros tinham crianças no colo. De um lado do abrigo, havia uma mesa e algumas cadeiras. Hardy tomou seu lugar atrás da mesa, enquanto Arjun e Giani Amreek Singh se sentavam. Havia muito barulho: pessoas sussurrando, conversando; algumas crianças riam com a novidade da ocasião. Hardy teve de gritar para se fazer ouvir.

Quando Hardy começou, Arjun se deu conta, com alguma surpresa, de que tinha talento para falar, era quase um orador experimentado. Sua voz encheu o abrigo, as palavras ecoaram nos tetos de zinco — dever, país, liberdade. Arjun estava ouvindo tão atentamente que percebeu uma camada de suor correndo pelo rosto. Olhou para baixo e viu que estava pingando — gotejava suor pelos cotovelos, pelas pernas. Sentiu a febre subindo, como havia sentido na noite anterior.

De repente, o abrigo vibrou com o som de uma massa de vozes. O barulho era ensurdecedor. Arjun ouviu Hardy berrando acima da multidão: — Vocês estão comigo? Houve outra erupção; uma grande explosão de som subiu para o teto e voltou, ecoando. Os soldados estavam de pé. Alguns se deram os braços e

começaram a dançar a bhangra, sacudindo os ombros e batendo os pés.

Atrás deles, os trabalhadores também gritavam, homens, mulheres, crianças —, jogavam coisas para cima, batiam palmas, acenavam. Arjun olhou para Kishan Singh e viu que o rosto dele estava vermelho, alegre, os olhos brilhantes.

Arjun notou, de um jeito distanciado, quase desinteressado, que desde que entrara no abrigo tudo parecia alterado. Era como se o mundo inteiro de repente mudasse de cor, assumindo outro aspecto. As realidades de poucos minutos antes pareciam agora um sonho incompreensível: teria realmente ficado surpreso ao olhar pelo barranco e ver uma bandeira indiana na ala cule? Mas onde mais poderia estar uma bandeira dessas? Era verdade que o avô de Kishan Singh recebera uma condecoração em Flanders? Era verdade que Kishan Singh era aquele mesmo homem que ele sempre pensara ser — o mais leal dos soldados, descendente de gerações de soldados leais? Olhou os homens que dançavam: como era possível ter servido tanto tempo com aqueles homens e nunca ter nem um indício de que a aquiescência deles não era o que parecia ser? E como era possível nunca ter tido consciência disso até em si mesmo? Era assim que explodia um motim? Em um momento de descuido, de forma que a pessoa se tornava um estranho para a pessoa que tinha sido um momento antes? Ou seria o contrário? Que assim é que se reconhecia o estranho que se era sempre para si mesmo; que todas as lealdades e crenças próprias estavam deslocadas? Mas onde iriam parar suas lealdades agora que estavam desatreladas? Ele era um mil jtar e sabia que nada — nada importante — era possível sem lealdade, sem fé. Mas quem podia reclamar sua lealdade agora? As velhas lealdades da Índia, as antigas — essas haviam sido destruídas há muito; os britânicos haviam construído seu Império apagando essas lealdades.

Mas o Império agora estava morto — ele sabia disso porque o sentira morrer dentro de si, onde mantinha seu domínio mais forte —, e em quem iria agora depositar sua fé? Lealdade, comunidade, fé — essas coisas eram tão essenciais e tão frágeis como os músculos do coração humano; fáceis de destruir, impossíveis de reconstruir. Como começar a trabalhar na recriação do tecido que ligava as pessoas umas às outras? Isso estava além das habilidades de alguém como ele, alguém treinado para destruir. Era uma obra que não levaria um ano, nem dez, nem cinquenta — era obra de séculos.

— Então, Arjun? — De repente, Hardy estava ajoelhado diante dele, olhando em seu rosto. Estava sorrindo, brilhando de triunfo. — Arjun? O que você vai fazer então? Está conosco ou contra nós?

Arjun pegou a muleta e se pôs de pé.

— Escute, Hardy. Antes de pensarmos em qualquer outra coisa... temos de fazer uma coisa.

— O quê?

— Bucky, o comandante; temos de deixar que vá embora.

Hardy ficou olhando para ele sem emitir nenhum som.

— Temos de fazer isso — Arjun continuou. — Não podemos nos responsabilizar pela prisão dele pelos japoneses. Ele é um homem justo, Hardy, e foi bom servir com ele, você sabe disso. Vamos deixar que vá embora. Devemos isso a ele.

Hardy coçou o queixo.

— Não posso permitir, Arjun. Ele iria entregar nossa posição, nossos movimentos...

Arjun o interrompeu.

— Não é questão do que nós vamos permitir, Hardy — disse, cansado. — Você não é meu superior, nem eu sou seu. Não estou pedindo a você. Estou comunicando que vou dar água e comida ao comandante e depois deixar que ele encontre seu rumo pelas

linhas. Se você quiser me deter, vai ter uma briga nas mãos. Acho que alguns homens vão ficar do meu lado. Você decide.

Um fino sorriso passou pelo rosto de Hardy.

— Olhe só para você, yaar. — A voz dele estava ácida de sarcasmo. — Mesmo num momento destes você é um chaploos, sempre puxando o saco, O que está querendo? Que ele fale bem de você se as coisas não derem certo? Fazer um seguro para o futuro?

— Seu filho da puta. — Arjun partiu para cima de Hardy, querendo pegar seu colarinho, apoiado na muleta.

Hardy recuou com facilidade.

— Desculpe — disse, bruscamente. — Não devia ter dito isso. Theek hai. Faça o que quiser. Vou mandar alguém para mostrar onde está Bucky. Mas vá depressa, só isso que eu peço.



Alison e Dinu passaram uma hora esvaziando a câmara escura. Não havia eletricidade e tiveram de trabalhar à luz de velas. Tiraram o amplificador, empilharam as bandejas, empacotaram as fotos e os negativos, enrolados em trapos e guardados em caixas. Quando terminaram, Dinu soprou a vela. Ficaram imóveis no calor sem ar do quartinho igual a um armário, ouvindo o zunido noturno das cigarras e o coaxar dos sapos do tempo úmido. Intermitentemente, ouviam um som distante, entrecortado, uma espécie de latido, como se um bando de cachorros tivesse despertado em uma aldeia adormecida.

— Tiros — ela sussurrou.

Dinu procurou-a no escuro, puxou-a para si.

— Estão muito longe.

Ele a segurou, os braços apertados em torno de seu corpo. Abriu as mãos e passou-as pelos cabelos, pelos ombros, pela curva côncava das costas dela. Enganchou os dedos no cinto do vestido e despiu o tecido devagar, baixando dos ombros, puxando para trás. Pôs-se de joelhos, deslizou o rosto por todo o corpo dela, tocando com a face, o nariz, a língua.

Deitaram-se no chão estreito, apertados, as pernas entrelaçadas, coxa contra coxa, braços estendidos, barriga apertada contra barriga.

Membranas de suor pendiam como teias de aranha de seus corpos, juntando-os, aproximando-os.

— Alison... o que eu vou fazer? Sem você? — E eu, Dinu? E eu? O que eu vou fazer? Depois, ficaram imóveis, os braços como travesseiros para a cabeça. Ele acendeu um cigarro e colocou nos lábios dela.

— Um dia — disse —, um dia, quando estivermos juntos de novo, vou mostrar para você a verdadeira magia de uma câmara escura...

— E qual é? — Quando se faz um contato... quando se coloca o negativo no papel e ele ganha vida... o escuro de um vira o claro do outro. A primeira vez que vi isso acontecer, pensei, como deve ser tocar assim?... com essa absorção absoluta?... uma coisa ficar irradiada com a sombra de outra? — Dinu. — Deslizou os dedos pelo rosto dele.

— Se ao menos eu pudesse te abraçar assim... para você ficar gravada em mim... em todas as partes de mim...

— Dinu, vai chegar o tempo. — Pegou o rosto dele entre as mãos e beijou-o. — Vamos ter o resto de nossas vidas...

— Ela se pôs de joelhos e acendeu a vela de novo. Levantou a chama diante do rosto dele, olhou ferozmente seus olhos, como se quisesse gravá-los na mente.

— Não vai demorar, Dinu? — perguntou. — Vai?

— Não... não vai.

— Você acredita mesmo? Ou está mentindo, por mim? Me diga a verdade, Dinu: eu prefiro saber.

Ele agarrou os ombros dela.

— É, sim, Alison. — Falou com toda a convicção de que era capaz. — É, sim. Vamos estar juntos logo... Vamos voltar para a Morningside... Tudo vai ser igual, só que...

— Só que o quê? — Ela mordeu o lábio, como se tivesse medo de ouvir o que ele ia dizer.

— Só que vamos estar casados.

— Isso. — Ela explodiu numa risada gostosa. — Isso — disse, e jogou a cabeça para trás. — Vamos estar casados. Esperamos demais. Foi um erro.

Ela pegou a vela e saiu correndo do quarto. Ele ficou imóvel, ouvindo seus passos: a casa estava mais quieta do que nunca.

No andar de baixo, Saya John estava deitado, exausto, dormindo.

Ele se levantou e foi atrás dela pelos corredores escuros até seu quarto. Alison estava destrancando armários, revirando gavetas. De repente, virou-se para ele, estendeu a mão.

— Olhe. — Duas alianças de ouro cintilaram à luz da vela. — Eram dos meus pais — disse. Pegou a mão dele e pôs uma das alianças em seu dedo anular. — Com esta aliança eu desposo você.

Ela riu, colocou a outra aliança na palma da mão dele.

Então estendeu o dedo, a mão esticada para a frente.

— Vamos — desafiou. — Faça. Eu te desafio.

Ele virou a aliança nas mãos, depois colocou no dedo dela.

— Estamos casados agora?

Ela jogou a cabeça para trás, riu, aproximou o dedo da luz.

— Estamos — disse. — De certa forma. A seus olhos.

Quando você estiver longe, ainda vai ser meu, por causa do anel.

Ela sacudiu o mosquiteiro que pendia do teto, envolvendo os lados da cama.

— Venha. — Apagou a vela e puxou-o para dentro da tela.

Uma hora depois, Dinu acordou com o som de aviões se aproximando. Estendeu a mão e descobriu que ela já estava acordada, sentada com as costas apoiadas na cabeceira.

— Alison...

— Não diga que está na hora. Não ainda.

Abraçaram-se e ficaram ouvindo. Os aviões estavam diretamente em cima deles, voando baixo. As janelas tremeram quando passaram.

— Quando eu era pequeno — disse Dinu —, meu pai uma vez me contou uma história de Mandalay. Quando o Rei foi exilado, as meninas do palácio tiveram de andar pela cidade, até o rio... Minha mãe estava com eles e meu pai foi atrás, escondido na sombra. Foi uma longa caminhada e as meninas estavam cansadas e tristes... Meu pai juntou todo o dinheiro que tinha e comprou uns doces... para animar as meninas. Elas estavam guardadas por soldados — estrangeiros, ingleses... De alguma forma ele, meu pai, conseguiu passar pelo cordão... Entregou o pacote de doces para minha mãe... Ficou perplexo... A primeira coisa que ela fez foi oferecer aos soldados que estavam marchando ao lado dela. Primeiro, ficou zangado; sentiu-se traído... Ora, ela estava dando os doces... e ainda mais para aqueles homens, para os captores? Mas então, devagar, entendeu o que ela estava fazendo, e ficou contente... Viu que aquilo era o certo, um jeito de se manter viva. Gritar desafios não teria servido de nada...

— Acho que está querendo me dizer alguma coisa, Dinu — ela disse, baixinho. — O que é?

— Só quero que tome cuidado, Alison... não seja nada... não seja a mulher que você é, só por algum tempo... Seja cautelosa, calada...

— Vou tentar, Dinu. — Apertou a mão dele. — Pronto. E você também: tem de ser cuidadoso também.

— Vou ser, é da minha natureza. Não somos iguais nisso... Por isso me preocupo com você.

Outra frota de aviões passou. Era impossível continuar quietos quando as janelas tremiam como se fossem quebrar. Alison jogou as pernas para fora da cama. Pegou a bolsa em que guardava as chaves do Daytona. Estava inesperadamente pesada. Abriu o fecho, olhou dentro e levantou uma sobrancelha para Dinu.

— É o revólver de seu pai.

— Encontrei numa gaveta.

— Está carregado?

— Está. Eu conferi.

Fechou a bolsa e pendurou no ombro.

— Está na hora.

Desceram e encontraram Saya John sentado na varanda em sua poltrona favorita. Alison se pôs de joelhos ao lado dele apoiou um braço em sua cintura.

— Quero sua bênção, vovô.

— Por quê?

— Dinu e eu vamos nos casar.

O rosto dele abriu-se num sorriso. Para sua satisfação viu que ele tinha entendido; que os olhos dele estavam claros e límpidos. Ele gesticulou para que os dois se aproximassem e pôs os braços em seus ombros.

— O filho de Rajkumar e a filha de Matthew. — Oscilou suavemente de um lado para outro, com as cabeças deles debaixo dos braços, como troféus. — O que poderia ser melhor? Vocês dois juntaram as famílias. Seus pais vão adorar.

Saíram e descobriram que tinha começado a chover.

Dinu levantou a capota do Daytona e segurou a porta aberta para Saya John. O velho deu-lhe um tapa nas costas ao entrar.

— Diga para Rajkumar que vai ter de ser um grande casamento — disse. — Insisto em chamar o arcebispo.

— Claro. — Dinu tentou sorrir. — Claro.

Dinu foi então para o lado de Alison e ajoelhou ao lado da janela. Ela não olhou para ele.

— Não vamos nos despedir.

— Não.

Ela deu partida no carro e ele recuou. No fim do caminho, o Daytona parou. Ele viu quando ela debruçou para fora, a cabeça recortada contra o halo dos faróis na chuva. Ela levantou o braço para acenar e ele acenou de volta. Depois, correu escada acima,

correu de janela em janela. Ficou olhando os faróis do Daytona, até desaparecerem.



O barraco em que o tenente-coronel Buckland passou a noite era uma pequena construção de tijolos vermelhos, cercada de árvores. Ficava a uns 400 metros da ala cule. Arjun foi levado até lá por um "empreiteiro" de fala rápida e short cáqui: ele é que levava a garrafa de água e a trouxa de comida que havia sido preparada para o tenente-coronel.

O empreiteiro mostrou para Arjun a trilha que ia para o sul atravessando uma cordilheira de morros baixos.

— Uns quilômetros aí para a frente tem uma cidade — disse. — Pela última notícia que nós tivemos, ainda está na posse dos britânicos. — Chegaram aos degraus que levavam ao barraco. O empreiteiro entregou a garrafa de água e a trouxa de comida que estava levando.

— O coronel vai estar em segurança se seguir essa trilha. Não vai levar mais de uma ou duas horas para chegar à cidade, mesmo que ele ande muito devagar.

Arjun foi cambaleando até a porta. Bateu e, como não houve resposta, usou a ponta da muleta para empurrar a porta. Encontrou o tenente-coronel Buckland deitado num colchão no chão de cimento.

— Sir.

O tenente-coronel se pôs sentado de repente, olhou para ele. Disse, duro: — Quem é? — Tenente Roy, sir — Arjun bateu continência, apoiado na muleta.

— Ah, Roy. — A voz do tenente-coronel se aqueceu.

— Que bom ver você.

— É bom ver o senhor também, sir.

— Está ferido... o que aconteceu? — Uma bala atravessou a coxa, sir. Vai ficar bom. E como está seu braço? — Dando um pouco de trabalho.

— Acha que está bem para andar, sir? O tenente-coronel Buckland levantou uma sobancelha.

— Por quê? — Olhou duro para a trouxa e a garrafa de água que Arjun tinha nas mãos. — O que é isso aí, Roy? — Comida e água, sir. Os japoneses estão avançando pela rodovia norte-sul. Se o senhor seguir na direção oposta, vai poder atravessar as linhas.

— Atravessar as linhas? — O tenente-coronel repetiu isso devagar para si mesmo. — Vou sozinho então? E você? E os outros? — Nós vamos ficar aqui, sir. Por ora.

— Entendo. — O tenente-coronel Buckland se pôs de pé, o braço direito apertado ao peito. Pegou a garrafa de água de Arjun e examinou-a, girando entre as mãos. — Então você vai passar para o lado deles, dos japoneses? — Eu não colocaria dessa forma, sir.

— Claro que não. — O tenente-coronel Buckland olhou bem para Arjun, testa franzida. — Sabe, Roy — disse, afinal. Você, eu nunca achei que fosse virar a casaca. Alguns dos outros sim... dava para perceber onde podiam estar as possibilidades. Mas você: você não tem cara de traidor.

— Alguns diriam que eu sempre fui um traidor, sir.

— Você não acredita nisso de fato, acredita? — O tenente-coronel Buckland sacudiu a cabeça. — Na verdade, não acredita em nada disso.

— Sir? — Não acredita. Senão não estaria aqui, trazendo água e comida para mim.

Só um soldado incompetente ajudaria um inimigo a escapar. Ou um bobo.

— Achei que era meu dever, sir.

— Por quê? — Porque — disse Arjun — não é culpa sua, sir.

O senhor sempre foi justo conosco. Foi o melhor comandante que podíamos esperar, nesse estado de coisas.

— Acho que você espera que eu agradeça por ter dito isso?
— Não espero nada, sir. — Arjun segurou a porta aberta. — Mas se não se importa, sir, não temos muito tempo. Vou mostrar o caminho.

O tenente-coronel Buckland saiu e Arjun o seguiu. Desceram os degraus e entraram nas árvores. Quando estavam um pouco adiante, o tenente-coronel Buckland limpou a garganta.

— Olhe, Roy — disse. — Ainda não é tarde demais. Você ainda pode mudar de ideia. Venha comigo. Podemos nos livrar deles. Vamos esquecer este... este incidente.

Arjun demorou um momento para responder.

— Sir, posso dizer uma coisa? — Diga.

— Sir, lembra quando estava dando aula na Academia... uma vez, o senhor citou alguém em uma de suas aulas. Um general inglês... Munro, acho que era o nome dele. O senhor citou uma coisa que ele disse há mais de cem anos sobre o Exército indiano: O espírito de independência brotará neste Exército dentro em pouco, antes mesmo que o povo pense nele...

O tenente-coronel Buckland balançou a cabeça.

— É, eu me lembro. Muito bem.

— Nós todos na classe éramos indianos e ficamos um pouco chocados que o senhor tivesse escolhido dizer uma coisa dessas para nós. Insistimos que não fazia sentido o que Munro tinha dito. Mas o senhor discordou...

— Discordei? Sim. Na época, achei que o senhor estava fazendo o papel de advogado do diabo; que estava só tentando nos provocar. Mas não era verdade, era, sir? A verdade é que o senhor sempre soube: sabia o que nós íamos fazer, sabia antes mesmo de nós. Sabia porque o senhor nos fez. Se eu fosse com o senhor agora,

ninguém ficaria mais surpreso que o senhor mesmo. Acho que, no fundo do coração, o senhor me desprezaria um pouco.

— Isso é bobagem, Roy. Não seja bobo, rapaz. Ainda está em tempo.

— Não, sir. — Arjun estacou e estendeu a mão. — Acho que ficamos por aqui, sir. É aqui que eu volto.

O tenente-coronel Buckland olhou para a mão dele, depois para ele.

— Não vou apertar sua mão, Roy — disse, baixo, numa voz firme e sem emoção. — Você pode justificar para si mesmo o que está fazendo de mil maneiras diferentes, mas não se engane quanto à verdade, Roy. Você é um traidor. Você é uma desgraça para seu regimento e para seu país. Você é ralé. Quando chegar a hora, você vai ser caçado, Roy. Quando estiver sentado diante de uma corte marcial, eu estarei lá. Vou ver você ser enforcado, Roy. Vou, sim. Não tenha a menor dúvida disso.

Arjun baixou a mão. Pela primeira vez em muitos dias, sentiu-se completamente seguro de si. Sorriu.

— De uma coisa o senhor pode ter certeza, sir — disse.

— Nesse dia, se esse dia chegar, o senhor terá cumprido o seu dever, sir, e eu terei cumprido o meu. Vamos nos olhar como homens honestos, pela primeira vez. E só por isso terá valido a pena.

Bateu continência, equilibrado na muleta. Durante um instante, o tenente-coronel Buckland hesitou; depois, involuntariamente, sua mão subiu e retribuiu a continência. Virou nos calcanhares e caminhou para as árvores.

Arjun ficou olhando ele se afastar, depois girou na muleta e foi cambaleando de volta para a ala cule.



Alison estava dirigindo fazia uma hora quando notou que os pedais do Daytona estavam esquentando debaixo de seus pés. Começou a observar o capô e percebeu que havia vapor saindo. Estacionou no acostamento e quando o avô virou para olhar para ela, deu-lhe um sorriso tranquilizador.

— Tudo bem, baba — disse —, não se preocupe. É só um minuto. — Deixou-o sentado no carro e saiu.

Com o carro parado, dava para ver o vapor subindo da grade. O capô estava quente demais para tocar. Enrolou a echarpe na mão e procurou a trava por baixo. Um gêiser de vapor subiu para seu rosto e ela saltou para trás, tossindo.

Estava muito escuro. Enfiou a mão por dentro da janela do motorista e acendeu os faróis. Viu um galho no chão, perto de seus pés. Usou-o para levantar a tampa e uma nuvem de vapor escapou. Prendeu a tampa aberta e voltou para a janela do motorista para apagar os faróis.

— Não vai demorar, baba — disse. — Só vamos esperar um pouquinho.

Ao norte, dava para ver relâmpagos. Na estrada, o fluxo de trânsito caíra para um ocasional carro veloz. Tinha a sensação de que estava entre as últimas na estrada; que aqueles que planejavam ir embora tinham ido há muito e que todos os outros estavam esperando para ver o que ia acontecer.

A noite estava fresca e não demorou muito para a fumaça do radiador se dissipar. Embrulhou a mão na echarpe outra vez e desrosqueou a tampa.

Pegou a garrafa de água e colocou um pouco: a água ferveu quase imediatamente, espumou até em cima. Borrifou um pouco de água no radiador e esperou um pouco mais para despejar o resto. Bateu a tampa do capô, voltou para o banco do motorista.

Deu um sorriso para o avô.

— Está tudo bem agora — disse. — Vamos ficar bem.

Virou a chave e ficou muito aliviada de ver que o motor funcionou. Ligou os faróis e voltou para a estrada. Nenhum outro carro passou por eles durante algum tempo. Com a estrada só para si, ficou tentada a dirigir em alta velocidade. Tinha de lembrar a si mesma que devia ir devagar para o carro não esquentar demais.

Não tinham avançado mais que alguns quilômetros quando o motor começou a bater. Ela sabia agora que não adiantava tentar seguir adiante. Na primeira curva, saiu da estrada principal. Estava numa poeirenta estrada secundária, pouco mais que uma trilha de cascalho. De ambos os lados havia plantações de seringueiras; ficou estranhamente grata por isso, contente pelo ambiente conhecido.

A melhor coisa a fazer, resolveu, seria ficar perto da estrada: talvez conseguisse acenar para alguém ajudar de manhã. Levou o carro um pouco adiante na trilha e virou entre as árvores, procurou um ponto onde ficaria abrigada por um arbusto. Desligou o motor e abriu a porta.

— Vamos ficar aqui um pouco, baba — disse. — Podemos continuar quando a luz melhorar. — Abriu de novo a tampa do capô e voltou para o banco do motorista. — Vamos dormir, baba — disse. — Não há por que ficar acordado. Não temos nada para fazer agora.

Desceu e deu a volta no carro. Como os faróis estavam desligados estava muito escuro: não dava para ver nenhuma luz, nenhum sinal de moradia. Voltou para o banco do motorista e sentou-se. Suya John estava imóvel, olhando intensamente para a própria mão. Estava com os dedos separados diante do rosto, como se contasse alguma coisa.

— Me diga uma coisa, Alison — disse. — Hoje é sábado não é?

— É? — Tentou pensar que dia seria, mas se perdeu. — Não sei. Por quê?

— Acho que amanhã é domingo. Espero que Ilongo se lembre de que tenho de ir à igreja.

Ela olhou para ele.

— Desculpe, baba — disse, dura. — Acho que o senhor vai ter de faltar à igreja amanhã.

Ele olhou para ela como uma criança decepcionada e ela de repente se sentiu mal de ter sido dura com ele. Pegou sua mão.

— Só dessa vez, baba. Vamos à missa em Cingapura na semana que vem.

Ele sorriu para ela e recostou no banco, a cabeça apoiada no encosto.

Alison olhou o relógio. Quatro da manhã. Logo iria clarear. Uma vez claro, voltaria à estrada e veria se conseguia parar um caminhão ou um carro: alguma coisa com certeza passaria. Deixou a cabeça pousar no encosto: estava cansada — não com medo, apenas cansada. Dava para ouvir o avô deslizando para o sono, respirando devagar, profundamente. Fechou os olhos.

Foi despertada por um raio de sol brilhando entre as frondes no alto.

Mexeu-se e sua mão caiu no banco ao lado. Estava vazio. Endireitou o corpo, assustada, esfregou os olhos. Quando olhou o banco, viu que seu avô não estava.

Abriu a porta e saiu.

— Baba? — Ele devia ter ido se aliviar no meio das árvores. Levantou a voz. — Baba, está aí? — Protegeu os olhos com a mão e olhou do outro lado, observando o túnel sombrio das seringueiras à sua volta. Ele não estava em lugar nenhum.

Circundou o carro, tropeçou na mala de couro marrom. Estava aberta, com as roupas espalhadas entre as folhas. Ele tinha procurado alguma coisa — mas o quê? Olhou em torno, viu roupas caídas no chão um pouco adiante.

Foi investigar e encontrou uma calça e uma camisa, as roupas que seu avô usava na noite anterior.

Ocorreu-lhe uma ideia. Voltou correndo para a mala e revirou depressa o restante das roupas dele, à procura de um terno escuro que ele gostava de usar para ir à igreja. Não estava ali; tinha certeza de que ele o trouxera ao partirem. Não era seu costume ir a lugar nenhum sem ele.

Trocara para essa roupa, então; tinha certeza disso. Provavelmente, saíra para a estrada, pensando que o levaria até a igreja. Tinha de correr para encontrá-lo antes que se metesse em encrencas.

Voltou para o carro e pegou a bolsa no banco. Ocorreu-lhe ir procurá-lo com o carro, mas resolveu pelo contrário. Não havia como saber quanto tempo perderia tentando ligar o motor. Provavelmente, seria mais rápido ir a pé. Pôs a bolsa no ombro e correu para a estrada.

Dava para dizer, mesmo ainda de longe, que não havia trânsito. A estrada estava muito quieta. Mas quando faltavam alguns metros para chegar, ouviu vozes distantes. Parou para olhar, espiou de lado o longo corredor de troncos de árvore. Viu um grupo de ciclistas ao longe: eram uma meia dúzia e vinham rodando em sua direção.

Sua primeira reação foi de alívio; sabia que se corresse muito conseguiria chegar à estrada antes de os ciclistas passarem. Talvez pudessem ajudar. Deu alguns passos e parou para olhar de novo, protegida atrás de um tronco de árvore. Então deu-se conta de que os ciclistas estavam todos de quepe e que as roupas eram todas exatamente da mesma cor. Agradecida pela proteção da plantação, deslizou um pouco mais perto da estrada, tomando o cuidado de ficar fora de vista.

Quando os ciclistas estavam a uns 20 metros, viu que eram soldados japoneses. Estavam com a barba por fazer, as fardas

cinzentas sujas de poeira e lama, as túnicas banhadas em suor. Alguns tinham quepes com longos protetores de nuca, enquanto outros usavam capacetes cobertos com redes. Usavam faixas tornozeleiras apertadas e sapatos de lona. O homem que ia à frente tinha uma espada presa no cinto: a bainha batia, ritmada, no paralamas da bicicleta. Os outros levavam rifles com baionetas.

As bicicletas rangiam e chiavam ao passar. Dava para ouvir que ofegavam ao pedalar.

Um pouco à frente, a rodovia fazia uma curva fechada.

Os ciclistas ainda estavam à vista ao virar na curva: ela ouviu um deles gritar e levantar a mão para apontar a estrada. De repente foi tomada por uma forte sensação de equívoco. Pensara que seu avô teria voltado, na direção de Sungei Pattani; mas e se, em vez disso, ele tivesse ido na outra direção? Olhou de ambos os lados e viu que a rodovia estava vazia. Atravessou correndo a pista e enveredou pelas seringueiras do outro lado. Seguiu uma diagonal entre as árvores e conseguiu enxergar a estrada outra vez: viu as costas dos ciclistas, pulando, apontando uma figura diminuta muito à frente. Era um homem de terno e chapéu, seguindo pelo lado da estrada.

Alison tinha certeza de que era seu avô. Os soldados estavam se aproximando dele, pedalando com força.

Ela começou a correr, se esgueirando entre as árvores. Estava ainda a centenas de metros quando os soldados alcançaram Saya John. Viu quando desmontaram e deixaram as bicicletas caídas na grama. Cercaram-no e ouviu o som de uma voz flutuando até ela: um dos soldados estava gritando, dizendo alguma coisa que ela não conseguia identificar. Começou a sussurrar para si mesma enquanto corria: — Por favor, por favor...

Dava para perceber que seu avô não tinha entendido que os soldados estavam dizendo. Ele tocou o chapéu e virou-se tentando passar por eles.

Um dos soldados levantou a mão para detê-lo, mas ele afastou seu braço.

Todos os soldados gritavam com ele agora, mas ele parecia não ouvir nada.

Sacudia a mão para eles, como se tentasse afastar pedintes numa esquina.

Um dos soldados bateu nele, uma bofetada forte no rosto, que o derrubou. Ele caiu pesadamente ao chão.

Alison parou, ofegante, apoiou-se num tronco de árvore segurando-o com ambas as mãos. Se ele ao menos ficasse imóvel, eles iriam embora, tinha certeza disso. Começou a resmungar para si mesma, rezando para ele estar inconsciente. Não iam se incomodar com ele: decerto perceberiam que se tratava de um velho confuso; que não faria nenhum mal.

Mas então o corpo caído do avô começou a se mexer outra vez. Ele se virou e sentou com as pernas estendidas à frente como uma criança que acorda de manhã. Pegou o chapéu, colocou-o na cabeça e levantou-se outra vez. Olhou os soldados com a testa franzida em confusão, esfregando o rosto. Depois, virou-se, viu um dos soldados pegar o rifle das costas. Ele gritou alguma coisa e levantou a arma de forma que a baioneta estava apontada diretamente para as costas do velho.

Quase sem pensar, Alison abriu a bolsa. Tirou de dentro o revólver e apoiou um joelho no chão. Cruzou o braço esquerdo diante do corpo, apoiou o pulso no antebraço, do jeito que seu pai havia ensinado. Mirou no homem com a baioneta, com a intenção de derrubá-lo, mas, nesse exato momento, outro soldado colocou-se em sua linha de fogo; a bala o atingiu nas costelas e ele caiu gritando, O homem com a baioneta ficou um instante paralisado, depois, de repente, como se fosse disparado por um reflexo, seu braço se mexeu e, com um movimento rápido, enfiou e retirou a

lâmina do corpo de Saya John. O velho despencou, caiu de bruços na estrada.

Ela agora estava perfeitamente calma, respirando ritmadamente. Mirou com cuidado e atirou de novo. Dessa vez, atingiu o homem com a baioneta. Ele gritou, derrubou o rifle e caiu de cara no chão. O terceiro tiro dela errou o alvo e levantou um torrão de terra do lado da estrada. Os soldados estavam agora deitados de bruços, dois deles protegidos atrás do corpo inerte de Saya John. Seus alvos agora estavam menores e ela errou o quarto tiro. Mas, com o quinto, atingiu outro soldado, que saiu rolando de lado.

Então, de repente, alguma coisa a atingiu com grande força, jogou-a de costas. Não sentiu dor alguma, mas sabia que tinha sido atingida. Ficou deitada, imóvel, olhando os arcos das seringueiras à sua volta.

Balançavam na brisa como leques.

Estava contente de terminar assim; com os olhos pousados em algo conhecido. Lembrou do que Dinu havia contado sobre sua mãe e dos doces que repartira com os captores. A lembrança a fez sorrir; não servia para ela, absolutamente. Estava contente de ter feito os soldados pagarem; de não ir embora sem revidar.

Ouviu os passos deles então e sabia que estavam correndo para ela.

Levantou a arma para a têmpera e fechou os olhos.



Doh Say, amigo sempre leal, renunciou à festa de Natal de sua família para poder ajudar Rajkumar. Chegou a Rangoon no dia 22 de dezembro.

Exatamente como Rajkumar esperava, ele depressa assumiu as rédeas, arranjou a contratação de uma equipe de elefantes e de uma meia dúzia de oosis. Neel já havia organizado o aluguel de duas carretas. Ficou decidido que o esvaziamento do pátio de Pazundaung começaria no dia seguinte.

Saíram da casa de manhã, cedo — Doh Say, Raymond, Neel e Rajkumar. Foram no Packard, com Neel dirigindo. Dolly e Manju acenaram despedidas.

Chegaram ao pátio e descobriram que os oo-sis já estavam lá com seus elefantes. As carretas alugadas também já estavam. Rajkumar ficou aliviado: esperava mesmo começar cedo. Estava preocupado que as equipes pudessem demorar para chegar.

Mas então ocorreu algo inesperado.

— Gostaríamos de conversar com o senhor — disse um dos motoristas das carretas. Uma delegação subiu para a pequena cabana que servia de escritório; a questão era que os oo-sis e motoristas de carretas queriam parte do pagamento ao meio-dia.

Não era incomum, claro, que equipes contratadas fizessem exigências logo no início do dia de trabalho: era o momento exato em que estavam em melhor posição no trato. O plano original de Rajkumar era ir ao banco no começo da tarde, quando o trabalho

estivesse quase completo. Com o começo dos feriados de Natal no dia seguinte, era o último dia da semana em que os bancos estariam abertos. Tomara a precaução de ir ao banco no dia anterior para garantir que o dinheiro estaria pronto, disponível.

Podia até ter levado o dinheiro com ele, mas achara melhor não. Não era seguro — principalmente agora que estavam sozinhos em casa, sem porteiro, sem vigia. Resolveu voltar quando o trabalho estivesse quase terminado.

Esse novo desenvolvimento significava que Rajkumar teria de mudar seus planos. Convenceu os homens a começarem o trabalho, com a promessa de ter o dinheiro pronto ao meio-dia. Foi até a janela do escritório observar enquanto começavam.

Sorriu ao olhar para o pátio, com suas imensas e organizadas pilhas de madeira. Era enervante pensar que essa era a soma total de tudo o que possuía. Sabia que tinha de ir, mas não conseguia evitar a demora. Mesmo agora, depois de todos esses anos, não resistia ao espetáculo de observar os elefantes trabalhando: mais uma vez se viu deslumbrado com a firmeza com que eles andavam pelos corredores estreitos, deslocando seus grandes corpos entre as pilhas de madeira. Havia algo quase preternatural na destreza com que enrolavam as trombas nos troncos.

Enxergou Neel, correndo entre os elefantes. Rajkumar ficou nervoso de ver seu filho lá embaixo com os animais.

— Neel — Rajkumar gritou. — Tome cuidado.

Neel virou-se com um grande sorriso no rosto barbado.

Acenou.

— Tudo bem, Apé. Devia estar a caminho do banco agora. Não deixe ficar muito tarde.

Rajkumar olhou o relógio.

— Ainda dá tempo. O banco ainda nem abriu.

Doh Say somou sua voz à de Neel.

É, vá agora, Rajkumar. Quanto mais cedo for, cedo volta. Eu cuido de tudo aqui, vai dar tudo certo.

Rajkumar saiu para a rua e encontrou uma bicicleta-riquixá. O ciclista pedalou depressa e logo se viram chegando ao centro da cidade. O tráfego estava pesado e Rajkumar ficou com medo de ser retido. Mas o ciclista rodava com habilidade nas ruas e levou-o até o banco com tempo.

Rajkumar pagou o ciclista e subiu a larga escadaria. As portas principais do banco estavam fechadas: faltava ainda u quarto de hora para o horário de abrir. Meia dúzia de homens, estava esperando na porta. Rajkumar entrou na fila. A manhã estava excepcionalmente clara e não havia quase nenhuma nuvem no céu. Era um dia especialmente frio para Rangoon e transeuntes usavam xales de lã e casacos.

O banco ficava numa esquina movimentada. As ruas em torno estavam tomadas pelo tráfego usual da hora do rush do começo do dia. Ônibus seguiam devagar, soltando fumaça; debaixo dos fios, os bondes rodavam, campainhas tocando.

De repente, uma sirene de ataque aéreo soou, em algum ponto distante.

Nem Rajkumar nem as pessoas em torno dele prestaram muita atenção.

Alertas de ataque aéreo tinham soado várias vezes nas últimas semanas — e resultaram todos em alarmes falsos. Ao pé da escada, uma vendedora de rua fritava baya-gyaw numa grande panela escurecida de fuligem. Ela fez uma careta de irritação e continuou o que estava fazendo. A reação de Rajkumar foi igual à dela: era incômodo pensar nos atrasos que as sirenes causavam.

As sirenes soaram uma segunda vez e então as pessoas prestaram mais atenção. Não era comum dois alarmes soarem em tão rápida sucessão.

Apareceram cabeças nas janelas dos ônibus e dos bondes; olhos viraram para o céu como se estivessem em busca de chuva.

Rajkumar viu um vigilante de ataque aéreo com capacete de metal. Estava andando pela rua, sacudindo os braços para os pedestres. Rajkumar conhecia o vigilante: era um bookmaker anglo-birmanês, conhecido dos seus dias de apostador nos cavalos. Desceu correndo a escada para abordá-lo.

Ele não perdeu tempo com civilidades.

— Melhor encontrar um lugar seguro, Mr.Raha — disse bruscamente. — A coisa é séria de verdade. Passaram o segundo sistema de alerta. — Com as mãos em concha na boca, começou a gritar para os transeuntes: — Saiam daqui; vão para seus abrigos, vão para casa...

Um pouco de pessoas olharam, mas quase ninguém prestou atenção. O vigilante ficou furioso, com as mãos nos quadris.

— Olhe só para eles; acham que é um maldito circo...

Havia um pequeno jardim na frente do banco. Meses antes, haviam cavado trincheiras estreitas entre as palmeiras ornamentais. Mas desde então poças de água malcheirosa haviam se acumulado nas trincheiras, junto com caroços de manga barbudos e outros refugos. As pessoas resistiam em entrar ali.

Rajkumar voltou para a escada para ver se o banco estava aberto.

Justamente então as sirenes de ataque aéreo dispararam uma terceira vez.

Então, todo mundo prestou atenção. O tráfego nas ruas parou de repente.

Não houve pânico e ninguém correu em busca de abrigo. Ao contrário, as pessoas saíram dos bondes e ônibus e ficaram pelas ruas, num torpor semidescrente, olhando para o céu, protegendo os olhos da luz. Vários homens subiram a escada e pararam ao lado de

Rajkumar: da porta do banco tinha-se uma excelente vista dos arredores.

— Escutem. — Dava para ouvir um ronco baixo e constante ao longe.

O som emprestou uma súbita e apavorante credibilidade à ideia de um ataque aéreo iminente. Houve um momento de incerteza e então o pânico atacou como um vento pelas ruas. As pessoas começaram a correr. Algumas voaram para dentro; outra saíram correndo, se esgueirando em meio ao tráfego paralisado. As trincheiras malcheirosas da esquina se encheram em segundos.

Em algum lugar perto, uma mulher deu um uivo de dor. Rajkumar virou-se e viu que a carrocinha de baya-gyaw estava virada ao pé da escadaria; a panela da vendedora havia entornado em cima dela, ensopando-a de óleo quente. Ela estava correndo pela rua, guinchando, agarrando as roupas com ambas as mãos.

Rajkumar resolveu não enfrentar a multidão em pânico. Em vez disso, agarrou-se às pesadas portas do banco. O ronco distante transformou-se em um ruído ritmado e forte. Então os primeiros aviões apareceram: pontinhos minúsculos, vindos do Leste. Os canhões antiaéreos da cidade abriram fogo com um som surdo, monótono. Eram poucos canhões, concentrados sobretudo nos arredores do aeroporto de Mingaladon e do acantonamento militar. Mas havia algo tranquilizador na ideia de que as defesas da cidade estavam em operação. Mesmo em meio ao pânico, ouviram-se algumas pessoas darem vivas.

Os bombardeiros mudaram de formação ao se aproximarem da periferia oriental da cidade, mergulhando para voo rasante. A fuselagem deles se abriu e a carga de bombas começou a cair, cintilando atrás dos aparelhos como fitas de lantejoulas cintilantes. Era como se uma imensa cortina prateada tivesse, de repente, aparecido no horizonte oriental.

As primeiras bombas caíram a quilômetros dali, as explosões se sucedendo num ritmo de espaços uniformes. De repente, houve um som de explosão muitas vezes mais forte que todos os outros. De algum lugar no lado leste da cidade, uma imensa nuvem de fumaça negra formou um cogumelo no céu, quase envolvendo os bombardeiros.

— Atingiram os depósitos de gasolina — disse alguém — da enseada Pazundaung.

Rajkumar entendeu na hora que era isso mesmo. Sentiu o estômago revirar.

Os principais reservatórios de gasolina da cidade ficavam do outro lado da enseada, bem à vista de sua madeireira. Olhou para os bombardeiros no alto e viu que estavam fazendo mais uma volta em cima da mesma área.

Entendeu então que não estavam bombardeando às cegas: seu alvo era o longo litoral da cidade, visando as serrarias, depósitos, tanques e linhas ferroviárias.

De repente, Rajkumar pensou nos elefantes que estavam trabalhando em sua madeireira. Lembrou como as reações desses animais ao ruído eram imprevisíveis. Às vezes, bastava um estalo forte para provocar um estouro da manada. Uma vez, antigamente, num campo de teca, tinha visto um estouro desses; o eco de uma arma de fogo assustara uma velha fêmea, que produzira um característico som de trombeta; isso detonara uma resposta instintiva da manada. Ocorrera um grande dano e os oo-sis levaram horas para retomar o controle dos animais.

O que aconteceria se um bando de elefantes entrasse em pânico dentro do espaço limitado e cheio de troncos de uma madeireira? Era impensável.

Rajkumar não aguentou mais continuar onde estava. Partiu a pé na direção de Pazundaung. As bombas estavam vindo mais perto agora, caindo em cortinas, flutuando na direção do centro da

cidade. De repente, um carro de bois apareceu bem à frente, correndo para ele pelo passeio. Os bois fugidos estavam espumando pela boca, mostrando os brancos dos olhos. O cocheiro gritava, agarrado a ambos os lados do carro. Rajkumar saltou de lado bem a tempo de deixá-lo passar.

Uma frota de aviões estava passando bem acima dele. Rajkumar olhou o céu claro de dezembro. Eles mergulharam e abriram as comportas. Apareceram fileiras de bombas caindo de lado, captando a luz, cintilando como diamantes.

Não havia trincheiras por perto. Rajkumar agachou-se num portal, com as mãos sobre a cabeça. O ar estremeceu e ele ouviu barulho de vidro quebrando.

Perdeu a noção de quanto tempo ficou ali. Só se mexeu quando sentiu um calor nas costas. Ao virar, viu um cachorro apertado contra ele, ganindo de medo. Empurrou o cachorro e levantou-se. Subiam colunas de fumaça para o céu à sua volta toda. Pensou em Dolly, em Manju e em Jaya, sua neta. Olhou na direção de Kemendine e ficou aliviado de ver que aquela parte da cidade estava relativamente intocada. Começou a andar na outra direção, para a madeireira em Pazundaung.

Na rua Merchant, um mercado havia sido atingido. Frutas e vegetais espalhavam-se pela rua. Mendigos e catadores de papel já raspavam os detritos. Notou os restos de uma loja queimada e lembrou, quase com uma sensação de nostalgia, que aquele era o seu ponto preferido para comprar tandoori de galinha. Uma explosão havia cravado alguns espetos na parede do forno de barro, quebrando-o em dois como um ovo. Ouviu uma voz de homem pedindo socorro. Apressou o passo. Não tinha tempo: queria chegar a seu pátio em Pazundaung.

Passou na frente da Rowe & Co. As vitrines estavam quebradas e havia grandes buracos nas paredes. Saqueadores entravam pelos buracos.

Conseguiu enxergar a árvore de Natal da loja tombada no chão. Uma velha trabalhava concentrada ao lado dela, o rosto branco de talco. Estava pegando o algodão do chão, enfiando dentro de um saco.

Na frente dos correios e telégrafos, o cano de água foi atingido. Um jato de 3 metros de altura espirrava para o céu. Havia água por toda parte, formando poças, correndo pela rua. Um redemoinho girava em torno do cano estourado.

As pessoas estavam acoradas junto às paredes do telégrafo quando a fonte de água foi atingida. Muitos tinham morrido. Havia membros decepados na poça, girando em torno do jorro: um braço de criança, uma perna. Rajkumar desviou os olhos e seguiu.

Ao chegar a Pazundaung, viu que ambos os lados da passagem estavam tomados pelas chamas. Ainda bem de longe, vislumbrou o muro perimetral de sua madeireira. Estava envolto em nuvens de fumaça.

Tudo o que possuía estava naquele lugar, todo o fruto de seu trabalho; a soma de uma vida de trabalho armazenada como uma única carga de madeira. Pensou nos elefantes e nas bombas 485 caindo em volta deles; nas chamas subindo das toras bem empilhadas; nas explosões, no som de trombeta.

Era ele que havia concentrado tudo o que tinha nesse único lugar — isso também era parte do plano — e agora as bombas haviam reclamado tudo aquilo. Mas não importava; nada importava contanto que Neel estivesse incólume. O resto eram coisas apenas, posses. Mas Neel.

Virou a rua que dava para a madeireira e viu que estava tomada por nuvens agitadas de fumaça. Na pele do rosto, sentiu o calor do fogo que rugia em seu pátio. Gritou para a fumaça:

— Neel.

Viu um vulto tomar forma à distância. Começou a gritar.

— Neel? Neel?

Era Doh Say. O rosto marcado, enrugado, estava preto de fumaça. Estava chorando.

— Rajkumar...

— Onde está Neel?

— Desculpe, Rajkumar. — Doh Say cobriu o rosto. — Não pude fazer nada. Os elefantes enlouqueceram. Tentei mandar seu menino embora, mas ele não quis me ouvir. Os troncos se soltaram, ele ficou embaixo.

Então, Rajkumar viu que Doh Say estava arrastando um corpo, afastando-o do fogo. Correu até ele e caiu de joelhos.

O corpo estava quase irreconhecível, esmagado por um peso imenso. Mas apesar de terrivelmente desfigurado, Rajkumar sabia que era seu filho e que estava morto.



Uma vez, quando ainda era criança, Manju tinha visto rasparem a cabeça de uma viúva. Foi na casa de uma vizinha em Calcutá: um barbeiro tinha sido pago para fazer isso e as mulheres da família se juntaram para ajudar.

Na caixa de costura, Manju encontrou uma tesoura. Sentou-se à penteadeira, olhou no espelho e experimentou a tesoura no cabelo. As lâminas estavam sem corte e seu cabelo era forte, grosso e preto — cabelo de mulher jovem. A tesoura era inútil. Jogou-a de volta na caixa de costura.

O bebê começou a chorar, então Manju fechou a porta. Desceu a escada até a cozinha — um cômodo escuro, fuliginoso, sem ar, nos fundos da casa.

Encontrou uma faca, uma faca reta, comprida, com lâmina serrilhada e cabo de madeira. Experimentou no cabelo, mas

descobriu que não adiantava mais que a tesoura.

Enquanto procurava um instrumento melhor, Manju lembrou das foices um dia usadas para cortar a grama da casa. foices eram muito afiadas: lembrava do chiado de suas lâminas ecoando pela casa. Os maus que cuidavam do jardim tinham ido embora fazia muito tempo, mas as foices ainda estavam lá. Sabia onde encontrá-las: numa edícula junto ao portão da frente.

Abriu a porta e correu para a edícula. As foices estavam exatamente onde tinha pensado, empilhadas com os outros implementos de jardim. No mato que lhe batia nos joelhos, ela levantou o cabelo e puxou para longe da cabeça. Subiu a foice, golpeou, cegamente, porque estava com a mão atrás da cabeça. Viu um cacho de cabelo cair no mato e isso a animou. Cortou outro punhado e outro. Viu a pilha de cabelos crescer em torno de seus pés. A única coisa que não entendia era a dor: por que doía tanto cortar o cabelo? Ouviu uma voz falar de mansinho, em algum lugar próximo.

Virou e viu que era Raymond, parado a seu lado. Ele estendeu a mão, para pegar a foice. Ela afastou um passo: — Você não entende...

Tentou sorrir, para mostrar a ele que sabia o que estava fazendo e que não dava para fazer aquilo de nenhum outro jeito, Mas de repente as mãos dele prenderam seu pulso. Ele torceu seu braço e a foice caiu. Ele a chutou, jogou-a de lado.

Manju estava perplexa com a força de Raymond; com a maneira como a imobilizara numa chave de braço de lutador.

Ninguém jamais a segurara assim — como se fosse uma louca.

— O que pensa que está fazendo, Raymond? Ele torceu as mãos dela até ficarem diante de seu nariz.

Ela viu que estava com os dedos manchados de sangue.

— Você se cortou — ele disse, calmo. — Cortou o couro cabeludo.

— Eu não sabia.

Tentou soltar os braços, mas isso só fez com que ele apertasse mais.

Levou-a para a casa e colocou-a sentada numa cadeira. Encontrou o algodão e limpou o couro cabeludo. O bebê começou a chorar: dava para ouvir ali de baixo. Raymond levou-a para a escada e a empurrou.

— Vá. A criança precisa de você.

Ela subiu uns degraus e não conseguiu continuar. Não aguentava a ideia de entrar naquele quarto e carregar a filha. Não havia por quê. Seus peitos tinham secado. Não podia fazer nada. Afundou o rosto nas mãos.

Raymond subiu os degraus e puxou sua cabeça para trás, agarrando o que sobrava de cabelo. Ela viu o braço dele ir para trás e depois bater com a mão em seu rosto. Cobriu a face ardida e olhou para ele. Seu olhar era firme e gentil.

— Você é a mãe — disse. — Tem de cuidar de sua filha. A fome de uma criança não para nunca, por nada... — Seguiu-a até o quarto e ficou olhando enquanto ela pegava o bebê e colocava ao seio.

O dia seguinte era Natal, e à noite Doh Say e Raymond saíram de casa para ir à igreja. Pouco depois, as sirenes soaram e os bombardeiros voltaram. O bebê estava dormindo, mas as sirenes o acordaram. A menina começou a chorar.

No dia do primeiro ataque, Manju e Dolly tinham sabido exatamente o que fazer: foram para um quarto sem janelas do andar térreo e esperaram até sirenes anunciarem o fim do perigo. Havia então uma tal sensação de urgência; mas agora nada mais restava. Era como se a casa estivesse já vazia.

Manju ficava na cama com o bebê enquanto as bombas caíam. Nessa noite, a voz da criança parecia mais alta que nunca: mais alta que as sirenes, que as bombas, que as explosões distantes. Depois de um momento, Manju não conseguiu mais aguentar o choro do bebê. Saiu da cama e desceu a escada. Abriu a porta e saiu da casa. Estava muito escuro, a não ser por incêndios distantes e relâmpagos cruzando o céu.

Viu outro vulto à sua frente e, de alguma forma, mesmo no escuro, soube que era Rajkumar. Era a primeira vez que o via desde a morte de Neel.

Ainda estava vestido com a roupa que usava aquela manhã: a calça e a camisa enegrecidas de fuligem. Ele estava com a cabeça para trás, olhando o céu. Sabia o que ele estava procurando e foi ficar ao lado dele.

Os aviões voavam muito alto, mal visíveis, como sombras de mariposas.

Ela desejou que chegassem mais perto; perto o bastante para lhes ver o rosto. Queria saber que tipo de ser eram aqueles que achavam ter a liberdade de provocar essa destruição: para que aquilo? Que tipo de criatura podia pensar em fazer guerra contra ela, seu marido, sua filha — uma família como a dela —, por que razão? Quem eram essas pessoas que assumiam o encargo de remodelar a história do mundo? Se conseguisse descobrir o sentido daquilo, ela sabia que conseguiria organizar de novo sua cabeça; conseguiria raciocinar do jeito normal; saberia quando e por que era hora de alimentar o bebê; conseguiria entender por que era preciso procurar abrigo, cuidar da própria filha, pensar no passado e no futuro e em seu lugar no mundo. Ficou ao lado de Rajkumar e olhou o céu. Não havia nada para ver além das sombras lá em cima e, mais perto, fogo, explosões, barulho.



Doh Say e Raymond voltaram na manhã seguinte, depois de passarem a noite abrigados numa igreja. As ruas agora estavam quase todas vazias, disseram. Os trabalhadores que cuidavam dos serviços da cidade eram indianos em sua maioria e tinham fugido ou se escondido. Em algumas áreas, já dava para sentir o fedor dos excrementos da noite não recolhidos. No porto, os navios estavam queimando com as cargas ainda intactas no bojo. Não havia estivadores para descarregar: eles também eram quase todos indianos. A administração tinha aberto os portões do hospício de Rangoon e os internos estavam agora vagando pela cidade, tentando encontrar comida e abrigo. Havia saqueadores em toda parte, invadindo casas e apartamentos abandonados, levando seus troféus triunfalmente pelas ruas.

Doh Say disse que não era mais seguro ficar em Rangoon. O Packard havia sobrevivido miraculosamente ao bombardeio. Raymond o recuperara e trouxera de volta a Kemendine. Dolly carregou o carro com poucas coisas essenciais — algum arroz, dai, leite em pó, legumes, água. Então Raymond assumiu a direção e saíram da casa: o plano era seguir até Huay Zedi e lá ficar até as condições melhorarem.

Pegaram a estrada Pegu, que ia para o norte. As áreas centrais da cidade estavam impressionantes, vazias, mas a maior parte das avenidas estava intransitável, e eles tiveram de circular e circular procurando um caminho para sair da cidade. Havia ônibus abandonados pelas esquinas; bondes que saltaram dos trilhos e araram o asfalto; riquixás caídos de lado no meio da rua; fios elétricos e fios do bonde emaranhados nas calçadas.

Começaram a notar outras pessoas — uns punhados espalhados primeiro, depois mais e mais e ainda mais, até que as

ruas ficaram tão lotadas que mal conseguiam prosseguir. Todo mundo indo na mesma direção: para o norte, passagem por terra para a Índia — uma distância de quase 2 mil quilômetros. Levavam seus pertences embrulhados em cima da cabeça; carregavam crianças nas Costas — empurravam velhos em carrocinhas e carrinhos de mão. Tantos pés haviam levantado uma longa, serpenteante nuvem de poeira acima da estrada, como uma fita, apontando o caminho no horizonte norte. Eram quase todos indianos.

Havia carros e ônibus também, junto com táxis, riquixás, bicicletas e carros de boi. Havia caminhões abertos, com dezenas de pessoas acoradas nas carrocerias. Os veículos maiores mantinham-se principalmente no centro da rua, um atrás do outro, devagar, numa linha reta. Os carros iam saltando por essa fila, ultrapassando ônibus e caminhões com grande alarido de buzinas. Mas a pressão do trânsito era tal que mesmo eles avançavam devagar.

Ao final do primeiro dia, o Packard não havia ainda deixado Rangoon para trás. No segundo dia, tinham conseguido avançar para a frente da coluna de refugiados e agora corriam melhor. Dois dias depois, viram-se atravessando o rio na direção de Huay Zedi.

Fizeram a travessia e ficaram várias semanas em Huay Zedi. Mas então ficou claro que o avanço japonês estava acelerando. Doh Say resolveu evacuar a aldeia e levar os habitantes para o fundo da selva. Já então o comportamento de Manju tinha ficado muito estranho: Dolly e Rajkumar resolveram que tinham de levá-la para casa. Decidiram fazer um último esforço para chegar à Índia.

Um carro de bois os levou até o rio — Manju, Dolly, Rajkumar e o bebê.

Encontraram um barco que os levou rio acima, atravessaram Meiktila, passaram por Mandalay, até a minúscula cidade de Mawlaik, no rio Chindwin. Ali se confrontaram com um espetáculo

espantoso: cerca de 30 mil refugiados ocupavam a margem do rio, à espera de seguir para as montanhas de densas florestas que havia adiante. Adiante não havia estradas, apenas trilhas, rios de lama, fluindo por túneis verdes de mata. Desde o começo do êxodo indiano, o território havia sido mapeado por uma rede de trilhas de evacuação oficialmente reconhecida; havia as rotas "brancas" e as rotas "negras", sendo as primeiras mais curtas e usadas mais intensamente.

Várias centenas de milhares de pessoas já haviam pisado esse desolamento. Grandes números de refugiados ainda estavam chegando, todos os dias.

Ao sul, o Exército japonês ainda avançava e não havia como voltar atrás.

Levavam o bebê num xale pendurado como rede de seus ombros. A intervalos de algumas centenas de metros paravam, trocavam de cargas, se revezando, os três, Manju, Dolly e Rajkumar. Trocavam entre eles o bebê e os pacotes embrulhados em lona impermeável em que guardavam as roupas e o feixe de lenha.

Dolly estava usando uma bengala e mancava muito. No arco de seu pé direito havia uma ferida que aparecera como uma bolha de aspecto inócuo. Três dias depois, se transformara em uma grande inflamação, que tomava seu pé quase todo. Secretava um pus fétido e roía sem parar pele, músculo, carne. Encontraram uma enfermeira, que disse tratar-se de "ferida de Na" disse que era sorte a ferida de Dolly não ter se infestado de larvas.

Ouvira falar do caso de um menino que desenvolvera a ferida no couro cabeludo: quando foi tratado com querosene, removeram nada menos que 350 larvas, cada uma do tamanho de um verme pequeno. E mesmo assim o menino sobrevivera.

Apesar da dor, Dolly achava que tinha sorte. Encontraram pessoas com os pés quase inteiramente apodrecidos, corroídos por essas inflamações: o dela não estava nem perto de uma infecção tão

grave. Manju se arrepiava de olhar, não por causa da dor evidente de Dolly, mas por sua determinada resistência. Eles eram fortes, os dois, Dolly e Rajkumar, tão tenazes — ficavam tão juntos, mesmo agora, apesar da idade, apesar de tudo. Havia neles algo que a repelia, que a enchia de repulsa: em Dolly ainda mais que em Rajkumar, com seu enlouquecedor distanciamento, como se tudo aquilo fosse um pesadelo imaginado por outra pessoa.

Havia momentos em que via piedade nos olhos de Dolly, uma espécie de compaixão — como se ela, Manju, fosse de alguma forma uma criatura mais triste que ela; como se fosse ela que houvesse perdido o controle da mente e da razão. Ela se sentia ferver com esse ar de Dolly. Queria bater nela, dar-lhe uma bofetada, gritar na cara dela: "Esta é a realidade, este é o mundo, olhe para ele, olhe como estamos cercados pelo mal; fingir que isto aqui é uma ilusão não vai fazer isto sumir." Ela é que era sadia, não eles. Que prova maior da loucura deles poderia haver do que a sua recusa em admitir a dimensão de sua derrota; o seu fracasso absoluto, como pais, como seres humanos? A lenha estava embrulhada com folhas de teca grandes, peludas, para manter longe a chuva. Estava amarrada com uma corda que Rajkumar torcera de um pedaço de videira. Às vezes, a corda afrouxava e uma acha ou um pedaço de madeira caía. Cada pedaço que caía desaparecia instantaneamente — ou era agarrado pelas pessoas que vinham atrás ou pisado na lama tão fundo que não dava para recuperar.

A lama tinha uma estranha consistência, mais parecida com areia movediça que com barro. Sugava a pessoa, muito de repente, de forma que, quando menos se esperava, se estava afundado até a coxa. Era pior quando se tropeçava ou caía para a frente; ela se agarrava à pessoa como um animal faminto, grudando nas roupas, nos membros, no cabelo. E prendia com tanta força que a pessoa

não conseguia se mexer; ficava com pernas e braços imobilizados, sugados no lugar, como insetos presos na cola.

Em algum lugar, passaram por uma mulher. Era uma nepalesa que levava uma criança do mesmo jeito que eles, pendurada em um pano dobrado. Tinha caído de cara na lama e não conseguia se mexer; o azar dela foi que isso aconteceu numa trilha pouco frequentada. Não havia ninguém em volta para ajudar; ela morrera onde caíra, presa na lama com o bebê amarrado nas costas. A criança morrera de fome.

Rajkumar ficava muito bravo quando perdiam qualquer parte de sua carga de lenha. Ele é que havia catado a maior parte. Ficava vigiando ao caminharem e de vez em quando enxergava um ramo ou algum graveto que escapara à atenção das centenas de milhares de pessoas que haviam passado antes deles, indo na mesma direção, com seus passos transformando a terra em um rio de lama. À noite, quando paravam, ele entrava na selva e voltava trazendo braçadas de lenha. A maioria dos refugiados tinha medo de sair da trilha; havia insistentes boatos de ladrões e assaltantes atentos, prontos a atacar desgarrados. Rajkumar ia mesmo assim; dizia que não podiam passar sem isso. A lenha era seu capital, sua única riqueza. Ao fim de cada dia, era essa madeira que Rajkumar trocava por comida — sempre havia gente precisando de madeira; arroz e dai não serviam para nada sem fogo para cozinhar. Madeira virava comida com maior facilidade que dinheiro e outros valores. Dinheiro não valia nada ali. Havia gente — ricos comerciantes de Rangoon — que daria punhados de notas em troca de uns pacotes de remédio. E quanto a valores, eram apenas peso extra.

As trilhas estavam juncadas de bens descartados — rádios, aros de bicicletas, livros, ferramentas de artesão. Ninguém parava nem para olhar.

Um dia, cruzaram com uma dama vestida num lindo sári de seda, um Kanjeevaram verde-pavão. Ela parecia ser de família rica,

mas também estava sem comida. Estava tentando barganhar com umas pessoas sentadas em torno de uma fogueira. De repente, começou a tirar a roupa, e, quando terminou de despir o sári, viram que tinha outros por baixo, lindos, de ricas sedas valendo centenas de rupias. Ela ofereceu um deles, esperando trocar por um punhado de comida. Mas ninguém tinha uso para aquilo; em vez disso, pediam gravetos e lenha. Viram que ela discutia inutilmente com eles — e então, talvez admitindo por fim a inutilidade de seu tesouro, enrolou o sári numa bola e jogou na fogueira deles: a seda queimou com um som estalado, emitindo altas chamas.

A lenha tinha farpas que conseguiam se enfiar na carne, mas Manju preferia carregar a lenha do que carregar a filha. O bebê chorava sempre que chegava perto dela.

— Deve estar com fome — Dolly dizia. — Dê o peito a ela. — Paravam e ela sentava, na chuva, com o bebê no colo. Rajkumar estendia um abrigo em cima delas, com folhas e ramos.

Um pouco mais ainda, diziam. A Índia não está longe agora. Só mais um pouquinho.

Não havia nada em seu corpo — Manju tinha certeza disso —, mas de alguma forma o bebê achava um jeito de espremer algumas gotas de seus peitos doloridos, irritados. Então, quando o gotejar secava, ela começava a chorar de novo de um jeito zangado, vingativo, como se não quisesse mais que ver a mãe morta. Às vezes, ela tentava dar outras coisas para o bebê — fazia uma pasta com um pouco de arroz e colocava no canto da boca da criança. Ela parecia adorar o gosto: era uma menina faminta, com fome de vida; mais parecida com os avós que com ela.

Um dia, Manju adormeceu sentada com o bebê no colo. Acordou com Dolly parada em cima dela, olhando preocupada para seu rosto. Dava para ouvir o zunido dos insetos voando em torno de sua cabeça. Eram as moscas azuis brilhantes que Rajkumar chamava de "moscas-abutre", porque eram sempre vistas em cima

de gente que estava fraca demais para continuar — ou que estava perto da morte.

Manju ouviu o bebê gritar em seu colo, mas dessa vez o ruído não a incomodou. Havia um cansado amortecimento em seu corpo; não queria nada além de ficar sentada o quanto pudesse, saboreando a ausência de sensação. Mas, como sempre, seus atormentadores estavam em cima dela; Dolly gritou: — Levante, Manju, levante.

— Não — ela disse. — Por favor, me deixe. Só um pouquinho mais.

— Está sentada aí desde ontem. — Dolly gritou. — Tem de levantar, Manju, senão vai ficar aí para sempre. Pense no bebê; levante.

— O bebê está aqui — Manju disse. — Deixe a gente aqui. Amanhã eu ando de novo. Agora não.

Mas Dolly não ouvia.

— Não vamos deixar você morrer, Manju. Você é moça; tem de pensar em sua filha... — Dolly pegava a criança de seus braços e Rajkumar a punha em pé. Sacudia-a com tanta força que os dentes dela batiam. — Tem de continuar, Manju; não pode desistir.

Ela ficava parada olhando para ele debaixo da chuva torrencial, com seu sári branco de viúva, o cabelo tosado. Ele usava um longyi esfarrapado, chinelos cobertos de lama. A barriga havia desaparecido e o corpo estava roído pela fome; em seu rosto crescia uma barba branca, os olhos estavam congestionados, circundados de vermelho.

— Por quê, velho, por quê? — gritava para ele. Chamava-o de burro por desdém; não lhe importava mais que fosse pai de Neel e que sempre o tivesse admirado: agora, ele era apenas um atormentador, que não a deixava saborear o descanso a que tinha direito.

— Por que tenho de continuar? Olhe só vocês: vocês vão em frente, e vão e vão e vão. E o que ganharam com isso?

Então, para surpresa dela, lágrimas rolaram dos olhos dele pelas rugas e depressões do rosto. Ele parecia uma criança que apanhara: desamparado, incapaz de se mover. Por um momento, ela pensou que tinha vencido afinal, mas então Dolly apareceu. Pegou o braço dele e virou-o, de forma que estava olhando para a frente, para a próxima cadeia de montanhas.

Ele ficou onde estava, os ombros caídos, como se a verdade de sua condição tivesse finalmente baixado sobre ele.

Dolly o empurrou.

— Não pode parar agora, Rajkumar, tem de continuar.

— Com o som da voz dela, algum instinto interno pareceu tomar conta dele. Pendurou o feixe de lenha nos ombros e foi andando.

Havia lugares em que as trilhas convergiam e formavam engarrafamentos.

Geralmente na beira de riachos e rios. Em cada um desses cruzamentos, havia milhares e milhares de pessoas reunidas, sentadas, esperando — avançando na lama com passos minúsculos, exaustos.

Chegaram a um rio que parecia muito largo. Corria com a velocidade de um riacho de montanha e a água era fria como gelo. Ali, num trecho da margem arenosa, cercados pela selva íngreme, estava o maior ajuntamento que eles haviam encontrado: dezenas de milhares — um mar de cabeças e de rostos.

Juntaram-se a essa grande massa de gente e sentaram-se à beira arenosa do rio. Esperaram e por fim a balsa chegou. Era desajeitada e não muito grande. Manju ficou olhando enquanto ela oscilava no rio cheio: era a embarcação mais linda que jamais vira e sabia que era a sua salvação. Em minutos se encheu e afastou-se rio acima, fumegando devagar numa grande curva. Ela não perdeu a fé:

tinha certeza de que a balsa ia voltar. E é claro que, depois de algum tempo, a balsa voltou. E mais uma vez e mais uma, se enchendo em minutos todas as vezes.

Por fim, chegou a vez deles e subiram. Manju entregou o bebê a Dolly e encontrou um lugar na beira da balsa, onde podia sentar junto da água. A balsa partiu e ela olhou o rio que passava ligeiro; dava para ver os redemoinhos e o turbilhão das correntes os padrões de seu fluxo e movimento ficavam gravados na superfície. Ela tocou a água e descobriu que era muito fria.

Em algum lugar ao longe, ouviu um bebê chorando. Independentemente do volume de barulho à sua volta, independentemente de quantas pessoas estivessem em torno, sempre reconhecia a voz da filha. Sabia que logo Dolly viria procurá-la, trazendo o bebê; que ia parar em cima dela, observando, certificando-se de que a criança era alimentada. Deixou a mão pender pela beira da balsa e emocionou-se com o toque da água.

Parecia puxá-la, chamá-la para dentro. Deixou o braço flutuar um pouco e depois colocou um pé na água. Sentiu o sári ficando mais pesado, se desdobrando na água, escapando dela, puxando seu corpo, insistindo para que fosse junto. Ouviu o som do choro e ficou contente de sua filha estar nos braços de Dolly. Com Dolly e Rajkumar a criança estaria a salvo; eles a levariam para casa. Era melhor assim: melhor que eles, que sabiam por que viviam, a tivessem sob seus cuidados. Ouviu a voz e Dolly chamando — "Manju, Manju, pare, cuidado..." — e entendeu que tinha chegado a hora.

Não foi nenhum esforço deslizar da balsa para o rio. A água era rápida, escura e tão fria que anestesiava.

Parte VII



O Palácio de Espelho



Bela tinha 18 anos quando Dolly e Rajkumar atravessaram as montanhas. O dia em que chegaram a Lankasuka viveria para sempre na lembrança dela.

Isso foi em 1942, um ano terrível, como qualquer bengalês sempre soube.

Na época, pouco se sabia na Índia sobre as condições da Birmânia e da Malásia. Por causa da segurança da guerra, as notícias eram parcas e todos os canais de comunicação usuais estavam interrompidos. No ano anterior, quando o primeiro navio de evacuação de Rangoon chegara a Calcutá, Bela e seus pais tinham ido recebê-lo nas docas. Esperavam ver Manju entre os passageiros que desembarcavam. Em vez disso, descobriram que Rajkumar e sua família tinham resolvido ficar na Birmânia.

Então, houve o bombardeio de Rangoon e o grande êxodo da população indiana para o norte. Quando os primeiros refugiados chegaram a Calcutá, Bela os procurou, em busca de informação, citando nomes, endereços. Não descobriu nada.

Foi também em 1942 que o Mahatma Gandhi lançou o movimento Quit Índia [Deixem a Índia]. Uma foi um dos muitos milhares de trabalhadores do Congresso a ser presa. Alguns ficaram encarcerados até o fim da guerra.

A detenção de Uma foi relativamente mais curta; ela ficou doente, com febre tifoide, e permitiram que voltasse para casa.

Uma estava em casa fazia dois meses quando, uma tarde, seu velho porteiro veio dizer que havia alguns desamparados na porta, pedindo para falar com ela. Isso era muito comum na época; Bengala estava nas garras da fome, uma das piores fomes da história. A cidade cheia de migrantes do campo, famintos; as pessoas devastavam as folhas e a grama dos parques, peneiravam a água do esgoto em busca de grãos de arroz.

Em Lankasuka, a pouca comida que havia era distribuída aos pobres uma vez por dia. Nesse dia em particular, a distribuição matinal de comida já havia terminado há muito. Uma estava ocupada em sua mesa quando o chowkidar entrou para falar dos desamparados. Ela disse: — Mande voltarem amanhã, na hora certa.

O chowkidar saiu, mas voltou logo depois.

— Eles não querem ir embora.

Bela estava, por acaso, disponível. Uma disse: — Bela, vá ver o que é.

Bela saiu para o pátio e começou a caminhar para o portão. Viu um homem e uma mulher segurando as barras do portão. Então, ouviu uma voz dizer seu nome num rouco sussurro — "Bela" — e olhou de perto seus rostos.

Uma ouviu um grito e correu para o pátio. Arrancou as chaves da mão do chowkidar. Correu para o portão e abriu.

— Olhe.

Rajkumar estava ajoelhado na calçada. Estendeu os braços e viram que estavam segurando uma criança, um bebê — Jaya. De repente, o rosto do bebê ficou muito vermelho e ela começou a chorar no pico da voz. Nesse momento, não havia no mundo som mais belo que essa manifestação de raiva: o som primordial da vida proclamando sua determinação de se defender.

Foi só nos últimos meses do ano seguinte, 1943, que os primeiros rumores sobre o Exército Nacional Indiano começaram a

chegar à Índia — mas não se tratava da mesma força a que Arjun havia se filiado no norte da Malásia. O primeiro Exército Nacional Indiano não durou muito. Cerca de um ano depois de sua fundação, seu líder, o capitão Mohun Singh, o desbaratou, temendo que os japoneses estivessem tentando dominá-lo. O Exército ressuscitou com Subhas Chandra Bose, o político nacionalista indiano que chegou a Cingapura em 1943, via Afeganistão e Alemanha. Bose revigorou o Exército Nacional Indiano, recrutou centenas de milhares de novos soldados entre a população indiana do sudeste da Ásia: Arjun, Hardy, Kishan Singh, Ilongo e muitos outros se alistaram.

No fim da guerra, milhares de membros do Exército Nacional Indiano foram levados de volta à Índia como prisioneiros de guerra. Para os britânicos eles eram JIFs — Japanese Inspired Fifth Columnists [Quinta-colunas de Inspiração Japonesa].

Eram vistos como traidores — tanto do Império como do Exército indiano, cujo grosso continuava a lutar a favor dos Aliados no norte da África, no Sul da Europa e, por fim, na contrainvasão britânica da Birmânia. O público indiano, porém, via a questão de um jeito bem diferente. Para eles, imperialismo e fascismo eram gêmeos do mal, um derivado do outro. Foram os prisioneiros derrotados do Exército Nacional Indiano que eles receberam como heróis — não os vitoriosos que voltavam.

Em dezembro de 1945, o governo colonial resolveu acusar três membros do Exército Nacional Indiano — os famosos "Três do Forte Vermelho": Shah Nawaz Khan, Gurbakhsh Singh Dhillon e Prem Sahgal. O país explodiu em protestos e manifestações; formaram-se comitês de apoio por toda a Índia, apesar da proibição oficial. Greves gerais paralisaram estados inteiros; os estudantes fizeram imensas reuniões públicas, desafiando as ordens de toque de recolher. Na cidade sulina de Madurai, duas pessoas morreram quando a polícia abriu fogo em uma manifestação. Em Calcutá,

dezenas de milhares de pessoas foram para as ruas. Tomaram a cidade durante vários dias. A polícia atirou em dezenas deles. Em Bombaim, contingentes da Marinha se amotinaram. Para o Partido do Congresso o julgamento era uma bênção inesperada. O partido havia perdido o impulso que conquistara nos anos anteriores à guerra e precisava muito de uma questão que mobilizasse o país. O julgamento forneceu exatamente essa causa.

Assim que o julgamento começou, a Promotoria logo enfrentou problemas.

Não foi capaz de apresentar nenhuma prova que ligasse o Exército Nacional Indiano às atrocidades japonesas no sudeste da Ásia, nem com os maus-tratos de prisioneiros de guerra britânicos e australianos. Embora realmente tivesse provado que alguns prisioneiros indianos tinham realmente sido maltratados, nenhum desses casos tinha qualquer ligação com os três acusados.

Em 1º de dezembro de 1945, Bhulabhai Desai, o advogado de defesa principal, levantou-se para fazer seu discurso de encerramento.

— O que está hoje em julgamento nesta corte — disse — é o direito da raça súdita fazer guerra com imunidade.

Essencialmente, havia apenas uma acusação contra seus clientes, argumentou, a de fazer guerra contra o Rei. Todas as outras acusações, disse, eram derivadas da primeira. Coube a Desai demonstrar que a lei internacional reconhecia o direito de povos súditos fazerem guerra por sua liberdade, e fez isso citando uma série de precedentes. Demonstrou que o próprio Governo Britânico tinha reconhecido esse direito, quando oportuno, em casos que vinham desde o século XIX. Eles haviam, por exemplo, dado apoio aos gregos e diversas outras nacionalidades rebeladas contra o Império Otomano; mais recentemente, tinham apoiado o Exército Nacional Polonês e os rebeldes tchecoslovacos; tinham insistido também no direito dos membros da resistência francesa de serem

tratados como beligerantes, muito embora o governo do marechal Pétain fosse, na época, de jure e de facto, o governo da França. O julgamento terminou com os três acusados considerados culpados de "fazer guerra contra o Rei". Foram condenados a exílio perpétuo, mas tiveram os três as sentenças comutadas. Foram libertados e recebidos por multidões tumultuosas.

Hardy era, por essa época, uma figura nacional (ele viria a ser depois embaixador e alto funcionário do Governo Indiano). Foi visitar os avós de Jaya em Calcutá em 1946. Foi através dele que ficaram sabendo que Arjun tinha morrido em combate em um dos últimos enfrentamentos do ENI — um combate no centro da Birmânia nos últimos dias da guerra.

Nesse ponto do conflito, os japoneses estavam se retirando e o XIV Exército Aliado, sob o comando do general Slim, avançava rapidamente para o sul. As unidades indianas no centro da Birmânia estavam entre as últimas a continuar resistindo. Seu número era minúsculo e usavam armas obsoletas, que datavam do início da guerra. As forças que combatiam eram muitas vezes imagens espelhadas do que eles próprios tinham sido no início da guerra: a maior parte indianos, muitas vezes do mesmo regimento, sempre recrutados nas mesmas aldeias e distritos. Não era raro estarem lutando com seus irmãos mais novos e sobrinhos.

A resistência do Exército Nacional nessa fase era em grande parte simbólica, levada a efeito na esperança de inspirar uma revolta no Exército indiano. Embora nunca tivessem sido uma séria ameaça ao vitorioso XIV Exército, eram mais que uma pequena irritação. Muitos lutavam e morriam com grande coragem, fornecendo heróis e mártires para o movimento. Arjun estava entre aqueles que morreram como heróis, disse Hardy. Assim como Kishan Singh. Foi tudo o que souberam da morte de Arjun, e ficaram contentes que assim fosse.

Durante os seis anos seguintes, Dolly e Rajkumar ficaram com Uma em seu apartamento. O legado da briga de Rajkumar com Uma foi esquecido e o bebê, Jaya, passou a ser um laço que ligava todos os membros da casa.

Dolly arranhou emprego numa unidade de publicações do Exército, como tradutora para o birmanês de panfletos do tempo da guerra. Rajkumar de vez em quando fazia trabalho de supervisão em serrarias e depósitos. Em janeiro de 1948, a Birmânia conquistou sua independência. Logo depois disso, Dolly decidiu que ela e Rajkumar iam voltar a Rangoon, pelo menos por algum tempo. No intervalo, Jaya ficaria em Calcutá com a tia Bela e os outros avós.

O desejo de Dolly de voltar à Birmânia devia-se em grande parte ao fato de não se saber nada de Dinu havia sete anos. Dolly acreditava que ele ainda estava vivo e estava decidida a encontrá-lo. Rajkumar expressou sua vontade de ir com ela, e Dolly comprou passagem para ambos.

Mas quando foi chegando o dia, ficou claro que Rajkumar estava muito longe de ter certeza do que queria. Ao longo dos últimos seis anos, ficara muito ligado à neta órfã. Mais do que todo mundo na casa, era ele que assumia as responsabilidades de seus cuidados diários: sentava com ela durante as refeições, passeava com ela no parque, contava-lhe histórias na hora de dormir. Dolly começou a se perguntar se ele seria capaz de aguentar a dor de se separar da criança.

A questão ficou resolvida quando Rajkumar desapareceu dois dias antes da partida para a Birmânia. Só voltou depois que o navio havia partido.

Estava arrependido e cheio de desculpas; disse que não se lembrava onde tinha estado nem por que tinha ido embora. Insistiu com Dolly para fazer outra reserva e prometeu que aquilo não aconteceria de novo. Enquanto isso, Dolly havia resolvido que era melhor deixar Rajkumar onde estava — melhor para ele e para Jaya.

Uma por seu lado não fez nenhuma objeção; ficou contente de ele ficar: não dava trabalho e muitas vezes se tornava útil na casa.

Dolly voltou ao escritório da companhia de navegação e reservou uma passagem simples, só de ida, para Rangoon. Sabia que Rajkumar se sentiria obrigado a acompanhá-la se soubesse de seus planos. Resolveu não contar a ele. Cuidava de seus afazeres diários como sempre. Na manhã da partida, preparou macarrão mohingya, prato favorito de Rajkumar.

Foram dar um passeio no lago e depois Rajkumar adormeceu.

Estava combinado que Uma iria com Dolly até as docas de Khidderpore.

Nenhuma das duas falou muito a caminho; havia nessa partida uma sensação de fim que nenhuma das duas conseguia aceitar. Por fim, quando Dolly estava a ponto de embarcar no navio, disse para Uma: — Sei que Jaya vai ficar bem. Tem muita gente para cuidar dela. É Rajkumar que me preocupa.

— Ele vai ficar bem, Dolly.

— Você cuida dele, Uma? Por mim.

— Cuido. Prometo.

Em Lankasuka, Rajkumar acordou e encontrou um recado em cima do travesseiro: escrito na caligrafia de Dolly. Rajkumar — no fundo do meu coração, sei que Dinu está vivo e que vou encontrar com ele. Depois, devo ir a Sagaing, como faz tanto tempo que quero. Saiba que nada neste mundo vai ser mais difícil que renunciar a você e à lembrança do nosso amor. Dolly.

Ele nunca mais a viu.



Como única criança na casa, Jaya controlava Lankasuka enquanto estava crescendo. Sua tia Bela vivia no andar de cima, no quarto que havia herdado depois da morte dos pais. Nunca se casou e as tarefas de cuidados diários com Jaya cabiam a ela: era geralmente em seu apartamento que Jaya dormia e comia.

Mas Rajkumar nunca estava a mais de um lance de escada de distância: depois da partida de Dolly, ele continuou morando no andar térreo do apartamento de Uma. Tinha um quartinho próprio perto da cozinha, mobiliado apenas com uma cama e duas estantes.

O único objeto não essencial no quarto de Rajkumar era um rádio — um antiquado Paillard de gabinete de madeira e grade coberta de tecido.

Rajkumar sempre fazia sua sesta com o rádio ligado — era Jaya quem geralmente desligava o aparelho, ao voltar da escola. Era o silenciar do rádio que sempre acordava Rajkumar de sua soneca. Ele se sentava, recostado no travesseiro, e acomodava a neta a seu lado. Quando passava os braços em torno dos ombros de Jaya, ela desaparecia na curva de seu cotovelo; suas mãos eram enormes, a pele muito escura, riscada por veias de cor mais clara. Os pelos brancos nos dedos ressaltavam em incrível contraste. Ele fechava os olhos e os vazios de seu rosto se enchiam de rugas coriáceas. E então ele começava a falar; histórias jorravam dele — de lugares aonde Jaya nunca tinha ido, que nunca tinha visto; de imagens e

cenar que eram tão vívidas a ponto de transbordar a medida da realidade para o oceano de sonhos. Jaya vivia nessas histórias.

O recanto favorito de Rajkumar era um pequeno templo budista no centro da cidade, um lugar que Dolly também gostava de visitar, no passado. Era ali que a comunidade birmanesa de Calcutá se reunia, e, em ocasiões especiais, Rajkumar levava Jaya com ele. O templo ficava no quarto andar de um velho prédio dilapidado, numa área em que as ruas eram tomadas por tráfego e o ar denso de fumaça de diesel. Atravessavam a cidade de ônibus e desciam no ponto do Hospital Eden. Subiam a escadaria de mármore sujo e, quando chegavam ao alto, entravam num saguão que parecia um mundo à parte dos arredores: cheio de luz, perfumado com o aroma de flores frescas, os pisos brilhando de limpos. No chão havia esteiras tecidas em padrões distintos: diferentes das indianas, embora ao mesmo tempo similares.

O templo era sempre mais animado durante os grandes festivais birmaneses — Thingyan, o festival da água que inaugurava o Ano-novo birmanês; Waso, que marcava o começo de Thadin, o período anual de três meses de jejum e abstinência; e Thadingyut, o festival da luz, que celebrava seu final.

Uma vez, quando Jaya tinha 10 anos, Rajkumar levou-a ao templo para o Thadingyut. O templo estava cheio de gente; mulheres circulando com seus longyis, preparando um banquete; as paredes reluziam com as luzes tremulantes de centenas de lamparinas e velas. De repente, no meio do barulho e da agitação, fez-se um silêncio. Correram sussurros pela sala: — A Princesa... a Segunda Princesa está descendo a escada...

A Princesa entrou e as respirações aceleraram, cotovelos cutucaram; os que sabiam como fizeram o shiko. A Princesa usava um htamein escarlate com uma espécie de faixa; estava com quase 70 anos, o cabelo grisalho preso na nuca, num coque pequeno e severo. Era minúscula, com um rosto gentil e olhos pretos,

cintilantes. Também vivia na Índia na época, na estação montanhosa de Kalimpong. Sabia-se que em condições extremamente difíceis.

A Princesa trocou algumas gentilezas graciosas com as pessoas em torno.

Depois, seus olhos pousaram em Rajkumar e seu rosto franziu-se num sorriso carinhoso, caloroso. Ela interrompeu a conversa; a multidão se abriu e ela atravessou a sala devagar. Todos os olhos do templo estavam agora em Rajkumar. Jaya sentiu-se inchar de orgulho por seu avô.

A Princesa cumprimentou Rajkumar calorosamente em birmanês; Jaya não entendia nem uma palavra da conversa, mas ficou olhando o rosto deles cuidadosamente, estudando a mudança de suas expressões, sorrindo quando sorriam, franzindo a testa quando ficavam graves. Então, Rajkumar apresentou-a: — E esta é minha neta...

Jaya nunca vira antes uma princesa e não sabia o que fazer. Mas não deixava de ter seus recursos; lembrou-se de um filme que vira recentemente — era A Bela Adormecida ou Cinderela? — e esboçou um começo de reverência, levantando a beira do vestido preso entre polegar e indicador. Foi recompensada por um abraço da Princesa.

Depois, as pessoas se reuniram em torno de Rajkumar, se perguntando por que ela o tinha escolhido.

— O que Sua Alteza disse? — perguntaram. — Como ela conhece o senhor? — Ah, conheço a Princesa a minha vida inteira — Rajkumar disse, desajeitado.

— É mesmo? — É. A primeira vez que vi a Princesa foi em Mandalay, e ela devia ter seis meses de idade.

— Ah. E como foi isso? E então Rajkumar começava desde o começo, voltava ao dia, mais de sessenta anos atrás, em que ouvira

o som do canhão inglês rolando pelas planícies para atingir as muralhas do forte de Mandalay.

Num canto sossegado de Lankasuka, havia um nicho que servia de altar para os pais de Jaya e seu tio Arjun. Havia no nicho duas fotografias emolduradas: uma delas era de Manju e Neel, tirada no casamento deles — os dois estavam olhando surpresos o fogo sacramental. O manto de cabeça do sári de Manju havia caído momentaneamente. Estavam sorrindo, os rostos brilhantes, radiantes. A fotografia de Arjun havia sido tirada na estação Howrah: ele estava de farda, rindo. Havia um segundo rosto claramente discernível por cima de seu ombro: Bela contou a sua sobrinha que era o ordenança de seu tio, Kishan Singh.

Três vezes por ano, Bela e Jaya celebravam uma pequena cerimônia no altar. Punham guirlandas para as fotografias e acendiam incenso. Bela entregava flores a Jaya e ensinava-a a prestar respeitos a sua mãe, seu pai e Arjun, o tio que não conhecera. Mas quando Bela acendia os bastões de dhoop, havia sempre quatro maços, não três. Sem precisar perguntar, Jaya sabia que o feixe extra era para Kishan Singh: ele também entre os seus mortos.

Só quando Jaya tinha 10 anos de idade, já consciente de um interesse cada vez maior por câmeras e fotografias, foi que lhe ocorreu perguntar à tia sobre as fotos e quem as tinha tirado.

Bela ficou surpresa.

— Achei que sabia — disse, perplexa. — Foram tiradas por seu tio Dinu.

— E quem é esse? — disse Jaya.

Foi assim que Jaya ficou sabendo que tinha um segundo tio por parte de pai — um tio que não era lembrado porque seu destino era incerto. Em Lankasuka, ninguém nunca falava de Dinu — nem Rajkumar, nem Uma, nem Bela. Ninguém sabia o que acontecera com ele. Sabia-se que tinha ficado em Morningside até as últimas

semanas de 1942. Em algum momento depois disso, partira para a Birmânia. Nunca mais se ouviu falar dele. Em particular, todo mundo desconfiava que teria sido mais uma vítima da guerra, mas ninguém queria ser o primeiro a dar voz a esse medo e o resultado era que nunca se pronunciava o nome de Dinu na casa.



Até o fim da década de 1940, as sombras da Segunda Guerra Mundial pairavam sobre a Birmânia. Primeiro ocorreram prolongados conflitos civis e um levante comunista de larga escala. Depois, em 1962, o general Ne Win tomou o poder com um golpe e o país ficou sujeito ao caprichos bizarros, maníacos, de seu ditador: a Birmânia, "a dourada", passou a ser sinônimo de pobreza, tirania e mau governo. Dinu estava entre os muitos milhões desaparecidos nas trevas.

Até o dia de seu casamento, Jaya viveu em Lankasuka com Bela, Uma e Rajkumar. Casou-se jovem, aos 17 anos. Seu marido era um médico, dez anos mais velho. Estavam muito apaixonados e um ano depois do casamento tiveram um filho. Mas quando o menino tinha 2 anos, a tragédia se abateu sobre eles: o pai foi morto em um acidente de trem.

Logo depois, Jaya mudou-se para Lankasuka. Com o apoio da tia Bela, entrou na Universidade de Calcutá, formou-se e arrumou emprego como professora universitária. Trabalhava duro para dar a seu filho uma boa educação. Ele frequentou as melhores escolas e faculdades da cidade e aos 22 anos ganhou uma bolsa de estudos e foi para o estrangeiro.

Agora, pela primeira vez em anos, Jaya tinha tempo disponível. Retomou seu trabalho numa tese de doutoramento muito protelada, sobre a história da fotografia na Índia.

Em 1996, a faculdade de Jaya mandou-a para fazer uma conferência de história da arte na Universidade de Goa. Na viagem, ao trocar de aviões no aeroporto de Bombaim, foi surpreendida por uma das piores experiências de aeroportos: ao chegar no balcão de embarque, foi informada de que seu avião estava com excesso de lotação. Se quisesse ter certeza de um lugar, teria de esperar pelo menos dois dias; a alternativa era a companhia aérea pagar sua passagem de ônibus ou de trem.

Jaya foi a outro balcão, brandindo seu bilhete. Viu-se no fim de uma longa fila de gente furiosa; estavam todos gritando o mesmo refrão ao arrendente: — Mas nós temos reserva...

Jaya era de constituição e estatura medianas. Tinha cabelo ralo e grisalho e parecia exatamente o que era — uma despretensiosa e muito retraída professora de faculdade que muitas vezes tinha dificuldades para manter a disciplina na classe. Sabia que não adiantava juntar sua voz ao coro de indignação: onde outros haviam sido recusados, ninguém como ela conseguiria prevalecer. Resolveu pegar o trem.

Bombaim não era uma cidade que Jaya conhecesse bem. Pegou o vale-passagem e foi para a estação Shivaji em um ônibus da companhia aérea. Comprou o horário da ferrovia e descobriu que o primeiro trem só partiria muitas horas depois. Comprou o bilhete e resolveu sair para dar um passeio. Guardou a bagagem no balcão de depósito e saiu da estação.

Era fim da tarde, começo da hora do rush; permitiu-se ser levada pela multidão.

Depois de algum tempo, viu-se diante das portas coloridas de uma galeria de arte com ar-condicionado. Seu hálito formou um halo nebuloso no vidro verde, frio. Havia um cartaz na porta, anunciando uma exposição do trabalho recém-descoberto de uma pioneira da fotografia nos primeiros anos do século, uma mulher parse até então desconhecida. No alto do cartaz havia uma pequena

imagem, uma reprodução reduzida por computador de uma das fotos da exposição — um grupo de quatro figuras sentadas.

Alguma coisa na foto chamou a atenção de Jaya. Abriu a porta. A galeria estava muito fria e quase vazia. Lá estavam o porteiro mal-humorado de sempre encarapitado num banquinho e, atrás de uma mesa, uma mulher de aspecto entediado com sári de seda e um brilhante no nariz.

— Pode, por favor, me mostrar a foto que está no cartaz? A mulher devia ter ouvido uma nota de excitação na voz de Jaya porque se levantou depressa e levou-a para o outro lado da galeria.

— Esta aqui? Jaya fez que sim com a cabeça. A imagem estava ampliada em tamanho grande, maior que um pôster, quando a versão de que se lembrava não era maior que um postal. Conhecia aquela imagem desde que nascera, mas estava olhando para ela agora como se fosse a primeira vez. A foto havia sido tirada no jardim da Residência do Coletor. Quatro cadeiras arrumadas em semicírculo no gramado bem cuidado. Uma e o marido estavam no centro do grupo e, sentados um de cada lado deles, estavam Dolly e Rajkumar.

Atrás deles, via-se um jardim em terraços, descendo pela encosta íngreme. Havia várias pessoas silhuetadas na sombra a meia distância, em poses cuidadosamente arranjadas — criadas, cavaleiros e jardineiros, todos equipados com os instrumentos de suas diversas ocupações: foices, enxadas, chicotes. No fundo, tomando a parte superior do quadro, uma paisagem — tão ampla e dramática que parecia um telão pintado: um rio circundando uma montanha e se abrindo em estuário, uma linha de penhascos verticais sobre o mar espumoso, uma praia ladeada por palmeiras deslizando suavemente para a baía ensolarada.

O Coletor estava em primeiro plano, magro e elegante, com um terno de linho de três botões. Estava sentado na ponta da cadeira, como um pássaro alerta, a cabeça inclinada num ângulo

rígido e ligeiramente desconfiado. Uma, por outro lado, parecia muito à vontade. Havia certo equilíbrio e segurança em seu porte, na maneira como a mão repousava leve sobre os joelhos. Usava um sári simples, de cor clara, com barrado bordado; a ponta colocada como um xale sobre a cabeça. Os olhos eram grandes, de pestanas compridas, o rosto generoso, mas forte também: Jaya se lembrava bem de sua infância. Pensando bem, que estranho que a aparência de Uma tivesse mudado tão pouco ao longo de sua vida.

A dona da galeria interrompeu essas reflexões.

— Acredito que a senhora conheça esta foto — disse.

— Conheço, sim. A mulher no centro é minha tia-avó. O nome dela é Uma Dey.

E então Jaya observou um detalhe.

Olhe disse —, veja como ela usava o sári.

A dona da galeria inclinou-se para examinar a foto.

— Não vejo nada de especial. Todo mundo usa o sári assim.

— Hoje em dia — disse Jaya. — Uma Dey foi uma das primeiras mulheres na Índia a usar um sári desse jeito.

— De que jeito? — Do jeito que estou usando o meu, por exemplo; ou o seu.

A mulher franziu a testa.

— Foi sempre assim que se usou o sári — disse, firme. — O sári é uma roupa muito antiga.

— É, sim — disse Jaya, baixo —, mas não o jeito de usar. O estilo contemporâneo de usar o sári com uma blusa e uma anágua não tem nada de antigo. Foi inventado por um homem na época do Raj britânico.

De repente, através dos anos, ouviu a voz de Uma explicando a evolução do uso do sári. Jaya ficou emocionada, depois de tantos anos, de lembrar como ficara assombrada ao ouvir a história. Imaginava que os sáris eram parte da ordem nacional das coisas no universo indiano, originários da mais imemorial

antiguidade. Tinha sido um choque descobrir que a roupa tinha uma história criada por gente de verdade, pela volição humana.

Ao sair da galeria, Jaya parou para comprar um postal que reproduzia a foto. Nas costas havia uma breve nota explicativa: dizia que Ratnagiri ficava entre Bombaim e Goa. Num impulso, Jaya puxou o horário de trens de dentro da bolsa: viu que seu trem estava marcado para parar em Ratnagiri a caminho de Goa. Ocorreu-lhe que podia muito bem parar lá por uma noite ou duas: a conferência não seria senão dentro de dois dias.

Jaya saiu da galeria e entrou num restaurante iraniano. Pediu chá e sentou para pensar. De repente, estava tomada pela ideia de ir a Ratnagiri: sempre pensara em ir e sempre encontrara razões para deixar para depois. Mas talvez agora fosse o momento: a foto na galeria parecia ser uma espécie de indicação — quase um sinal. Ratnagiri era o lugar onde a sua própria história, muito particular, tivera sua origem — mas a ideia de ir até lá a inquietava, agitava sedimentos esquecidos de ansiedade e inquietação.

Sentiu necessidade de conversar com alguém. Pagou a conta e saiu. Abriu caminho pela multidão e andou pela rua até uma cabine de telefone interurbano. Entrou, discou para seu próprio número em Calcutá. Depois de dois toques sua tia atendeu.

— Jaya? Onde você está? Em Bombaim...

Jaya explicou o que tinha acontecido. Enquanto falava, visualizou a tia parada junto ao telefone preto lascado de seu quarto, a testa franzida ansiosamente, os óculos de leitura de aro dourado escorregando pelo nariz fino e comprido.

— Estou pensando em passar umas duas noites em Ratnagiri — Jaya disse. — Meu trem vai parar lá a caminho de Goa.

Houve um silêncio. Depois, ouviu a voz e Bela, falando serena ao telefone.

— Isso, claro que deve ir; devia ter ido anos atrás.

A paisagem em Ratnagiri era absolutamente tão espetacular quanto Jaya imaginara. Mas ela logo descobriu que pouco restava dos lugares de que tinha ouvido falar quando criança, O píer de Mandvi era uma ruína caindo aos pedaços; o templo Bhagavati, um dia apenas uma torre e um altar, era agora uma alta massa de concreto caído; a Casa Outram, onde o Rei Thebaw e seu séquito tinham vivido durante 25 anos, havia sido demolida e reconstruída. Ratnagiri em si não era mais a pequena cidade provinciana do tempo de Thebaw. Era uma cidade movimentada, com indústrias aglomeradas por todos os lados.

Mas o estranho era que através de tudo isso a cidade, de alguma forma, conseguira manter o Rei Thebaw e sua memória vibrantes e vivos.

Thiba-Raja era onipresente em Ratnagiri: seu nome estava gravado em placas e cartazes, em esquinas, restaurantes, hotéis. O Rei tinha morrido há mais de oitenta anos, mas nos bazaars as pessoas falavam dele como se o tivessem conhecido pessoalmente. De início, Jaya achou isso tocante e depois profundamente comovente — que um homem como Thebaw, tão profundamente intransportável, fosse ainda tão ricamente amado na terra de seu exílio.

A primeira descoberta de Jaya foi o local da Residência do Coletor — o lugar onde Uma tinha vivido. Por acaso, ficava bem na esquina de seu hotel, no alto de uma encosta que dava para a baía e a cidade. O prédio era propriedade do governo e cercado por um muro alto e impeditivo. O morro — densamente arborizado na época de Uma — tinha sido desmatado e o resultado era uma vista ainda mais dramática que antes, um vasto panorama de rio, mar e céu. Ratnagiri se espalhava lá embaixo, o modelo perfeito da cidade distrital da colônia, com uma linha invisível separando seus aglomerados bazaars da "Catechueira" — o prédio vitoriano que abrigava as cortes distritais e os escritórios.

Impaciente para dar uma olhada na residência do Coletor, Jaya empilhou uns tijolos junto ao muro do prédio e subiu para olhar lá dentro.

Descobriu outra decepção à sua espera: o velho bangalô tinha desaparecido, com seu pórtico grego, gramado em declive e jardins em terraço. O terreno estava dividido para acomodar várias casas menores.

Jaya ia descer quando foi abordada por um guarda armado.

— Você aí — gritou ele. — O que é isso? Desça daí.

Foi correndo até ela e disparou uma série de perguntas: quem era ela? De onde? O que estava fazendo ali? Para distraí-lo, ela pegou o postal que comprara na galeria em Bombaim.

Conseguiu exatamente o efeito que esperava. O guarda olhou a foto e levou-a adiante na rua, até um mirante numa língua de terra projetada sobre o vale.

— Aquele é o rio Kajali — disse, apontando —, e lá está a praia Bhate.

Então, começou a fazer perguntas sobre as pessoas na foto — o Coletor, Uma. Quando apontou Rajkumar com o dedo, riu.

— E olhe esse cara — disse. — Parece dono do lugar.

Jaya olhou a foto mais de perto. Viu que havia de fato um porte altivo na cabeça de Rajkumar, embora, por outro lado, ele parecesse bem cerimonioso. Seu rosto era maciço, de queixo pesado, os olhos graves; parecia gigantesco ao lado da forma esguia, miúda do Coletor. Estava usando calça escura, paletó de linho e camisa de colarinho redondo. A roupa não era tão elegante, nem tão bem cortada quanto a do Coletor, mas ele parecia muito mais à vontade; as pernas cruzadas com negligência, uma cigarreira de prata fininha em uma das mãos. Segurava-a como se fosse uma carta de baralho, presa entre o indicador e o polegar.

— Esse era meu avô — Jaya disse à guisa de explicação.

O guarda já perdera o interesse em Rajkumar. Seus olhos iam sempre para Dolly, sentada em seu canto ao lado de Uma, o corpo meio virado para longe da câmara como se quisesse se defender de seu olhar.

Dolly usava um longyi de seda verde e blusa branca. O rosto era comprido e magro, com a estrutura de ossos finos desenhada sob a pele. O cabelo estava amarrado para trás, mas uma única mecha havia escapado, pendendo da têmpora. Não usava nenhuma joia, mas tinha um ramo de flores, jasmims brancos, preso acima de uma orelha. Nas mãos, segurava uma guirlanda de jasmims brancos.

— Ela é muito bonita — disse o guarda.

— É — disse Jaya. — Todo mundo dizia que sim...

O dia seguinte era o último de Jaya em Ratnagiri. No fim da tarde, alugou um riquixá motorizado e pediu ao ciclista para levá-la à praia Bhate. Ele atravessou a cidade, passou os prédios de tijolos vermelhos da escola secundária e da faculdade, atravessou a ponte que cruzava o estuário, até uma praia no lado sul da baía. À distância, o sol inchava a ponto de preencher a boca da baía, aumentando ainda mais ao mergulhar no horizonte. A areia era cor de cobre e descia numa suave inclinação para dentro da água. Coqueiros cresciam fortes ao longo da praia, os troncos inclinados pelo vento. Na linha em que a areia se transformava em solo havia um denso acúmulo de relva emaranhada, conchas e algas ressecadas.

Foi ali, escondido pela relva, que Jaya encontrou o que estava procurando — um pequeno memorial de pedra de seu tio— avô, o Coletor. As letras gravadas estavam rasas pela ação conjunta do vento, da água e da areia. A luz era suficiente ainda para ler a inscrição. Dizia: "Em memória de Beni Prasad Dey, Esquire, Coletor Distrital, 1905-1906." Jaya levantou-se para olhar a praia batida pelo vento descendo suavemente até as ondas. A areia vermelha tinha ficado cinzenta com o pôr do sol. Uma lhe dissera, muito tempo

antes, que se andasse numa linha reta do memorial de pedra para a água, passaria pelo ponto exato em que o corpo do Coletor havia sido encontrado, junto com os restos da canoa naufragada.

41



Quando voltou para Calcutá, Jaya começou a examinar a vasta coleção de documentos e papéis que Uma havia deixado para ela em seu testamento.

Jaya às vezes brincava com a ideia de escrever uma biografia da tia-avó; um importante editor tinha até lhe oferecido um contrato uma vez. Jaya sabia que tinha havido um renovado interesse por Uma recentemente, como uma figura política pioneira. Uma biografia devia aparecer logo — e ela detestava pensar que fosse assinada por outro nome.

Jaya levou vários dias para organizar os papéis de Uma, muitos dos quais tinham sido roídos por insetos. O estranho é que quanto mais lia, mais se via pensando em Rajkumar. Era como se, a esse respeito, hábitos associativos de raciocínio da infância tivessem permanecido nela.

Durante todos os anos em que o conhecera, seu avô vivera no andar de baixo, numa pequena antessala no apartamento de Uma. Não havia nenhuma possível proximidade nesse arranjo: a posição de Rajkumar na casa ficava compreendida em algum ponto entre a de parente pobre e empregado. Mas a geografia da casa sendo como era, significava que, para Jaya, pensar em um era pensar no outro: quando descia para ver o avô, isso queria dizer ver também a tia-avó.

Jaya sentiu-se inundada por lembranças. Lembrava particularmente do tom de voz em que Rajkumar dizia, várias vezes

por dia: "Ah, a Birmânia — ora, a Birmânia era a terra dourada..." Lembrava de como ele gostava de fumar charutos de tipo birmanês — mais compridos e mais grossos que bidis, mas não tão escuros, nem tão grandes quanto charutos comuns. Não era fácil encontrar charutos desse tipo na Índia, mas havia certos substitutos que Rajkumar considerava aceitáveis. Não longe de Lankasuka, havia uma loja de paan que vendia esses charutos. Jaya às vezes ia até a loja com seu avô. Lembrava-se de como ele apertava os olhos ao acender um charuto. Depois, soltava uma grande nuvem de fumaça cinzenta e começava: "Ah, a Birmânia — ora..." O paan-wallah dono dessa loja era mais irascível que a maioria. Jaya lembrava de uma ocasião em que ele atirou a Rajkumar: "Sei, sei, não precisa repetir. A sua Birmânia é tão dourada que dá para colher pepitas nos peidos dos outros..." Lembrou-se agora que ia com Rajkumar visitar o templo birmanês do norte de Calcutá. Lembrou das pessoas que se reuniam lá — muitas delas indianos, gente que tinha saído da Birmânia em 1942. como Rajkumar.

Havia gujaratis, bengaleses, tâmiles, sikhs, eurasionos. No templo, todos falavam birmanês. Alguns tinham se dado bem depois da partida, construído novos negócios, feito novas casas para si; outros dedicavam-se aos filhos e netos — muito semelhante à maneira como Rajkumar construía uma nova vida em torno de Jaya. Nem todos que iam ao templo eram budistas por nascimento ou convicção. Iam porque era um dos lugares onde tinham certeza de encontrar outros como eles próprios; gente a quem podiam dizer "a Birmânia é uma terra dourada", sabendo que os ouvintes conseguiriam passar essas palavras pelo filtro do exílio, peneirando suas nuances específicas. Lembrava de como tinham sede de notícias da Birmânia — queriam saber dos que haviam ficado para trás. Lembrava da agitação que cercava novas chegadas; como sitiavam com perguntas: "E a...?", "...soube alguma coisa de fulano?".

Rajkumar era sempre o mais barulhento dos perguntadores, tirando vantagem de sua voz poderosa para gritar perguntas — perguntas sobre alguém de nome birmanês; alguém que ela não sabia ser seu tio até Bela lhe contar aos 10 anos de idade — seu tio Dinu, que não conheceria.

Essas lembranças provocaram uma nova cadeia de pensamento. Jaya deixou de lado os papéis de Uma e pegou uma pasta dela própria — os velhos recortes que havia compilado ao longo dos últimos nove anos. Começara o arquivo em 1988, ao ler sobre o nascimento do movimento democrático em Rangoon. Esses acontecimentos reaceceram um interesse dormente pela terra de seu nascimento. Acompanhara a emergência da líder do movimento, Aung San Suu Kyi, e recortara muitos artigos de jornais e revistas. Em agosto de 1988, quando a junta militar contra-atacou, prendeu Aung San Suu Kyi e deu início a uma selvagem campanha de repressão, Jaya passou noites acordada ouvindo a BBC.

Comprou panfletos que descreviam o derramamento de sangue que se seguiu: fuzilamentos em massa, prisões, dispersão dos ativistas.

Agora, ao rever o conteúdo amarelecido de sua pasta, uma fotografia de revista chamou a atenção de Jaya: uma foto de Aung San Suu Kyi.

Ocorreu-lhe que havia algo diferente naquela fotografia; tinha uma qualidade que a destacava da maioria das ilustrações de revista. O fotógrafo captara o rosto fino de Aung San Suu Kyi em um momento de tranquila reflexão; havia alguma coisa no enquadramento da foto que lembrava as fotos de moldura de prata da cômoda de Bela.

Jaya olhou a linha de letras pequenas no alto da imagem. O crédito dizia que a foto era de um certo U Tun Pe. Repetiu o nome em voz alta e alguma coisa se moveu nos sedimentos solidificados de sua memória. Levantou-se e foi ao quarto de Bela.

— Lembra do nome birmanês de Dinu-kaka?

— Deixe eu ver... — Bela pensou, passando os dedos pelo cabelo branco, cortado curto. — Era Tun... alguma coisa. Claro, na Birmânia o prefixo muda quando se fica mais velho. Para a mulher muda de Ma para Daw e para o homem de Maung para Ko e depois U. Então, se ele estivesse vivo hoje, seria U Tun... Algo assim, pelo menos.

Jaya mostrou a foto e apontou a linha de crédito.

— Poderia ser isto?

Bela franziu o nariz e apertou os olhos atrás dos óculos de aro dourado.

— U Tun Pe? Deixe eu ver... — Resmungou baixinho: — Ko Tun Pe... U Tun Pe... Ora, claro! Parece certo... — Revirou o recorte na mão. — Mas quando esta foto foi tirada?

— Em 1988.

Bela apertou os lábios.

— Sei o que está pensando, Jaya. Mas não se anime muito. Pode ser outra pessoa. Na Birmânia, milhares de pessoas têm o mesmo nome. E, de qualquer modo, Dinu teria 74 anos em 1988. Quer dizer, teria 82 agora, se estivesse vivo. E ele nunca foi forte, com aquela perna. É muito pouco provável...

— Você deve ter razão — disse Jaya pegando de volta a foto. — Mas mesmo assim tenho de descobrir. Para ter certeza.

Foi Bela quem forneceu a Jaya a pista seguinte. Deu-lhe um nome: Ilongo Alagappan.

— Tente encontrar esse homem; se alguém pode saber onde está Dinu, vai ser ele.

Durante os últimos dois anos, para poder manter contato com o filho, Jaya havia se familiarizado com o e-mail e com a Internet. Tinha uma conta em um centro comercial de computadores e da próxima vez que foi até lá comprou meia hora na Web. Primeiro, digitou uma busca com as palavras "U Tun Pe".

Não encontrou nada. Descansou os dedos no teclado e respirou fundo. Depois, digitou as palavras "Ilongo Alagappan" e tocou a tecla "enter". O programa de busca vibrou como um cachorro que encontrou uma trilha.

Durante um longo minuto enervante, um ícone ficou piscando no monitor.

De repente, a tela vibrou de novo e apareceu uma mensagem: as listas de entradas para "Ilongo Alagappan" somavam 560 itens. Jaya levantou da cadeira e foi até a mesa do gerente.

— Acho que vou precisar de mais uma hora. Talvez duas...

Voltou a seu lugar e começou pelo item número 1. Foi copiando os parágrafos num arquivo separado. Descobriu que Ilongo era uma figura de destaque na política malaia; tinha sido ministro do governo e recebera o título honorífico de "Dato". Sua carreira tivera início na guerra, quando os seringueiros começaram a formar sindicatos. Muitos passaram a ter uma atividade política, e Ilongo foi um deles; em poucos anos, havia se tornado um dos mais importantes sindicalistas do país — uma espécie de lenda das plantações. Fundara uma cooperativa e levantara dinheiro suficiente para comprar a plantação Morningside. Isso aconteceu numa época em que os preços da borracha caíram e milhares de trabalhadores estavam perdendo os empregos. Ele fora responsável por transformar a Morningside em um carro-chefe do movimento cooperativista. Os sindicatos de seringueiros transformaram-se numa excepcional história de sucesso: havia serviços de saúde, pensões, um programa educacional, projetos de reciclagem de trabalhadores.

Um dos itens da tela trazia uma página da Web da Cooperativa Morningside. Jaya resolveu arriscar. Entrou no site e deixou uma mensagem para Ilongo. Apresentou-se, disse que estava recolhendo material para um livro — sobre sua tia-avó Uma e seu avô Rajkumar.

Queria muito entrevistá-lo, escreveu; agradeceria a atenção de uma resposta.

No dia seguinte, recebeu um telefonema do gerente do centro de computadores. Ele estava muito excitado.

— Boas notícias, ditli! Mensagem para a senhora! Da Malásia! Ficamos tão contentes! Alguém vai mandar uma passagem de avião para a senhora...

Era tão grande a semelhança de Ilongo com Rajkumar que quando o viu pela primeira vez na estação ferroviária de Sungei Pattani Jaya sentiu se arrepiarem os cabelos da nuca. Como Rajkumar, a constituição física de Ilongo era de proporções generosas: era alto, de ombros largos, muito escuro, e tinha também uma substancial barriga, do tipo produzido não por letargia, mas sim por excesso de energia — a barriga dele era como um tanque extra de combustível amarrado do lado de fora de um caminhão.

O cabelo era branco e despenteado e ele o tinha em grande quantidade por todo o corpo — nos braços, no peito, nos dedos das mãos: a brancura formava um contraste surpreendente com a cor da pele. Seu rosto, como o de Rajkumar, tinha rugas profundas, com papadas e bochechas pesadas; era enorme, áspero, e parecia constituído sobretudo como uma couraça, como se a natureza o tivesse construído para sobreviver em mares profundos.

Só a sua voz surgia como uma verdadeira surpresa. Não soava nada como Rajkumar nem em inglês, nem em hindustâni. Seu inglês era nitidamente malaio — macio, temperado com interrogativas flutuantes — uma maneira de falar muito atraente e agradável.

Saíram da estação e Ilongo a conduziu a um Toyota Land Cruiser quadrado, com tração nas quatro rodas. O veículo tinha o logotipo da cooperativa que era dona de Morningside.

Entraram e Ilongo pegou uma lata chata e acendeu um charuto.

Isso acrescentou uma impressionante semelhança a Rajkumar.

— Então, fale de seu livro — disse. — Sobre o que vai ser? — Ainda não tenho certeza — disse ela. — Talvez depois de entrevistar o senhor eu tenha uma ideia melhor.

A caminho da Morningside, Ilongo contou a ela um pouco de sua carreira e da constituição da Cooperativa Morningside. Timothy Martins, irmão de Alison, tinha servido no Exército dos Estados Unidos durante a guerra, como intérprete. Estivera no Pacífico e, no final da guerra, viera a Sungei Pattani para uma breve visita. Ilongo fora encontrar com ele.

"Não vai visitar a Morningside?", perguntara. Timothy respondeu com um simples "não". Não tinha nenhuma vontade de voltar; a propriedade era um lembrete vivo de tudo o que ele queria apagar da memória — a morte dos pais, da irmã, do avô; não queria nada mais que se livrar daquilo. Além disso, não tinha interesse em administrar uma plantação. Era claro que o futuro da borracha como bem de consumo não era lá muito brilhante. A guerra havia estimulado as pesquisas; havia substitutos chegando. "Vou colocar a Morningside à venda", Timothy disse a Ilongo. "Faça todo mundo saber disso." A propriedade ficou no mercado durante quase dois anos. Não havia compradores. Timothy não era o único empresário capaz de perceber que a demanda pela borracha havia se esgotado. Por toda a Malásia, milhares de seringueiros estavam sem trabalho; havia investidores comprando as fazendas para vender a terra em pedaços menores. Por fim, Ilongo resolveu tomar a questão em suas mãos: era isso ou ver tudo jogado fora.

Passou o chapéu pedindo esmolas — quase literalmente — e por fim levantou o dinheiro.

— Aí está — Ilongo disse, orgulhoso, apontando em frente. A Morningside.

Passaram por baixo de uma placa em arco. Nela as palavras Fazenda Morningside estavam gravadas em caracteres góticos bonitos, mas apagados. Por baixo, em letras mais vivas, porém mais simples, apareciam as palavras Propriedade da Cooperativa Malaia de Seringueiros. O Gunung Jerai ficava bem em frente, o pico velado por uma densa cortina de nuvens.

A estrada subia a encosta, serpenteando pelas fileiras de seringueiras e de uma outra espécie — uma palmeira baixa e grossa. Eram palmeiras de óleo, Ilongo explicou, atualmente um investimento mais lucrativo que a borracha: a cooperativa estava aumentando a área de uma em detrimento da outra.

Jaya ficou fascinada com as palmeiras de óleo dendê: o fruto cor de laranja-amarelado ficava pendurado dos troncos atarracados, cada um do tamanho de um carneiro, O ar estava muito parado e parecia ter uma textura gordurosa. Entre as palmeiras havia casas de pássaros em cima de postes. Eram para as corujas, Ilongo explicou: os frutos ricos em óleo atraíam grande quantidade de roedores; os pássaros ajudavam a manter seu número sob controle.

Então a Casa Morningside apareceu adiante. Estava recém-pintada e tinha uma aparência brilhante, alegre: o telhado e as portas eram vermelhos, enquanto o resto da casa era verde-limão. Havia caminhões e carros estacionados na frente — debaixo do abrigo e ao longo de todo o caminho de entrada. Muita gente se movimentava por todo o local.

A casa parece muito movimentada — disse Jaya.

— E é — disse Ilongo. Gosto de pensar que está sendo bem utilizada. Eu e minha família ocupamos uma parte; o resto serve de escritório para a cooperativa. Eu não queria que a casa virasse monumento. É melhor assim: tem uma função útil.

Circundaram a casa até a entrada dos fundos. Mrs. Alagappan, esposa de Ilongo, estava à espera deles. Ela era alta, de cabelos grisalhos, vestida com um sári de seda verde. Os dois viviam sozinhos em sua parte da casa: os filhos eram adultos, todos eles "bem estabelecidos e se dando bem". Uma das filhas trabalhava para o governo; outra era médica; o filho era empresário, vivia em Cingapura.

— Agora, somos só nós dois.

Todo ano, no inverno, faziam uma viagem de navio nas férias. A casa estava cheia de lembranças de visitas à África do Sul, ilhas Maurício, Fiji, Austrália; havia uma foto dos dois dançando no salão de baile de um navio. Ela de sári de seda; ele de roupa safári cinzenta.

Mrs. Alagappan tinha preparado idlis e dosas para a chegada de Jaya.

Depois do almoço, levaram-na ao quarto de hóspedes. Ela entrou e se viu olhando a montanha pela janela aberta. As nuvens tinham desaparecido do pico. Na parede sobre a janela havia uma fotografia da mesma vista.

Jaya estacou, olhou da foto para a montanha e de novo para a foto. Ilongo estava parado atrás dela. Virou-se para ele.

— Dato? — disse. — Quem fez essa foto?

Ele sorriu.

— Quem você acha?

— Quem?

— Seu tio, Dinu.

— E o senhor tem outras fotografias dele? — Tenho... muitas. Ele deixou uma enorme coleção aqui comigo. Por isso eu queria que você viesse até aqui. Achei que ele ia gostar que ficassem com você. Eu estou ficando velho e não quero que elas sejam esquecidas.

Escrevi para Dinu perguntando o que eu devia fazer, mas nunca tive resposta...

- Então o senhor mantém contato com ele?
- Eu não diria isso, mas tive notícia dele uma vez.
- Quando?
- Ah, faz algum tempo já...

Uns cinco anos antes, Ilongo contou, a cooperativa decidira dar início a um programa para trabalhadores migrantes. A crescente prosperidade da Malásia começara a atrair muitos migrantes de toda a região. Alguns desses trabalhadores eram da Birmânia (ou Myanmar, como era chamada agora). Não era muito difícil atravessar clandestinamente de Myanmar para a Malásia: o que separava as fronteiras dos dois países eram algumas centenas de quilômetros de litoral. Entre os migrantes de Myanmar, havia alguns que tinham sido ativos no movimento pela democracia. Haviam passado à clandestinidade com o colapso de 1988 e depois decidiram fugir pela fronteira. Por acaso, Ilongo conhecera um ativista de origem indiana — um jovem estudante chamado Dinu também. Ele contou que pela última notícia que tivera de Dinu ele vivia sozinho em Rangoon — Yangon, como era chamada agora.

Durante mais de trinta anos, Ilongo ficou sabendo, Dinu estivera casado com uma conhecida escritora birmanesa. Sua esposa, Daw Thin Thin Aye, tivera um profundo envolvimento com o movimento democrático. Depois do colapso, ela e Dinu tinham sido presos. Foram libertados depois de cumprir três anos de pena. Mas Daw Thin Thin Aye contraíra tuberculose na prisão e morrera um ano depois de solta. Isso acontecera quatro anos antes, em 1992.

— Perguntei se havia algum jeito de eu entrar em contato com ele — disse Ilongo. — O rapaz me disse que não seria difícil; a junta militar impedia que Dinu tivesse telefone ou fax. Nem as cartas eram seguras, mas eram o único jeito, disse ele. Então

escrevi, mas nunca recebi resposta. Acho que alguém confiscou a carta...

— Mas então o senhor tem um endereço dele? — Jaya perguntou.

— Tenho. — Ilongo pôs a mão no bolso e tirou uma folha de papel. — Ele tem um pequeno estúdio fotográfico. Faz retratos, fotos de casamento, de grupos de pessoas. Esse tipo de coisas. O endereço é do estúdio: ele mora no andar de cima.

Entregou a ela o papel e ela o pegou. A folha estava manchada e amassada.

Ela olhou de perto, decifrando as letras. As primeiras palavras que chamaram sua atenção foram O Palácio de Espelho: estúdio fotográfico.



Poucos meses depois, Jaya se viu caminhando por uma rua sossegada e relativamente vazia em uma das partes mais antigas de Yangon. As pedras do calçamento eram irregulares e quebradas e havia mato crescendo entre as fendas. As casas da rua tinham paredes de gesso, quase todas remendadas e descoloridas. Vislumbrava quintais com árvores crescendo acima de portas. Era meados de dezembro, um dia claro, frio. Havia pouco trânsito; as crianças tinham voltado da escola, jogavam futebol na rua.

Janelas gradeadas davam para a rua de ambos os lados; Jaya pensou que era a única pessoa à vista vestida com algo que não fosse um longyi; as mulheres de sári eram poucas e calças pareciam ser usadas quase exclusivamente por policiais, soldados e homens de uniforme. Tinha a sensação de estar sendo observada por muitos olhos.

O visto de Jaya permitia-lhe ficar apenas uma semana em Myanmar. Parecia um tempo muito curto para encontrar alguém. E se Dinu estivesse visitando amigos fora, viajando? Tinha visões de pesadelo de espera em hotéis vagabundos num lugar em que não conhecia ninguém.

Antes, no aeroporto de Calcutá, se descobrira trocando olhares com seus colegas de viagem. Todos tentavam identificar os outros: por que ele ou ela estava indo para Yangon? Que tipo de negócio levaria uma pessoa a Myanmar? Todos os passageiros eram indianos, gente como ela; dava para dizer só de olhar que estavam

indo pela mesma razão que ela: procurar parentes e investigar velhas ligações familiares.

Jaya tinha batalhado para conseguir um lugar à janela no avião. Estava ansiosa para comparar suas experiências da viagem a Yangon com todos os relatos que ouvira ao longo dos anos. Mas, uma vez sentada, uma sensação de pânico baixou sobre ela. Se conseguisse encontrar Dinu, que certeza podia ter de que ele falaria com ela? Quanto mais pensava, mais os imponderáveis pareciam aumentar.

Agora, ali estava, numa rua que tinha o mesmo nome da rua do endereço. A numeração das casas era muito confusa. Havia números e frações e complicadas demarcações alfabéticas. Pequenas portas levavam a pátios que se revelavam vielas. Parou para pedir orientação numa farmácia, O homem atrás do balcão olhou o pedaço de papel na mão dela e apontou uma casa vizinha. Ela saiu e se viu diante de duas portas ao nível da rua que davam para a sala externa de uma grande casa em estilo antigo. Então notou uma pequena placa pintada à mão em cima da porta. A maior parte das letras era em birmanês, mas embaixo, quase como um remendo, havia umas poucas palavras em inglês: O Palácio de Espelho: estúdio fotográfico.

Claro que estava no lugar certo, mas a porta estava trancada e era evidente que o lugar estava fechado. Estava a ponto de voltar, decepcionada, quando viu o homem da farmácia apontando na direção de uma viela bem ao lado do Palácio de Espelho. Ela olhou pela esquina e viu uma porta que parecia fechada por dentro. Além, ficava um pátio e a entrada de uma antiga coelheira de uma casa. Olhou por cima do ombro e viu o farmacêutico gesticulando vigorosamente, aparentemente insistindo para ela passar. Jaya bateu, ninguém respondeu, então bateu mais forte na madeira com a mão aberta. De repente, as portas se abriram. Ela entrou e viu-se

em um pátio cercado. Havia duas mulheres num canto, cuidando do fogo de cozinhar. Foi até elas e perguntou: — U Tun Pe?

Elas balançaram a cabeça, sorrindo, e apontaram uma escada em espiral que dava para o andar de cima.

Jaya subiu e percebeu uma voz falando em birmanês. Era a voz de um velho, fraca e trêmula: o falante parecia estar fazendo algum tipo de discurso — uma palestra ou conferência. Falava em jatos entrecortados, as frases pontuadas por tosses e pausas. Ela chegou ao patamar que dava para o apartamento: havia dezenas de pares de chinelos e sandálias de borracha no chão. A porta do apartamento estava aberta, mas a entrada fazia um ângulo tal que não dava para enxergar dentro. Era claro, porém, que havia um grande número de pessoas reunido lá dentro, e ocorreu-lhe que podia estar topando com uma reunião política clandestina mesmo; começou a pensar se sua presença poderia constituir uma intromissão mal recebida. Então teve uma surpresa: ouviu o homem que falava pronunciar algumas palavras que não eram birmanesas; eram nomes familiares para ela na história da fotografia — Edward Weston, Eugène Atget, Brassai. Nesse ponto, a curiosidade triunfou sobre a descrição.

Tirou os sapatos e entrou pela porta.

Dentro, havia uma grande sala de teto alto: estava lotada. Uns poucos sentavam-se em cadeiras, mas a maioria estava sentada em esteiras no chão. A multidão era maior do que a sala conseguia comportar confortavelmente e, apesar da existência de vários ventiladores, o ar era quente e abafado. No extremo da sala, havia duas altas janelas com persianas brancas. As paredes eram úmidas, com manchas azuis, e partes do teto estavam manchadas de fuligem.

O orador estava sentado em uma poltrona de vime coberta com uma capa verde. A poltrona estava posicionada de forma que ele ficava de frente para a maioria dos ouvintes: ela se viu olhando

diretamente para ele, do outro lado da sala. Ele tinha o cabelo bem cortado, repartido, grisalho apenas nas têmporas. Usava um longyi púrpura e camiseta azul com algum logotipo bordado no peito. Era muito magro, a testa e as faces profundamente marcadas por rugas e fissuras que pareciam se mexer com a fluidez de ondas na água. Era um rosto muito sofisticado, perpassado pela riqueza da idade: a nobreza de suas linhas criava a impressão de uma gama de percepção e sentimento que ultrapassava muito o comum.

Pela primeira vez, Jaya pensou que nunca tinha visto uma foto de seu tio Dinu: ele estivera sempre atrás da câmera, nunca na frente. Poderia ser ele? Jaya não viu nenhuma semelhança com Rajkumar: para ela, ele parecia completamente birmanês — mas isso era verdadeiro sobre muita gente de origem indiana ou parte indiana. De qualquer forma, não podia ter certeza.

Jaya notou então que o orador segurava alguma coisa na mão — um grande pôster. Parecia usá-lo para ilustrar a palestra. Viu que era a foto de uma concha, fotografada de perto. A cauda voluptuosamente arredondada se curvava num tronco que parecia quase projetar-se para fora da superfície da foto. Ela reconheceu a reprodução como um dos náutilos monumentais de Weston.

Jaya ficou parada na porta alguns minutos sem ser notada. De repente, todos os olhos da sala voltaram-se em sua direção. Fez-se um silêncio e o lugar pareceu se encher, quase instantaneamente, com uma névoa de medo. O orador afastou o pôster e levantou-se devagar. Só ele parecia calmo e sem medo. Pegou uma bengala e veio mancando, arrastando o pé direito. Olhou o rosto dela e disse alguma coisa em birmanês. Jaya sacudiu a cabeça e tentou sorrir. Ele viu que era estrangeira e ela quase escutou o suspiro de alívio que deu.

— Pois não — disse ele, baixo, em inglês. — Em que posso servi-la? Jaya estava a ponto de perguntar por U Tun Pe, mas mudou de ideia. Disse: — Estou procurando Mr. Dinanath Raha...

As rugas de seu rosto pareceram cintilar, como se uma lufada de vento soprasse de repente sobre um lago.

— Como sabe esse nome? — perguntou. — Há muitos e muitos anos não ouço esse nome ser usado.

— Sou sua sobrinha — disse. — Jaya, filha de seu irmão...

— Jaya!

Jaya se deu conta de que haviam, de alguma forma, mudado de língua, e ele estava agora falando em bengalês. Deixou cair a bengala, pôs a mão em seu ombro e olhou atentamente para ela, como se buscasse confirmar sua identidade.

— Venha, sente ao meu lado — disse, a voz baixando para um sussurro. — Faltam só mais alguns minutos.

Jaya ajudou-o a voltar para a poltrona e sentou-se de pernas cruzadas no chão enquanto ele retomava a palestra. Estava agora de frente para a plateia de Dinu e viu que consistia de uma mistura variada de pessoas, jovens e velhas, moças e rapazes, homens e mulheres. Eram todos birmaneses, mas alguns pareciam de origem indiana, alguns de origem chinesa. Alguns estavam bem vestidos, outros vestiam rebotalhos. Havia um estudante com um gorro preto etiquetado Giorgio Armani e, num canto, um grupo de três monges de mantos cor de açafraão. Todos ouviam Dinu com grande atenção; alguns anotavam.

A sala era circundada por estantes com portas de vidro. Nas paredes, havia dezenas, talvez centenas de reproduções fotográficas que pareciam ter sido recortadas de livros e revistas. Algumas tinham molduras de madeira; outras estavam pregadas em papelão. Ela reconheceu várias; eram reproduções de fotografias bem conhecidas: lá estava a famosa imagem da concha de Weston; uma de Cartier-Bresson das mulheres de véu agrupadas num morro da Caxemira; havia uma foto de Raghbir Singh de uma velha casa de Calcutá.

Num canto da sala, havia uma mesa brilhantemente decorada. Acima dela, um cartaz pintado à mão dizia: "Feliz Aniversário." Na mesa, copos de papel, comidas, presentes embrulhados...

Ela gostaria de saber o que estava acontecendo.

A palestra de Dinu terminou com uma louca explosão de vivas e risos. Ele sorriu e virou-se para ela, desculpando-se por mantê-la esperando.

— Você me pegou no meio da minha sessão semanal... Chamo isto aqui de dia do palácio de espelho.

— Não foi uma longa espera — disse ela. — Do que estava falando? — De imagens... de fotografia... do que me vem à cabeça. Eu só dou início; depois é a vez dos outros. Escute. — Ele sorriu e olhou em torno da sala: estava cheia do ruído de dezenas de conversas diferentes. Ao fundo, um punhado de gente enchia balões.

— É uma aula? — ela perguntou. — Um curso?

— Não! — Ele riu. — Eles simplesmente vêm... uma vez por semana... alguns são novos, outros já estiveram aqui antes. Alguns são estudantes, alguns são artistas, alguns aspiram ser fotógrafos... Claro que a maioria não tem dinheiro para comprar uma câmera; você sabe como nós somos pobres em nossa Myanmar — ele riu satiricamente ao dizer a palavra —, e, mesmo que tivessem, não iam poder pagar o filme, a revelação, as cópias... Mas alguns têm dinheiro, talvez os pais sejam contrabandistas, empreiteiros, ou coronéis... Eu não pergunto... É melhor não saber. Tiram fotos e trazem para mim aqui... Eu passo por todos e discuto... Ou então me trazem cópias de velhas fotografias e discutimos por que são boas ou não. O Palácio de Espelho é o único lugar em Yangon onde se pode ver coisas assim... obras de arte contemporânea... — Levantou a bengala e apontou as estantes. — Livros, revistas... são muito difíceis, quase impossíveis de encontrar por causa da

censura. Aqui é um dos poucos lugares onde podem ser encontrados. As pessoas sabem, então vêm...

— Como você compra esses livros? — ela perguntou.

— É difícil... — Ele riu. — Fiz amizade com os catadores de papel e com as pessoas que reviram o lixo. Disse para eles o que eu queria e eles guardam para mim. Os estrangeiros que vivem em Yangon, diplomatas, funcionários de ajuda humanitária, gente assim, tendem a ler muito... não têm muito mais o que fazer, sabe... são vigiados o tempo todo... Trazem livros e revistas com eles e de quando em quando jogam fora... Felizmente os militares ainda não tiveram imaginação para controlar o lixo deles... Essas coisas acham um jeito de chegar até nós. Todo o conteúdo dessas estantes foi recolhido, um a um, por catadores. Às vezes penso como os donos originais ficariam perplexos se soubessem... Levou um longo tempo... Então a notícia correu e as pessoas começaram a vir... elas vieram, olharam e muitas vezes não entendiam o que viam, então vinham me perguntar e eu dava a minha opinião. Primeiro só para umas poucas pessoas, depois mais... e mais. Agora, elas vêm toda semana... Mesmo quando eu não estou, elas vêm... alguém fala... elas olham as fotos... Os que podem dão uma contribuição: para o chá, os doces, os petiscos. Quem não pode não dá... ninguém nunca é mandado embora. Hoje é aniversário de alguém... — Ele apontou um jovem do outro lado da sala. — Os amigos vão fazer a festa aqui. Isso sempre acontece... aqui sentem liberdade para se divertir... Eu estimulo a dizerem o que quiserem... a falar livremente, mesmo de coisas simples; para eles é uma aventura, uma descoberta...

— Como assim?

— Você precisa entender — disse ele — que toda a vida eles foram treinados a obedecer... aos pais, aos professores, aos militares... é isso o que ensina a escola deles: o hábito da obediência...

Ele riu, os olhos brilhando.

— Quando chegam aqui... descobrem que ninguém vai ralar com eles pelo que disserem... podem criticar até os pais se quiserem... essa é uma ideia muito chocante para muitos deles... alguns nunca mais voltam... mas muitos voltam, outra vez e outra...

— Falam de política também?

— Falam. O tempo todo. Impossível não falar de política em Myanmar...

— Os militares não fazem nada? Não tentam deter você? Mandar espiões? — Claro que sim. Mandam espiões... É provável que haja alguns aqui agora; em Myanmar sempre existem espiões, em toda parte. Mas ninguém nunca discute questões organizacionais aqui; falamos só de ideias, e eles sabem, também, que não estou mais diretamente envolvido no movimento... meu corpo não permite... Eles olham para mim e veem um velho aleijado, cansado... de certa forma, meu corpo me protege... Você precisa entender que a brutalidade deles é de um tipo estranhamente medieval... não são avançados a ponto de perceber a atração que traz as pessoas aqui, mesmo que alguns sejam filhos deles próprios... aqui não existe nada que seja do interesse deles: nem bebida, nem drogas, nem conspiração... isso é o que nos protege. E quando falamos de política é de tal forma que eles não conseguem acompanhar... não falamos de coisas que possam identificar... em Myanmar nada que vale a pena dizer pode ser dito em linguagem comum... todo mundo aprende outros meios de comunicação, linguagens secretas. Hoje, por exemplo, eu estava falando da teoria de pré-visualização de Edward Weston... que é preciso ver a verdade de seu assunto na mente... depois disso, a câmera é incidental, sem importância... Se você sabe a verdade do que vê, o resto é mera execução. Nada pode ficar entre você e o desejo que você imaginou... Nem câmera, nem lente... — Deu de ombros, sorrindo. — A essa lista eu podia acrescentar: nenhum

bando de criminosos como esse regime... Mas não preciso dizer isso a eles com todas as letras... Eles entenderam o que eu estava dizendo... eles sabem... você viu como riram e bateram palmas... Aqui no Palácio de Espelho a fotografia também é uma linguagem secreta.

No outro lado da sala, a festa de aniversário estava crescendo. Surgiu um clamor pela presença de Dinu à mesa. Ele se levantou e foi até eles, pesadamente apoiado na bengala. Havia pratos de petiscos fritos, um bolo e duas garrafas plásticas grandes de Coca-Cola. No meio da mesa, uma grande lata de cerveja canadense, intocada e imaculada, como enfeite. Dinu explicou que um dos frequentadores regulares do Palácio de Espelho era filho de um alto general. Comparecia em segredo, sem o conhecimento da família. De quando em quando, trazia algumas coisas que eram impossíveis de encontrar a não ser para contrabandistas e para a cúpula da junta militar. A lata de cerveja estava no centro da mesa fazia mais de um ano.

Alguém começou a dedilhar um violão. Um coro começou a cantar e o bolo foi cortado. Dinu presidiu a comemoração com benevolente bom humor e houve então uma porção de piadas e brincadeiras. Jaya lembrou-se de um dos ditados favoritos de Rajkumar: "Em lugar nenhum as pessoas têm tanto dom para rir como na Birmânia..." Porém, era evidente que o riso ali tinha um tom especial, tocado por medos que nunca estavam totalmente ausentes. Era uma espécie de sôfrega alegria, como se todo mundo tivesse de aproveitar enquanto podia.

Em outras partes da sala, estavam em andamento diversas argumentações e discussões. De vez em quando, um grupo ou outro recorria a Dinu. Numa dessas intervenções, ele virou para Jaya e explicou: — Estão discutindo a foto de que eu estava falando, o náutilo de Weston... alguns deles se consideram revolucionários...

insistem que questões estéticas não têm nenhuma relevância para nossa situação...

— E qual foi sua resposta?

— Citei Weston... Weston refletindo sobre Trotsky... que formas artísticas novas e revolucionárias podem despertar um povo ou perturbar sua complacência ou questionar seus velhos ideais com construtivas profecias de mudança... Não importa... toda semana esse assunto vem à baila... toda semana eu digo a mesma coisa.

Então, dois rapazes começaram a coletar dinheiro e foram comprar biryani numa loja próxima. Voltaram em poucos minutos, cheios de pacotes de papel. Dinu encheu um prato e passou para Jaya: ela ficou surpresa de ver como era bom o biryani.

Aos poucos, à medida que a noite chegava ao fim, todo mundo ficou mais quieto. Uma resignação subjacente pareceu instalar-se, como se a escuridão estivesse batendo na janela, dando um aviso da constância de sua vigília.

Pouco depois das nove, Dinu disse a Jaya: — Onde vai ficar?

Ela contou: era um pequeno hotel, escolhido ao acaso.

— Gostaria de convidar você para ficar aqui — disse ele. — Moro sozinho e você sabe se cuidar... Seria fácil... Mas infelizmente esse processo leva um longo tempo.

— Que processo?

— De hóspedes — disse ele, pedindo desculpas. — Não esqueça que está em Myanmar. Nada é simples aqui... Toda casa precisa ter uma lista registrada de seus membros... Ninguém mais pode passar a noite na casa sem permissão. Conheço uma mulher que depois de três anos de casada toda semana tinha de pedir licença para entrar na "lista de convidados" da família do marido...

— E de onde vem essa permissão?

— Do presidente do Conselho de Guarda... cada bairro tem um... eles podem transformar sua vida num inferno... são

detestados por todo mundo... o meu é especialmente ruim. Então, como vê, eu convidaria você para ficar, mas... A polícia faz controle regular, principalmente à noite. Nunca se sabe quando eles vêm...

Dinu deu um tapinha nas costas de Jaya.

— Melhor você ir agora... os outros acompanham você até seu hotel... foi vista vindo até aqui, pode ter certeza... Tinha um homem na farmácia aí do lado? Viu... Se ele não estiver lá por alguma razão, espere, até ele ver você indo embora... Se não vir você saindo, pode ter certeza de que logo vai bater na minha porta. Volte amanhã... cedo... vou deixar umas fotos preparadas. Podemos conversar quanto tempo quiser... Não vamos fazer nada além de conversar... Todos os dias em que estiver aqui...



Dinu deixou a Malásia logo depois da morte de Alison. Em seguida à ocupação japonesa, houve turbulência nas fazendas de borracha. Muitas centenas de trabalhadores deixaram a Morningside para se juntar à Liga de Independência Indiana e ao Exército Nacional Indiano. Ilongo foi um deles, e foi através dele que Dinu ficou sabendo que Arjun havia sido um dos primeiros a se juntar ao ENI do capitão Mohun Singh. O movimento ganhara tal força que Dinu ficou impotente diante dele. Suas próprias posições acerca da guerra continuaram inalteradas, porém, e quando a notícia da morte de Alison chegou à Morningside, ele resolveu atravessar clandestinamente para a Birmânia.

Dinu acabou deixando a Malásia em um barco de pesca. Navegando sobretudo à noite, saltando de ilha em ilha, conseguiu atravessar o istmo de Kra.

O barco deixou-o numa praia a poucos quilômetros de Mergui, a cidade mais ao sul da Birmânia. Dinu esperava chegar a Rangoon por terra, mas a invasão japonesa à Birmânia estava em curso. As rotas para o norte estavam interrompidas.

Um pequeno grupo de voluntários acompanhava as forças de terra japonesas — o Exército de Independência da Birmânia. Esse grupo era liderado por um conhecido de Dinu de Rangoon, o líder estudantil Aung San. Com o avanço do Exército japonês, houve choques sangrentos entre o grupo liderado pelos estudantes e alguns povos da zona da fronteira — principalmente cristãos

nativos, muitos dos quais permaneciam fiéis aos britânicos. A região da fronteira foi lançada em turbulência e viajar para o norte estava fora de questão. Dinu passou vários meses em Mergui.

Quando Dinu conseguiu ir para Rangoon, era junho de 1942 e a cidade estava sob ocupação japonesa. Dinu foi para Kemendine e encontrou a casa devastada: o prédio havia sido atingido diretamente. Dinu foi procurar Thjha Saw, seu velho amigo.

Descobriu que Thiha Saw, junto com muitos outros esquerdistas, havia escapado para a Índia; sua família estava dispersa pelo campo. Só a avó de Thiha Saw ainda estava em Rangoon: quem cuidava dela era uma parente jovem, uma garota chamada Ma Thin Thin Aye. Os parentes de Thiha Saw aceitaram Dinu e deram-lhe abrigo; foi por meio deles que Dinu ficou sabendo da morte de Neel e da subsequente partida de sua família para Huay Zedi.

Ao norte de Rangoon ainda havia feroz combate entre as forças japonesas e o Exército britânico, que recuava. Viajar pelo campo nessa época era praticamente impossível: todo tráfego rodoviário e ferroviário era estritamente controlado através de um elaborado regime de cartões e permissões. Os japoneses tinham instalado um novo governo em Rangoon, sob a liderança de um político birmanês, dr. Ba Maw. Aung San e muitos outros do Exército da Independência da Birmânia faziam parte desse governo — entre eles diversos amigos e conhecidos de Dinu da Universidade de Rangoon. Um deles ajudou-o a conseguir um passe que lhe permitisse viajar para o norte.

Dinu chegou a Huay Zedi e descobriu que sua família tinha ido embora e a aldeia estava quase deserta. Descobriu que as simpatias do povo dessa região estavam firmes do lado dos Aliados: Raymond era um dos muitos homens de Huay Zedi que haviam sido recrutados para um grupo partisan aliado — a Força 136.

Ao saber da chegada de Dinu, Raymond materializou-se de repente, para dar-lhe as boas-vindas. Raymond não era mais o estudante de olhos sonolentos de que Dinu se lembrava: usava uma farda cáqui e portava uma arma. Explicou que seu pai, Doh Say, tinha insistido que Rajkumar e Dolly ficassem e prometera fazer todo o possível para garantir seu conforto e segurança. Mas depois da morte de Neel, o comportamento de Manju foi ficando cada vez mais instável e, por fim, temendo por sua sanidade, Rajkumar e Dolly resolveram levá-la de volta para a Índia.

Tinham partido muitos meses antes da chegada de Dinu; não havia esperança de ele poder alcançá-los agora. Dinu resolveu ficar com Doh Say e Raymond, em seu acampamento no fundo da selva.

Em 1944, os Aliados procederam à contrainvasão da Birmânia, encabeçada pelo XIV Exército sob o comando do general Slim. Em poucos meses, os japoneses foram afastados da fronteira indiana e no começo de 1945 estavam em total retirada. Receberam um golpe final do general Aung San, que dramaticamente inverteu sua fidelidade: embora o Exército de Independência da Birmânia tivesse entrado no país com a ajuda dos japoneses, nunca havia sido mais que um aliado relutante do invasor. Em 5, o general Aung San emitiu uma ordem secreta para seus seguidores juntarem-se no esforço de empurrar os japoneses para fora da Birmânia.

Depois disso, ficou claro que a ocupação japonesa estava praticamente terminada.

Mas a luta ainda não terminara. Um dia, em março de 1945, Doh Say mandou chamar Dinu; explicou que tinha recebido notícias preocupantes. Tinha havido uma grande batalha na cidade de Meiktila, alguns quilômetros ao norte. O XIV Exército tivera uma vitória decisiva e os japoneses estavam em precipitada retirada. Mas uns poucos obstinados do Exército Nacional Indiano ainda combatiam no centro da Birmânia, atormentando o Exército Aliado.

Uma dessas unidades desviara pelo Sittang e acreditava-se que estava avançando na direção de seu acampamento. Doh Say estava preocupado com a possibilidade de os soldados causarem problemas aos moradores; queria que Dinu fosse procurá-los e intercedesse com eles.

Tinha a esperança de que, através de suas ligações indianas, Dinu conseguisse convencê-los a ficar longe de sua aldeia.

Dinu partiu na manhã seguinte. Raymond foi com ele, como guia.

Depois de alguns dias de espera, foi marcada uma reunião por intermédio do chefe de uma aldeia. Foi realizada num campo de teca abandonado, no fundo da selva. O campo era um dos velhos, do tipo que Dinu tinha ouvido seu pai descrever — com a tai de teca no centro de uma grande clareira.

Esse campo estava abandonado fazia muitos anos, desde muito antes da guerra. Grande parte dele havia sido reclamada pela selva; a clareira estava coberta com mato de 1 metro e meio de altura e muitas cabanas dos oo-sis tinham sido destruídas pelo vento e pela chuva. Só a tai ainda estava de pé, embora a escada tivesse trepadeiras entrelaçadas e partes do teto tivessem desmoronado.

As instruções de Dinu eram para esperar sozinho. Raymond deixou-o à beira da clareira e voltou para dentro da floresta. Dinu ficou na frente da tai, numa posição em que podia ser visto de longe. Estava vestido com um longyi marrom e uma túnica karen preta e branca tecida em casa. Tinha parado de fazer a barba desde sua chegada a Huay Zedi e a barba alterara muito sua aparência. Estava com um pano branco e vermelho amarrado no pescoço e levava uma bolsa de ombro de tecido com um pouco de lenha, água e tabaco.

Havia um toco de árvore bem na frente da tai e Dinu sentou-se nele. Uma suave brisa começou a soprar, agitando o mato alto da

clareira do acampamento. Adiante, nuvens de umidade subiam do alto das árvores de dezenas de metros que cercavam o campo. A floresta era uma parede densa, negra: Dinu sabia que os soldados indianos estavam em algum lugar ali adiante, a observá-lo.

Na bolsa de tecido, Dinu tinha alguns pacotes de arroz cozido, enrolados em folhas de bananeira. Abriu um deles e começou a comer. Enquanto comia, ouviu os sons da floresta: a comoção de um bando de papagaios revelou que os soldados estavam se aproximando. Ficou sentado, quieto, e continuou comendo.

Então, pelo canto do olho, viu um soldado indiano entrando na clareira.

Enrolou a folha de bananeira numa bola e jogou fora. Apenas a cabeça do soldado era visível: ele estava avançando pelo mato num movimento de passos largos, usando a arma para afastar as moitas.

Dinu observou o homem se aproximar. Seu rosto estava tão magro que ele parecia encarquilhado — embora Dinu adivinhasse, por seu porte e constituição, que devia ter vinte e poucos anos. A farda estava em farrapos e o sapato tão gasto que dava para ver os dedos; as solas amarradas aos pés com pedaços de cadarço. O soldado parou a alguns metros de Dinu e fez um gesto com a ponta do rifle. Dinu pôs-se de pé.

— Estou desarmado — disse, em hindustâni.

O soldado o ignorou.

— Mostre o que tem na bolsa — disse.

Dinu abriu a boca da bolsa de lona.

— O que tem dentro? Dinu tirou de dentro dela um cantil de água e um pacote de arroz cozido embrulhado em folha. Pela expressão dos olhos do soldado viu que estava tudo bem.

Desamarrou o pacote e entregou a ele.

— Aqui está — disse. — Pegue. Coma.

O soldado levou o pacote à boca e engoliu o arroz. Dinu viu que o estado dele era pior do que tinha pensado a princípio: os brancos dos olhos estavam amarelos e parecia subalimentado, com descolorações na pele e bolhas nos cantos da boca. Depois de observar um minuto, Dinu achou que havia alguma coisa familiar no soldado. De repente, sabia quem era. Com voz incrédula disse: — Kishan Singh? — O soldado olhou para ele sem entender, apertando os olhos amarelos. — Kishan Singh, não lembra de mim? O soldado balançou a cabeça, ainda segurando o arroz junto à boca. Sua expressão quase não se alterou: era como se estivesse cansado demais para fazer o esforço do reconhecimento.

— Kishan Singh — disse Dinu —, Arjun está com você? Kishan Singh fez que sim outra vez. Depois girou nos calcanhares, jogou o envoltório de folha e voltou para as árvores.

Dinu procurou dentro da bolsa de lona. Tirou um charuto e acendeu com a mão trêmula. Sentou-se de novo no toco de árvore. À distância, um outro vulto entrou na clareira, seguido por um grupo de uns trinta homens.

Dinu levantou-se. Por alguma razão que não compreendeu, as palmas de suas mãos começaram a suar, umedecendo o charuto.

Arjun parou alguns passos adiante. Ele e Dinu ficaram se olhando, cada um de um lado do toco. Nenhum dos dois disse uma palavra. Por fim, Arjun apontou a tai.

— Vamos lá em cima.

Dinu concordou com a cabeça. Arjun colocou os homens em guarda em torno da tai e ele e Dinu subiram a escada, sentaram-se nas pranchas do chão apodrecidas. De perto, Arjun parecia estar ainda pior que Kishan Singh.

Uma parte do couro cabeludo tinha sido roída por uma erupção de pele; o ferimento se estendia por cima da orelha direita, quase até o olho. Tinha o rosto coberto de lacerações e picadas de

insetos. Não tinha mais quepe, nem botões na farda; a túnica tinha só uma manga.

Dinu não teria vindo se soubesse que iria encontrar Arjun. Fazia mais de três anos que tinham se encontrado pela última vez, e na opinião de Dinu, Arjun era culpado, por associação, de grande parte do horror e da devastação desses anos. Porém, agora que estavam face a face, Dinu não sentiu nem raiva, nem repulsa. Era como se estivesse olhando não para Arjun, mas para os seus restos triturados, a casca do homem que tinha sido um dia. Dinu abriu a bolsa de lona e tirou os pacotes de arroz restantes.

— Aqui está — disse. — Parece que você precisa comer alguma coisa.

— O que é? — Só um pouco de arroz...

Arjun levou os pacotes ao nariz e cheirou.

— Bondade sua — disse. — Os homens vão ficar agradecidos...

Levantou-se e foi até a escada. Dinu ouviu enquanto dizia aos homens para distribuir o arroz entre eles. Quando voltou, Dinu viu que tinha dado todos os pacotes. Entendeu que o orgulho não permitiria que Arjun aceitasse comida dele.

— E o charuto? — disse Dinu. — Posso oferecer um destes? — Pode.

Dinu entregou-lhe um charuto e acendeu um fósforo.

— Por que está aqui? — Arjun perguntou.

— Pediram que eu viesse — disse Dinu. — Estou morando numa aldeia... não longe daqui. Ouviram dizer que seus homens vinham vindo na direção deles... Ficaram preocupados.

— Não têm com que se preocupar — disse Arjun.

— Tentamos manter distância do povo nativo. Não temos nada contra eles.

Pode dizer que estão seguros... de nossa parte, pelo menos.

— Eles vão gostar.

Arjun tragou o charuto e soltou a fumaça pelo nariz.

— Fiquei sabendo de Neel — disse. — Sinto muito; por você, por Manju...

Dinu agradeceu com um gesto.

— E a sua família? — disse Arjun. — Tem alguma notícia... de Manju? Do bebê? — Não tenho notícia de nada há três anos — disse Dinu.

— Ficaram um pouco aqui... depois da morte de Neel... no mesmo lugar onde estou agora... com uma família de velhos amigos. Depois foram para Mawlaik, para tentar a travessia... Não ouvimos mais falar deles desde então... de minha mãe, meu pai... ninguém...

Dinu mordeu a unha do polegar e limpou a garganta.

— E você soube de Alison... e do avô dela? — Não — disse Arjun num sussurro. — O que aconteceu? — Estavam indo de Morningside para o sul... o carro quebrou e encontraram uns soldados japoneses... foram mortos os dois... mas ela reagiu...

Arjun cobriu o rosto com as mãos. Dinu podia dizer, pelo tremor de seus ombros, que estava chorando. Dinu sentiu apenas piedade por Arjun agora.

Estendeu o braço e passou por seus ombros.

— Arjun... Pare... Não adianta...

Arjun sacudiu a cabeça violentamente, como se estivesse tentando acordar de um pesadelo.

Às vezes, me pergunto se algum dia vai acabar.

— Mas Arjun... — Dinu estava surpreso com a suavidade da própria voz.

Arjun... foi você... que se juntou a eles... de livre e espontânea vontade. E continua lutando... agora... mesmo depois dos japoneses...

Por quê? Para quê? Arjun levantou a cabeça, os olhos relampejando.

— Está vendo, Dinu, você não entende. Nem agora. Acha que eu me juntei a eles. Não é assim. Eu me juntei ao Exército indiano para lutar pela causa indiana. A guerra pode ter terminado para os japoneses; não terminou para nós.

— Mas Arjun... — a voz de Dinu ainda era suave. — Você tem de entender que não tem esperança...

Arjun riu disso.

— E alguma vez tivemos esperança? — disse. — Nós nos rebelamos contra um Império que moldou tudo em nossas vidas; que coloriu tudo no mundo que conhecemos. É uma mancha imensa, indelével, que atinge a todos nós. Não podemos destruir a mancha sem destruir a nós mesmos. E aí, acho, é onde estou...

Dinu abraçou Arjun outra vez. Sentiu lágrimas lhe subirem aos olhos, mas não podia dizer nada; não havia nada a dizer.

Esse era o maior perigo, pensou, esse ponto onde Arjun havia chegado — onde, ao resistir aos poderes que nos formam, permitimos que eles ganhem controle sobre todos os significados; é esse o seu momento de vitória: é desse jeito que impõem a derrota final e mais terrível. Por Arjun, agora, não sentia pena, nem compaixão: como seria visualizar a derrota com tamanha precisão, tamanha completude? Havia nisso uma espécie de triunfo — uma coragem — cujo valor ele não desejava diminuir numa discussão.

— Tenho de ir agora — disse Dinu.

— Claro.

Desceram a escada cheia de trepadeiras. Embaixo, abraçaram-se de novo.

— Cuide-se, Arjun... cuide-se.

— Vou ficar bem. — Arjun sorriu. — Um dia, vamos rir disto tudo. — Acenou e afastou-se pelo mato até os ombros.

Dinu encostou-se na escada da tai e ficou olhando ele se afastar. Muito tempo depois de os soldados terem ido embora, ainda continuava ali.

Quando Raymond apareceu, saído do escuro, Dinu disse: — Vamos passar a noite aqui.

— Por quê? — Não me sinto bem para ir embora.

Esse encontro com Arjun deixou Dinu profundamente abalado: agora, pela primeira vez, ele começava a entender a irreduzível realidade da decisão que Arjun tomara; entendeu por que tantos outros que conhecera — homens como Aung San — tinham feito as mesmas escolhas. Começou a questionar sua absoluta condenação a eles. Como se pode julgar uma pessoa que afirma agir em favor de um povo, de um país subordinado? Em que bases a verdade dessa afirmação pode ser estabelecida? Quem pode julgar o patriotismo de uma pessoa a não ser aqueles em cujo nome ele afirma agir — seus compatriotas? Se o povo da Índia escolhesse ver Arjun como herói, se a Birmânia visse Aung San como seu salvador — era possível alguém como ele, Dinu, presumir que havia uma realidade maior, um lance da história que pudesse ser invocado para refutar essas convicções? Não conseguia mais confiar que as coisas fossem assim.



Originalmente, a unidade de Arjun contava com cinquenta homens: só restavam 28 agora. Muito poucos tinham sido perdidos por fogo hostil: a maior parte das perdas devia-se a deserção.

No início, a unidade estava dividida por igual entre soldados profissionais e voluntários. Os profissionais eram os que tinham sido recrutados na Índia, homens como Kishan Singh e o próprio Arjun. Quando Cingapura caiu, havia cerca de 55 mil soldados indianos na ilha. Desses, mais da metade juntou-se ao Exército Nacional Indiano. Os voluntários eram recrutas da população indiana da Malásia, e a maioria deles tâmile trabalhadores das plantações.

No começo, os oficiais colegas de Arjun estavam céticos quanto à habilidade e resistência dos novos recrutas. O exército que os treinara, o Exército britânico da Índia, não havia recrutado tâmile: eles estavam entre os muitos grupos indianos racialmente inadequados para ser soldados. Como soldados profissionais, os colegas de Arjun eram saturados das mitologias raciais do antigo exército mercenário. Mesmo sabendo que essas teorias não tinham fundamento, achavam difícil se livrar inteiramente das velhas noções imperiais sobre qual tipo de homens daria bons soldados e qual não. Só debaixo de fogo foi que passaram a reconhecer como eram falsos esses mitos: a experiência demonstrara que os recrutas das plantações eram muito mais resistentes e mais dedicados que os profissionais.

Em sua própria unidade, Arjun descobriu que havia um claro padrão nas deserções: os homens que se dissolviam eram quase todos profissionais; nem um único recruta das plantações tinha ido embora. Ficara intrigado com isso, até Kishan Singh explicar as razões por trás do fato. Os profissionais conheciam os homens do outro lado; os homens contra quem lutavam eram seus parentes e vizinhos; sabiam que se passassem para o outro lado não seriam maltratados.

Arjun compreendeu que os trabalhadores das plantações entendiam isso também. Sabiam quem eram os soldados profissionais e de que classe provinham; sabiam exatamente como funcionava a cabeça deles e por que desertavam. Toda vez que mais alguns "profissionais" desapareciam, Arjun via um profundo desprezo em seus olhos; sabia que em particular os homens das plantações riam da vida mimada a que os soldados estavam acostumados, do jeito como eram alimentados e engordados por seus senhores coloniais. Eles os recrutas das plantações — pareciam ter reconhecido que, no fim, a sua luta não era a mesma dos profissionais; de certa forma, não estavam nem lutando a mesma guerra.

Nem todos os recrutas das plantações falavam hindustâni: Arjun sempre tinha dificuldade de se comunicar com eles. Havia só um homem com quem Arjun conseguia conversar fluentemente: seu nome era Rajan. Era um homem magro, esguio, todo músculo e ossos, com olhos manchados de vermelho e um grosso bigode. Arjun o recrutara pessoalmente, em Sungei Pattani. Na época, se perguntara se Rajan seria material adequado. Mas, depois do recrutamento, Rajan se tornara uma pessoa completamente diferente: o treinamento o transformara. Parecia ter desenvolvido uma aptidão para soldado e mostrara-se uma das personalidades mais fortes entre os recrutas das plantações.

Uma vez, ao subirem por um morro, Rajan pedira para Arjun apontar-lhe de que lado ficava a Índia. Arjun mostrou: ficava a oeste. Rajan ficou um longo tempo olhando à distância, junto com muitos outros homens.

— Já esteve na Índia? — Arjun perguntou.

— Não, senhor Rajan sacudiu a cabeça. O que acha que vai encontrar lá? Rajan encolheu os ombros: não sabia e de certa forma parecia não se importar. Bastava que fosse a Índia.

Arjun descobriu depois que Rajan nascera na Malásia; seu conhecimento da Índia vinha exclusivamente das histórias contadas por seus pais. O mesmo era verdadeiro para todos os recrutas das plantações: lutavam por um país que nunca tinham visto; um país que expulsara seus pais e os mantivera longe. Isso tornava seu fervor quase incrível. Por quê? Que motivações tinham? Havia tanta coisa na vida deles que Arjun não sabia, nem podia avaliar — a maneira como falavam de "escavidão", por exemplo, sempre usando a palavra inglesa slavery para isso. De início, Arjun achou que usavam o termo à toa, apenas como uma espécie de metáfora — porque no fim das contas, tecnicamente, não era verdade que fossem escravos; Rajan sabia disso tão bem quanto Arjun. O que queria dizer, então? O que significava ser escravo? Quando Arjun fazia essa pergunta, Rajan dava sempre uma resposta indireta. Começava falando do tipo de trabalho que faziam na plantação — cada ação constantemente policiada, vigiada, supervisionada; exatamente tantos gramas de fertilizante, colocados exatamente assim, em buracos que tinham exatamente tantos centímetros de diâmetro. Não que as pessoas fossem transformadas em animais, Rajan dizia — não, pois mesmo animais têm autonomia sobre seus instintos. Eram transformadas em máquinas: sua cabeça era removida e substituída por um instrumento mecânico. Qualquer coisa era melhor que aquilo.

E a Índia — o que era a Índia para eles? Essa terra por cuja liberdade estavam lutando, essa terra que nunca tinham visto, mas pela qual estavam dispostos a morrer? Será que sabiam da pobreza, da fome que seus pais e avós tinham deixado para trás? Saberiam dos costumes que os impediria de beber do mesmo poço das castas mais altas? Nada disso parecia real para eles; nunca haviam vivenciado uma coisa assim, e não faziam ideia. A Índia era a montanha brilhante além do horizonte, um sacramento de redenção — uma metáfora de liberdade, da mesma forma que a escravidão era uma metáfora para a plantação. O que encontrariam, Arjun se perguntava, quando atravessassem o horizonte? E foi no ato de fazer essa pergunta que Arjun começou a se ver pelos olhos deles — um profissional, um mercenário, que nunca conseguiria livrar-se da nódoa de seu passado e do cinismo que vinha com ele, do niilismo. Entendeu por que deviam pensar nele com desdém — até como inimigo —, porque era verdade, no fim das contas, que ele não estava lutando a guerra deles; que não acreditava no que eles acreditavam; que não sonhava os sonhos deles.

Foi Rajan quem trouxe Kishan Singh de volta, com as mãos amarradas, cambaleando pelo mato. O estado de Kishan Singh era tal que não conseguira ir muito longe. Rajan o encontrara entocado debaixo de uma saliência, escondido, tremendo, rezando.

Rajan deu um empurrão em Kishan Singh e ele caiu de joelhos.

— Levante — disse Arjun. Não aguentava olhar para Kishan Singh daquele jeito. — Utho: levante Kishan Singh.

Rajan agarrou Kishan Singh pelo colarinho e o pôs de pé. O corpo de Kishan Singh estava tão emagrecido que ele parecia um boneco-palito, um brinquedo quebrado.

Rajan só sentia desprezo por Kishan Singh. Falou diretamente com Arjun, olhando bem em seus olhos.

— E o que você vai fazer com ele agora? Não houve nem "sir" nem "sahib", e a pergunta não era "O que tem de ser feito?", mas "O que você vai fazer?". Arjun viu o desafio nos olhos de Rajan; sabia o que ele tinha na cabeça — que os profissionais seriam leais um com o outro, que ele encontraria um jeito de livrar Kishan Singh. Tempo. Ele precisava de tempo.

— Temos de fazer uma corte marcial — disse Arjun.

— Aqui? Arjun fez que sim com a cabeça.

— É. É a norma. Temos de tentar manter as normas.

— Normas? Aqui? — O sarcasmo era nítido na voz de Rajan. Arjun sabia que Rajan estava tentando expô-lo diante dos outros homens. Usou a vantagem de sua altura, foi até ele e olhou-o nos olhos.

— É — disse Arjun. — Normas. E temos de respeitar as normas. É assim que se conduz um exército; é isso que diferencia um exército de uma gangue de rua.

Rajan deu de ombros e passou a língua nos lábios.

— Mas aqui? — disse. — Onde vai arranjar lugar para uma corte marcial?

— Voltamos para o campo de teca — disse Arjun. — Lá fica mais fácil.

— No campo? Mas e se a gente for seguido?

— Não ainda. Nós vamos. — O campo ficava a uma hora de distância: isso daria algum tempo.

— Em marcha. — Arjun tomou a dianteira. Não queria ver Kishan Singh sendo empurrado com as mãos amarradas nas costas.

Começou a chover e estavam encharcados quando chegaram ao campo. Arjun atravessou a clareira até a tai. A área debaixo das estacas estava seca, abrigada da chuva pela construção acima. Rajan deixou Kishan Singh seguir e ele foi para o chão, acocorou-se, tremendo.

— Pronto — disse Arjun. — Vamos fazer a sessão aqui.

Rajan pegou uma cadeira da tai e colocou na frente de Arjun.

— Para o senhor, sir — disse com uma expressão gozadora de gentileza. — Já que é o juiz.

Arjun o ignorou.

— Vamos começar.

Arjun tentou prolongar o ritual, fazendo perguntas, detendo-se em detalhes. Mas os fatos eram claros: não havia discussão. Quando pediu para Kishan Singh se defender, tudo o que ele fez foi implorar, com as mãos juntas.

— Sah'b... minha mulher, minha família...

Rajan estava observando Arjun, sorrindo.

— Mais alguma norma? Sir?

— Não. — Arjun viu que Rajan e os outros homens tinham formado um círculo: ele e Kishan Singh estavam no centro. Arjun levantou-se. — Tomei minha decisão. — Virou-se para Rajan. — Você fica encarregado do pelotão de fuzilamento — disse. — Convoque voluntários. Depressa.

Rajan olhou diretamente para ele, sacudiu a cabeça.

— Não — disse. — Nenhum de nós vai ser voluntário. Ele é um dos seus; um dos seus homens. Vai ter de lidar com ele sozinho.

Arjun olhou o círculo de homens em torno. Estavam todos olhando para ele; os rostos sem expressão, não piscavam. Arjun desviou o olhar; retalhos de lembranças flutuaram em sua cabeça... era essa a face do outro lado do motim; você sozinho e a única coisa com que pode contar é a autoridade de uma remota cadeia de comando; os farrapos da justiça militar, a compensação final quando a vitória é obtida. Mas o que fazer quando se sabe que não haverá vitória, quando a derrota é certa? Como invocar a validação do futuro, sabendo que você não terá futuro?

— Venha, Kishan Singh. — Arjun ajudou seu ex-ordenança a se levantar.

Seu corpo estava muito leve, quase sem peso. Arjun sentiu as mãos ficarem mais suaves ao segurar o braço de Kishan Singh. Era estranho tocá-lo assim, sabendo o que vinha pela frente.

— Venha, Kishan Singh.

— Sah'b.

Kishan Singh levantou-se e Arjun o puxou pelo braço, para a frente, passou diante dos outros, saíram do abrigo da tai, para debaixo da chuva. Andaram pela grama alta e Kishan Singh tropeçou. Arjun abraçou-o e o levantou. Kishan Singh estava tão fraco que mal conseguia andar; apoiou a cabeça no ombro de Arjun.

— Continue, Kishan Singh. — A voz dele era macia, como se estivesse sussurrando para um amante. — Sabar kara, Kishan Singh, falta pouco para o fim.

— Sah'b.

Quando chegaram à borda da clareira, Arjun soltou-o.

Kishan Singh caiu de joelhos, mantendo-se ereto apoiado à perna de Arjun.

— Sah'b.

— Por que fez isso, Kishan Singh?

Arjun desabotoou o coldre com uma das mãos e pegou a arma da cintura — a Webley que Kishan Singh sempre polira e lubrificara para ele.

— Por que fez isso, Kishan Singh?

— Sah'b... eu não aguentava continuar...

Olhou os vergões e as feridas da selva na cabeça de Kishan Singh.

Lembrou-se de um outro tempo, em que Kishan Singh se ajoelhara a seus pés, pedindo sua proteção; pensou em sua ingenuidade, confiança e inocência, e em como se comovera com as histórias que havia por trás delas — a bondade e bravura que vira nele; todas as qualidades que ele próprio perdera e traíra —, qualidades que nunca haviam sido suas para começar, ele que

surgira do torno do ceramista pronto, deformado. Sabia que não podia permitir que Kishan Singh se traisse, se transformasse em algo diferente do que era — transformar-se numa criatura como ele, grotesca, deformada. Foi essa ideia que lhe deu força para encostar a arma na cabeça de Kishan Singh.

Ao toque frio do metal, Kishan Singh levantou os olhos para ele.

— Sah'b... lembre-se de minha mãe, minha casa, meu filho...

Arjun segurou a cabeça de Kishan Singh, agarrou com os dedos seu cabelo embaraçado.

— É porque eu me lembro que estou fazendo isto, Kishan Singh. Para você não esquecer tudo o que é; para impedir você de se trair.

Ouviu o tiro e cambaleou para um grupo de árvores. Apoiou-se a um galho para se equilibrar e viu, suspenso no galho, um pedaço gotejante de carne e osso. Não podia tirar os olhos daquilo: era um pedaço de Kishan Singh, da cabeça que ele acabara de segurar entre as mãos. Deu mais um passo e caiu de joelhos. Quando olhou para cima, Rajan e os outros homens estavam a sua volta, olhando. Havia uma espécie de piedade em seus olhos.

Quando Doh Say resolveu voltar para Huay Zedi, houve regozijo no campo. A marcha encosta abaixo foi triunfal, um desfile alegre completo com tambores, flautas e elefantes.

Doh Say deu a Dinu um lugarzinho próprio no limite da aldeia. Dinu estava se acomodando quando Raymond o procurou.

— Venha comigo — Raymond disse. — Tenho de contar uma coisa.

Desceram para o riacho e ficaram olhando as crianças da aldeia alvejarem com seus arcos e flechas de bambu os peixes do raso regato de Huay Zedi.

— Tenho uma notícia.

— Qual? Arjun tinha morrido, Raymond disse. Havia sido localizado por uma unidade da Força 136; alcançaram-no no velho campo de teca.

— Foi você que levou eles para lá? — Dinu perguntou.

— Não. Um desertor. Um dos homens dele mesmo, um antigo soldado.

— Mas você estava lá? — Dinu perguntou. — No final...?

— Estava.

— O que aconteceu?

— Me chamaram... o pessoal que estava à caça dele. Tinham ouvido dizer que muitos homens dele haviam ido embora...

— Então Arjun estava sozinho?

— Estava. Completamente sozinho... lá no campo de teca abandonado. O resto dos homens tinha ido embora, todos foram embora; tiraram as fardas, vestiram longyis e sumiram na floresta. Tentei ir atrás deles, mas era impossível. Eles conheciam a selva, aqueles homens; desapareceram.

— E Arjun?

— Tinha um coronel indiano lá. Ele tentou fazer Arjun se render, disse que estava tudo acabado, que ele ia ficar bem. Mas Arjun gritou com eles, chamou-os de escravos e mercenários. E aí saiu na sacada da tai atirando...

Raymond parou para atirar um seixo na corrente.

— Estava claro — disse — que ele não queria viver.



Em 1946, quando ficou claro que a Birmânia logo estaria independente, Doh Say resolveu deixar Huay Zedi e mudar para o leste, para a região montanhosa da fronteira Birmânia-Tailândia. A guerra lançara as periferias do país contra o centro: Doh Say era um dos muitos que tinham profundas apreensões quanto ao futuro das minorias da Birmânia.

A maior parte da população de Huay Zedi aceitou o conselho de Doh Say, Dinu entre eles. A aldeia foi abandonada e seus habitantes mudaram-se para Loikaw, uma pequena cidade de fronteira no fundo das montanhas Karenni, não longe da fronteira com a Tailândia. Para Dinu, havia uma grande vantagem em estar em Loikaw: conseguia outra vez encontrar materiais fotográficos — muitos deles contrabandeados pela fronteira tailandesa. Montou um estúdio e passou a ser o único fotógrafo profissional num raio de quilômetros. Mesmo em tempos difíceis, as pessoas casavam, tinham filhos — precisavam de registros e estavam dispostas a pagar, às vezes em dinheiro, mas a maior parte das vezes em espécie.

Em 1947, preparando a retirada britânica, realizou-se a primeira eleição nacional na Birmânia, vencida pelo general Aung San. Todo mundo acreditava que só ele seria capaz de garantir a unidade e estabilidade do país. Mas em 19 de julho, pouco depois de assumir o posto, Aung San foi assassinado, junto com diversos de seus futuros colegas. Meses depois do assassinato, no centro da

Birmânia irrompeu uma revolta liderada pelos comunistas. Parte das unidades karen do Exército se amotinou, O karen era o maior grupo étnico do país, depois dos birmaneses; uma grande organização karen pegou em armas contra o governo de Rangoon. Outros grupos se juntaram a ela. Dentro de pouco tempo, havia 16 insurreições grassando na Birmânia.

Um dia, em Loikaw, um menino chegou correndo à porta de Dinu. "Ko Tun Pe — tem alguém procurando o senhor." Outra criança veio em seguida e depois outra. Ficaram na porta, ofegantes, olhando com os olhos brilhando de expectativa. Todos diziam a mesma coisa. "I(o Tun Pe — tem visita; ela está subindo da estação de ônibus." Ele os ignorou; ficou dentro do estúdio, sem fazer nada, tentando não olhar pela janela. Então ouviu vozes se aproximando — apareceu uma procissão subindo na direção de seu barraco. Dava para ouvir as pessoas chamando: "Ko Tun Pe — olhe quem está aqui!" Ele viu uma sombra na porta e olhou. Era Dolly.

Dolly levou vários meses para localizar Dinu em Loikaw. Ela chegara à Birmânia no fim de 1948, no momento em que as revoltas estavam começando. Ao chegar a Rangoon, descobriu que a autoridade do governo eleito não ia além dos limites municipais da capital. Mesmo as áreas em torno do aeroporto de Mingaladon estavam nas mãos dos rebeldes. Grande parte de Rangoon estava em ruínas, reduzida a cinzas pelos bombardeios de sucessivas campanhas aéreas. Com a casa Kemendine queimada até o chão, ela não tinha onde ficar; um amigo lhe deu abrigo.

Um dia, Dolly ouviu dizer que o velho amigo de Dinu, Thiha Saw, estava de volta a Rangoon, trabalhando num jornal. Ela foi procurá-lo para pedir alguma notícia de Dinu. Aconteceu que U Thiha Saw tinha acabado de comparecer a uma conferência política à qual Raymond também estava presente. U Thiha Saw disse a Dolly que Dinu estava são e salvo, vivendo em Loikaw. Dolly partiu de Rangoon de barco no dia seguinte. Depois de uma viagem de

várias semanas, embarcara num ônibus sacolejante a caminho de Loikaw.

Dolly e Dinu passaram dias conversando. Ela contou da morte de Neel e de Manju; da marcha pelas montanhas e de como ela e Rajkumar tinham atravessado a fronteira indiana, passando por Assam, até Calcutá; explicou por que tinha voltado sozinha à Birmânia.

Ele tirou várias fotos dela. Dolly estava muito magra e dava para ver claramente os ossos da face, como as bordas de uma xícara estriada. Usava o cabelo amarrado na nuca: ainda era escuro e brilhante, com apenas alguns fios brancos nas têmporas.

Ela insistiu que ele escrevesse ao pai: — Vai ter de ir encontrar com ele; não vai mais ter os problemas que teve com ele antes; ele mudou, é um homem muito diferente, quase uma criança. Tem de ir encontrar com ele; ele precisa de você, está sozinho.

Dinu não prometeu nada.

— Talvez. Um dia.

Sabia, sem que ela precisasse dizer, que não tinha vindo para ficar. Não foi surpresa quando ela disse: — Semana que vem, vou embora para Sagaing.

Ele foi junto. Era a primeira vez que se aventurava pelas planícies desde o final da guerra. Ficou pasmo com a devastação. Viajaram por territórios que tinham sido incendiados não uma, mas duas vezes pelos exércitos em retirada. Canais do rio haviam sido bloqueados e linhas ferroviárias destroçadas nos dormentes. De uma aldeia para outra, mudava o grupo ou partido no comando. Fazendeiros aravam em torno de crateras de bombas; crianças apontavam onde estavam as minas por explodir.

Tomaram desvios, contornando os distritos que diziam ser particularmente perigosos. Seguiram a pé e alugaram carros de bois, uma ou outra vez tomaram ônibus ou um barco de rio. Em Mandalay, passaram uma noite.

Grande parte do forte estava em ruínas; o palácio tinha sido destruído pelo fogo de artilharia; os pavilhões que Dolly conhecera estavam queimados até o chão.

Foram a pé os últimos quilômetros até Sagaing e pegaram oferryboat para atravessar o Irrawaddy. Para seu intenso alívio Sagaing estava inalterada. As montanhas tranquilas e bonitas, pontilhadas por milhares de pagodes brancos. Dolly começou a andar mais depressa quando se aproximaram do mosteiro. Na entrada, ela deteve Dinu e Evelyn a levou para dentro. No dia seguinte, quando Dinu foi vê-la, estava com a cabeça raspada e usando um manto cor de açafão. Parecia radiante.

Ficou combinado que voltaria para vê-la de novo no ano seguinte. Quando chegou a época, ele voltou, de Loikaw até Sagaing, fez de novo a longa viagem. No portão do mosteiro houve uma longa espera. Por fim, Evelyn desceu. Deu um suave sorriso para ele.

— Sua mãe faleceu há um mês — disse. — Não conseguimos informar por causa dos problemas. Será um alívio você saber que foi muito rápido e ela não sentiu dor.

Em 1955, Doh Say morreu em Loikaw. Nessa época, havia se tornado um grande patriarca e líder influente. Foi chorado por milhares. Para Dinu, Doh Say havia se transformado tanto num pai como num mentor: sua morte foi um grande golpe. Pouco depois, Dinu resolveu mudar para Rangoon.

Os meados da década de 1950 foram um momento relativamente tranquilo na Birmânia. Houve uma pausa nas insurreições e o governo era uma democracia funcional. U Thiha Saw tornara-se editor de um dos principais jornais de língua birmanesa e exercia considerável influência em Rangoon.

Ao chegar a Rangoon, Dinu foi ver seu velho amigo: ele se transformara de um rapaz alto e magro num homem imponente, de aspecto autoritário. Usava longyis coloridos e camisas safári soltas,

e quase invariavelmente tinha um cachimbo na mão. Empregou Dinu como fotógrafo de seu jornal. Depois, quando Dinu encontrou um local adequado para um estúdio, foi U Thiha Saw quem emprestou o dinheiro para a compra.

Alguns dos fotógrafos mais conhecidos da Rangoon pré-guerra eram japoneses. Depois da guerra, muitos fecharam seus estúdios e se desfizeram de seu equipamento a preços baixos. Em seus anos em Loikaw, Dinu se transformara num perito no conserto e restauração de equipamento fotográfico velho e descartado: conseguiu equipar seu estúdio a um custo muito baixo.

U Thiha Saw foi um dos primeiros a visitar o estúdio de Dinu. Olhou em torno e aprovou.

— Muito bom, muito bom. — Parou para tragar o cachimbo.
— Mas você não esqueceu de alguma coisa? -O quê? — Uma placa. Seu estúdio tem de ter um nome, afinal.

— Não pensei em nenhum nome... — Dinu olhou em torno. Para onde quer que olhasse, seus olhos encontravam vidro refletindo: fotografias emolduradas, tampos de mesa, lentes de câmera.

— Palácio de Espelho — disse, de repente. — É assim que vai se chamar...

— Por quê? — É a expressão favorita de minha mãe — disse.
— Uma coisa que ela costumava dizer...

O nome pegou e o trabalho de Dinu logo ficou conhecido. A Quarta Princesa estava morando em Rangoon. O marido dela era pintor. Os dois eram visitantes regulares do Palácio de Espelho. Logo, Dinu tinha mais trabalho do que conseguia realizar. Procurou um assistente e U Thiha Saw recomendou uma parenta, uma jovem que precisava de um trabalho de meio período. Era ninguém menos que Ma Thin Thin Aye — a garota que ajudara a acomodar Dinu em sua passagem por Rangoon em 1942. Ela agora estava com vinte e poucos anos e estudava na Universidade de Rangoon. Estava

pesquisando a literatura birmanesa para uma dissertação sobre As Crônicas do Palácio de Espelho — uma história famosa do século XIX, escrita no Reino do Rei Bodawpaya, ancestral do Rei Thebaw. O nome do estúdio de Dinu pareceu a Ma Thin Thin Aye uma feliz coincidência. Ela aceitou o emprego.

Ma Thin Thin Aye era magra, miúda e ágil de movimentos. Todos os dias, às quatro da tarde, ela vinha pela rua, passava pela farmácia, até a porta de madeira que levava ao Palácio de Espelho. Parada do lado de fora, entoava o nome de Dinu — "U Tun Pe!" — para ele saber que tinha chegado. Às sete e meia, ela e Dinu fechavam o estúdio: ela voltava pela rua e Dinu trancava tudo e virava a esquina para subir a escada que levava a seu quarto.

Depois de algumas semanas, Dinu descobriu que Ma Thin Thin Aye não passava as manhãs apenas na pesquisa. Ela escrevia também. Rangoon era muito rica em pequenas revistas literárias. Uma delas publicara alguns de seus contos.

Dinu procurou esse material. Ficou surpreso. O trabalho dela era inovador e experimental; ela usava a língua birmanesa de maneiras novas, casando o classicismo com o uso folclórico. Ficou perplexo com a riqueza de suas metáforas, com seu uso do dialeto, com a intensidade com que focalizava seus personagens. Pareceu-lhe que ela havia conquistado muito do que ele um dia sonhara para si — ambições que havia abandonado há muito.

Dinu ficou um pouco assombrado e isso tornou difícil para ele revelar a Ma Thin Thin Aye a admiração por seu trabalho. Em vez disso, começou a provocá-la de um jeito sério, entrecortado.

— Essa história sua — disse —, essa sobre a rua onde você mora... Você disse que as pessoas na rua são de muitos lugares diferentes... do litoral e das montanhas... Mas no conto elas todas falam birmanês. Como é possível? Ela não se afetou.

— Onde eu moro — disse, de mansinho —, cada casa da rua fala uma língua diferente. Não tive escolha senão confiar que meu

leitor imaginaria o som de cada casa. Senão eu não poderia escrever sobre a minha rua; e confiar no leitor não é uma coisa ruim.

— Mas olhe para a Birmânia — Dinu continuava, ainda provocando. — Somos um universo à parte... Olhe todos os nossos povos... Karen, kayah, kachin, shan, rakhine, wa, pa-o, chin, mon... Não seria uma maravilha se suas histórias pudessem conter todas as línguas, todos os dialetos? Se o seu leitor pudesse ouvir a vastidão da música? A surpresa?

— Mas ele ouve — dizia ela. — Por que acha que não? Uma palavra na página é como uma corda num instrumento. Meu leitor faz soar a música na cabeça dele, e para cada um soa diferente.

Nessa altura da vida, a fotografia não era mais uma paixão para Dinu.

Ele só fazia trabalhos comerciais, retratos de estúdio e cópias de negativos de outras pessoas. Empenhava grande cuidado e atenção no que fazia, mas não tinha nenhum grande prazer nisso: era grato por dominar um trabalho que podia lhe garantir um meio de vida. Quando as pessoas perguntavam por que ele não fotografava mais fora do estúdio, ele respondia que seus olhos tinham perdido o costume de olhar, que sua visão tinha murchado por falta de prática.

As fotografias que considerava como seu trabalho de verdade, ele raramente mostrava. Eram, de qualquer modo, muito pouco numerosas. Suas primeiras cópias e negativos foram destruídos quando a Casa Kemendine se incendiou; o trabalho que fizera na Malásia ainda estava em Morningside.

Tudo o que ele tinha de seu trabalho eram algumas fotos tiradas em Loikaw — de sua mãe, de Doh Say e Raymond e de suas famílias. Algumas, mandara emoldurar e pendurara nas paredes de seu apartamento. Ele se intimidava de convidar Ma Thin Thin Aye a subir para vê-las. Ela era tão jovem — dez anos mais nova que ele. Era muito importante que não pensasse mal dele.

Um ano passou e todos os dias Ma Thin Thin Aye entrava e saía do estúdio pela porta que dava na rua. Um dia, ela disse: — U Tun Pe, sabe o que eu acho mais difícil ao escrever? — O quê? — O momento em que tenho de sair da rua e entrar numa casa.

Ele franziu a testa.

— Ora...? Por que isso?

Ela juntou as mãos no colo, parecendo exatamente a estudante séria que era.

— É muito difícil — disse. — E para você pode parecer pouco. Mas acredito que esse é o momento que marca a diferença entre a literatura clássica e a moderna.

— Nossa...! Como assim?

— Sabe, na literatura clássica tudo acontece fora: nas ruas, em praças públicas e campos de batalha, em palácios e jardins, em lugares que todo mundo pode imaginar.

— Mas não é assim que você escreve?

— Não. — Ela riu. — E até hoje, mesmo fazendo isso só na minha cabeça, nada é mais difícil para mim do que isso: entrar numa casa, invadir, violar. Mesmo que seja só na minha cabeça, eu sinto medo, sinto uma espécie de terror, e é aí que eu sei que tenho de continuar, ultrapassar a soleira, para dentro da casa.

Ele balançou a cabeça e não fez comentários. Deu-se algum tempo para pensar no que ela estava dizendo. Uma tarde, comprou biryani na rua Mughal e convidou-a para subir.

Poucos meses depois, estavam casados. A cerimônia foi tranquila e convidaram muito poucas pessoas. Depois, Ma Thin Thin Aye mudou-se para os dois cômodos de Dinu. Delimitou um canto para ela e instalou sua mesa. Começou a ensinar literatura na universidade. À tarde, ainda ajudava no estúdio. Eram felizes, contentes com a pequenez e privacidade de seu mundo. A ausência de filhos não era uma grande falta. O trabalho dela começou a chamar atenção além dos círculos literários. Ela passou a fazer

parte do seleto grupo de escritores birmaneses cuja presença era regularmente convocada por festivais no interior.

Uma manhã, Daw Thin Thin Aye estava orientando um jovem e promissor estudante na universidade quando ouviu um tiro perto. Saiu à janela e viu centenas de rapazes e moças correndo, alguns cobertos de sangue.

O estudante puxou-a da janela. Esconderam-se debaixo da mesa. Depois de duas horas, foram encontrados por um dos colegas de Daw Thin Thin Aye.

Ficaram sabendo que tinha havido um golpe de estado. O general Ne Win tomara o poder. Dezenas de estudantes haviam sido feridos, dentro da universidade.

Nem Dinu nem Daw Thin Thin Aye jamais haviam se envolvido diretamente com política. Depois do golpe, foram discretos e esperaram mudarem os ventos. Só depois de muitos anos foi que se deram conta de que aquela tempestade viera para ficar.

U Thiha Saw foi preso e seu jornal fechado. O general Ne Win, o novo ditador, começou a mexer com o dinheiro. Notas de certos valores foram declaradas fora de circulação; do dia para a noite, milhões de kyats se transformaram em papel inútil. Milhares dos jovens mais brilhantes do país fugiram para o interior. As rebeliões se multiplicavam e floresciam. Raymond foi para a clandestinidade junto com centenas de seguidores. No leste, na fronteira tailandesa, os revolucionários deram um nome aos territórios sob seu controle: passaram a ser um Estado Livre Karen — Kwathoolei, com a capital na cidade ribeirinha de Manerplaw.

A cada ano os generais pareciam ficar mais poderosos, enquanto o resto do país se enfraquecia: os militares eram como íncubos, sugando a vida de seu hospedeiro. U Thíha Saw morreu na prisão de Insein, em circunstâncias que não foram explicadas. Seu

corpo foi levado para casa com marcas de tortura e a família não teve direito a um enterro público.

Um novo regime de censura foi instalado, desenvolvido a partir dos alicerces do sistema deixado pelo velho Governo Imperial. Todo livro e revista tinha de ser apresentado a um Comitê de Exame de Imprensa para ser lido por um pequeno exército de capitães e majores.

Um dia, Daw Thin Thin Aye recebeu ordens de se apresentar ao escritório do Comitê de Exame. O prédio era simples e funcional, como uma escola, e seus longos corredores tinham cheiro de privada e desinfetante. Foi para uma sala com porta de compensado e esperou horas sentada num banco. Quando finalmente foi chamada, viu-se diante de um funcionário que parecia ter menos de 30 anos. Ele estava sentado numa mesa com o manuscrito de um de seus contos na frente. Estava com as mãos no colo e parecia brincar com alguma coisa — que ela não sabia dizer o que era.

Ela ficou em pé diante da mesa, puxando a barra da blusa. Ele não a convidou a sentar. Olhou para ela de alto a baixo.

Depois enfiou um dedo no manuscrito.

— Por que mandou isto para cá?

— Me disseram — ela respondeu, calma — que é a lei.

— A lei é para escritores — disse ele. — Não para gente como você.

— O que quer dizer?

— Que você não sabe escrever em birmanês. Olhe todos esses erros.

Ela olhou o manuscrito e viu que estava coberto de marcas de caneta vermelha, como um caderno mal escrito.

— Perdi muito tempo corrigindo isso — disse ele. — Não é meu trabalho ensinar as pessoas a escreverem.

Levantou-se da cadeira e ela viu que ele estava segurando um taco de golfe na mão. Só então percebeu que a sala estava cheia

de parafernália de golfe — bonés, bolas, tacos. Ele pegou o manuscrito dela e com uma das mãos fez uma bola. Depois, colocou no chão entre os pés. Deu muitos passinhos, sacudindo a ponta do taco para lá e para cá. Girou e a bola de papel voou pela sala. Ele sustentou a pose um momento, admirando o próprio giro — o joelho dobrado, a perna flexionada. Virou-se para ela.

— Pegue — disse. — Leve para casa e estude. Não mande mais nada para este escritório até ter aprendido a escrever birmanês direito.

No ônibus a caminho de casa, ela desamassou as páginas, uma por uma. O vocabulário dele, ela constatou, era o de uma criança; mal era alfabetizado. Passara o lápis vermelho em tudo o que não tinha entendido — trocadilhos, alusões, arcaísmos.

Ela parou de escrever. Nada podia ser publicado, a menos que passasse pelo exame do comitê. Escrever já era bem difícil, mesmo sem ter de se preocupar com nada além de si mesma.

A ideia de outra reunião dessas tornava aquelas horas à mesa insuportáveis.

Os jornais estavam cheios de ruidosas denúncias de imperialismo. Era por causa do imperialismo que a Birmânia tivera de se fechar para o mundo; o país tinha de se defender contra o neocolonialismo e a agressão estrangeira.

Essas tiradas deixavam Dinu doente. Um dia, ele disse a sua mulher: — Olhe o jeito como esses assassinos usam o passado para justificar o presente. E eles próprios são muito piores que os colonialistas; nos velhos tempos, pelo menos se podia ler e escrever.

Daw Thin Thin Aye sorriu e sacudiu a cabeça, discordando. Disse: — Usar o passado para justificar o presente já é bem ruim, mas é tão ruim quanto usar o presente para justificar o passado. E pode ter certeza de que tem muita gente para fazer exatamente isso: só que não temos de tolerar essa gente.

Suas vidas passaram a ser muito tranquilas e limitadas: eram como plantas com as raízes tosadas para caber dentro de vasos minúsculos. Relacionavam-se com muito pouca gente e tinham sempre cuidado com o que diziam, mesmo com amigos. Retorceram-se com a idade, por dentro e por fora; andavam pelas salas com lenta determinação, como pessoas que têm medo de derrubar as coisas.

Mas as coisas não estavam tranquilas em torno deles. Havia mudanças ocorrendo de que eles não tinham notícia. Suas vidas eram tão tranquilas, tão reservadas que não sentiram os primeiros tremores no interior do vulcão. A erupção, quando veio, pegou-os de surpresa.

Começou com mais um dos loucos caprichos do general — mais uma alteração no dinheiro. Mas, dessa vez, o povo não gostou de ver as economias de uma vida inteira se transformarem em papel sem valor. Houve protestos, contidos e hesitantes de início. Um dia, na universidade, houve uma agitação numa casa de chá — um acontecimento pequeno, aparentemente inócuo. Mas, de repente, as salas se esvaziaram, estudantes tomaram as ruas; surgiram líderes e com incrível rapidez desenvolveram-se organizações.

Um dia, Daw Thin Thin Aye foi levada a uma reunião.

Foi contra a vontade, empurrada por seus estudantes. Depois, ajudou a escrever um panfleto. Quando pegou a caneta, sua mão estava tremendo — ela se viu de novo no escritório do censor. Mas ao começar a escrever, uma coisa estranha aconteceu. A cada frase, via suas páginas amassadas ganharem vida, subirem do chão e atacarem de volta o taco de golfe, derrubando-o das mãos do major.

Começou a frequentar reuniões por toda a cidade. Tentou levar Dinu, mas ele resistiu. Então, um dia, veio a notícia de uma nova oradora: ia se dirigir a uma enorme plateia perto do Shwe

Dagon — seu nome era Aung San Suu Kyi e era filha de um velho conhecido de Dinu da universidade, o general Aung San.

Dinu tinha 74 anos na época; com a idade, sua perna direita ficara mais rígida e ele caminhava com dificuldade, mas esse novo nome teve um efeito energizador sobre ele. Foi à reunião e depois não conseguiu mais ficar em casa. Começou a tirar fotos; viajava com sua câmera, levantando um registro visual do movimento em seus dias mais embriagadores e alegres.

Em 8 de agosto de 1988, Dinu acordou com uma ligeira febre. Daw Thin Thin Aye preparou uma refeição e disse para ele ficar na cama. Havia uma passeata importante na cidade esse dia: ela saiu cedo. Umas três ou quatro horas depois, Dinu ouviu repetidas cargas de armas de fogo à distância. Estava doente demais para sair; ficou na cama e esperou sua esposa voltar para casa. No fim da tarde, bateram na porta. Ele se arrastou para fora da cama e abriu a porta.

Havia três ou quatro policiais uniformizados na escada.

Atrás deles diversos homens vestidos à paisana, com longyis.

— Pois não? — disse Dinu. — O que desejam? Eles o empurraram e entraram sem dizer uma palavra. Ele ficou olhando impotente enquanto revistavam o apartamento, abriam armários e guarda-roupas, vasculhando seus pertences. Então, um homem à paisana apontou uma foto emoldurada de Raymond. Os outros se reuniram em torno, sussurrando.

Um dos policiais veio até Dinu com a fotografia emoldurada nas mãos.

— Conhece este homem? — perguntou a Dinu.

— Conheço — Dinu respondeu.

— Sabe quem é ele? Dinu procurou as palavras cuidadosamente.

— Sei o nome dele.

— Sabe que ele é o líder de uma rebelião? Sabe que é um dos terroristas mais procurados do país? — Não. — A resposta de Dinu era descompromissada.

— De qualquer forma, vai ter de vir conosco.

— Agora não — Dinu disse. — Não posso. Estou doente, esperando minha mulher.

— Não se preocupe com ela — disse um homem fardado.

— Ela já foi levada para um lugar onde vai ficar em segurança.



No último dia de Jaya em Yangon, Dinu prometeu levá-la ao número 38 da avenida da Universidade, para participar de uma reunião pública na casa de Aung San Suu Kyi.

O ano de 1996 marcava o sexto aniversário da prisão domiciliar de Aung San Suu Kyi. Apesar do confinamento, a casa de Aung San Suu Kyi ainda era o centro da vida política da cidade. Duas vezes por semana, aos sábados e domingos, ela realizava uma reunião em sua casa: as pessoas se reuniam do lado de fora e Aung San Suu Kyi se dirigia a elas do portão.

Essas reuniões haviam se transformado em peregrinações. Baixava um silêncio sobre Rangoon nas tardes do fim de semana e milhares de pessoas invadiam a cidade, vindas de todo o país.

Dinu chegou ao hotel de Jaya para pegá-la. Um amigo o tinha levado até lá de carro um Skoda 1954 de construção tcheca. O carro estava engasgando ruidosamente quando saíram para a rua. Quando estava entrando, Jaya notou que as portas do carro eram todas de cores diferentes, todas estranhamente deformadas, como se tivessem sido marteladas para ganhar forma.

— Que carro estranho — disse.

Dinu riu.

— É... este carro foi inteiramente construído com pedaços de outros carros... O capô é de um velho Ohta japonês... uma das portas é de um Volga... É um milagre ele conseguir rodar...

O escapamento do motor Skoda foi estourando pelas ruas quando se afastaram. O centro da cidade estava quase fantasmagoricamente quieto agora, mais vazio do que Jaya jamais tinha visto. Mas à medida que iam para o norte o tráfego aumentava: havia carros, ônibus, pequenos caminhões. Chegaram a uma avenida larga, sombreada, com uma fileira de grandes mansões. Estacionaram a uma boa distância e juntaram-se às muitas centenas de pessoas que caminhavam pela avenida.

Chegaram a uma casa com uma cerca verde e amarela. Havia uma enorme multidão do lado de fora. Não se via muito da parte interior da casa: ela ficava afastada da rua, cercada por bosques de bambu alto. O portão era de metal, com pontas agudas no alto. Havia umas 10 mil pessoas reunidas em torno, a maior parte sentada pacientemente no canteiro de grama que acompanhava a avenida de ambos os lados. Voluntários e policiais cuidavam da rua, e o tráfego que passava na frente do portão tinha um ritmo lento, mas constante.

Os voluntários usavam túnicas cor de açafrão e longyis verdes: Jaya ficou sabendo que eram as cores do movimento democrático. Dinu foi reconhecido por muitos voluntários. Gesticularam para que ocupasse um lugar especial, bem perto do portão. Dali dava para ver bem e Jaya ficou um longo tempo olhando as pessoas à sua volta: havia muitos estudantes e uma boa dose de monjas e monges budistas, mas a maioria das pessoas parecia ser gente comum. Havia muitas mulheres, um grande número delas acompanhado por crianças. A atmosfera era de expectativa, mas sem tensão; havia muitos vendedores de comida abrindo caminho no meio da multidão, vendendo bebidas e petiscos.

Dinu puxou Jaya pelo cotovelo e apontou um fotógrafo e dois homens de óculos escuros de armação metálica: — I.M. —

disse, com um riso. — Inteligência militar. Eles filmam tudo e levam para o quartel. Os patrões vão assistir amanhã.

Jaya notou que havia muitos indianos na multidão. Comentou isso com Dinu e ele disse: — É, pode ter certeza de que esse fato não escapou ao regime... os jornais oficiais muitas vezes descrevem estas reuniões como manifestações de maus indianos. — Ele riu. De repente, houve um grande alarido.

— Lá está ela — disse Dinu. — Aung San Suu Kyi.

Uma mulher esguia, de traços finos, apareceu. Via-se apenas sua cabeça acima do portão. Tinha o cabelo preto amarrado para trás. Usava flores brancas na cabeça. Era tão bonita que não dava para acreditar.

Aung San Suu Kyi acenou para a multidão e começou a falar. Falava em birmanês e Jaya não entendia o que dizia. Mas a expressão era completamente diferente de tudo o que já tinha visto. Ria constantemente e havia uma luminosidade elétrica em suas maneiras.

O riso era seu carisma, Jaya pensou. Ouvia ecos do riso de Aung San Suu Kyi à sua volta toda, na multidão. A despeito dos enxames de agentes de espionagem, a atmosfera não era pesada nem cheia de medo. Havia um bom humor que parecia contrastar muito com a cidade amortecida em torno.

Jaya entendeu por que tanta gente depositava suas esperanças em Aung San Suu Kyi: sabia que ela própria faria qualquer coisa que lhe fosse solicitada naquele momento: era impossível olhar essa mulher e não ficar meio apaixonado.

Tanto ela como Dinu estavam quietos quando voltaram para o velho Skoda. Entraram no carro e então Dinu falou: — Estranho... conheci o pai dela... Conheci tantos outros que estavam na política... muitos homens que agora são vistos como heróis... Mas ela é a única líder em quem eu jamais acreditei.

— Por quê? — Porque ela parece ser a única que entende qual é o lugar da política... qual devia ser... que a tirania e o desregramento devem ser combatidos, mas também a política em si... que não se pode permitir que ela canibalize a totalidade da vida, a totalidade da existência. Para mim, essa é a mais terrível indignidade da nossa condição; não só na Birmânia, mas em muitos outros lugares também... a política invadiu tudo... não há como escapar... e no entanto o que pode ser mais trivial? Ela entende isso... só ela... e é isso que a faz muito maior que um político...

— Mas se isso é verdade — Jaya disse, hesitante —, não fica muito mais difícil para ela conseguir alguma coisa, como político? Dinu riu.

— Mas ela já conseguiu... você não percebe? Ela arrancou as máscaras de todos os generais... Ela mostrou para eles os limites do que estava disposta a fazer... e esses limites são uma prisão para eles também...

ela persegue os generais sem cessar, a todos os momentos... Ela roubou deles a palavra, o discurso. Eles não têm como se defender dela, a não ser dizendo que ela é imperialista... o que é risível... quando na verdade são eles que invocam as velhas leis e estatutos imperiais para se manter no poder. A verdade é que eles perderam, e sabem disso... e por isso ficam tão desesperados... por saber que logo não vai mais haver onde se esconder... que é só questão de tempo até terem de responder por tudo o que fizeram.



Dinu foi até o hotel de Jaya para levá-la ao aeroporto. No caminho, quando estavam atravessando a cidade no Skoda, Dinu disse: — Você passou sete dias aqui e não falamos nem uma vez de meu pai.

— É verdade — Jaya respondeu, culpada.

— Me conte como foram os últimos dias dele — disse Dinu.
— Você estava com ele? — Estava, me lembro muito bem. Minha tia-avó Uma tinha morrido poucos dias antes, sabe. Eles tinham quase 90 anos, os dois...

Morreram com semanas de diferença. Uma foi a primeira: morreu durante o sono, e foi Rajkumar quem a encontrou. A notícia causou comoção: teve um funeral oficial e o Governador compareceu. A família foi empurrada discretamente para o segundo plano.

Rajkumar morreu de um ataque cardíaco um mês depois. Seu enterro foi tão modesto quanto o de Uma fora grandioso. Uns poucos amigos do templo birmanês carregaram seu corpo para o crematório. Depois, Jaya e Bela levaram suas cinzas até o rio. Jaya espalhou-as na água.

— Me lembro que ele sempre dizia que, para ele, o Ganges nunca seria igual ao Irrawaddy.

Jaya olhou para Dinu e viu que estava chorando, lágrimas rolando pelas rugas do rosto. Pegou a mão dele.

— Você perguntou dos últimos dias dele — disse ela —, e a verdade é que o que contei para você é bem diferente do que me lembro.

— Do que você se lembra? — Me lembro de uma história que meu filho me contou.

— Seu filho? Não sabia que tinha um filho.

— Tenho, sim. Já é grande. Está morando nos Estados Unidos faz alguns anos.

— E que história é essa? Eu era muito criança, tinha uns 4 ou 5 anos. Lankasuka era minha casa também; morava no andar de cima com minha mãe e minha tia-avó, Bela.

Rajkumar morava no andar de baixo, no apartamento de Uma, num quartinho perto da cozinha. De manhã, ao acordar, a primeira coisa que eu fazia era ir correndo procurar por ele.

Nessa manhã, fui ao quarto de Rajkumar e descobri que ele não tinha dormido na cama. Fiquei alarmado. Corri pelo apartamento até o quarto de Uma e contei que meu bisavô tinha sumido.

Embora Rajkumar morasse no apartamento de Uma há vinte anos, nunca houve nenhuma dúvida quanto ao acordo de convivência ou a natureza do relacionamento deles. Todo mundo tinha plena consciência de que a relação entre eles era de caridade, baseada no afeto de Uma por Dolly.

Uma era a benfeitora benevolente; ele, o refugiado quase desamparado.

Sua presença na casa não comprometia em nada a reputação de Uma como mulher fria e contida, uma viúva de luto pelo marido morto há mais de meio século.

A geografia do apartamento de Uma refletia esse relacionamento. Uma dormia no quarto principal, que dava para o parque; o quarto de Rajkumar era uma despensa adaptada, junto da cozinha. Só à tarde ele era recebido no quarto de Uma, e sentava

sempre no mesmo lugar — um grande divã cercado de almofadas estofadas com algodão. Viveram assim durante vinte anos.

Mas nessa manhã, quando entrei correndo no quarto de Uma, descobri, surpreso, que Rajkumar estava na cama dela. Estavam dormindo profundamente, os corpos cobertos por um fino lençol de algodão.

Pareciam tranquilos e muito cansados, como se estivessem descansando depois de um grande esforço. Tinham as cabeças para trás sobre uma pilha de travesseiros e as bocas abertas. Era exatamente a posição que nós, crianças, adotávamos nas brincadeiras que exigiam a representação da morte: cabeça para trás, boca aberta, a língua aparecendo entre os lábios. Era natural que tivesse ficado confuso.

Gritei: — Vocês morreram? Eles acordaram, piscando, sem ver. Os dois eram extremamente míopes e seguiu-se uma confusão de batidas na cama, revirando travesseiros, enquanto procuravam os óculos. Nesse processo, as cobertas escorregaram e revelaram que estavam com os corpos nus. A pele de Uma parecia muito macia, revestida por uma delicada trama de minúsculas rugas; todos os fios de cabelo do corpo de Rajkumar eram brancos, o que criava um efeito extremamente elegante contra sua pele escura.

— Nossa — eu disse, como um idiota —, vocês estão sem roupa...

Os dois encontraram os óculos e puxaram as cobertas de volta. Uma emitiu um som alto, gorgolejante, uma espécie de rumorejar vulcânico. Tinha a boca estranhamente apertada, e, ao olhar mais de perto, me dei conta de que tanto ela como Rajkumar estavam sem as dentaduras.

Eu tinha fascínio por dentaduras, como toda criança, e sabia exatamente onde Uma guardava a dela quando ia dormir à noite: para impedir que caíssem, eram colocadas fora do alcance da cama, mergulhadas em água, em um grande recipiente de vidro.

Querendo ajudar, empurrei o recipiente para perto, assim eles não teriam nem o trabalho nem a vergonha de sair da cama nus. Mas quando olhei o recipiente, descobri que não havia um par, mas dois conjuntos ali dentro. E, além disso, de alguma forma as dentaduras tinham se entrelaçado, as quatro travadas, uma enfiada fundo dentro da outra, uma mordendo os dentes da outra.

Em mais um esforço para ajudar, tentei separar as dentaduras. Mas Rajkumar ficou impaciente e arrancou o recipiente de minhas mãos. Só quando enfiou a dentadura na boca foi que descobriu que a dentadura de Uma estava enganchada na dele. E então, enquanto estava ali sentado, olhando com olhos arregalados para as gengivas rosadas saindo de sua boca, aconteceu uma coisa incrível — Uma se aproximou e fechou a boca em torno dos próprios dentes. Suas bocas se colaram e os dois fecharam os olhos.

Eu nunca tinha visto um beijo antes. Na Índia, naquela época, essas coisas eram escondidas por censores invisíveis, tanto na vida real como nos filmes. Mesmo não sabendo que aquele contato tinha um nome, compreendi que ficar no quarto seria violar alguma coisa que estava além do entendimento. Deslizei para fora.

O que eu vi aquela manhã no quarto de minha tia-bisavó Uma continua até hoje para mim a visão mais terna, mais comovente que já tive, e desde o dia em que me sentei para escrever este livro — o livro que minha mãe nunca escreveu — eu sabia que era assim que devia terminar.

FIM



Nota do autor

A semente deste livro foi trazida para a Índia muito antes de meu nascimento, por meu pai e meu tio, o falecido Jagat Chandra Datta de Rangoon e Moulmein — "O Príncipe", como era conhecido por seus parentes.

Mas nem meu pai nem meu tio reconheceriam a colheita que fiz. Quando comecei a trabalhar neste livro, as memórias que me passaram tinham perdido os contornos e sobreviviam apenas em conjuntos de palavras, estados de espírito, texturas. Ao tentar escrever sobre lugares e épocas que só conheci de segunda ou terceira mão, me vi forçado a criar um paralelo, um mundo inteiramente ficcional. O Palácio de Espelho não pode, portanto, ser considerado um romance, e posso afirmar sem nenhuma reserva que, a não ser pelo Rei Thebaw, pela Rainha Supayalat e por suas filhas, nenhum dos personagens principais tem qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas.

Talvez a própria fugacidade do que eu tentava recordar tenha engendrado em mim uma quase obsessiva necessidade de descrever o ambiente das vidas de meus personagens o mais exatamente que eu pudesse. Nos cinco anos que levei para escrever O Palácio de Espelho, li centenas de livros, de memórias, de viagens, dicionários geográficos, artigos e cadernos, publicados e inéditos; viajei milhares de quilômetros, visitando e revisitando, até onde possível, todos os cenários e locações que aparecem neste livro; procurei dezenas de pessoas na Índia, na Malásia, em Myanmar, na Tailândia. Nesse processo, acumulei uma vasta dívida de gratidão — a única forma de inadimplência que se pode com

justiça considerar uma forma de riqueza —, uma lista na verdade tão grande que tudo o que posso fazer é esboçar alguns gestos de agradecimento às minhas dívidas mais urgentes.

Das pessoas que dedicaram seu tempo a falar comigo em minhas viagens em 1995, 1996, 1997 e 1999, gostaria de registrar minha gratidão às seguintes. Na Malásia: Janaki Bai Devadasan, G. Anthony Samy, E. R. Samikannu, Anjali Suppiah, A. V. Pillai, A. Ponnusamy, R. Chinamma Rangaswamy, S. P. Velusamy; tenente K. R. Das, Abraham Muttiah, F. R. Bhupalan, M. Y. B. Abbas, M. Gandhinathan, Eva Jenny Jothi, Nepal Mukherjee, N. G. Choudhury, V. Irulandy, S. P. Narayanswamy, S. Natarajan e Y. B. Tan Sri Dato K. R. Somasundaran da National Land Finance Co-operative Society Ltd. Gostaria também de agradecer a D. Naraim Samy e a outros membros da equipe da Bukit Sidim Estate por sua hospitalidade durante minha estada. Mas sou devedor, acima de tudo, ao célebre Puan Sri Janaki Athinagappan, de Kuala Lumpur, que me apresentou a muitas das pessoas acima e que, ao longo dos anos, transformou a mim e minha família em família dele. Em Cingapura, meus agradecimentos a Elizabeth Choy, Ranjit Das, Bala Chandran, dr. N. C. Sengupta e particularmente a minha amiga, a dra. Shirley Chew, que me abriu muitas portas naquela cidade. Na Tailândia, por sua gentileza em dedicar seu tempo a conversar comigo, gostaria de registrar minha gratidão a Pippa Curwen, U Aye Saung, Khun Kya Oo, Khun Kya Noo, Lyndell Barry, Sam Kalyani, Nyi Nyi Lwin, Abel Tweed, Aung Than Lay, Ma Thet Thet Lwin, Than Kyaw Htay, Oo Reh, Tony Khoon, David Saw Wah, Raymond Htoo, David Abel, Teddy Buri e, particularmente, Ko Sunny (Mahinder Singh). U Tin Htun (E. C. Nanabawa) também foi além do esperado na ajuda em minhas viagens e devo a ele muitos agradecimentos.

Na Índia, gostaria de agradecer a Aruna Chatterjee, ao coronel Chatterjee, ao dr. Sugato Bose, ao capitão Lakshmi Sahgal,

ao tenente-general N. S. Bhagat, ao capitão Khazan Singh, ao capitão Shobha Ram Tokas, a Shiv Singh, Hari Ram, ao major Devinder Nath Mohan, ao capitão A. Yadav, a Barin Das, Tarit Datta, Arabinda Datta e Derek Munro. A sra. Ahona Ghosh gentilmente permitiu que eu consultasse as notas manuscritas de seu pai sobre a marcha de 1942; devo-lhe muitos agradecimentos. Minha profunda gratidão também à historiadora Neilie Casyab, de Calcutá, sobrevivente da grande retirada que o historiador Hugh Tinker chama de "A Longa Marcha Esquecida" de 1941. Foi ela quem me apresentou os mundos birmanês e anglo-birmanês de Calcutá e me colocou em contato com alguns outros sobreviventes dessa fase terrível. Gostaria também de agradecer a Albert Piperno, outro sobrevivente da marcha, por seu esforço em lembrar o bombardeio de Rangoon de 23 de dezembro de 1941.

Tenho uma dívida muito especial com o tenente-coronel Gurubakhsh Singh Djllon, último dos "Três do Forte Vermelho", que se encontrou comigo diversas vezes e passou muitas horas rememorando os acontecimentos de dezembro de 1941. Sou profundamente grato a Peter Ward Fay, autor de *The Forgotten Army*, por sua generosidade em franquear seu conhecimento dessa época.

Lamento profundamente que, por medo de represálias contra as pessoas envolvidas, eu não possa expressar minha gratidão nem a meus amigos de Myanmar, nem àqueles compatriotas seus que fizeram todos os esforços para conversar comigo, muitas vezes correndo grandes riscos pessoais.

Acredito que, se algum dia algum deles ler isto, saberão quem são e compreenderão a profundidade de minha gratidão a cada um deles.

É triste, mas as circunstâncias permitem que expresse apenas um dos meus maiores débitos em Yangon: com o falecido escritor Mya Than Tint, resgatado pela morte prematura do alcance

do regime cuja opressão ele suportou durante tanto tempo e tão heroicamente. Mya Than Tint foi, para mim, um símbolo vivo da inextinguível fortaleza do espírito humano: embora eu o tivesse conhecido apenas brevemente, me senti profundamente transformado e intimamente orientado por sua visão de literatura. Todos que o conheceram saberão identificar de imediato o âmbito de sua influência sobre este livro.

No processo de escrita deste livro, perdi um amigo próximo: Raghubir Singh, o fotógrafo, que foi meu mentor e mestre em tudo relativo à fotografia. Lamento muitíssimo não ter podido expressar a profundidade de minha gratidão a ele em vida: se o faço agora não é na tentativa de me penitenciar, mas de registrar uma dívida impagável. Naturalmente, nem ele nem nenhuma das pessoas mencionadas acima tem qualquer responsabilidade por qualquer aspecto do conteúdo deste livro, cujo ônus repousa apenas sobre mim.

Dentre as fontes publicadas, minha maior dívida é com a monografia *Deposed King Thebaw of Burma* [O Rei deposto Thebaw da Birmânia na Índia, 1885-6] (Bharatiya Vidya Series, vol. 25, Bharatiya Vidya Bhavan, Bombaim, 1967), de Walter A. Desai. Em suas memórias, *The Changing of Kings* [A mudança de reis], (Peter Owen, Londres, 1985), Leslie Glass descreve Desai como "um tranquilo historiador inglês da Universidade [de Rangoon] ". Eu gosto de pensar no "tranquilo velho indiano" que vivia na Índia em sua aposentadoria, vasculhando os arquivos de Nova Déli e Bombaim num ato de homenagem e restituição ao país que ele perdera. A tentativa de Desai recuperar os traços dessa vida desaparecida é para mim, em seu lento, cuidadoso, nada enfático acúmulo de detalhes, uma obra profundamente comovente; uma afirmação de que cada vida deixa para trás um eco audível àqueles que se dão o trabalho de escutar.

Muitas das viagens e pesquisas deste livro foram custeadas pela New Yorker. Agradeço a muitos dos membros da equipe dessa revista por seu sólido apoio, e gostaria de agradecer em particular a Tina Brown, Bill Buford, Alice Quinn, Peter Canby e Liesl Schillinger. Agradeço também a Laura McPhee, pela ajuda e pelos conselhos, e a meu amigo James Simpson, que enriqueceu imensamente este livro ao ler o manuscrito. Sou profundamente grato a meus editores Susan Watt, Ravi Dayal, Kate Medina e Rukun Advani. A Barney Karpfinger, meu agente, que arranhou para mim o tempo de que eu precisava para escrever este livro e foi uma coluna de fortaleza ao longo de seus momentos mais difíceis, minha gratidão além de todas as medidas. A Debbie, minha esposa, por seu infatigável apoio, a meus filhos, Lila e Nayan, por sua paciência, serei, para sempre, profundamente grato.

Por fim, minha maior dívida é com meu pai, o tenente-coronel Shailendra Chandra Ghosh. Ele lutou na Segunda Guerra Mundial como oficial do XII Regimento da Força de Fronteira, unidade do então Exército Indiano-britânico. Esteve no XIV Exército do general Slim durante a campanha da Birmânia, de 1945, e foi duas vezes mencionado em despachos: estava entre os indianos "leais" que se viram em meio às linhas dos "traidores" do Exército Nacional Indiano. Morreu em fevereiro de 1998, e nunca viu nenhuma parte de meu manuscrito. Só em sua ausência passei a compreender até que ponto meu livro era baseado em sua experiência, suas reflexões sobre a guerra e seus questionamentos pessoais: é a sua memória que dedico *O Palácio de Espelho*.

Bibliografia

p. 25-26: adaptado de W. S. Desai: Deposed King Thebaw of Burma in Índia, 1885-1916, Bharatiya Vidya Series, vol. 25, Bharatiya Vidya Bhavan, Bombaim, 1967 (apêndice VII, p. 119).

p. 98: adaptado de Patricia Herbert, The Hsaya San Rebellion (1930-1932) Reappraised, Monash Univ., Melbourne, 1982 (p. 5).

p. 363: de Majjhima Nikaya [adaptado de The Buddhist Tradition in Índia, China and Japan, org. W. T. de Bary, Vintage, Nova York, 1972; p. 27].

p. 364: de Samyutta Nikaya [adaptado de The Buddhist Tradition in Índia, China and Japan, org. W. T. de Bary, Vintage, Nova York, 1972; p. 16].